

Alessandra Bassi

A realização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu – abordagem geolinguística

Orientador brasileiro: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Orientador português: Prof. Dr. João António das Pedras Saramago

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina e à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bassi, Alessandra

A realização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu - abordagem geolinguística / Alessandra Bassi ; orientador, Felício Wessling Margotti ; coorientador, João António das Pedras Saramago. - Florianópolis, SC, 2016.

436 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Linguística.

Inclui referências

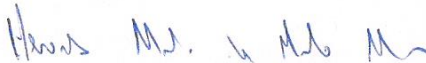
1. Linguística. 2. A fricativa alveolar em coda silábica. 3. Fonologia/Fonética. 4. Sociolinguística. 5. Dialetologia. I. Margotti, Felício Wessling. II. Saramago, João António das Pedras. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

ALESSANDRA BASSI

**A REALIZAÇÃO DA FRICATIVA ALVEOLAR EM CODA SILÁBICA NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU - ABORDAGEM
GEOLINGUÍSTICA**

Esta tese de doutoramento foi julgada adequada para obtenção do título de Doutor e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

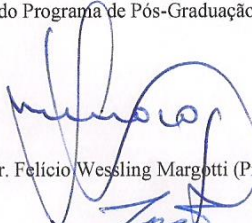
Florianópolis-SC, 07 de março de 2016.



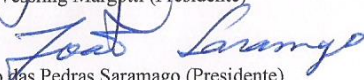
Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Banca examinadora:



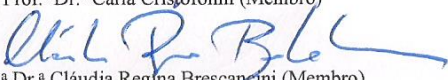
Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (Presidente)



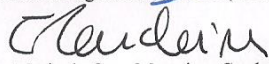
Prof. Dr. João Antônio das Pedras Saramago (Presidente)



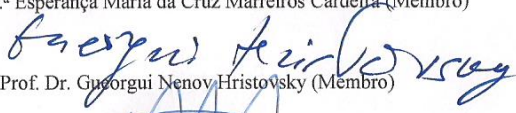
Prof.ª Dr.ª Carla Cristofolini (Membro)



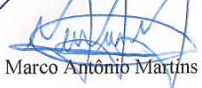
Prof.ª Dr.ª Cláudia Regina Brescancini (Membro)



Prof.ª Dr.ª Esperança Maria da Cruz Marreiros Cardeira (Membro)



Prof. Dr. Guorgui Nenov Hristovsky (Membro)



Prof. Dr. Marco Antônio Martins (Membro)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Felício Wessling Margotti, meu orientador brasileiro, pela orientação exemplar, pela atenção dedicada a mim desde o primeiro dia em que conversamos, pela disponibilidade para resolver todos os tipos de problemas que poderiam existir, por sempre ouvir o que eu tinha para dizer com atenção, por todos os momentos em que me auxiliou e me orientou em questões de diversas naturezas e pela amizade construída ao longo do mestrado e do doutorado.

Ao Prof. Dr. João António das Pedras Saramago, meu orientador português, pela orientação exemplar, pela atenção dedicada a mim desde o primeiro dia em que conversamos, pela acessibilidade e disponibilidade, por todos os momentos em que me auxiliou e me orientou em questões de diversas naturezas, pelo empenho em me fazer entender as piadas por ele contadas e pela amizade construída ao longo do doutorado.

À Prof.^a Dr.^a Izabel Christine Seara, pelas leituras criteriosas, pelas sugestões ainda mais valiosas, pela disponibilidade apesar das dificuldades que surgiram ao longo do último ano e que em nada atrapalharam o andamento e a construção da parte referente à fonética acústica, pelo aprendizado adquirido e pela amizade.

À Prof.^a Dr.^a Cláudia Regina Brescancini, pelas leituras criteriosas, pelas sugestões sempre muito adequadas por conhecer muito bem o objeto pesquisado, pela disponibilidade para conversar em congressos e por meio de outros veículos, pelo aprendizado, inspiração e amizade.

Ao Prof. Dr. Gueorgui Nenov Hristovsky, pelas leituras criteriosas, pelas sugestões valiosas, pelas orientações e ajuda na parte referente à fonologia, pelas longas horas disponibilizadas para discussões sobre teorias fonológicas, especialmente as relacionadas à fonologia não-linear, pelo aprendizado e amizade.

À Prof.^a Dr.^a Esperança Maria da Cruz Marreiros Cardeira, pela leitura criteriosa, pelas sugestões valiosas, pela disponibilidade e orientação nas questões referentes ao trajeto histórico-linguístico das sibilantes portuguesas, por toda a gentileza, aprendizado e amizade.

À Prof.^a Dr.^a Carla Cristofolini, pela leitura criteriosa, pelas sugestões valiosas, pela disponibilidade em fazer parte da banca de

defesa, pelas orientações referentes à parte que envolve a fonética acústica, pelo aprendizado e amizade.

Ao Prof. Dr. Marco Antônio Martins, pela leitura bastante criteriosa, pelas sugestões valiosas, pela disponibilidade em fazer parte da banca de defesa, pelas orientações referentes à parte que envolve a sociolinguística, pelo aprendizado e amizade.

À Prof.^a Dr.^a Carla Regina Martins Valle, pela leitura criteriosa, pelas sugestões valiosas, pela disponibilidade em fazer parte da banca de defesa, ainda que como membro suplente, e pela amizade construída ao longo do mestrado e do doutorado.

À Prof.^a Dr.^a Izete Lehmkuhl Coelho, pela disponibilidade em fazer parte da banca de defesa, ainda que como membro suplente, pelo aprendizado e amizade construídos ao longo do mestrado e do doutorado.

Aos Professores da Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e aos Professores da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – UL, pela contribuição na minha formação durante o doutorado.

Ao Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, pelos esclarecimentos sanados ao longo da minha trajetória no doutorado.

À Divisão de Relações Externas, pelos esclarecimentos e suporte para a realização do doutorado na UL.

À Capes, pelo suporte financeiro durante a realização do doutorado na UFSC e na UL.

À minha família, em especial, à Nara Roselita Kijak Bassi, minha mãe, pelo incentivo aos estudos e por sempre estar pronta para me ajudar no que fosse preciso e ao Vilson Sadi Bassi, meu pai, pelo suporte financeiro e pelas piadas sobre o [s] catarinense contadas a mim desde criança. Mal sabe ele que foi a vontade de entender esse [s] que me trouxe até aqui e tão longe fui.

Ao meu esposo, Lidinei Éder Orso, pelo incentivo que me deu para fazer o doutorado em co-tutela mesmo sabendo que isso faria com que

ficássemos longe por um ano, pelos momentos de compreensão, pela disponibilidade em me escutar quando eu discutia linguística comigo mesma e resolvia problemas que me pareciam sem solução quando simplesmente explicava-os a ele, por aguentar a dor física que a saudade nos trouxe durante o ano em que fiquei em Lisboa-PT, pelo companheirismo, carinho, amor e amizade.

Aos meus amigos e à amizade que construí ao longo do doutorado em Florianópolis-SC, em Lisboa-PT e nos Açores-PT que, infelizmente, não tenho espaço suficiente para listar todos os nomes e nem palavras para agradecer todos vocês da maneira como merecem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa de Florianópolis-SC.....	40
Figura 2	Mapa do Rio de Janeiro-RJ.....	44
Figura 3	Mapa do arquipélago dos Açores-PT.....	50
Figura 4	Mapa de Lisboa-PT.....	54
Figura 5	Realizações das fricativas palato-alveolares em posição medial e final.....	83
Figura 6	Regra de dessonorização das sibilantes em final de palavra.....	124
Figura 7	Representação tridimensional dos traços na fonologia não-linear.....	128
Figura 8	Diagrama arbóreo: configuração de nós e traços.....	129
Figura 9	Representação das consoantes e vogais pela geometria de traços.....	130
Figura 10	Representação arbórea de um segmento simples, complexo e de contorno.....	135
Figura 11	Tipos de assimilação.....	138
Figura 12	Assimilação da fricativa /s/.....	139
Figura 13	Representação silábica de ramificação binária.....	143
Figura 14	Estrutura arbórea de sílaba leve.....	144
Figura 15	Estrutura arbórea de sílaba pesada.....	144
Figura 16	Escala universal de sonoridade.....	146
Figura 17	Padrões silábicos do PB.....	148
Figura 18	Padrões silábicos do PE.....	149
Figura 19	Tipos de núcleo em português.....	150
Figura 20	Tipos de ataques silábicos em português.....	152
Figura 21	Coda silábica.....	153
Figura 22	Peso silábico.....	154
Figura 23	Modelo da Teoria Lexical.....	157
Figura 24	Subespecificação do segmento coronal /t/.....	162
Figura 25	Representação lexical dos segmentos de <i>casas</i> – subespecificados.....	163
Figura 26	Representação lexical e pós-lexical do segmento coronal /s/.....	167

Figura 27	Representação da fricativa /s/ como segmento simples.....	169
Figura 28	Representação da fricativa /s/ como segmento complexo em <i>onset</i> silábico.....	171
Figura 29	Representação da fricativa /s/ como segmento complexo em coda silábica.....	173
Figura 30	Espaço variacional e disciplinas da variação.....	184
Figura 31	Demarcação dialetal do Brasil.....	189
Figura 32	Rede de pontos de inquérito (ALEPG).....	201
Figura 33	Posição da língua para as fricativas alveolares [s, z]...	347
Figura 34	Posição da língua para as fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ].....	349
Figura 35	Posição da língua para as fricativas ápico-alveolares [ʂ, ʐ].....	351
Figura 36	Representação em forma de onda e do espectrograma da fricativa palato-alveolar surda [ʃ].....	353
Figura 37	Representação em forma de onda e do espectrograma da fricativa palato-alveolar sonora [ʒ].....	354
Figura 38	Espectros via análise FFT de fricativas produzidas por informantes de escolaridade baixa.....	355

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	A posição silábica da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC.....	60
Gráfico 2	A variação da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC.....	62
Gráfico 3	A variação da fricativa palato-alveolar na Costa da Lagoa (Florianópolis-SC).....	64
Gráfico 4	A variação da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC (amostra ALiB).....	66
Gráfico 5	A realização da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC conforme diversos estudos.....	67
Gráfico 6	Realizações da variante palato-alveolar (amostra NURC).....	70
Gráfico 7	Variação da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ (amostra Censo 1980).....	71
Gráfico 8	A variação da fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ (amostra ALiB).....	73
Gráfico 9	A realização da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ (amostra Censo 2000 e EJLA).....	75
Gráfico 10	Os estudos realizados no Rio de Janeiro-RJ sobre a fricativa palato-alveolar.....	76
Gráfico 11	Realizações da fricativa /s/ em Brasília-DF.....	78
Gráfico 12	Realizações da fricativa palato-alveolar na posição medial nas capitais brasileiras que palatalizam.....	80
Gráfico 13	Realizações da fricativa /s/ em coda silábica em Lisboa-PT.....	116
Gráfico 14	Realizações da fricativa /s/ em coda silábica em Braga-PT.....	117
Gráfico 15	Realização da fricativa palato-alveolar no PB e no PE.....	248
Gráfico 16	A variante palato-alveolar, o contexto precedente à fricativa e a dimensão diatópica dos informantes do PB.....	260
Gráfico 17	A variante palato-alveolar e o contexto precedente à fricativa dos informantes do PB.....	263
Gráfico 18	A variante palato-alveolar e o contexto precedente à fricativa dos informantes do PE.....	265

Gráfico 19	A variante palato-alveolar, o contexto seguinte à fricativa e o traço [voz] seguinte dos informantes do PB.....	272
Gráfico 20	A variante palato-alveolar, o contexto seguinte à fricativa e o traço [voz] seguinte dos informantes do PE.....	274
Gráfico 21	A variante palato-alveolar, o contexto seguinte à fricativa e a dimensão diatópica dos informantes do PB.....	276
Gráfico 22	A variante palato-alveolar, o traço [voz] do contexto seguinte e a posição da fricativa na palavra dos informantes do PB.....	280
Gráfico 23	A variante palato-alveolar, o traço [voz] do contexto seguinte e a posição da fricativa na palavra dos informantes do PE.....	281
Gráfico 24	A variante palato-alveolar, o traço [voz] do contexto seguinte e a dimensão diatópica dos informantes do PB.....	283
Gráfico 25	A variante palato-alveolar, a tonicidade e a posição da fricativa na palavra dos informantes do PB.....	286
Gráfico 26	A variante palato-alveolar, a tonicidade e a posição da fricativa na palavra dos informantes do PE.....	288
Gráfico 27	A variante palato-alveolar, a tonicidade e o traço [voz] do contexto seguinte à fricativa dos informantes do PB.....	289
Gráfico 28	A variante palato-alveolar, a tonicidade e o traço [voz] do contexto seguinte à fricativa dos informantes do PE.....	291
Gráfico 29	A variante palato-alveolar, a tonicidade e a dimensão diatópica dos informantes do PB.....	293
Gráfico 30	A variante palato-alveolar, a posição da fricativa na palavra e o contexto seguinte à fricativa dos informantes do PB.....	297
Gráfico 31	A variante palato-alveolar, a posição da fricativa na palavra e o contexto seguinte à fricativa dos informantes do PE.....	299
Gráfico 32	A variante palato-alveolar, a posição da fricativa na palavra e a dimensão diatópica dos informantes do PB.....	300
Gráfico 33	A variante palato-alveolar, as dimensões diageracional e diatópica dos informantes do PB....	304

Gráfico 34	A variante palato-alveolar, as dimensões diageracional e diastrática dos informantes florianopolitanos.....	307
Gráfico 35	A variante palato-alveolar, as dimensões diageracional e diastrática dos informantes cariocas.....	308
Gráfico 36	A variante palato-alveolar, as dimensões diastrática e diassexual dos informantes do PB.....	312
Gráfico 37	A variante palato-alveolar, as dimensões diastrática e diatópica dos informantes do PB.....	314
Gráfico 38	A variante palato-alveolar, as dimensões diassexual e diatópica dos informantes do PB.....	317
Gráfico 39	A variante palato-alveolar, as dimensões diassexual e diageracional dos informantes florianopolitanos...	319
Gráfico 40	A variante palato-alveolar, as dimensões diassexual e diageracional dos informantes cariocas.....	320
Gráfico 41	A variante palato-alveolar, as dimensões diafásica e diatópica dos informantes do PB.....	323
Gráfico 42	A variante palato-alveolar, as dimensões diafásica e diassexual dos informantes do PB.....	326
Gráfico 43	A variante palato-alveolar, as dimensões diafásica e diageracional dos informantes do PB.....	327
Gráfico 44	A variante palato-alveolar, as dimensões diafásica e diastrática dos informantes do PB.....	329
Gráfico 45	Valores médios dos picos espectrais dos segmentos fricativos.....	357
Gráfico 46	Valores médios dos picos espectrais dos segmentos fricativos dos dados referentes à escolaridade alta...	359
Gráfico 47	Valores médios dos picos espectrais dos segmentos fricativos dos dados referentes à escolaridade baixa	366

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Difusão da fricativa alveolar e palato-alveolar em coda silábica no território brasileiro.....	81
Quadro 2	Matriz de traços fonológicos dos segmentos fricativos em estudo.....	122
Quadro 3	Altura das vogais.....	133
Quadro 4	Tipos de ataques complexos em português.....	151
Quadro 5	Subespecificação radical de vogais e consoantes.....	165
Quadro 6	Estratificação dos informantes do PB e do PE.....	226
Quadro 7	Exemplo de codificação de dado da variante palato-alveolar em posição de coda silábica no PB.....	244
Quadro 8	Estratificação dos informantes e quantidade de dados	345

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Dimensão diatópica - PB.....	252
Tabela 2	Contextos vocálicos precedentes à fricativa - PB.....	258
Tabela 3	Contextos precedentes à fricativa - PB.....	261
Tabela 4	Contextos consonantais seguintes à fricativa - PB.....	267
Tabela 5	Contextos seguintes à fricativa - PB.....	270
Tabela 6	Traço [voz] do contexto seguinte à fricativa - PB.....	278
Tabela 7	Tonicidade - PB.....	285
Tabela 8	Posição da fricativa na palavra - PB.....	295
Tabela 9	Dimensão diageracional - PB.....	302
Tabela 10	Dimensão diastrática - PB.....	310
Tabela 11	Dimensão diassexual - PB.....	316
Tabela 12	Dimensão diafásica - PB.....	322
Tabela 13	Distribuição dos valores de picos espectrais dos segmentos fricativos registrados para o PB e para o PE.....	337
Tabela 14	Média geral dos picos espectrais dos segmentos fricativos registrados em nossos dados.....	356
Tabela 15	Picos espectrais dos segmentos fricativos dos dados referentes à escolaridade alta.....	358
Tabela 16	Média, desvio-padrão e coeficiente de variação dos segmentos fricativos.....	361
Tabela 17	Picos espectrais dos segmentos fricativos dos dados referentes às produções dos informantes com escolaridade baixa.....	363
Tabela 18	Média, desvio-padrão e coeficiente de variação dos segmentos fricativos do PB.....	368
Tabela 19	Média, desvio-padrão e coeficiente de variação dos segmentos fricativos do PE.....	370

SUMÁRIO

RESUMO	27
ABSTRACT	29
INTRODUÇÃO	31
CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DAS COMUNIDADES DE FALA BRASILEIRAS E PORTUGUESAS	39
1.1 FLORIANÓPOLIS-SC	39
1.2 RIO DE JANEIRO-RJ	43
1.3 SÃO JORGE-AÇORES	49
1.4 LISBOA-PT	53
CAPÍTULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA	59
2.1 PESQUISAS REALIZADAS EM FLORIANÓPOLIS-SC	59
2.2 PESQUISAS REALIZADAS NO RIO DE JANEIRO-RJ.....	68
2.3 PESQUISAS REALIZADAS EM OUTROS TERRITÓRIOS BRASILEIROS	77
2.4 PESQUISAS REALIZADAS NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS..	84
2.4.1 <i>A realização da fricativa alveolar /s/ no PE - perspectiva histórica.....</i>	<i>84</i>
2.4.2 <i>A realização da fricativa alveolar /s/ no PE - perspectiva fonética.....</i>	<i>95</i>
2.4.3 <i>A realização da fricativa alveolar /s/ no PE - abordagem fonológica.....</i>	<i>101</i>
2.4.4 <i>A realização da fricativa alveolar /s/ no PE - perspectiva sociolinguística</i>	<i>114</i>

CAPÍTULO 3 – MODELOS FONOLÓGICOS	121
3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA LINEAR.....	121
3.2 FONOLOGIA NÃO-LINEAR.....	126
3.2.1 <i>Teoria autosegmental</i>	127
3.2.1.1 Geometria de traços	128
3.2.1.1.1 Tipos de segmentos.....	134
3.2.1.1.2 Princípios básicos.....	136
3.2.1.1.3 Processos fonológicos	137
3.2.1.1.3.1 Assimilação.....	137
3.2.1.1.3.2 Dissimilação.....	139
3.2.1.1.3.3 Neutralização	140
3.2.2 <i>Teoria da sílaba</i>	141
3.2.2.1 Principais propostas	141
3.2.2.2 Escala de sonoridade.....	145
3.2.2.3 A sílaba em português.....	146
3.2.2.3.1 Os constituintes silábicos	149
3.2.2.3.2 Princípios universais	155
3.2.3 <i>Teoria lexical</i>	156
3.2.3.1 Princípios e condições.....	158
3.2.3.2 Teoria da subespecificação	159
3.2.4 <i>Outras propostas para a representação da fricativa /s/</i>	168

3.2.4.1 A fricativa /s/ como segmento simples.....	168
3.2.4.2 A fricativa /s/ como segmento complexo	170

CAPÍTULO 4 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA DIALETOLOGIA E DA GEOLINGUÍSTICA.....	177
4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA	177
4.1.1 <i>Uma aproximação entre a Geolinguística e a Sociolinguística.</i>	181
4.2 OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS NO BRASIL.....	187
4.3 OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS EM PORTUGAL	196
4.4 ALGUNS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS REALIZADOS EM OUTROS PAÍSES.....	204

CAPÍTULO 5 – A FRICATIVA /s/ EM CODA SILÁBICA NO PB E NO PE	211
5.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES GERAIS.....	211
5.1.1 <i>Objetivo geral</i>	211
5.1.2 <i>Objetivos específicos</i>	211
5.1.3 <i>Hipóteses gerais</i>	212
5.2 A ABORDAGEM METODOLÓGICA	218
5.2.1 <i>A amostra de dados do PB</i>	219
5.2.2 <i>A amostra de dados do PE</i>	223
5.3 AS VARIÁVEIS OPERACIONAIS	227

5.3.1 A variável dependente.....	227
5.3.2 As variáveis independentes	228
5.3.2.1 As variáveis linguísticas.....	228
5.3.2.1.1 Posição da fricativa na palavra.....	228
5.3.2.1.2 Contexto precedente à fricativa.....	230
5.3.2.1.3 Conteto seguinte à fricativa.....	232
5.3.2.1.4 Traço [voz] do contexto seguinte à fricativa.....	234
5.3.2.1.5 Tonicidade.....	235
5.3.2.2 As variáveis extralinguísticas.....	236
5.3.2.2.1 Dimensão diasssexual (sexo).....	236
5.3.2.2.2 Dimensão diageracional (faixa etária).....	237
5.3.2.2.3 Dimensão diastrática (nível de escolaridade).....	238
5.3.2.2.4 Dimensão diatópica (localidades)	240
5.3.2.2.5 Dimensão diafásica (estilos)	241
5.4 O INSTRUMENTO DE QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS	243
5.4.1 Codificação dos dados	243
5.4.2 O instrumento de quantificação - Rbrul.....	244
5.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	247
5.5.1 Frequência global.....	248
5.5.1.1 Seleção das variáveis pelo programa Rbrul	249
5.5.1.2 Questões de ortogonalidade entre as variáveis linguísticas.....	250

5.5.2 Dimensão diatópica (localidades).....	251
5.5.3 Contexto precedente à fricativa	256
5.5.4 Contexto seguinte à fricativa.....	266
5.5.5 Traço [voz] do contexto seguinte à fricativa.....	278
5.5.6 Tonicidade.....	284
5.5.7 Posição da fricativa na palavra	294
5.5.8 Dimensão diageracional (faixa etária)	302
5.5.9 Dimensão diastrática (nível de escolaridade).....	309
5.5.10 Dimensão diassexual (sexo).....	315
5.5.11 Dimensão diafásica (estilos de fala)	321
5.6 ANÁLISE ACÚSTICA DA FRICATIVA /s/ EM CODA SILÁBICA NO PB E NO PE	330
5.6.1 Alguns apontamentos sobre a produção do segmento fricativo /s/.....	331
5.6.2 Breve revisão dos estudos fonéticos sobre a fricativa /s/ no PB....	332
5.6.3 Procedimentos metodológicos.....	338
5.6.3.1 A amostra reduzida do ALiB e do PE	338
5.6.3.2 A amostra inédita	339
5.6.3.3 A amostra do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.....	340
5.6.3.4 Perfis dos informantes	341
5.6.3.4.1 Sexo dos informantes	342

5.6.3.4.2 Faixa etária dos informantes	343
5.6.3.4.3 Escolaridade dos informantes	343
5.6.3.4 Localidades do estudo	343
5.6.3.5 A estratificação dos informantes	344
5.6.3.6 Os programas utilizados.....	346
5.6.4 <i>Descrição articulatória das fricativas [s, z, ʃ, ʒ, ʒ̃, ʒ̃̃]</i>	347
5.6.4.1 Descrição articulatória das fricativas alveolares [s, z]	347
5.6.4.2 Descrição articulatória das fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] ..	348
5.6.4.3 Descrição articulatória das fricativas ápico-alveolares [ʃ̣, ʒ̣] ...	350
5.6.5 <i>Breve caracterização acústica das fricativas [s, z, ʃ, ʒ, ʃ̣, ʒ̣]</i>	352
5.6.6 <i>Análise acústica dos dados</i>	356
5.6.6.1 Picos espectrais dos segmentos fricativos	356
5.6.6.2 Picos espectrais dos segmentos fricativos e a escolaridade alta.	358
5.6.6.3 Picos espectrais dos segmentos fricativos e a escolaridade baixa.....	362
5.6.6.4 Em síntese	371
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	375
REFERÊNCIAS.....	383
ANEXO A – Algumas isófonas dialetais do PE (CINTRA, 1983b)...	407
ANEXO B – Dialectos portugueses setentrionais e centro-meridionais (CINTRA, 1983b)	409

ANEXO C – Pontos de inquérito do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa	411
ANEXO D – Questões utilizadas do QFF e do QSL do ALiB para a obtenção dos dados referentes à amostra do PB.....	413
ANEXO E – Tema do ALiB utilizado no discurso semidirigido para a obtenção dos dados referentes à amostra do PB e do PE	417
ANEXO F – Texto do ALiB utilizado para a obtenção dos dados referentes à amostra do PB.....	419
ANEXO G – Ficha do informante.....	421
ANEXO H – Termo de consentimento do comitê de ética	425
ANEXO I – Roteiro para a coleta de dados do PE.....	427
ANEXO J – Questões utilizadas do QFF e do QSL do ALiB para a obtenção dos dados referentes à amostra do PE.....	429
ANEXO K – Texto do ALiB utilizado para a obtenção dos dados referentes à amostra do PE	433
ANEXO L – Texto gravado do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa – Granjal-Viseu/PT.	435

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo descrever e analisar o comportamento da fricativa /s/ em posição de coda silábica no Português Brasileiro-PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ) e no Português Europeu-PE (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT), sob a abordagem da Geolinguística Pluridimensional. Considerando a fonologia, adotamos para esse estudo a subespecificação radical (MATEUS; D'ANDRADE, 2000), porque se não estiverem preenchidos os traços de ponto de articulação da fricativa /s/ em posição de coda silábica esse segmento pode mais facilmente realizar-se de forma variável, seja alveolar, ápico-alveolar ou palato-alveolar, conforme os contextos ou os dialetos ou por projeção de um autosssegmento, do que se estivessem completamente especificado. Acreditamos que as fricativas palato-alveolares, em língua portuguesa, só existem subjacentemente em posição de *onset* (ataque silábico). Em posição de coda silábica surgem apenas no componente pós-lexical como consequência de uma operação elementar de inserção, na qual o nó coronal e seu traço dependente [-anterior] passam a compor a representação da fricativa palato-alveolar. A análise quantitativa dos dados apontou a variante palato-alveolar como categórica no PE e predominante no dialeto carioca. Todas as variáveis propostas mostraram-se estatisticamente relevantes para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda. Em contrapartida, a dimensão disfásica, especialmente no estilo de fala resposta aos questionários, foi a única variável que apresentou desfavorecimento para a realização da fricativa palato-alveolar. Podemos observar, de modo geral, que as variáveis linguísticas foram mais significativas do que as extralinguísticas, com exceção da dimensão diatópica que foi a variável mais relevante para a produção palato-alveolar no presente estudo. Com base na investigação acústica da fricativa /s/ em coda silábica no PB e no PE, verificamos que o fator escolaridade baixa associado à análise dos segmentos fricativos foi crucial para estabelecer uma ligação entre a realização da fricativa com a colonização dos pontos geográficos examinados. Portanto, podemos dizer que há traços fonéticos que contribuem, até hoje, para o esclarecimento de como ocorreu o processo de colonização de determinadas localidades.

Palavras-chave: Fricativa /s/ em coda silábica. Português Brasileiro. Português Europeu.

ABSTRACT

This research aims to describe and analyze the behavior of the fricative /s/ in syllabic coda position in the Brazilian Portuguese-BP (Florianópolis-SC and Rio de Janeiro-RJ) and in the European Portuguese-EP (Lisboa-PT and São Jorge-Açores/PT), under Pluridimensional Geolinguistics approach. Considering the phonology, we adopted for this study the radical underspecification (MATEUS; D'ANDRADE, 2000), because if the traces of point of articulation of the fricative /s/ in syllabic coda position are not fulfilled, this segment can more easily be held of variable manner, be it alveolar, ápico-alveolar or palato-alveolar, according to contexts or dialects or projection of an autossegmento, than if it was fully specified. We believe that the palato-alveolar fricatives, in Portuguese, only exist underlyingly in onset position (syllabic attack). In syllabic coda position only arise in post-lexical component as a result of an elementary operation of insertion, in which the coronal node and its dependent trace [-anterior] became part of the representation of the palato-alveolar fricative. The quantitative analysis of the data showed the palato-alveolar variant as categorical in EP and predominant in the Rio de Janeiro-RJ dialect. All variables were statistically relevant to the production of palato-alveolar variant in coda position. In contrast, the disfasic dimension, especially in response to the questionnaires speech style, was the only variable that presented disfavoring for the realization of palato-alveolar fricative. We can observe, in general, that the linguistic variables were more significant than the extralinguistics, except of the diatopical dimension that was the most expressive variable for the palato-alveolar production in the present study. Based on acoustic investigation of the fricative /s/ in syllabic coda in BP and EP, we noticed that the low educational factor associated with analysis of the fricative segments was crucial to establish a connection between the realization of fricative with the colonization of the examined geographical points. Therefore, we can say that there are phonetic features that contribute, to this day, to clarify how the process of colonization of certain locations was.

Keywords: The fricative /s/ in syllabic coda. Brazilian Portuguese. European Portuguese.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, buscamos descrever e analisar o comportamento da fricativa /s/ em posição de coda silábica no falar de Florianópolis-SC em comparação com o falar de São Jorge-Açores/PT¹; e o falar do Rio de Janeiro-RJ em confronto com o falar de Lisboa-PT, fazendo, desse modo, uma descrição diatópica e diassocial. Ademais, pretendemos (i) analisar grupos de fatores linguísticos, geográficos e sociais que possam condicionar a variação fonético-fonológica da fricativa alveolar em coda silábica; (ii) realizar um estudo acústico para apurar as semelhanças e diferenças quanto à realização da fricativa /s/ em coda silábica no português brasileiro (doravante PB) e no português europeu (doravante PE); e (iii) investigar a realização da fricativa alveolar em coda silábica como uma variedade de contato entre o PB e o PE, relacionando às possíveis variantes fônicas com o processo de povoamento das localidades em questão. Comparamos e analisamos, portanto, variantes fonético-fonológicas do português falado no Brasil e em Portugal.

A variação linguística mais perceptível é a fonético-fonológica. Esse tipo de variação é conferido, muitas vezes, por meio de comentários metalinguísticos dos falantes, que conseguem identificar com facilidade as diferenças de pronúncia ou de sotaque, mesmo sendo iletrados. A noção de sotaque é descrita por Chambers e Trudgill (1980, p. 05) como sendo “a maneira pela qual um falante pronuncia, e, portanto, refere-se a uma variedade que é fonética e/ou fonologicamente diferente de outras variedades”^{2 3}.

Salientamos, entre outras coisas, que os falantes podem, também, fazer comentários sobre variantes de outros níveis linguísticos. Por outro lado, o que queremos esclarecer é que acreditamos ser a variação fonético-fonológica a de mais fácil identificação entre os falantes.

Assim, abordaremos a variação fonético-fonológica posto que acreditamos que a variabilidade entre dois ou mais sons, palavras ou

¹ Dentre as nove ilhas que o arquipélago dos Açores comporta, a Ilha de São Jorge foi selecionada para a análise, pois é posicionada na parte central desse arquipélago e é a ilha de onde migrou o maior número de açorianos para Florianópolis-SC, segundo Furlan (1989).

² “‘Accent’ refers to the way in which a speaker pronounces, and therefore refers to a variety which is phonetically and /or phonologically different from of other varieties” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 05).

³ As traduções encontradas ao longo deste trabalho são de nossa responsabilidade.

estruturas, não ocorre simplesmente por opção do falante. A variação linguística, de um modo geral, obedece a um padrão sistemático regulado por regras especiais, conhecidas como regras variáveis, que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social (LABOV, 1972). Logo, a variação é entendida como um requisito do próprio sistema linguístico, uma característica essencial das línguas.

A formalização de regras fonético-fonológicas e a expansão das possibilidades de representação são, portanto, tentativas de compreensão e de explicação dos processos fonológicos, tanto dos processos que ocorrem entre diferentes falares, quanto daqueles que caracterizam línguas específicas.

Segundo Callou e Leite (1990, p. 42),

a língua é dinâmica por sua própria natureza e está sujeita a modificações. Temos de levar em consideração tanto os processos fônicos que ocorrem nas palavras isoladamente quanto as modificações que sofrem as palavras por influência de outras com que estão em contato na frase.

Com relação ao objeto de nosso estudo, Furlan (1989) afirma que a pronúncia palato-alveolar de /s/ e /z/ em final de sílaba no Brasil parece estar relacionada às áreas portuárias de influência portuguesa dos séculos XVIII e XIX, como: Santos, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém, Manaus e Rio de Janeiro. Fato esse que pode ser mais um indício a favor da difusão do fenômeno nessas localidades, nesse caso por influência e contato marítimo.

A justificativa para a realização da fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ é apontada por Furlan (1989, p. 109) como sendo consequência da “relusitanização” da região, por ocasião da instalação da família real portuguesa nessa localidade a partir de 1807-1808. Furlan (1989) acrescenta, também, que a maior influência deve ter-se originado no Rio de Janeiro, através da presença de tripulações lisboetas advindas de navios. Assim, segundo o autor, o contínuo vai-e-vem da elite administrativa, social e intelectual entre a capital federal, que na época era Rio de Janeiro, e as cidades portuárias (Santos, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém e Manaus) foi o fator determinante que contribuiu para a realização das chiantes ou fricativas palato-alveolares /ʃ, ʒ/ nessas localidades. O autor esclarece, ainda, que “o fato de a palatalização limitar-se a áreas centralizadas em antigos portos constitui indício forte de que o fenômeno resultou de intercâmbio linguístico entre o português

européu e/ou falares brasileiros palatalizadores de /s/ e o falar de cada uma dessas áreas” (FURLAN, 1989, p. 112).

Vale ressaltar, desde já, que os segmentos palato-alveolares, assim como os segmentos palatais, incluem-se no fenômeno geral denominado de palatalização, o qual parte da compreensão de que não só um formato de língua frontal alto, equivalente à vogal [i], constitui um indicativo do fenômeno, mas também um formato de língua cupulado que se localiza por trás da constrição coronal. Sob essa perspectiva, a palatalização, então, é vista como um termo rótulo, conforme Lahiri e Evers (1991) e Brescancini (2002), para uma série de processos com características diferenciadas, cujo denominador comum é o movimento de aproximação do corpo da língua em direção à área correspondente ao palato-duro.

Após esse esclarecimento prévio sobre o fenômeno conhecido por palatalização, partimos para a justificativa, apontada por Furlan (1989), para a cidade de Florianópolis-SC, a qual é a de que poderia haver influência devida à presença de um grupo de açorianos instalados na região. Para Silva Neto (1988), os açorianos que ocuparam Florianópolis derivavam de classes humildes e de regiões afastadas de Lisboa. Tal fato, segundo o autor, somado ao isolamento em que viveram por determinado período em território brasileiro, poderia ter contribuído para que se formasse, em Florianópolis, um falar caracterizado como um prolongamento do falar do arquipélago dos Açores, de caráter conservador. Assim, essa prolação do falar ilhéu só poderia ter dois destinos: o primeiro, a sua absorção pela língua difundida nas escolas; e o segundo, a sua absorção por outros falares brasileiros (SILVA NETO, 1988).

Furlan (1989, p. 102) relata que, por volta do século XVIII, nos falares “centro-meridionais do português continental europeu, todos os -s e -z finais de sílabas, chamados **implosivos** (Saussure) ou **travantes** de sílaba, são chiados”. Segundo o autor, a produção da fricativa palato-alveolar (chiada) foi difundida, provavelmente, a partir do PE continental para o arquipélago dos Açores. Tal fato justificaria a realização da fricativa palato-alveolar nos Açores, visto que o português açoriano teria, então, conforme Furlan (1989), como base o PE continental.

De acordo com Teyssier (1984, p. 46), a difusão das fricativas palato-alveolares em coda silábica no PE pode estar relacionada “à transformação que o sistema das ‘sibilantes’ sofreu no decorrer do século XVI: enquanto as antigas ápico-alveolares se transformavam em pré-dorsodentais em início de sílaba, elas se teriam palatalizado em final de sílaba, tornando-se assim chiantes”. O autor afirma, entretanto, que o fato

mais provável que ocorreu foi que a produção dos “-s e -z implosivos teriam sido inicialmente sibilantes, e, em época mais tardia, compreendida entre o século XVI e a data do primeiro testemunho (Verney, 1949), é que se teria produzido o chiamento”⁴. Assim sendo, essa mudança no sistema consonantal do PE continental é que justificaria a produção da fricativa palato-alveolar na área centro-meridional de Portugal, inclusive em Lisboa.

A respeito das sibilantes ou fricativas alveolares /s, z/ na língua portuguesa, Câmara Júnior (1985, p. 51-2) afirma:

As quatro sibilantes portuguesas se reduzem a uma única, ou antes a duas, mas a neutralização da oposição entre elas fica surda diante de pausa ou de consoante surda (ex.: *apanhe as folhas!* /apa'n,iasfô'l,as/) e sonora diante de consoante sonora (ex.: *que rasgão!* /kirazgauN/). Quanto à oposição entre consoante anterior (ou seja, sibilante) e posterior (ou seja, chiente) ela cessa em proveito de uma das modalidades, conforme o dialeto regional. É um <<*shibboleth*>>⁵ entre o português do Rio de Janeiro e quase todo o resto do Brasil, bem como Portugal, e o português de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul: ali se tem a chiente (surda ou sonora segundo a posição acima comentada); aqui se tem a sibilante (também surda ou sonora nas mesmas condições). Podemos então falar numa neutralização entre as quatro consoantes em proveito de um único traço distintivo permanente: a fricção produzida pela língua.

⁴ O primeiro registro de chiamento foi feito em 1746 por Luís Antônio Verney, em seu *Verdadeiro Método de Estudar*, na região da Estremadura, Portugal. O autor afirma que “[...] todo o s final pronunciam como x, de que não quero outra prova mais que cada um observe como pronuncia o s final, e que diferença tem do s que pronunciam no meio das dicções. [...] Observo que não só o s final se pronuncia como x, mas também o z final [...]” (VERNEY, 1949, p. 77-8).

⁵ “Palavra que serviu como teste para distinguir os Efraimitas dos Gibeonitas” (na Judéia antiga). “Os homens de Jeftá ocupavam o passo do Jordão, com ordens de não deixar nenhum Efraimita cruzá-lo. O Efraimita, que tentasse cruzá-lo, era intimado a dizer *Shibboleth*” (sh = /s'/) “que pronunciava *Sibboleth*”. (The Modern Encyclopedia, edited by A. H. Mc Dannald 1934, p. 1082 apud CÂMARA JR., 1977, p. 52).

Ao selecionarmos áreas dialetais, delimitamos fatores extralinguísticos determinantes dessas áreas, em virtude da possibilidade de correlação existente entre a “variante do português em estudo” e “os traços extralinguísticos do meio geográfico” e social, tais como: origem e etnia da população, atividades econômicas, densidade demográfica e redes de comunicação, migrações históricas, grau de isolamento e de urbanização, características do espaço em termos de relevo, vegetação e hidrografia, entre outros (ALTENHOFEN, 2002, p. 121).

De acordo com Callou e Leite (1990), uma língua apresenta, no mínimo, três tipos de diferenças externas: a primeira é a diferença no espaço geográfico ou variação diatópica, a segunda é a variação entre as camadas socioculturais ou variação diastrática e a terceira é a diferença entre os tipos de modalidade expressiva. Podemos denominar esta última de variação diafásica.

Como afirma Coseriu (1982, p. 30), a diatopia, a diastratia e a diafasia

não consideradas como tais pela linguística estrutural constituem, no entanto, o objeto próprio da dialetologia, da sociolinguística e da estilística idiomática (ou da língua). Neste sentido, precisamente, a dialetologia é “o contrário” da linguística estrutural: a linguística estrutural (“gramática”) atende à homogeneidade, a dialetologia, no que tem de específico, atende – conjuntamente com as disciplinas de seu grupo – a variedade interna das línguas⁶.

Destarte, a língua é passível de variação em diversos planos, seja social, geográfico ou estilístico, e são estes planos de variação que dão origem aos dialetos sociais ou regionais de uma língua.

Podemos observar, na citação de Mattos e Silva (1991, p. 27), quanto às pesquisas sobre variação linguística realizadas no Brasil que

⁶ “no consideradas como tales por la lingüística estructural, constituyen, en cambio, el objeto propio de la dialectología, la ‘sociolingüística’ y la ‘estilística idiomática’ (o ‘de la lengua’). En este sentido, precisamente, la dialectología es ‘lo contrario’ de la lingüística estructural: la lingüística estructural (‘gramática’) atiende a la homogeneidad, la dialectología, en lo que tiene de específico, atiende – conjuntamente con las disciplinas de su grupo – a la variedad interna de las lenguas” (COSERIU, 1982, p. 30).

a bibliografia sobre a diversidade sociolinguística ou dialeção diastrática cresce, não só no âmbito da pesquisa que se desenvolve nos cursos de pós-graduação, mas em projetos maiores e abrangentes – como o pioneiro projeto NURC (Norma Urbana Culta) – e outros mais recentes – como o Censo Sociolinguístico do Rio de Janeiro e o projeto que se desenvolve no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sobre vários aspectos de complexa diversidade linguística do Sul do Brasil.

Com o objetivo primordial de analisar a realização da fricativa alveolar em coda silábica na fala de informantes florianopolitanos, cariocas, jorgenses e lisboetas sob uma abordagem geolinguística, a presente pesquisa qualitativa e quantitativa, organiza-se em cinco capítulos que podem ser reunidos em três blocos.

No primeiro bloco, apresentamos o Capítulo 1, Contextualização sócio-histórica das comunidades de fala brasileiras e portuguesas; e o Capítulo 2, Revisão da literatura. O Capítulo 1 está dividido em quatro seções. Em 1.1, contextualizamos sócio-historicamente a localidade de Florianópolis-SC; na Seção 1.2, contextualizamos a localidade do Rio de Janeiro-RJ; na Seção 1.3, contextualizamos sócio-historicamente a localidade de São Jorge-Açores; e na Seção 1.4, contextualizamos a localidade de Lisboa-PT. O Capítulo 2 está organizado, também, em quatro seções. Na Seção 2.1, divulgamos a revisão da literatura com base em trabalhos realizados em Florianópolis-SC; na Seção 2.2, a revisão da literatura é apresentada com base em trabalhos realizados no Rio de Janeiro-RJ; na Seção 2.3, apresentamos algumas pesquisas realizadas em outros territórios brasileiros; e na Seção 2.4, relatamos alguns estudos sobre a realização da fricativa alveolar /s/ em território português. Salientamos que o foco, nesse bloco, está em contextualizar as comunidades de fala aqui investigadas e em fazer uma revisão da literatura sobre o objeto do nosso estudo.

No segundo bloco, apresentamos o Capítulo 3, Modelos Fonológicos; e o Capítulo 4, Pressupostos Teórico-Metodológicos da Dialectologia e da Geolinguística. O Capítulo 3 está dividido em duas seções. Em 3.1, apresentamos algumas considerações sobre a fonologia linear (CHOMSKY; HALLE, 1968); em 3.2, divulgamos algumas considerações sobre a fonologia não-linear (CLEMENTS, HUME, 1995), com ênfase na Teoria Autossegmental, na Teoria da Sílabas e na Teoria Lexical. Salientamos que o foco, nesse capítulo, está na representação fonológica da fricativa /s/ em coda silábica. O Capítulo 4, Pressupostos

Teórico-Metodológicos da Dialectologia e da Geolinguística, está dividido em quatro seções. Em 4.1, apresentamos algumas considerações sobre a dialectologia e a geolinguística (FERREIRA; CARDOSO, 1994; RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998); em 4.2, centramo-nos nos estudos dialectológicos e geolinguísticos no Brasil (FERREIRA; CARDOSO, 1994; ISQUERDO, 2006); em 4.3, apresentamos os estudos dialectológicos e geolinguísticos em Portugal (BARROS FERREIRA, 1994; CARDOSO, 2010; CINTRA, 1983b; SARAMAGO, 1994); e em 4.4, expomos alguns estudos dialectológicos e geolinguísticos realizados em outros países (CARDOSO, 2001; THUN, 1999). Ressaltamos que o foco, nesse capítulo, está em apresentar a teoria e a metodologia empregada na abordagem em que baseamos a presente investigação.

O terceiro bloco compreende o Capítulo 5, no qual divulgamos, detalhadamente, o estudo da produção da fricativa /s/ em posição de coda silábica. Apresentamos, em 5.1, os objetivos fixados e as hipóteses gerais do trabalho; em 5.2, a abordagem metodológica que o estudo abrange, incluindo a amostra referente ao PB e ao PE; em 5.3, apresentamos as variáveis operacionais (variável dependente, variáveis extralinguísticas e linguísticas) que a pesquisa comporta, juntamente como as hipóteses referentes a cada uma delas, bem como o programa utilizado para a análise estatística dos dados; em 5.4, a codificação dos dados e o instrumento estatístico de quantificação (Rbrul) dos dados; em 5.5, expomos a análise quantitativa dos resultados que engloba as variáveis extralinguísticas e linguísticas dos dados da nossa amostra, referentes ao PB e ao PE; e em 5.6, apresentamos a análise acústica da fricativa /s/ em coda silábica, com base em um recorte da nossa amostra, referentes aos dados do PB e do PE. Salientamos que o foco, nesse capítulo, está no estudo dos picos espectrais da fricativa em questão, bem como na descrição acústico-articulatória do segmento fricativo /s/ analisado na presente pesquisa.

Após o terceiro bloco, apresentamos as Considerações Finais, as Referências e os Anexos.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DAS COMUNIDADES DE FALA BRASILEIRAS E PORTUGUESAS

Neste capítulo, contextualizamos sócio-historicamente as comunidades de fala⁷ brasileiras (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), bem como as comunidades de fala portuguesas (São Jorge-Açores e Lisboa-PT) aqui investigadas. Apresentamos, entre outras coisas, alguns aspectos gerais sobre a demografia, a geografia, a colonização e a atualidade dessas localidades, além de algumas considerações acerca da linguagem e da realização da fricativa alveolar /s/ nesses pontos.

A primeira localidade brasileira, Florianópolis-SC, pertence à Região Sul e é a capital do estado de Santa Catarina; e a segunda, Rio de Janeiro-RJ, localiza-se na Região Sudeste e é a capital do estado do Rio de Janeiro. Com relação às duas localidades portuguesas, a primeira, São Jorge-Açores, localiza-se no grupo central do arquipélago dos Açores; e a segunda, Lisboa-PT, situa-se a oeste e é a capital nacional de Portugal.

Como os pontos selecionados para o nosso estudo são distintos, consideramos prudente a análise da dimensão diatópica. Cabe ressaltar que esse parâmetro em análise tem suas bases fixadas na geolinguística pluridimensional, que condiz com a perspectiva que norteia o presente estudo. Julgamos que a contextualização sócio-histórica dessas localidades faz-se necessária, visto que “não basta haver semelhança entre fenômenos de linguagem brasileira e outros [...]. É preciso demonstrar que não se trata de evoluções independentes, mas que há filiação entre eles” (SILVA NETO, 1976, p. 91).

1.1 FLORIANÓPOLIS-SC

Florianópolis, nome dado em homenagem ao Marechal Floriano Peixoto, conhecida, atualmente, também como Ilha da Magia, é uma das três ilhas-capitais do Brasil. A área do município, compreendendo uma pequena faixa continental e a Ilha de Santa Catarina, abrange 675 km², na

⁷ Para Labov (2008), comunidade de fala compreende determinado grupo que segue as mesmas normas relativas ao uso da língua. No entanto, vamos adotar o conceito de comunidade de fala utilizado por Guy (2000), o qual afirma que uma comunidade de fala é formada por membros que compartilham traços linguísticos em função da densidade da comunicação e das normas compartilhadas. Desse modo, a noção de comunidade de fala que Guy (2000) apresenta parece-nos mais completa, já que abrange tanto as normas compartilhadas pelos falantes, quanto os traços linguísticos utilizados, da mesma forma, pelos indivíduos.

qual vivem aproximadamente 421.240 habitantes⁸. A Ilha de Santa Catarina possui uma forma alongada e estreita, com comprimento médio de 54 km e largura média de 18 km. Com litoral bastante recortado, possui várias enseadas, pontas, ilhas, baías e lagoas. Florianópolis está situada de forma paralela ao continente, separada por um estreito canal, como mostra a Figura 1.

Figura 1 - Mapa de Florianópolis-SC



Fonte: Google Imagens. Acesso em maio de 2013. Adaptado.

Por volta de 1400, os Tupi-Guaranis dividiram-se em várias tribos e aldeias, ocupando a maior parte da área litorânea. Chamados de Carijós pelos europeus que chegaram à Ilha, esses índios, provavelmente, tenham vindo da região que hoje é o Paraguai. O gradual extermínio dessas tribos indígenas no litoral catarinense aconteceu no final do século XVII, devendo-se à escravidão e à fraca resistência às doenças trazidas

⁸ Informações retiradas dos Resultados do Censo Demográfico de Florianópolis-SC que se encontra no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>, acesso em: 01 de maio de 2013.

pelos europeus. Aos Carijós restou, então, o último papel: serem escravos dos europeus nos engenhos que aqui começavam a ser instalados (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995).

No início do século XVI, embarcações que demandavam à Baía do Prata aportavam na Ilha de Santa Catarina para abastecerem-se de água e víveres. Entretanto, somente por volta de 1675 é que Francisco Dias Velho, juntamente com sua família e agregados, deu início à povoação da ilha com a fundação de Nossa Senhora do Desterro – segundo núcleo de povoamento mais antigo do Estado, ainda fazendo parte da vila de Laguna – desempenhando importante papel político na colonização da região⁹. Em meados de 1687, Dias Velho foi morto e sua família retornou para São Paulo. No vilarejo, sobraram poucos moradores. Após 1700, chega à Ilha de SC o lisboeta Manoel Manso de Avelar, que se tornou um líder da povoação. No entanto, o povoado não cresceu significativamente, pois em Nossa Senhora do Desterro, primeiro nome dado à atual Florianópolis, não havia mais do que 27 casas e 130 habitantes. A partir dessa data, no entanto, intensificou-se o fluxo de paulistas e vicentistas que ocuparam vários outros pontos do litoral catarinense. Em 1714, Nossa Senhora do Desterro, é elevada à condição de freguesia e à categoria de vila em 1726, a partir de seu desmembramento de Laguna¹⁰.

A povoação passou a se desenvolver somente alguns anos depois, impulsionada por projetos militares, pela colonização açoriana e pela pesca à baleia. De 1748 até 1756, de acordo com Furlan (1989), desembarcaram no litoral de Santa Catarina 6.071 açorianos que se somaram aos 4.197 catarinenses, resultando em um aumento demográfico de mais de 144%. Esses colonizadores, no entanto, tinham alguns objetivos quando decidiram ocupar essa parte específica do Brasil, os quais eram: preparar as terras para o cultivo de alimentos, gerando, assim, mais empregos; além de ocupar as terras do sul do Brasil, disputadas pela Espanha (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995).

Conforme Furlan (1989, p. 25), alguns dos fatores que levaram os açorianos à colonização de Santa Catarina foram “o atraso econômico, com fortes raízes na natureza vulcânica do solo, no minifúndio, no isolamento das ilhas e no centralismo praticado pelos Governos de Lisboa”. Essas foram algumas das razões, segundo o autor, para esse surto

⁹ O primeiro passo de Francisco Dias Velho, bandeirante, natural de Santos-SP, foi a construção de uma pequena igreja onde hoje está situada a Catedral de Florianópolis, conforme Santos (2004).

¹⁰ Informações retiradas do sítio da Prefeitura Municipal de Florianópolis-SC, disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/>, acesso em: 01 de maio de 2013.

migratório de açorianos à Santa Catarina. Os açorianos provieram, de acordo com Furlan (1989, p. 33-4), de “S. Miguel, 326, 4,2%; Terceira, 912, 11,6%; Graciosa, 772, 9,9%; **S. Jorge, 2.822, 36%¹¹**; Pico, 1.776, 22,7%; Faial, 1.207, 15,4%”, além dos 579 madeirenses.

Santos (2004, p. 50) afirma que a colonização açoriana em Santa Catarina “foi a maior corrente emigratória europeia até então dirigida para o Brasil”. Além disso, segundo o autor, o povoamento açoriano no litoral de Santa Catarina caracterizou definitivamente a região. Distribuídos em diversas localidades, os açorianos imprimiram feições particulares ao ambiente, que ainda hoje estão presentes (SANTOS, 2004).

Para a agricultura local, segundo Farias (1998), os colonizadores açorianos trouxeram várias contribuições, já que produziram diversas espécies de uvas; iniciaram a produção de vinho no século XVIII; introduziram o cultivo de cana-de-açúcar, de vagens, de couves, de figos e de laranjas; e produziram, também, a partir de 1796, o cultivo do café. Além disso, eles tentaram introduzir na agricultura local o trigo e a cevada, mas não obtiveram bons resultados devido ao clima da região que não contribuiu para a produção desses cereais.

Para a cultura local, os açorianos tiveram grande influência com: a produção artesanal¹²; os jogos; as danças; a literatura; a religiosidade, bem como as festas religiosas¹³; as técnicas de produção agrícola; a gastronomia; a mitologia; a medicina popular; a arquitetura; e “o linguajar local, caracterizado pelo ‘som cantado’ e pela alta velocidade de flexão vocal” (FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES, 1995, p. 29).

Furlan (1982, p. 84) afirma, sobre a colonização açoriana de Santa Catarina, que este foi “o pólo que concentrou não só os povoadores luso-açorianos, mas também a posterior comunicação com os centros irradiadores da pronúncia palatal, a saber, Lisboa e, depois, Rio de Janeiro”.

Sobre a realização da fricativa alveolar em Florianópolis e no Rio de Janeiro, destacamos a constatação de Verney (1949, p. 77) de que, após retornar de Portugal em 1736, afirma que “a pronúncia portuguesa acaba em **x** todas as palavras que acabam em **s**”, fato este que nos faz pressupor que o fenômeno, de alguma forma, já era conhecido e/ou difundido, também, no arquipélago dos Açores.

¹¹ Grifo acrescido por nós.

¹² Na produção artesanal trazida pelos açorianos, a Renda de Bilro ganha destaque.

¹³ Dentre as festas religiosas, destacamos a Festa do Divino Espírito Santo que é bastante comemorada em várias localidades de Florianópolis e região.

Com base em Furlan (1989), podemos dizer que, se a realização da fricativa palato-alveolar foi inserida no falar carioca pelos portugueses a partir de 1807-1808 que com a Corte vieram, no falar florianopolitano, isso ocorreu graças aos imigrantes açorianos a partir de 1748/1756. Isso posto, cabe destacar que a produção da fricativa palato-alveolar em Florianópolis teria precedido por décadas o mesmo fenômeno realizado no Rio de Janeiro-RJ.

A partir do século XX, ocorreram algumas mudanças em Florianópolis-SC, a saber: a iluminação elétrica; as redes de esgotos; os avanços nos meios de comunicação; e as melhorias nas condições de higiene e saúde. Em 1926, inaugurou-se a ponte Hercílio Luz e, no fim da década de 50 e início da década de 60, ocorreu a implantação da Universidade Federal de Santa Catarina e a transferência da sede da Eletrosul do Rio de Janeiro para Florianópolis. Em 1992, cria-se o Núcleo de Estudos Açorianos, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, que tem o objetivo de resgatar as raízes históricas e culturais açorianas da população regional.

Com relação à situação econômica atual, Florianópolis-SC¹⁴ tem sua economia alicerçada no setor da tecnologia, que é o maior contribuidor de impostos, sendo responsável por mais de 45% do PIB no município. Outros setores importantes são o comércio, a prestação de serviços, o turismo e a construção civil.

1.2 RIO DE JANEIRO-RJ

O município do Rio de Janeiro é a capital do Estado do Rio de Janeiro, situado na Região Sudeste do Brasil, e compreende uma área de 1.264,296 km², mede de leste a oeste 70 km e de norte a sul 44 km. No município, vivem aproximadamente 6.323,037 habitantes¹⁵. O Rio de Janeiro é banhado pelo oceano Atlântico ao sul, pela Baía de Guanabara a leste e pela Baía de Sepetiba a oeste, como mostra a Figura 2.

¹⁴ De acordo com o sítio da Prefeitura Municipal de Florianópolis-SC, disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br/>, acesso em: 01 de maio de 2013.

¹⁵ Informações retiradas dos Resultados do Censo Demográfico da cidade do Rio de Janeiro-RJ que se encontra no sítio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>, acesso em: 04 de junho de 2013.

Figura 2 - Mapa do Rio de Janeiro-RJ

Fonte: Google Imagens. Acesso em junho de 2013. Adaptado.

A primeira expedição exploratória portuguesa foi enviada ao Brasil em 1501, sob o comando de Gaspar Lemos. No dia 1º de janeiro de 1502, navegadores portugueses avistaram o que lhes parecia ser a foz de um grande rio e chamaram-no de Rio de Janeiro. Entretanto, tratava-se, na verdade, da entrada da barra da Baía de Guanabara. Em 1503, foi enviada a 2ª expedição, sob o comando de Gonçalo Coelho, com a intenção de se conhecer melhor os recursos naturais da nova terra. Assim, em Cabo Frio foi construída uma feitoria destinada a embarcar o pau-brasil, árvore abundante na região¹⁶.

Em 1530, a Corte portuguesa mandou uma expedição para colonizar a área. Os franceses, por outro lado, já habitavam o Rio de Janeiro e arredores desde o começo do século e estavam dispostos a lutar pelo domínio da região. Com o permanente assédio dos franceses sobre os índios para comercializar o pau-brasil, em 1548, o Rei de Portugal criou um governo geral destinado a auxiliar os donatários na luta contra os índios, que não paravam de atacar vilas e engenhos, destruindo as plantações dos colonos. É nomeado o fidalgo português Thomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil que, em 1549, desembarca na Bahia

¹⁶ Informações retiradas do sítio do Governo do Rio de Janeiro, disponíveis em: <http://www.rj.gov.br/>, acesso em: 04 de junho de 2013.

e funda a Cidade do Salvador, a primeira capital brasileira, de acordo com França (2013).

O município do Rio de Janeiro foi fundado somente em 1565, pelo capitão mor Estácio de Sá, com o nome de São Sebastião do Rio de Janeiro, em homenagem ao então Rei de Portugal, D. Sebastião. Em 1567, depois de prolongada luta com os Tamoios¹⁷ e seus aliados franceses, a nova cidade foi transferida para o Morro do Castelo. Na ocasião, delimitou-se uma área quadrada de seis léguas de lado, fundando nesse local a Capitania Real do Rio de Janeiro sob o comando de Salvador Correa de Sá. Os portugueses, em 1568, concederam aos índios que colaboram nas lutas contra os franceses, favores do governo. Assim, a tribo dos Temimimós obteve, como recompensa pelos serviços, quatro léguas de terra na margem oriental da Baía de Guanabara, na qual se fundou a povoação de São Lourenço, que muito mais tarde daria origem à cidade de Niterói (GOVERNO DO RIO DE JANEIRO, 2013).

Em 1572, Portugal decide dividir o Brasil em dois governos para melhor administrar; um sediado em Salvador e o outro no Rio de Janeiro. O governador do Rio de Janeiro combateu os índios da região de Cabo Frio que, aliados aos franceses, auxiliavam no contrabando de pau-brasil. As tribos locais foram praticamente exterminadas e iniciou-se a ocupação definitiva pelos portugueses com a criação de aldeias povoadas, freguesias e vilas¹⁸.

No final do século XVII, a lavoura açucareira, baseada no uso intensivo da mão de obra escrava, era a grande geradora de riquezas. A zona canavieira caracterizava-se pela existência de grandes latifúndios gerando poderosa aristocracia rural¹⁹.

No século XVIII, por volta de 1763, a cidade do Rio de Janeiro tornou-se a capital da Colônia e contava com cerca de 50 mil habitantes. No final do século XVIII, ocorre a decadência da mineração, os canaviais tornaram-se mais numerosos, o café começou a ser plantado, ocorre a produção de sal marinho em Cabo Frio, e Paraty iniciou a produção de aguardente, que era utilizada como moeda de troca por escravos no litoral africano (GOVERNO DO RIO DE JANEIRO, 2013).

¹⁷ Índios tupinambás que habitavam o litoral norte do atual estado de São Paulo e o litoral sul do atual estado do Rio de Janeiro, no Brasil.

¹⁸ Informações retiradas do sítio do Governo do Rio de Janeiro, disponível em: <http://www.rj.gov.br/>, acesso em: 04 de junho de 2013.

¹⁹ Informações retiradas do sítio da Prefeitura do Rio de Janeiro, disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/>, acesso em: 05 de junho de 2013.

No início do século XIX, em meados de 1807, a família real portuguesa deixou Lisboa, fugindo do domínio de Napoleão que invadiu Portugal. O Príncipe Regente D. João desembarcou em Salvador, em 23 de janeiro de 1808, onde tomou as primeiras medidas da Corte no Brasil, incluindo a abertura dos portos às nações amigas. Após 35 dias, Dom João seguiu para o Rio de Janeiro. A cidade do Rio de Janeiro e as terras vizinhas passaram a se desenvolver extraordinariamente, com grandes melhoramentos urbanos. Transferiram-se para o Brasil todos os órgãos da Administração Pública e da Justiça, criaram-se hospitais e quartéis, tornando-se também o Rio de Janeiro ponto de partida de inúmeras expedições científicas. O comércio marítimo entre o Rio de Janeiro, Lisboa e portos africanos, também, desempenhou um papel importante, pois era a principal fonte de lucro das capitanias (FRANÇA, 2013).

Com a Independência, o Rio de Janeiro permaneceu como Capital do País, a Capitania foi transformada em Província e passou a ser governada por Ministros do Império. Em 1841, D. Pedro II foi coroado Imperador do Brasil. Já, em 1854, por iniciativa do Barão de Mauá e com a finalidade de facilitar o escoamento da produção cafeeira, foi construída a primeira estrada de ferro do País, ligando o Porto de Mauá, atual Magé, à Raiz da Serra da Estrela, no caminho de Petrópolis. A luz elétrica foi instalada em 1883, na cidade de Campos, sendo, então, a primeira cidade em todo o Brasil a contar com esse melhoramento, segundo França (2013).

A abolição da escravidão, decretada em 13 de maio de 1888 pela Princesa Isabel, atingiu fortemente a produção fluminense concentrada nas fazendas de café e da cana de açúcar, determinando o declínio imediato. Ocorreu a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889. Por volta desse mesmo ano, um novo regime político foi aceito sem reação dos políticos ou dos habitantes da Província, que passou a se chamar Estado do Rio de Janeiro, no qual Francisco Portela foi nomeado governador do Estado (GOVERNO DO RIO DE JANEIRO, 2013).

No início do século XX, em 1920, a população da cidade do Rio de Janeiro ultrapassou um milhão de habitantes. A situação econômico-financeira foi limitada aos próprios recursos do Estado, em razão dos reflexos sofridos pela Nação, provocados pelas mudanças políticas, assim como pela crise mundial de 1929. Reduziu-se a produção cafeeira, enquanto duplicou-se a produção canavieira. A partir de 1933, desenvolveu-se a indústria do cimento. Em 21 de abril de 1960, a cidade

do Rio de Janeiro deixou de ser Distrito Federal e Capital do Brasil, que foi transferida para Brasília²⁰.

Atualmente, a cidade do Rio de Janeiro é um dos principais centros econômicos, culturais e financeiros do Brasil, sendo internacionalmente conhecida por diversos ícones culturais e paisagísticos. Possui o segundo maior produto interno bruto do país e é o segundo maior pólo de pesquisa e desenvolvimento do Brasil. Há muitos anos congrega o segundo maior pólo industrial do Brasil, contando com refinarias de petróleo, indústrias navais, metalúrgicas, petroquímicas, gás-químicas, têxteis, gráficas, editoras, indústrias farmacêuticas, de bebidas, cimenteiras e moveleiras. No entanto, as últimas décadas atestaram uma nítida transformação em seu perfil econômico, que vem adquirindo, cada vez mais, matizes de um grande pólo nacional de serviços e negócios. Assim, o setor de serviços abarca a maior parcela do PIB, seguido pela atividade industrial e pelo agronegócio (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2013).

Com relação às festas populares, mencionamos, primeiramente, o Carnaval Carioca, que é tradicionalmente conhecido e apreciado no mundo todo. Entretanto, no Rio de Janeiro, existem outras festas bastante populares como, por exemplo, a Festa do Divino Espírito Santo, em Paraty, que tem raízes portuguesas e que conserva à risca aspectos do período colonial, mobilizando a cada ano centenas de pessoas em todo o Estado. Essa celebração popular religiosa é, também, comemorada em Florianópolis-SC e em São Jorge-Açores.

Quanto ao falar do Rio de Janeiro-RJ, falar carioca, Silva Neto (1976, p. 161) considera ser muito difícil saber se a realização da fricativa palato-alveolar “é um fenômeno ligado à pronúncia padrão lisboeta, ou se, pelo contrário, estamos diante de uma inovação que se operou independentemente cá e lá”. Assim sendo, é, também, muito difícil, segundo o autor, afirmar que, nas demais áreas brasileiras, que realizam a variante palato-alveolar, houve relativa ligação ao falar de Lisboa e/ou do Rio de Janeiro-RJ. Entretanto, Furlan (1989, p. 109), apesar de não ser categórico em seu apontamento, acredita que a fricativa palato-alveolar desenvolveu-se mais em áreas portuárias dos séculos XVIII e XIX, que tinham forte influência portuguesa. Esse fato, segundo o autor, “constitui indício seguro em favor da primeira hipótese” que associa, então, a realização da fricativa palato-alveolar ao falar lisboeta.

²⁰ Informações retiradas do sítio da Prefeitura do Rio de Janeiro, disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/>, acesso em: 05 de junho de 2013.

No início do século XIX, segundo Furlan (1989, p. 109), quando a produção da fricativa palato-alveolar já tinha atingido amplas áreas do centro e do sul de Portugal, incluindo Lisboa, o “profundo reaportuguesamento que se operou no Rio de Janeiro a partir de 1808, quando para lá se transferiu a Corte de D. João VI” foi um fato significativo para a língua, visto que “em poucos anos, aos 50.000 cariocas vieram juntar-se 25.000 que vieram com a Corte, cuja pronúncia certamente terá servido de modelo culto” para os habitantes que residiam no Rio de Janeiro naquela mesma época.

Ainda no século XIX, os estudos que eram implantados seguiam a direção de que a língua portuguesa falada e escrita no Rio de Janeiro era diferente da língua falada e escrita pelos portugueses. A partir disso, criaram-se várias gramáticas²¹ a fim de afirmar e/ou de relatar as possíveis diferenças quanto à sintaxe e à fonologia, contrastando ambas as línguas. Com relação a esse fato, Wehling et al. (1994, p. 225) afirmam que

[...] a vinda para o Brasil, atraídos pelas minas, de cerca de 800 mil portugueses certamente contribuiu para consolidar a língua do colonizador. Mas o fator decisivo parece ter sido a firme decisão do governo pombalino de impor o português como língua falada no país, extinguindo o bilinguismo existente até então.

No entanto, décadas após a época pombalina (1760-1808), que tinha como objetivo definir uma mudança na opção linguística da população branca e parda que falava outras línguas, o sistema de ensino

²¹ Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, e a condenação dos livros e métodos utilizados, todas as gramáticas dos padres jesuítas, como a gramática do Pe. Álvares, foram queimadas de imediato. Pombal e seus assessores criaram em 1768 a Real Mesa Censória para fiscalizar as publicações do século XVIII e liberar para a circulação somente aquelas consideradas como condizentes com as deliberações reais e preceitos estabelecimentos pelas reformas da época. Entre as obras autorizadas pela Mesa Censória e recomendadas pelo Marquês de Pombal destaca-se a *Arte da grammatica da Língua Portuguesa*, escrita por Antônio José dos Reis Lobato em 1771. Essa renomada obra foi bastante difundida no século XVIII e XIX, tendo sido reverenciada na legislação da época através do Alvará de 1770, que apresentou as intenções de D. José I em fortalecer a Língua Nacional, ao considerar ser ela “hum dos objectos mais attendiveis para a cultura dos Povos civilizados, por dependerem della a clareza, a energia, e a magestade, com que devem estabelecer as Leis, persuadir a verdade da Religião, e fazer uteis, e agradaveis os Escritos” (PORTUGAL, 1830, p. 497).

criado no Brasil ainda tinha dificuldades em manter a língua portuguesa como língua única, de maneira a excluir as outras línguas existentes. Mas, com o passar das gerações, as línguas foram sendo substituídas pela língua portuguesa, pois, como afirma Furlan (1989), a pronúncia dos portugueses passou a ser o modelo imitado pela população.

Podemos dizer, então, que a língua constitui-se em um instrumento de uso do colonizador para facilitar o domínio sobre a terra a ser colonizada, como, por exemplo, ocorreu com a colonização do Rio de Janeiro, na qual houve uma homogeneização da língua falada pelos habitantes que lá residiam, tendo para isso o “modelo ideal de língua” falado pela Corte.

1.3 SÃO JORGE-AÇORES

A ilha de São Jorge surgiu como resultado de sucessivas fissuras e erupções vulcânicas em linha reta, inativas no último século, de que restam crateras alinhadas ao longo do comprimento da ilha. A ilha faz parte do Grupo Central dos Açores e situa-se no centro desse conjunto de ilhas, conforme a Figura 3. A ilha tem características singulares que começam por se manifestar na forma muito alongada que apresenta, alcançando cerca de 60 km de comprimento para apenas 7 km de largura. Na sua área aproximada de 246 km², vivem aproximadamente 9.171 habitantes, sendo 49,78% homens e 50,22% mulheres. Os principais concelhos ou municípios são: Velas que possui 5.398 habitantes (49,81% homens e 50,19% mulheres) e Calheta com 3.773 habitantes (49,72% homens e 50,28% mulheres) (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – INE, 2011).

Figura 3 - Mapa do arquipélago dos Açores-PT



Fonte: Google Imagens. Acesso em março de 2014. Adaptado.

A primeira referência à ilha de São Jorge ocorreu na data de 1439, numa carta em que o rei D. Afonso V autoriza o Infante D. Henrique a mandar povoar as ilhas dos Açores, mas a ilha já figura num mapa catalão de 1375 com a designação de San Zorze, alusivo ao dia provável do seu descobrimento, 23 de abril. A ilha de São Jorge foi a quarta a ser (re)descoberta, tendo sido doada em 1483 ao então capitão de Angra do Heroísmo-Ilha Terceira, João Vaz Corte Real, que assim constituiu a 4ª capitania dos Açores, com sede em Velas (BOLETIM DO INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA, 1961-62).

Conforme Avellar (1902), o povoamento de São Jorge iniciou na segunda metade do século XV, quando um dos seus primeiros povoadores, o flamengo²² Wihelm van der Haagen, aportuguesado para Guilherme da Silveira, chegou à ilha trazendo numerosa família e pessoas de diversas profissões, fundando um povoado na zona do Topo, onde se fixou a partir de 1480.

Em 1500, foi elevada à vila as localidades de Velas, em 1510; a zona do Topo e a localidade de Calheta, em 1534. Os principais pilares

²² Natural de Flandres, região da Bélgica, ou do antigo condado de Flandres, que hoje corresponde a territórios franceses, belgas e holandeses. Informação retirada do sítio Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2010), disponível em: <http://www.priberam.pt/>, acesso em: 21 de abril de 2013.

econômicos foram a produção de uvas, trigo, pastel²³ e urzela²⁴. Os dois últimos produtos foram exportados para Flandres e para outros países europeus para uso em tinturaria, segundo Avellar (1902).

A ilha de São Jorge conheceu um isolamento secular, atribuído ao abrigo precário que os seus portos ofereciam aos navios e à sua reduzida importância económica. Mesmo assim, foi alvo de ataques de corsários ingleses e franceses, turcos e mouros. Além disso, também, afetaram a ilha as erupções vulcânicas de 1580, que duraram quatro meses, e de 1808; as inundações em 1588, 1606, 1713, 1732, 1842, 1856; a escassez de alimentos e fome em maus anos de colheita (1593, 1647, 1678, 1713, 1812, 1846-47, 1857, 1858, 1859, 1877, 1893-94); bem como terremotos (1757, 1964 e 1980); o vulcão de 1808, que destruiu por completo a zona da Urzelina, e o ciclone de 1899. São Jorge é, portanto, caracterizado por regular atividade sísmica, pela grande altitude do seu território, irregularidade do relevo e a existência de cones vulcânicos alinhados ao longo do comprimento da ilha.

O isolamento de São Jorge acabou por ser superado pelos trabalhos realizados nos dois principais portos da ilha: Velas e Calheta, bem como pela construção de um aeroporto. Essas obras públicas, segundo Cunha (2012), abriram novos horizontes de prosperidade e progresso para São Jorge, que conta com uma utilização mais eficiente dos seus recursos naturais e com a expansão da pecuária, da indústria de lacticínios e da pesca.

De acordo com Guerreiro (2012), as principais manifestações festivas de carácter popular de São Jorge são as Festas do Espírito Santo que convergem em torno do Império do Divino e são uma importante manifestação religiosa que tem lugar todos os domingos durante sete semanas antes da Páscoa. A Semana Cultural das Velas é igualmente outra expressão popular que mistura à etnografia tradicional com as novas manifestações culturais que chegam de fora. O Festival de Julho é o nome de outra manifestação festiva, desta vez realizada no concelho da Calheta,

²³ Planta usada como corante azul em tinturaria e pintura. O corante era também usado em pinturas corporais e para fins medicinais, informações retiradas do sítio Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2010), disponível em: <http://www.priberam.pt/>, acesso em: 21 de abril de 2013.

²⁴ Urzela é o nome comum dado a fungos e/ou algas que se encontram sobre rochas costeiras em ilhas. O nome urzela é também aplicado a outras espécies do mesmo género e ainda a outros tintureiros similares, informações retiradas do sítio Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2010), disponível em: <http://www.priberam.pt/>, acesso em: 21 de abril de 2013.

que duram quatro dias e são compostas por desfiles etnográficos, comédias musicais e representações teatrais. As romarias são uma tradição de São Jorge e estão profundamente ligadas à crença da intervenção Divina contra a força dos Vulcões e Terremotos.

Os povoadores que, no século XV, chegaram ao arquipélago açoriano oriundos de várias regiões de Portugal, conforme relatos sobre o português falado nos Açores, exibiam na sua fala particularidades distintas. Uma linguagem que não era evidentemente uniforme (WARTBURG, 1971; VASCONCELLOS, 1970; CINTRA, 1983b; MAIA, 1975-78; HERMAN, 1990; HALL, 1974; VIANA, 1883; PILAR, 1980).

Sobre o assunto, Mateus (2005, p. 07) afirma que os dialetos dos Açores exibem características peculiares, pois, segundo a autora, no arquipélago açoriano “o dialeto micalense apresenta as vogais palatais [ü] e [ö] que correspondem, respectivamente, a /u/ e /o/ (como em *uva*, [ü]va; *pouco*, p[ö]co; *boi*, b[ö]i; *piolho*, pi[ö]lho) e a elevação do /o/ tônico para [u], como em: *doze*, d[u]ze; *amor*, am[u]r”. A presença de uma vogal labialializada, visto a posição tônica onde é formada, neste caso a palatal [ü], chama a atenção quando ouvimos o francês e certos falares dialetais, ou variedades dentro das línguas românicas, inclusive no sul de Portugal. É sabido que este segmento não pertence à pronúncia padrão portuguesa, no entanto, verifica-se que a sua vitalidade e extensão são muito maiores do que se julgava (ROGERS, 1946-49; SARAMAGO, 1978, 1992; BLAYER, 1992; e outros).

Com relação à produção da variante palato-alveolar, de acordo com Teyssier (1984), o primeiro registro de pronúncia palato-alveolar da fricativa surda /s/ em coda silábica foi em 1746 por Luís António Verney. Existem mais hipóteses sobre as causas da existência do fenômeno e sobre a época dessa transformação, mas há um consenso de que, na época da imigração açoriana para Santa Catarina, no século XVIII, o centro-sul de Portugal já produzia a fricativa palato-alveolar em final de sílaba e de palavra (FURLAN, 1989).

Por volta do século XVIII, de acordo com Furlan (1989, p. 102), nos falares

centro-meridionais do português continental europeu, todos os **-s** e **-z** finais de sílabas, chamados **implosivos** (Saussure) ou **travantes** de sílaba, são chiados, sem arredondamento dos lábios, soando como surdos [ʃ] quando ocorrem ante pausa (ex.: **três**, **diz**) ou ante consoante surda

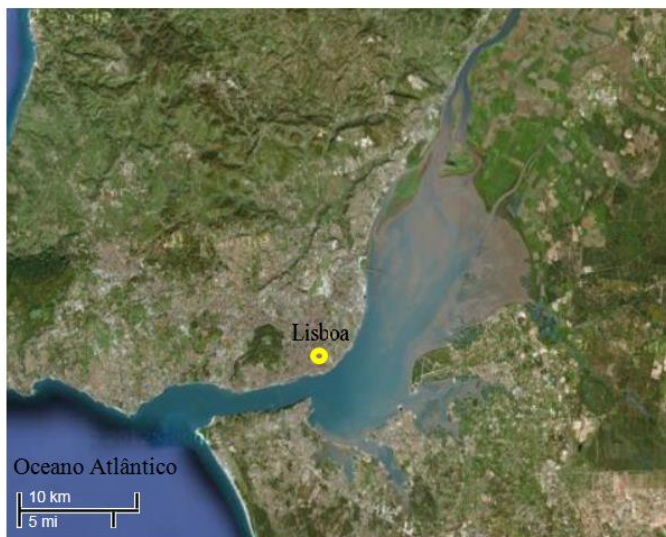
(ex.: **poste, faz frio**) e como sonora [ʒ] ante sonora (ex.: **fisga, faz bem**). Tal pronúncia, difundida provavelmente a partir do português europeu continental, encontra-se hoje nos Açores e em ex-colônias portuguesas (Angola, Moçambique e Cabo Verde).

Em virtude do exposto, como resultado das forças sociais que por gerações moldaram o português dos Açores, acreditamos que essas idiossincrasias do falar açoriano estão mescladas no padrão lisboeta. Notemos, também, que existem, no português de Portugal continental, características paralelas ao português dos Açores, apesar de terem sido os povos de Portugal continental que iniciaram o povoamento dos Açores.

1.4 LISBOA-PT

Lisboa está localizada na margem direita do rio Tejo, junto à foz, de acordo com a Figura 4, e situa-se a oeste de Portugal, na costa do Oceano Atlântico. Lisboa nasceu de uma “citânia”²⁵ localizada a norte do atual castelo de São Jorge. Este seria um dos muitos núcleos humanos desenvolvidos no período pré-histórico. Através da ação povoadora dos romanos (195 a.C.) e inerente desenvolvimento socioeconômico, em breve lhe seria atribuída a classificação de “município” (CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA-PT, 2013).

²⁵ Nome dado a várias povoações fortificadas, pré-romanas, da Península Hispânica. Informação retirada do sítio Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2010), disponível em: <http://www.priberam.pt/>, acesso em: 04 de maio de 2013.

Figura 4 - Mapa de Lisboa-PT

Fonte: Google Imagens. Acesso em maio de 2013. Adaptado.

A crise do século III, que fragilizou a sociedade romana, teve os seus reflexos em toda a Península Ibérica. As sucessivas invasões de novos povos (germanos em 500 d. C. e árabes em 700 d.C.) transformaram a fisionomia da população. Devido ao clima de insegurança e de guerra, a cidade adquiriu uma feição de fortaleza na qual se refugiaram os habitantes fugidos do avanço dos exércitos cristãos. No período da Reconquista Cristã, a Lisboa muçulmana era uma cidade cobiçada e foi várias vezes atacada e ocupada pelos exércitos cristãos. Lisboa era, então, o mais opulento centro comercial de toda a África e de uma grande parte da Europa²⁶.

Em 1147, D. Afonso Henriques, 1º Rei de Portugal, conquistou a cidade de Lisboa. A cidade tornou-se capital do reino em 1255, devido à sua localização estratégica. Nos últimos séculos da Idade Média, a cidade expandiu-se e tornou-se um importante porto com comércio estabelecido com o norte da Europa e com as cidades costeiras do Mar Mediterrâneo. Em 1290, o rei Dom Dinis mandou estabelecer a primeira universidade de Portugal em Lisboa (que foi transferida para Coimbra em 1308),

²⁶ Informações retiradas do sítio da Câmara Municipal de Lisboa-PT, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/>, acesso em: 04 de maio de 2013.

quando a cidade já dispunha de grandes edifícios religiosos e conventuais, de acordo com Costa (1940).

D. Fernando, então Rei de Portugal, perante as ameaças da Espanha, criou uma nova muralha de defesa, em 1373-75. O novo capítulo da história de Lisboa ocorreu com a grande revolução da Crise de 1383-85. Após a morte de D. Fernando, D. João I, então Rei de Portugal, criou a primeira urbanização na colina do Carmo, em 1400. A Corte de D. Manuel I abandona o castelo e fixa o Paço Real no Terreiro do Paço, onde se centrou toda a vida comercial da cidade, por volta de 1500²⁷. Surgiu, também, por volta desse mesmo ano, no Bairro Alto o primeiro loteamento renascentista, que cresceu como bairro popular, embora posteriormente tenha se transformado numa zona onde a aristocracia veio a construir os seus palacetes. O Bairro Alto marcou a passagem do século XVI para o século XVII na vida urbana de Lisboa e a aquisição de uma consciência urbanística e arquitetônica, segundo Costa (1940).

O século XVIII marca para Lisboa a data de um período de desenvolvimento. Apesar do terremoto, que abrangeu as zonas mais urbanas da cidade, e do incêndio que devastou três mil casas das vinte mil existentes, nasceu a Lisboa Pombalina. Em 1755-76, a Lisboa Pombalina tinha como impulsionador o Marquês de Pombal que era, nessa mesma época, o Primeiro Ministro do Rei D. José. O plano, sem dúvida inovador, baseava-se em ruas alinhadas, tendo atenção à resistência, visto as ações sísmicas do território. A partir de 1780, a cidade passa a ter iluminação pública e em 1801 as ruas passam a receber nomes²⁸.

Nos primeiros anos do século XIX, Portugal foi invadido pelas tropas de Napoleão Bonaparte que obrigaram o rei D. João VI a retirar-se temporariamente para o Brasil. A cidade viveu intensamente as lutas liberais e iniciou-se uma época de desenvolvimento de cafés e de teatros. O centro cultural e comercial da cidade passou para o Chiado por volta de 1880, segundo Costa (1940). Em meados desse mesmo ano, foram fundados os Clubes, como o Grêmio Literário famoso das histórias de Eça de Queirós.

²⁷ Nesse mesmo ano, os primeiros portugueses chegaram ao chamado “Novo Mundo” (América), e com eles o navegador Pedro Álvares Cabral que desembarcou no novo território (Brasil).

²⁸ Informações retiradas do sítio da Câmara Municipal de Lisboa-PT, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/>, acesso em: 05 de maio de 2013.

O século XX foi o período em que as touradas e o fado²⁹ se transformaram em verdadeiros entretenimentos populares. Entretanto, neste mesmo século, as elites impuseram a ditadura em 1907; a família real sofreu atentados em 1908; os operários organizaram greves em 1909; ocorreram várias revoltas populares em 1910; os monárquicos tentaram o golpe de estado que falhou em 1912; Portugal entra do lado aliado na Primeira Guerra Mundial em 1916; ocorre o fim da I República em 1926; novos bairros foram criados em Lisboa em 1930-43; o regime de Salazar e Marcello Caetano foi derrubado pela Revolução dos Cravos num golpe de estado realizado em Lisboa em 1974; Lisboa e o país passaram a ser governados por um regime democrático em 1974-75; deu-se a Assinatura do Tratado de Adesão à Comunidade Econômica Europeia em 1985; deu-se o Grande Incêndio do Chiado em 1988; Lisboa foi a Capital da Cultura em 1994; a segunda ponte de Lisboa, a Ponte Vasco da Gama, foi inaugurada em 1998, e é a quinta maior do mundo³⁰.

Dentre as principais manifestações festivas de caráter religioso e popular de Lisboa-PT, destacamos as festas em honra de Santo Antônio de Lisboa, que acontecem em toda a cidade e nos bairros mais tradicionais, que são enfeitados com balões e arcos decorativos. Todos os anos, a cidade organiza, nessa noite, as marchas populares, que são grandes desfiles alegóricos que descem a Avenida da Liberdade, que é a principal artéria da cidade³¹.

Linguisticamente, de acordo com Teyssier (1984), podemos formular várias hipóteses sobre a realização das fricativas palato-alveolares em coda silábica no PE. Em um primeiro momento, segundo o autor,

[...] seríamos tentados a ligar o fenômeno à transformação que o sistema das “sibilantes” sofreu no decorrer do século XVI: enquanto as antigas ápico-alveolares se transformavam em pré-dorsodentais em início de sílaba, elas se teriam palatalizado em final de sílaba, tornando-se assim chiantes. [...] Uma segunda hipótese se afigura, então, mais provável: os -s e -z implosivos teriam sido inicialmente sibilantes, e, em época mais

²⁹ Estilo musical português.

³⁰ Informações retiradas do sítio da Câmara Municipal de Lisboa-PT, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/>, acesso em: 05 de maio de 2013.

³¹ Informações disponíveis em: <https://www.visitportugal.com/>, acesso em: 06 de maio de 2013.

tardia, compreendida entre o século XVI e a data do primeiro testemunho (Verney, 1949), é que se teria produzido o chiamento (TEYSSIER, 1984, p. 46).

Com base nisso, pressupomos que, no século XVII, as fricativas palato-alveolares, ou seja, chiantes [ʃ, ʒ] já eram produzidas no PE (principalmente na área centro-meridional de Portugal, inclusive em Lisboa, assim como também no arquipélago dos Açores), sendo que, no PB, a pronúncia das chiantes está relacionada aos antigos portos e à comunicação marítima dos séculos XVIII e XIX. Podemos considerar, então, que a realização da fricativa palato-alveolar iniciou-se entre os séculos XVI-XVII e, por volta dos séculos XVIII e XIX, os brasileiros já conheciam tal pronúncia advinda de Portugal, bem como dos Açores (FURLAN, 1989).

Em termos de população, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística – INE (2011), há 2,8 milhões de habitantes na grande região de Lisboa, dos quais 547.631 residem na cidade, sendo 45,82% do sexo masculino e 54,18% do sexo feminino. As cerca de 244.350 famílias espalham-se por 323.937 alojamentos existentes na cidade.

Com relação à atual economia, Lisboa é o principal e mais desenvolvido centro financeiro de Portugal, e um dos mais importantes da Europa. A maioria das sedes das multinacionais existentes no país está situada em Lisboa e é ainda a 6ª cidade em nível mundial que mais recebe congressos internacionais. A Área Metropolitana de Lisboa é altamente industrializada, especialmente na zona sul do rio Tejo. As indústrias principais consistem em refinarias de petróleo, indústrias têxteis, estaleiros, siderurgia e pesca. É por essas razões considerada o segundo centro financeiro e econômico mais importante na Península Ibérica, apenas atrás de Madri, capital da Espanha³².

³² Informações retiradas do sítio da Câmara Municipal de Lisboa-PT, disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/>, acesso em: 06 de maio de 2013.

CAPÍTULO 2 – REVISÃO DA LITERATURA

Muito já se tem dito sobre a realização da fricativa alveolar /s/ em diversas regiões do Brasil: Florianópolis-SC (FURLAN, 1982; BRESCANCINI, 1996, 2002; ŠMAICLOVÁ, 2010; BASSI, 2011); Rio de Janeiro-RJ (CALLOU; MARQUES, 1975³³; CALLOU; MORAES, 1996; SCHERRE; MACEDO, 2000; GRYNER; MACEDO, 2000; CALLOU; BRANDÃO, 2009; BASSI, 2011; MELO, 2012); Natal-RN (PESSOA, 1986); Brasília-DF (CORRÊA, 1998); Salvador-BA (CANOVAS, 1991; MOTA, 2002); João Pessoa-PB (HORA, 2000); Rio de Janeiro-RJ, Belém-PA, Florianópolis-SC, Macapá-AP, Recife-PE, Manaus-AM, Cuiabá-MT, Salvador-BA (MOTA, 2012). Percebemos, então, que o estudo da variação da fricativa /s/ é recorrente no Brasil.

Isto posto, apresentamos, primeiramente, os estudos sobre a realização da fricativa alveolar /s/ em coda silábica em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ; depois, faremos o mesmo sobre os estudos do fenômeno em outras regiões do Brasil. Do mesmo modo, apresentamos, ainda, uma revisão da literatura sobre a realização da fricativa alveolar /s/ no território português.

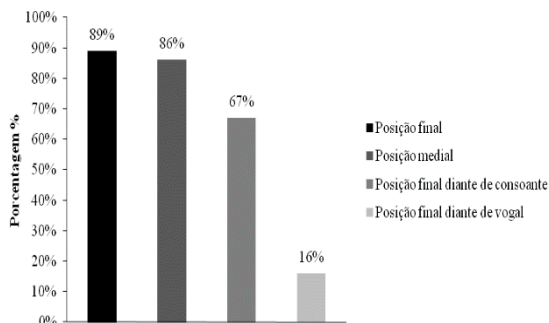
2.1 PESQUISAS REALIZADAS EM FLORIANÓPOLIS-SC

A tese de doutorado de Furlan (1982) é sobre as realizações de /s/ pós-vocálico em Florianópolis-SC. O autor observa que a variante palato-alveolar é a mais recorrente, apresentando-se em 78% dos dados coletados. Quanto às variáveis linguísticas, o autor menciona que o contexto seguinte e a posição final absoluta da fricativa na palavra influenciam na realização da variante palato-alveolar. O contexto posicional final da fricativa obteve um percentual de 89%, sendo o contexto que apresentou a maior frequência para a realização da palato-alveolar. A posição medial teve um percentual de 86%, sendo seguido pela posição final de palavra diante de consoante (67%) e diante de vogal (16%). O autor constata, também, que há uma tendência ao favorecimento da fricativa palato-alveolar diante de consoantes surdas, como em prefixos, em palavras que possuam outra consoante fricativa palato-alveolar e em proparoхítonas e paroxítonas. Para melhor visualizar esses

³³ Um dos primeiros estudos em sociolinguística no Brasil, que demonstra a relação entre as variantes de /s/ final e fatores sociais, como procedência, nível cultural, profissão e idade.

resultados apresentados por Furlan (1982), podemos observar o Gráfico 1.

Gráfico 1 - A posição silábica da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC



Fonte: Elaboração própria com base em Furlan (1982).

Furlan (1982), ao dividir o litoral do estado de Santa Catarina em três áreas de falares de base açoriana distinta (falar do norte, falar central e falar do sul), concluiu que a maior incidência da variante palato-alveolar ocorre na região denominada falar central, incluindo, então, Florianópolis.

Brescancini (1996), em sua dissertação de mestrado, analisa dados de 36 informantes de três regiões de Florianópolis-SC (Freguesia do Ribeirão da Ilha, Sertão do Ribeirão da Ilha e o Distrito de Florianópolis-Centro) em entrevistas por ela mesma gravadas, que hoje compõem uma das amostras complementares do banco de dados VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil)³⁴. A realização total de ocorrências da variante palato-alveolar em coda silábica chega a 61% dos dados analisados nas três localidades pesquisadas, sendo que a autora leva em conta como variável dependente a fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, a fricativa alveolar /s, z/, a fricativa glotal /h, ħ/ e o zero fonético.

³⁴ O Banco de Dados VARSUL é formado por 288 entrevistas de zonas urbanas distribuídas igualmente entre quatro cidades de cada um dos três estados da região Sul do Brasil: Rio Grande do Sul (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi e São Borja), Santa Catarina (Florianópolis, Blumenau, Lages e Chapecó) e Paraná (Curitiba, Pato Branco, Londrina e Irati). Trata-se de um banco de dados linguísticos e socioculturais para estudos de fonologia, morfologia, sintaxe, léxico e discurso. Informações disponíveis em: <http://www.varsul.org.br/>, acesso em: 29 de agosto de 2012.

A autora concluiu, na pesquisa realizada em 1996, que as variáveis linguísticas que se mostraram mais relevantes para o estudo são: o traço [-voz] da consoante seguinte (87%), a tonicidade (contextos tônicos 65% e pretônicos 63%), a posição da fricativa na palavra (posição medial 85%), os itens lexicais (numerais 90% e substantivos 85%), o contexto precedente (vogais labiais 84% e coronais 80%) e o contexto seguinte (consoantes dorsais 86%). Dentre as variáveis extralinguísticas, o sexo feminino (78%), os falantes com maior grau de interação sociocultural (76%), os falantes com menor nível de instrução (até 04 anos de escolarização 78%) e os informantes mais jovens demonstraram uma frequência um pouco maior (76%) na realização do fenômeno em questão. No entanto, salientamos, de acordo com Brescancini (1996), que os resultados obtidos dentre as variáveis extralinguísticas não foram mais relevantes do que os resultados obtidos através da análise das variáveis linguísticas.

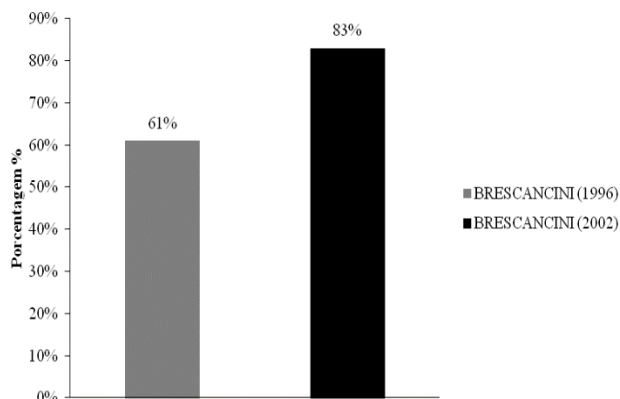
A análise dos resultados na tese de doutorado de Brescancini (2002) apontou a variante palato-alveolar como predominante no dialeto florianopolitano em 83% dos dados selecionados. Nesse estudo, Brescancini analisou o português falado em três distritos do município de Florianópolis-SC (distrito de Florianópolis, distrito do Ribeirão da Ilha e distrito da Barra da Lagoa) na fala de 88 informantes. O corpus referente ao distrito de Florianópolis conta com 30 entrevistas do banco de dados VARSUL, coletadas em 1990, 1997, 1998 e 1999, além de 18 entrevistas coletadas entre 2000 e 2001, atingindo, portanto, um total de 48 entrevistas, segundo Brescancini (2002).

Dentre as variáveis linguísticas propostas, levando em conta a variável dependente (fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa alveolar /s, z/, fricativa glotal /h, fi/ e zero fonético), mostraram-se mais relevantes para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda, de acordo com Brescancini (2002), o contexto seguinte ([-voz] - 90%), o contexto precedente (vogal dorsal - 89% e labiais - 87%), o contexto seguinte (consoantes dorsais - 90% e coronais [-anterior] - 90%), o acento (sílabas pretônicas - 93%, pré-pretônicas - 91% e tônicas - 77%), a função morfológica (morfema de plural - 87%) e a posição da fricativa na palavra (posição medial - 88%). Já, quanto às variáveis extralinguísticas propostas, segundo Brescancini (2002), mostraram-se mais relevantes o gênero (feminino - 87%), o nível de escolaridade (escolaridade alta - 87%), a região (distrito da Barra da Lagoa - 85%) e a faixa etária (61anos ou mais - 84%).

Com o objetivo de descrever e analisar o papel que um conjunto de dimensões linguísticas e sociais desempenha na situação de variação verificada em posição de coda, a fricativa palato-alveolar e a palatalização foram examinadas e relacionadas à luz dos pressupostos da fonologia não linear, Geometria de Traços, e a análise realizada à luz da Teoria da Variação Linguística que permitiu que o processo de palatalização em coda silábica fosse sistematizado, conforme Brescancini (2002).

Esse estudo, elaborado por Brescancini (2002), comparado ao resultado do estudo realizado pela autora em 1996 demonstra um aumento na realização da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC³⁵. Podemos observar os resultados alcançados por Brescancini (1996; 2002) no Gráfico 2.

Gráfico 2 - A variação da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC



Fonte: Elaboração própria com base em Brescancini (1996; 2002).

Šmaiclová (2010) analisa a produção da fricativa palato-alveolar em coda silábica na fala de informantes nativos da Costa da Lagoa, do município de Florianópolis-SC, sob a perspectiva da Teoria da Variação Linguística laboviana. Segundo a autora, os dados utilizados para análise

³⁵ Entretanto, salientamos que as amostras não apresentam uma diferença temporal que permita a hipótese de mudança. O aumento verificado possivelmente se explica em função da inserção na análise dos dados de 2002 da amostra Barra da Lagoa, que apresenta a taxa mais alta de palatalização, conforme Brescancini (2002).

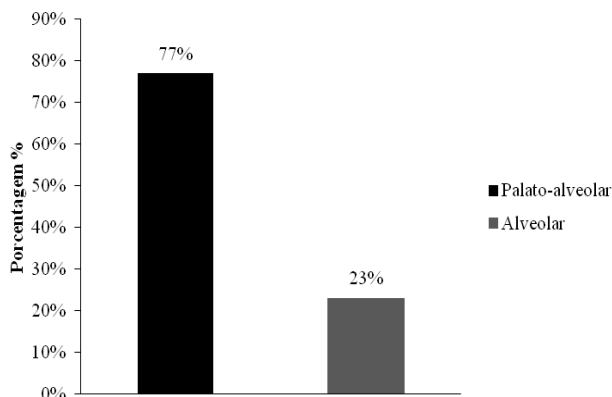
quantitativa fazem parte do banco de dados do projeto VARSUL e outra parte dos dados foi coletada pela autora entre junho e julho de 2009. Para verificar o comportamento da fricativa alveolar em coda silábica foram utilizadas oito entrevistas, cinco amostras coletadas pela autora e três provenientes do VARSUL. Todas as entrevistas têm duração de 20 a 60 minutos, sendo que o tempo das entrevistas utilizado na pesquisa da autora foi de 10 minutos, conforme Šmaiclová (2010).

A autora investiga como variáveis linguísticas a sonoridade da consoante seguinte ([+voz], [-voz] e zero), a tonicidade (pretônica, tônica e postônica), o tipo de item lexical (numerais, substantivos, verbos, adjetivos, pronomes, advérbios, nomes próprios e conjunções), o contexto precedente (vogal dorsal, vogais coronais, vogais labiais, semivogal coronal, semivogal labial) e o contexto seguinte (consoantes dorsais, consoantes coronais, consoantes labiais). Com relação às variáveis extralinguísticas, Šmaiclová (2010) seleciona o nível de escolaridade³⁶ (nível primário completo ou incompleto - até quatro anos de escolaridade e nível superior - graduação completa) e a faixa etária (15 a 25 anos, 26 a 50 anos e mais de 50 anos).

Šmaiclová (2010) obteve como resultados para o seu estudo, levando em conta a variável dependente (fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/ e fricativa alveolar /s, z/), um percentual de 77% de realização da variante palato-alveolar no falar dos informantes da Costa da Lagoa. Além disso, dentre as variáveis linguísticas, a autora revela que o programa estatístico (GOLDVARB 2001) selecionou como variáveis mais influentes na realização da fricativa palato-alveolar o contexto seguinte (consoantes dorsais - 90% e coronais - 86%), a faixa etária (mais de 50 anos - 93%), o nível de escolaridade (primário completo ou incompleto - 77%) e o vozeamento ([+voz] - 87%). Observamos os resultados gerais alcançados por Šmaiclová (2010) no Gráfico 3.

³⁶ A autora ressalta que desconsiderou a célula que compreende os informantes da faixa etária de mais de 50 anos com nível superior, visto que não foram encontrados informantes com esse perfil na referida localidade.

Gráfico 3 - A variação da fricativa palato-alveolar na Costa da Lagoa (Florianópolis-SC)



Fonte: Elaboração própria com base em Šmaiclová (2010).

Bassi (2011) analisa a realização da fricativa alveolar em coda silábica no falar florianopolitano e carioca, sob uma abordagem fonológica e geolinguística. Para verificar a realização da fricativa alveolar /s/ em coda silábica foram utilizadas, pela autora, oito entrevistas de cada ponto geográfico provenientes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)³⁷.

A autora investiga como variáveis linguísticas a posição da fricativa na palavra (posição medial, pausa seguida de consoante, pausa seguida de vogal, juntura intervocabular – sândi³⁸, posição final absoluta

³⁷ O ALiB abrange 250 localidades, distribuídas por todo o território brasileiro e 1.100 informantes. Possui mais de 500 questões, distribuídas em Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Semântico-Lexical (QSL) e em Questionário Morfossintático (QMS). Além disso, possui questões referentes à pragmática e à prosódia, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos, questões de natureza metalinguística e texto para leitura. Informações retiradas do site do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), disponível em: <http://www.alib.ufba.br/>, acesso em: 10 de junho de 2013.

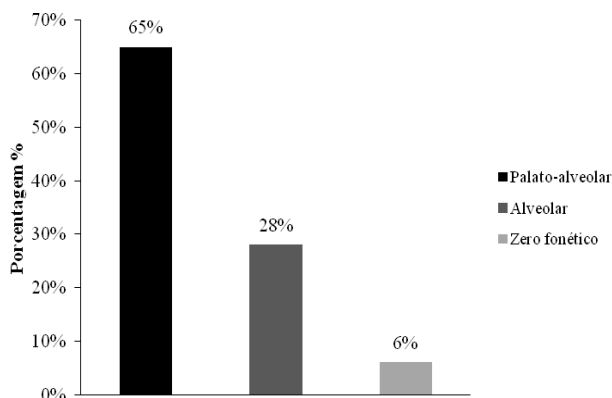
³⁸ O termo *sandhi* remonta aos Gramáticos Sânskritos que o utilizavam para designar os processos sonoros resultantes da justaposição de morfemas, no interior de palavras (sandhi interno), ou da concatenação de palavras, no interior de frases (sandhi externo).

e ausência da fricativa³⁹), a tonicidade (pretônico,ônico, postônico e ausência da fricativa), o contexto fonológico precedente à fricativa (vogais labiais, vogais coronais, vogal dorsal, semivogal coronal, semivogal labial, nasal e ausência de contexto fonológico precedente), o contexto fonológico seguinte à fricativa (consoantes dorsais, consoantes coronais anteriores, consoantes labiais e ausência de contexto fonológico seguinte), o traço [voz] ([-voz], [+voz] e zero) e o número de sílabas (monossílabo, dissílabo, trissílabo e ausência da fricativa). Em relação às variáveis extralinguísticas, a autora optou por dimensão diasssexual (feminino e masculino), dimensão diastrática (escolaridade baixa – até a 7ª série e escolaridade alta – nível universitário), dimensão diageracional (faixa etária 1 – mais jovens – 18 a 30 anos e faixa etária 2 – mais velhos – 50 a 65 anos) e dimensão diafásica (respostas aos questionários, conversa semidirigida e leitura de texto).

Bassi (2011) obteve como resultados para o seu estudo, levando em conta a variável dependente (fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa alveolar /s, z/ e zero fonético), um percentual de 65% de realização da variante palato-alveolar no falar dos informantes florianopolitanos. Além disso, dentre as variáveis linguísticas, a autora revela como variáveis mais influentes na realização da fricativa palato-alveolar a posição da fricativa na palavra (posição medial - 38%), a tonicidade (contextoônico - 28%), o contexto precedente (vogais coronais - 31%), o contexto seguinte (ausência de contexto fonológico seguinte - 28%), o traço [voz] ([-voz] - 57%) e o número de sílabas (trissílabo - 29%). Já quanto às variáveis extralinguísticas, Bassi (2011) observa como variáveis mais influentes, na realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica, a dimensão diasssexual (sexo feminino - 35%), a dimensão diageracional (faixa etária 2 que compreende os informantes de 50 a 65 anos - 36%), a dimensão diastrática (escolaridade baixa - 36%) e a dimensão diafásica (resposta aos questionários - 93%). Podemos observar os resultados gerais alcançados por Bassi (2011) no Gráfico 4.

³⁹ Bassi (2011) salienta que a variável ‘ausência da fricativa’ foi acrescentada em alguns grupos de fatores, visto que na entrevista de um informante florianopolitano o Discurso Semidirigido e a Leitura de Texto não foram contempladas. Então, para que a autora pudesse codificar os outros dados desse mesmo participante, teve de adicionar essa variável à sua pesquisa.

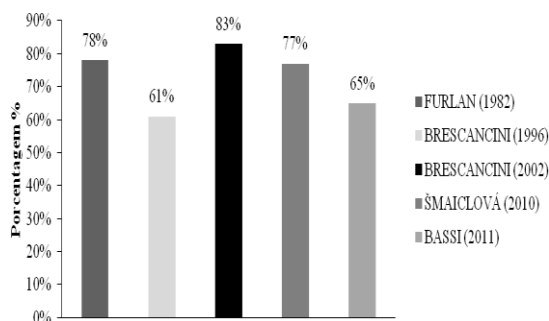
Gráfico 4 - A variação da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC (amostra ALiB)



Fonte: Elaboração própria com base em Bassi (2011).

Para contemplação geral dos resultados obtidos nas pesquisas de Furlan (1982), Brescancini (1996; 2002), Šmaiclová (2010) e Bassi (2011), visualizamos o Gráfico 5 que exhibe os resultados da realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica no falar florianopolitano, resultados esses que foram apresentados pelos autores em questão. Os dados do Gráfico 5 mostram que, em Florianópolis-SC, a produção da variante palato-alveolar existe e sua ocorrência está em equilíbrio, visto que ora a frequência da fricativa palato-alveolar aumenta, ora diminui.

Gráfico 5 - A realização da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC conforme diversos estudos



Fonte: Elaboração própria com base em Furlan (1982), Brescancini (1996; 2002), Šmaiclová (2010) e Bassi (2011).

Conforme as pesquisas de Brescancini, os resultados de 1996 totalizam 61% de realizações da variante palato-alveolar e os dados analisados seis anos depois, em 2002, alcançam 83% de ocorrências dessa mesma variante. Há, portanto, um aumento na frequência de realizações da variante palato-alveolar nos estudos de Brescancini (1996; 2002).

No entanto, os estudos de Šmaiclová (2010) e de Bassi (2011), se comparados às pesquisas de Furlan (1982) e de Brescancini (2002), indicam um decréscimo na realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica no falar florianopolitano, visto os percentuais apresentados pelas autoras. Há que se considerar, no entanto, que as amostras não são as mesmas. Além disso, 50% dos dados do ALiB, analisados por Bassi (2011), contemplam a fala de informantes com escolaridade superior, e todos os informantes da amostra são urbanos.

Podemos observar, acerca dos estudos resenhados nessa seção, que a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica no falar florianopolitano ocorre com influência maior nos contextos em que essa variante é produzida na posição medial, seguida de um contexto [-voz], diante de vogais labiais e coronais, seguida de consoantes dorsais e coronais, por informantes femininos de faixa etária mais elevada e com menor grau de instrução. Com base nisso, verificamos quanto à realização da fricativa palato-alveolar no falar florianopolitano que os resultados, alcançados pela maioria dos autores aqui resenhados, parecem indicar uma possível variação estável.

2.2 PESQUISAS REALIZADAS NO RIO DE JANEIRO-RJ

Callou e Marques (1975) analisam a realização da fricativa alveolar em coda silábica no falar carioca com base em 2.669 dados provenientes de 36 entrevistas com informantes oriundos de seis áreas da capital (Zona Sul, Campo Grande, Jacarepaguá, Zona Norte, Madureira e Centro), distribuídos por três níveis de escolaridade (primário, secundário e superior) e com idades entre 20 e 40 anos. As autoras levam em conta, portanto, dois parâmetros, a saber: o diatópico (localidade) e o diastrático (escolaridade).

Callou e Marques (1975) relatam como resultados do seu estudo, levando em conta a variável dependente (fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa glotal /h, fi/ e zero fonético), um percentual de 85% de realização da variante palato-alveolar no falar dos informantes cariocas. Além disso, dentre as variáveis linguísticas analisadas, as autoras revelam como variáveis mais influentes a posição da fricativa na palavra (posição final absoluta e posição medial) e o vozeamento (diante de consoantes [+voz]). Já quanto as variáveis extralinguísticas, as autoras observam como variáveis mais influentes na realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica a dimensão diatópica (Campo Grande - 98% e Jacarepaguá - 93%) e o nível de escolaridade (nível superior - 97%).

Com base na metodologia sociolinguística quantitativa laboviana, a pesquisa de Callou e Moraes (1996) abrange 30 inquéritos do tipo diálogo entre informante e documentador (DID), da amostra do Projeto NURC/Brasil⁴⁰, sendo seis informantes de cada capital brasileira, a saber: Recife-PE, Salvador-BA, Rio de Janeiro-RJ, São Paulo-SP e Porto Alegre-RS. Os autores, baseados no elevado grau de polimorfismo do segmento /s/ pós-vocálico, procuraram verificar a realização da fricativa alveolar a fim de correlacionar esse segmento às áreas dialetais analisadas.

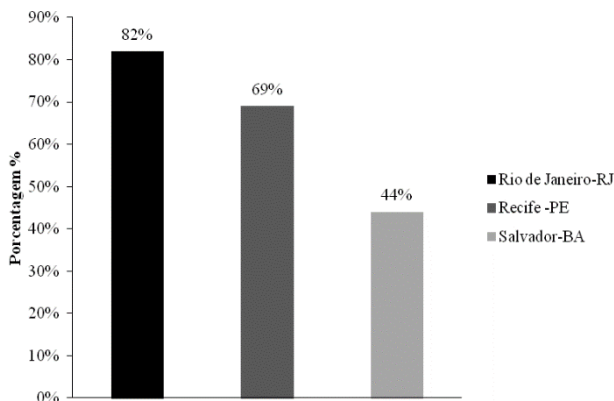
Com relação à posição da fricativa na palavra, levando em conta a variável dependente (fricativa alveolar /s, z/, fricativa palato-alveolar /ʃ,

⁴⁰ O Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (Projeto NURC/Brasil) teve início em 1969 e vem se desenvolvendo em cinco cidades brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). O acervo do Projeto NURC constitui-se de entrevistas gravadas nas décadas de 70 e 90 do século XX, num total de 350 horas. Esse projeto objetiva descrever os padrões reais de uso na comunicação oral adotados pelo estrato social constituído de falantes com escolaridade de nível superior. Informações disponíveis em: <http://www.letas.ufrj.br/nurc-rj/>, acesso em: 07 de julho de 2013.

z/, fricativa glotal /h, fi/ e zero fonético), os autores relatam uma tendência no sentido da realização da fricativa palato-alveolar em posição medial. Com isso, os autores apresentam um aumento nos percentuais de ocorrência da fricativa palato-alveolar de 5% a 9% em São Paulo-SP, de 3% a 23% em Porto Alegre-RS, de 75% a 90% no Rio de Janeiro-RJ, de 32% a 56% em Salvador-BA e de 55% a 84% em Recife-PE.

Callou e Moraes (1996) levam em consideração três faixas etárias (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 56 anos) e o sexo dos informantes. Assim, quanto à interação sexo/faixa etária, os autores delineiam uma curva de variação estável, com comportamentos diferenciados por sexo, em São Paulo-SP e Porto Alegre-RS, bem como no Rio de Janeiro-RJ e em Recife-PE, com percentuais que indicam a realização palato-alveolar. Conforme os autores, Salvador-BA apresenta um comportamento diferenciado, visto que há percentuais intermediários, com uma curva de variação estável para os homens e de mudança em favor da realização palato-alveolar para as mulheres (ápice de frequência na faixa mais jovem).

Quanto à distribuição geográfica, os autores verificam que São Paulo-SP e Porto Alegre-RS apresentam certa homogeneidade na realização quase absoluta da variante alveolar; no Rio de Janeiro-RJ, a variante palato-alveolar predominou em 82% das realizações do fenômeno; no Recife-PE esta última variante, também, prevaleceu em 69% das ocorrências da fricativa palato-alveolar; e em Salvador-BA ocorreu certo equilíbrio na produção das variantes (45% alveolar e 44% palato-alveolar). Para melhor visualizarmos e/ou compararmos os resultados apresentados na pesquisa de Callou e Moraes (1996), observamos o Gráfico 6.

Gráfico 6 - Realizações da variante palato-alveolar (amostra NURC)

Fonte: Elaboração própria com base em Callou e Moraes (1996).

Scherre e Macedo (2000) analisam 3.914 dados produzidos por 18 informantes da amostra Censo 1980⁴¹, divididos por sexo, faixa etária e nível de escolaridade. A pesquisa quantitativa laboviana em questão compreende a variação da fricativa alveolar /s/, com vistas a relacionar essa variação com o morfema de plural -s, juntamente com as regras de concordância. Nesse estudo, as autoras observam as seguintes variáveis linguísticas: contexto fonético-fonológico seguinte; contexto vocálico precedente; posição da fricativa na palavra, número de sílabas e tonicidade; classe gramatical e itens lexicais específicos.

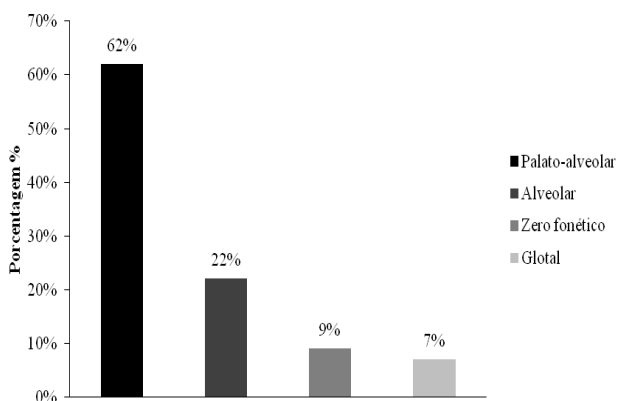
As autoras demonstram com apoio do programa estatístico VARBRUL, levando em conta a variável dependente (fricativa alveolar /s, z/, fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa glotal /h, fi/ e zero fonético), como variáveis linguísticas relevantes e que ocorrem com uma maior incidência na realização da variante palato-alveolar: o contexto seguinte à fricativa (consoantes surdas); o tipo de item lexical (verbos e nomes próprios) e a posição da fricativa na palavra (posição medial).

As autoras constataam, também, uma predominância das variantes palato-alveolares (62%), seguidas das variantes alveolares (22%), do zero

⁴¹ A amostra Censo da Variação Linguística - Censo 1980 é constituída por 64 falantes do Rio de Janeiro, os quais se distribuem em sexo (feminino e masculino), em três níveis de escolaridade (1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental e Ensino Médio) e em quatro faixas etárias (07 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e acima de 50 anos).

fonético (9%) e das variantes glotais (7%). Quanto às variáveis extralinguísticas, as mulheres, os menos escolarizados e os mais jovens, foram os que mais realizaram a variante palato-alveolar. Este fato aponta para uma situação de fortalecimento e/ou conservação da pronúncia palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ. Podemos demonstrar melhor os resultados do estudo de Scherre e Macedo (2000), sobre a realização da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ, no Gráfico 7.

Gráfico 7 - Variação da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ (amostra Censo 1980)



Fonte: Elaboração própria com base em Scherre e Macedo (2000).

O estudo de Gryner e Macedo (2000) refere-se ao processo de realização da fricativa alveolar /s/ em coda silábica na comunidade rural de Cordeiro-RJ, situada na divisa do estado do Rio de Janeiro com Minas Gerais. A amostra das autoras conta com um total de 5.000 dados e é composta por 22 informantes de ambos os sexos, distribuídos em três faixas etárias (13 a 30 anos, 31 a 50 anos e acima de 51 anos) e em dois níveis de escolaridade (primário e universitário).

Para a pesquisa quantitativa de Gryner e Macedo (2000), levando em conta a variável dependente (fricativa alveolar /s, z/, fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa glotal /h, fi/ e zero fonético), foram relevantes na realização da fricativa palato-alveolar as seguintes variáveis linguísticas: impedimento da passagem de ar na articulação do segmento seguinte (maior ocorrência diante de consoantes), ponto de articulação das consoantes seguintes (consoantes coronais), sonoridade das consoantes seguintes (consoantes surdas), modo de articulação das consoantes

seguintes (consoantes contínuas) e posição da fricativa na palavra (posição medial). Quanto às variáveis extralinguísticas, as autoras relatam que somente o nível de escolaridade (nível universitário) foi relevante para a realização da fricativa palato-alveolar.

Callou e Brandão (2009) sustentam, no seu estudo sobre a realização da fricativa alveolar em coda silábica na cidade do Rio de Janeiro-RJ, que há um considerável aumento de realização da variante palato-alveolar entre os falantes com maior escolaridade. As autoras concluem, ainda, levando em conta a variável dependente (fricativa alveolar /s, z/, fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa glotal /h, fi/ e zero fonético), que na fala carioca a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica ocorre independentemente do nível de escolaridade, do sexo e da faixa etária do informante. Entretanto, no que se refere ao norte e noroeste do estado do Rio de Janeiro, as autoras afirmam que predomina a realização da variante alveolar, a exemplo do que ocorre na Região Serrana do estado.

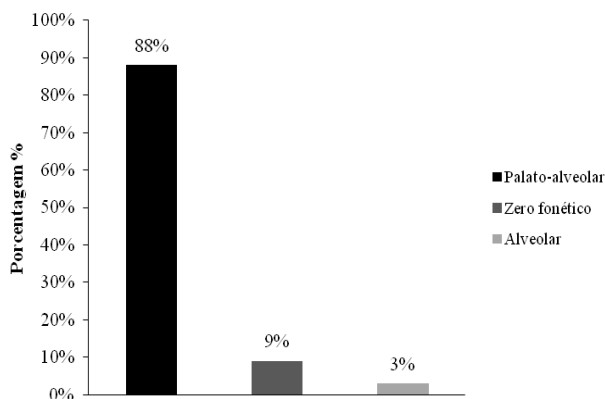
Bassi (2011)⁴² investiga como variáveis linguísticas a posição da fricativa na palavra (posição medial, pausa seguida de consoante, pausa seguida de vogal, juntura intervocabular – sândi, posição final absoluta e ausência da fricativa), a tonicidade (pretônico,ônico, postônico e ausência da fricativa), o contexto fonológico precedente à fricativa (vogais labiais, vogais coronais, vogal dorsal, semivogal coronal, semivogal labial, nasal e ausência de contexto fonológico precedente), o contexto fonológico seguinte à fricativa (consoantes dorsais, consoantes coronais anteriores, consoantes labiais e ausência de contexto fonológico seguinte), o traço [voz] ([-voz], [+voz] e zero) e o número de sílabas (monossílabo, dissílabo, trissílabo e ausência da fricativa). Em relação às variáveis extralinguísticas, a autora optou por dimensão diasssexual (feminino e masculino), dimensão diastrática (escolaridade baixa – até a 7ª série e escolaridade alta – nível universitário), dimensão diageracional (faixa etária 1 – mais jovens – 18 a 30 anos e faixa etária 2 – mais velhos – 50 a 65 anos) e dimensão diafásica (respostas aos questionários, conversa semidirigida e leitura de texto).

Bassi (2011) obteve como resultados para o seu estudo, levando em conta a variável dependente (fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa alveolar /s, z/ e zero fonético), um percentual de 88% de realização da

⁴² Citamos novamente Bassi (2011), visto que a sua pesquisa sobre a realização da fricativa alveolar /s/ em coda silábica contempla tanto dados de Florianópolis-SC quanto do Rio de Janeiro-RJ.

variante palato-alveolar no falar dos informantes cariocas. Além disso, dentre as variáveis linguísticas a autora revela como variáveis mais influentes na realização da fricativa palato-alveolar a posição da fricativa na palavra (posição medial - 46%), a tonicidade (contexto tônico - 41%), o contexto precedente (vogais coronais - 33%), o contexto seguinte (ausência de contexto fonológico seguinte - 42%), o traço [voz] ([-voz] - 77%) e o número de sílabas (trissílabo - 41%). Já quanto as variáveis extralinguísticas, Bassi (2011) observa como variáveis mais influentes na realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica a dimensão diasssexual (sexo masculino - 47%), a dimensão diageracional (faixa etária 1 que compreende os informantes de 18 a 30 anos - 48%), a dimensão diastrática (escolaridade baixa - 46%) e a dimensão diafásica (conversa semidirigida - 81%). Podemos observar os resultados gerais alcançados por Bassi (2011) no Gráfico 8.

Gráfico 8 - A variação da fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ (amostra ALiB)



Fonte: Elaboração própria com base em Bassi (2011).

Melo (2012) analisa o comportamento da fricativa alveolar em coda silábica no falar carioca com foco especial para a realização da fricativa glotal /h, fi/, sob uma abordagem sociolinguística quantitativa laboviana. Para verificar a realização da fricativa alveolar /s/ foram

utilizadas, pelo autor, oito entrevistas da amostra EJLA⁴³ e oito entrevistas da amostra Censo 2000⁴⁴.

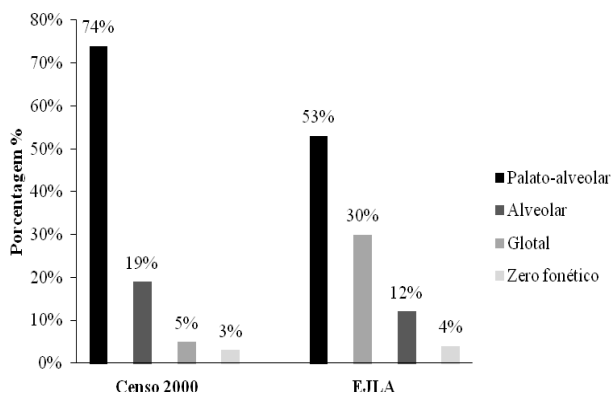
O autor investiga como variáveis linguísticas o contexto seguinte à fricativa (consoante soante, obstruinte sonora, obstruinte surda, vogal e pausa), o número de sílabas (monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo), a tonicidade (tônico, pretônico e átono final), o *status* morfológico (morfêmico e não morfêmico) e a posição da fricativa na palavra (posição medial e posição final). Em relação às variáveis extralinguísticas, o autor optou por faixa etária (15 a 25 anos e 26 a 49 anos), por sexo (feminino e masculino), por nível de escolaridade (ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo e ensino médio completo), pelos estilos de fala (não casual e casual) e por informantes. No entanto, Melo (2012) faz a análise dessas variáveis linguísticas e extralinguísticas levando em conta somente a variável dependente fricativa glotal /h, fi/.

Verificamos no Gráfico 9 e no Gráfico 10 os resultados gerais alcançados por Melo (2012), os quais contemplam a variável dependente fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa alveolar /s, z/, fricativa glotal /h, fi/ e zero fonético das duas amostras analisadas pelo autor.

⁴³ Conforme Melo (2012), a amostra EJLA, composta por 14 indivíduos, foi constituída entre os anos de 2008 e 2009. A amostra foi batizada com as iniciais da instituição onde os indivíduos encontravam-se cumprindo medida socioeducativa de internação: Escola João Luís Alves que se situa na Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Todos os informantes que compõem a amostra EJLA são do sexo masculino e tinham entre de 14 a 20 anos, na época das entrevistas. As entrevistas contemplam a metodologia sociolinguística laboviana e têm uma duração de 30 a 60 minutos.

⁴⁴ A amostra Censo 2000, composta por 32 horas de gravações e constituída entre os anos de 1999 e 2000, baseou-se nos mesmos parâmetros da amostra Censo 1980. Melo (2012) afirma que apesar de a amostra Censo 2000 ser constituída por falantes de quatro faixas etárias, assim como a amostra Censo 1980, apenas os informantes de duas faixas etárias (15 a 25 anos e 26 a 49 anos) foram selecionados para o seu estudo.

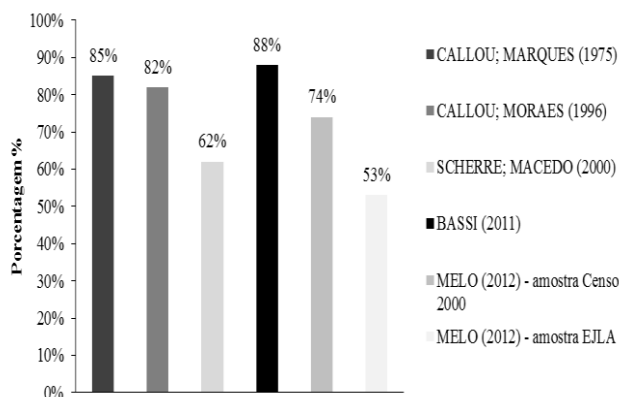
Gráfico 9 - A realização da fricativa alveolar /s/ no Rio de Janeiro-RJ (amostra Censo 2000 e EJLA)



Fonte: Elaboração própria com base em Melo (2012).

Para uma contemplação geral dos resultados obtidos nas pesquisas de Callou e Marques (1975), Callou e Moraes (1996), Scherre e Macedo (2000), Bassi (2011) e Melo (2012), visualizamos o Gráfico 10 que exibe os resultados da realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica no falar carioca, resultados esses que foram apresentados pelos autores em questão. Os dados do Gráfico 10 mostram que, no Rio de Janeiro-RJ, a fricativa palato-alveolar existe e sua ocorrência está em equilíbrio, visto que ora a frequência de realização da palato-alveolar aumenta, ora diminui.

Gráfico 10 - Os estudos realizados no Rio de Janeiro-RJ sobre a fricativa palato-alveolar



Fonte: Elaboração própria com base em Callou e Marques (1975), Callou e Moraes (1996), Scherre e Macedo (2000), Bassi (2011) e Melo (2012).

Conforme as pesquisas de Callou e Marques (1975), Callou e Moraes (1996) e de Scherre e Macedo (2000) há um decréscimo na frequência de realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica no falar carioca, visto os percentuais apresentados pelos autores. Entretanto, onze anos depois, o estudo de Bassi (2011) apresenta um aumento na frequência de realização da fricativa palato-alveolar no falar carioca, se comparado às pesquisas de Callou e Marques (1975), Callou e Moraes (1996) e de Scherre e Macedo (2000).

No entanto, se observarmos os resultados alcançados por Bassi (2011) e por Melo (2012) verificamos que há um decréscimo na realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica no falar carioca, visto os percentuais apresentados pelos autores. Há que se considerar que as amostras não são as mesmas. Além disso, 50% dos dados do ALiB, analisados por Bassi (2011), contemplam a fala de informantes com escolaridade superior, e todos os informantes da amostra são urbanos. Podemos observar, assim, que há um comportamento semelhante na realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica em Florianópolis-SC e no Rio de Janeiro-RJ, já que em ambas as localidades os estudos recentes apresentam um decréscimo na ocorrência da variante palato-alveolar.

Podemos verificar, acerca dos estudos resenhados nesta seção, que a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica no falar

carioca ocorre com maior influência nos contextos em que essa variante é produzida na posição medial, seguida de um contexto [-voz], diante de vogais coronais, por informantes femininos de faixa etária menos elevada e com maior grau de instrução. Com base nisso, observamos quanto à realização da fricativa palato-alveolar no falar carioca que os resultados, alcançados pela maioria dos autores aqui resenhados, parecem indicar uma possível mudança em progresso.

Passamos agora para os estudos realizados sobre a realização da fricativa alveolar /s/ em outras localidades brasileiras, que também são de suma importância, já que tratam do objeto em análise na presente pesquisa.

2.3 PESQUISAS REALIZADAS EM OUTROS TERRITÓRIOS BRASILEIROS

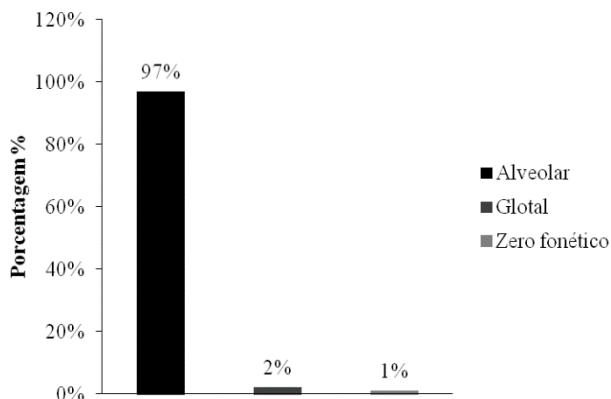
A pesquisa realizada por Pessoa (1986) sobre o falar de Natal-RN, a qual integrou o Projeto “O português de Natal: variantes sociolinguísticas”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, constitui uma amostra de quatro mulheres (duas com nível superior incompleto de classe média alta e duas com nível baixo de escolaridade de classe baixa), na qual a faixa etária das informantes varia de 20 a 25 anos. Nesse estudo, a realização da fricativa alveolar /s/ predominou no grupo dos informantes que possuem uma escolaridade mais elevada. Já o grupo dos informantes de escolaridade baixa favoreceu a ocorrência da fricativa palato-alveolar, segundo a autora, principalmente nos contextos em que a fricativa alveolar /s/ era produzida em posição medial seguida por consoantes coronais [t, d] e em posição final seguida por consoantes coronais [t, d, n, l].

Canovas (1991), em seu estudo sobre a realização do segmento alveolar /s/ pós-vocálico no falar de Salvador-BA analisa, levando em conta como variável dependente a fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, a fricativa alveolar /s, z/, a fricativa glotal /h, fi/ e o zero fonético, 3.547 dados de fala (gravados em 17 fitas cassete) de 45 informantes soteropolitanos. As gravações foram feitas pela autora e tinham um caráter semi-informal. A amostra foi estratificada em três níveis de escolaridade (1º grau completo ou não, 2º grau completo e 3º grau completo) e em três faixas etárias (13 a 20 anos, 21 a 45 anos e 46 a 70 anos). Na etapa da fase assistemática, foram colhidos 99 casos de realização da variante glotal, extraídos de pronunciamentos de políticos e de pessoas influentes na sociedade, transmitidos pela televisão.

A análise dos dados, segundo a autora, mostrou a hegemonia da variante alveolar em todos os contextos, exceto diante das soantes /m/ e /l/, posição em que a variante glotal ocorreu com superioridade. No entanto, diante da vibrante /R/, a fricativa alveolar e a glotal ocorreram de forma semelhante. Em síntese, Canovas (1991) resume a análise dos seus resultados afirmando que as consoantes surdas e a pausa favorecem a realização da fricativa palato-alveolar; as consoantes sonoras favorecem a realização da variante glotal; as vogais, em junctura, favorecem a realização da fricativa alveolar. Quanto às variáveis sociais, a autora afirma que os falantes com maior nível de escolaridade (3º grau completo) e com faixa etária intermediária (21 a 45 anos) tendem ao uso da forma alveolar, sendo que a variação do /s/ pós-vocálico está caminhando na direção de variante alveolar → variante palato-alveolar → variante glotal → zero fonético.

Corrêa (1998) analisou, levando em conta como variável dependente a fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, a fricativa alveolar /s, z/, a fricativa glotal /h, fi/ e o zero fonético, 1.200 dados sobre a realização da fricativa alveolar /s/ no falar brasiliense e obteve como resultado para a variante alveolar 97%, para a variante glotal 2% e para o zero fonético 1%. A autora concluiu que a variante alveolar é predominante em Brasília-DF e que algumas realizações da variante palato-alveolar foram idiossincrasias na fala de apenas alguns informantes. Para demonstrarmos melhor os resultados encontrados pela autora, visualizamos o Gráfico 11.

Gráfico 11 - Realizações da fricativa /s/ em Brasília-DF



Fonte: Elaboração própria com base em Corrêa (1998).

A pesquisa quantitativa de Hora (2000) refere-se à realização da fricativa alveolar /s/ em João Pessoa-PB, sendo que a variante palato-alveolar é condicionada pelo contexto fonológico seguinte (consoantes coronais), pela categoria gramatical (verbo) e pelo número de sílabas (dissílabos), segundo o autor. Quanto às variáveis extralinguísticas, foram analisadas três faixas etárias, sendo que os informantes da segunda faixa etária, ou seja, da faixa etária intermediária (26 a 49 anos) favoreceram a produção da variante palato-alveolar. Com relação ao nível de escolaridade, o autor observou que quanto menos escolaridade o informante tem, mais realizações da fricativa palato-alveolar ele produz. Em estudo sobre a avaliação subjetiva, Hora (2000) constatou que o informante pessoense com maior escolaridade discrimina a variante palato-alveolar, preferindo a produção da fricativa alveolar. Em síntese, o autor verificou em sua análise que a variante palato-alveolar e a variante alveolar são realizadas de forma semelhante no falar pessoense.

Mota (2002) analisa, quantitativamente, a realização da fricativa alveolar /s/ em Salvador-BA em uma amostra de 15.000 ocorrências resultantes de 50 informantes (32 da década de 70, corpus Projeto NURC; e 18 da década de 90, do Projeto de Estudo da Variação em Tempo Real – PROVAR). A autora relata que a ocorrência da fricativa palato-alveolar é favorecida pela posição da fricativa na palavra (posição medial) e pelo contexto fonológico seguinte (consoantes coronais). Quanto às variáveis extralinguísticas, a autora afirma que a 1ª faixa etária da década de 70 favoreceu mais a realização da variante palato-alveolar do que as outras faixas etárias que foram selecionadas para o estudo em questão.

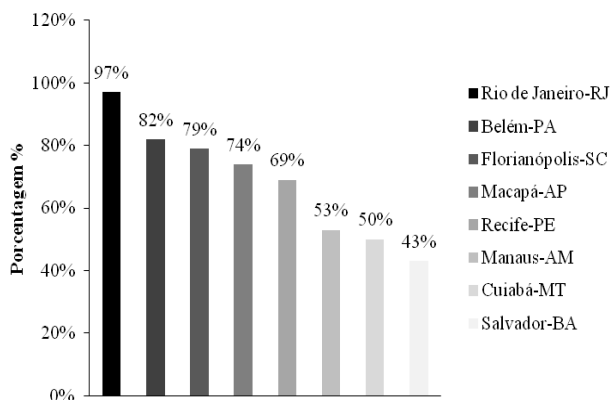
Mota (2012) analisa a realização da fricativa alveolar em coda silábica em 199 inquéritos linguísticos, oito em cada uma das 25 capitais que constituem a rede de pontos do ALiB. Os dados foram obtidos, segundo a autora, por meio do levantamento de ocorrências como *estrada*, *caspa*, *mesma*, *desvio*, *três*, *dois*, *arco-íris*, registradas no questionário fonético-fonológico (QFF) e no questionário semântico-lexical (QSL) do ALiB.

A autora investiga como variável linguística a posição da fricativa na palavra (posição medial e posição final) e como variáveis extralinguísticas a dimensão diasssexual (feminino e masculino), a dimensão diastrática (escolaridade baixa – até a 7ª série e escolaridade alta – nível universitário), a dimensão diageracional (faixa etária 1 – mais jovens – 18 a 30 anos e faixa etária 2 – mais velhos – 50 a 65 anos) e a dimensão diatópica (localidades).

Mota (2012) obteve como resultados para o seu estudo, levando em conta a variável dependente (fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/ e fricativa alveolar /s, z/), um percentual maior de realização da variante palato-alveolar no falar dos informantes cariocas, belenenses e florianopolitanos. Além disso, dentre a variável linguística analisada (posição da fricativa na palavra) a autora revela como variante mais influente na realização da fricativa palato-alveolar a posição medial.

Já quanto às variáveis extralinguísticas, Mota (2012) observa que no Rio de Janeiro-RJ, as variantes palato-alveolares em coda silábica constituem a norma, não se verificando diferenças quanto à faixa etária, sexo ou nível de escolaridade dos informantes. Em Belém-PA, conforme a autora, registram-se diferenças diageracionais (com predominância das variantes palato-alveolares na faixa etária dos informantes mais jovens) e diassexuais (índices mais elevados no sexo feminino). Quanto à Florianópolis-SC, a autora afirma que são bem próximos os índices referentes aos dois sexos e aos dois níveis de escolaridade, observando-se diferença significativa quanto às faixas etárias, com predomínio da variante palato-alveolar em informantes mais velhos. Podemos observar os resultados gerais alcançados por Mota (2012) no Gráfico 12.

Gráfico 12 - Realizações da fricativa palato-alveolar na posição medial nas capitais brasileiras que palatalizam



Fonte: Elaboração própria com base em Mota (2012).

Podemos concluir, então, com base nesses estudos realizados no Brasil sobre a produção da fricativa alveolar /s/ em coda silábica que, nas regiões Sul e Sudeste, não há predomínio absoluto de nenhuma das

formas, pois há localidades que tendem a realizar a variante alveolar, como é o caso de São Paulo-SP e Porto Alegre-RS, e outras localidades que preferem a variante palato-alveolar, como ocorre em Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ. Quanto à região Centro-Oeste, não há muito do que se falar, pois poucos estudos foram feitos nessas localidades. No entanto, em Brasília-DF, como mencionamos anteriormente, a pesquisa de Corrêa (1998) constatou que existe uma realização alveolar quase absoluta. Já, em Cuiabá-MT, há um equilíbrio na ocorrência da variante alveolar e palato-alveolar.

Na região Nordeste, há o predomínio tanto da fricativa alveolar quanto da fricativa palato-alveolar. Vale ressaltar que algumas pesquisas apontam para a mesma localidade, a variante palato-alveolar como a predominante e, em outros estudos, a variante alveolar prevalece, revelando com isto um equilíbrio nas realizações dessas variantes na região Nordeste. Contudo, para a localidade do Recife-PE, a maioria dos estudos apontam uma ocorrência maior da variante palato-alveolar do que da variante alveolar.

Para a região Norte, as pesquisas parecem apontar uma predominância maior de realização da variante palato-alveolar, visto que essa variante ocorre, nos estudos aqui resenhados, com maiores frequências nas localidades de Belém-PA, Macapá-AP e Manaus-AM. Podemos observar e comparar no Quadro 1, os resultados dos estudos resenhados nessa pesquisa sobre a realização da fricativa alveolar /s/ em coda silábica.

Quadro 1 - Difusão da fricativa alveolar e palato-alveolar em coda silábica no território brasileiro

<i>Região Sul</i>	
Localidades	Variante mais frequente
Porto Alegre-RS	alveolar
Florianópolis-SC	palato-alveolar
<i>Região Sudeste</i>	
Localidades	Variante mais frequente
Rio de Janeiro-RJ	palato-alveolar
São Paulo-SP	alveolar
<i>Região Centro-Oeste</i>	
Localidade	Variante mais frequente
Brasília-DF	alveolar

Cuiabá-MT	alveolar/palato-alveolar
<i>Região Nordeste</i>	
Localidades	Variante mais frequente
Salvador-BA	alveolar/ palato-alveolar
Recife-PE	palato-alveolar
João Pessoa-PB	alveolar/ palato-alveolar
Natal-RN	alveolar/ palato-alveolar
<i>Região Norte</i>	
Localidades	Variante mais frequente
Belém-PA	palato-alveolar
Macapá-AP	palato-alveolar
Manaus-AM	palato-alveolar

Fonte: Elaboração própria com base nos estudos apresentados.

Para uma visualização mais ampla da realização da fricativa alveolar /s/ em coda silábica no Brasil, podemos observar a Figura 5, que traz uma distribuição diatópica nas capitais, com base em dados do Projeto ALiB – Atlas Linguístico do Brasil – sobre as realizações das fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] em posição medial e final de sílaba.

respeito à realização das variantes palato-alveolares [ʃ, ʒ] em posição de coda silábica em Florianópolis-SC, no Rio de Janeiro-RJ e em Belém-PA.

2.4 PESQUISAS REALIZADAS NO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

Tendo em vista que a maioria dos estudos sobre a realização da fricativa alveolar /s/ no PE não apresentam uma metodologia quantitativa, ao contrário das pesquisas resenhadas para a realização da fricativa alveolar /s/ em coda silábica no PB, para a apresentação dos resultados obtidos nos estudos realizados em território português procedemos de outro modo.

Primeiramente, relatamos as pesquisas que têm como foco a realização da fricativa alveolar /s/ sob uma perspectiva histórica; seguidamente, apresentamos os estudos sobre o objeto aqui pesquisado, porém sob uma abordagem fonética; após isso, relatamos os trabalhos que levantam algumas questões fonológicas sobre a realização da fricativa alveolar /s/; e, por fim, expomos alguns estudos sociolinguísticos que procuram unir a fonologia e a variação na análise dos dados do PE.

2.4.1 *A realização da fricativa alveolar /s/ no PE - perspectiva histórica*

Iniciamos essa discussão fazendo uma breve descrição sobre algumas questões histórico-linguísticas que merecem destaque.

Para tanto, voltamos ao século II a. C., período em que o latim, dito vulgar, trazido à Península pelos romanos tinha um sistema vocálico com apenas sete vogais por oposição ao latim clássico que tinha dez (i>[i], ō>[ɔ], ĭ, ē>[e], ō, ŭ>[o], ě>[ɛ], ū>[u], ă, â>[a]). No noroeste da Península, a Gallaecia (Galiza e norte de Portugal), a transformação do latim vulgar no romance galego-português teria começado no século VI. Essa primeira forma de romance, designada paleo-galaico, viria nos séculos seguintes a individualizar-se ainda mais, devido a mudanças fonéticas, geralmente atribuídas ao substrato, e que atuaram sobre um elevado número de vocábulos. As evoluções fonéticas mais importantes e mais individualizantes foram as quedas do -l- e do -n- intervocálicos e a palatalização dos grupos consonânticos iniciais pl-, cl-, fl-.

O primeiro documento em que aparecem manifestações do romance galaico-português é uma escritura, da região de Guimarães, datada de 882. A partir desse documento passamos a ter um período, que Leite de Vasconcellos designou por português proto-histórico, que

podemos conhecer através de documentos escritos em latim bárbaro⁴⁶ e nos quais se encontram algumas formas do romance vulgar. Isto se deve ao fato de os escribas deixarem, de vez em quando, transparecer, no latim que escreviam, formas linguísticas do seu falar quotidiano.

Assim, até o século XII⁴⁷, podemos verificar a existência de um romance apenas com dimensão oral. Só a partir dessa época, o romance passa a ter uma existência escrita, atestada, primeiramente por documentos não literários e, um pouco mais tarde, por documentos literários.

A determinação de D. Dinis, na última década do século XIII, para os documentos oficiais passarem a ser escritos em português, veio a ser decisiva para a implantação de uma norma que, até ao momento, apenas tinha uma existência oral.

Voltando ao período histórico que se inicia em fins do século XIV, verifica-se que, com o início da 2ª dinastia, há uma classe mercantil, oriunda do centro e sul, que substitui na Corte a velha nobreza nortenha. É com o início da política expansionista que o centro econômico se fixa definitivamente no sul do país. Todas essas mudanças políticas e sociais terão uma grande repercussão na língua. Um fator bastante importante, que mostra o início da fixação de uma norma, com consequente constituição de uma língua literária, é o definitivo afastamento do português e do galego. São os dialetos moçárabes meridionais que vão ter grande influência nessa diferenciação (com expressão na escrita, na prosa didática e histórica que se segue à lírica galaico-portuguesa) e que contribuíram, de modo definitivo, para o estabelecimento de uma norma escrita que já mostrava características diferentes do galego.

No interior do próprio território português, com o estabelecimento de uma norma escrita e com a existência de uma variedade linguística de prestígio, tornam-se mais evidentes as diferenças existentes, quer em nível regional quer em nível social. Com base nisso, e levando em conta as primeiras tomadas de consciência e respectivas reflexões sobre as diferenças no uso da língua, encontramos abundantes referências nos gramáticos, ortografistas e lexicógrafos dos séculos XVI, XVII e XVIII.

⁴⁶ Modalidade usada apenas em documentos, por essa razão, também, o latim bárbaro foi denominado de latim tabeliônico.

⁴⁷ Existem poucas informações linguísticas sobre o período que vai até o século XII. Em relação a esse período não há informação escrita sobre o romance que era falado pelos habitantes do noroeste peninsular.

Como o objetivo aqui são os estudos referentes à realização da fricativa alveolar /s/, faremos menção somente às gramáticas que de algum modo fazem referência ao objeto em estudo. Para isso, iniciamos com a obra *Orthographia da Lingoa Portuguesa*, de Duarte Nunes de Leão, publicada em 1576, na qual o autor faz referência à confusão que começava a existir entre c, s e z etimológicos.

Que tenhamos grande tento nos vocábulos, em que entra c, s e z. Porque a mais da gente, e não só a vulgar, se engana na escritura, confundindo estas letras, e pondo umas por outras, sem distinção, sendo elas diferentes, e distantes na pronunciação e natureza, assim como o são na figura (LEÃO, 1983, p. 142).

Na obra *Ortografia da Língua Portuguesa*, de João Franco Barreto, publicada em 1671, encontramos a primeira referência à confusão que começava a existir entre a pronúncia e a grafia de *ch* e *x*.

[...] muitos por a língua os não ajudar, ou por mau costume, pronunciam barbaramente, dizendo (e ainda escrevendo) pachã, cacha, enchada, cochim, enchurrada. De modo que convertem o x em ch [...] sendo que outros [vocábulos], que se devem pronunciar e escrever por ch, como chave, chapeo, chafariz, fechadura, etc. escrevem e pronunciam, xave, xapeo, xafariz, fexadura (BARRETO, 1671, p. 172).

Na obra *Orthographia ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a língua Portuguesa*, de Morais Madureira Feijó, publicada em 1734, verificamos menção à neutralização fonológica dos fonemas [s] e [ʃ] e à confusão fonética e gráfica de [ʃ] e [tʃ].

Já dissemos que o C como C se pronuncia com a extremidade anterior da língua, tocando nos dentes quase fechados, enquanto sai o seu som, que é suavemente brando. O S pronuncia-se com a ponta da língua moderadamente aplicada ao paladar, junto aos dentes de cima com os beiços abertos, enquanto sai um som quase assobiando do meio da boca, como se percebe nestas palavras Sancto, Sá, Sé, etc.. Pois se esta é a rigorosa, e própria

pronúncia do S, como se equivoca com a do C, que é tão diversa? Se os sons são diversos, como pode ser a consonância a mesma? Demos a cada uma destas letras a diversidade da sua pronúncia, e logo se perceberá a diversidade de Sá, ou Cá, Se, ou Ce, Si, ou Ci, So, ou Co, Su ou Cu. Pronuncie-se Çapato, e Sapato, Maça, e Massa; e diga quem não é surdo a diferença que percebe entre um e outro som (FEIJÓ, 1734, p. 45).

[...] [CH] nas [pronúncias] dos Portugueses nunca soa nem com C nem como Q, mas faz um terceiro som em que não se percebe como soa, ferindo as vogais seguintes deste modo: Cha, Che, Chi, Cho, Chu: v.g. Chave, Chaminé, Chino, Chove, Chuva, cuja pronúncia não tem semelhança com outras letras, e só os oriundos de Lisboa a equivocam tanto com o X, que a cada palavra trocam uma por outra; porque não só pronunciam mas também escrevem Xave, Xaminé, Xino, Xove. E a alguns que lhes era tão dificultosa a pronúncia do Ch, que achando-o escrito, o pronunciam como X, e pelo contrário onde acham X, o pronunciam como Ch (FEIJÓ, 1734, p. 53).

Com relação a esse último fenômeno, apresentamos o estudo de Prista (1994) que trata da perda da distinção fonológica entre /tʃ/, correspondente ao grafema <ch>, e /ʃ/, representado por <x>. Essa pesquisa, segundo o autor, tem o objetivo de delimitar a época do aparecimento da inovação, circunscrever a sua área original, caracterizar os primeiros grupos inovadores e o começo da generalização. Além disso, procura indicar fatores linguísticos e históricos que possam ter motivado a mudança.

Com relação à data da mudança, Prista (1994) relata que é possível considerar dois grupos: o dos autores que defendem a definição, desde muito cedo, de duas zonas – uma de oposição /tʃ : ʃ/ e outra de simplificação /ʃ/ – para Harri Meier e Silva Neto (logo que o português desceu do norte), para Huber (talvez ainda no português antigo), para Paiva Boléo e Adelina Angélica Pinto (pelo menos no século XV); e o outro grupo resume-se aos autores que, cingindo-se à norma culta (de Lisboa), referem o século XVIII – no qual o *continuum* começaria em Nobiling (depois do XVI), seguiria com Teyssier (a partir do XVII), J.

Prado Coelho (confusão no XVII, ou anterior), Leite de Vasconcellos (pelo menos no XVIII), Luís Cintra, Manuela Barros, Williams e Cornu (durante o XVIII), Reváh (primeiro terço do XVIII), Thomas Hart (entre o século XVIII) e Ivo Castro (meados do XVIII).

De acordo com Prista (1994), quanto à geografia da inovação, também, é possível a distinção em dois grupos: o dos autores que relatam que a inovação teve sua origem no sul até Lisboa, como: Silva Neto, A. A. Pinto, Cintra, Teyssier, I. Castro, Hart, Révah (para quem Lisboa aceitou a inovação e depois generalizou) e Boléo (que afasta a possibilidade de a inovação ter partido de Lisboa); e o grupo dos autores que defendem a inovação lisboeta, como: Cornu e Oliveira Guimarães.

Com relação à caracterização social da inovação, segundo Prista (1994), a maioria dos autores relata que a pronúncia de /ʃ/ partiu da plebe e é inovação de rústicos (para Silva Neto, pronúncia plebeia e desconsiderada e só depois irradiada para pessoas mais bem dotadas; Révah, vulgarismo, pronúncia rústica; A. A. Pinto, confusão plebeia a que a Corte, os homens cultos se teriam depois adaptado; Hart, provincianismo sulista); do outro lado, apenas Oliveira Guimarães, para quem não era desarrazoado supor que a nova pronúncia terá tido origem no falar citadino de elocução mais repousada e suave.

Com base nisso, o autor conclui, no que se refere à data da mudança, que não há motivo para considerar anterior ao século XVII o surgimento da inovação. Sobre a proveniência da inovação, o autor defende que não houve progressão do sul até Lisboa; há mais razões para que se suponha a inovação lisboeta (Lisboa-Estremadura); depois a progressão teria sido mais do litoral para o interior do que do sul para o norte. Da caracterização social da inovação, que não é uma mudança induzida por rústicos, nem uma inovação plebeia; ao contrário, há indicações quanto ao seu caráter urbano, talvez sofisticado.

Como causas da inovação, Prista (1994) indica dois fatores de ordem linguística que teriam ajudado a inovação – a repartição da série de sibilantes surdas e a limitação de palavras com /ʃ/ e /tʃ/ inicial. Além disso, dois fatores de ordem não estrutural, também, intervieram supletivamente na inovação: a reação ao castelhano e ao seu /tʃ/ e a influência do /ʃ/ francês⁴⁸. Quanto às fases da mudança, o autor menciona

⁴⁸ “(Nesta fase, e depois durante a difusão do novo som para palavras vernáculas, é que podem ter tido algum papel a tipificação do /tʃ/ como castelhano, e a sua desgraça, e o francesismo do /ʃ/, tornado pronúncia elegante. Antes da opção por

que a inovação ter-se-ia feita por difusão lexical, segundo esta ordem: empréstimos (em início de palavra e em sílaba não inicial) e palavras vernáculas (início de palavra e em sílaba não inicial). A inovação começaria por ser uma inovação de baixo, ou seja, de embarcações, de gente dos portos e do comércio, de populares urbanos, seguida de reação de cima, ou seja, por parte de uma camada meio burguesa, talvez cortesã.

Uma hipótese, segundo Prista (1994, p. 214), para a neutralização na fricativa é que o /tʃ/, realizado por má normalização de empréstimos, tivesse ficado estigmatizado, como “pronúncia inábil de quem não sabe converter as nuances de línguas estrangeiras e por isso procede a um aportuguesamento uniformizado”. Por outro lado, entre a camada mais burguesa da sociedade, a ultracorreção ganharia espaço. Assim, evitar-se-ia “dizer /tʃ/ nas novas palavras, por desconfiança de que se tratasse de uma aclimação espúria, um aportuguesamento indevido da fricativa em africada”, o que levou com que se firmasse /ʃ/ quer para os estrangeiros de /ʃ/ original quer para os que tinham /tʃ/ na língua de origem.

De acordo com o autor, no Brasil, a mudança de /tʃ/ para /ʃ/ pode ser explicada da mesma maneira, ou seja, pela permanência no primeiro estágio da mudança para /ʃ/, seguido, no caso do /tʃ/, por má aclimação e sem que se tivesse a hipercorreção da classe mais favorecida socialmente. Prista (1994) salienta, entretanto, que no Brasil há casos de /tʃ/ em correspondência à etimologia, que são os que se desviam de qualquer inovação. Contudo, segundo o autor, não é preciso antecipar a mudança ocorrida no continente para explicar a difusão da fricativa por /tʃ/ no Brasil, Açores e Madeira, visto que a nova pronúncia teria surgido aí por importação da modificação ocorrida na metrópole. “As importantes levas de colonos a partir do século XVII, no caso do Brasil, depois de expulsos os holandeses, terão bastado para levar a pronúncia” (PRISTA, 1994, p. 221).

É sabido, entre aqueles que se interessam sobre a história e sobre a dialetologia das línguas românicas, que no português medieval distinguiram-se três pares de fricativas coronal (desvozeada/vozeada). Geralmente, as três classes são definidas de acordo com as classificações articulatórias tradicionais como: pré-dorso-dental /s, z/, ápico-alveolar /ʃ,

/ʃ/, o século do que se tem designado de ‘confusão’ entre /ʃ/ e /tʃ/ é possível porque a fusão das apicais com as dorsodentais deixara espaço para a largueza da variação entre africada e fricativa palatal)” (PRISTA, 1994, p. 214).

z/ e palato-alveolar /ʃ, ʒ/ (GONÇALVES VIANA, 1887-1889; CINTRA, 1983b)⁴⁹.

A pesquisa de Cardeira (2003), sobre o sistema de sibilantes do PE, trata-se de uma abordagem histórica que levanta algumas hipóteses sobre a redução do antigo sistema de sibilantes. Com base nisso, a autora afirma que a redução do sistema de sibilantes pode resumir-se em três etapas. A primeira ocorre quando duas africadas /ts, dz/ opõem-se a duas fricativas ápico-alveolares /s, z/; a segunda dá-se quando as africadas /tʃ, dʒ/ simplificam-se, perdendo a oclusiva inicial /ʃ, ʒ/: logo, a oposição passa a fazer-se entre um par de fricativas pré-dorso-dentais /s, z/ e outro de fricativas ápico-alveolares /s, z/; e a terceira etapa, ocorre quando as pré-dorso-dentais /s, z/ absorvem as ápico-alveolares /s, z/ ou, pelo contrário, são as pré-dorso-dentais /s, z/ que se assimilam às ápico-alveolares /s, z/: a oposição é neutralizada e o sistema reduz-se a dois elementos.

De acordo com Cardeira (2003), Lindley Cintra (1983b), em sua proposta de classificação dos dialetos galego-portugueses, utiliza a realização da fricativa alveolar /s/ como uma das características que permitem traçar fronteiras entre grupos de dialetos. Assim, conforme a autora, na proposta de Cintra (1983b), o dialeto transmontano-alto-minhoto conserva um sistema de quatro sibilantes /s, z, ʃ, z/, o baixo-minhoto-duriense-beirão reduz às ápico-alveolares /s, z/ e todo o dialeto centro-meridional realiza apenas as pré-dorso-dentais /s, z/. Nessa distribuição, segundo Cardeira (2003), o transmontano-alto-minhoto ilustra precisamente um momento de evolução, quando as africadas /tʃ, dʒ/ já tinha perdido o seu elemento oclusivo inicial, mas ainda se mantinham distintas das fricativas ápico-alveolares.

Cardeira (2003, p. 130) relata que devemos levar em conta, na simplificação do sistema de sibilantes, “o complexo conjunto de mudanças em que se inserem a inexistência de sibilantes sonoras no galego, a palatalização da sibilante em contexto final ou de sílaba travada e, ainda, a neutralização da oposição entre a africada palatal surda /tʃ/ e a fricativa /ʃ/”, visto que se trata de um amplo e longo processo que resultou da instabilidade do antigo sistema.

⁴⁹ A fricativa pré-dorso-dental /s/ está associada com ‘c(e, i)’ ou ‘ç(a, o, u)’, /z/ com ‘z’, /ʃ/ com ‘s-’ inicial ou com ‘-ss-’ medial, /z/ com ‘-s-’ medial e /ʃ/ com ‘ch’.

São muitas as hipóteses sobre o período em que ocorreu a simplificação do sistema de sibilantes no território português. Dessa forma, conforme Maia (1997), as africadas estariam em processo de mudança para segmentos fricativos desde o século XIII. Cintra (1983a) fundamenta, baseado nas variações gráficas que encontrou em documentos de Lisboa e do Algarve, que a simplificação do sistema de sibilantes nessas regiões deu-se na segunda metade do século XIII. Teyssier (1984, p. 50) afirma que “a existência dessas quatro unidades distintivas no português no início do século XVI não sofre dúvida”. O autor afirma, ainda, que a redução em favor das pré-dorso-dentais “é uma tendência de origem meridional que se generalizou no século XVI na língua padrão” (TEYSSIER, 1984, p. 52). Teyssier (1984, p.49) relata que “por volta de 1500 as duas africadas tinham perdido o elemento oclusivo inicial, mas ainda se mantinha a oposição entre dois pares, uma vez que o ponto de articulação não era o mesmo”. O autor alega, também, que as confusões gráficas que se registram a partir de 1550 testemunham que “em fins do século XVI o português comum reduziu a dois os quatro fonemas, e essa redução fez-se em favor das predorsodentais” (TEYSSIER, 1984, p. 50-1). Por outro lado, Lorenzo (1995) ressalta que frente a uma norma culta com seis sibilantes, não podemos mencionar um sistema medieval coerente com oposições surdas/sonoras até o século XVI, mas a coexistência em toda a Idade Média de vários subsistemas.

Segundo Cardeira (2003), quando nos referimos à simplificação do sistema de sibilantes do PE estamos fazendo referência a dois diferentes estágios de mudança. O primeiro constituiu no apagamento do elemento oclusivo da africada, sendo que a redução das africadas implica uma fase anterior de desafricamento, mas pode também imaginar-se um processo simultâneo de perda do elemento oclusivo; e o segundo representa a simplificação do sistema de sibilantes a dois elementos pré-dorso-dentais ou ápico-alveolares, ou seja, a neutralização da oposição entre dorsais e apicais. De acordo com a autora, não parece ser viável a observação da origem dialetal do desafricamento, porém, os focos em que a neutralização ocorre são passíveis de investigação. Com base nisso, Cardeira (2003) analisa uma coleção de documentos notariais de mosteiros das regiões do Nordeste e de Lisboa (alugueis, vendas, câmbios, partilhas, doações, testamentos, procurações, sentenças, etc.) que foram produzidos no Douro Litoral (Mosteiros de Vilarinho e Moreira) e no Vale do Tejo (Mosteiro de Chelas), entre o século XIII e XVI, num total de 218 documentos distribuídos de forma equilibrada no eixo temporal e por área geográfica. Nessa documentação, a autora enfatiza que procedeu a recolha dos casos de oscilação gráfica entre <s,

ss> e <z, c, ç>, passíveis de serem interpretados como exemplos de neutralização, nos nomes comuns, em início de sílaba e em final absoluto ou de sílaba.

Com base nos resultados, conforme a autora, vale ressaltar que no século XIII os exemplos são um pouco superiores nos documentos de Lisboa, mas no século XIV é na documentação do noroeste que esse valor aumenta, para logo decrescer nos dois conjuntos documentais durante o século XV. Não será de afastar a hipótese de que no século XV o início da fixação de uma norma linguística e gráfica, a par de uma crescente influência do texto literário, possa ter contribuído para a diminuição da instabilidade gráfica – sem que o processo de mudança tenha estagnado, a sua expressão gráfica pode ter diminuído devido a uma maior pressão do texto literário para o notarial (CARDEIRA, 2003). Com base nisso, segundo a autora, pode-se formular a hipótese que se refere à coexistência de uma norma culta escrita e de um processo de neutralização em curso, respectivamente.

De acordo com Cardeira (2003), o que a observação da amostra indica é a existência, desde cedo, de uma instabilidade generalizada no sistema de sibilantes que se expressa graficamente quer na documentação de Lisboa quer na do noroeste. Portanto, se na região de Lisboa ocorreu a neutralização desse sistema, então, no noroeste esse fenômeno também se verificou. A autora relata, ainda, que o fato de não encontrar na documentação medieval diferenças significativas indica que a evolução das sibilantes, materializada na sua redução, teria ocorrido simultaneamente em ambas às regiões. Assim, no noroeste a simplificação teria ocorrido em favor das sibilantes ápico-alveolares e em Lisboa a redução deu-se em favor das sibilantes pré-dorso-dentais.

Sem revelar tendência crescente, a documentação do século XIV, proveniente quer do noroeste quer de Lisboa, apresenta uma variação gráfica que parece apontar no sentido de uma indistinção entre sibilantes ápico-alveolares e pré-dorso-dentais. E, conforme Cardeira (2003), se observarmos a grafia da palavra *seix* (noroeste, 1350), podemos alargar essa indistinção à palato-alveolar. Esse grafema <-x> surge já na documentação do século anterior (noroeste e Lisboa) e se refere à alternância de <-s>, <-z>, e <-x> no adjetivo *simples* nos *Diálogos de S. Gregório*, de meados do século XIV, que se registra também em textos de cariz literário (CARDEIRA, 2003).

Segundo Cardeira (2003), a centralização do poder político no eixo Lisboa-Coimbra-Santarém-Évora, a partir dos séculos XIV-XV, conduz a norma linguística para a área dos dialetos centro-meridionais. Se nessa área o sistema de sibilantes se reduz às pré-dorso-dentais, então,

a norma em formação deixa de lado as ápico-alveolares, transformando-as em um traço característico dos dialetos setentrionais. Nos finais do século XVI, os testemunhos de gramáticos como Nunes de Leão ou Gândavo mostram que a neutralização estava já instalada no português comum, entretanto, Teyssier (1984, p. 51) relata que “a língua escrita esforça-se em manter a ortografia antiga”. Ainda assim, a variação gráfica que ocorre no *Livro das Obras* de Garcia de Resende (VERDELHO, 1994) demonstra que a instabilidade presente na realização das sibilantes, certamente, na língua falada, se impregna já na língua culta escrita. E em textos menos cuidados, como é o caso dos documentos notariais observados pela autora, a emergência dessa diferenciação gráfica condiz com a generalização da indistinção fonológica no século XVI, quer no noroeste quer na região de Lisboa.

Carvalho (2011) inicia seu estudo sobre a simplificação do sistema de quatro sibilantes, afirmando que “a realização do fonema /s/ e do seu correlativo sonoro /z/, como fricativas ápico-alveolares, mais ou menos palatalizadas (é a variante mais palatalizada que é vulgarmente conhecida pelo nome de *s beirão*)” é, aliás, considerada um traço que “um português do Sul (ou um falante da língua-padrão que nestes casos acompanha os dialectos centro-meridionais) reconhecerá como característicos de um português do Norte” (CINTRA, 1983b, p. 102).

O corpus em que a autora baseia a pesquisa compreende cerca de 150 documentos notariais originais, oriundos dos fundos do mosteiro de Santa Maria de Alcobaça (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo), tendo sido selecionados, fundamentalmente, de acordo com critérios de carácter histórico-cronológico (séculos XIII-XVI) e geográfico. “É, de fato, nossa convicção que é na documentação notarial oriunda dos mosteiros que se poderá encontrar a génese da diversidade actual, na medida em que reflectem mais intensamente traços da língua oral da época” (CARVALHO, 2011, p. 141).

De acordo com Maia (1997), o sistema consonântico galego-português dispunha

na sua fase mais antiga, de duas africadas pré-dorso-alveolares, surda e sonora, /ʃ/ e /ʒ/, e de duas fricativas ápico-alveolares, /s/ e /z/. [...] desde cedo as africadas pré-dorso-alveolares se transformaram, por perda do momento oclusivo inicial, em fricativas pré-dorso-alveolares, surda e

sonora. Daí resultou uma etapa intermédia, comum a todo o domínio linguístico ibero-românico, com dois pares de sibilantes fricativas: um de pré-dorsais (/s/ e /z/) e outro de apicais (/ʃ/ e /ʒ/). A grafia dos textos estudados, em princípio, distingue claramente entre a transcrição das sibilantes e das apicais (MAIA, 1997, p. 438-439).

Conforme Carvalho (2011), as antigas africadas pré-dorso-alveolares tinham já começado a se transformar, desde o século XIII, em fricativas pré-dorso-alveolares, por perda do elemento oclusivo inicial. Como consequência do desaparecimento desse traço fonológico, a oposição entre /s/ (< /ʃ/) e /ʃ/ e entre /z/ (< /ʒ/) e /ʒ/ começaria a neutralizar-se, iniciando-se assim um processo de eliminação das sibilantes áptico-alveolares.

Observado numa perspectiva intralinguística, segundo a autora, o fenômeno parece ter-se divulgado em contextos assimilatórios, ou seja, em situações em que o contexto de outro segmento alveolar do mesmo tipo favoreceu a igualação fonética. A autora cita exemplos como *fufeyçores*ʃ, *fufeseçores*ʃ *fofese*ʃ *forres*ʃ, *côpofy*ʃ *fo*ʃ *om*ʃ, *prezen*ʃ *ffa*ʃ, *despo*ʃ *ifã*ʃ, *nefeçario*ʃ, *neçeçidades*ʃ, *neçeçario*ʃ, *foçeçores*ʃ, *prezêça*ʃ. Carvalho (2011) relata que a convivência, no interior do mesmo documento, dessa última forma com a variante flexional *preſente*ʃ, que não ostenta o contexto mencionado, são suficientemente abundantes para suportar tal hipótese.

Quanto ao processo de simplificação do sistema de sibilantes, Carvalho (2011) conclui que o fenômeno se manifestou precocemente, tendo sido sistemático em toda a área ocidental da Península. Já, do ponto de vista sócio-geográfico, os dados apresentados levam a supor que a inovação no sentido da simplificação teve origem nos meios mais rurais e periféricos relativamente aos centros de pressão niveladora, pois avultam os exemplos de confusões gráficas em documentos redigidos nos coutos.

Por último, em relação aos dados, particularmente no que diz respeito às fricativas sonoras, Carvalho (2011) afirma que são relativamente abundantes ao longo dos séculos XIV, XV e XVI (com uma pequena redução na primeira metade do século XV e uma ascensão notória a partir de cerca de 1450), não apontando para uma verdadeira mudança no sistema ou para uma fase de transição entre etapas. Essa constatação, segundo a autora, faz supor que há um processo gradual e plurissecular de convivência entre variantes.

À luz desses dados, a autora cita a cronologia apontada por Teyssier (1984), para quem a redução a favor das pré-dorso-dentais se operou em finais do século XVI; e por Bechara (1991, p. 72), segundo o qual “a redução no primitivo quadro de quatro sibilantes a dois fonemas predorsodentais deve ter ocorrido e ficou concretizado no decurso da primeira metade do século XVI, conforme nos dão testemunho as lições dos gramáticos e as grafias desse período”, para fins de confirmação dos resultados de seu estudo.

2.4.2 A realização da fricativa alveolar /s/ no PE - perspectiva fonética

Lacerda (1982), em seus estudos sobre as fricativas surdas do PE, fez vários testes perceptuais e concluiu que o /s/ é melhor percebido quando o estímulo tem altos níveis de intensidade e picos espectrais na região de 5000 Hz, e o /ʃ/ é normalmente associado com altos níveis de intensidade juntamente com picos espectrais na região dos 3000 Hz.

O estudo de Martins e Saramago (1993) versa sobre o sistema de quatro sibilantes no PE, duas consoantes fricativas pré-dorso-dentais /s, z/⁵⁰, resultantes da evolução de C e T latinos e duas consoantes fricativas ápico-alveolares /ʃ, ʒ/ provenientes de S latino. Conservam-se, segundo os autores, distinções que existiam no português antigo, traduzindo-se primitivamente em oposição entre duas consoantes africadas dentais, /ts/ ~ /dz/, e duas fricativas ápico-alveolares, /ʃ/ ~ /ʒ/. A redução das africadas em fricativas foi o primeiro passo no sentido de uma simplificação do sistema que, pelo menos na região de Lisboa e no Algarve, produziu-se desde muito cedo. As grafias não etimológicas que se registram desde o século XIII em textos da região de Lisboa e em textos do Algarve são manifestações (gráficas) da neutralização das oposições fonológicas entre os segmentos pré-dorso-dentais e ápico-alveolares. Essa neutralização, conforme os autores, estendeu-se, posteriormente, à maior parte do território português, resultando na redução do sistema a duas pré-dorso-dentais, nos dialetos do centro-sul, ou a duas ápico-alveolares, nos dialetos do norte.

Com a finalidade de determinar a estrutura acústica das sibilantes pré-dorso-dentais e ápico-alveolares, Martins e Saramago (1993) se preocuparam em estabelecer um corpus de 108 vocábulos que considerasse a origem etimológica, além da distribuição de cada segmento fricativo. Esse corpus gravado foi fornecido por um informante

⁵⁰ Entende-se pré-dorso-dentais no PE por alveolares no PB.

masculino e o método utilizado na sua coleta foi o indireto, de modo a não influenciar o informante. No fim, foi pedido que o informante lesse uma lista de todos os vocábulos anteriormente obtidos. Depois de verificar que não existiam diferenças fonéticas no material coletado por esses dois métodos, foram utilizados, para a análise acústica, somente os dados coletados através da leitura.

A pesquisa de Martins e Saramago (1993) consiste, portanto, em 21 vocábulos⁵¹ todos em *onset* silábico. Para a escolha dos vocábulos, os autores levaram em consideração três exemplos para cada um dos segmentos e para cada uma das posições nas quais eles ocorrem. Para cada um dos exemplos, foram efetuadas três medidas de picos espectrais e intensidade: a primeira a $\frac{1}{4}$ do início do segmento, a segunda a metade e a terceira a $\frac{3}{4}$ da duração do segmento.

Confrontando as estruturas dos segmentos surdos /s/ e /ʃ/, Martins e Saramago (1993) verificaram que o primeiro pico significativo ocorre em uma frequência mais baixa para o segmento /ʃ/ [2900 Hz] do que para o segmento /s/ [3100 Hz], sendo igualmente a sua intensidade mais elevada: [-10/-25db] para /ʃ/, e [-18/-30db] para /s/. Os dois segmentos coincidem, praticamente, nas frequências em que cada um deles começa a apresentar uma intensidade mais elevada: [3500 – 3700 Hz] para o segmento /s/ e [3500 – 3800 Hz] para /ʃ/. Os autores verificaram, no entanto, uma diferença de intensidade: entre [-12/-20db] para o /s/ e [-8/-18db] para o /ʃ/. O segmento /s/ apresenta um decréscimo de intensidade nas frequências situadas entre os [3800 – 5400 Hz] para apresentar a partir daí, e até aos [8000 Hz], valores praticamente idênticos aos verificados para as frequências situadas entre os [3500 – 3700 Hz]. O segmento /ʃ/, ao contrário, apresenta valores elevados de intensidade até os [8000 Hz]. É, portanto, conforme os autores, nos valores de intensidade registrados entre os [3800 – 5500 Hz] que se situa a principal diferença entre os segmentos /s/ e /ʃ/.

Comparando as estruturas dos segmentos sonoros /z/ e /ʒ/, Martins e Saramago (1993) observaram que o primeiro pico significativo ocorre numa frequência mais baixa para o segmento /ʒ/ [3300 Hz] do que para o segmento /z/ [3700 Hz]; ao mesmo tempo em que a intensidade do primeiro se situa entre os [-15/-25db] e a do segundo entre os [-18/-32db].

⁵¹ Os 21 vocábulos que fazem parte do corpus do estudo de Martins e Saramago (1989) são os seguintes: *cego, cera, cedo, caça, aço, cortiça, sela, sal, selo, missa, osso, massa, zarolho, zé, zelar, rezar, cozer, azedo, casa, coser, asa*.

O segmento /z/ apresenta um decréscimo de intensidade nas frequências compreendidas entre os [4000 – 5500 Hz] ([3800 – 5400 Hz] para o segmento /s/), para apresentar depois até os [8000 Hz] valores quase idênticos aos situados entre os [3700 – 3900 Hz]. De acordo com os autores, o segmento /z/, tal como o /s/, apresenta, nas diferentes frequências, a partir do primeiro pico importante, valores de intensidade muito idênticos aos encontrados para aquele pico. Os autores salientam que a intensidade verificada para as frequências situadas entre os [6100 – 7600 Hz] é a mais elevada de todas: [-10/-20db]. Para o segmento /z/, os autores ressaltam igualmente o decréscimo de intensidade verificado entre os [7400 – 7600 Hz]: [-20/-35 db] contra a intensidade de [-10/-20 db] do segmento correspondente surdo.

Jesus (1999), ao analisar as fricativas do PE em um corpus em que esses segmentos foram sustentados por alguns segundos, obteve os seguintes resultados: o /s/ tem seu pico principal na região dos 5000 Hz e picos secundários entre 10000 e 15000 Hz; o /z/ também tem seu pico principal na região dos 5000 Hz, enquanto o /ʃ/ tem seu pico mais proeminente em torno de 2500 Hz, e o /ʒ/ na faixa dos 2700 Hz, com um pico secundário na região dos 11000 Hz. A partir desses dados, vejamos que a localização da constrição determina as ressonâncias das frequências da fonte de ruído, não havendo diferenças em frequência entre surdas e sonoras.

De acordo com o autor o contexto vocálico interfere na região de proeminência espectral de algumas fricativas. O pico do espectro do /s/ em início de palavra em contexto /ɔ/ é 1000 Hz mais baixo em relação ao pico no espectro de um /s/ em contextos de /i/, /i/ e /e/. O pico do /z/ em início de palavra é 1500 Hz mais baixo em contextos vocálicos /ɔ/ e /o/, e 500 Hz mais baixo quando seguido de /u/, em relação ao pico do espectro de /z/ no contexto vocálico de /i/ e /e/. O espectro do /ʒ/ em início de palavra seguido de /ε/ tem seu pico na faixa dos 4000 Hz, com amplitude mais alta que o mesmo pico nos contextos de /ɔ/, /o/ e /u/ (JESUS, 1999).

Andrade e Sarroeira (2000), em um estudo acústico das sibilantes em PE em sílaba CV, afirmam que a distinção entre a fricativa alveolar /s/ e palato-alveolar /ʃ/ baseia-se essencialmente em propriedades do

ruído fricativo. Apoiando-se nessa consideração, as autoras analisaram⁵² os espectros de realizações das duas classes de fricativas na sua região média, para três contextos vocálicos /i, i, u/. Conforme as autoras, os valores de F3, F4, F5 e F6 dos informantes femininos seriam da ordem dos 15-20% mais elevados do que os valores dos formantes dos informantes masculinos. Entretanto, a relação entre os valores dos formantes encontrados, para os informantes femininos e masculinos, é diversificada, sendo que F3 e F4, verificados para a fricativa palato-alveolar /ʃ/ dos informantes femininos são mais elevados do que os valores dos formantes dos informantes masculinos.

Por outro lado, segundo Andrade e Sarroeira (2000), os segmentos /ʃ/ e /s/ distinguem-se por /ʃ/ apresentar um pico importante na região dos 2500-3500 Hz, associado geralmente a F4 (ou por vezes a F3); e, no caso de /s/, é na região de F5, ou acima (F6), que se encontra o primeiro pico espectral significativamente importante na região dos 5000-6200 Hz.

Jesus e Shadle (2002) avaliaram as características espectrais das fricativas no PE em uma amostra de quatro informantes portugueses (dois homens e duas mulheres) retirada de quatro corpora. O primeiro corpus consiste de um conjunto de sequências VCV e objetiva o controle dos contextos vocálicos precedentes e seguintes à fricativa; o segundo corpus é constituído por pseudopalavras e objetiva a análise de todos os contextos possíveis precedentes e seguintes à fricativa; o terceiro corpus é constituído de 154 palavras reais, existentes no PE, e objetiva a investigação da posição da fricativa na palavra, assim, as fricativas ocorrem em posição inicial em 54 dados, em posição medial em 69 dados e em posição final em 23 dados. Além disso, são sempre produzidas dentro da frase-veículo “Diga _____, por favor”. Por fim, o quarto corpus é constituído de um conjunto de frases que contemplam 60 palavras do terceiro corpus, algumas dessas frases possuem sentido e outras são frases sem sentido algum.

Jesus e Shadle (2002) analisaram o ensurdecimento e parâmetros relativos aos espectros das fricativas /f, v, s, z, ʃ, ʒ/, sendo que, para o ensurdecimento, os autores observaram que é mais frequente em palavras em que a fricativa ocorre em posição final, contudo esse resultado pode estar relacionado a contextos vocálicos particulares. Além disso, a taxa

⁵² A análise incidiu, sobretudo, nas realizações de três informantes, dois homens e uma mulher.

de enurdecimento das fricativas difere entre os dados do segundo e do terceiro corpora, mas é geralmente muito alta, especialmente quando comparada com estudos de outras línguas.

Com relação aos parâmetros referentes aos espectros das fricativas, Jesus e Shadle (2002) observaram: a inclinação espectral, a frequência de amplitude máxima e a dinâmica de amplitude nos dados gravados. De acordo com os autores, as fricativas alveolares apresentaram pico espectral médio de 6000 Hz, enquanto que as palato-alveolares registraram pico de 4000 Hz. Segundo os autores, os parâmetros se comportaram como previsto para mudanças no nível de esforço articulatório, vocalização e posição da fricativa na palavra. Ainda de acordo com Jesus e Shadle (2002), algumas combinações também foram úteis para separar as fricativas por posição ou por sibilância. É possível que esses parâmetros possam demonstrar aspectos do PE que diferem as fricativas de outras línguas, como do inglês ou francês.

Em estudo acústico, Andrade (1999) analisa a duração da fricativa palato-alveolar /ʃ/, bem como a ausência desse segmento, em um contexto fechado, ou seja, em que a fricativa palato-alveolar ocorre após a vogal /a/. Para isso, a autora seleciona o item "pasta" em contexto isolado e na frase "A **pasta** da advogada tem características especiais"; o item "pata" em contexto isolado e na frase "A **pata** da adivinha não é pássaro"; e os itens "pá" e "paz" em contexto isolado.

Na análise dos dados, o segmento /ʃ/ tem duração média de 180 milissegundos (ms). Além disso, Andrade (1999) observa que ocorrem duas estratégias articulatórias distintas, visto que, enquanto alguns dados mostram um fortalecimento do gesto articulatório para a constrição da plosiva /t/, quando a coda é preenchida com a fricativa, outros dados apresentam um enfraquecimento da realização da fricativa palato-alveolar /ʃ/.

Jesus (2001) descreveu as fricativas do PE, com base em uma amostra de 159 dados de fala contendo as fricativas /f, v, s, z, ʃ, ʒ/ em combinação com as vogais /i, i, e, e, e, a, ɔ, o, u/ e, também, com base em um corpus de pseudopalavras em sequência /pVCV/. O autor utilizou, como parâmetros, a inclinação espectral, a frequência de amplitude máxima e amplitude dinâmica e a análise dos quatro momentos espectrais. Os resultados do autor evidenciam que, entre os momentos espectrais, o centróide é o mais eficaz para distinguir as fricativas quanto ao ponto de articulação. Além disso, o autor afirma que os parâmetros inclinação espectral, frequência de amplitude máxima e amplitude

dinâmica também se mostraram relevantes para a caracterização do espectro de frequência das fricativas. Segundo Jesus (2001), o espectro de frequência das fricativas é fortemente influenciado pelo contexto vocálico. As frequências das fricativas tendem a ser mais altas em ambiente de vogal /i/ e mais baixas em ambiente de /u/.

Andrade (2003a), em sua pesquisa acústica e perceptual sobre a acomodação /ʃ/-/s/ no PE, tenta estabelecer algumas das condições que podem favorecer a ocorrência de /ʃ/ e procura evidências apoiando-se na ideia de que a percepção pode contribuir para a mudança de som e sua propagação.

Segundo a autora, o corpus foi constituído por realizações de sequências subjacentes de fricativas coronais /s, ʃ/ em posição medial; e foi extraído a partir de seis sentenças declarativas curtas que foram lidas por cinco informantes lisboetas, um informante masculino e quatro informantes femininos, de faixa etária entre 23 e 35 anos. Andrade (2003a) afirma que o material utilizado refere-se a três formas do verbo "Nascer": a) duas em que a fricativa alveolar /s/ está no início da sílaba tônica, "Nasceram" ([nɐ]/S's/[erẽw̃]) e "nasceu" ([nɐ]/S's/[ew]); e b) uma em que a fricativa /s/ está em coda e pertence à sílaba tônica: "Nascem" ([nɐ]/Ss/[ẽ]).

Na análise dos dados, para o estudo acústico, a autora obteve 59% do total de realizações de [ʃ] correspondente a "Nascem", 26% a "Nasceu" e 15% a "Nasceram". O número de [ʃ] também varia entre os indivíduos. As diferenças de duração associadas à posição acentuada "Nascem"/"nasceu" são estatisticamente significativas para todos os indivíduos (ANDRADE, 2003a).

Para o estudo perceptual, Andrade (2003a) contou com 25 informantes lisboetas que identificaram os estímulos como [ʃ] ou [ʃs]. As médias de taxa de identificação totais correspondentes a "Nasceram", "Nasceu" e "Nascem" revelam que os estímulos para "Nascem" foram mais percebidos como [ʃs] do que os estímulos dados para os outros itens lexicais.

De acordo com a autora, 40% dos informantes do grupo 1 identificaram todos os estímulos de "Nascem" como [ʃ] e não aplicaram essa "generalização" para outros contextos; 16% dos informantes do grupo 2 identificaram todos os estímulos de "Nascem" como [ʃ]; e 44% dos informantes do grupo 3 identificaram todos os estímulos de "Nasceram" e "Nasceu" como [ʃs].

Esse estudo, de acordo com Andrade (2003a), mostra que a ocorrência de [ʃ] na realização de /Ss/ no PE é favorecida quando a fricativa em coda silábica pertencer à sílaba tônica de uma palavra. Neste caso, conforme a autora, há uma inversão na direção esperada na coarticulação de [ʃ] - [s].

2.4.3 A realização da fricativa alveolar /s/ no PE - abordagem fonológica

Segura e Saramago (2001) apresentam, em seu estudo, documentos representativos de variação fonética e lexical do PE. Os autores demonstram excertos de textos gravados, com informantes de várias localidades, nos quais se podem observar as diferenças de pronúncia de diversas regiões, além de um exemplo da enorme diversidade lexical que determinados conceitos podem apresentar. A amostra que os autores utilizam é retirada do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa⁵³, que trata de textos gravados aquando da aplicação de inquéritos dialetais para o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), em curso de realização naquele centro de investigação. O perfil dos informantes é sempre o mesmo, portanto, são adultos, de idade superior a 55 anos, analfabetos ou de instrução que não ultrapasse os primeiros graus de escolaridade e, de uma maneira geral, naturais de comunidades rurais ou piscatórias pouco populosas.

Tendo como base a classificação de Lindley Cintra (1983b), na qual um dos traços diferenciadores para a divisão do espaço dialetal português é a realização das sibilantes ápico-alveolares [ʃ, ʒ] para os fonemas /s, z/⁵⁴, os autores distinguem no interior da fronteira política portuguesa, dois principais grupos de dialetos, os setentrionais e os centro-meridionais⁵⁵.

O traço fonético selecionado para distinguir o grupo de dialetos setentrionais do grupo de dialetos centro-meridionais é o que estabelece o limite entre realizações ápico-alveolares [ʃ, ʒ], próprias do norte, e realizações pré-dorso-dentais [s, z], próprias do sul. No grupo dos dialetos setentrionais, distinguem-se, ainda, outros dois grupos: o dos dialetos transmontanos e alto-minhotos e o dos dialetos baixo-minhotos, durienses

⁵³ Ver Capítulo 5, seção 5.6.3.3.

⁵⁴ Conforme anexo A.

⁵⁵ Anexo B.

e beirões. O que individualiza o primeiro grupo, dialetos transmontanos e alto-minhotos, é a existência de um sistema de quatro sibilantes, duas consoantes com articulação áptico-alveolar /ʃ, ʒ/ e duas consoantes com articulação pré-dorso-dental /s, z/. Já, o que caracteriza o segundo grupo, dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões, é a simplificação em apenas duas sibilantes, ambas com articulação áptico-alveolar /ʃ, ʒ/ (SEGURA; SARAMAGO, 2001).

O grupo dos dialetos centro-meridionais, de acordo com os autores, distingue-se do grupo dos dialetos setentrionais pela simplificação do sistema de quatro sibilantes em apenas duas, em benefício das realizações pré-dorso-dentais [s, z] que constituem a norma linguística portuguesa. Embora a área ocupada pelo português centro-meridional apresente, do ponto de vista dialetal, uma maior homogeneidade do que a área correspondente ao português setentrional, é todavia possível distinguir dentro dessa área dois grupos de dialetos, o grupo de dialetos do Centro-Litoral (estremenho-beirões) e o grupo de dialetos do Centro-Interior e Sul (ribatejano-baixo-beirão-alentejano-algarvio). Ambos os grupos de dialetos são delimitados pela isófona que corresponde à monotongação do ditongo [ej] em [e] que lhe serve de fronteira. É importante salientar, relativamente a esse traço, que Lisboa constitui uma ilhota de conservação do ditongo no interior de uma área de monotongação.

Conforme Segura e Saramago (2001), há, ainda, dentro dos dois principais grupos de dialetos portugueses, os setentrionais e os centro-meridionais, outras variedades dialetais, como a variedade do Baixo Minho e Douro Litoral, dentro dos dialetos setentrionais, que é delimitada pelas isófonas correspondentes à ditongação das vogais médias acentuadas [e] e [o] respectivamente em [je] e [wo] ou mesmo em [wa].

Já, dentre os dialetos centro-meridionais, mais especificadamente dentro da extensa área ocupada pelos dialetos do Centro-Interior e Sul, destacam-se, segundo os autores, duas variedades localizadas em extremidades opostas e que apresentam alteração de timbre do sistema vocálico acentuado, a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo e a variedade do Barlavento e Algarve. Na primeira variedade, a variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo, os traços mais salientes são: palatalização do [u] em [y], palatalização de [a] em [ɛ], palatalização do [o] proveniente da monotongação do antigo ditongo [ow] em [ø], labialização da vogal [a] em [œ] e desaparecimento da vogal final não acentuada [u].

Na segunda variedade, de acordo com Segura e Saramago (2001), do Barlavento e do Algarve, menos extensa do que a anterior, constata-se uma deslocação em cadeia das vogais acentuadas: abertura e abaixamento das vogais anteriores – [i] em certos contextos (nasais e vibrantes) é pronunciado quase como [e], [e] é realizado como [ɛ], fazendo surgir uma vogal extremamente aberta, [æ], a corresponder a [ɛ]; velarização da vogal central [a] que é pronunciada muito próxima de [ɔ]; o timbre do [ɔ] aproxima-se do [o]; palatalização de [u] em [y]; redução do ditongo acentuado em posição final, [ew] a [æ]; ditongação da vogal final acentuada [a] que é realizada como [aw]; e desaparecimento de [u] e de [i] final não acentuados, grafados respectivamente -o e -e.

Com relação aos dialetos insulares, conforme os autores, os dialetos que mais se destacam, pela especificidade e regularidade de alguns dos seus traços, são os da Madeira (Porto Santo incluído), de São Miguel e da Terceira. Dentre os dialetos madeirenses, pode-se afirmar que os traços individualizadores desses dialetos são: ditongação da vogal [i] acentuada em [ɨj] ou [ij]; ditongação da vogal [u] acentuada em [ɨw]; palatalização de /l/ em posição inicial ou medial de sílaba, quando é precedido de [i] ou [j]; e semivocalização ou vocalização de -s final em [j] ou [i] quando seguido de consoante sonora ou de fricativa surda.

Quanto aos dialetos açorianos, de acordo com Segura e Saramago (2001), em São Miguel constata-se, relativamente ao sistema vocálico acentuado, uma evolução em cadeia, assim: [i] é realizado com maior abertura e abaixamento [ɨ], ou seja, quase como [e]; [e] labializa em [œ]; [ɛ] é realizado como [æ]; [a] velariza em [ɒ]; [ɔ] é realizado com maior fechamento, ou seja, como [o]; [o] é pronunciado como [u]; [u] palataliza, sendo realizado como [y]; [ej] monotonga em [e]; e [ow] palataliza em [ø]. Na Terceira, o traço mais individualizador é a modificação da estrutura da sílaba acentuada sempre que, na sílaba anterior ou na sílaba final do vocábulo anterior, existe um [i] ou [j] ou, então, [u] ou [w]. Essa modificação traduz-se no aparecimento das semivogais [j] ou [w], respectivamente, antes da vogal acentuada com a qual forma um ditongo crescente. Trata-se, portanto, de um fenômeno de harmonização vocálica devido à qualidade da vogal ou da semivogal pretónica.

O estudo de Andrade e Slifka (2006), sobre a realização fonética das sibilantes produzidas no dialeto de Travanca de São Tomé-Beira Alta, foi constituído a partir de um corpus, no qual foi solicitado aos informantes que gravassem um discurso livre, interpretassem algumas

imagens e que fizessem uma leitura de frases e de palavras (par mínimo). Conforme as autoras, o estímulo dado para o primeiro informante fazia com que ocorressem confusões entre /ʃ/ e /f/ e entre /s/ e /ʃ/ para o segundo informante; entretanto, confusões entre /s/ e /f/ não ocorriam. No geral, Andrade e Slifka (2006) afirmam que a identificação de estímulos para o primeiro informante era mais confusa do que para o segundo informante.

Dentro da teoria da geometria dos traços, dois traços dependentes do traço [coronal], ou seja, o traço [anterior] e o traço [distribuído] definem as três classes em questão de uma forma que é mais ou menos equivalente a classificação tradicional. Diante dessa equivalência, conforme Andrade e Slifka (2006), a definição de /s, z/ como [+anterior] e [+distribuído], /ʃ, ʒ/ como [+anterior] e [-distribuído], e /f, ʒ/ como [-anterior] e [+distribuído] é (ou pelo menos parece) consensual entre fonólogos com essa abordagem teórica.

A busca por um fator fonético comum em relação à distinção apical/laminal

leva as autoras a considerar o possível papel de outra propriedade acústico-articulatória: a ocorrência/ausência de uma cavidade sublingual.

Andrade e Slifka (2006) observaram que as sibilantes em Travanca de São Tomé são produzidas na região dento-alveolares e que podem ser classificadas como [+anterior]. Os resultados do primeiro informante mostram que a posição da constrição correspondente às chamadas sibilantes ápico-alveolares podem, de fato, não ser alveolar, mas mais frontais, entre os falantes desse dialeto. Desse modo, segundo as autoras, levando em consideração os resultados da análise acústica, o atributo acústico-articulatório relevante, comum aos dois informantes, para a distinção entre /ʃ/, por um lado, e /s/ por outro lado, é a contribuição da cavidade sublingual. Isso mostra, também, conforme as autoras, que o traço [distribuído] desempenha um papel menor do que a cavidade sublingual na definição e/ou descrição desses dois segmentos.

A pesquisa de Candeias (2007) tem como objetivo principal identificar e descrever o sistema fonológico da Beira Interior, em especial da área geograficamente delimitada como concelho do Fundão, e fazer algumas considerações sintático-semânticas. Assim, na área fonológica, que é a que nos interessa resenhar para esse estudo, a autora descreve as unidades mínimas e distintivas e as latitudes de variação de como são articuladas, de campos de dispersão ou de fronteiras entre campos ou estádios limiares. Teoricamente, a autora faz as aproximações de relação

necessárias para se notar que um fonema é distinto de todos os outros fonemas do mesmo sistema linguístico; sendo que, praticamente, a autora dá provas da pertinência dos fonemas que (en)formam o sistema da variedade linguística que a autora descreve.

A autora relata que recorreu, primeiramente, a segmentos transcritos de conversação espontânea, captados no cotidiano, e a materiais recolhidos em entrevistas e inquéritos linguísticos. Não se restringindo à análise de dados recolhidos nas conversas dirigidas, a autora empregou um questionário pré-estabelecido de modo a auxiliar metodologicamente a descrição de determinados grupos de designações. Esse questionário abrange diálogos entre informante e inquiridor, além de diálogos entre mais de um informante e inquiridor.

Candeias (2007) afirma, ainda, que a seleção final do corpus gravado foi feita levando em conta o equilíbrio entre contextos, de modo a não ocasionar na descrição do sistema uma disparidade entre o número de segmentos analisados em cada subsistema e em cada modelo funcional de frase. A amostra do estudo de Candeias (2007) consiste em entrevistas realizadas pela autora em 28 localidades da Beira Interior, concelho do Fundão, com informantes nativos de ambos os sexos (no mínimo um homem e uma mulher), com mais de 45 anos de idade e com escolaridade baixa (ou analfabetos).

Não é nosso propósito descrever todos os resultados obtidos por Candeias (2007) e nem analisar todo o sistema fonológico da Beira Interior, com isso descrevemos apenas os resultados alcançados pela autora no que tange os segmentos fricativos alveolares. Candeias (2007) obteve como resultados para a fricativa alveolar surda /s/ em contexto inicial de sílaba, 48% de realizações em posição inicial, 38% de ocorrências em posição intervocálica ['grasɐ] e 15% em posição pós-consonantal; para a fricativa alveolar sonora /z/, 5% de realizações em posição inicial, 83% de ocorrências em posição intervocálica e 12% em posição pós-consonantal; para a fricativa palato-alveolar surda /ʃ/, 28% de realizações em posição inicial, 58% de ocorrências em posição intervocálica ['kaʃoʃ], 13% em posição pós-consonantal e 0,7% em posição pré-consonantal. Salientamos que a fricativa palato-alveolar sonora /ʒ/ não foi significativa nos resultados alcançados pela autora e que a realização das ápico-alveolares /ʒ, ʒ/ não foi contemplada na análise dos dados de Candeias (2007).

González (2008) faz um estudo fonético e fonológico no qual analisa o conjunto de rimas VC em posição medial, com o fim de observar

o seu funcionamento em um sistema linguístico galego (dialeto ocidental galego) e em um sistema linguístico do PE (dialeto de Lisboa). A escolha foi devida, segundo o autor, a diversos pressupostos que indicam que o conhecimento dos dois sistemas em questão pode ajudar na compreensão da evolução de certas propriedades fonológicas e a verificar se as mudanças se dão apenas no plano fonético ou se afetam, e em que medida, a estrutura da própria língua. Para isso, González (2008) procura analisar algumas das propriedades fonéticas das consoantes no limite direito de sílabas mediais nos dois sistemas linguísticos selecionados, a depender do contexto fonético e fonológico em que se encontram. Além disso, procura investigar por meio da Teoria da Otimidade as restrições das quais dependem esses contextos e a sua hierarquia na análise fonológica de cada um dos sistemas.

O corpus do estudo de González (2008), que consiste nos dados do dialeto lisboeta, contempla a gravação de 101 estímulos lexicais inseridos na frase-veículo “Diga _____, por favor”. Já o corpus referente ao dialeto ocidental galego consiste na gravação de 98 estímulos lexicais inseridos nessa mesma frase-veículo. Além disso, o autor salienta, em relação às estruturas VC, que no caso de /S/ foi controlada também a variável vozeamento a fim de observar as propriedades do segmento dependendo do vozeamento do ataque da sílaba seguinte. São três informantes lisboetas e três informantes galegos que fazem parte dos corpora do autor, todos do sexo masculino, com faixa etária de 25 a 29 anos e nível de escolaridade alta (nível universitário).

O autor realizou duas análises em sua pesquisa: uma que contempla as propriedades acústicas dos segmentos /t/, /S/, /l/, /N/ e outra que trata das restrições, à luz da Teoria da Otimidade, para a realização desses segmentos em análise. Como resultados da análise acústica, considerando apenas os resultados que englobam as realizações de /S/, González (2008) ressalta que o segmento fricativo em coda /S/ apresenta diferenças de duração e de frequência motivadas pelo vozeamento do ataque da sílaba seguinte. O autor afirma, ainda, que a principal diferença entre as realizações de /S/ nos dois sistemas remete para o ponto de articulação, ápico-alveolar nos informantes galegos e palato-alveolar nos informantes portugueses. Quanto aos resultados da análise à luz da Teoria da Otimidade, González (2008) relata que, nas produções de /S/, a preservação do valor do traço [soante] entre o *input* e o *output* é assegurada pela restrição IDENT-IO_[SON]; assim mesmo, AGREE_[VOICE] dá conta das assimilações de vozeamento entre os alofones de /S/ e o ataque da sílaba seguinte. A diferença articulatória entre os dois sistemas

deve-se à ação da restrição NOCODA_[+ant] no sistema português, que permite a emergência de segmentos coronais [-anterior].

O estudo de Brissos (2011) investiga a linguagem do Sueste da Beira nos planos diacrônico e sincrônico. O autor apresenta as principais questões e os principais traços definidores da referida linguagem, além de um estudo descritivo de um corpus diacrônico de documentos produzidos na região nos séculos XIII e XIV⁵⁶, de um corpus sincrônico de dados do Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)⁵⁷ e de dados de recolha própria. Salientamos, entretanto, que vamos resenhar somente os apontamentos referentes ao sistema de sibilantes produzidas nas localidades que foram investigadas pelo autor.

⁵⁶ Fazem parte do corpus diacrônico, 99 documentos tabeliônicos produzidos no atual distrito de Castelo Branco nos séculos XIII e XIV. Com referência a esse corpus, Martins (2001, p. 13) relata que “Os documentos [publicados na obra] [...] formam uma coleção organizada de modo a constituir uma base de trabalho para estudos de linguística histórica, possibilitando enfoques comparativos de pendores diversos. Juntamente com os documentos da mesma natureza publicados por Clarinda de Azevedo Maia (1986) - 136 documentos da Galiza e 32 do noroeste de Portugal - são um contributo para o preenchimento de um espaço deficitário no domínio da Filologia Portuguesa, o da edição de textos não literários de proveniência regional diversa”.

⁵⁷ O projeto ALEPG foi iniciado em 1970 por uma equipe dirigida por Luís F. Lindley Cintra que se encarregou, nos quatro primeiros anos, da elaboração do questionário linguístico cuja aplicação guiaria a recolha de dados. Trata-se de um questionário essencialmente lexical, de base onomasiológica. O questionário inicialmente aplicado contém cerca de 3.500 perguntas, mas veio a ser reduzido para cerca de 2.000, a fim de acelerar a sua aplicação e viabilizar a finalização do projeto. O atual questionário reduzido incide principalmente sobre o léxico ligado às tecnologias tradicionais, à agricultura e à agropecuária. A rede de inquéritos desse atlas é constituída por um total de 212 pontos distribuídos da seguinte forma: 176 em território continental, 17 no arquipélago dos Açores, 07 no arquipélago da Madeira e 12 em território espanhol (zonas fronteiriças). Os inquéritos foram realizados a partir de 1974, tendo o questionário integral sido aplicado em 70 localidades e o reduzido em 138 pontos. O perfil do informante alvo do ALEPG é o clássico, ou seja, plenamente conservador e ligado à terra. Segundo Saramago (2006, p. 283) “procurou-se, sempre que possível, que os informantes pertencessem a uma camada etária acima dos 50 anos; no máximo, com a escolaridade primária; com o mínimo de ausências da localidade e por curtos espaços de tempo; com pais e cônjuge oriundos da localidade ou, então, de localidades próximas. Deviam igualmente possuir boa capacidade de resposta, para além de boas características articulatórias”.

Quanto aos dados de recolha própria, Brissos (2011) relata que esses dados serão incluídos aos dados do ALEPG, visto que esse último corpus será o principal a ser estudado. O autor menciona, ainda, com relação aos dados de recolha própria, que a coleta desse corpus foi realizada no mês de novembro de 2008 no concelho de Penamacor⁵⁸, nas localidades de Águas, Aranhas, Benquerença e Meimão. Concelho esse, Penamacor, que não está contemplado nas entrevistas realizadas no ALEPG. Brissos (2011) afirma que os dados de recolha própria foram coletados por meio de inquéritos que foram coordenados pelo investigador responsável do ALEPG, João Saramago.

Conforme o autor, o perfil do informante é o mesmo do ALEPG. Desse modo, na localidade de Águas, o inquérito foi realizado com um informante masculino, de 75 anos, analfabeto; na localidade de Aranhas, a entrevista foi realizada com seis informantes, cinco mulheres e um homem, de 65 a 82 anos e com escolaridade baixa (estudos nulos ou mínimos); na localidade de Benquerença, o inquérito foi realizado com um informante masculino, de 80 anos, com o 4º ano de escolaridade; e na localidade de Meimão, a entrevista foi realizada com um informante masculino principal (de 77 anos e analfabeto) e com um informante feminino secundário (mais de 70 anos e analfabeto).

Brissos (2011) afirma, quanto ao sistema de sibilantes, que tal como tem sido assinalado na literatura, passa no Sueste Beirão a fronteira entre a área portuguesa de sibilantes exclusivamente áptico-alveolares /ʃ, ʒ/ e a área de sibilantes exclusivamente pré-dorso-dentais /s, z/. Vale ressaltar, segundo o autor, que esses segmentos realizam-se em coda silábica como áptico-alveolares e palato-alveolares /ʃ, ʒ/, respectivamente.

Com base nos dados do ALEPG, o autor relata que Salvaterra do Extremo, Monsanto e Alcongosta são as localidades que realizam exclusivamente as sibilantes áptico-alveolares /ʃ, ʒ/; Idanha-a-Nova, Rosmaninhal, Malpica do Tejo, Foz do Cobre, Isna e Cardoso são as localidades que realizam exclusivamente as sibilantes pré-dorso-dentais /s, z/. Nos dados de recolha própria, Brissos (2011) aponta que a localidade de Penamacor apresenta realizações áptico-alveolares.

De acordo com o autor, os informantes mais jovens que se inserem em segmentos sociais menos conservadores abdicam as sibilantes áptico-alveolares em detrimento do sistema normativo, as sibilantes pré-dorso-dentais. Esse processo origina normalmente, pelo menos nos primeiros estádios de evolução, um sistema misto: um sistema

⁵⁸ Localizado na parte nordeste da Beira Baixa.

que procura as pré-dorso-dentais, mas tem fortes vestígios do sistema adquirido na infância e ainda em vigor nas gerações mais velhas (o sistema das ápico-alveolares /ʃ, ʒ/).

A pesquisa de Henriques (2012) tem como objetivo principal determinar o estatuto prosódico da fricativa coronal /S/ no PE quando seguida de obstruintes em posição inicial de palavra, admitindo-se ou não a existência eventual de um núcleo vazio antes desse segmento. Essa particularidade, segundo a autora, reside no fato de, com base no Princípio de Sonoridade e na Condição de Dissemelhança, não ser possível um ataque complexo fricativa+obstruinte porque esses ataques não respeitariam o valor mínimo de distanciamento de sonoridade estabelecido para as diversas línguas (Condição de Dissemelhança). Por conseguinte, conforme a autora, a fricativa coronal é encarada como ‘especial’, em diversas línguas (italiano, grego, holandês, inglês), devido às aparentes violações das restrições fonotáticas dessas línguas, caso integre um ataque ramificado com a consoante seguinte (/#(ø)SC.).

Henriques (2012) opta, em seu estudo, por uma metodologia descritiva e reflexiva da literatura sobre o tópico em análise. Assim, segundo a autora, foram recolhidas pistas em nível da investigação fonética e fonológica, na área da aquisição fonológica e posteriormente as hipóteses explicativas foram comparadas com o intuito de construir e apresentar uma proposta. A autora ressalta, ainda, que não aborda uma única teoria fonológica, visto que várias teorias fornecem dados e perspectivas importantes para a análise do estatuto prosódico das fricativas coronais em início de sílaba e de palavra. Quer a fonologia não linear quer a fonologia articulatória ou a Teoria da Otimidade (TO) podem contribuir com informações importantes e profícuas para a compreensão do fenômeno, por isso a autora justifica a não escolha por uma única teoria.

Os resultados do estudo de Henriques (2012) apontam a supressão das vogais átonas iniciais, em PE; a comprovação do prefixo IN- na existência de uma vogal inicial, pois a marca da nasalidade não é atribuída à consoante; que a fricativa coronal assume a sonoridade da consoante seguinte; que a produção do artigo determinante de plural conduz, por vezes, à assimilação com a palavra seguinte e os falantes produzem [z], como quando a palavra seguinte começa por vogal; que em algumas sequências era admitida a existência de uma vogal fonológica. Com isso, a autora defende que a fricativa coronal se encontra em coda da primeira sílaba e que essa posição refere-se ao fato da fricativa não poder constituir ataque com a oclusiva, visto que violaria o Princípio de

Sonoridade, e também não poder ser encarada essa sequência como um segmento complexo, visto que iria criar segmentos não existentes no inventário fonêmico do PE (FREITAS, 1997).

Com relação ao empréstimo e a comparação com outras línguas, Henriques (2012) salienta serem dados importantes a inserção da vogal no espanhol e a estratégia de reparação nos empréstimos com essa sequência em várias línguas; e que no PE não existe inserção de vogal nos empréstimos com a sequência /#(ø)SC/.

Rodrigues (2012), em seu estudo sobre a fragilidade das codas silábicas no PE, afirma que o segmento sibilante /s/ é realizado, no interior da palavra, como palato-alveolar e com valor de vozeamento igual ao da consoante seguinte. No fim de palavra, segundo a autora, /s/ recebe a mesma especificação do interior de palavra, se o segmento seguinte for uma consoante. Se, no entanto, o segmento seguinte for uma vogal, /s/ pode receber a especificação coronal anterior vozeada, dependendo da inexistência de ruptura na cadeia fônica entre as duas palavras (RODRIGUES, 2012).

De acordo com a autora, se o /s/ ocorrer diante de uma vogal, como foi observado em registros espontâneos de informantes jovens de todos os dialetos do PE, o que se verifica é a produção do segmento [ʒ], em vez de se realizar com a pronúncia [z]. Com isso, conforme Rodrigues (2012), as duas pronúncias em sândi pré-vocálico são concorrentes. A forma mais recente [ʒ], muito comum entre os informantes mais jovens, implica especificação do /s/ com as características de uma coda (ou seja, como não anterior) e a sua ressilabificação em ataque.

A sibilante /s/ em posição medial tende a manter-se com a realização palato-alveolar (coronal [-anterior]), assimilando o vozeamento da consoante seguinte. Em posição final tende a acontecer o mesmo, se o segmento seguinte for consonântico. A sua especificação como [-anterior] decorre da sua silabificação em coda, já que em ataque, tende a ser realizada como [+anterior] – *as almas* a[z]almas. A assimilação de vozeamento, conforme Rodrigues (2012), só pode dar-se se ambos os segmentos se encontrarem no mesmo constituinte prosódico, porém não é obrigatória.

Rodrigues (2003), nos dados de Lisboa, obteve 21,2% de formas com [ʃ], quando o esperado era a produção de [z], e nos dados de Braga alcançou 22,3%. As formas populares com o segmento [ʒ] antes de vogal (*somos amigos* *somo*[ʒ]*amigos*) implicam a especificação como coda com os traços [+vozeado] e [-anterior] e, posteriormente, a sua

ressilabificação em ataque. A frequência de ocorrência dessa variante é relativamente baixa no CPE-Var⁵⁹ (entre 0-4%, em dados de 1996-97), mas deve-se principalmente a informantes jovens de Lisboa. Em Braga é inferior a 2% em todos os perfis de informantes do CPE-Var (RODRIGUES, 2003). O fenômeno parece estar em expansão, presume-se que a partir do sul de Portugal, apesar de ainda não ter sido alvo de trabalho baseado em amostras estratificadas de fala mais recentes (RODRIGUES, 2003).

Com relação à produção de /s/, Rodrigues (2003) afirma que esse segmento não obteve realização em 2,6% dos casos de Lisboa e em 2,5% dos casos de Braga. Trata-se, sobretudo de encontro entre sibilantes nos quais há fusão dos dois segmentos e a realização adotada é a da consoante do ataque seguinte ([ʃs]>[ʃ]), ou onde se produz um único [ʃ] para corresponder a dois segmentos /ʃ/ (*vamos esperar/estar*).

González (2008), nos seus dados de Lisboa referentes à /ʃ/ interno, observou que a coda teve sempre realização como vozeada ou não vozeada, dependendo do segmento seguinte, correspondendo o segmento a cerca de 50% da rima. Não foram registradas grandes diferenças, em função do ponto de articulação da consoante seguinte ou da vogal da rima. No caso de a coda ser vozeada, registrou apenas um acréscimo na duração da vogal homossilábica.

Resumidamente, de acordo com Rodrigues (2012), é importante ressaltar a fusão de /s/ com outras sibilantes (*mai[ʃ]imples*, *mai[ʒ]unto*) realizada em ataque; a elisão antes das soantes (*mais luz* *mai[l]uz*, *mais rápido* *mai[R]ápido*, *mais nada* *ma[jn]ada*), realizando apenas sílabas canônicas; e a ressilabificação das sibilantes de coda não anteriores em ataque (*o[ʒ]amigos*).

O estudo de Bassi (2014)⁶⁰ tem como objetivo principal analisar a realização das sibilantes /s, z, ʒ, ʒ/ e das chiantes /ʃ, ʒ/ na fala de informantes portugueses. Para isso, a autora realiza uma descrição articulatória e fonológica das sibilantes /s, z, ʒ, ʒ/ e das chiantes /ʃ, ʒ/ e verifica o contraste entre os traços distintivos para a diferenciação desses segmentos em termos de geometria de traços. Além disso, Bassi (2014)

⁵⁹ O CPE-Var é um corpus de fala espontânea com entrevistas sociolinguísticas, realizadas no doutoramento de Celeste Rodrigues. Incluem entrevistas com falantes de Lisboa e de Braga, recolhidas em 1996 e 1997. Trata-se de um corpus estratificado, que possibilita estudar as diferenças linguísticas existentes entre os perfis de informantes distintos.

⁶⁰ No prelo.

verifica como se dá a distribuição das sibilantes /s, z, ʒ, ʒ/ e das chiantes /ʃ, ʒ/ quanto à posição da fricativa na palavra (ataque, coda medial, coda final) e quanto ao contexto precedente (vogais anteriores, vogais centrais, vogais posteriores, glides, consoantes coronais, ausência de contexto precedente) e seguinte à fricativa (vogais anteriores, vogais centrais, vogais posteriores, glides, consoantes labiais, consoantes coronais, consoantes dorsais, ausência de contexto fonológico seguinte).

Bassi (2014) analisa, levando em conta a variável dependente (fricativa pré-dorso-dental /s, z/, fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/ e fricativa ápico-alveolar /s, ʒ/), 308 dados retirados, do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa⁶¹, de quatro informantes portugueses das localidades de Parreira (Santarém), Golpilhal (Coimbra), Granjal (Viseu) e Escalhão (Guarda)⁶².

Na análise geral dos 79 dados de fala de Parreira (Santarém), a autora obteve uma frequência de 55% de realização das fricativas pré-dorso-dentais e um percentual de 43% de ocorrência das fricativas palato-alveolares. Segundo a autora, tal resultado reflete o processo de simplificação das quatro sibilantes /s, z, ʒ, ʒ/, do PE conservador, em pré-dorso-dentais /s, z/. Na análise dos 85 dados de fala de Golpilhal (Coimbra), Bassi (2014) alcançou uma frequência de 81% de realização das fricativas pré-dorso-dentais e um percentual de 19% de ocorrência das fricativas palato-alveolares. Portanto, na localidade de Golpilhal (Coimbra) a redução ocorreu, também, em favor das fricativas pré-dorso-dentais, assim como em Parreira (Santarém). Na análise dos 63 dados de fala de Granjal (Viseu), a autora obteve uma realização categórica (100%) de ocorrência das fricativas ápico-alveolares. Desse modo, conforme a autora, nessa localidade a simplificação do sistema de sibilantes ocorreu

⁶¹ “Trata-se de textos gravados aquando da aplicação de inquéritos dialectais para o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* [...]. Os locutores correspondem naturalmente ao perfil dos informantes de inquéritos dialectais, ou seja, são adultos de idade superior a 55 anos, analfabetos ou de instrução que não ultrapassa os primeiros graus de escolaridade e, de uma maneira geral, naturais de comunidades rurais ou piscatórias pouco populosas. O critério principal para a selecção dos textos foi naturalmente a sua representatividade, ou seja, houve a preocupação de encontrar excertos que incluíssem palavras em que possam estar reproduzidos os traços que diferenciam os dialectos uns dos outros” (SEGURA; SARAMAGO, 2001, p. 230). Bassi (2014) ressalta que, visto uma não estratificação social dos informantes nesse corpus, não foi possível a análise das variáveis extralinguísticas.

⁶² Conforme Anexo C.

em favor das ápico-alveolares /s̺, z̺/, diferentemente do ocorrido em Parreira e em Golpilhal. Na análise dos 81 dados de fala de Escalhão (Guarda), Bassi (2014) alcançou uma frequência de 59% de realização das fricativas ápico-alveolares e um percentual de 41% de ocorrência das fricativas pré-dorso-dentais. Resultado esse que apresenta para a localidade de Escalhão, segundo a autora, um sistema conservador em favor da manutenção das quatro sibilantes /s, z, s̺, z̺/.

Com relação à posição da fricativa na palavra, Bassi (2014) obteve como resultado para a localidade de Parreira, 57% de realizações das fricativas pré-dorso-dentais em ataque silábico e 34% de ocorrências das fricativas palato-alveolares em coda final; para a localidade de Golpilhal, a autora obteve 54% de realizações das fricativas pré-dorso-dentais em ataque silábico e 12% de ocorrências das fricativas palato-alveolares em coda final; para a localidade de Granjal, Bassi (2014) alcançou 40% de realizações das fricativas ápico-alveolares em ataque silábico; e para a localidade de Escalhão, a autora obteve 22% de ocorrências das fricativas pré-dorso-dentais em ataque silábico e 48% de realizações das fricativas ápico-alveolares, também, em ataque silábico.

Quanto ao contexto precedente à fricativa, Bassi (2014) obteve como resultado para a localidade de Parreira, 16% de realizações das fricativas pré-dorso-dentais após vogais centrais [a, ã, ɐ, i] e 20% de ocorrências das fricativas palato-alveolares após vogais posteriores [u, ũ, o, õ, ɔ]; para a localidade de Golpilhal, a autora obteve 30% de realizações das fricativas pré-dorso-dentais após vogais centrais [a, ã, ɐ, i] e 13% de ocorrências das fricativas palato-alveolares após vogais posteriores [u, ũ, o, õ, ɔ]; para a localidade de Granjal, Bassi (2014) alcançou 28% de realizações das fricativas ápico-alveolares após vogais posteriores [u, ũ, o, õ, ɔ]; e para a localidade de Escalhão, a autora obteve 15% de ocorrências das fricativas pré-dorso-dentais, também, após vogais posteriores [u, ũ, o, õ, ɔ] e 18% de realizações das fricativas ápico-alveolares após vogais anteriores [i, ĩ, e, ě, ɛ].

Com relação ao contexto seguinte à fricativa, Bassi (2014) obteve como resultado para a localidade de Parreira, 37% de realizações das fricativas pré-dorso-dentais antes de vogais centrais [a, ã, ɐ, i] e 16% de ocorrências das fricativas palato-alveolares antes de consoantes coronais [t, d, n, ɫ, r, ɲ, ʎ]; para a localidade de Golpilhal, a autora obteve 28% de realizações das fricativas pré-dorso-dentais antes de vogais anteriores [i,

ĩ, e, ĩ, ɛ] e 10% de ocorrências das fricativas palato-alveolares antes de consoantes coronais [t, d, n, ʈ, r, ɲ, ʎ]; para a localidade de Granjal, Bassi (2014) alcançou 21% de realizações das fricativas ápico-alveolares antes de vogais anteriores [i, ĩ, e, ĩ, ɛ]; e para a localidade de Escalhão, a autora obteve 10% de ocorrências das fricativas pré-dorso-dentais antes de vogais anteriores [i, ĩ, e, ĩ, ɛ] e antes de consoantes labiais [p, b, m, f, v], e 22% de realizações das fricativas ápico-alveolares antes de vogais anteriores [i, ĩ, e, ĩ, ɛ].

Bassi (2014) salienta, com base no controle da frequência das sibilantes /s, z, ʃ, ʒ/ e das chiantes /ʃ, ʒ/, que a realização dos segmentos em análise é mais recorrente em ataque silábico, no contexto precedente que envolve uma vogal posterior e no contexto seguinte que envolve uma vogal anterior. Além disso, por meio da descrição fonológica das sibilantes e das chiantes, a autora ressalta que foi possível constatar a importância no contraste entre os traços [anterior] e [distribuído] para a distinção desses segmentos em termos de geometria de traços.

2.4.4 A realização da fricativa alveolar /s/ no PE - perspectiva sociolinguística

A pesquisa de Rodrigues (2003) procura apresentar uma análise que permite cobrir um leque variado de fenômenos fonológicos realizados em Lisboa e em Braga, além de demonstrar os principais tipos de variação associável a fatores linguísticos e extralinguísticos. Para isso, a autora discute e analisa fonologicamente os principais fenômenos identificados, usando o modelo teórico autosegmental. Dentre outras coisas, a autora propõe, também, avaliar se o tipo de recolha, o tipo de Base de Dados, o tipo de tratamento quantitativo, o tipo de informantes entrevistados e o modelo teórico adotado permitem esclarecer a relação funcional da língua: invariância e variabilidade.

O Corpus de Português Europeu – Variação (CPE-VAR) que Rodrigues (2003) utiliza em seu estudo é composto por 53.067 dados (180 entrevistas: 78 de Lisboa e 102 de Braga) recolhidas pela autora em 1996 e 1997. De acordo com Rodrigues (2003, p. 52), esse corpus “permite o estudo comparativo entre variedades geográficas, situacionais e sociais da língua”. A estrutura das entrevistas sociolinguísticas de cunho laboviano, feitas pela autora, contém cerca de 20 minutos de conversa formal inicial, leitura de palavras isoladas (581), leitura de frases isoladas (85), leitura de texto (adaptado a partir de um texto de imprensa escrita) e, por último,

conversa informal (nunca inferior a 30 minutos). Os informantes são de ambos os sexos (masculino e feminino), de cinco faixas etárias distintas (faixa 1 – de 13 a 19 anos, faixa 2 – de 20 a 25 anos, faixa 3 – de 26 a 39 anos, faixa 4 – de 40 a 55 anos, faixa 5 – mais do que 55 anos) e de quatro níveis de escolaridade (nível 0 – sem instrução escolar; nível 1 – instrução equivalente à antiga 4ª classe, ao antigo ciclo preparatório ou ao 9º ano de escolaridade atual; nível 2 – 12º ano ou grau de instrução equivalente; nível 3 – licenciatura, no mínimo)⁶³.

Tendo por base o estudo de Rodrigues (2003), propomo-nos a resenhar somente o que diz respeito à realização de /S/ em coda final, visto que a autora investiga as vogais tônicas (/o/ e /ɔ/, /e/ e /ɛ/ pré-palatais, /ɛ/ e /ɔ/ finais), as vogais átonas (/o#/, /oS#/, /#o/ e /#ɔ/, /o/ e /ɔ/ mediais, /u/ não final, /e#/, <e> inicial, <e> medial, /i/) e as consoantes (/S/ final, /r/ em coda, /r/ em ataque silábico, /b/, /d/, /g/, /v/).

Detendo-nos, então, somente ao que interessa para o nosso estudo, observamos nos resultados de Rodrigues (2003), para a localidade de Lisboa, levando em conta a variável dependente (fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa alveolar sonora /z/ e zero fonético /ø/), que de um total de 1.454 ocorrências, [ʃ] tem como contexto seguinte uma consoante [-voz] ou uma pausa em 79% dos dados, uma consoante [+voz] em 6% dos dados, uma vogal ou uma semivogal em 10% dos dados e em 5% dos dados esse segmento representa dois segmentos adjacentes de palavras diferentes⁶⁴. Com relação ao contexto seguinte a [ʒ], de um total de 595 ocorrências, em 94% dos dados esse segmento ocorre antes de uma consoante [+voz], em 4% dos dados antes de uma vogal ou semivogal e em 2% dos dados [ʒ] representa dois segmentos fonológicos sibilantes de palavras adjacentes (/S/ final, seguido de um segmento contínuo não soante).

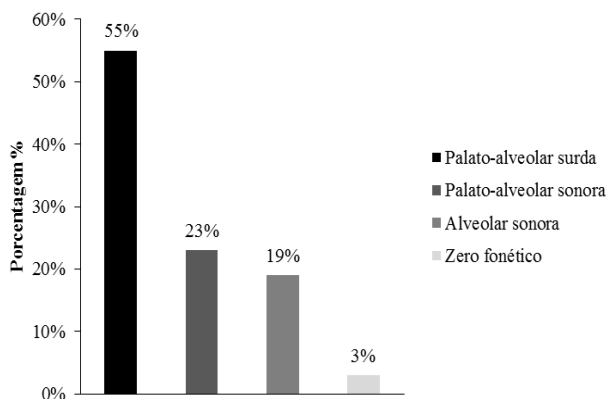
Quanto à realização de [z], com base em 678 ocorrências em que depois da fricativa existe uma vogal ou semivogal, Rodrigues (2003, p.

⁶³ A amostra de dados utilizada na tese de doutoramento de Rodrigues (2003) é mais reduzida, visto que contempla 113 entrevistas somente, não inclui dados da faixa etária de 20 a 25 anos, não inclui dados de informantes analfabetos, não inclui dados de discurso formal e não inclui partes equivalentes para todos os informantes do material de leitura.

⁶⁴ “A existência de [ʃ] antes de consoante vozeada e de vogal ou semivogal mostra que a assimilação do vozeamento é bloqueada pela existência de uma pequena separação entre as palavras, mesmo que esta não tenha correspondência com alguma fronteira prosódica entre sintagmas” (RODRIGUES, 2003, p. 235).

236) salienta que “ainda que esse segmento só apareça se a seguir houver uma vogal ou semivogal, o vozeamento da fricativa final neste contexto não é um processo categórico”. Com base nisso, [z] ocorre em 75% dos dados, [ʃ] em 21% dos dados e [ʒ] em 3% dos dados⁶⁵. Com relação à não realização da fricativa /S/ em coda, o número de dados é de 69 ocorrências de [ø], portanto em 3% dos dados a fricativa /S/ não se realiza. Com base na observação dos dados, em que a fricativa /S/ não ocorre em coda silábica, Rodrigues (2003, p. 236) ressalta que “a natureza do segmento no ataque da 2ª palavra é determinante para a qualidade do segmento fricativo da coda”. Para uma visualização mais geral dos resultados alcançados por Rodrigues (2003), nas 2.628 ocorrências da fricativa /S/ em coda silábica correspondentes aos dados de Lisboa, verificamos o Gráfico 13.

Gráfico 13 - Realizações da fricativa /S/ em coda silábica em Lisboa-PT



Fonte: Elaboração própria com base em Rodrigues (2003).

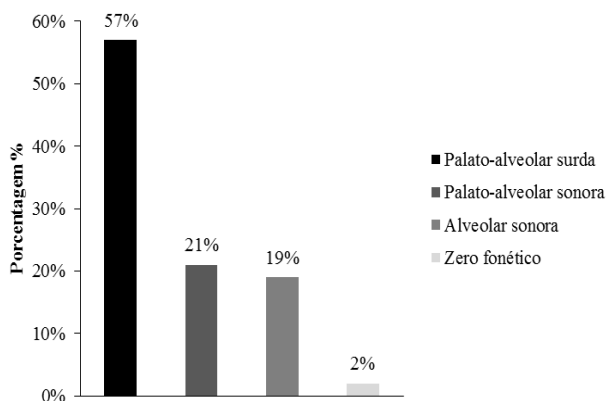
Observamos nos resultados de Rodrigues (2003), para a localidade de Braga, levando em conta a variável dependente (fricativa palato-alveolar /ʃ, ʒ/, fricativa alveolar sonora /z/ e zero fonético /ø/), que de um total de 2.002 ocorrências, [ʃ] tem como contexto seguinte uma consoante [-voz] ou uma pausa em 78% dos dados, uma consoante [+voz]

⁶⁵ “A existência de variantes palatais antes da vogal mostra qual é a natureza da consoante fricativa: o autossegmento flutuante que pode ocupar a posição de coda (ainda que também possa ocupar a posição de ataque foneticamente)” (RODRIGUES, 2003, p. 236).

em 8% dos dados, uma vogal ou uma semivogal em 10% dos dados e em 4% dos dados esse segmento representa duas consoantes fonológicas. Com relação ao contexto seguinte a [ʒ], de um total de 728 ocorrências, em 95% dos dados esse segmento ocorre antes de uma consoante [+voz], em 2% dos dados antes de uma vogal ou semivogal e em 3% dos dados [ʒ] representa duas consoantes.

Quanto à realização de [z], com base em 874 ocorrências em que depois da fricativa existe uma vogal ou semivogal, Rodrigues (2003) salienta que, assim como nos dados referentes a Lisboa, esse segmento não se realiza categoricamente. Com base nisso, [z] ocorre em 76% dos dados, [ʃ] em 22% dos dados e [ʒ] em 2% dos dados. Com relação à não realização da fricativa /S/ em coda, o número de dados é de 88 ocorrências de [ø], portanto em 2% dos dados a fricativa /S/ não se realiza. Para uma visualização mais geral dos resultados alcançados por Rodrigues (2003), nas 3.479 ocorrências da fricativa /S/ em coda silábica correspondentes aos dados de Braga, verificamos o Gráfico 14.

Gráfico 14 - Realizações da fricativa /S/ em coda silábica em Braga-PT



Fonte: Elaboração própria com base em Rodrigues (2003).

De acordo com Rodrigues (2003), o estudo discriminado por localidade serviu apenas para demonstrar que os fatores contrastados não têm influência perceptível nos dados e que as duas variedades dialetais têm ocorrências muito semelhantes e decorrentes de fatores contextuais.

Com relação às variáveis extralinguísticas controladas pela autora⁶⁶, relativamente ao grau de escolaridade, Rodrigues (2003) afirma que dos três níveis de instrução analisados, o que mais se distancia dos restantes é o nível que compreende os informantes de escolaridade alta, ou seja, aqueles que possuem nível superior (licenciatura). De acordo com a autora, “o fator de instrução perpassa todos os fenómenos estudados, influenciando, em maior ou menor medida, os comportamentos linguísticos dos falantes” (RODRIGUES, 2003, p. 373). Para justificar tal afirmação, Rodrigues (2003) apresenta os dados de Braga, nos quais os informantes com escolaridade alta são “mais despertos para a variação da língua, de tal modo que assumem características da variedade padrão, por vezes em percentagens muito altas” (RODRIGUES, 2003, p. 373).

Em relação à faixa etária, Rodrigues (2003) relata que os informantes mais jovens (de 13 a 19 anos) apresentam maiores percentagens de ocorrências de fenómenos considerados inovadores, ou seja, realizam mais a queda de [u] átono, realizam mais o segmento [ɔ] para as vogais átonas iniciais em Lisboa e o segmento /v/ em Braga, por exemplo. Tal fato justifica-se, segundo a autora, visto que “os falantes mais jovens ainda não tiveram oportunidade de passar pelo <filtro>, constituído pelo resto da escolarização e pelo confronto com o mercado de trabalho, que tenderá a moldá-los a um modo de falar mais próximo do padrão” (RODRIGUES, 2003, p. 373).

O desempenho linguístico dos informantes da faixa etária de 26 a 39 anos acompanha, conforme a autora, o comportamento dos informantes mais jovens (13 a 19 anos) do que o comportamento dos informantes de 40 a 55 anos. Os informantes pertencentes a essa última faixa etária mostram, por vezes, um desempenho linguístico divergente dos informantes de outras faixas etárias, conforme a autora. Já sobre os informantes de faixa etária que compreende mais de 55 anos não restam dúvidas, segundo Rodrigues (2003), de que é nessa faixa etária que se encontram os aspectos mais conservadores da língua. Com base nisso, Rodrigues (2003) ressalta que a variação fonética é, portanto, maior nos informantes que compreendem as faixas etárias 3 e 4, ou seja, em informantes de 26 a 39 anos (faixa 3) e em informante de 40 a 55 anos (faixa 4) do que nos informantes que pertencem as outras faixas etárias.

⁶⁶ Rodrigues (2003) faz uma análise geral das variáveis extralinguísticas e apresenta tal análise nas conclusões e reflexões finais do seu estudo. Vale mencionar que a análise feita pela autora objetiva a discussão geral dos fenómenos analisados em sua pesquisa, portanto não apresenta resultados referentes a fenómenos isolados.

Quanto ao sexo dos informantes, Rodrigues (2003) enfatiza que em Lisboa os informantes do sexo masculino lideram mais processos inovadores do que os informantes do sexo feminino; o contrário ocorre em Braga. De acordo com a autora, as mulheres costumam introduzir mais variantes consideradas inovadoras, desde que estas não sejam estigmatizadas. Com isso, a autora conclui que o falar das mulheres “está sujeito a maior variação do que o dos homens” (RODRIGUES, 2003, p. 376).

Rodrigues (2003), com base no controle dos diferentes estilos de fala, salienta que existe um decréscimo de formalidade gradual da leitura de palavras isoladas (LP) para a leitura de texto (LT) e da leitura de texto (LT) para o discurso informal (DI). Ressalta, ainda, que no final da leitura de texto (LT), “existe uma quebra notória de concentração no discurso que implica uma quebra de formalidade: começam a surgir percentagens mais altas de quedas de vogal e de variantes bilabiais de /v/” (RODRIGUES, 2003, p. 377)⁶⁷.

O estudo de Andrade e Rodrigues (2003) incide sobre um fenômeno fonético do PE, nomeadamente o sândi em [U] de uma fricativa palato-alveolar em coda silábica com uma fricativa alveolar em início de palavra.

Segundo as autoras, de acordo com Andrade (2003b e 2003c), verifica-se que o sândi de fricativas pode ocorrer (i) no interior de palavra e (ii) em fronteira de palavra, sendo que a sua ocorrência é mais restrita na segunda condição do que na primeira. As autoras salientam, na análise dos dados, que o percentual de sândi encontrado (66,7%) não correspondeu às suas expectativas, visto que esperavam encontrar um percentual mais elevado.

Andrade e Rodrigues (2003) verificaram que o fenômeno de sândi ocorre nomeadamente na fala livre de informantes com escolaridade alta (nível superior) e de faixa etária que compreende 26 a 39 anos. Além disso, segundo as autoras o fenômeno não está circunscrito somente a Lisboa, mas também, a Braga⁶⁸.

⁶⁷ Fato esse, também, observado no estudo de Bassi (2011) que se refere à realização da fricativa /s/ em coda silábica no falar florianopolitano e carioca.

⁶⁸ A amostra de Andrade e Rodrigues (2003) é constituída por quatro informantes femininos e dois informantes masculinos, de Lisboa; e por três informantes femininos e três informantes masculinos, de Braga; todos com escolaridade alta (nível universitário) e com uma faixa etária entre 26 a 39 anos. Os dados recolhidos baseiam-se em cerca de 20 minutos de fala gravada de cada

Os resultados acústicos apontaram, conforme as autoras, para a influência de fatores prosódicos sobre a realização da sequência /S#s/⁶⁹ e mostraram que o grau de estruturação fonológica do fenômeno de sândi é variável conforme os falantes. Além disso, de acordo com Andrade e Rodrigues (2003), no seu grau mais avançado de estruturação (sândi externo), a realização de /S#s/ é governada em um nível elevado da hierarquia prosódica, aproximando-se, possivelmente, daquilo que foi observado por Frota (2000) para a assimilação de vozeamento da fricativa final.

informante, sendo que os dados de fala livre foram transcritos por uma das autoras, tendo as transcrições sido revistas.

⁶⁹ Fricativa palato-alveolar (S) fronteira de palavra (#) fricativa alveolar ou dento-alveolar (s).

CAPÍTULO 3 – MODELOS FONOLÓGICOS

Evidenciamos, neste capítulo, no primeiro momento, algumas noções sobre os modelos fonológicos, modelo linear (CHOMSKY; HALLE, 1968) e não-linear (CLEMENTS, HUME, 1995). Após essas considerações, que julgamos necessárias quando se aborda um objeto fonológico como o que analisamos, apresentamos mais detalhadamente a fonologia não-linear, bem como três subteorias não-lineares que esse modelo abrange, são elas: a Teoria Autossegmental, Teoria da Sílabas e a Teoria Lexical. Salientamos que o nosso estudo fundamenta-se no modelo fonológico não-linear.

3.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA LINEAR

As linhas gerais da teoria fonológica gerativa ou generativa linear foram apresentadas por Chomsky e Halle (1968), com a publicação de *The Sound Pattern of English* (SPE). O modelo linear de Chomsky e Halle (1968) diferencia-se do modelo estruturalista “por tornar a relação, entre a representação fonológica e a produção fonética muito mais abstrata e por eliminar o ‘nível fonêmico’, que estabelece um nível separado para a relação entre fonema e suas variantes contextualmente especificadas” (BISOL, 2010, p. 16).

De acordo com Chomsky e Halle (1968), todo falante possui informação fonológica que abrange duas formas diferentes das unidades lexicais de uma língua: uma é a representação fonológica, que é mais abstrata, subjacente ao nível fonético, que contém informação previsível (idiossincrática), e que estabelece a relação som – significado; a outra é a representação fonética, que apresenta a realização da palavra ou do segmento, que isola as propriedades articulatórias e acústicas dos sons para a produção e decodificação do sinal da fala, e que contém informação não previsível (não idiossincrática).

No modelo linear de Chomsky e Halle (1968), esses dois níveis de representação – fonológico e fonético – são sistematicamente relacionados por meio de regras, que atuam com base na informação previsível dos itens lexicais, e que apagam, acrescentam ou modificam sons em dados contextos. Sendo que para cada palavra possível, as regras fonológicas derivarão, a partir da representação idiossincrática, uma representação não idiossincrática, ou seja, fonética. Com base nisso, podemos observar que para esse modelo linear a noção de ‘regra’ é fortemente indispensável para caracterizar uma língua.

Chomsky e Halle (1968) analisam a fala como uma combinação linear de conjuntos de traços distintivos⁷⁰, por meio de uma relação bijetiva (um-para-um) entre segmentos e matrizes de traços. Segundo os autores, traços distintivos são propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatório⁷¹, que, de forma coocorrente, constituem os sons das línguas. Além disso, nesse modelo, os traços são binários, ou seja, cada traço distintivo é definido por dois pontos na escala física, representando a presença (+) ou a ausência (-) da propriedade. Os segmentos, por sua vez, consistem em sequências de colunas de traços, não havendo qualquer ordenação e/ou hierarquia entre os traços que compõem as matrizes.

Ao mapearem as categorias fonológicas no conjunto universal de traços fonéticos, Chomsky e Halle (1968) demonstram que as oposições fonológicas são limitadas e que esses limites são indispensáveis para o funcionamento das línguas. Em vista disso, conforme os autores, quanto mais restrições houver, mais fácil é a identificação do sistema da língua.

Com relação à matriz de traços distintivos, Chomsky e Halle (1968) afirmam que cada entrada lexical em uma língua consiste em uma matriz fonológica na qual cada linha é rotulada por traços distintivos, aos quais é atribuído uma valoração classificatória. Para exemplificar, vejamos o Quadro 2.

Quadro 2 - Matriz de traços fonológicos dos segmentos fricativos em estudo

	s	z	ʃ	ʒ
soante	-	-	-	-
anterior	+	+	-	-
alto	-	-	+	+
coronal	+	+	+	+
recuado	-	-	-	-

⁷⁰ Foi Trubetzkoy, um dos fundadores da Escola Linguística de Praga, quem primeiro tentou estabelecer uma classificação da natureza dos contrastes entre os fonemas que compõem os sistemas das línguas do mundo. Entretanto, em 1952, com o estudo de Jakobson, Fant e Halle, intitulado *Preliminaries to Speech Analysis* (PSA), que houve a primeira formalização de um modelo de traços distintivos. Jakobson, Fant e Halle tentaram elaborar um sistema universal de representação fonêmica que, baseado em um número limitado de traços, pudesse dar conta dos contrastes existentes nas línguas (BISOL, 2010). Salientamos que é dessa última proposta que surge, pela primeira vez, a denominação de “traços distintivos” para as unidades mínimas dos segmentos.

⁷¹ Como “nasalidade”, “sonoridade”, “labialidade” e “coronalidade”.

distribuído	-	-	+	+
voz	-	+	-	+
estridente	+	+	+	+
contínuo	+	+	+	+

Fonte: Elaboração própria com base em Chomsky e Halle (1968).

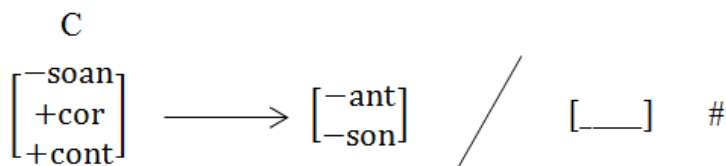
Em uma matriz fonológica, há três possibilidades de valores classificatórios para cada traço distintivo, segundo o modelo linear aqui apresentado, são eles: ‘+’ indica a presença de determinada propriedade, ‘-’ indica a ausência de determinada propriedade e ‘0’ (zero) indica que a informação em relação àquela propriedade é dispensável e/ou redundante (CHOMSKY; HALLE, 1968).

Ao observar o Quadro 2, podemos verificar que não temos nenhum valor 0 (zero) para os traços distintivos apresentados, mas se caso tivéssemos o traço [nasal], na matriz de traços fonológicos apresentada, esse traço seria redundante para as consoantes contínuas, por exemplo, visto que na sua realização a saída do ar pela boca fica bloqueada; todas as consoantes contínuas, portanto, são redundantemente desnasalizadas.

Com base no exposto, quando o traço fonológico recebe o valor 0 (zero), esse traço, então, é redundante, sendo que essa informação é dada por uma regra de redundância, isto é, por uma regra *default*⁷², e não se trata, portanto, de uma propriedade não previsível. Chomsky e Halle (1968) relatam, entretanto, que a principal função das regras fonológicas é transformar matrizes fonológicas em matrizes fonéticas plenamente especificadas, ou seja, transformar informações idiossincráticas em não idiossincráticas. Conforme Bisol (2010), para garantir clareza e comparabilidade entre as línguas, os gerativistas utilizam um sistema de símbolos para expressar as regras fonológicas. Podemos observar, por exemplo, na Figura 6, a regra de dessonorização das sibilantes em final de palavra⁷³.

⁷² “*Default* é uma palavra da língua inglesa usada para regras de redundância que preenchem o vazio pelo traço mais comum à categoria correspondente” (BISOL, 2010, p. 87).

⁷³ Essa regra representa o processo de dessonorização das sibilantes em final de palavra no PE e no PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ).

Figura 6 - Regra de dessonorização das sibilantes em final de palavra

Fonte: Elaboração própria com base em Mateus (1975).

Neste tipo de regra, letras maiúsculas são empregadas para substituir especificações de traços de classes de segmentos (C para consoante, V para vogais, N para nasais, G para glides). O conjunto de traços distintivos à esquerda da seta identifica o segmento que sofre o processo (*input*) que assumirá as características listadas à direita da seta (*output*), segundo Bisol (2010). Na Figura 6, temos, portanto, os traços à esquerda da seta que representam um /S/ não especificado na forma subjacente, que será especificado [-ant], ou seja, um segmento /s/. A regra deve ser lida da seguinte maneira: uma consoante [-soan, +cor, +cont] torna-se [-ant, -son] diante de (representado pela /) final de palavra (representada por #). Salientamos, ainda, que a marca [____] indica o lugar no qual se localiza o segmento sujeito ao processo, nesse caso final de palavra.

No modelo linear de Chomsky e Halle (1968), os traços distintivos são apresentados por meio de conjuntos que descrevem os correlatos articulatórios de cada traço. Existem, portanto, os Traços de Classes Principais (Soante ou Sonante⁷⁴, Silábico, Consonantal ou Consonântico⁷⁵); os Traços de Cavidade (Coronal, Anterior), Traços do corpo da língua (Alto, Baixo, Posterior, Arredondado), Traços de aberturas secundárias (Nasal, Lateral); os Traços de Modo de Articulação (Contínuo, Metástase Retardada ou Distensão Retardada⁷⁶ ou Soltura Retardada, Tenso); os Traços de Fonte (Sonoro, Estridente); e os Traços Prosódicos (Acento, Tom, Duração).

Para dar conta da não ordenação dos traços na matriz de traços fonológicos, os autores, relatam que a subdivisão dos traços distintivos foi elaborada com propósitos explicativos e que os próprios traços

⁷⁴ Mais utilizado para a descrição da fonologia do PE.

⁷⁵ Recorrente na descrição da fonologia do PE.

⁷⁶ Também mais utilizado na descrição da fonologia do PE.

demonstram “estar organizados em uma estrutura hierárquica que pode parecer-se com a estrutura que nós lhes impusemos por razões puramente expositivas” (CHOMSKY; HALLE, 1968, p. 300). Vale ressaltar que as propriedades identificadas como traços distintivos, nesse modelo, são definidas com base em uma “posição neutra”, que corresponde à configuração do trato vocal imediatamente anterior à produção da fala.

No entanto, com a subdivisão dos segmentos em traços distintivos foi viável, nesse modelo, verificar a distância entre segmentos com base na especificação dos traços compartilhados e estabelecer classes naturais de segmentos. Além disso, pôde-se constatar que as regras se aplicam a classes de segmentos relacionados foneticamente e não a classes arbitrárias. Com isso, segundo Bisol (2010), no modelo linear de Chomsky e Halle (1968), os traços distintivos formalizam regras e comprovam a sua naturalidade.

Embora o sistema do SPE tenha conseguido resolver problemas que pareciam insolúveis⁷⁷, o modelo de Chomsky e Halle (1968) falha, como aponta Hyman (1975), por não conseguir relacionar consoantes labiais [-arredondado] com consoantes labializadas [t^w] e [k^w], que são [+arredondado], bem como em não mostrar a relação entre consoantes labiais e vogais arredondadas, visto que as primeiras são [-arredondado] e as segundas são [+arredondado]⁷⁸. Outro aspecto de inadequação do modelo linear de Chomsky e Halle (1968) é referente à binaridade dos traços fonológicos, visto que os autores trabalham somente com a utilização de três níveis de altura para as vogais. Fato esse que causa problemas quando se trata de sistemas linguísticos que apresentam mais do que três níveis de altura⁷⁹, como é o caso do Dinamarquês e do Sueco, por exemplo (HYMAN, 1975). Além disso, a caracterização dos segmentos como colunas de traços distintivos desordenados e a relação de bijetividade entre o segmento e a matriz de traços que o identifica,

⁷⁷ Como, por exemplo, a reunião de vogais, líquidas e glides em uma única classe.

⁷⁸ Hyman (1975) postula a utilização do traço [labial], para solucionar esse problema, já que esse traço é capaz de agrupar esses segmentos em uma única classe. Ressaltamos que o traço [labial] passou, posteriormente, a integrar outros modelos, como, por exemplo, o modelo não-linear de Clements (1991).

⁷⁹ Vários autores apresentaram sugestões para a resolução desse problema. Wang (1968) sugeriu a inclusão de mais um traço, o traço [médio]. Por outro lado, pode haver línguas com uma quinta altura, assim a inclusão do traço [médio] não resolveria o problema. Ladefoged (1975) indicou traços plurivalentes e Clements (1989) sugeriu, além de traços binários, traços monovalentes e o traço [abertura] hierarquizado.

também, foram muito criticadas no modelo linear de Chomsky e Halle (1968).

3.2 FONOLOGIA NÃO-LINEAR

Embora o modelo linear de Chomsky e Halle (1968) tenha conseguido tratar muito bem do fato de que as regras fonológicas se aplicam a classes de sons e não somente a sons individuais e, além disso, conseguiu expressar adequadamente, por meio de traços, as classes naturais, possibilitando a representação de generalizações, há algumas limitações nesse modelo que merecem destaque.

De acordo com Clements e Hume (1995), a fonologia linear apresenta vários problemas e inadequações teóricas. O segmento, nessa visão, é tratado como uma coluna de traços, com nenhuma estrutura interna, que serve somente para descrever o segmento fonológico. Na fonologia linear, ainda, sequências fonológicas são caracterizadas como matrizes de traços de duas dimensões, como apresentamos no Quadro 2.

Nessa abordagem linear, conforme Clements e Hume (1995), um segmento fonológico é simplesmente uma coluna de traços. Apesar do formalismo, segundo os autores, a matriz de traços tem fortes argumentos favoráveis, por exemplo: é conceitualmente simples e matematicamente tratável.

Por outro lado, segundo os autores, há duas inadequações importantes. A primeira, é que, em tais modelos lineares, todos os traços que definem um segmento fonológico estão em uma relação bijetiva; assim, o valor de cada traço caracteriza apenas um segmento e cada segmento é caracterizado por apenas um valor de cada um dos traços. Isso resulta em uma predição estrita de que traços não podem estender-se por domínios maiores ou menores do que um único segmento. A segunda inadequação, com relação à abordagem baseada na matriz de traços, é a sua alegação de que os feixes (*bundles*) de traços não apresentam nenhuma estrutura interna. Cada traço, então, está igualmente associado a qualquer outro, e nenhum traço está agrupado em conjuntos maiores, que corresponderiam às classes fonéticas tradicionais, como “lugar” ou “modo” de articulação.

O modelo linear de Chomsky e Halle (1968), apesar das limitações que apresentou no tocante ao poder explicativo relativamente a muitos fenômenos fonológicos, é de suma importância, abrindo caminho para as fonologias não-lineares (Teoria Autossegmental, Teoria Métrica, Teoria da Sílabas, Teoria Lexical, Teoria Prosódica), das quais

abordaremos três: Teoria Autossegmental, Teoria da Sílabas e a Teoria Lexical.

3.2.1 Teoria autossegmental

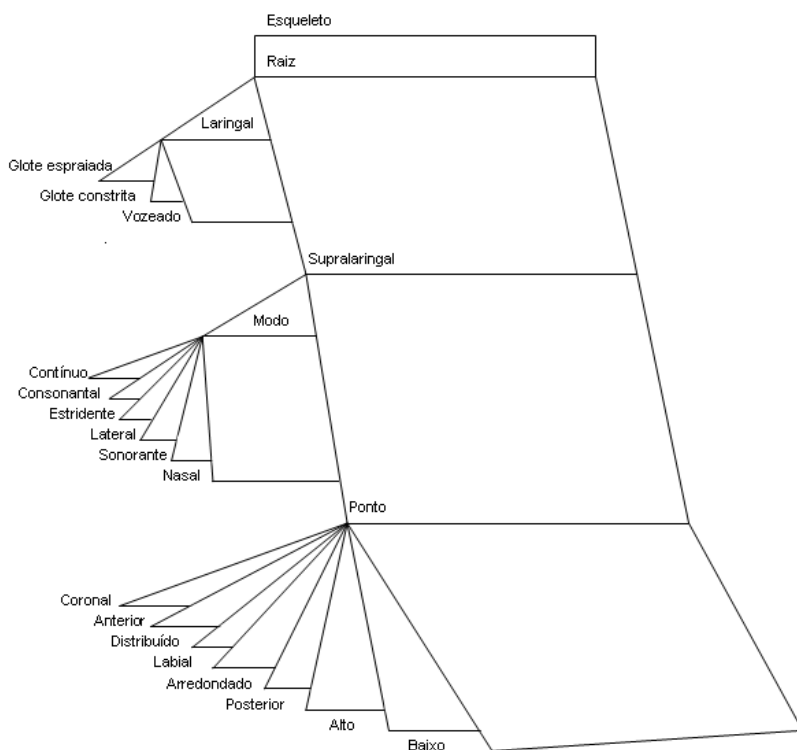
A Teoria Autossegmental, originalmente delineada por Goldsmith (1979)⁸⁰, opera com segmentos completos, com matrizes inteiras e com autossegmentos, tornando possível a segmentação independente de partes dos sons das línguas. Vale salientar que essa teoria foi elaborada, primeiramente, para dar conta de fenômenos tonais e posteriormente estendida à descrição de outros parâmetros articulatórios.

Esse modelo não-linear, nesse caso, a Teoria Autossegmental analisa os sons de uma língua por meio de *tiers* (camadas ou fiadas⁸¹) paralelas, nas quais os traços por apresentarem uma estrutura interna são organizados hierarquicamente, que podem estender-se além ou aquém de um segmento, ligar-se a mais de uma unidade e funcionar isoladamente ou através de conjuntos solidários. Além disso, não há uma relação bijetiva entre o segmento e sua matriz de traço, bem como o apagamento de um segmento não significa necessariamente o apagamento de todos os traços que o compõem.

Ao rejeitar a bijetividade e ao reconhecer uma hierarquia entre os traços, a noção de *tiers* torna-se fundamental, portanto, para a Teoria Autossegmental. Assim, os traços que constituem os segmentos formam uma representação tridimensional, conforme ilustra a Figura 7.

⁸⁰ Ressaltamos, entretanto, que quem primeiro mencionou a Teoria Autossegmental foi Leben (1973) em sua tese de doutoramento intitulada *Suprasegmental Phonology* e orientada por Morris Halle.

⁸¹ ‘Fiadas’ é o termo utilizado para se referir à *tiers* na fonologia do PE.

Figura 7 - Representação tridimensional dos traços na fonologia não-linear

Fonte: Elaboração própria com base em Clements (1985).

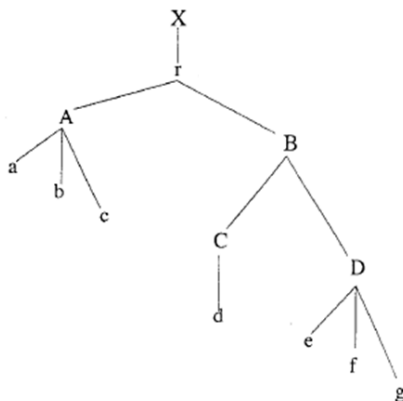
Portanto, as unidades básicas de representação fonológica na fonologia não-linear, segundo Clements e Hume (1995), não são segmentos, mas as unidades mínimas não segmentáveis, ou seja, os traços distintivos, que, membros de um pequeno conjunto de categorias elementares de caráter acústico e articulatório, se combinam hierarquicamente de várias maneiras para formar os sons de diferentes línguas.

3.2.1.1 Geometria de traços

Na geometria de traços, Clements e Hume (1995) propõem uma representação dos segmentos baseada na organização interna a qual se dá por meio de configurações de nós hierarquicamente ordenados, em que

os nós terminais são traços fonológicos e os nós intermediários são classes de traços. Essa configuração de nós e traços pode ser demonstrada por meio de um diagrama arbóreo, conforme a Figura 8.

Figura 8 - Diagrama arbóreo: configuração de nós e traços



Fonte: Elaboração própria com base em Clements e Hume (1995).

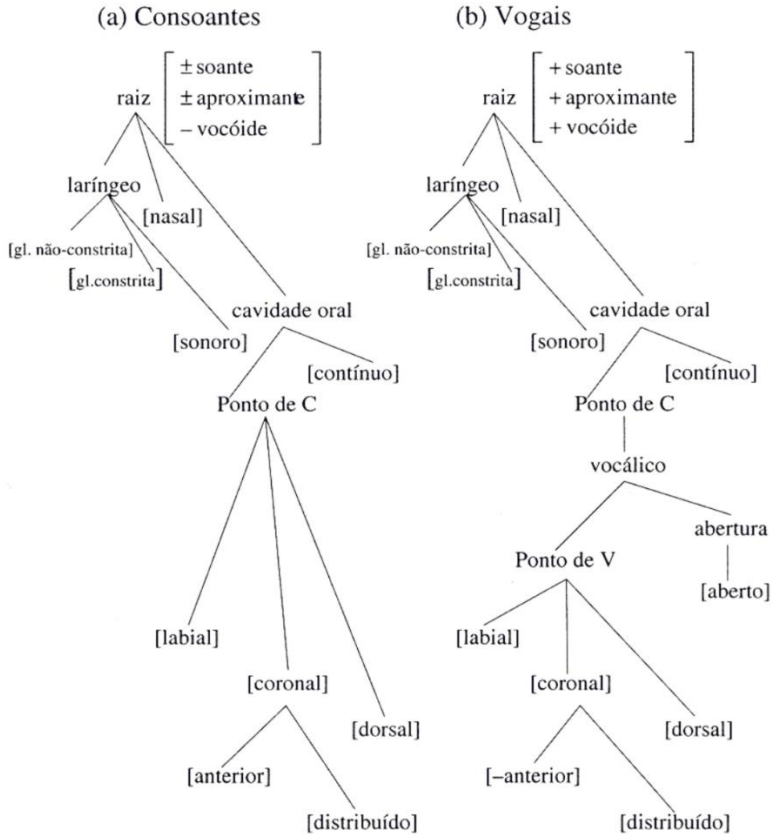
Nesse diagrama, **r** representa o nó de Raiz, que corresponde o segmento propriamente dito, e é dominado por uma unidade abstrata de tempo **X**. Os nós **A**, **B**, **C**, **D** representam nós de classe, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas. Os nós **C** e **D** são irmãos e ambos dependem de **B**. Os nódulos terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g** são traços fonológicos⁸². Os nós, ainda, são ligados por linhas de associação (BISOL, 2010).

De acordo com Clements e Hume (1995), essa geometria de traços assume o princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação. Por esse princípio entendemos que são naturais as regras que afetam, por exemplo, somente o traço fonológico **g** ou todo o nó estrutural **B**. Esse princípio implica, portanto, que somente conjuntos de traços que tenham um nó de classe em comum podem funcionar juntos em regras fonológicas.

⁸² No modelo não-linear da geometria de traços de Clements e Hume (1995), “alguns traços são *binários* (podem ser representados em termos de presença (+) ou ausência (-)) e outros são *monovalentes* (só permitem a representação em termos de presença), e são expressos em cada caso particular” (BISOL, 2010, p. 50).

O modelo de organização universal de traços para consoantes e vogais atinge seu formato final em Clements e Hume (1995), assumindo as representações expostas na Figura 9.

Figura 9 - Representação das consoantes e vogais pela geometria de traços



Fonte: Elaboração própria com base em Clements e Hume (1995).

Para Clements e Hume (1995), os traços fonológicos podem estar dispostos dessa maneira porque os valores dos traços estão ordenados em *tiers* separadas, nas quais os traços podem entrar em uma relação (não-bijetiva) não-linear com um outro traço, por exemplo. Além disso, conforme os autores, os traços estão, ao mesmo tempo, organizados em conjuntos hierárquicos, nos quais cada constituinte pode funcionar como

uma unidade única em regras fonológicas. Portanto, um modelo que tem essas propriedades gerais pode ser chamado de *Geometria de Traços*, na qual a tarefa empírica é determinar o reconhecimento e a organização de nós na sua representação arbórea (CLEMENTS; HUME, 1995).

A base dessa proposta não-linear de Clements e Hume (1995) está na busca pela representação da atividade articulatória por meio das constrições do trato vocal, responsáveis pela determinação da forma do sinal acústico e pela percepção do som. As constrições são duas, consonantal e vocálico, que estão representadas na hierarquia por um nó próprio e ligam-se aos parâmetros de grau de constrição e localização da constrição. Nas consoantes, por exemplo, a constrição é representada pelo nó Cavidade Oral, o grau de constrição pelo nó [contínuo] e a localização da constrição pelo Ponto de C (ou Lugar C⁸³). Já nas vogais, a constrição é representada pelo nó Vocálico, o grau de constrição pelo nó Abertura e a localização da constrição pelo nó Ponto de V (ou Lugar V⁸⁴).

O nó Raiz representa o segmento como uma unidade fonológica, domina todos os traços e abriga os traços maiores ou traços de classe maior [soante ou sonante], [aproximante] e [vocóide]. Esses traços têm o papel de dividir os segmentos em grandes classes (obstruintes, nasais, líquidas e vogais) e identificar o seu grau de sonoridade, estabelecendo uma escala de sonoridade. Por outro lado, a classificação dos segmentos em grandes classes só é possível pela ação conjunta dos três traços que compõem a raiz, por conta disso, esses traços nunca podem espalhar-se ou desligar-se isoladamente. Portanto, quando esses traços estão envolvidos em processos de espalhamento ou de desligamento, o que espalha ou desliga é todo o nó Raiz (CLEMENTS; HUME, 1995).

Os nós Laríngeo e Cavidade Oral, de acordo com Clements e Hume (1995), podem espalhar-se ou desligar-se como um todo, ou seja, como uma unidade, levando todos os traços que estão sob o seu domínio. Com isso, esses nós estão representados na estrutura arbórea por existirem processos fonológicos em que há o funcionamento solidário dos traços dependentes.

De acordo com Bisol (2010), o nó Ponto de C (ou Lugar C) opera como uma unidade nas regras de assimilação de ponto, por exemplo, nas quais os traços de ponto no trato vocal [labial], [coronal] e [dorsal] e seus dependentes espalham, nessas regras, como um todo.

O nó Vocálico domina, na estrutura arbórea, segundo Clements e Hume (1995), os nós Ponto de V (ou Lugar V) e Abertura que

⁸³ Mais utilizado para a descrição da fonologia do PE.

⁸⁴ Recorrente na descrição da fonologia do PE.

caracterizam os traços vocálicos como uma unidade funcional. Além de representar componentes das vogais, o nó Vocálico também se faz presente em articulações menores⁸⁵ de consoantes complexas, como, por exemplo, a lateral velarizada pós-vocálica /ɹ/ que é realizada no PE e em algumas variantes do PB.

O nó Ponto de V (ou Lugar V) apresenta para as vogais o mesmo conjunto de traços que caracterizam as consoantes, isto é, confere às vogais os mesmos pontos de constricção atribuídos às consoantes. Em vista disso, os traços de Ponto de V são definidos com base nos articuladores ativados para a produção de determinado segmento fonológico, portanto: labial (envolve os lábios como articulador ativo), coronal (envolve a parte frontal da língua como articulador ativo) e dorsal (envolve o corpo da língua como articulador ativo). Esse modelo, que tem como base a constricção do trato vocal, prediz que se pode ter uma classe natural correspondente a cada um dos traços de Ponto de V. Para o traço [labial], nesse caso, as consoantes labiais e as vogais arredondadas ou labializadas formariam uma classe natural; para o traço [coronal], as consoantes coronais e as vogais frontais; e para o traço [dorsal], as consoantes dorsais e as vogais posteriores (CLEMENTS; HUME, 1995).

De acordo com Clements e Hume (1995), diferentemente de outros traços, os traços [labial], [coronal] e [dorsal] são tratados como monovalentes (um valor), em vez de binários. Isso porque, segundo os autores, regras fonológicas não parecem operar com os valores negativos dessas categorias.

⁸⁵ Em Clements e Hume (1995), baseados nos estudos de Sagey (1986), as articulações primárias e as articulações secundárias são redefinidas em termos puramente fonológicos como distinções fonológicas entre *articulações maiores* e *articulações menores*. Sagey (1986) observa que na maioria das consoantes complexas é distintivo apenas um grau de fechamento (articulação). O outro grau de fechamento é inteiramente previsível, como tal não precisa ser especificado na representação fonológica. O articulador cuja constricção é previsível é denominado de *articulador menor* e o não previsível de *articulador maior*. No entanto, quando duas constricções simultâneas diferem relativamente ao grau de fechamento, a articulação maior (a fonológica) parece coincidir sempre com a articulação primária (a fonética) e a articulação menor com a articulação secundária. Ressaltamos que, para esse trabalho, vamos adotar os termos “articulação maior” e “articulação menor” assim como Clements e Hume (1995).

Além desses traços fonológicos, Clements e Hume (1995) chamam a atenção para os traços de articulação ou traços de ponto (*articulator-bound*) e para os traços de constrictão (*articulator-free*). Os traços *articulator-bound* dependem de um articulador específico para a sua execução e, portanto, definem o local da constrictão. Os traços *articulator-free* não estão restritos a um articulador específico e servem para definir o grau de constrictão de um som (CLEMENTS; HUME, 1995). Os traços *articulator-bound* [anterior] e [distribuído], conforme os autores, estão ligados sob o nó Coronal e servem para distinguir coronais anteriores de posteriores e coronais apicais de laminais, respectivamente. Portanto, esses traços são relevantes somente para sons coronais. Quanto aos traços *articulator-free*, um exemplo são os sons [+contínuo] que são aqueles que permitem um fluxo de ar contínuo no centro do trato vocal, independentemente de onde a maior constrictão está localizada.

O nó Abertura domina os traços referentes à altura das vogais. No modelo linear de Chomsky e Halle (1968), as vogais são diferenciadas em termos de altura, por meio dos traços binários [alto] e [baixo], definidos com base na altura do corpo da língua. Diferentemente desse modelo linear, o modelo de Clements (1989) propõe um único traço, o traço [aberto], para caracterizar a altura das vogais. Partindo do princípio de que tanto a altura quanto o tom, correspondem a um único parâmetro articulatório e acústico, o autor passa a representá-los por meio de um traço, organizado hierarquicamente em *tiers*, sendo que a cada um dos traços [aberto] deve ser atribuído o valor (+) ou (-), portanto, são traços binários. Esse funcionamento das línguas leva a uma organização das divisões hierárquicas e os sistemas de quatro alturas vocálicas, como no caso do PB, são representadas conforme o Quadro 3.

Quadro 3 - Altura das vogais

abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
aberto 1	-	-	-	+
aberto 2	-	+	+	+
aberto 3	-	-	+	+

Fonte: Elaboração própria com base em Bisol (2010).

Com isso, os diferentes graus de abertura, representados pelos *tiers* ordenados hierarquicamente, ligam-se a um único nó Abertura. Essa ligação, por sua vez, expressa o fato de que todos os graus de abertura

podem e devem espriaiar juntos, como uma unidade, não sendo possível o espriamento de um único traço [aberto] isoladamente.

Mateus e D'Andrade (2000) apresentam, para a descrição fonológica do PE, o nó Altura, sob o domínio do nó Vocálico, e seus traços binários dependentes [alto] e [baixo]. Mateus e D'Andrade (2000, p. 28) afirmam que os “processos fonológicos Portugueses não justificam [aberto 1, 2,...] em vez de [alto] e [baixo]”. Em vista disso, optaram, para a descrição da fonologia do PE, pela manutenção dos traços tradicionais [alto] e [baixo] que, segundo os autores, “adequadamente identificam segmentos vocálicos em ambas as variedades⁸⁶” (MATEUS; D'ANDRADE, 2000, p. 29).

Com o exposto sobre a estrutura arbórea que representa a geometria de traços, podemos observar que é possível, por meio do modelo não-linear de Clements e Hume (1995), expressar a naturalidade dos processos fonológicos que ocorrem nas línguas do mundo, atendendo sempre ao princípio de que as regras fonológicas constituem uma única operação, seja de inserção ou de apagamento de uma linha de associação ou de um traço fonológico.

3.2.1.1.1 Tipos de segmentos

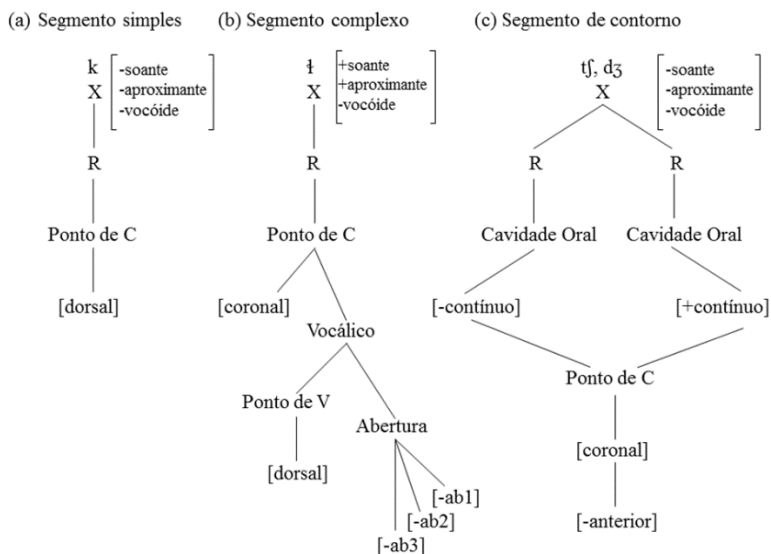
Com base nos critérios da Teoria Autossegmental, os segmentos passaram a ser representados por uma estrutura hierarquizada, constituída de traços organizados hierarquicamente, dispostos em *tiers* e ligados por linhas de associação, portanto, deixaram de ser entendidos como conjuntos desordenados de traços. A partir disso, é possível distinguir três tipos de segmentos, de acordo com Clements e Hume (1995): os segmentos simples, complexos e de contorno.

Os segmentos simples apresentam somente um nó de Raiz e são caracterizados por, no máximo, um traço de articulação oral. Os segmentos complexos possuem somente um nó de Raiz e são caracterizados por, no mínimo, dois traços de articulação oral, que ocorre quando o segmento apresenta duas ou mais constrictões simultâneas no trato oral, ou por duas articulações orais diferentes: uma articulação maior e outra menor. Já, os segmentos de contorno exibem efeito de borda que se opõem uma à outra em termos de (+). Os candidatos naturais para esse tipo de segmento são as consoantes africadas e as plosivas pré/pós-nasalizadas. A representação desses segmentos pode ser feita através de

⁸⁶ Quando Mateus e D'Andrade (2000, p. 29) mencionam “ambas as variedades” estão se referindo ao PB e ao PE.

dois nós de Raiz sob uma única posição no esqueleto (CLEMENTS; HUME, 1995). Apresentamos a estrutura arbórea de um segmento simples, de um segmento complexo e de um segmento de contorno na Figura 10.

Figura 10 - Representação arbórea de um segmento simples, complexo e de contorno



Fonte: Elaboração própria com base em Clements e Hume (1995).

Podemos observar, na Figura 10, que o segmento plosivo /k/ representa uma consoante simples, visto que apresenta somente um nó de Raiz e um só traço de articulação oral, nesse caso o traço [dorsal]. A consoante lateral velarizada /ɭ/ retrata a representação arbórea de um segmento complexo, já que apresenta somente um nó de Raiz e duas articulações orais de níveis diferentes: uma maior e outra menor (representada pelo nó Vocálico sob o Ponto de C). Os segmentos africados /tʃ, dʒ/ expressam um segmento de contorno, pois apresentam dois nós de Raiz sob uma única posição no esqueleto.

3.2.1.1.2 Princípios básicos

No modelo fonológico não-linear, mais especificamente no modelo da Geometria de Traços, existem três princípios básicos que governam a teoria – o princípio de não cruzamento de linhas de associação, o princípio do contorno obrigatório e o princípio de restrição de ligação.

O primeiro deles, portanto, o Princípio do Não-Cruzamento de Linhas (NCL), ou *No-Crossing Constraint* (NCC), refere-se à proibição de cruzamento de linhas de associação, conforme Goldsmith (1976). Assim, linhas de associação ligando dois elementos de um *tier* a dois elementos de outro *tier* não podem cruzar. Esse princípio atua como uma condição de boa formação, que bloqueia a aplicação de qualquer regra que possa violá-lo.

O segundo, o Princípio do Contorno Obrigatório, ou *Obligatory Contour Principle* – OCP, foi proposto originalmente por Leben (1973) para resolver problemas tonais e, posteriormente, estendido por McCarthy (1986) para dar conta também dos segmentos. O OCP proíbe não só segmentos adjacentes idênticos, mas também traços ou nós adjacentes idênticos em um dado *tier*, assim como regras que possam criar violações a esse princípio. À vista disso, a sequência de segmentos labializados e labial, conforme /C^wu/, fere esse princípio porque apresenta o traço [labial] em dois segmentos adjacentes, essa sequência é, portanto, considerada mal formada.

O terceiro princípio refere-se à Restrição de Ligação, ou *Linking Constraint*, proposto por Hayes (1986) e limita a aplicação de uma regra à forma que nela é representada, assim, se contiver uma só linha de associação, fica bloqueada em contextos de ligação dupla ou vice-versa. Por conseguinte, esse princípio prediz que toda regra se aplicará somente a configurações que contenham o número de linhas de associação que a sua descrição estrutural específica. Dessa forma, para o princípio de Restrição de Ligação é fundamental a correta descrição estrutural e aplicação de regras que envolvem mais de um *tier*. Hayes (1986) cita como exemplo o Persa Moderno, língua na qual há o processo de enfraquecimento de /v/ que passa a ser realizado como /w/ quando segue uma vogal curta e não está em início de sílaba.

3.2.1.1.3 Processos fonológicos

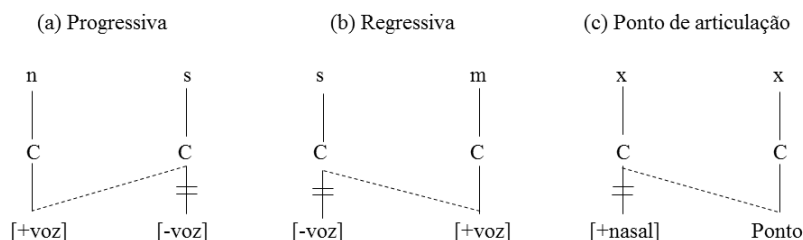
A fonologia gerativa ou generativa fornece um rico vocabulário para indicar regras fonológicas, mas não informa um modo intrínseco de distinção plausível, que ateste regras altamente improváveis, conforme Clements e Hume (1995).

No que concerne à geometria de traços, sabemos que existem dois grandes processos que são basilares para esse modelo, o apagamento e a inserção de traços ou linhas de associação, nos quais nos baseamos para apresentar alguns processos fonológicos que são importantes para o presente estudo. Ressaltamos que daremos mais ênfase nos processos relacionados diretamente com o objeto da nossa análise.

3.2.1.1.3.1 Assimilação

Na fonologia gerativa padrão o processo de assimilação é visto como uma assimilação em termos de cópia de traço, no qual um segmento copia a especificação do traço de um segmento vizinho. Em contrapartida, na geometria de traços o processo de assimilação é entendido como a associação ou espriamento de um traço ou nó de um determinado segmento para um segmento adjacente (CLEMENTS; HUME, 1995).

A assimilação pode ser progressiva, regressiva ou de ponto de articulação. No primeiro tipo de assimilação, a progressiva, temos o argumento ou gatilho que está posicionado na esquerda e seu alvo está na direita. Já, na assimilação regressiva e na de ponto de articulação o argumento ou gatilho está posicionado na direita e seu alvo está na esquerda. Vejamos a Figura 11 que demonstra os diferentes tipos de assimilação.

Figura 11 - Tipos de assimilação

Fonte: Elaboração própria com base em Marlett (2001).

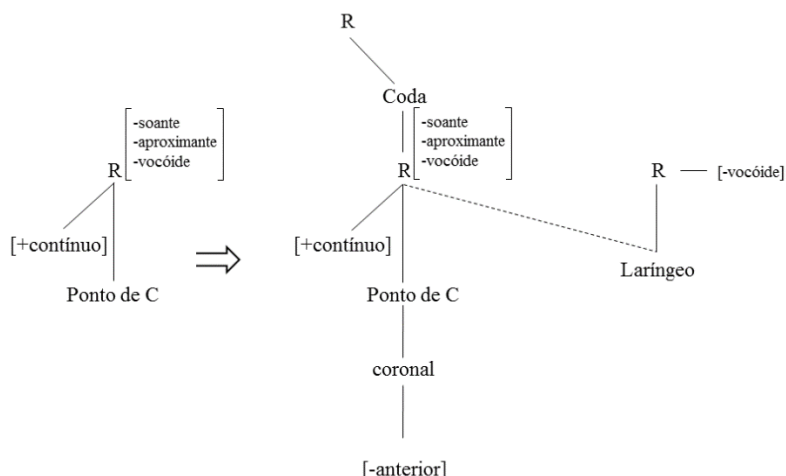
Observamos, na Figura 11, que na assimilação progressiva o segmento fricativo /s/ assimila o vozeamento do segmento nasal precedente representado por /n/, ou seja, o espraio ocorre da esquerda para a direita. Por outro lado, na assimilação regressiva o segmento fricativo /s/ assimila o vozeamento do segmento nasal seguinte representado por /m/, portanto, o espraio ocorre da direita para a esquerda. Na assimilação de ponto de articulação, um segmento consonantal nasal assimila o ponto de articulação da consoante adjacente, nesse caso o espraio ocorre da direita para a esquerda, assim como na assimilação regressiva. Vale ressaltar que a assimilação de ponto de articulação é uma associação entre o primeiro segmento, o qual pode ou não ter um ponto de articulação especificado antes da aplicação da regra, com o traço de lugar do segmento seguinte (MARLETT, 2001).

Além disso, se o nó Raiz se espraia, o segmento afetado ou alvo adquire todos os traços do argumento ou gatilho. O resultado desse espraio é chamado de assimilação total ou completa. Em contrapartida, se um nó menor se espraia e o alvo adquire vários, mas não todos os traços do argumento ou gatilho, podemos dizer que ocorreu assimilação parcial ou incompleta, conforme Clements e Hume (1995). Portanto, observamos que nos exemplos de diferentes tipos de assimilação, apresentados na Figura 11, ocorreu assimilação parcial ou incompleta, visto que houve somente o espraio de traços e de ponto de articulação, isto é, não houve o espraio do nó Raiz em sua totalidade.

Com relação à fricativa /s/ em posição de coda, verificamos que traços de ponto de articulação são introduzidos por regra *default* quando uma regra específica não tem aplicação, ou seja, quando não há contexto seguinte ao segmento fricativo /s/ em posição final de sílaba. Verificamos

a Figura 12 que apresenta o processo de assimilação da fricativa /s/ em coda silábica.

Figura 12 - Assimilação da fricativa /s/



Fonte: Elaboração própria com base em Mateus e D'Andrade (2000).

Nos dialetos do português europeu e do português brasileiro, conforme Mateus e D'Andrade (2000), esse segmento fricativo funciona como argumento ou gatilho para o processo de assimilação de vozeamento do segmento adjacente. Assim, esse segmento alveopalatal ou palato-alveolar é realizado com uma articulação mais retraída [-anterior] que o seu valor não-marcado [+anterior]. Além disso, quando seguido por outra consoante, a fricativa /s/ em coda silábica concorda em termos de vozeamento com a consoante seguinte, como em (a[ʃ]pecto; Li[ʒ]boa).

3.2.1.1.3.2 Dissimilação

Regras de dissimilação são comuns nas línguas e consiste no processo fonológico no qual sistematicamente um segmento falha ao suportar um traço presente em um segmento adjacente. Tradicionalmente, a dissimilação teve início em termos de regra de mudança de traço do tipo [X] → [-F] / _ _ [+F]. Entretanto, segundo Clements e Hume (1995), essa abordagem não pode ser adotada na geometria de traços, já que muitos

traços que comumente sofrem dissimilação ([coronal], [labial], [dorsal] etc.) são monovalentes. Por isso, o processo de dissimilação é expresso como um efeito de dissociação/desligamento, no qual um traço ou nó é desligado de um segmento; o nó desligado é, então, deletado por meio de uma convenção geral.

Podemos considerar como exemplo a sequência /dbt/ que apresenta consoantes homorgânicas inicial e final. Vejamos que a má formação dessa sequência é uma violação do OCP (Princípio do Contorno Obrigatório), com relação ao traço [coronal]. Segundo Clements e Hume (1995), as duas ocorrências de [coronal] na sequência /dbt/ são adjacentes, mesmo que /d/ e /t/, que são representadas pelo traço [coronal], não sejam adjacentes em termos de raiz. Isso ocorre, segundo os autores, porque a consoante interveniente /b/ é caracterizada pelo nó [labial], que não é ordenado com respeito ao traço [coronal].

Com isso, podemos verificar que o processo de dissimilação é somente um de vários artifícios para a redução ou eliminação das violações do OCP em todos os níveis de representações. Assim como a assimilação, a dissimilação (e outras regras de desligamento) fornece um critério para a organização de traços: qualquer desligamento de nó pode ocorrer em um *tier* (CLEMENTS; HUME, 1995).

3.2.1.1.3.3 Neutralização

A neutralização é um tipo de processo comum no qual contrastes são eliminados entre um ou mais traços fonológicos em certos contextos (TRUBETZKOY, 1969). Exemplos comuns de processos fonológicos de neutralização incluem regras de debucalização (CLEMENTS, 1985) em que contrastes entre traços do trato oral são eliminados; regras de desvozeamento, deaspiração e/ou deglotização em que contrastes entre traços laríngeo são eliminados (LOMBARDI, 1991); e regras de redução de altura vocálica nas quais ocorre a redução ou eliminação de contrastes em termos de altura ou [ATR] (CLEMENTS, 1991).

O processo de neutralização no nível do nó Raiz elimina todos os contrastes segmentais, como na redução de todas as vogais não acentuadas para uma vogal neutra (como no caso do Inglês), ou de certas consoantes para um elemento *default* (HAYES, 1986). Grosso modo, regras de neutralização eliminam valores marcados em favor de valores não-marcados.

Clements e Hume (1995) afirmam que em estilos de fala mais informais, as coronais podem assimilar totalmente a pausa seguinte sob condições nas quais há variação entre falantes. Regras de neutralização

em estilos de fala formal aplicadas aos traços [anterior] e [contínuo], com base na organização de traços de Sagey (1986), são separados: [anterior] é dominado por [coronal], enquanto que [contínuo] é imediatamente dominado pelo nó Raiz. Para atingir esse efeito em termos de operação única a regra deve desligar o nó Raiz da obstruente coronal.

Vejamus que regras de neutralização fornecem um critério a mais para a organização de traços, uma vez que somente nós singulares podem sofrer desligamento sendo que qualquer traço que se desliga como um grupo deve constituir um nó singular sob um *tier* independente.

3.2.2 Teoria da sílaba

A noção de sílaba não é nova na fonologia e recebeu dois tipos de interpretação ao longo do desenvolvimento da teoria fonológica. Primeiro, partiu de uma abordagem totalmente linear, em que é concebida como meramente uma sequência de segmentos em uma representação delimitada por fronteiras silábicas ou elementos de juntura (HOOPER, 1976) e, posteriormente, alcançou uma interpretação não-linear, como uma unidade hierárquica na representação fonológica.

Tendo em vista essa última perspectiva, há ainda a possibilidade de ser interpretada como uma estrutura de ramificação sem estrutura interna (KAHN, 1976; CLEMENTS; KEISER, 1983; NESPOR; VOGEL, 1986) ou como uma estrutura de ramificação com estrutura interna (SELKIRK, 1982), caso em que recupera o conjunto de constituintes formado por ataque, núcleo e coda, mencionados já por Trubetzkoy (1969) e Pike e Pike (1947), ou apenas ataque e rima (HARRIS, 1983)⁸⁷.

3.2.2.1 Principais propostas

Dentre as duas teorias a respeito da estrutura interna da sílaba – a teoria autosegmental e a teoria métrica da sílaba – podemos dizer que a primeira delas, formulada por Kahn (1976), está fundamentada na notação autosegmental de Goldsmith (1976), a qual pressupõe camadas independentes, uma das quais representa a sílaba, e que estão ligadas diretamente aos segmentos.

⁸⁷ Os termos *onset* (ataque), *peak* (núcleo) e *coda* (coda) foram propostos originalmente por Hockett (1955) e o termo *rime* (rima), por Fudge (1969) (SELKIRK, 1982).

Kahn (1976) define a sílaba em termos perceptuais e articulatórios, como uma unidade maior do que o segmento e menor do que a palavra, responsável pelo condicionamento de diversos processos que ocorrem no nível fonético do espectro fonológico. O autor preconiza que a sílaba seja representada por uma estrutura hierárquica, na qual linhas de associação estabeleçam a ligação entre o nó silábico e os segmentos. Assim, cada sequência máxima de segmentos dominados por um único nó silábico constitui uma sílaba. Os elementos que compõem a sílaba estabelecem entre si o mesmo tipo de relação e funcionam apenas conjuntamente em regras fonológicas. A silabificação, por ora, é gerada por um conjunto de regras que se aplicam em um único ponto na derivação.

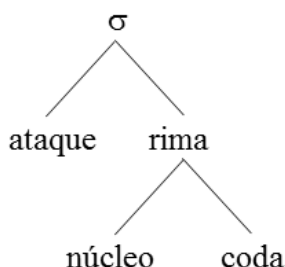
Clements e Keiser (1983) seguem a mesma linha de Kahn (1976), mas adotam a distinção entre unidades de tempo C/V e segmentos, preconizada por McCarthy (1979). Os autores apresentam um modelo silábico que dispensa o traço $[\pm\text{silábico}]$ à medida que introduz uma terceira camada entre a camada silábica e a segmental, a camada CV, constituída por entidades de representação fonológica formal e com a função de diferenciar os picos silábicos (V) das margens (C). Além disso, a proposta de Clements e Keiser (1983) parece deixar claro que o conjunto de condições de estrutura silábica, que definem as sílabas bem-formadas para as línguas, pode ser estabelecido adequadamente com referência às categorias sílaba e núcleo. Por outro lado, a estipulação de uma camada da rima, a qual englobaria o núcleo e todos os segmentos seguintes a ele dentro da sílaba, não é apresentada pelos autores com mesmo vigor.

Nespor e Vogel (1986) compreendem a sílaba como uma unidade de ramificação n-ária, assim como também Kahn (1976) e Clements e Keiser (1983). As autoras propõem, então, uma teoria fonológica prosódica em que uma dada fileira da língua se organiza em uma série de constituintes fonológicos arranjados hierarquicamente e aptos a funcionar como domínios de aplicação de regras fonológicas. Embora Nespor e Vogel (1986) reconheçam que ataque e rima são relevantes para dar conta de padrões de acento e de certas restrições fonotáticas, defendem que não são necessários para a determinação do domínio de aplicação de regras fonológicas, uma vez que qualquer domínio formulado em termos de ataque ou rima pode ser efetivamente formulado em termos de sílaba.

Selkirk (1982), contrariamente a Kahn (1976), Clements e Keiser (1983) e Nespor e Vogel (1986), baseando-se em propostas feitas por Pike e Pike (1947) e Fudge (1969) defende que a estrutura silábica de uma elocução deve permitir o acesso a afirmações mais gerais e explanatórias a respeito das restrições fonotáticas em uma língua, o que permite

caracterizar apropriadamente o domínio de aplicação de uma série de regras fonológicas. Apresentamos na Figura 13, a representação silábica adotada pela autora na forma de uma estrutura arbórea de ramificação binária.

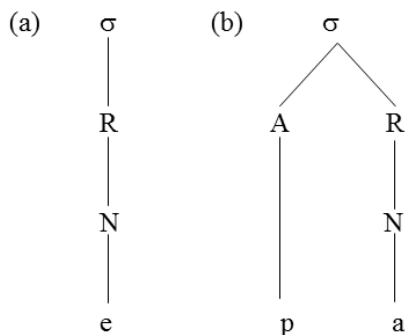
Figura 13 - Representação silábica de ramificação binária



Fonte: Elaboração própria com base em Selkirk (1982).

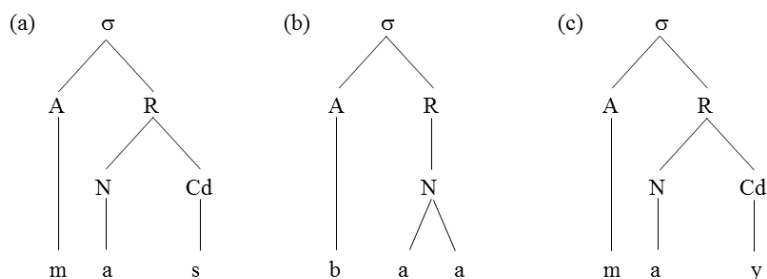
De acordo com Selkirk (1982), uma sílaba consiste em um ataque (A) e em uma rima (R); a rima por sua vez, consiste em um núcleo (N) e em uma coda (Cd). Qualquer categoria, exceto o núcleo, pode ser vazia. A ideia subjacente a esse tipo de representação silábica é resumida pelo Princípio Fonotático do Constituinte Imediato (SELKIRK, 1982), segundo o qual quanto mais duas posições estiverem relacionadas do ponto de vista estrutural, mais sujeitas a restrições fonotáticas estão elas. Desse modo, é possível diante de tal proposta estabelecer como domínio de aplicação de uma regra não somente a categoria sílaba, mas a rima se ela se ramifica ou o ataque, ramificado ou não, o que confere, em muitos casos, maior clareza à descrição do fenômeno.

A noção de peso silábico recebe um tratamento mais adequado em uma representação da sílaba como uma estrutura de ramificação binária com organização interna, como a proposta por Selkirk (1982). A estrutura do ataque bem como sua presença são irrelevantes para a definição de sílabas leves e pesadas, uma vez que só a estrutura da rima é pertinente. Uma sílaba leve é representada como na Figura 14, com a rima não-ramificada e o núcleo ocupado por uma única vogal curta.

Figura 14 - Estrutura arbórea de sílaba leve

Fonte: Elaboração própria com base em Selkirk (1982).

Em contrapartida, a sílaba pesada apresenta rima ramificada. Pode conter uma vogal curta seguida por pelo menos uma consoante (a), ou ainda uma vogal longa (b) ou ditongo (c), conforme o exposto na Figura 15, opcionalmente seguidos por uma ou mais consoantes.

Figura 15 - Estrutura arbórea de sílaba pesada

Fonte: Elaboração própria com base em Selkirk (1982).

Vejam, então, que rimas constituídas somente por uma vogal são leves e rimas constituídas por vogal + consoante ou por vogal + vogal (ditongo ou vogal longa) são pesadas. Em consequência, podemos definir a distinção entre sílabas pesadas e leves como uma distinção entre sílabas com rima ramificada e sílabas com rima não-ramificada.

Além de uma concepção diferente de constituição silábica em relação a Kahn (1976), Clements e Keyser (1983) e Nespor e Vogel (1986), Selkirk (1982) apresenta, também, outra visão a respeito da

construção de estrutura silábica. Ao invés de regras, a silabificação nessa proposta é regida por princípios gerais, que atuam como condições de boa-formação sobre as formas subjacentes. Assim, a estrutura subjacente e a ressilabificação obedecem aos princípios de composição da sílaba básica (*Basic Syllable Conditions*), que englobam o molde silábico, responsável pela caracterização da estrutura interna da sílaba, pelo número máximo e mínimos de posições terminais e pelo conjunto de condições sobre os nós terminais, e as restrições de co-ocorrência.

Harris (1983), assim como Selkirk (1982), defende que a unidade de organização linguística sobre a qual as restrições fonotáticas se estabelecem é a sílaba e propõe uma representação, na qual os dois constituintes imediatos da sílaba, com funcionamento independentes, são reconhecidos como ataque (opcional) e rima (obrigatória). Entretanto, de modo inverso do proposto por Selkirk (1982), Harris (1983) entende que a rima, embora possua sua própria estrutura interna, não apresenta os subcomponentes núcleo e coda. A proposta de Harris (1983), então, faz referência apenas a um constituinte que reúna o núcleo e a coda, uma vez que torna possível o estabelecimento não só do número de segmentos permitidos na rima, como também do tipo de sequência de segmentos possíveis.

Com base no exposto, vejamos que as duas teorias mencionadas, a teoria autosegmental (KAHN, 1976; CLEMENTS; KEISER, 1983; NESPOR; VOGEL, 1986) e a teoria métrica da sílaba (SELKIRK, 1982; HARRIS, 1983), fazem predições diferentes a respeito do relacionamento entre elementos no interior da sílaba. A primeira, por exemplo, prevê que a relação entre os elementos de constituição silábica sejam iguais, ao passo que a segunda teoria pressupõe uma relação mais estreita entre a vogal do núcleo e a consoante da coda do que entre a vogal do núcleo e a consoante do ataque (*onset*). Ademais, a primeira teoria supõe que somente a sílaba como um todo pode ser referida pelas regras fonológicas. Observamos, ademais, que além de restrições segmentais, as línguas costumam impor restrições quanto à distância de sonoridade, assunto da próxima seção.

3.2.2.2 Escala de sonoridade

A escala de sonoridade tem um papel importante na estrutura silábica, porque se pode correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Assim, o elemento mais sonoro sempre ocupará o núcleo da sílaba, ao passo que os elementos menos sonoros ocuparão as margens (ataque e coda). Além

disso, quando há sequências de elementos dentro do ataque ou da coda, estas apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo (BISOL, 2010).

De acordo com Hooper (1976), a ideia subjacente é que há posições fortes e fracas na sílaba e, consistentemente, as posições fracas são ocupadas por consoantes fracas e as posições fortes, por consoantes fortes. Portanto, a força consonantal é crucial devido a dois aspectos: (i) determinação do local das consoantes ao redor do núcleo e (ii) determinação da diferença entre a posição inicial de sílaba e a posição final. O papel da força consonantal é explicitado por meio do estabelecimento de uma escala universal (HOOPER, 1976), conforme a Figura 16.

Figura 16 - Escala universal de sonoridade

Glides	Líquidas	Nasais	Contínuas sonoras	Contínuas surdas Oclusivas sonoras	Oclusiva surda
1	2	3	4	5	6

Fonte: Elaboração própria com base em Hooper (1976).

A relação entre essa escala e a posição silábica se estabelece através da constatação de que as fronteiras silábicas nas línguas são atribuídas com base na força relativa dos segmentos contíguos. Há evidências fonológicas que indicam que a posição inicial de sílaba é universalmente mais forte do que a posição final de sílaba. Ademais, processos conhecidos como “fortalecimento” sempre ocorrem em posição inicial e nunca em posição final ou em segunda posição (HOOPER, 1976, p. 199). Em contrapartida, é muito mais comum nas línguas haver processos de enfraquecimento, como os de assimilação, ocorrendo no final da sílaba do que em seu início. Podemos citar, por exemplo, as consoantes obstruintes que tendem a enfraquecer ou cair em posição final.

3.2.2.3 A sílaba em português

A partir da proposta de Selkirk (1982), analisaremos a sílaba em língua portuguesa, cuja estrutura binária é representada pelos constituintes ataque e rima, como apresentamos na Figura 13. O ataque é

opcional e a rima, obrigatória. O ataque compreende no máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não-nasal. A rima, por sua vez, é ramificada em dois constituintes, núcleo e coda, sendo que o núcleo é obrigatório e a coda, opcional. A coda, ainda, pode ser ocupada por uma consoante soante ou por /S/.

Selkirk (1982) considera ser imprescindível para o estudo da sílaba como unidade significativa: as restrições fonotáticas, a aplicação de regras fonológicas e o tratamento do fenômeno supra-segmental.

As restrições fonotáticas da língua podem ser discutidas com base na estrutura silábica. Um exemplo claro na fonotática do PB, assim como do PE, são as obstruintes que não ocorrem em posição de coda. Para evitar uma estrutura com um segmento obstruinte fechando a sílaba, o falante tende a inserir a vogal alta /i/, adequando-se, assim, ao padrão canônico CV do PB.

A aplicação de regras fonológicas determina que, por meio da sílaba, é possível propor caracterizações de domínio de aplicação de grande parte de regras. Diante disso, regras fonológicas como de velarização ou de neutralização antecedendo uma consoante ou em final de palavra são caracterizadas pelo domínio silábico.

O tratamento do fenômeno supra-segmental (acento) requer que os segmentos sejam agrupados em unidades do tamanho da sílaba. Esse agrupamento de segmentos justifica-se pelo fato de que, na fonologia métrica, a unidade portadora de acento, conforme Selkirk (1982), é a sílaba. Portanto, o estudo sobre esse constituinte possibilita descrever o padrão de acento de várias línguas.

Representando a sílaba de forma hierarquizada, Selkirk (1982) a situa na hierarquia prosódica como o alicerce para os demais constituintes, ou seja, o pé, a palavra fonológica, a frase fonológica, a frase entoacional e o enunciado. Na estrutura sugerida pela autora, a rima é dividida em duas partes: núcleo e coda. O núcleo é o mais importante. Já a coda refere-se aos elementos pós-núcleo dentro da rima.

O modelo de Selkirk (1982) pode ser aplicado a todas as línguas, fato que justifica a escolha desse modelo no presente estudo. Todavia, cada língua apresentará um molde silábico diferente, respeitando sempre as particularidades estruturais de cada sistema, obedecendo às condições de boa formação específica. Apresentamos, os padrões silábicos do PB na Figura 17.

Figura 17 - Padrões silábicos do PB

V	<u>a</u> .té	Núcleo
VC	<u>ár</u> .vo.re	Núcleo e Coda
VCC	<u>ins</u> .pe.ção	Núcleo, Coda e /S/
CV	<u>pá</u>	Ataque e Núcleo
CVC	<u>ler</u>	Ataque, Núcleo e Coda
CVCC	<u>pers</u> .pec.tiva	Ataque, Núcleo, Coda e /S/
CCV	<u>pra</u> .to	Ataque Complexo e Núcleo
CCVC	<u>pres</u> .ta.ção	Ataque Complexo, Núcleo e Coda
CCVCC	<u>trans</u> .por.te	Ataque Complexo, Núcleo, Coda e /S/
VV	<u>au</u> .di.ção	Núcleo e Coda
CVV	<u>cau</u> .te.la	Ataque, Núcleo e Coda
CCVV	<u>trau</u> .ma	Ataque Complexo, Núcleo e Coda
CCVVC	<u>clau</u> st.ro	Ataque Complexo, Núcleo, Coda e /S/

Fonte: Elaboração própria com base em Collischonn (2005).

Tendo em vista o molde proposto por Selkirk (1982), o padrão silábico do PB apresenta maximamente duas consoantes no ataque, sendo, nesse caso, a primeira posição ocupada por uma consoante [-contínua], ou seja, /p, b, t, d, k, g/ ou, então, por uma consoante [+contínua, labial], /f, v/. Já a segunda posição é ocupada por uma consoante [+soante, -nasal], ou seja, /l, r/. O núcleo, com o traço [+silábico], é constituído por apenas uma vogal. A coda, por sua vez, apresenta maximamente dois segmentos, contudo o segundo é incorporado por uma regra de adjunção de /S/.

No caso do PE, Mateus e D'Andrade (2000), com base na proposta geral de Blevins (1995) que propõe os seguintes padrões silábicos possíveis para todas as línguas do mundo: V, CV, CVC, VC, CCV, CCVC, CVCC, VCC, CCVCC e CVCCC, apresentam o seguinte inventário de combinações possíveis para o PE que podem ser observados na Figura 18.

Figura 18 - Padrões silábicos do PE

V	<u>a</u> .pós	Núcleo
CV	<u>ca</u> .sa	Ataque e Núcleo
CCV	<u>pre</u> .to	Ataque Complexo e Núcleo
VC	<u>ar</u> .te	Núcleo e Coda
CVC	<u>ler</u>	Ataque, Núcleo e Coda
CCVC	<u>pres</u> .ta.ti.vo	Ataque Complexo, Núcleo e Coda

Fonte: Elaboração própria com base em Mateus e D'Andrade (2000).

Como se constata pelos padrões silábicos do PE, divulgados por Mateus e D'Andrade (2000), não são admitidas codas silábicas ramificadas, como as combinações CVCC, VCC, CCVCC e CVCCC retratadas por Blevins (1995) para as línguas do mundo. Além disso, o formato mais frequente no PE é o formato CV, como se conclui através dos resultados obtidos por D'Andrade e Viana (1993), em que esse formato registou 60% de ocorrências, e pelos de Vigário e Falé (1993), em que o formato CV obteve 53% de ocorrências.

Vejam, assim, que por meio do molde silábico é possível avaliar as características da estrutura silábica de uma língua, definindo o número e as características dos elementos que compõem a sílaba.

3.2.2.3.1 Os constituintes silábicos

Conforme já apresentamos, os elementos que constituem a sílaba são Ataque, Núcleo e Coda, de modo que o único elemento obrigatório é o mais forte, ou de maior sonoridade, qual seja, o Núcleo. A presença ou ausência do ataque e da coda dependerá das exigências da língua particular. Vejam, cada constituinte silábico, separadamente.

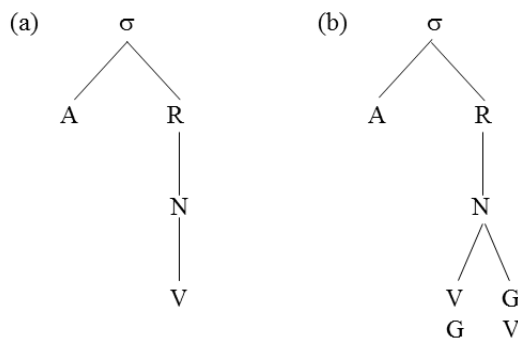
O Núcleo ou Pico silábico, como referido anteriormente, é o elemento com maior sonoridade. A identificação do núcleo, portanto, é feita por meio de um mecanismo comum na literatura, denominado Princípio de Sequenciamento de Sonoridade (doravante PSS). Por esse princípio, o elemento mais sonoro de uma sílaba ocupará a posição de núcleo silábico e os menos sonoros ocuparão as margens da sílaba. Grosso modo, o PSS garante que entre ataque e núcleo e coda e núcleo a sonoridade seja crescente. Com base no PSS e na escala universal de

sonoridade de Hooper (1976), apresentada na Figura 16, glides e vogais são os segmentos mais sonoros, já as oclusivas surdas são menos sonoras.

Tendo em vista a escala de sonoridade divulgada por Hooper (1976), observamos que a numeração crescente é inversamente proporcional ao grau de sonoridade dos segmentos, de modo que quanto maior a sonoridade, menor será seu grau na escala e mais apto está o segmento a ocupar a posição de núcleo silábico. Nesse caso, tendo glides e vogais o grau 01, de acordo com a escala de Hooper (1976), esses segmentos possuem sonoridade maior que todos os demais elementos e, por isso, são mais propensos a ocuparem a posição de núcleo silábico. Por outro lado, as oclusivas surdas, com grau 06, apresentam menor sonoridade, razão pela qual são as menos adequadas para a posição de núcleo, conforme a Figura 16.

Com base no exposto, verificamos que todas as vogais orais, assim como as nasais, podem ser núcleo de sílaba em português, constituindo os chamados núcleos simples (a) e os núcleos ramificados ou complexos (b) constituídos por ditongos, como aponta a Figura 19.

Figura 19 - Tipos de núcleo em português



Fonte: Elaboração própria com base em Mateus e D'Andrade (2000).

Embora vogais e glides sejam mais comuns nas línguas do mundo, não podemos deixar de considerar que não são somente esses segmentos os únicos com licença para ocuparem o núcleo silábico. Há sistemas que admitem uma consoante soante como núcleo silábico. Por exemplo, no Berber, língua falada em Marrocos, algumas palavras permitem apenas consoantes, como é o caso de *trglt* (fechadura) e *txdmt* (recolher madeira), de acordo com Archangeli (1997).

O Ataque silábico é opcional. Assim, nem todas as sílabas apresentam em sua estrutura tal constituinte. O ataque pode compreender um elemento, como no caso de **pi.po.ca**, no qual ocorre ataque simples em todas as sílabas; ou no máximo dois elementos, como em **pro.gre.dir**, no qual ocorre ataque complexo na primeira e segunda sílabas. Além disso, esse constituinte silábico pode, também, ser vazio, tal como em **gar.má.rio**, no qual ocorre ausência de ataque na primeira sílaba (SELKIRK, 1982).

No ataque complexo, a primeira posição silábica pode ser ocupada pelas oclusivas /p, t, k, b, g, d/ ou pelas fricativas labiodentais /f, v/. Já, a segunda posição pode ser ocupada apenas pelas líquidas /l/ e /r/, no que concerne a língua portuguesa, com base em Selkirk (1982). Ademais, a formação de ataque complexo no português respeita o PSS, visto que os segmentos, líquida lateral e líquida vibrante, que ocupam a segunda posição, possuem mais sonoridade que as oclusivas que ocupam a primeira posição, conforme a escala de Hooper (1976). A fim de exemplificação dos diferentes tipos de ataques complexos em língua portuguesa, apresentamos o Quadro 4.

Quadro 4 - Tipos de ataques complexos em português

Oclusivas – 1ª posição		Líquidas – 2ª posição		Ataques complexos
Surda	Sonora	Lateral	Vibrante	
/p/	/b/	/l/	/r/	pl - pl ural bl - bl oco pr - pr efeito br - br utal
/t/	/d/	/l/	/r/	tl - atl ântico dl* tr - tr abalho dr - dr ama
/k/	/g/	/l/	/r/	kl - escl arecer gl - gl obo kr - cr escer gr - gr ama
Fricativas – 1ª posição		Líquidas – 2ª posição		Ataques complexos
Surda	Sonora	Lateral	Vibrante	
/f/	/v/	/l/	/r/	fl - fl ores

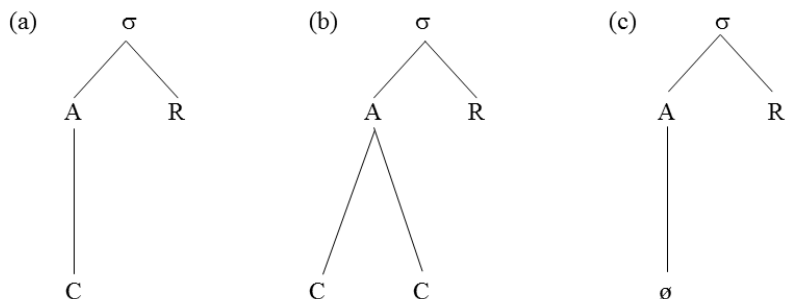
				vl^{**} fr - <u>fr</u> ancês vr - pal <u>av</u> ra
--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

O asterisco em *dl* indica que essa formação é inexistente em língua portuguesa. Já o asterisco duplo no ataque complexo formado por *vl* indica que essa formação é mais utilizada em nomes próprios, como no caso de Vladimir. Além disso, as formações *tl* e *vr* ocorrem somente em posição medial, jamais em posição silábica inicial.

Com base no exposto, verificamos que no PB e no PE os ataques silábicos podem ser simples (preenchidos apenas por um segmento) (a), ramificados/complexos (preenchidos por dois segmentos) (b), ou vazios (não são preenchidos a nível fonético por nenhum segmento) (c), como aponta a Figura 20.

Figura 20 - Tipos de ataques silábicos em português



Fonte: Elaboração própria com base em Mateus e D'Andrade (2000).

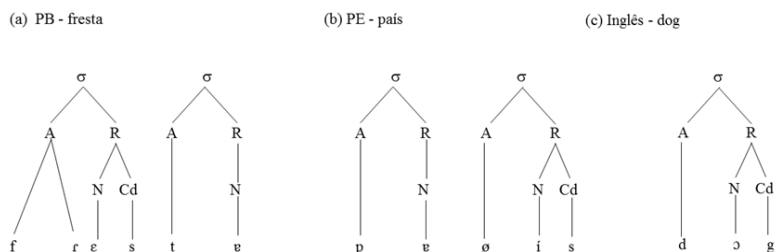
Vejam os que em português o constituinte ataque silábico composto por oclusivas na primeira posição e por líquidas na segunda posição silábica ocorre de forma mais produtiva do que se constituído por fricativas na primeira posição e líquidas na segunda, conforme demonstrado no Quadro 4. Ademais, esse constituinte silábico não é obrigatório e pode, até mesmo, apresentar-se vazio.

A Coda silábica é considerada um constituinte fraco dentro da rima e, por isso, é opcional. A posição de coda pode ser ocupada por, no máximo, dois elementos (per**s**.pec.ti.va). Entretanto, algumas línguas marcadas pelo padrão CV, como por exemplo, o Havaiano, que é uma língua formada somente por ataque e núcleo, não contempla o constituinte

coda silábica, visto que nessa língua não é permitido mais de uma consoante em contexto seguinte (ARCHANGELI, 1997). Já em outras línguas, a estrutura da sílaba pode ser mais rica, isto é, algumas línguas permitem sílabas mais complexas, tais como o Português e o Inglês. Vejamos, contudo, que a coda silábica constitui um elemento que ocorre fora da estrutura CV.

No PB, apenas as consoantes /r/, /l/, /N/ ou /S/ são licenciadas para ocupar a posição de coda, diferentemente do Inglês. No entanto, os glides [j] e [w], também, são segmentos licenciados para posição de coda no PB. Em contrapartida, esses segmentos não fazem parte do conjunto de fonemas do português, sendo constituídos apenas no nível pós-lexical, durante o processo de silabação (BISOL, 1999). No PE, por outro lado, o número de consoantes que podem ocorrer em coda silábica é bastante reduzido, sendo permitido somente três consoantes em coda /l/, /r/ e /S/, conforme Mateus e D'Andrade (2000). Além disso, não são permitidas codas complexas no PE e o que se tem observado é uma tendência para o enfraquecimento da coda (VELOSO, 2003). Apresentamos na Figura 21, o constituinte coda silábica no PB, no PE e no Inglês.

Figura 21 - Coda silábica



Fonte: Elaboração própria com base em Bisol (1999) e Mateus e D'Andrade (2000).

Vejamos na Figura 21, que no PB (fresta) e no PE (país) o constituinte coda silábica foi preenchido com o segmento fricativo /s/ no nível lexical. Nesse caso, portanto, não apresentamos na transcrição fonética as possíveis variações que /s/ pode ter em coda silábica. Já para o Inglês (dog), o constituinte silábico foi preenchido com o segmento oclusivo /g/, mas poderia ser, também, o segmento oclusivo /t/, como em *cat*, ou soante /r/, como em *far*, dentre outros. Com isso, percebemos

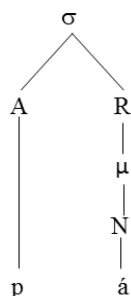
que na língua inglesa, diferentemente da língua portuguesa (PB e PE), são muitos os segmentos que podem ocorrer em posição de coda silábica, fato esse que se justifica por condições estruturais da língua.

A Rima⁸⁸ pode apresentar núcleo e coda e, por isso, é o constituinte dominante na hierarquia que compõe a estrutura silábica. Quando na rima constituir apenas um elemento no núcleo, dizemos que a sílaba é leve, conforme a Figura 14. Entretanto, se a rima apresentar um segmento no núcleo e outro na coda será caracterizada como uma sílaba pesada, de acordo com a Figura 15. Tendo em consideração que o peso é determinado pelos segmentos que constituem a rima, o ataque em nada contribui para o peso silábico.

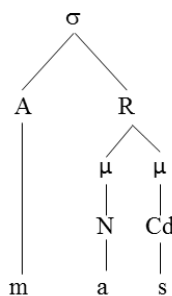
Segundo Hayes (1995), o que determina o peso silábico é uma unidade ainda menor que a sílaba, ou seja, a mora (μ). Assim, uma sílaba com uma mora na rima será considerada leve, já uma sílaba com duas ou mais moras na rima será pesada. Na Figura 22 apresentamos a representação do peso silábico por meio de moras.

Figura 22 - Peso silábico

(a) Sílaba leve



(b) Sílaba pesada



Fonte: Elaboração própria com base em Hayes (1995).

Na visão de Collischonn (2005), a mora é entendida como cada unidade da rima, ou seja, uma sílaba com rima ramificada (pesada) composta por um elemento no núcleo e um na coda apresenta duas moras, ou então, se tiver duas sílabas leves (rima com apenas um segmento), também, serão contadas duas moras. O ataque não contribui

⁸⁸ De acordo com Collischonn (2006, p. 37) “[...] o termo rima está associado à noção de rima na poesia. Em rimas, a identidade da Rima, isto é, da sílaba acentuada, tem papel, mas o Ataque não”.

para o peso silábico, como já evidenciamos, portanto não conta mora. Com isso, vejamos que a estrutura da rima é de suma importância para a atribuição do acento, já que a língua se mostra sensível ao peso silábico.

3.2.2.3.2 Princípios universais

Entendemos que para uma discussão dos princípios universais referentes à sílaba, primeiramente, devemos fazer uma distinção entre o Princípio de Composição de Sílaba Básica (PCSB) e o Princípio de Silabificação (PS).

De acordo com Selkirk (1982), o PCSB consiste em um modelo com elementos auxiliares e grupos de restrições colocacionais. Bisol (1999) apresenta uma regra adicional, que pode funcionar como um modelo auxiliar no PCSB do PB, que é denominada de regra de adjunção de /S/, segundo a qual uma obstruinte poderá ocupar a posição de coda, desde que a rima seja bem formada. Essa regra existe “em função de um pequeno grupo de palavras: fausto, monstro, austral, claustro, auspícios, auscultar, austero, solstício, interstício, perspectiva e poucas mais” (BISOL, 1999, p. 705).

Já o PS implica determinar uma cadeia de sons ao molde, isto é, uma sequência sonora que esteja de acordo com o PCSB. Bisol (1999) estabelece quatro passos para a silabificação, em obediência ao PCSB. Tais passos são estruturados da seguinte forma: (i) identifique o núcleo, (ii) projete a rima e, após isso, projete a sílaba (σ), (iii) ramifique a sílaba à esquerda para formar CV, caso haja mais consoantes continue à esquerda para maximizar o ataque, e (iv) expanda a rima para formar a coda.

Entretanto, há casos em que uma consoante pode ser analisada como ataque ou como coda pelo PCSB, conforme Selkirk (1982). A fim de resolver esse problema, a autora apresenta o Princípio de Maximização do Ataque (PMA), segundo o qual os ataques devem ser maximizados de acordo com o PCSB da língua (SELKIRK, 1982). Na sequência, entra em ação o PSS que, como já mencionamos, determina que a sonoridade seja crescente entre qualquer constituinte de uma sílaba e seu núcleo.

O Princípio de Preservação de Estrutura (PPE) assegura que todas as estruturas devem ser preservadas, ou seja, fica proibida, no léxico, a criação de estruturas silábicas novas, não admitidas pelo PCSB. Para Bisol (1999), o PPE está desativado para regras de ressilabificação, pois essas regras atuam livremente no nível fonético.

Já o Princípio de Licenciamento Prosódico (PLP), por sua vez, exige que todas as unidades fonológicas pertençam a unidades linguísticas mais altas numa relação de hierarquia (ITÔ, 1986). Por esse princípio, os segmentos na estrutura silábica devem ser silabados para que possam pertencer à sílaba. Se o segmento não for silabado, será apagado ainda no nível lexical (exceção feita à unidade licenciada por extrametricidade). Com isso, vemos que o PCSB é assegurado por princípios universais que devem ser levados em consideração aquando da análise da estrutura silábica de uma língua qualquer que se queira investigar.

3.2.3 *Teoria lexical*

A Teoria Lexical ou Fonologia Lexical é o segundo módulo da chamada fonologia não-linear abordado nesse estudo e consiste, grosso modo, em integrar em uma mesma teoria regras fonológicas e morfológicas.

O auge da Teoria Lexical foi na década de 80 e iniciou com Kiparsky (1982)⁸⁹ e Mohanan (1982) que, com suas propostas que vão desde o grau de abstração da estrutura profunda à opacidade e propriedade das regras, conquistaram os fonólogos da época. Esse módulo da fonologia não-linear visa olhar para o léxico não só como o depósito de idiossincrasias, mas como uma dominação/interação de regras fonológicas e morfológicas, o que conduz à discussão de certos princípios da teoria geral.

Tendo em vista a inter-relação fonologia e morfologia, o modelo da Teoria Lexical organiza-se em dois componentes: o lexical e o pós-lexical. O primeiro componente, o lexical, refere-se às regras lexicais que interagem com a morfologia e são definidas pelas seguintes propriedades: (i) são cíclicas; (ii) são sensíveis à Condição do Ciclo Estrito; (iii) são preservadoras, isto é, atendem ao Princípio da Preservação de Estrutura; e (iv) têm algumas exceções. O segundo componente, o pós-lexical, condiz com as regras pós-lexicais que criam alofones e são caracterizadas pelas seguintes propriedades: (i) não são cíclicas, portanto, desconhecem a ciclicidade estrita; (ii) não são preservadoras; e (iii) não têm exceções (KAISSE; SHAW, 1985).

⁸⁹ A questão do ambiente derivado, o papel da morfologia na fonologia e, mais especificamente, as ideias de Pesetsky foram sintetizadas por Kiparsky (1982, 1985) na chamada Fonologia Lexical.

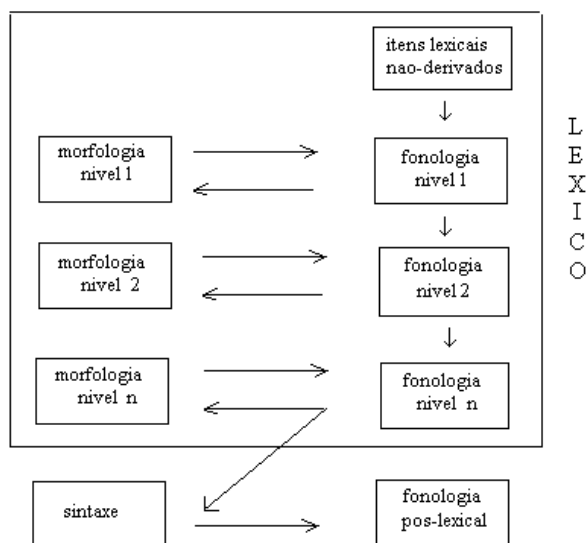
De acordo com Kiparsky (1985), há uma relação fechada entre ciclicidade, princípio do ciclo estrito e preservação da estrutura, empiricamente reconhecida. Conforme o autor, relaciona-se a ciclicidade estrita ao ambiente derivado e, como o ambiente derivado proíbe neutralizações automáticas, as regras cíclicas são preservadoras.

Destarte, tanto no léxico quanto no pós-léxico, existem regras que preenchem (*structure building rules*) e regras que mudam estruturas (*structure changing rules*). Regras que preenchem estruturas são preservadoras. No entanto, regras que mudam estruturas, se forem cíclicas (lexicais) não podem criar segmentos novos, mas se não forem cíclicas (pós-lexicais) podem criar alofones (KIPARSKY, 1985).

Outra diferença entre as regras dos dois componentes, lexical e pós-lexical, diz respeito ao tipo de ordenamento a que se sujeitam. Enquanto regras lexicais obedecem ao padrão disjuntivo, ou seja, se A se aplicar, então B não se aplica, regras pós-lexicais aplicam-se conjuntivamente, no modo ou A ou B se aplicam.

Apresentamos na Figura 23 o modelo teórico clássico da Teoria Lexical de Kiparsky (1982) que reconhece a existência dos dois componentes que fundamentam esse módulo da fonologia não-linear.

Figura 23 - Modelo da Teoria Lexical



Fonte: Elaboração própria com base em Kiparsky (1982).

Podemos observar na Figura 23 que a coluna da esquerda apresenta os processos flexionais e derivacionais que são ordenados em níveis, o que reflete a ordem dos processos morfológicos na formação das palavras. As flechas mostram que a saída de cada processo de formação de palavras passa por regras fonológicas, expostas na coluna da direita, dentro do próprio léxico. Cada nível, portanto, funciona como domínio para um conjunto de regras fonológicas.

O processo de ciclicidade é resultante desse entrelaçamento entre teoria lexical e morfologia e pode acontecer dentro do próprio nível, quando uma determinada regra fonológica se aplica ao output de operações morfológicas do mesmo nível, ou entre níveis, quando uma determinada regra opera em dois níveis consecutivos.

Contudo, após a aplicação de todas as regras lexicais, as palavras podem adentrar a sintaxe, conforme indica a seta em sentido descendente na Figura 23. A informação fornecida por esse componente não está disponível à Teoria Lexical e, como resultado, as frases ou locuções produzidas não são atingidas por regras lexicais, muito embora ainda possam ser alcançadas por regras fonológicas tardias, atuantes no componente que segue a sintaxe – o pós-lexical.

3.2.3.1 Princípios e condições

As regras fonológicas que se intercalam com as operações morfológicas sucessivas no léxico constituem as regras lexicais, como já mencionamos anteriormente, que são governadas pela Condição do Ciclo Estrito e pelo Princípio de Preservação de Estrutura.

A Condição do Ciclo Estrito restringe a (i) regras cíclicas que somente se aplicam em ambientes derivados e (ii) assume a forma: se W é derivado de uma entrada lexical W' , onde W' é não-distinto de $XPAQY$ e distinto de $XPBQY$, então a regra $A \rightarrow B/XP_QY$ não pode se aplicar a W até o nível da palavra.

Ainda que a Condição do Ciclo Estrito, ao limitar a ciclicidade a regras que envolvem a formação de palavras, tenha trazido luz para os casos de opacidade, como no finlandês, o problema em que regras cíclicas também se aplicam em ambientes não derivados ainda persiste. Tendo esse fato em vista, Kiparsky (1985), ao confrontar estruturas marcadas com estruturas não-marcadas, verificou que as representações lexicais são governadas por dois sistemas. O primeiro, segundo o autor, é o conjunto de regras universais e particulares, entre as quais as que suprem valores

não-marcados de traços; e, o segundo, são condições, entre as quais as de marcação, admitindo-se que certos valores de traços podem ser marcados.

O Princípio de Preservação de Estrutura é outro elemento básico para o funcionamento da Teoria Lexical. Segundo esse princípio, uma regra fonológica lexical não pode se referir a traços que não sejam distintivos, o que significa dizer que todas as regras fonológicas lexicais devem ser definidas com base no conjunto de segmentos subjacentes da língua. Logo, se uma regra introduzir ou se referir a um segmento não contrastivo, é impossibilitada pelo Princípio de Preservação de Estrutura de se aplicar nesse componente.

A ordenação de regras na derivação lexical pode ser conjuntiva ou disjuntiva. Duas regras estão em ordenação conjuntiva, quando ambas se aplicam na mesma derivação em determinada ordem e duas regras estão em relação disjuntiva em dada derivação, quando são mutuamente exclusivas. É com base no ordenamento disjuntivo que Kiparsky (1973) propõe a Condição *Elsewhere* que, grosso modo, refere-se ao fenômeno de bloqueio.

A partir da Condição *Elsewhere*, portanto, regras A e B do mesmo componente aplicam-se disjuntivamente a uma forma se: (i) a descrição estrutural de A (a regra específica) inclui a descrição estrutural de B (a regra geral); e (ii) o resultado de aplicação de A em θ é distinto do resultado da aplicação de B em θ . Vejamos, assim, que a função geral da Condição *Elsewhere* é garantir que a regra mais específica se aplique antes da regra mais geral, caso o resultado de aplicação das regras a uma mesma fileira for distinto e a descrição estrutural da regra mais geral incluir a descrição da regra mais específica.

3.2.3.2 Teoria da subespecificação

Uma questão considerada importante para a fonologia gerativa ou generativa é saber se todos os traços que caracterizam um segmento devem ou não ser incluídos na matriz fonológica. Conforme a fonologia gerativa, apenas os traços distintivos devem ser listados; os traços redundantes, ou seja, deriváveis, devem ser omitidos. Na teoria fonológica, usa-se o termo subespecificação para fazer referência à omissão, na estrutura subjacente, de traços deriváveis.

A Teoria da Subespecificação, que faz parte do modelo da Teoria Lexical, admite, portanto, que estruturas subjacentes cuja representação não deve ultrapassar o nível fonêmico, devem ser minimamente especificadas. Assim, o valor de cada traço a ser suprido por uma regra

fonológica de redundância é sempre o valor não-marcado. Tais regras de redundância podem ser aplicadas durante o processo lexical se necessárias, mas na maioria das vezes são regras tardias que se aplicam no fim do léxico ou no pós-léxico (KIPARSKY, 1985).

De acordo com Kiparsky (1985), os valores redundantes e os valores não-marcados dos traços estão ausentes da representação subjacente. Nesse nível, apenas o valor marcado é especificado. O preenchimento dos valores não especificados se dá no léxico⁹⁰, quando uma regra lexical o exigir; mas, de modo geral, ocorre no pós-léxico, por meio de regras de redundância ou de regras *default* as quais inserem o valor não-marcado de um traço.

Entretanto, a economia na especificação das representações lexicais pode ir além da eliminação das redundâncias. Certos segmentos fonológicos têm um comportamento menos marcado do que outros ou representam um recurso da língua sempre presente para resolver problemas resultantes de violação de princípios ou para criar estratégias de reparação. Por essa razão, tais segmentos são também os mais frequentes no nível fonético. É teoricamente possível, portanto, que os traços desses segmentos não sejam explicitados na representação lexical e sejam introduzidos no final das derivações por regras *default* – ou seja, os segmentos são subespecificados. Além disso, os traços dos outros segmentos que sejam coincidentes com os dos segmentos não-marcados, também, não serão especificados, sendo igualmente introduzidos por regras *default*.

A noção de especificação derivável deve levar em conta apenas a língua analisada ou é universal? Esse tipo de discussão levou o gerativismo da década de oitenta para duas propostas: a subespecificação contrastiva ou restritiva e a subespecificação radical.

No que concerne à subespecificação contrastiva/restritiva, a busca de traços redundantes deve restringir à língua em análise. Isto é, apenas os traços contrastivos daquela língua serão especificados. A subespecificação contrastiva/restritiva assume que o fonema não é a unidade mínima da fonologia, mas um primitivo fonológico. Grosso modo, na subespecificação contrastiva ou restritiva, em primeiro lugar buscam-se os segmentos em contraste e, então, busca-se saber quais são

⁹⁰ Um dos princípios que reúne largo consenso é o de que no léxico deve conter toda e só a informação não-previsível, ou idiossincrática, já que a informação previsível pode ser obtida pela aplicação de regras, também elas obedecendo a princípios gerais da teoria (ARCHANGELI, 1988).

os traços responsáveis por esses contrastes. Uma consequência desse tipo de análise é que nenhum segmento pode ser deixado completamente não especificado em sua representação subjacente, uma vez que a noção de segmentos em contraste é de fundamental importância segundo essa proposta (STERIADE, 1988).

Na subespecificação radical, o fonema não é um primitivo fonológico. De acordo com esse ponto de vista, as línguas contam apenas com posições (*slots*) de tempo vazias que são preenchidas por traços. Informações da Gramática Universal devem ser usadas para preenchê-las, o que permite que haja posições completamente não especificadas na estrutura subjacente. Por exemplo, informações sobre frequência de ocorrência são vistas como fundamentais. Assim, se um determinado traço existe em todas as línguas do mundo, ele não deve ser especificado na forma subjacente de nenhuma língua (ARCHANGELI, 1988; PULLEYBLANK, 1986).

Essas duas visões de subespecificação, contrastiva/restritiva e radical, convivem dentro da teoria gerativa. Podemos encontrar adeptos de uma ou outra corrente. Assim, enquanto Steriade (1988), Clements (1989) e Halle (1995) assumem a subespecificação contrastiva/restritiva, Pulleyblank (1986), Archangeli (1988), Archangeli e Pulleyblank (1989), Paradis e Prunet (1991), Mateus (1996) e Mateus e D'Andrade (2000) assumem a subespecificação radical.

Tanto a versão radical quanto a contrastiva/restritiva são consideradas como teorias genuínas à questão da subespecificação e somente a evidência empírica é capaz de decidir qual é mais adequada, já que ambas as posições são praticamente atestadas em diferentes situações (MESTER; ITÔ, 1989).

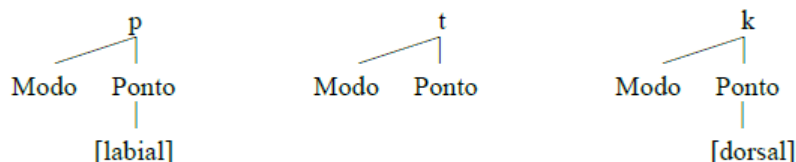
No que tange às consoantes, por exemplo, não se trata de uma consoante que é a mais frequente, a menos marcada, mas de uma classe de consoantes: as coronais e, dentre elas, as [+anteriores] que em português são /t, d, s, z, n, l, R/. Essas consoantes (i) apresentam variações fonéticas, sobretudo quando ocupam a coda da sílaba; (ii) estão sujeitas a neutralizações; e (iii) estão sujeitas a supressão. São, portanto não-marcadas no sistema consonantal/consonântico do português, no que se distinguem das consoantes que têm uma realização única (MATEUS, 1996).

Tendo em vista, portanto, os fatos que identificam os segmentos coronais como os mais frequentes nas línguas do mundo e os segmentos adquiridos mais cedo pelas crianças, conforme Paradis e Prunet (1991), o ponto coronal pode ser considerado como o ponto não-marcado. Na teoria

da subespecificação radical, assume-se que valores não marcados de traços não são representados na forma subjacente, como já mencionamos.

Uma vez que se assume a teoria da subespecificação associada à visão hierárquica típica da geometria de traços, podemos considerar, assim como Paradis e Prunet (1991, p. 09), que “o status especial das coronais reside no fato de que elas carecem de especificação de lugar na representação universal”⁹¹. Vejamos, então, na Figura 24, a representação de um segmento coronal /t/ em comparação com um segmento labial /p/ e com um dorsal /k/, de acordo com a subespecificação radical.

Figura 24 - Subespecificação do segmento coronal /t/



Fonte: Elaboração de Paradis e Prunet (1991).

Podemos definir as coronais como um dos segmentos menos marcados para o português, visto que não contam com especificações de traços de ponto de articulação na representação subjacente, como aponta a Figura 24. Em contrapartida, o segmento labial /p/ e o segmento dorsal /k/ apresentam especificações referentes ao nó de Ponto, [labial] e [dorsal] respectivamente.

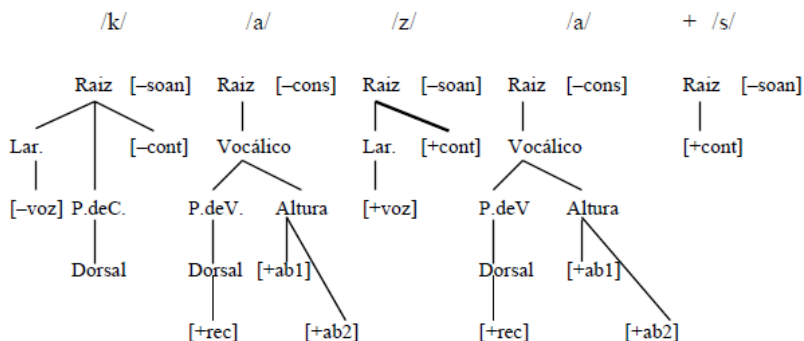
Com isso, a subespecificação das representações lexicais integra-se numa perspectiva de economia do léxico mental do falante e permite que as regras sejam, na sua maioria, regras de preenchimento de traços – por só estarem presentes, no nível subjacente, os traços indispensáveis – em vez de regras de mudança/alteração de traços. As regras que preenchem (ou especificam) os valores dos traços são preferíveis às regras que mudam esses valores, e integram-se melhor no quadro teórico da fonologia não-linear que propõe a existência de autossegmentos com funcionamento independente.

Além disso, uma representação lexical de uma palavra simples é constituída pelo radical acompanhado das suas propriedades inerentes

⁹¹ “the special status of coronals lies in the fact that they lack specification for place in UR” (PARADIS; PRUNET, 1991, p. 09).

(por exemplo, a vogal temática que deve associar-se a cada radical verbal) e pela informação que corresponde à escolha do locutor e permite a integração dos respectivos sufixos de flexão. Na representação lexical de uma palavra derivada integram-se, também, os afixos derivacionais acompanhados pelas suas propriedades inerentes e pelas restrições de seleção (por exemplo, a categoria sintática da base pedida por determinado sufixo derivacional). Todos esses morfemas e as respectivas propriedades estão listados no léxico. Podemos notar, segundo Mateus (1996), que a representação lexical da palavra *casas* inclui o radical /kaz/, o marcador de classe /a/ que está no léxico como propriedade inerente do radical, e o sufixo de plural /s/ resultante da escolha do locutor. Os segmentos da representação lexical de *casas* apresentam-se na Figura 25.

Figura 25 - Representação lexical dos segmentos de *casas* - subespecificados



Fonte: Elaboração de Mateus (1996).

Observamos, relativamente à Figura 25, que (i) as consoantes fricativas quando coronais e anteriores não necessitam de especificação no ponto de articulação; (ii) a consoante /z/ precisa ser especificada no traço referente ao vozeamento por fazer parte do radical e contrastar com o segmento não-vozeado /s/, caso contrário não teríamos a distinção entre as realizações *casa* [kász] e *caça* [kász]; e (iii) o sufixo de plural, que apresenta realizações fonéticas alternantes, tanto contextuais como dialetais, é um segmento flutuante que não precisa ser especificado, já que os valores dos traços serão introduzidos por regras específicas/complementares. Por exemplo, no português europeu em fim de palavra o segmento /s/ é coronal [-anterior], entretanto, em muitos dialetos do português brasileiro, em fim de palavra, o segmento /s/ é coronal [+anterior]. O segmento coronal /s/, também, pode ser

especificado no final da derivação por meio de regra *default*, como apresentamos na Figura 12.

Também, para o português europeu, Mateus e D'Andrade (2000) adotam a subespecificação radical, o que acarreta a não-especificação dos traços de ponto de articulação na representação subjacente da coronal /s/ por ser considerada bastante comum nas línguas do mundo. Assim, o preenchimento é previsto no nível pós-lexical e é guiado pela localização dos segmentos na sílaba. Portanto, se a consoante estiver no ataque, são especificadas como coronal [+anterior]; por outro lado, se estiver em coda silábica, regras de alofonia são disparadas.

Adotamos para esse estudo, a propósito, a subespecificação radical porque acreditamos que, se não estiverem preenchidos os traços de ponto de articulação da consoante coronal /s/ em posição de coda silábica, esse segmento pode mais facilmente realizar-se de forma variável, seja alveolar, ápico-alveolar ou palato-alveolar, conforme os contextos ou os dialetos ou por projeção de um autosegmento, do que se estivesse completamente especificado.

Haja vista nossa posição, com relação à representação do segmento coronal /s/ em coda silábica na Teoria da Subespecificação, exibimos, no Quadro 05 as vogais e as consoantes subespecificadas no nível lexical.

Quadro 05 - Subespecificação radical de vogais e consoantes

	i	e	ɛ	a	ɔ	o	u
Labial					•	•	•
[arred]					+	+	+
Dorsal				•			
[rec]				+			
Altura		•	•	•	•	•	
[aberto1]		+	+	+	+	+	
[aberto2]		+	+	+	+	+	

	p	b	t	d	k	g	m	n	ɲ	f	v	s	z	ʃ	ʒ	l	ʎ	r
[soan]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+
[cont]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	-	-
[nas]							+	+	+									
[later]																+	+	
Larígeo	•	•	•	•	•	•				•	•	•	•	•	•	•		
[voz]	-	+	-	+	-	+				-	+	-	+	-	+	+		
Ponto de C	•	•			•	•				•	•	•			•	•		•
Labial	•	•								•	•							
Coronal									•						•	•		•
[anter]									-						-	-		-
Dorsal					•	•												

Fonte: Elaboração de Mateus (1996).

Alguns nós estão marcados com um ponto quando um traço que deles depende está explicitado na classificação da respectiva vogal ou consoante (caso do nó Larígeo, por exemplo), ou quando o traço não está explicitado por ser redundante, mas a indicação do nó interessa para a identificação do segmento (caso do nó Dorsal nas consoantes, em que não há oposição entre [+rec] e [-rec]), conforme Mateus (1996).

De acordo com Mateus e D'Andrade (2000), uma vez que traços não-marcados são determinados, o estabelecimento da representação dos segmentos restantes poderá ser feita. Nesse caso, traços são deixados em branco na matriz sempre que eles corresponderem ao traço não-marcado do segmento assimétrico e compartilhar os mesmos valores.

Com relação ao Quadro 05, especialmente quanto às consoantes, Mateus e D'Andrade (2000) destacam que o traço [consonantal] não está incluído, uma vez que todas as consoantes são especificadas por esse traço. No que se refere aos traços [sonorante] ou [soante] e [contínuo],

plosivas e fricativas têm que ser especificadas. Da mesma forma, obstruintes que são vozeadas devem ser especificadas quanto ao nó Laríngeo. As líquidas devem ser, também, especificadas com respeito aos traços [sonorante] ou [soante], [contínuo] e [lateral], haja vista que ambas as classes são [+sonorante] ou [+soante], entretanto, os róticos são [+contínuo] e as laterais são [+lateral]. Tanto nas consoantes quanto nas vogais, os pontos nas linhas correspondentes a laríngeo e Ponto de C indicam que segmentos têm que ser marcados para os nós dependentes e traços.

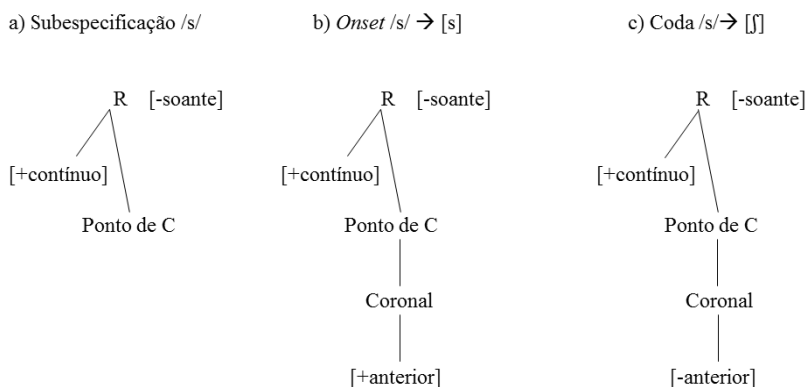
Conforme os autores, a proposta de subespecificação radical é determinada pelas seguintes condições: (i) consoantes que alternam, por exemplo, aquelas que ocupam a posição de coda silábica e que estão frequentemente sujeitas à neutralização ou ao apagamento, são menos marcadas do que aquelas que têm uma representação singular; (ii) consoantes coronais têm um *status* especial relativo aos traços dependentes do nó Ponto de C, tendo em vista que essas consoantes são as mais frequentes em todas as línguas, podemos considerar esses segmentos como não-marcados. As ocorrências mais frequentes de coronal são [+anterior], as consoantes /t/, /d/, /s/, /z/, /l/, e /r/, portanto, não são especificadas para Ponto de C e os valores dos traços dominados por esse nó são preenchidos no nível pós-lexical de acordo com a posição que o segmento ocupar na estrutura silábica. Se a consoante está em *onset*, ela é preenchida por regra *default* que a especifica como coronal [+anterior]. Por outro lado, se a consoante está em coda silábica, ela dispara regras específicas ou complementares para codas do Português – salientamos que somente coronais podem ocorrer em posição de coda no Português; (iii) coronais [-anterior] (/ɲ/, /ʎ/, /ʃ/, /ʒ/) devem ser especificadas no nó Ponto de C, visto que essas consoantes não são caracterizadas por traços não-marcados⁹²; e (iv) os valores dos traços são, também, subespecificados quando eles não podem co-ocorrer e quando eles são redundantes na língua em questão, ou quando eles são previsíveis por princípios universais (MATEUS; D'ANDRADE, 2000).

Vejamus que a implicação mais importante da subespecificação radical é o fato de que consoantes coronais [+anterior] não são especificadas subjacentemente para o nó Ponto de C e têm esses valores

⁹² “Essa hipótese segue da nossa visão de representação lexical. Nós consideramos que somente a informação imprevisível é especificada no nível subjacente; isto se aplica a segmentos não-marcados, que são, segmentos [+anterior]. Os outros segmentos, portanto, tem que ser especificados subjacentemente” (MATEUS; D'ANDRADE, 2000, p. 36).

preenchidos durante processos fonológicos. Assim, a fim demonstrar claramente a relação proposta entre subespecificar ou preencher os valores dos traços não especificados, bem como regras específicas ou complementares e regras *default* desencadeadas pelo segmento coronal /s/, apresentamos a Figura 26.

Figura 26 - Representação lexical e pós-lexical do segmento coronal /s/



Fonte: Elaboração própria com base em Mateus e D’Andrade (2000).

Podemos observar na Figura 26, que na subespecificação radical da fricativa coronal /s/, o nó Coronal e seu traço dependente [anterior] não foram preenchidos, visto que entendemos que essa especificação envolve questões extralinguísticas, como referências dialetais, para que o preenchimento desse nó e traço ocorra. Em contrapartida, quando representamos a consoante coronal /s/ em *onset* e em *coda* silábica especificamos o nó Coronal e seu traço dependente [anterior], visto que se trata de informação idiossincrática (previsível), para o PE.

Segundo Archangeli (1988, p. 203), a subespecificação é preferida com relação à representação completa do ponto de vista teórico “porque ela torna a teoria das representações consistentes com o conceito de uma avaliação métrica: somente a informação idiossincrática é incluída na representação básica e toda a informação previsível é codificada em regras”⁹³. Tendo em vista que a subespecificação radical

⁹³ “[...] because it makes the theory of representations consistent with the concept of an evaluation metric: only idiosyncratic information is included in the most basic representation and all predictable information is encoded in rules” (ARCHANGELI, 1988, p. 203).

se inicia a partir da análise empírica do funcionamento dos segmentos menos marcados, “o primitivo fonológico de uma língua particular pode ser expresso como especificação de traço”⁹⁴. Assim, de acordo com a subespecificação radical, regras fonológicas desencadeadas por segmentos subespecificados em processos fonológicos são regras de preenchimento e não de mudança de traço.

3.2.4 Outras propostas para a representação da fricativa /s/

Compreendemos que as várias propostas de caracterização da fricativa /s/, com base em modelos de organização hierárquica de traços diferem-se basicamente com respeito a dois critérios, a saber:

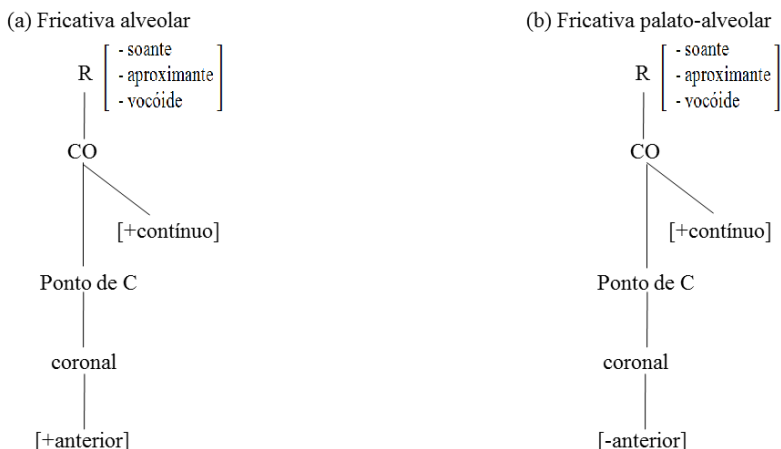
- (i) a identificação do segmento fricativo /s/ como simples;
- (ii) a identificação do segmento fricativo /s/ como complexo.

Vejamos, então, cada um deles.

3.2.4.1 A fricativa /s/ como segmento simples

Mester e Itô (1989), com base no modelo de organização de traços, relatam que a simples adição de um componente coronal ou, se esse já está presente, seu destaque pela adição do traço [anterior] é suficiente para representar as fricativas /s/. Desse modo, o segmento fricativo /s/ é representado pela associação do traço [anterior] ao nó Coronal. Vejamos na Figura 27 a representação proposta por Mester e Itô (1989) da fricativa /s/ como segmento simples.

⁹⁴ “the phonological primitives of a particular language can be expressed as feature specification” (ARCHANGELI, 1988, p. 203).

Figura 27 - Representação da fricativa /s/ como segmento simples

Fonte: Elaboração própria com base em Mester e Itô (1989).

Logo, podemos verificar que as fricativas apresentadas em (a) e (b) surgem apenas no componente pós-lexical, como resultado de uma regra específica de alofonia que se aplica no modo de preenchimento de traços. Insere-se, à vista disso, o traço [anterior] em uma consoante identificada como coronal sob o Ponto de C.

Lahiri e Evers (1991) também compreendem que a fricativa /s/ em coda silábica é melhor expressa como consoante simples do que como complexa. Contudo, os autores não ignoram o fato da definição do traço [anterior] referir-se ao local da obstrução no trato vocal, e não ao movimento realizado pelo corpo da língua no eixo horizontal do trato vocal. Os autores afirmam, ainda, ser o processo de produção de uma fricativa palato-alveolar, como em (b), a partir de uma fricativa alveolar, como em (a), um tipo de “posteriorização” no sentido da localização ser mais atrás da constrição, em comparação à alveolar, acompanhada pelo recuo e elevação do corpo da língua.

Apesar dessa ideia não ser totalmente representada pelo traço [anterior] e haja vista que há problemas com relação à falta de precisão na identificação da linha divisória entre [+anterior] e [-anterior] no trato vocal, visto que podemos encontrar os dois valores para o traço à frente da borda da arcada alveolar, Lahiri e Evers (1991) consideram mais intuitivo que para o processo de produção da fricativa palato-alveolar, disparado por uma vogal alta frontal, por exemplo, envolva mais

facilmente o espriamento de [-anterior] da vogal para a consoante ao invés do traço [-posterior].

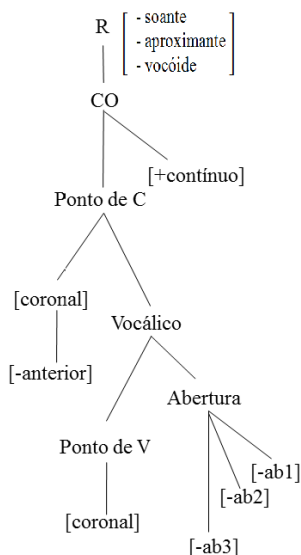
O valor negativo do traço [anterior] é interpretado como definidor da mesma classe de consoantes formadas por uma obstrução realizada pelo corpo da língua, definida no sistema de traços do SPE pelo traço [posterior]. Assim, quando a obstrução não envolve o corpo da língua, [+anterior] é utilizado. Tal similitude entre correlatos consonantais e vocálicos de traços é considerada por Sagey (1990) apenas como uma interpretação prática do traço [anterior] e, nessa acepção, deixa de refletir o fato de que na fricativa palato-alveolar, se tidas apenas como [-anterior], o dorso da língua está atuando conjuntamente com o levantamento de sua lâmina.

Clements e Hume (1995), Cagliari (1997) e Mateus e D'Andrade (2000) concordam, de modo idêntico ao proposto por Mester e Itô (1989) e por Lahiri e Evers (1991), com a representação pós-lexical adotada em língua portuguesa para a fricativa palato-alveolar como consoante simples equivalente, portanto, com a inserção do nó Coronal e seu traço dependente [-anterior].

3.2.4.2 A fricativa /s/ como segmento complexo

Outra possibilidade refere-se à representação da fricativa palato-alveolar como uma consoante complexa, apresentando tanto o nó de Ponto de C quanto o nó Ponto de V, como propõe Hernandorena (1994) com base em dados de aquisição da língua portuguesa. A geometria que representa tais consoantes passaria a ser expressa como na Figura 28, uma configuração composta por uma articulação menor, na qual a palatalização estaria exposta pelo nó Vocálico e seus nós dependentes Ponto de V e Abertura.

Figura 28 - Representação da fricativa /s/ como segmento complexo em *onset* silábico



Fonte: Elaboração própria com base em Hernandorena (1994).

O principal fato apontado por Hernandorena (1994), para o envolvimento do nó *Vocálico* na representação da fricativa palato-alveolar, está em três tipos de produção verificados na etapa anterior à aquisição plena das fricativas palato-alveolares. Desse modo, ocorre (i) a substituição de [ʃ, ʒ] por [s, z], como em [s]uva para [ʃ]uva e igre[z]a para igre[ʒ]a; (ii) a troca das palato-alveolares pelo glide [j] como, por exemplo, em [j]anela para *janela*; e (iii) a palatalização de [s, z] diante de vogal alta [i], como em [ʃ]inema e poli[ʃ]ia. Assim, segundo a autora, tais fatos levam à conclusão de que no processo de aquisição da fonologia, as crianças estão dando a [ʃ, ʒ] o mesmo tratamento dado as consoantes [ʎ, ɲ], reconhecidamente consoantes complexas, conforme Giangola (1994).

Produções como [s]uva e igre[z]a são representadas, de acordo com Hernandorena (1994), como um simples processo desligamento do nó *Vocálico* dependente do nó de *Ponto de C*. Já produções como [j]anela são justificadas, pela autora, pelo desligamento do traço [coronal] dominado pelo nó de *Ponto de C*. Ocorrências como [ʃ]inema e poli[ʃ]ia

são decorrentes do espraçamento do nó Vocálico da vogal para a consoante que a antecede, fazendo resultar um segmento como o expresso na Figura 28.

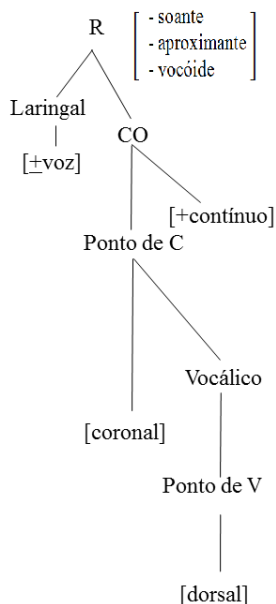
Em virtude do espraçamento do nó Vocálico da vogal, o traço [+anterior] da consoante alveolar, dependente de [coronal], converte-se em [-anterior]. Em contrapartida, quando ocorre o desligamento do nó Vocálico como em *janela* para [j]anela, o traço dependente de [coronal] passa a ser redundantemente [+anterior], como ocorre com todas as consoantes coronais simples da língua portuguesa, conforme a proposta defendida por Hernandorena (1994).

Vejamos, entretanto, que a inadequação da geometria, proposta por Hernandorena (1994), para a representação fricativa palato-alveolar em *onset* silábico está justamente na caracterização da articulação secundária como [i] ou [j]. Tendo em vista que, se admitíssemos que o traço de palatalização para a fricativa palato-alveolar fosse equivalente à vogal [i] ou ao glide frontal [j], automaticamente inseriríamos tais consoantes no grupo das consoantes complexas palatais lateral [ʎ] e nasal [ɲ], de acordo com Giangola (1994). Tal fato, em contrapartida, não recebe suporte empírico.

Além disso, não há registros de casos como so[j]a ou so[s]a para *soja* ou a[j]o ou a[z]o para *acho*, qualquer que seja a posição na palavra considerada. Ademais, o tipo de alternância entre [ʒ] e [j], verificado em dados como [j]anela para *janela*, ou entre [ʃ] e [s], em [s]ave para *chave* parece fazer parte apenas da fase anterior à aquisição plena de [ʃ, ʒ], desaparecendo por completo na fala adulta, variedade popular ou coloquial. Possivelmente, constitui um fenômeno restrito à aquisição e sem reflexos fonológicos na fala adulta.

A representação proposta por Brescancini (2002) apresenta a fricativa palato-alveolar como uma consoante complexa, portanto, com duas articulações. A geometria, na visão da autora, passaria a ser expressa como na Figura 29, uma configuração composta por uma articulação maior coronal e por uma articulação menor, na qual a palatalização estaria exposta pelo nó Vocálico e seu nó dependente Ponto de V, sendo que esse último nó dominaria o traço [dorsal], referente apenas à localização da constricção.

Figura 29 - Representação da fricativa /s/ como segmento complexo em coda silábica



Fonte: Elaboração própria com base em Brescancini (2002).

As evidências apresentadas por Brescancini (2002) conduzem à conclusão de que a fricativa palato-alveolar é, portanto, representada como segmento complexo corono-dorsal, como apresenta a geometria da Figura 29. A autora lista uma série de justificativas para a sua proposta de geometria.

A primeira justificativa relatada por Brescancini (2002) refere-se ao local da produção da fricativa palato-alveolar no trato vocal. Conforme a autora, o segmento palato-alveolar ocorre em uma área mais posterior do que o segmento alveolar. O corpo da língua assume, então, um formato cupulado, sendo esse movimento acompanhado por uma retração automática que resulta na formação de uma cavidade entre os dentes inferiores e a ponta/lâmina da língua, responsável pela ressonância caracterizadora desse som.

A segunda justificativa apresentada por Brescancini (2002) evidencia o caráter de “posteriorização” do corpo da língua na produção

da fricativa palato-alveolar, assim como, também, salientam Bhat (1978) e Lahiri e Evers (1991). A autora menciona que a localização mais para trás da constrição, em comparação à fricativa alveolar, é acompanhada pelo recuo e elevação do corpo da língua, mais especificamente da parte por trás dessa constrição. Tal fato é justamente o que fundamenta a representação por dorsal sob o nó Ponto de V na geometria da fricativa palato-alveolar, proposta pela autora.

A terceira justificativa visa à aproximação da representação de segmentos pela hierarquia de traços à teoria fonológica dos eventos de fala real. Desse modo, a presença do nó Ponto de V e seu dependente [dorsal] indica justamente que a fricativa palato-alveolar é uma consoante que, embora coronal, apresenta uma articulação menor de corpo de língua que indica o movimento de retração (BRESCANCINI, 2002).

A quarta justificativa apresentada por Brescancini (2002) remete a um viés histórico-linguístico. Assim, a autora menciona que a afinidade da fricativa palato-alveolar com o traço [dorsal] é comprovada pelo comportamento que essa consoante tem em várias línguas, da mesma forma concorda Weijer (1994).

A penúltima justificativa gira em torno do ambiente indutor para a realização da fricativa palato-alveolar. Brescancini (2002) cita vários ambientes que facultam a produção de /ʃ, ʒ/ em diferentes línguas, como no coreano, báltico, indo-ariano, paiute, proto-iraniano, gola e macuxi, por exemplo. Vejamos que essa justificativa remete, novamente, a um viés histórico-linguístico.

Para a última justificativa, Brescancini (2002) orienta-se em Pulleyblank (1998) para quem a identificação de um ambiente palatalizante como [u] e o traço [dorsal] está no fato de que essa vogal combina protusão dos lábios e levantamento do corpo da língua em direção ao palato-mole, e desse modo, deve combinar os traços do articulador [coronal] e [dorsal].

Embora a representação da geometria da fricativa palato-alveolar como corono-dorsal, proposta por Brescancini (2002), fundamenta-se em argumentos que dão conta de explicar o local da produção da fricativa palato-alveolar, o movimento do articulador ativo para a realização desse segmento, bem como elementos histórico-linguísticos para validar o comportamento e o ambiente indutor da fricativa palato-alveolar em outras línguas, entendemos que essa representação é inadequada, já que a autora não faz uma relação desses apontamentos com dados físicos, ou seja, com dados de fala real.

Mesmo acreditando, como Brescancini (2002), que a fricativa palato-alveolar exibe um caráter mais posteriorizado do que a fricativa alveolar, apesar de saber que o traço [anterior] encontra problemas com relação à falta de precisão na identificação da linha divisória entre [+anterior] e [-anterior] no trato vocal, ressaltamos que discordamos da forma utilizada pela autora para representar essa posteriorização da palato-alveolar em termos de geometria de traços, isto é, utilizando para isso o traço [dorsal]. Distintamente, parece-nos mais adequada a representação pós-lexical da fricativa palato-alveolar como consoante simples em que [-anterior] é dependente de coronal, como o proposto por Mester e Itô (1989) e Lahiri e Evers (1991), visto que representaria a fricativa /s/ em *onset* e em coda silábica de modo simples e direto, sem nenhum ônus à teoria.

Com isso encerramos este capítulo, no qual abordamos, no primeiro momento, algumas noções sobre os modelos fonológicos, modelo linear e não-linear, e, no segundo momento, centramo-nos na apresentação mais detalhada da fonologia não-linear (Teoria Autossegmental, Teoria da Sílabas e Teoria Lexical). Ressaltamos que o foco, neste capítulo, foi apresentar o modelo fonológico não-linear, mais especificamente a Teoria Lexical, na qual nos baseamos na Teoria da Subespecificação para a representação da fricativa /s/ em coda silábica.

CAPÍTULO 4 – PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DA DIALETOLOGIA E DA GEOLINGUÍSTICA

Apresentamos, neste capítulo, os pressupostos teórico-metodológicos da dialetologia e da geolinguística. No primeiro momento, evidenciamos algumas considerações sobre a dialetologia e sobre a geolinguística (FERREIRA; CARDOSO, 1994; RADTKE; THUN, 1996; THUN, 1998). No segundo momento, centramo-nos nos estudos dialetológicos e geolinguísticos no Brasil (FERREIRA; CARDOSO, 1994; ISQUERDO, 2006), em Portugal (BARROS FERREIRA, 1994; CARDOSO, 2010; CINTRA, 1983b; SARAMAGO, 1994), e em outros países (CARDOSO, 2001; THUN, 1999). Ressaltamos que o foco, neste capítulo, está em apresentar a teoria e a metodologia empregada na abordagem em que baseamos a presente investigação.

4.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA

A Dialetoлогия surge no fim do século XIX e é considerada, segundo Ferreira e Cardoso (1994), uma ciência que tem interesse pelos dialetos regionais e rurais, bem como sua distribuição e intercomparação, o que serve para identificá-la como linguística diatópica, ou seja, horizontal. No entanto, não podemos discorrer sobre Dialetoлогия sem antes entendermos a definição de dialeto. Vejamos, então, o que alguns autores afirmam sobre o termo “dialeto”.

Para Brandão (1991, p. 13), dialeto pressupõe um “sistema divergente de uma língua comum, viva ou desaparecida, normalmente com uma concreta limitação geográfica, mas sem forte diferenciação frente a outros de origem comum”. Para a autora, há uma forte tendência de utilizar o termo “dialeto” em sentido amplo, já que podemos considerá-lo como qualquer variedade linguística de natureza geográfica e/ou social, por exemplo.

Ferreira e Cardoso (1994, p. 16) definem dialeto como um feixe de isoglossas, ou seja, “um conjunto de isoglossas que se somam e que, portanto, mostram uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras”. No entanto, as autoras enfatizam que essa homogeneidade demonstra que não há limites entre as línguas, já que toda língua histórica abrange um conjunto de dialetos.

Segundo Coseriu (1982, p. 11-2), há uma diferença de *status* histórico entre dialeto e língua, sendo que

um ‘dialeto’, sem deixar de ser intrinsecamente uma ‘língua’, se considera subordinado à outra ‘língua’, de ordem superior. Ou, dito de outra maneira: o termo *dialeto*, enquanto oposto a *língua*, designa uma língua menor distinguida dentro de (ou incluída em) uma língua maior, que é, justamente, uma *língua histórica* (um ‘idioma’). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma ‘família’ histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior⁹⁵.

Para Coseriu (1982), as línguas históricas compreendem a variação diatópica, a variação diastrática e a variação diafásica. Contudo, para o autor, a Dialectologia deveria ater-se somente ao estudo da variação diatópica, enquanto, para a Sociolinguística e para a Estilística, cabem, respectivamente, a variação diastrática e diafásica.

Chambers e Trudgill (1980, p. 03) afirmam que “todos os falantes são falantes de ao menos um dialeto”⁹⁶ e que “não faz sentido supor que um dialeto é de algum modo linguisticamente superior a outro”⁹⁷. Assim, de acordo com os autores, a ideia de dialeto não deve ser associada a uma forma subpadrão, ligada à classe baixa. Os autores discutem, também, o critério da inteligibilidade mútua, contido no princípio de que “uma língua é uma coleção de dialetos mutuamente inteligíveis”⁹⁸, sendo que o

⁹⁵ “un ‘dialecto’, sin dejar de ser intrínsecamente una ‘lengua’, se considera como subordinado a otra ‘lengua’, de orden superior. O, dicho de outro modo: el término dialecto, en cuanto opuesto a lengua, designa una lengua menor distinguida dentro de (o incluida en) una lengua mayor, que es, justamente, una lengua histórica (un ‘idioma’). Una lengua histórica – salvo casos especiales – no es un modo de hablar único, sino una ‘familia’ histórica de modos de hablar afines e interdependientes, y los dialectos son miembros de esta familia o constituyen familias menores dentro de la familia mayor” (COSERIU, 1982, p. 11-2).

⁹⁶ “all speakers are speakers of at least one dialect” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 03).

⁹⁷ “it not does make any kind of sense to suppose that any one dialect is in any way linguistically superior to any other” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 03).

⁹⁸ “a language is a collection of mutually intelligible dialects” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1980, p. 03).

dialeto seria subparte de uma determinada língua. Para os autores, ainda, seria melhor substituir o termo dialeto por “variedade”, conceito que se aplicaria a qualquer tipo particular de língua e, dessa forma, dialeto passaria a ser compreendido como variedade linguística.

Segundo Chambers e Trudgill (1980), a língua pode ser vista como uma variedade autônoma com variedades dependentes (heterônomas). Por outro lado, esses papéis podem mudar, isto é, variedades heterônomas podem tornar-se autônomas. Os autores sinalizam, ainda, para o fato de que a situação linguística está associada a situações políticas, históricas e sociais. Em consequência disso, a definição de língua e dialeto não pode ser estanque, dado que uma língua hoje pode ter sido um dialeto, ou seja, uma variedade que por algum motivo histórico, político ou social adquiriu certo *status* e passou a ser língua oficial.

Acreditamos, em resumo, que essa definição de dialeto é a mais adequada aos objetivos deste estudo, uma vez que envolve tanto o estudo das variedades linguísticas no eixo da arealidade, quanto no eixo da socialidade. Assim sendo, entende-se que os dialetos são traços linguísticos variáveis em termos horizontais (no espaço geográfico) e em termos verticais (nos estratos sociais).

Com base na discussão anterior, a Dialetoлогия condiz com os **estudos sobre os dialetos particulares** e com o **estudo comparativo**⁹⁹ de um grupo de dialetos que abrangem determinadas áreas linguísticas. Já o último tipo de estudo, o comparativo, pode ser realizado não somente com base em dados intercomparáveis, mas também com a verificação da ausência dos dados. Desse modo, Rossi (1969, p. 87-8) afirma que

a Dialetoлогия é uma ciência eminentemente contextual, isto é, o fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentido documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou em outra área.

Conforme Coseriu (1982, p. 36), devemos levar em conta dois fatos básicos, no que se refere, em particular, ao sentido da Dialetoлогия: o primeiro é que “a Dialetoлогия é o estudo da ‘configuração’ espacial das

⁹⁹ Grifos acrescentados por nós.

línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais”¹⁰⁰, assim, a investigação dialetal deve ater-se às áreas geográficas; e o segundo é que a Dialetoлогия “é essencialmente ‘gramática comparada’”¹⁰¹, por isso, deve registrar fatos e/ou fenômenos comparáveis no espaço.

A Dialetoлогия é, portanto, segundo Cardoso (2010, p. 15), “um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica”.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), antes mesmo de a Sociolinguística ter se fixado como um ramo da ciência e da linguagem¹⁰², a Dialetoлогия já interpretava os fatos linguísticos e extralinguísticos. A Dialetoлогия ocupa-se de recursos interpretativos que passam a ser também utilizados, posteriormente, pela Sociolinguística. Podemos dizer, dessa forma, que ambas têm como objetivo principal o estudo da diversidade da língua.

Silva-Corvalán (1988 apud FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 19) defende a Dialetoлогия afirmando que “ela é uma disciplina com larga tradição, com uma metodologia bem estabelecida e uma rica e valiosa literatura. É indiscutível que a Dialetoлогия trouxe contribuições de importância à Sociolinguística e à Linguística Geral”.

Não se deve confundir, contudo, Dialetoлогия e Geolinguística, pois esta é um método utilizado pela Dialetoлогия. Nesse sentido, Jules Gilliéron (1959 apud BRANDÃO, 1991), considerado o fundador da Geografia Linguística, como método de investigação científica, afirma que podemos designar Geografia Linguística como

o método dialectológico e comparativo que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de determinado território, ou que, pelo menos tem em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à

¹⁰⁰ “la dialectología es estudio de la ‘configuración’ de las lenguas, o sea, de la variedad diatópica y de las relaciones interdialectales” (COSERIU, 1982, p. 36).

¹⁰¹ “es esencialmente ‘gramática comparada’” (COSERIU, 1982, p. 36).

¹⁰² “o que aconteceu só na década de sessenta – que tem como interesse central, como o próprio nome sugere, estudar a variação linguística à luz de causas sociais” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 18).

língua, às línguas, aos dialetos ou aos falares estudados (GILLIÉRON, 1959 apud BRANDÃO, 1991, p. 11-2).

Com base nisso, podemos afirmar que o método cartográfico se mostra de muita utilidade para o conhecimento e/ou reconhecimento das variáveis regionais de uma língua. No entanto, para Alvar (1968), nenhum método será capaz de dar conta totalmente da variabilidade de uma língua, porque nunca conseguiremos obter a realidade de uma língua, pois esta é mutável em cada comunidade e em cada indivíduo. Por outro lado, os preceitos da Geolinguística associados aos da Sociolinguística podem trazer um melhor entendimento dos mecanismos com que uma língua se relaciona e dos fatores que determinam sua mudança.

4.1.1 Uma aproximação entre a Geolinguística e a Sociolinguística

Na geolinguística monodimensional, primeiro método de análise e descrição dos dados da Dialetoлогия, principalmente, quanto ao léxico e a marcas fonéticas, de acordo com Mota e Cardoso (2006), soma-se ao parâmetro diatópico um único representante legítimo de determinada localidade, sendo **Homem Adulto, Rurícola, Analfabeto e Sedentário**, identificado como “HARAS”, falante do dialeto local.

Por outro lado, na Sociolinguística há correlações entre aspectos linguísticos e sociais, além de análises sobre a relevância das variáveis sociais no estudo da língua. Assim, quando pesquisamos a fala de um indivíduo ou de uma comunidade de fala, fatores como sexo, faixa etária e escolaridade não podem ser esquecidos, já que comportam algumas das variáveis extralinguísticas que são objeto de estudo dessa área da linguística.

A Sociolinguística Quantitativa teve início em meados da década de 60, quando surge o modelo laboviano que tem o objetivo de analisar a língua como um sistema heterogêneo. De acordo com Labov (2008), a língua é vista como uma forma de comportamento social e é utilizada por seres humanos em um determinado contexto social para transmitir suas necessidades, ideias e emoções.

Assim, a Sociolinguística baseia-se no estudo dos padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala e os formaliza por meio de um sistema heterogêneo, constituído por unidades e regras variáveis. Esse modelo procura responder a questão central da mudança linguística a partir de dois princípios teóricos fundamentais: (i) o sistema linguístico que serve a uma comunidade

heterogênea e plural deve ser, da mesma forma, heterogêneo e plural para desempenhar as suas funções; (ii) os processos de mudança que se verificam em uma comunidade de fala ocorrem na variação observada momentaneamente nos padrões de comportamento linguístico dessa comunidade, visto que, se a mudança implica necessariamente variação, a variação não implica necessariamente mudança (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006)¹⁰³.

As formas em variação e/ou as variantes linguísticas “são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística”, conforme Tarallo (1986, p. 08). As variáveis subdividem-se em variável dependente, que trata do fenômeno que se objetiva estudar, ou seja, das formas que estão 'em competição'; e variáveis independentes, que condizem com o uso de uma ou de outra variante que, na maioria das vezes, é influenciado por fatores linguísticos (estruturais) e/ou sociais (extralinguísticos).

A análise das variáveis sociais, por exemplo, busca definir o quadro de variação observado na comunidade de fala nos termos da dicotomia entre variação estável e mudança em progresso. A variação estável avalia se o quadro de variação tende a se manter por um longo período, já a mudança em progresso implica que o processo de variação caminha para a sua obtenção em favor de uma das variantes identificadas.

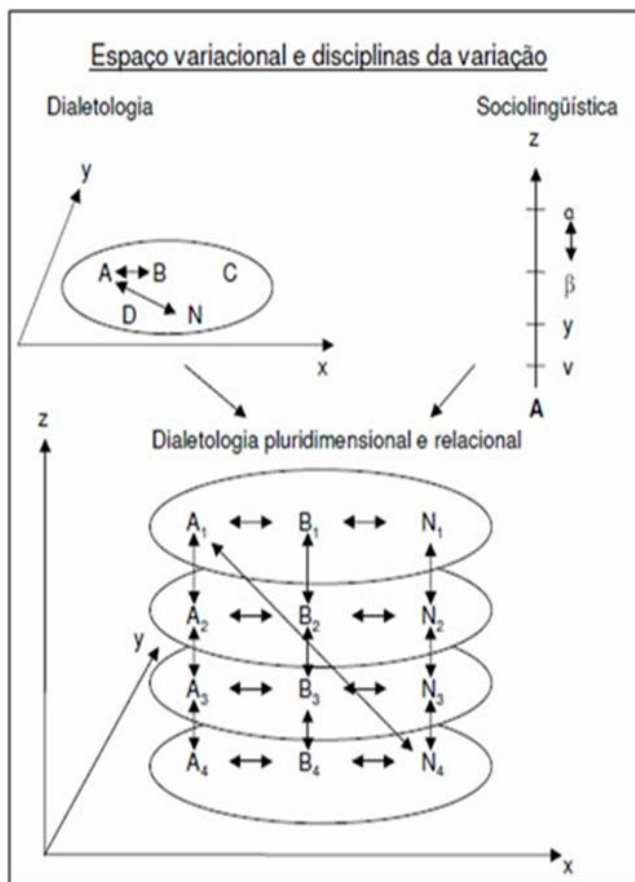
Desse modo, ao comparar os fatores sociais com os linguísticos, podemos verificar como determinada variante está se propagando entre os diversos segmentos sociais, o que se define como uma das faces do problema da transição – *transition problem*. Por outro lado, através de testes de julgamento subjetivo, podemos examinar a reação dos falantes diante dos valores de determinada variável, de modo a definir a tendência de mudança que essa avaliação social favorece, o que se denomina de problema da avaliação – *evaluation problem*. Tais informações, juntamente com as informações relativas ao encaixamento da variável na estrutura linguística da comunidade de fala, teriam um papel primordial para o esclarecimento acerca de como a mudança linguística chega a sua consecução, o que se denomina de problema da implementação – *actuation problem* (WLH, 2006). Nesse sentido, podemos avaliar se um determinado quadro de variação tende a se resolver em função de uma determinada variante, efetivando-se a mudança linguística, ou se as

¹⁰³ Daqui por diante, para fazer referência aos autores, utilizamos as iniciais dos seus sobrenomes, ou seja, WLH.

variantes identificadas tendem a se manter no uso linguístico da comunidade, caracterizando-se a variação estável.

Com base nisso, o estudo sociolinguístico, de base laboviana, visa a descrição estatisticamente fundamentada de um fenômeno variável, tendo como objetivo analisar, apreender e sistematizar variantes linguísticas utilizadas por uma mesma comunidade de fala. Calcula, também, a influência que cada fator, interno ou externo ao sistema linguístico, possui na realização de uma ou de outra variante. Além disso, a análise sociolinguística busca estabelecer a relação entre o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento (sincronia) com os processos de mudança que estão acontecendo na estrutura da língua ao longo do tempo (diacronia). Ademais, vale ressaltar outros dois termos importantes: tempo aparente e tempo real. No primeiro caso, por exemplo, a mudança é observada em comparação a fala de pessoas mais jovens e mais velhas. Por outro lado, quando comparamos textos escritos atuais com registros antigos, estamos diante de uma situação de mudança em tempo real.

A geolinguística pluridimensional, atual método de análise e descrição dos dados da Dialetoлогия, comporta informantes com diferentes perfis em todos os pontos geográficos, pois visa à investigação da variação da língua na dimensão diatópica (geográfica) e também na dimensão diastrática (social). Conforme Thun (1998), a geolinguística pluridimensional é formada pelo eixo horizontal da Dialetoлогия, representado pelo eixo x , e pelo eixo vertical da Sociolinguística, representado pelo eixo z . No eixo x , encontramos a diatopia, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço geográfico e, no eixo z , a diastratia, que se relaciona com a organização sociocultural de uma comunidade de fala. Portanto, a geolinguística pluridimensional trata, conforme o esquema da Figura 30 elaborado por Thun (1998), da união entre esses os eixos x e z , bem como das relações que podem ser estabelecidas entre as dimensões e/ou variantes diatópicas e diastráticas e sua intercomparação. Tal fato pode ser visualizado por meio do esquema demonstrado na Figura 30.

Figura 30 - Espaço variacional e disciplinas da variação

Fonte: Elaboração de Thun (1998).

A dialetologia pluridimensional não deixa de ser geolinguística, já que não renuncia à variação diatópica e à sua superfície bidimensional. Essa preferência por macroanálises não exclui a possibilidade de trabalhar com mesozonas e microzonas. Para isso, novas áreas de interesse são integradas, visto que “o espaço variacional da dialetologia pluridimensional não compreende apenas os dialetos ‘puros’ preferidos pela dialetologia tradicional ou os socioletos da sociolinguística” (THUN, 1998, p. 704). Além disso, de acordo com o autor,

São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e de maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (THUN, 1998, p. 704).

Assim, de acordo com Margotti (2004), a dimensão diatópica da geolinguística tradicional passa a incorporar outras dimensões, tais como a dimensão diageracional (idade), a dimensão diassexual (sexo), a dimensão diastrática (escolaridade), a dimensão diafásica (estilo de fala), a dimensão diagrupal (grupo social), a dimensão dialingual (língua de contato), a dimensão diarreferencial (identidade social), dentre outras.

A dialetologia pluridimensional, então, objetiva descrever a variação dos traços de uma língua no espaço geográfico (plano horizontal – arealidade) e a variação desses mesmos traços numa rede de pontos (plano vertical – socialidade). Consiste, portanto, em “um modelo variacional de maior alcance metodológico e que considera novas possibilidades de levantamento de dados” (RADTKE; THUN, 1996, p. 48).

Conforme Mota e Cardoso (2006), a geolinguística pluridimensional se faz notar pela ampliação do campo de estudo, pois incorpora dados morfossintáticos, pragmático-discursivos e metalinguísticos; pela apresentação dos dados nos atlas, que são acompanhados de comentários linguísticos e de CDs que reproduzem a voz do informante, na situação e na localidade em que ela foi registrada; além de relacionar-se com as outras ciências como a etnografia, por exemplo.

Chambers e Trudgill (1994, p. 45) defendem que “o futuro da geografia linguística depende da capacidade de seus seguidores para abarcar e incorporar os interesses e talvez a metodologia da dialetologia urbana”¹⁰⁴.

¹⁰⁴ “*el futuro de la geografía lingüística depende de la capacidad de sus seguidores para abarcar e incorporar los intereses y quizás la metodología de la dialectología urbana*” (CHAMBERS; TRUDGILL, 1994, p. 45).

De acordo com Blanch (apud FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 17), “se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”. O autor afirma, também, que o fato de a Dialetologia ter se dedicado amplamente a estudos que comportassem mais o falar regional/rural do que os outros não deve ser interpretado como um critério definidor, mas transitório. Para a Dialetologia, então, não interessa somente a variedade rural, mas também a urbana. Mencionamos as duas variedades da Dialetologia, a rural e a urbana, reportando para a dialetologia rural o projeto *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul* (ALERS)¹⁰⁵ e para a dialetologia urbana o projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB).

Segundo Radtke e Thun (1996, p. 38), a dialetologia urbana “precisa ser aperfeiçoada com a sociolinguística em sua área de trabalho predileta, ampliando os aspectos verticais pontuais para uma análise horizontal-espacial e vertical”.

De acordo com Margotti (2004, p. 102), no lugar do tratamento monodimensional, que

restringe a análise ao recorte horizontal da variação diatópica, coloca-se a perspectiva da dialetologia pluridimensional, a qual reúne no mesmo enfoque a análise das dimensões horizontal e vertical (social) da variação linguística. Como se sabe, a língua não é somente um complexo de variedades regionais, mas também uma superposição de variedades sociais (MARGOTTI, 2004, p. 102).

Para Radtke e Thun (1996, p. 35), “a geolinguística moderna caminha para tornar-se uma verdadeira ciência da variação. Essa ciência deveria, na realidade, alterar o seu nome e não mais denominar-se ‘geografia linguística’ ou ‘geolinguística’, mas sim chamar-se ‘ciência da variação’”.

Assim, a dialetologia pluridimensional é constituída levando em consideração tanto o eixo da arealidade, quanto o da socialidade. Desse modo, há uma união da Sociolinguística (que é composta de uma abordagem micro, na qual o foco está no indivíduo, e de uma visão mais restrita das localidades, em que a comunidade de fala passa a ser a base

¹⁰⁵ O projeto ALERS descreve, conforme Altenhofen (2002, p. 118), “o português rural falado pela classe menos escolarizada (analfabeto ou semi-analfabeto até a 4ª série), com idade entre 28 e 58 anos”.

da pesquisa) com a Dialetoologia (que comporta uma abordagem macro, pois abrange vários pontos e mostra os resultados através de uma perspectiva mais ampla). Dessa forma, podemos dizer que a Dialetoologia e a Sociolinguística são complementares e de forma alguma incompatíveis.

4.2 OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS NO BRASIL

No fim do século XIX, surge a Dialetoologia no Brasil, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), na qual os trabalhos inserem-se em dois grandes grupos. O primeiro grupo compreende os trabalhos de análise, ou seja, os estudos de caráter monográfico que descrevem fatos e aprofundam a análise do dialeto de uma ou de várias localidades; assim, analisam a realidade e sobre ela conseguem concluir algo, além de torná-la mais conhecida. O segundo grupo abrange os trabalhos de descrição das realidades dialetais, como os Atlas Linguísticos Nacionais ou Regionais, que se tornam instrumentos conclusivos de análises sobre a realidade linguística que determinada pesquisa abrange. Esses dois grupos contribuem, portanto, para que se conheça melhor a diversidade linguística do Brasil.

Rossi (1967, p. 93) afirma que os Atlas Linguísticos “permanecem uma das maiores conquistas da Linguística no século XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método, de suas limitações”. Podemos observar em um atlas linguístico, por exemplo, a distribuição geográfica dos fenômenos linguísticos pesquisados; o caráter conservador, inovador ou inexistente de algumas variantes da língua pertencentes a determinadas localidades analisadas; e as isoglossas, ou seja, fronteiras e/ou limites entre duas regiões em que há diferentes traços linguísticos, sejam itens lexicais distintos, ou, até mesmo, a pronúncia diferenciada de determinada palavra.

Com relação às pesquisas realizadas no Brasil, podemos dizer que se deve a Domingos Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, o início dos estudos sobre o português do Brasil em 1826, com a produção de um capítulo para o livro *Introduction à l' Atlas ethnographique du globe*, no qual relatava as diferentes características existentes da língua. A partir de então, podemos dividir a história dos estudos dialetais no Brasil em quatro fases.

A primeira delas, segundo Ferreira e Cardoso (1994), vai de 1826 a 1920 e é caracterizada pela elaboração de trabalhos voltados para o

estudo do léxico que resultaram em dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Encontra-se, ainda, um primeiro estudo de natureza gramatical, sob o título *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, publicado em 1879 e escrito por José Jorge Paranhos da Silva.

A segunda fase ocorre de 1920 a 1952 e é constituída por trabalhos voltados para os estudos de natureza gramatical, lexicográfica, além de estudos de caráter regional e outros que relatam a contribuição da língua africana na formação do português do Brasil. Nessa fase, usava-se uma metodologia voltada para o exame da realidade nos seus diferentes aspectos. Dois trabalhos merecem destaque: *O dialeto caipira*, 1920, de Amadeu Amaral e *O linguajar carioca*, 1922, de Antenor Nascentes. A primeira obra, de acordo com Ferreira e Cardoso (1994), divulgava o processo de dialeção do português no Brasil, cujo método de abordagem das questões chamava a atenção para a necessidade da pesquisa *in loco* que eliminaria, no caso, as conclusões distanciadas da realidade linguística. A segunda obra apresenta, de uma forma geral, o entendimento sobre o falar brasileiro (língua do povo) e procura situar o linguajar carioca no conjunto desses falares. A proposta de Nascentes estabelece uma grande divisão linguística no Brasil: falares do norte e falares do sul, tomando como base “a cadência e a existência de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente” (NASCENTES, 1953, p. 25). Podemos observar, na Figura 31, que cada uma dessas duas grandes regiões compreende subfalares.

Figura 31 - Demarcação dialetal do Brasil



Fonte: Elaboração de Nascentes (1953, p. 18).

A terceira fase acontece de 1952 a 1996 e tem como característica a produção de trabalhos com base em corpus constituído de forma sistemática. É marcada, ainda, pelo início das preocupações com a implementação dos estudos de geografia linguística no Brasil. Nessa fase, ocorre a intenção de elaborar o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que toma forma de lei através do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994), quatro nomes merecem destaque nessa terceira fase: Antenor Nascentes, que publica em 1958 as *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, no qual discute as questões ligadas ao informante, à escolha da localidade, ao questionário e às vantagens de um atlas nacional, porém, reconhece a dificuldade de sua realização; Serafim da Silva Neto, que apresenta na sua obra *Guia para estudos dialetológicos*, publicada em 1957, a metodologia para a elaboração dos estudos dialetais no Brasil; Celso Cunha, que reconhece que a realização de um atlas nacional indicava o caminho para a construção de atlas regionais; e Nelson Rossi, além de levantar pontos relativos à realização de atlas nacionais (de grandes domínios) ou regionais (de pequenos domínios), colocando a questão de limites linguísticos e político-administrativos, coordena a elaboração do *Atlas*

Prévio dos Falares Baianos (APFB), o primeiro atlas linguístico brasileiro.

Serafim da Silva Neto e Celso Cunha reconheciam, assim como Antenor Nascentes, as dificuldades em elaborar um atlas nacional pela amplitude territorial do país. Desse modo, segundo Ferreira e Cardoso (1994), optam pela realização de atlas linguísticos regionais.

A quarta fase dos estudos dialetológicos no Brasil inicia em 1996, por ocasião do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), quando se retoma a ideia de elaboração de um atlas com abrangência nacional, sendo implementado, desse modo, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Esse fato marca, segundo Mota e Cardoso (2006), o início dessa quarta fase, caracterizada pelo entendimento de que é necessário agregar à visão monodimensional da Dialetologia que considerava apenas a variação diatópica e dados linguísticos obtidos de falantes homens, de idade avançada, rurais e analfabetos, hoje chamada Tradicional.

Com base nesse entendimento, apresentamos, a seguir, os atlas linguísticos estaduais e regionais elaborados até o presente momento e em diferentes fases de andamento, bem como as inovações trazidas por alguns desses trabalhos realizados em território brasileiro.

Tendo como autor Nelson Rossi e como coautoras Carlota Ferreira e Dinah Callou, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), 1960-1963, constitui-se no primeiro atlas linguístico do Brasil. O APFB é composto de 100 informantes (57 mulheres e 43 homens), que compreendem a faixa etária de 25 a 60 anos, sendo analfabetos ou semi-analfabetos; de nove inquiridoras; de um extrato de questionário com 182 perguntas; de 50 localidades que constituem os pontos linguísticos; de 198 cartas linguísticas; de 44 cartas-resumo; de 11 cartas introdutórias; e de três cartas transparentes referentes aos inquiridores por localidade, nomes dos pontos e regiões fisiográficas em que se situam. Esse atlas apresenta como inovação a aplicação de um teste de reconhecimento após o inquérito, no qual se pergunta ao informante sobre determinadas expressões obtidas em uma conversa inicial. O objetivo desse atlas é o mapeamento da área composta pelos falares baianos, segundo a classificação de Antenor Nascentes. Nesse atlas, encontram-se, também, informações sobre a distribuição geográfica dos pontos, sobre os seus nomes oficiais, sobre a situação administrativa, sobre as atividades econômicas, sendo que, sem ter no seu título a indicação de ser um trabalho de cunho etnográfico, o APFB fornece abundantes dados dessa natureza (FERREIRA; CARDOSO, 1994).

Realizado por José Ribeiro, Mário Zágari, José Passini e Antônio Gaio, o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG) foi concebido em quatro volumes, dos quais se editou o primeiro em 1977. A metodologia seguida caracteriza-se pela utilização de inquéritos aplicados diretamente nos pontos selecionados (184 municípios) e pela realização de inquéritos por correspondência (302 localidades). A amostra inclui informantes analfabetos e informantes que possuem nível de escolaridade superior. O primeiro volume do EALMG é constituído de 73 cartas, das quais 45 são cartas onomasiológicas, com dados exclusivamente lexicais ou lexical/fonéticos, e as demais fornecem isófonas ou isoléxicas de fenômenos destacados. De acordo com Ferreira e Cardoso (1994), o EALMG tem não só uma abordagem horizontal, mas também vertical, pois concilia métodos tradicionais da pesquisa geolinguística com outros da sociolinguística norte-americana, não se restringindo, assim, mais ao informante do tipo "HARAS" (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), mas abrindo a possibilidade de análise de outros níveis de variação linguística.

De autoria de Maria do Socorro Aragão e Cleusa Bezerra de Menezes, o *Atlas Linguístico da Paraíba* (ALPB) está concebido em três volumes, dos quais foram editados, em 1984, os dois primeiros. O ALPB faz parte de um projeto mais amplo, pois busca o levantamento paradigma-sintagmático do léxico paraibano. Segundo Ferreira e Cardoso (1994), o volume I apresenta 149 cartas lexicais e/ou fonéticas; já o volume II contém a análise de formas e estruturas linguísticas, versando sobre aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos. O ALPB é composto de 25 municípios; de três municípios-satélites, os quais serviram como instrumentos de controle dos dados registrados; de três a dez informantes por localidade, todos eles compreendidos na faixa etária de 30 a 75 anos; de um questionário geral com 289 perguntas; e de um questionário específico com 588 questões.

De autoria de Carlota Ferreira, Jacyrá Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Nelson Rossi, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg, o *Atlas Linguístico de Sergipe* (ALS I), publicado em 1987, dá continuidade à investigação dialetal na área a que Antenor Nascentes denominou de "falares baianos" (podemos verificar essa divisão na Figura 29). O ALS I abrange 15 localidades, em que foram inquiridos dois informantes por ponto linguístico, de ambos os sexos, analfabetos e alfabetizados, cuja faixa etária compreende 35 a 53 anos. Este atlas é composto, ainda, de 686 perguntas e de 180 cartas, das quais 11 são introdutórias e as demais linguísticas. Os dados cartográficos do ALS I, conforme Ferreira e

Cardoso (1994), permitem a identificação de cada informante (sexo, faixa etária, grau de escolaridade e grau de deslocamento espacial).

Tendo como autora Vanderci de Andrade Aguilera, o *Atlas Linguístico do Paraná* (ALPR), publicado em 1994, foi realizado como Tese de Doutorado, na Universidade Estadual Paulista (UNESP). O ALPR conta com 325 perguntas; com 65 pontos linguísticos; com 130 informantes – dois por localidade, um do sexo masculino (♂)¹⁰⁶ e outro do sexo feminino (♀), com a faixa etária de 30 a 60 anos, com nível de escolaridade baixa (primário completo) e nula (informantes analfabetos); com 91 cartas lexicais mistas; com 70 cartas fonéticas analíticas ou mistas; e com 29 cartas sintéticas sobre fatos fonéticos ou lexicais. Contém também, segundo Isquerdo (2006), notas explicativas e o contexto frasal das variantes pesquisadas.

Coordenado inicialmente por Walter Koch e depois por Cléo Altenhofen, o *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul* (ALERS) não abrange apenas um Estado, mas a região Sul do país. Esse atlas regional, conforme Isquerdo (2006), documenta dados de natureza lexical, fonético-fonológicos e morfossintáticos em 294 localidades (100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul), além de uma sondagem sociolinguística em 19 cidades da região pesquisada. Cerca de 610 perguntas constituem o questionário semântico-lexical, sendo que destas 12 são específicas para o Paraná, 25 para Santa Catarina e 40 para o Rio Grande do Sul. Já o questionário morfossintático é composto de 75 perguntas e o questionário fonético-fonológico é constituído de 50 perguntas (26 para todos os pontos e 24 para regiões de colonização não portuguesa). O ALERS abrange, de acordo com Isquerdo (2006), a situação de bilinguismo, pois o questionário considera as áreas de colonização não portuguesa. Esse atlas contempla, ainda, outras inovações que estão na utilização de um programa de cartografia digital e a apresentação de um glossário dos termos levantados no questionário semântico-lexical (QSL). O primeiro volume desse atlas contempla a introdução e o segundo volume é constituído de 54 cartas fonéticas e de 93 cartas morfossintáticas, ambos lançados em 2002. Em 2011, os volumes I e II foram republicados em um único volume. Nesse mesmo ano, também, foi publicado o volume que contém as cartas semântico-lexicais do ALERS.

¹⁰⁶ “Como inovação em relação aos demais atlas, identifica nas cartas analítico-sintéticas, os informantes do sexo masculino e feminino pelos símbolos ♂ e ♀, respectivamente” (ISQUERDO, 2006, p. 71).

Realizado por Abdelhak Razky, o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALISPA), publicado em 2004 e em forma de CD-ROM, é um projeto integrado ao *Atlas Linguístico do Pará* (ALIPA) e constitui o primeiro atlas sonoro do PB. O ALISPA conta com 10 cidades correspondentes à área urbana do ALIPA e com o questionário fonético-fonológico (QFF) do projeto ALiB; porém, consta de algumas adaptações, totalizando 159 questões. Quanto à cartografia, há uma carta para cada pergunta do QFF, distribuída em indivíduos masculinos e femininos da primeira e da segunda faixas etárias. Conforme Isquerdo (2006), as dimensões diasssexual (sexo) e diageracional (idade), representadas em forma de cruz, são apresentadas nas 795 cartas que compõem o ALISPA.

Resultado da tese de doutoramento de Maria Luíza de Carvalho Cruz, defendida em 2004, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM), abrange nove localidades; 329 perguntas pertencentes ao questionário semântico-lexical (organizadas em duas áreas semânticas); 162 questões que fazem parte do questionário fonético-fonológico; e 54 informantes, sendo que são seis por cada ponto linguístico (três mulheres e três homens), que se enquadram em três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 56 anos) e todos os informantes possuem até a 4ª série do ensino fundamental. O atlas é constituído de dois volumes, o primeiro refere-se à introdução e à fundamentação teórico-metodológica; e o segundo apresenta 107 cartas fonéticas (que são contempladas por notas explicativas e por gráficos que apontam os índices percentuais do fenômeno abordado) e 150 cartas semântico-lexicais (que são monocromáticas e, também, contempladas por notas explicativas), sendo que algumas dessas cartas contêm ilustração do objeto nomeado (ISQUERDO, 2006).

Elaborado como tese de doutoramento por Suzana Alice Marcelino Cardoso, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 2002 e publicado em 2005, o segundo volume do *Atlas Linguístico do Sergipe* (ALS II), contém 108 cartas, das quais 105 são semântico-lexicais e três introdutórias; 15 localidades, contando, cada ponto, com dois informantes (identificados com A-mulheres e B-homens), sendo esses não alfabetizados ou semialfabetizados. O ALS II inova quando traz na cartografia dados sobre mapas fisiográficos, com escala e com a representação das redes fluvial, rodoviária e ferroviária. O ALS II tem um caráter etnográfico, pois ilustra objetos rurais, além de possibilitar estudos sociolinguísticos, já que sintetiza informações em gráficos, distingue os informantes quanto ao sexo e explora a variável diagenérica. Apresenta,

também, comentários nas cartas, abordando uma perspectiva sócio-antropológico-linguística.

O *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS), organizado por Dercir Pedro de Oliveira, Aparecida Negri Isquendo, Maria José Gomes e Albana Xavier Nogueira, publicado em 2007 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), constitui-se de 33 localidades e 132 informantes, sendo que foram entrevistados quatro informantes por ponto geográfico (duas mulheres e dois homens), com escolaridade até a 4ª série do ensino fundamental e pertencentes a duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 45 a 70 anos). O questionário é composto de 557 perguntas, sendo 47 referentes ao questionário fonético-fonológico. O ALMS abrange, também, 207 cartas linguísticas, sendo que 47 são fonéticas, 153 são semântico-lexicais e sete são morfossintáticas.

O *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (ALECE) é uma obra coordenada, na sua origem, por Alexandre F. Caskey, José Carlos Gonçalves, Mário Roberto Lobuglio Zágari e por José Rogério Fontenele Bessa que é o coordenador geral e coordenador da publicação. O ALECE, publicado em 2010, possui dois volumes. O primeiro volume, Introdução, trata dos antecedentes históricos, da orientação teórica e da metodologia seguida. O segundo volume, Cartogramas, traz 256 cartas lexicais e um glossário, a que se seguem a bibliografia geral e as fontes lexicográficas consultadas. A pesquisa abrange, também, 70 localidades, sendo quatro informantes por ponto da rede; igual número de homens e mulheres que se distribuem entre escolaridade baixa (ensino fundamental completo) e escolaridade nula (informantes analfabetos) e com faixa etária que compreende 30 a 60 anos de idade.

Elaborado como tese de doutoramento por Moisés Batista da Silva na Universidade Federal do Ceará (UFC) e publicado em 2012, o *Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar* tem como objetivos (i) identificar as variáveis extralinguísticas (diastrática, diassexual e diageracional) nos fenômenos fonéticos e lexicais; e (ii) descrever a realidade do português do centro-oeste do Rio Grande do Norte para identificar fenômenos fonéticos e semântico-lexicais, que caracterizam diferenciações ou definem a unidade linguística no estado. São oito os pontos de inquéritos desse atlas: quatro da Mesorregião do Oeste Potiguar (Mossoró, Apodi, Pau dos Ferros e Janduí) e quatro da Mesorregião Central Potiguar (Macau, Angicos, Currais Novos e Caicó). O corpus desse atlas é composto por 32 informantes (quatro por ponto geográfico, sendo dois homens e duas mulheres). Quanto à faixa etária, foram estabelecidas duas faixas: faixa I (geração de jovens de 18 a 32 anos) e faixa II (geração de adultos entre 48 a 62 anos). Com relação ao nível de

escolaridade, foram selecionados os informantes com escolaridade igual ou inferior ao 9º ano do Ensino Fundamental. Para a elaboração do corpus do *Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar* foram aplicados dois questionários (fonético-fonológico e semântico-lexical), os quais possibilitaram a elaboração de 147 cartas linguísticas (84 léxicas e 63 fonéticas).

Por fim, apresentamos o *Atlas Linguístico do Paraná – Volume II* (ALPR II) de Fabiane Cristina Altino, publicado em 2012, como tese de Doutorado na Universidade Estadual de Londrina (UEL), tem como objetivo geral cartografar os dados coletados para a pesquisa de Vanderci de Andrade Aguilera que não foram contemplados no primeiro volume do Atlas Linguístico do Paraná, dando, assim, continuidade aos estudos iniciados e possibilitando o acesso ao corpus coletado na ocasião. O ALPR II foi publicado apresentando um recorte no corpus coletado para o ALPR. O número de perguntas do questionário aplicado é de 325, sendo que para esse segundo volume foram cartografadas 123, que abordam duas diferentes áreas semânticas: terra e homem. As cartas, assim como no primeiro volume, apresentam informações semântico-lexicais, fonético-fonológicas e notas explicativas que reproduzem as variantes registradas nos 65 pontos de estudo. O perfil dos informantes permanece o mesmo do primeiro volume do ALPR, visto que não poderia ser diferente, então, o corpus é constituído por dois informantes por localidade (um do sexo masculino e outro do sexo feminino), com faixa etária de 30 a 60 anos, e com nível de escolaridade baixa (primário completo) e nula (informantes analfabetos).

Estão em diferentes fases de finalização, desenvolvimento e/ou implantação, conforme o *site*¹⁰⁷ do ALiB, os projetos: Atlas Linguístico do Acre (ALAC), Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ), Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA), Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte (ALiRN), Atlas Geo-sociolinguístico do Pará (ALIPA), Atlas Linguístico do Mato Grosso (ALiMAT), Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES), Atlas Linguístico da Rondônia (ALiRO), Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Oeste do Paraná (Tese), Atlas Linguístico do Oeste de São Paulo (Dissertação), Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP), Atlas Linguístico do Estado do Rio de Janeiro, Atlas Linguístico Sonoro do Rio de Janeiro, Atlas Linguístico do Piauí, Atlas Linguístico do Pernambuco (ALIPE) e

¹⁰⁷ Informações retiradas do sítio do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), disponível em: <http://www.alib.ufba.br/>, acesso em: 18 de agosto de 2014.

Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: (ALMA-H): Hunsrückisch.

Vale ressaltar que o ALMA-H é um projeto desenvolvido sob a coordenação de Harald Thun e Cléo V. Altenhofen. Os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a elaboração do ALMA-H orientam-se, segundo Radtke e Thun (1996), pela dialetologia pluridimensional e relacional. A fase atual do macroprojeto ocupa-se com o Hunsrückisch – definido como uma coíné de contato com o português derivada historicamente do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão como língua de imigração trazida ao Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do século XIX (ALTENHOFEN, 2004).

Como se trata de um atlas que aborda a metodologia pluridimensional, o ALMA-H abrange várias dimensões, a saber: a dimensão diatópica (parâmetro topostático)¹⁰⁸; a dimensão diatópico-cinética (parâmetro topodinâmico)¹⁰⁹; a dimensão diastrática (classe socioculturalmente alta – informantes com formação universitária parcial ou completa e classe socioculturalmente baixa – informantes com ensino médio e com profissão que não exija o uso da escrita); a dimensão diageracional (geração mais velha – acima de 55 anos e geração mais jovem – de 18 a 36 anos); a dimensão diassexual (homens e mulheres); a dimensão dialingual (Hunsrückisch, Português e Alemão-Padrão); a dimensão diafásica (respostas ao questionário, leitura e conversa livre); a dimensão diarreferencial (língua-objeto, metalíngua e língua apresentada); e a dimensão diarreligiosa (católico, evangélico e luterano).

Com exposto, podemos perceber que a publicação de um atlas significa o final de um estágio e o início de muitos estudos dialetais, pois são documentos indiscutíveis de uma realidade linguística e diversificada em vários níveis e/ou estratos.

4.3 OS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGÜÍSTICOS EM PORTUGAL

Iniciamos esta seção apresentando os períodos dos estudos dialetais em Portugal. Assim, conforme Barros Ferreira (1994) há três períodos: o primeiro deles, 1836-1868, é caracterizado por referências dispersas à variação territorial; o segundo, 1868-1942, é definido como o início dos estudos dialetais; e o terceiro, 1942-1994, compreende a

¹⁰⁸ Grupos demograficamente estáveis.

¹⁰⁹ Grupos móveis.

dialetologia atual, relacionada com a coleta ordenada de dados, com objetivos definidos e com interpretações de conjunto.

No entanto, Carvalho (1964, p. 167) apresenta outra proposta de divisão que se pauta em duas fases: a primeira delas, 1880-1940, é iniciada por Leite de Vasconcellos e “[...] sobretudo pela actividade infatigável do diretor da *Revista Lusitana*, não só como investigador, mas como animador e despertador de boas vontades, e assinalada pelo carácter fragmentário, como que incompleto, dos estudos dialetológicos então publicados”. A segunda fase que se inicia em 1940, de acordo com Carvalho (1964, p. 171), e tem seu marco fixado no “momento em que a Faculdade de Letras de Coimbra confiou ao Prof. Manuel de Paiva Boléo a cadeira de filologia portuguesa”.

Desse modo, segundo Barros Ferreira (1994, p. 110), os fundamentos da dialetologia em Portugal impulsionaram-se na segunda metade do século XIX, quando “as linguagens não oficiais se tornam objetos de estudo”. Assim, é com a pesquisa de Adolfo Coelho, *A Língua Portuguesa*, de 1868, que a diversidade dos usos da língua portuguesa passam a ser estudados. Além desse trabalho, Adolfo Coelho, ainda, com o objetivo de pesquisar os aspectos dos usos da língua, inicia outra pesquisa de cunho monográfico que trata do estudo da linguagem dos ciganos, publicado no primeiro número da *Revista Lusitana* de 1887.

No final do século XIX, os nomes de José Leite de Vasconcellos e Aniceto dos Reis Viana ganham destaque. De acordo com Barros Ferreira (1994, p. 110), é nesse período que “verdadeiramente começa a descoberta voltada para o interior do país, a preocupação com a identificação dos caracteres de cada área e a visão geográfico-histórica da língua”.

Leite de Vasconcellos destaca-se, então, com a elaboração do primeiro mapa dos dialetos portugueses, o *Mapa Dialectologico do Continente Português*, publicado em Paris em 1890. Em 1900, o autor realiza um estudo sobre o mirandês. Em 1901, Leite de Vasconcellos torna-se único na área com a publicação de sua tese de doutoramento, *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, na qual o autor relata a história geral dos dialetos portugueses, os diferentes dialetos e suas características gerais. Vale salientar que essa obra apresenta uma visão geral da língua portuguesa, além de um panorama da dialetologia.

O período que Barros Ferreira (1994) define como o início dos estudos dialetais encerra-se em 1942, após o que se inicia o terceiro período, caracterizado pela coleta ordenada de dados com objetivos predefinidos. Neste terceiro período, é Manuel de Paiva Boléo que ganha destaque, não somente por dar sistematicidade à pesquisa dialetal, mas

também pela natureza do trabalho que elaborou, o que o torna o principal dialetólogo do início desse período.

Manuel de Paiva Boléo, Professor da Universidade de Coimbra, 1940-1974, elaborou, então, duas importantes iniciativas no campo da Dialetologia: a primeira delas é a organização do Inquérito Linguístico Boléo (ILB)¹¹⁰; e a segunda é a orientação de várias teses sobre diversos aspectos da dialetologia portuguesa, além de criar, ainda, a *Revista Portuguesa de Filologia* (RPF), um importante veículo de circulação de variadas pesquisas dialetais portuguesas. Com o objetivo de fornecer uma visão geral dos falares portugueses, Manuel de Paiva Boléo assumiu a elaboração do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal*, projeto que não se concretizou por falta de condições. Anos mais tarde, esse projeto foi acolhido como uma das atividades do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, vindo, assim, a ter continuidade.

De acordo com Cardoso (2010, p. 117), é com o *Atlas Linguístico da Península Ibérica* (ALPI) que se confere “uma nova perspectiva na recolha de dados, aperfeiçoando-se qualitativamente a investigação que passa a ser realizada por equipes de especialistas na área” da Dialetologia. Segundo a autora, “o ILB e o ALPI vão fornecer os primeiros materiais recolhidos sistematicamente e capazes de permitir a intercomparação de dados em todo o território português”. Surgem, então, três propostas de delimitação dos dialetos portugueses.

A primeira delas, projetada por Boléo e Maria Helena Santos Silva, fundamenta-se na documentação do ILB. Essa proposta é alvo de críticas, visto que apresenta uma divisão dialetal com base em dados fonéticos coletados por meio de inquéritos por correspondência. A segunda, proposta por Pilar Vazquez Cuesta e Maria Albertina Mendes da Luz, apresenta-se de forma simplificada, já que sugere apenas três grandes zonas dialetais (Norte, Centro e Sul), além de não apresentar a delimitação em cartas linguísticas. Por sua vez, a terceira proposta de delimitação é a mais completa, proposta por Lindley Cintra¹¹¹. Segundo Barros Ferreira (1994, p. 113) “apresenta pela primeira vez uma visão simultaneamente histórica e estruturada”.

¹¹⁰ “O ILB foi um inquérito por correspondência – único viável, em 1942, quando a Europa estava mergulhada na II Guerra Mundial –, enviado a professores e párocos de todas as freguesias, cujas respostas foram coletadas em 1942-1943” (CARDOSO, 2010, p. 115).

¹¹¹ Lindley Cintra fundamentou essa terceira proposta em dados dos 93 inquéritos para o ALPI.

Cintra admite a importância de se considerar um traço fonético recorrente para o procedimento de divisão dialetal de um determinado território. Desse modo, Cintra seguiu a sugestão de Badía Margarit, a saber: “melhor é adotar um único traço distintivo, mas muito relevante” (apud Cintra, 1983a, p. 147). Assim, de acordo com Cardoso (2010, p. 118), Cintra define como traço distintivo para a sua divisão dialetal “a realização da sibilante correspondente aos grafemas *s* e *ss* como apicoalveolar ao norte e como pré-dorsodental ao sul, vindo, após essa primeira delimitação, a proceder ao estabelecimento do que passa a constituir os subgrupos de cada uma das grandes áreas”. Conforme Segura e Saramago (2001), esse traço fonético foi selecionado por Cintra (1983b) para distinguir o grupo dos dialetos setentrionais do grupos dos dialetos centro-meridionais.

Além disso, Lindley Cintra elaborou estudos com base em dados de natureza lexical. Em 1958, apresenta o trabalho *Áreas Lexicais no Território Português*¹¹², sendo que para essa pesquisa fundamentou-se em dados de 77¹¹³ dos 93 inquéritos do ALPI e estudou os materiais lexicais obtidos como resposta aos seguintes conceitos: “ordenhar, úbere da vaca, soro, fêmea estéril, cria da ovelha, cria da cabra, maçaroca e queixo” (CINTRA, 1983a, p. 60).

O *Atlas Linguístico do Litoral Português* (ALLP), de Gabriela Vitorino (1987), apresenta a linguagem dos pescadores e propicia uma visão linguística da costa litorânea portuguesa. Nos 23 pontos pesquisados, foi aplicado um questionário que abrange alguns aspectos gerais da morfologia de algumas espécies da fauna e da flora marinhas. O trabalho de análise dos dados resultou em 200 cartas linguísticas. Apesar de esse estudo abarcar dados de natureza semântico-lexical, a análise da transcrição dos resultados permite a identificação de algumas delimitações linguísticas na costa litorânea portuguesa.

Reúne-se, nessa breve visão de alguns dos estudos dialetais em Portugal, o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG), que teve a sua primeira proposta de realização em 1957 com José Herculano de Carvalho e Luís Felipe Lindley Cintra. O ALEPG deveria (i) recobrir todo o território português, a fim de possibilitar a delimitação de fronteiras linguísticas; (ii) ser constituído de 300 a 350 pontos geográficos, seleccionados levando em consideração a densidade populacional e as características linguísticas da localidade; (iii) ter

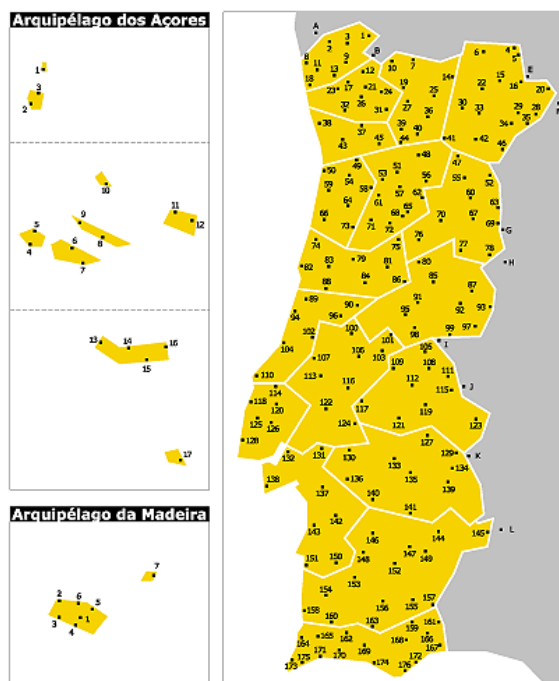
¹¹² Trabalho apresentado, em forma de comunicação, ao I Congresso de Dialectologia e Etnografia em Porto Alegre (Setembro/1958).

¹¹³ Pontos esses dos quais Lindley Cintra participou da coleta.

somente um inquiridor; (iv) fundamentar-se no *Atlas Linguístico-Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional* (AIS) e no *Inquérito Linguístico Boléo* (ILB), além da utilização de questionários de outros atlas linguísticos; e (v) não se deveria preocupar excessivamente com particularidades na transcrição fonética.

Apesar do ALEPG não ter tido êxito na sua execução por falta de condições, em 1970, Lindley Cintra, com sua equipe, retoma o projeto no âmbito das atividades do Centro de Estudos Filológicos, hoje Centro de Linguística, da Universidade de Lisboa. Nessa fase, o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* ganha impulso e conta com uma rede de 212 pontos, assim distribuídos: 176 no continente; 12 na Espanha, na área fronteiriça; sete no arquipélago da Madeira; e 17 no arquipélago dos Açores. Em cada ponto geográfico selecionado há um informante principal e outros específicos que são classificados em diversas atividades profissionais. A coleta de dados foi iniciada em 1973, com a aplicação de um questionário lexical, de base onomasiológica, o qual foi reduzido pela metade, a partir de 1990, conforme Saramago (1994).

Figura 32 - Rede de pontos de inquérito (ALEPG)¹¹⁴



Fonte: Elaboração do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa¹¹⁵.

Atualmente, o projeto (ALEPG) vem sendo conduzido pelos dialetólogos João Saramago (coordenador), Gabriela Vitorino e Luísa Segura, que integram o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

De acordo com Segura (2008, p. 250), houve, em virtude de várias circunstâncias, “a necessidade de ajustar faseamentos no projeto global ALEPG com a possibilidade que, nessa altura, se apresentava de obter financiamento para projetos de curta duração”. Assim sendo, foi lançado, então, o projeto *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores* (ALEAç), o qual respondia a tais demandas. O ALEAç insere-se,

¹¹⁴ Os pontos de inquéritos na Figura 32 são numerados de norte para sul e de oeste para leste.

¹¹⁵ A Figura 32 está disponível em: <http://www.clul.ul.pt/en/researcher/205-linguistic-and-ethnographic-atlas-of-portugal-and-galicia-alepg?start=1>, acesso em: 20 de junho de 2013.

portanto, em um projeto mais amplo, o ALEPG, e, por isso, esse atlas não tem as características de um atlas regional, na medida em que não pretende abordar de um modo aprofundado as realidades linguísticas e etnográficas locais. O ALEAç é constituído, então, de um conjunto de mapas linguísticos de caráter lexical, além de possuir um conjunto de mapas de caráter morfofonológico.

O ALEAç abrange 17 localidades nas nove ilhas do arquipélago dos Açores. O questionário linguístico utilizado nas entrevistas é o do ALEPG, publicado em 1974, que se tratava, inicialmente, de um questionário com cerca de 4.000 perguntas de base lexical, abrangendo alguns aspectos fonéticos e morfofonológicos. A partir de 1990, entretanto, optou-se por fazer duas etapas de recolhas, reduzindo-se o questionário, numa primeira fase, para cerca de metade das perguntas, que contemplavam variados campos semânticos. Para a escolha dos informantes adotaram-se os seguintes critérios: o informante deveria pertencer à localidade; ter baixo nível de escolaridade; ter idade superior a 40 anos; e ausência de defeitos de pronúncia, além de um bom conhecimento dos assuntos inquiridos. Fizeram parte da coleta de dados, para a realização do ALEAç, os investigadores Celeste Augusto, Gabriela Vitorino, João Saramago, Luísa Segura e Manuela Barros Ferreira¹¹⁶.

O projeto *Atlas Linguarum Europae* (ALE) engloba todas as línguas da Europa e a maioria dos respectivos dialetos. Instituído oficialmente na Holanda, em 1970, a sua fase de publicação foi iniciada em 1975. O ALE é constituído por dois volumes, um de mapas e outro de comentários. A abordagem das denominações obtidas para os itens lexicais do ALE, nas 2.631 localidades europeias selecionadas, foi de caráter etimológico e motivacional. A colaboração portuguesa no ALE foi iniciada em meados de 1974 pelo Grupo de Estudos de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, hoje Instituto de Linguística, que teve como investigadora responsável, para a realização do ALE, a pesquisadora Manuela Barros Ferreira. Para esse projeto foram feitos, em 1975, inquéritos em 53 aldeias portuguesas, segundo o questionário, de cerca de 550 perguntas, que foi utilizado nos demais países europeus. Depois de elaboradas as sínteses nacionais das denominações de cerca de 300 conceitos, passou-se à fase de conjugação de sínteses a nível românico e, posteriormente, à elaboração de mapas e comentários a nível europeu.

¹¹⁶ Essas informações complementares sobre o ALEAç estão disponíveis em: <http://www.culturacores.azores.gov.pt/alea/>, acesso em: 21 de junho de 2013.

O *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) originou-se em 1987, por iniciativa de Gaston Tuaille e Michel Contini, primeiros Presidente e Diretor, respectivamente, tem a sua sede no Centre de Dialectologie da Université Stendhal de Grenoble e conta com o apoio financeiro da União Europeia. Atualmente é presidido por Joan Veny. O ALiR está estruturado em 10 comités (português, galego, espanhol, catalão, francês, valão, suíço, italiano, romeno e moldavo) que integram especialistas de 31 universidades ou centros de investigação dos vários países participantes¹¹⁷. Portugal está representado por uma rede de 110 pontos de inquérito, dos quais 10 são no arquipélago dos Açores e quatro no arquipélago da Madeira¹¹⁸. Os dados dialetais do português foram coletados e são tratados a nível nacional pelo comité português que participa desse projeto, desde o seu início, em 1987, através do Grupo de Estudos de Dialectologia do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa que teve como investigadora responsável, para a realização do ALiR, a pesquisadora Luísa Segura, bem como a participação de Gabriela Vitorino, Manuela Barros Ferreira, João Saramago, Maria Lobo, Ernestina Carrilho e Celeste Augusto (Universidade de Utrecht).

O *Atlas Linguistique Roman* trata-se de um empreendimento científico coletivo que propõe, a um grande número de dialetólogos dos países românicos, uma reflexão à escala de todo um domínio linguístico. Para o estudo lexical foram selecionados 592 conceitos que recobrem os principais domínios semânticos. Para os aspectos fonéticos foram escolhidos 284 dados representativos da evolução do vocalismo e do consonantismo latinos, no pressuposto de que a delimitação das áreas geográficas de todos os resultados permitirá caracterizar os falares atuais. Finalmente, a descrição das estruturas morfossintáticas foi limitada a 43 traços, dado que os atlas linguísticos já existentes atribuíram, no conjunto, um lugar restrito a esse aspecto da língua. Cada mapa do ALiR é acompanhado de um comentário que propõe, de modo sucinto, uma análise e uma classificação dos dados recolhidos, na dupla perspectiva diacrônica e sincrônica. O ALiR, segundo Cardoso (2010, p. 130), é considerado um atlas de segunda geração, já que é interpretativo e traz “comentários que aprofundam o conhecimento da área não só na

¹¹⁷ Em 1998, Portugal organizou o XIº Colóquio Internacional do *Atlas Linguistique Roman* (ALiR) que ocorreu, de 6 a 11 de Outubro, na Foz do Arelho e que contou com a participação de representantes dos diversos comités nacionais.

¹¹⁸ Esses pontos coincidem com os pontos de inquérito do ALEPG.

perspectiva sincrônica como também na linha da história”. Com base nisso, podemos encontrar, para cada item cartografado, informações complementares sobre as realizações fonéticas, bem como estudos de natureza linguística.

Com base no que foi exposto nessa seção, podemos dizer que os estudos dialetais, em Portugal, iniciaram-se efetivamente no final de século XIX, porém foi somente no século XX que a concretização de um atlas linguístico do território português ganhou força. Além disso, os dados coletados em Portugal, até o presente momento, permitem um conhecimento areal do PE não só no que diz respeito ao nível fonético-fonológico, como também no que tange os níveis semântico-lexical e morfossintático.

4.4 ALGUNS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS REALIZADOS EM OUTROS PAÍSES

Apresentamos, nessa seção, o método utilizado, as limitações e as inovações de alguns dos atlas linguísticos elaborados na Europa, assim como na América Latina, tendo como foco principal a metodologia utilizada pelos diferentes estudos aqui expostos.

O estatuto de ciência atribuído à Dialetologia deve-se aos trabalhos acerca dos dialetos italianos, de G. I. Ascoli, a partir de 1870 (JORDAN, 1982). Outros pesquisadores como Jules Cornu (CORNU, 1906) e Adolf Mussafia (MUSSAFIA, 1964), também, tiveram grande importância para a implantação do estudo da língua em uso; no entanto, referenciamos Ascoli, na medida em que foi esse autor quem ponderou sobre a legitimidade do dialeto ladino, variedade considerada em uso na Suíça e no norte da Itália.

Segundo Cardoso (2001), a Dialetologia tem seu início com os trabalhos de Wenker, na Alemanha, que obteve um total de 44.251 respostas coletadas de informantes letrados responsáveis pelo ensino da região. Tal pesquisa abrange uma vasta área territorial, pois conta com 40.736 localidades pesquisadas. O estudo de Wenker, porém, não teve o controle das variáveis sociais – sexo e faixa etária –, sendo que não foram predeterminadas e não puderam ser estabelecidas posteriormente. O corpus do trabalho de Wenker foi coletado em forma de correspondência e tem o mérito de documentar fatos em regiões distintas com a possibilidade de interrelacionar os dados obtidos nas diferentes localidades. Os primeiros resultados dessa pesquisa foram publicados em

1881¹¹⁹, em Strassburg, sob o título *Sprachatlas des Deutschen Reichs*, e conta com um conjunto de seis cartas (duas fonéticas e quatro morfológicas).

Jules Gilliéron, em 1887, com o apoio de Gaston Paris, inicia a coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), baseando-se na documentação *in loco*, ou seja, no contato documentador/informante, recolhida por um único inquiridor, Edmond Edmont, um comerciante que tinha algum conhecimento sobre o léxico e em fazer transcrições fonéticas¹²⁰. Edmond Edmont percorreu 639 localidades durante quatro anos, aplicando para cada informante um questionário que continha palavras isoladas e frases, o qual contava com 1.920 perguntas ao final da pesquisa (BRANDÃO, 1991).

Podemos dizer que as variáveis extralinguísticas do ALF, não registradas nas cartas linguísticas, não foram bem definidas, pois compreendem informantes de 15 a 85 anos, além de contar, ainda, com um número maior de informantes do sexo masculino. O nível de escolaridade, por sua vez, é identificado com base na profissão, sendo que os informantes que têm uma atividade profissional pertencem ao nível secundário e aqueles que não a têm somam-se ao nível primário. Em 1902, foram publicados os três primeiros cadernos do ALF, de um total de 35, o último caderno, entretanto, foi editado somente em 1910. A obra de Gilliéron, apesar de ter recebido algumas críticas da parte de alguns linguistas, marca o início da aplicação do método da geografia linguística com rigor científico (CARDOSO, 2001).

Como continuidade do ALF, Gilliéron e Edmond Edmont elaboraram o *Atlas Linguístico da Córsega* (ALC), entre 1914 e 1915. Por tratar-se de um território bem menor que o do ALF, visto que se trata de um atlas regional e não nacional, e com a experiência já adquirida, esse atlas é muito mais rico em detalhes. No entanto, a Primeira Guerra Mundial não permitiu a conclusão dos trabalhos. Em virtude disso, dos dez volumes previstos, os autores só conseguiram concluir quatro deles, encontrando-se o restante do material na Biblioteca Nacional de Paris, de acordo com Rodríguez (2009).

¹¹⁹ Foi nesse mesmo ano, 1881, na França, que a Dialetologia ganhou uma presença mais fortalecida, de tal maneira que passou a fazer parte do currículo regular da *École Pratique des Hautes Études* de Paris.

¹²⁰ Brandão (1991, p. 10) relata que “Gilliéron partia, portanto, do princípio de que só um leigo poderia fornecer um retrato fiel da realidade fonética, não se deixando trair por conhecimentos, expectativas ou preconceitos linguísticos”.

O *Atlas Linguístico e Etnográfico da Itália e da Suíça Meridional* (AIS), de Jakob Jud e Karl Jaberg, sob o título *Sprach – und Sachatlas Italiens und der Südschweiz*, teve sua publicação iniciada em 1928 e contempla um volume de introdução, um volume de cartas com oito tomos e um volume etnográfico. Empregaram-se três questionários: um com 800, outro com 2.000 e outro com 4.000 perguntas. Reuniram-se 1.705 mapas, além de 1.900 desenhos e 4.000 fotografias. As pesquisas começaram em 1919, mas o primeiro volume só apareceu em 1928 e o oitavo e último em 1940. Quanto às variáveis extralinguísticas, no que se refere ao grupo de fatores faixa etária, esse atlas abrange informantes de 15 a 85 anos; quanto ao estrato sociocultural, se constitui de camponeses com instrução secundária e de intelectuais; e considera, ainda, ambos os sexos. Segundo Cardoso (2001), esse atlas inova quando explora a relação entre a palavra e o objeto denominado, adicionando um cunho etnográfico à obra.

Antes mesmo da publicação do AIS, foi planejado, o *Atlas Linguístico Italiano* (ALI), conforme Rodríguez (2009). Esse atlas foi iniciado por M. Bartoli, que trabalhou com o inquiridor Ugo Pellis. Em 1931, os resultados começaram a aparecer. Entretanto, houve alguns problemas e a obra foi interrompida. Bartoli faleceu em 1946 e, em 1947, a obra foi retomada sob a direção de Terracini e outros quatro pesquisadores. Os dois questionários do ALI são ricos em detalhes, sendo um deles mais completo, com 3.630 perguntas, e o outro mais reduzido, com 2.500.

Já mencionamos o ALC, realizado por Gilliéron e Edmond Edmont nos moldes do ALF, no entanto, o *Atlas Linguístico-Etnográfico Italiano da Córsega* (ALEIC) surgiu na Itália e segue a linha metodológica do AIS. De acordo com Rodríguez (2009), o ALEIC ressalta o aspecto cultural e folclórico dos falares corsos. Esse atlas, editado entre 1935 e 1942, foi realizado por Gino Bottiglioni, que se encarregou da coleta de dados, e abrange informantes somente de um nível de escolaridade (nível médio), uma rede de pontos que comporta 55 localidades, além de um questionário com 1.950 perguntas.

O *Atlas Linguístico da Catalunha* (ALC), de autoria de Antoni Griera, foi realizado com um questionário de 2.886 perguntas em 101 pontos geográficos. De 1923 a 1939 publicaram-se cinco volumes com um total de 858 cartas linguísticas. Em 1962, foram retomados os trabalhos, pelo próprio Griera, com vistas à publicação dos outros quatro volumes restantes. Conforme Rodríguez (2009), esse atlas insere-se na linha do ALF, porém duplica o número de perguntas e a densidade da rede. Nessa mesma linha, Griera elaborou o *Atlas Linguístico de Andorra*

(ALA), que, no entanto, abrange um pequeno território independente, de língua catalã.

O *Atlas Lingüístico Romeno* (ALR), dirigido pelo linguista Sextil Puscariu (1877-1948), contou com a ajuda de Sever Pop e Emil Petrovici, que também foram inquiridores. Pop percorreu 301 pontos, empregando um questionário de 2.160 perguntas. Petrovici empregou um questionário mais amplo, mas percorreu somente 87 localidades. Desses inquiridos todos saíram dois atlas. Além disso, cada um dos inquiridores elaborou alguns atlas menores que tratam de problemas de fonética, morfologia e vocabulário, além da inclusão de antropônimos e topônimos. O ALR ficou incompleto, visto que os trabalhos foram suspensos devido à Segunda Guerra Mundial. Em 1956, os trabalhos foram retomados com a publicação do primeiro volume do *Micul Atlas Linguistic Român*, de autoria de Petrovici, conforme Rodríguez (2009).

Além desses atlas, foram realizados, ainda, segundo Rodríguez (2009), alguns atlas linguísticos regionais espanhóis de pequeno domínio, cujo diretor foi Manuel Alvar. Entre eles destacamos o *Atlas Lingüístico e Etnográfico das Ilhas Canarias* (ALEICan), o *Atlas Lingüístico de Andalucía* (ALEA), o *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Murcia*, o *Atlas Lingüístico e Etnográfico de Aragón, Navarra e Rioja* (ALEANR).

Quanto aos atlas desenvolvidos e outros que estão em fase de elaboração, na América Latina, citamos o *Atlas Lingüístico Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU), dirigido por A. Elizaincín e H. Thun, que inclui uma parte do folclore uruguaio, do leste da Argentina e do extremo sul do Brasil, sendo um projeto uruguaio-alemão. Além disso, esse atlas expõe uma pluralidade de dimensões de fatos etnográficos. O atlas compreende o território do Uruguai, alguns pontos localizados na fronteira com a Argentina e com o Brasil. Segundo Thun (1999), as 304 entrevistas do ADDU foram realizadas entre 1989-1992 e tinham o propósito de obter, nos 93 pontos geográficos selecionados, dados fonéticos, léxicos, morfossintáticos, pragmáticos e etnográficos.

Os quatro volumes prontos do ADDU foram publicados em forma de fascículos. Além disso, mais de 300 mapas foram desenhados e encontram-se integrados nos volumes em séries temáticas. Os mapas que constituem esse atlas são do tipo ponto-símbolo, pois se inscrevem em forma de cruz que corresponde aos quatro grupos padrão (CaGII, CaGI, CbGII, CbGI)¹²¹ ou em formato de estrela que equivalem à divisão dos

¹²¹ Ca (classe sociocultural alta), Cb (classe sociocultural baixa), GI (geração I – informantes mais jovens) e GII (geração II – informantes mais velhos).

três estilos de fala (leitura de texto, conversa livre e resposta do questionário).

O ADDU contém, ainda, duas partes complementares: o *Atlas do Uruguai Hispânico*, que compreende 968 perguntas e 3.662 sugestões presentes na terceira edição de 1992; e o *Atlas do Uruguai Lusófono*, intitulado de ADDU – Norte, que consiste, na versão de 1992, de 1.107 perguntas e 4.202 sugestões. O que se propõe com essas sugestões¹²², de acordo com Thun (1999), é obter um máximo de formas e comentários por parte dos informantes. O ADDU oferece, também, uma seleção de etnotextos, como suplemento dos mapas, gráficos e como amostra de base empírica.

O atlas em questão, ADDU, consiste em um método pluridimensional, pois abrange várias dimensões, a saber: a dimensão dialingual (espanhol – português); a dimensão diatópica (parâmetro topostático); a dimensão diatópico-cinética (parâmetros topostático – topodinâmico); a dimensão diastrática (classe sociocultural alta – classe sociocultural baixa); dimensão diageracional (geração I¹²³ – geração II¹²⁴); a dimensão diassexual (homens – mulheres); a dimensão diafásica (conversa livre, leitura de texto e resposta do questionário); e a dimensão diarreferencial (fala objetiva e fala metalinguística).

O *Atlas do Inglês Norte-Americano* (AINA) ou *Atlas of North American English* (ANAE) foi elaborado por uma equipe de pesquisadores liderada por William Labov, entre 1992 e 1999, que conduziram uma série de entrevistas por telefone com cerca de 800 pessoas em todo os Estados Unidos e Canadá. As amostras de fala gravada durante essas entrevistas constituem o banco de dados no qual esse atlas se baseia.

O AINA ou ANAE consiste na versão impressa que possui 129 mapas distribuídos em 300 páginas, em um CD-ROM que contém arquivos de dados e mapas interativos, e em um *website* disponível por assinatura que também inclui mapas interativos, bem como materiais adicionais. Esse atlas é composto por vinte e três capítulos organizados

¹²² “Com as ‘sugestões’ procura-se registrar também os dados que, momentaneamente na situação da entrevista ou com permanência na mente do entrevistado, pertencem a estratos não espontaneamente ativados ou de disponibilidade só passiva” (THUN, 1999, p. 483).

¹²³ Abrange os informantes mais jovens que compreendem a faixa etária entre 18 e 36 anos.

¹²⁴ Consiste nos informantes mais velhos que possuem a faixa etária de mais de 60 anos.

em 06 seções, sumarizadas em partes que vão de A-F. A parte A “Introdução e métodos” inicia com uma descrição dos objetivos e do escopo do projeto. Essa discussão coloca o AINA no contexto da dialetologia americana, sugerindo que o projeto segue na linha da dialetologia tradicional, assim como as pesquisas de Hans Kurath e Corvo McDavid, as quais se afastam significativamente da investigação, especialmente em termos de metodologia.

Por outro lado, os aspectos fundamentais da metodologia do AINA distinguem esse projeto da dialetologia tradicional, já que incluem (i) o foco linguístico em mudanças de sons ativos, especialmente aqueles que afetam as vogais; (ii) medições acústicas que são utilizadas por grande parte da análise; (iii) inquérito que comporta informantes urbanos distribuídos em duas amostras (02 informantes em cidades pequenas e 04 ou mais em grandes áreas metropolitanas); e (iii) amostra de informantes que inclui, também, mulheres jovens de cada local, visto que no estudo piloto os pesquisadores verificaram que os informantes femininos eram pioneiros em muitas mudanças sonoras.

Com isso encerramos este capítulo, no qual abordamos, no primeiro momento, os Pressupostos Teórico-Metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística e, no segundo momento, centramo-nos nos estudos dialetológicos e geolinguísticos no Brasil, em Portugal e em outros países. Ressaltamos que o foco, neste capítulo, foi apresentar a teoria e a metodologia empregada na abordagem em que baseamos a presente investigação. Além disso, salientamos que há outros atlas linguísticos que estão em diferentes fases de finalização, desenvolvimento e/ou implantação, como o Atlas Linguístico do Paraguai e o *Atlas Linguístico do México* (ALM).

CAPÍTULO 5 – A FRICATIVA /s/ EM CODA SILÁBICA NO PB E NO PE

O Capítulo 5 compreende, detalhadamente, o estudo da produção da fricativa /s/ em posição de coda silábica. Neste capítulo, apresentamos, em 5.1, os objetivos fixados e as hipóteses gerais do trabalho; em 5.2, a abordagem metodológica que o estudo abrange, incluindo a amostra referente ao PB e ao PE; em 5.3, as variáveis operacionais (variável dependente, variáveis linguísticas e extralinguísticas) que a pesquisa comporta, juntamente com as hipóteses referentes a cada uma delas; em 5.4, a codificação dos dados e o instrumento estatístico de quantificação (Rbrul) dos dados; em 5.5, expomos a análise estatística dos resultados que engloba as variáveis extralinguísticas e linguísticas dos dados da nossa amostra, referentes ao PB e ao PE; e, em 5.6, apresentamos a análise acústico da fricativa /s/ em coda silábica, com base em um recorte da nossa amostra, referentes aos dados do PB e do PE. Salientamos que o foco, neste capítulo, está no estudo da produção da fricativa em questão, bem como na descrição acústico-articulatória do segmento fricativo /s/.

5.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES GERAIS

Apontamos nesta seção o objetivo geral, os objetivos específicos e as hipóteses gerais que norteiam o presente estudo geolinguístico sobre a realização da fricativa alveolar em coda silábica no PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ) e no PE (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT).

5.1.1 *Objetivo geral*

- (i) Descrever e analisar o comportamento da fricativa /s/ em posição de coda silábica na fala de informantes florianopolitanos, cariocas, jorgenses e lisboetas.

5.1.2 *Objetivos específicos*

- (i) Analisar grupos de fatores linguísticos, geográficos e sociais que possam condicionar a variação fonético-fonológica da fricativa alveolar em coda silábica;
- (ii) Realizar um estudo acústico, através de um recorte na amostra, para apurar as semelhanças e diferenças quanto à realização da

fricativa /s/ em coda silábica no PB e no PE. Caso haja diferenças fonéticas, examinar tais produções;

- (iii) Investigar a realização da fricativa alveolar em coda silábica como uma variedade de contato entre o PB e o PE, relacionando às possíveis variantes fônicas com o processo de colonização das localidades em questão.

5.1.3 Hipóteses gerais

Tendo em vista as várias pesquisas sobre a realização da fricativa alveolar em coda silábica, tanto no âmbito do PB quanto do PE, o presente estudo expressa parâmetros para seu embasamento. Dessa maneira, a pesquisa em questão é norteada pelas seguintes hipóteses gerais que confirmamos ou retificamos ao fim do trabalho.

- (i) Acreditamos que o PE se mostrará mais favorável à realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica do que o PB, apresentando resultados mais elevados e/ou regra categórica.

Prista (1994), sobre a perda da distinção fonológica entre /tʃ/, correspondente ao grafema <ch>, e /ʃ/, representado por <x>, indica dois fatores de ordem linguística que teriam ajudado a inovação – a repartição da série de sibilantes surdas e a limitação de palavras com /ʃ/ e /tʃ/ inicial. Além disso, dois fatores de ordem não estrutural, também, intervieram supletivamente na inovação: a reação ao castelhano e ao seu /tʃ/ e a influência do /ʃ/ francês. Segundo o autor, essa inovação não parece ser uma mudança induzida por rústicos, nem uma inovação plebeia; ao contrário, há indicações quanto ao seu caráter urbano, talvez sofisticado.

Uma hipótese, segundo Prista (1994, p. 214), para a neutralização na fricativa é que o /tʃ/, realizado por má normalização de empréstimos, tivesse ficado estigmatizado, como “pronúncia inábil de quem não sabe converter as nuances de línguas estrangeiras e por isso procede a um aportuguesamento uniformizado”. Por outro lado, entre a camada mais burguesa da sociedade, a ultracorreção ganharia espaço. Assim, evitaria-se “dizer /tʃ/ nas novas palavras, por desconfiança de que se tratasse de uma aclimação espúria, um aportuguesamento indevido da fricativa em africada”, o que levou com que se firmasse /ʃ/ quer para os estrangeiros de /ʃ/ original quer para os que tinham /tʃ/ na língua de origem. Fato esse

que fornece subsídios em favor da produção palato-alveolar, visto que nos casos de dúvida entre um ou outro segmento a variante palato-alveolar era a utilizada; o que nos parece ter contribuído para a sua propagação em definitivo no PE.

Segundo Teyssier (1984, p. 46), podemos formular várias hipóteses sobre a difusão das fricativas palato-alveolares em coda silábica no PE. Em um primeiro momento, de acordo com o autor, “seríamos tentados a ligar o fenômeno à transformação que o sistema das ‘sibilantes’ sofreu no decorrer do século XVI”; em um segundo momento – hipótese mais provável –, conforme o autor, “os -s e -z implosivos teriam sido inicialmente sibilantes e, em época mais tardia, compreendida entre o século XVI, é que se teria produzido o chiamento”.

Teyssier (1984) e Silva Neto (1988) concordam em dois pontos sobre a origem da pronúncia palato-alveolar de /s/ em coda silábica: o primeiro é que a transformação da fricativa alveolar para palato-alveolar ocorreu aproximadamente no século XVII, e o segundo ponto é que a pronúncia palato-alveolar iniciou-se na área meridional de Portugal.

Com base nisso, pressupomos que, no século XVII, as fricativas palato-alveolares já eram produzidas no PE, principalmente na área centro-meridional de Portugal, inclusive em Lisboa assim como também no arquipélago dos Açores. Com relação ao PB, “as importantes levas de colonos a partir do século XVII, no caso do Brasil, depois de expulsos os holandeses, terão bastado para levar a pronúncia” (PRISTA, 1994, p. 221). Podemos considerar, então, que a realização do segmento palato-alveolar iniciou-se, no Brasil, em meados do século XVII e, por volta dos séculos XVIII e XIX, os brasileiros já conheciam tal pronúncia advinda de Portugal, bem como dos Açores (FURLAN, 1989).

Tendo em vista dados documentados historicamente, que apontam desde muito cedo a realização/transição da variante palato-alveolar no território português, como o relato de Verney (1949, p. 77), que, após retornar de Portugal em 1736 afirma que “a pronúncia portuguesa acaba em x todas as palavras que acabam em s”, buscaremos recursos para explicar a conservação da produção palato-alveolar no PE, levando em consideração a elevada frequência de ocorrências referente a esse segmento que pretendemos encontrar no território português.

- (ii) A realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica é mais condicionada por fatores linguísticos do que por fatores extralinguísticos, tanto no PB quanto no PE.

Pretendemos descrever e analisar o papel que um conjunto de dimensões linguísticas e extralinguísticas desempenha na sistematização da variação da fricativa alveolar em posição de coda, enquanto regra variável.

Acreditamos, então, que as variáveis linguísticas se apresentarão mais relevantes estatisticamente e mais atuantes no favorecimento da realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica, pois, baseando-nos em estudos realizados no território brasileiro, sobre o fenômeno em análise, em Florianópolis-SC (FURLAN, 1982), (BRESCANCINI, 1996; 2002) e ŠMAICLOVÁ (2010); no Rio de Janeiro-RJ (CALLOU; MARQUES, 1975), (CALLOU; MORAES, 1996) e (SCHERRE; MACEDO, 2000); em Cordeiro-RJ (GRYNER; MACEDO, 2000); em Natal-RN (PESSOA, 1986); em Salvador-BA (CANOVAS, 1996) e (MOTA, 2002); e em João Pessoa-PB (HORA, 2000), percebemos que o contexto seguinte à fricativa, a posição da fricativa na palavra e o traço [voz] do contexto seguinte à fricativa mostram-se relativamente significantes e motivadores do processo de produção da fricativa palato-alveolar em coda silábica.

- (iii) Há diferenças acústicas relacionadas à realização da fricativa /s/ em coda silábica no PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ) e no PE (São Jorge-Açores e Lisboa-PT).

Se levarmos em consideração que em ambas as localidades brasileiras e portuguesas há a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica, temos uma semelhança. Entretanto, não podemos deixar de considerar/relatar as outras possíveis realizações da fricativa /s/ em coda silábica, principalmente no que tange ao PE.

Para isso retomamos alguns apontamentos histórico-linguísticos sobre a realização da fricativa /s/ no PE. É sabido que no português medieval distinguiram-se três pares de fricativas coronais (desvozeada/vozeada). Geralmente, as três classes são definidas de acordo com as classificações articulatórias tradicionais como: pré-dorso-dental /s, z/, ápico-alveolar /ʃ, ʒ/ e palato-alveolar /ʃ, ʒ/ (GONÇALVES VIANA, 1887 e 1889; CINTRA, 1983b).

De acordo com Cardeira (2003), houve, desde cedo, uma instabilidade generalizada no sistema de sibilantes que se expressou graficamente, quer na documentação de Lisboa quer na do noroeste. Portanto, se na região de Lisboa ocorreu a neutralização desse sistema, então, no noroeste esse fenômeno também se verificou. A autora relata,

ainda, que o fato de não encontrar na documentação medieval diferenças significativas indica que a evolução das sibilantes, materializada na sua redução, teria ocorrido simultaneamente em ambas as regiões. Assim, no noroeste a simplificação teria ocorrido em favor das sibilantes ápico-alveolares e em Lisboa a redução deu-se em favor das sibilantes pré-dorso-dentais.

Sem revelar tendência crescente, a documentação do século XIV, proveniente quer do noroeste quer de Lisboa, apresenta uma variação gráfica que parece apontar no sentido de uma indistinção entre sibilantes ápico-alveolares e pré-dorso-dentais. E, conforme Cardeira (2003), se observarmos a grafia da palavra *seix* (noroeste, 1350), podemos alargar essa indistinção à palato-alveolar. Esse grafema <-x> surge já na documentação do século anterior (noroeste e Lisboa) e se refere à alternância de <-s>, <-z>, e <-x> no adjetivo *simples* nos *Diálogos de S. Gregório*, de meados do século XIV, que se registra também em textos de cariz literário (CARDEIRA, 2003).

Segundo Cardeira (2003), a centralização do poder político no eixo Lisboa-Coimbra-Santarém-Évora, a partir dos séculos XIV-XV, conduz a norma linguística para a área dos dialetos centro-meridionais. Se nessa área o sistema de sibilantes se reduz às pré-dorso-dentais, então, a norma em formação deixa de lado as ápico-alveolares, transformando-as em um traço característico dos dialetos setentrionais. Nos finais do século XVI, os testemunhos de gramáticos como Nunes de Leão ou Gândavo mostram que a neutralização já estava instalada no português comum, entretanto, Teyssier (1984, p. 51) relata que “a língua escrita esforça-se em manter a ortografia antiga”. Ainda assim, a variação gráfica que ocorre no *Livro das Obras* de Garcia de Resende (VERDELHO, 1994) demonstra que a instabilidade presente na realização das sibilantes, certamente, na língua falada, se impregna já na língua culta escrita. E em textos menos cuidados, como é o caso dos documentos notariais observados pela autora, a emergência dessa diferenciação gráfica condiz com a generalização da indistinção fonológica no século XVI, quer no noroeste quer na região de Lisboa.

Por último, Carvalho (2011) afirma que as fricativas, especialmente os segmentos fricativos sonoros, são relativamente abundantes ao longo dos séculos XIV, XV e XVI (com uma pequena redução na primeira metade do século XV e uma ascensão notória a partir de cerca de 1450), não apontando para uma verdadeira mudança no sistema ou para uma fase de transição entre etapas. Essa constatação, segundo a autora, faz supor que há um processo gradual e plurissecular de convivência entre as variantes fricativas no PE.

- (iv) Existe uma relação entre as diferentes variantes fônicas da fricativa /s/ em coda silábica com o processo de colonização jorgense/açoriana em Florianópolis-SC e lisboeta no Rio de Janeiro-RJ.

Tendo em vista a concorrência/transição em que os segmentos fricativos /s/ encontravam-se na época da colonização portuguesa nos Açores (1439), e sabendo que foram os portugueses de diversas regiões que colonizaram o arquipélago açoriano, acreditamos que, quando essa ocupação aconteceu, junto com os habitantes portugueses foi também esse sistema heterogêneo/transitório no qual a fricativa /s/ se defrontava, isto é fricativas pré-dorso-dental /s, z/, ápico-alveolar /ʃ, ʒ/ e palato-alveolar /ʃ, ʒ/. Da mesma forma, visto que o arquipélago açoriano é bastante isolado do continente português, esses segmentos fricativos em competição poderiam ter seguimento aquando da imigração jorgense/açoriana para Florianópolis-SC, que ocorreu por volta de 1748, e até hoje estariam presentes na fala jorgense e florianopolitana, assim como atualmente são produtivos no português nórdico.

Já, com relação à imigração da Corte portuguesa de Lisboa-PT para o Rio de Janeiro-RJ, haja vista que estamos nos referindo a um período mais tardio, por volta de 1807-1808, acreditamos que nessa época o sistema de fricativas /s/ já estava um pouco mais padronizado, ou seja, reduzido ou estava caminhando para essa simplificação. Desse modo, buscamos nessa relação diatópica encontrar aporte nos dados que comprove a supremacia da variante fricativa palato-alveolar nessas localidades (Lisboa-PT e Rio de Janeiro-RJ), afim de que possamos relacionar a produção desse segmento com o processo migratório da Corte portuguesa para a localidade carioca. Conforme Furlan (1989, p. 109), o “profundo reaportuguesamento que se operou no Rio de Janeiro a partir de 1808, quando para lá se transferiu a Corte de D. João VI” foi o fator significativo para a língua, “cuja pronúncia certamente terá servido de modelo culto” para os habitantes que residiam no Rio de Janeiro naquela época.

Ademais, acreditamos que a pronúncia palato-alveolar das duas localidades brasileiras é, portanto, uma herança do contato linguístico entre o PB e o PE, considerando que Florianópolis-SC foi colonizada por jorgenses/açorianos e o Rio de Janeiro-RJ por lisboetas. Furlan (1989) relata, para Florianópolis-SC, que a produção palato-alveolar pode ter se filiado ao falar dos 6.071 açorianos imigrados em 1748/1756. Já, para o

Rio de Janeiro-RJ, Silva Neto (1976, p. 161) considera ser muito difícil saber se a realização da fricativa palato-alveolar “é um fenômeno ligado à pronúncia padrão lisboeta, ou se, pelo contrário, estamos diante de uma inovação que se operou independentemente cá e lá”. Furlan (1989, p. 109) acredita que a produção da fricativa palato-alveolar desenvolveu-se mais em áreas portuárias dos séculos XVIII e XIX, que tinham forte influência portuguesa. Esse fato, segundo o autor, “constitui indício seguro em favor da primeira hipótese”, levantada por Silva Neto (1976).

Por outro lado, Noll (2008), ao descrever, diacronicamente, a realização palato-alveolar no dialeto carioca, nega a hipótese de associar esse segmento com a pronúncia da Corte portuguesa. O autor apóia-se nos seguintes argumentos: (i) há testemunhos de que o PE era estigmatizado no território brasileiro (o que dificultaria a assimilação de traços linguísticos europeus pelos brasileiros); (ii) não há testemunhos de que nessa época o PB no Rio de Janeiro já começava a realizar a fricativa palato-alveolar, já que no falar carioca esta pronúncia só começa a ser testemunhada no início do século XX, em classes altas; (iii) não há nenhuma outra característica do PE (em especial a redução das vogais átonas, fenômeno que ocorreu na Europa no começo do século XIX) que se tenha transferido para o PB carioca; (iv) o curto período de permanência da Corte no Rio de Janeiro não favorece a referida hipótese; (v) o encontro consonantal *-sc-* (*descer*, *nascer*) é pronunciado no dialeto carioca como fricativa alveolar /s/, e não como palato-alveolar [ʃ], tal como é no PE e o que seria de esperar se a realização da fricativa palato-alveolar carioca fosse uma consequência desse contato; e, finalmente, (vi) a distribuição dessa produção palato-alveolar não se restringe ao Rio de Janeiro e áreas adjacentes, mas é encontrada também no litoral de Santa Catarina, nas cidades de Santos, Recife, na Baixada Cuiabana e em Belém, ou seja, em áreas não contíguas ao Rio de Janeiro. Conclui, então, Noll (2008, p. 234) que

A constelação geolinguística no Brasil deixa claro ser impossível que uma irradiação do chiamento possa ter ocorrido a partir do Rio de Janeiro para o resto do país. O desenvolvimento do chiamento em Belém, no Norte do país, demonstra, por fim, que também o chiamento no Rio de Janeiro pode ter sido iniciado de maneira independente, sem estar diretamente associado à presença da Corte portuguesa.

Assim sendo, como se verifica, há opiniões e hipóteses diversas sobre o momento, a procedência e a expansão da fricativa palato-alveolar no território brasileiro.

Podemos afirmar que, na época da imigração jorgense/açoriana para Santa Catarina, século XVIII, o centro-sul de Portugal já realizava a variante palato-alveolar em coda silábica, o que significa dizer, também, que no século XIX, quando a Corte portuguesa chegou ao Rio de Janeiro-RJ, os lisboetas que com a Corte vieram também já realizavam a produção palato-alveolar em posição de coda silábica.

Ressaltamos que não podemos deixar de mencionar que, em meados do século XVIII, o Marquês de Pombal – por lei de 03 de maio de 1757, inicialmente aplicada ao Pará e ao Maranhão, estendida em 17 de agosto de 1758 a todo o Brasil – “proibiu o uso da língua geral e obrigou oficialmente o uso da língua portuguesa, no período subsequente à expulsão dos jesuítas” (CUNHA, 1981, p. 92), “proscrevendo o uso de quaisquer outras línguas” (HOUAISS, 1985, p. 94).

Segundo Margotti (2004, p. 48), “o destino do português no Brasil remonta ao processo de colonização, no qual Portugal impõe sua cultura e sua língua ao longo de mais de trezentos anos”. Com base nisso, podemos dizer que a língua constitui-se em um instrumento de uso do colonizador para facilitar o domínio sobre a terra colonizada. Dessarte, como resultado das forças sociais que por gerações moldaram o PB, acreditamos que essas mudanças linguísticas no falar florianopolitano e no falar carioca estão mescladas com o falar jorgense e lisboeta, respectivamente.

5.2 A ABORDAGEM METODOLÓGICA

Apresentamos nesta seção a amostra para a presente pesquisa, que compreende dois corpora, ambos sincrônicos de língua falada. Primeiramente, evidenciamos o corpus referente ao PB, fornecido pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), no qual selecionamos os dados das entrevistas realizadas nas localidades brasileiras (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ).

Posteriormente, apresentamos o corpus referente ao PE que foi coletado, em entrevistas realizadas pela pesquisadora deste estudo, nas localidades portuguesas (São Jorge-Açores e Lisboa-PT).

5.2.1 A amostra de dados do PB

A amostra para esta pesquisa compreende o banco de dados do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, que teve seus dois primeiros volumes publicados em 2014: o primeiro volume como Introdução e o segundo com Cartas Linguísticas 1¹²⁵.

O ALiB inclui 250 localidades, distribuídas por todo o território brasileiro e 1.100 informantes. Abrange, também, mais de 500 questões, distribuídas em Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Semântico-Lexical (QSL) e em Questionário Morfossintático (QMS), aplicados a informantes urbanos em cidades de grande e médio porte, inclusive capitais. Além disso, possui questões referentes à pragmática e à prosódia, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos, questões de natureza metalinguística e texto para leitura.

O presente estudo aborda o questionário fonético-fonológico, o questionário semântico-lexical, o discurso semidirigido e a leitura de texto. O QFF do ALiB contém 159 questões, mas, como vamos nos ater somente ao fenômeno da realização da fricativa alveolar em coda silábica, selecionamos somente 22 questões¹²⁶ – o que dá um total de 352 dados fonético-fonológicos entre Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ – cujos itens respondidos atendem ao fenômeno em análise.

Tal questionário é orientado, principalmente, no sentido de identificar as áreas em que ocorrem fatos fônicos já documentados em pesquisas anteriores, embora algumas questões sejam dirigidas também a fatos mais marcados do ponto de vista diastrático (nível de escolaridade) ou diafásico (estilos de fala). O propósito do QFF, então, é coletar variações na pronúncia dos itens pesquisados.

Como ilustração, vejamos as questões 63 (TRÊS) e 69 (DESUVIO) retiradas do Questionário do ALiB (2001) e formuladas com o objetivo de apurar a variação na realização da fricativa alveolar em coda silábica.

¹²⁵ O projeto do ALiB iniciou-se em 1996, e hoje é coordenado por um Comitê Nacional presidido por Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Universidade Federal da Bahia), composto pela diretora executiva, Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia) e pelos(as) diretores(as) científicos(as): Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará), Maria do Socorro Silva Aragão (Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba), Ana Paula Antunes Rocha (Universidade Federal de Ouro Preto), Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina), Aparecida Negri Isquardo (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina).

¹²⁶ Conforme anexo D.

63. O que é que vem depois do dois?

Lema: TRÊS.

Possíveis realizações: ['tres] ['treʃ] ['trejs] ['trejʃ]

69. Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

Lema: DESVIO.

Possíveis realizações: [dez'viu] [diz'viu] [deʒ'viu] [diʒ'viu] [dʒiz'viu] [dʒiʒ'viu] [diʒ'viu]¹²⁷

De acordo com o propósito do QFF, busca-se que o informante dê como resposta o termo específico da questão (Lema), embora eventuais variações de ordem fônica. Assim, se o informante responde “OUTRA ESTRADA” ou “RUA” para a questão 69, tal resposta não atende aos objetivos do QFF. Por esse motivo, os itens contemplados nesse questionário são os mais gerais possíveis, com vistas a possibilitar a resposta de informantes de todas as partes do país.

O QSL do ALiB contém 202 questões, das quais selecionamos apenas 07¹²⁸, que atendem aos objetivos da nossa pesquisa, aplicadas aos 16 informantes (oito florianopolitanos e oito cariocas) que compõem o corpus referente ao PB em análise, totalizando, assim, 112 dados semântico-lexicais. Os itens do QSL se distribuem por 14 áreas semânticas, a saber: Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo, Atividades Agropastoris, Fauna, Corpo Humano, Ciclos da Vida, Convívio e Comportamento Social, Religião e Crenças, Jogos e Diversões Infantis, Habitação, Alimentação e Cozinha, Vestuário e Acessórios, e Vida Urbana. Dessas áreas semânticas abordamos apenas quatro, nas quais encontramos a fricativa alveolar em coda silábica: Corpo Humano, Ciclos da Vida, Jogos e Diversões Infantis e Vida Urbana.

No QSL, ao contrário do QFF, pretende-se que o informante responda com os itens lexicais que conhece para o conceito descrito (pergunta onomasiológica), ou pergunta-se pelo significado de uma palavra (pergunta semasiológica). No questionário, são apresentadas uma ou mais possibilidades de resposta.

¹²⁷ Ressaltamos que a última possibilidade de realização fonética para o item *Desvio* - [diʒ'viu] corresponde somente à transcrição registrada no PE.

¹²⁸ Ver anexo D.

A fim de exemplificação, vejamos a questão 200 (ÔNIBUS, ÔNIBUS URBANO) retirada do Questionário do ALiB (2001), que tem interesse diatópico (localidade) e objetiva a documentação do registro coloquial do falante, buscando a(s) forma(s) de emprego mais geral(is) da região.

200. A condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

Possibilidades de termos: ÔNIBUS, ÔNIBUS URBANO.

Possíveis realizações: [ˈõnibus] [ˈõnibuʃ] [ˈõnibuʃ#urˈbanu]¹²⁹

[ˌõnibuzurˈbanu]¹³⁰

Sabemos que, nesse tipo de questionário, o informante pode alternar de uma resposta para outra e pode pronunciar diferentes itens como resposta. Para uma análise dos dados mais coerente, buscamos somente as perguntas em que os informantes responderam o mesmo item lexical em cada questão selecionada.

Com o discurso semidirigido, pretende-se apurar as diferenças diafásicas, através de um registro do discurso mais coloquial e/ou espontâneo do informante. Esses relatos permitem que o informante fale livremente a respeito do que gostaria de pronunciar, tanto sobre os temas propostos (Relato pessoal, Comentário, Descrição e Relato não pessoal), quanto sobre algo que ele acredita ser relevante. Nessa etapa da entrevista, obtém-se um discurso que fornece numerosos dados para diferentes tipos de pesquisa.

Optamos em pesquisar a conversa semidirigida, abordando o tema proposto que se intitula de Relato Pessoal¹³¹; assim, o inquiridor pede para que o informante conte um acontecimento e/ou um fato marcante em sua vida (casamento, namoro etc.). Pensamos que, com esse tipo de discurso, mais espontâneo, o informante estará relatando algo que aconteceu com ele próprio, sendo que sua atenção estará mais concentrada no tópico da conversa e menos em sua fala. Para a análise, selecionamos as 10 primeiras ocorrências da fricativa em coda, presentes nos relatos pessoais de cada um dos 16 informantes brasileiros, totalizando 160 dados de conversa semidirigida.

¹²⁹ Utilizamos o símbolo # para marcar a fronteira (pausa) entre dois itens.

¹³⁰ Nesses casos, ou seja, quando ocorrer ressilabificação ou sândi (juntura) entre dois itens o dado será desconsiderado da nossa amostra, visto que o nosso objetivo não é a verificação desse fenômeno.

¹³¹ Conforme anexo E.

A leitura do texto *Parábola dos Sete Vimes*¹³² objetiva a análise da variação diafásica, através de um registro mais tenso e cuidado do informante. Seleccionamos, ao longo da leitura de texto, realizada pelos 16 informantes, 10 itens que condizem com o objeto em estudo, totalizando 160 dados. O texto posto para leitura constitui em um material de fácil vocabulário, a fim de facilitar a leitura do informante e não causar nenhum constrangimento perante uma palavra de difícil pronúncia e/ou compreensão.

Segundo Margotti (2004, p. 22), com base em Labov (1972), a “conversa é um estilo de fala mais descuidado do que resposta ao questionário, e este estilo de fala, por sua vez, é mais descuidado do que leitura, tendo em vista a influência do ensino escolar, pautado pela variedade linguística de prestígio, designado genericamente de português-padrão”.

Em resumo, para a verificação do comportamento da fricativa alveolar em coda silábica nas localidades de Florianópolis-SC e do Rio de Janeiro-RJ, utilizamos a amostra do ALiB, cuja descrição foi especificada anteriormente, na qual seleccionamos 350 dados do QFF, 100 do QSL, 160 da conversa semidirigida e 160 da leitura de texto, que totalizam 770 dados referentes à amostra do PB, tendo em vista que nem todos os informantes sabiam a resposta para todas as perguntas solicitadas.

Para a análise dos dados fonéticos, primeiramente, fizemos a coleta do corpus nas entrevistas do ALiB e confirmamos as nossas transcrições, que foram feitas de oitiva, com as transcrições fonéticas existentes nos arquivos de transcrições das entrevistas do ALiB. No caso do discurso semidirigido e da leitura de texto, fizemos diretamente as transcrições fonéticas, visto que não possuíamos a transcrição desses itens. Após isso, segmentamos os dados em tabelas de acordo com o número do dado e com o número da pergunta do Questionário do ALiB (2001), com os itens lexicais escolhidos, com as respectivas transcrições fonéticas, e com os códigos de cada dado linguístico. Dividimos, ainda, nas tabelas, os dados que abrangem o QFF, o QSL (juntamente com as áreas semânticas abordadas), o Discurso Semidirigido e a Leitura de Texto. Após isso, analisamos qualitativamente os dados para fazer as rodadas estatísticas.

Quanto ao detalhamento e/ou perfil dos informantes, para cada capital brasileira pesquisada, o número de entrevistas coletadas é de oito, distribuídos por duas faixas etárias: os mais jovens de 18 a 30 anos (Faixa

¹³² Ver anexo F.

1) e os mais velhos de 50 a 65 anos (Faixa 2), de ambos os sexos. Quanto à escolaridade, os informantes devem ser alfabetizados, possuindo, dessa forma, até a 7ª série do ensino fundamental (escolaridade baixa). Além disso, devem ter profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que esteja inserida no contexto social daquela determinada localidade. Já, para as capitais, o banco de dados também é composto de quatro informantes possuidores de nível universitário (escolaridade alta, ou seja, 3º grau). Em virtude disso, os informantes, além de terem nascido na localidade em análise, devem ser, preferencialmente, filhos de pais da mesma região em estudo, com exceção de cidades recentemente construídas. Podemos observar que o ALiB inova quando incorpora a dimensão diassexual (sexo), a dimensão diageracional (faixa etária), a dimensão diatrática (nível de escolaridade) e a dimensão diafásica (estilos de fala) no seu corpus, além de entrevistar informantes urbanos.

5.2.2 A amostra de dados do PE

A amostra de dados do PE compreende entrevistas inéditas que foram realizadas pela pesquisadora deste estudo. Para a coleta de dados do PE, trabalhamos com a mesma metodologia empregada no ALiB: entrevista, discurso semidirigido e texto para leitura, incluindo as mesmas dimensões e grupos de fatores.

Realizamos, tanto em São Jorge quanto em Lisboa, um primeiro contato com os informantes e explicamos o objetivo da entrevista. Com o consentimento dos informantes, preenchemos a ficha do informante¹³³ e apresentamos o termo de consentimento do Comitê de Ética¹³⁴ para os participantes da pesquisa. Na data marcada para a entrevista, recolhemos a assinatura do informante no termo de consentimento do Comitê de Ética e realizamos a entrevista, gravando-a sempre em duas mídias diferentes (Gravador de Voz Digital Sony ICD-PX312 e *software* de gravação de áudio Audacity).

Fizemos, primeiramente, um levantamento demográfico, social, histórico, linguístico e cultural das localidades portuguesas (São Jorge-Açores/PT e Lisboa-PT), nas quais as entrevistas foram realizadas. Após esse levantamento, elaboramos um roteiro para a coleta de dados¹³⁵, que

¹³³ Conforme anexo G.

¹³⁴ Ver anexo H.

¹³⁵ Para a elaboração desse roteiro para a coleta de dados do PE, baseamo-nos no roteiro para a coleta de dados do PB elaborado na disciplina de Sociolinguística

serviu como guia para nos dar suporte nas entrevistas, no qual os assuntos levantados foram: família, trabalho, lazer, estudo e situações de risco.

Iniciamos as entrevistas abordando na íntegra o roteiro para a coleta de dados, a fim de estabelecer uma maior interação entre inquiridor e informante, além de tranquilizá-lo com relação à entrevista. Depois de feito isso, aplicamos as mesmas questões selecionadas, tanto do QFF quanto do QSL, do ALiB (2001)¹³⁶. Porém, ressaltamos que fizemos algumas alterações nas perguntas, quanto à estrutura da questão e quanto ao léxico de alguns itens. Além disso, achamos mais prudente suprimir uma questão na qual o objeto da tese não foi contemplado. A fim de exemplificação, vejamos a pergunta 200 (ÔNIBUS, ÔNIBUS URBANO), retirada do Questionário do ALiB (2001), que excluimos da amostra referente ao PE.

200. A condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

Possibilidades de termos no PB: ÔNIBUS, ÔNIBUS URBANO.

Possibilidade de termo no PE: AUTOCARRO.

Possíveis realizações no PB: [ˈõnibus] [ˈõnibʊʃ] [ˈõnibʊʃ#urˈbanʊ]

Possível realização no PE: [ɐwtuˈkarʊ]

Para a análise dos dados que foram obtidos na conversa semidirigida, abordamos o tema proposto que se intitula Relato Pessoal, assim como ocorre no ALiB, no qual foi solicitado ao informante que relatasse um acontecimento e/ou um fato marcante em sua vida (casamento, namoro etc.)¹³⁷.

Na análise dos dados que foram extraídos da leitura do texto *Parábola dos Sete Vimes*, texto utilizado no ALiB, selecionamos, ao longo da leitura de texto realizada pelos informantes portugueses, os mesmos itens que elegemos para a coleta dos dados do PB. Utilizamos o mesmo texto posto para leitura no ALiB, visto que acreditamos que esse texto constitui-se em um material de fácil vocabulário. No entanto, fizemos algumas alterações referentes à estrutura de alguns enunciados, bem como algumas modificações em alguns itens lexicais e em algumas flexões verbais¹³⁸.

e Dialectologia, ministrada, em 2012/1, por Edair Maria Görski, Felício Wessling Margotti e Izete Lehmkuhl Coelho. Ver anexo I.

¹³⁶ Conforme anexo J.

¹³⁷ De acordo com o anexo E.

¹³⁸ Ver anexo K.

Para a análise dos dados fonéticos, primeiramente, fizemos a coleta do corpus nas entrevistas e as transcrições fonéticas. Seguimos a mesma metodologia utilizada com o tratamento dos dados referentes à amostra do PB. Assim, selecionamos 352 dados do questionário QFF, 88 do QSL, 160 da conversa semidirigida e 160 da leitura de texto, que totalizam 760 dados referentes à amostra do PE (São Jorge-Açores/PT e Lisboa-PT), somando os dados coletados dos 16 informantes – o que dá em média 50 dados coletados de cada informante, tendo em vista que nem todos os informantes sabiam a resposta para todas as perguntas. Após isso, segmentamos os dados linguísticos em tabelas, a fim de analisar e codificar os itens para fazer as rodadas estatísticas.

Quanto ao detalhamento e/ou perfil dos informantes, para cada ponto geográfico português, o número de entrevistas coletadas também é de oito, distribuídas por duas faixas etárias: os mais jovens de 18 a 30 anos (Faixa1) e os mais velhos de 50 a 65 anos (Faixa 2), de ambos os sexos. Quanto à escolaridade, são alfabetizados, possuindo dessa forma até o 12º ano do ensino secundário¹³⁹ (ou ao nível equivalente, que representa escolaridade baixa) ou devem ser possuidores de nível universitário (escolaridade alta). Além disso, têm profissão definida, que não requeira grande mobilidade, e que esteja inserida no contexto social daquela determinada localidade. O informante, além de ter nascido na localidade em análise, é, preferencialmente, filho de pais da mesma região. Salientamos que seguimos a metodologia empregada no ALiB, com relação ao perfil dos informantes, para selecionar os sujeitos que fazem parte das entrevistas realizadas nas localidades portuguesas; com exceção, apenas, do nível de instrução que estabelecemos para a escolaridade baixa dos informantes portugueses.

Podemos observar, no Quadro 6, os informantes que constituem a amostra sincrônica desta pesquisa estratificados de acordo com sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Ressaltamos, entretanto, que para cada ponto geográfico selecionado, tanto do PB quanto do PE, temos oito informantes.

¹³⁹ Devido a Lei n.º. 85/2009, de 27 de Agosto, todas as crianças e jovens portugueses em idade escolar (05 – 18 anos) devem, obrigatoriamente, cursar até o 12º ano do ensino secundário. Em vista disso, estipulamos como escolaridade baixa até o 12º ano.

Quadro 6 - Estratificação dos informantes do PB e do PE

Informantes	Florianópolis-SC	Rio de Janeiro-RJ	São Jorge-Açores	Lisboa-PT
Informante 01	Homem Jovem Escolaridade baixa	Homem Jovem Escolaridade baixa	Homem Jovem Escolaridade baixa	Homem Jovem Escolaridade baixa
Informante 02	Mulher Jovem Escolaridade baixa	Mulher Jovem Escolaridade baixa	Mulher Jovem Escolaridade baixa	Mulher Jovem Escolaridade baixa
Informante 03	Homem Velho Escolaridade baixa	Homem Velho Escolaridade baixa	Homem Velho Escolaridade baixa	Homem Velho Escolaridade baixa
Informante 04	Mulher Velha Escolaridade baixa	Mulher Velha Escolaridade baixa	Mulher Velha Escolaridade baixa	Mulher Velha Escolaridade baixa
Informante 05	Homem Jovem Escolaridade alta	Homem Jovem Escolaridade alta	Homem Jovem Escolaridade alta	Homem Jovem Escolaridade alta
Informante 06	Mulher Jovem Escolaridade alta	Mulher Jovem Escolaridade alta	Mulher Jovem Escolaridade alta	Mulher Jovem Escolaridade alta
Informante 07	Homem Velho Escolaridade alta	Homem Velho Escolaridade alta	Homem Velho Escolaridade alta	Homem Velho Escolaridade alta
Informante 08	Mulher Velha Escolaridade alta	Mulher Velha Escolaridade alta	Mulher Velha Escolaridade alta	Mulher Velha Escolaridade alta

Fonte: Elaboração própria.

Com base no Quadro 6, portanto, podemos verificar que a presente investigação acústica e geolinguística sobre a realização da fricativa alveolar em coda silábica está composta por quatro localidades diferentes (duas brasileiras – PB e duas portuguesas – PE), 32 informantes (oito de cada localidade), bem como por um total de 1.530 dados sincrônicos de língua falada segmentados em três estilos de fala distintos (questionário, conversa semidirigida e leitura de texto).

5.3 AS VARIÁVEIS OPERACIONAIS

Nesta seção, apresentamos a variável dependente do estudo, bem como procedemos à identificação das variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem atuar no condicionamento de uma ou outra variante da variável sob análise. Partimos, inicialmente, da definição da variável dependente.

5.3.1 A variável dependente

Entendemos por variável dependente, conforme Tarallo (1996), o conjunto de variantes, ou de formas linguísticas em variação, que são reguladas por uma série de categorias independentes. Para a presente pesquisa, consideramos como variável linguística dependente a realização da fricativa alveolar em oposição à realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica. Temos, portanto, duas variantes em competição que são:

Fricativa alveolar	[s, z]
Fricativa palato-alveolar	[ʃ, ʒ]

Acreditamos que essas variantes ocorrem concomitantemente na fala dos informantes florianopolitanos e cariocas. No entanto, a nossa expectativa para os pontos referentes ao PB é que ocorra a predominância da variante palato-alveolar. Alguns estudos, realizados nas localidades de Florianópolis-SC e do Rio de Janeiro-RJ comprovam esse fato: para a capital catarinense, citamos os estudos de Furlan (1982; 1989), Brescancini (1996; 2002), Šmaiclová (2010) e Bassi (2011); e, para a capital carioca, mencionamos as pesquisas de Callou e Marques (1975), Callou e Moraes (1996), Gryner e Macedo (2000), Scherre e Macedo (2000), Callou e Brandão (2009), Bassi (2011) e Melo (2012). Já, com relação à fala dos informantes lisboetas e jorgenses, esperamos encontrar somente a variante palato-alveolar em coda silábica, visto que desconhecemos algum estudo que faz referência à produção da variante alveolar em coda silábica nas localidades portuguesas em questão.

Ressaltamos, ainda, com relação à escolha da variável dependente, que não selecionamos a variante fricativa glotal [h, ɦ] e a variante zero fonético [ø], já que acreditamos que essas variantes ocorrem somente em alguns e/ou poucos dados. Além disso, nos casos em que a variante zero fonético [ø] ocorre, teríamos de desconsiderar os contextos

de apagamento da fricativa morfema de plural no sintagma nominal e da fricativa indicadora de desinência número-pessoa, visto que tais casos estão relacionados a questões de natureza morfossintática e não puramente fonológica.

5.3.2 *As variáveis independentes*

As variáveis independentes são aquelas que supostamente exercem influência no condicionamento de uma ou de outra variante. No caso das variáveis linguísticas, há influência do próprio sistema da língua na variação. Já no caso das variáveis extralinguísticas, externas ao sistema, há influência social, geográfica e estilística na variação linguística. Vejamos, primeiramente, as variáveis linguísticas.

5.3.2.1 As variáveis linguísticas

5.3.2.1.1 Posição da fricativa na palavra

Esta variável abrange as posições em que a fricativa, em posição de coda silábica, pode ocupar na palavra. Os fatores que compõem a variável em questão são: posição medial (e[ʃ]cola; ra[ʒ]gar), posição final diante de consoante da palavra seguinte (bolacha[ʃ] para casa; amigo[ʒ] meus) e posição final absoluta (trê[ʃ]).

Ressaltamos que não selecionamos o fator posição final diante de vogal da palavra seguinte, visto que nesse contexto teríamos o fenômeno de ressilabificação apontado por Cagliari (2002), no qual a fricativa alveolar ocorre em posição final e precede a vogal da palavra seguinte, assim, o segmento fricativo alveolar adquire vozeamento e passa a ocupar a posição de *onset* silábico e não mais coda – que é o foco do presente estudo. Um exemplo desse fenômeno ocorre aquando da sequência de palavras sem fronteira (camisa[za]massadas), sendo que podemos perceber a juntura intervocabular que ocorre de acordo com o fenômeno denominado *sândi*¹⁴⁰.

Por outro lado, Mateus (1990), com relação ao PE, menciona que a fricativa seguida por vogal pode não seguir essa regra geral e adquirir o

¹⁴⁰ “O Sândi é um fenômeno que ocorre nas fronteiras de palavras (juntura intervocabular). Consiste na transformação de estruturas silábicas nesse contexto, causada, em geral, pela queda de vogais ou pela formação de ditongos ou mesmo pela ocorrência peculiar de certos sons” (CAGLIARI, 2002, p. 105).

traço de palatalidade (doi[za]mores), de modo semelhante ao comportamento verificado diante de consoantes. No que concerne ao PB, ocorrências de variante palato-alveolar diante de vogal foram registradas por Scherre e Macedo (2000) em aproximadamente 1% da amostra referente ao Rio de Janeiro (21 casos de um total de 1.925 ocorrências); e, por Brescancini (2002) em aproximadamente 5% da amostra referente à Florianópolis (40 casos de um total de 21.259 ocorrências). Vejamos, então, que o processo registrado por Mateus (1990) pode ser muito recorrente no PE, porém, no PB, a regra geral, ainda, é a mais usual.

Quanto aos resultados de Brescancini (1996; 2002) e Bassi (2011), para Florianópolis-SC, a posição medial foi a mais favorecedora da produção palato-alveolar nessa localidade. Em contrapartida, a pesquisa de Furlan (1982), para a mesma localidade catarinense, atribui a posição final absoluta como a motivadora da realização palato-alveolar. Com relação à região do Rio de Janeiro-RJ, os resultados alcançados por Callou e Moraes (1996), Gryner e Macedo (2000), Scherre e Macedo (2000) e Bassi (2011) revelam a predominância da variante palato-alveolar na posição medial. De outro modo, o estudo de Callou e Marques (1975) aponta um comportamento diferenciado, visto que tanto a posição medial quanto a posição final absoluta favoreceram a realização palato-alveolar na localidade carioca em análise.

Levando em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados, formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Isto posto, a hipótese geral para o PB segue o que a maioria dos estudos resenhados comprovam, ou seja, será a posição medial a que mais favorecerá a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica. A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independentemente da posição da fricativa na palavra, o segmento palato-alveolar será realizado categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Com relação às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ) – já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados – esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, será a posição medial a que mais favorecerá a realização da variante palato-alveolar.

Em vista disso, acreditamos que o maior favorecimento à produção palato-alveolar está diretamente relacionado à contiguidade

imediate entre a fricativa na coda e a consoante seguinte, portanto, a posição medial.

5.3.2.1.2 Contexto precedente à fricativa

Com o controle dessa variável pretendemos observar qual é o contexto vocálico antecedente favorecedor da fricativa em posição de coda silábica no PB e no PE. Tendo em vista que pretendemos efetuar amálgamas diversos, apresentamos isoladamente os fatores que compõem a variável contexto precedente à fricativa.

[i]	[ʒ <u>i</u> ʃ]
[ĩ]	[ʃ <u>ĩ</u>]crição
[i]	hóspe[<u>dĩ</u>] (PE)
[ɪ]	estudan[<u>tɪ</u>]
[e]	[v <u>e</u> ʒ]go
[ĕ]	[t <u>ĕ</u> ʃ]
[ɛ]	[d <u>ɛ</u> ʃ]
[a]	ma[dr <u>a</u>]ta
[ẽ]	[tr <u>ẽ</u> ʃ]porte
[ɐ]	cole[g <u>ɐ</u> ʃ]
[o]	a[ɣ <u>o</u> ʃ]
[ɔ]	[k <u>ɔ</u> ʃ]tas
[u]	[b <u>u</u> ʃ]car
[ũ]	al[g <u>un</u> ʃ]
[ʊ]	ôni[b <u>u</u> ʃ]
[j]	se[<u>j</u> ʃ]
[ʎ]	can[sõ <u>ɲ</u> ʃ]
[ỹ]	ir[mẽ <u>ỹ</u> ʃ]

Vale salientar que não selecionamos o fator ausência de vogal, como no caso de escola [ʃ'kɔɭɐ], visto que, ao analisar os dados do PB e do PE referentes à nossa amostra, concluímos, assim como Mateus e D'Andrade (2000), que o núcleo vazio é preenchido com uma vogal que

é geralmente uma vogal [i]¹⁴¹. Ademais, os dados referentes à contóide, como no caso de *perspectiva*, foram muito escassos. Fato que nos fez excluir tais dados da amostra e manter somente o contexto vocálico precedente à fricativa.

Ressaltamos, também, que codificamos os dados relacionados à / e / → [i] ([i̥]querdo ~ [e̥]querdo), [i] epentético (su[bɨ̥]tituto ~ su[bɨ̥]tituto) e / o / → [u] (fi[ʌ̥] ~ fi[ʌ̥]) sem distinção dos demais dados. Portanto, tratamos quantitativamente esses dados por suas respectivas produções fonéticas, isto é, nossa codificação foi guiada foneticamente e não fonologicamente. Por exemplo, codificamos um dado como esquerdo ([i̥]querdo ~ [e̥]querdo) como contexto precedente à fricativa a vogal [i] e não como o grupo das vogais / e / que foram produzidas como [i]. Em outras palavras, entendemos que a vogal [i] precedente à fricativa produzida no dado ([i̥]querdo ~ [e̥]querdo) é a mesma vogal [i] produzida como no dado ([i̥]tória). Por isso, não fizemos tal discriminação nesses casos especificados.

Os resultados referentes aos estudos de Brescancini (1996; 2002), sobre a realização da fricativa palato-alveolar em posição de coda silábica para a localidade de Florianópolis-SC, apontam para um maior favorecimento da variante palato-alveolar diante da vogal dorsal [a] e das vogais labiais [u, o, ɔ]. Já o estudo de Bassi (2011) apresenta as vogais coronais [i, e, ɛ] como os segmentos que alcançam frequências mais elevadas diante da variante palato-alveolar, para a localidade de Florianópolis-SC e para o Rio de Janeiro-RJ. Gryner e Macedo (2000) apresentam, assim como Bassi (2011), as vogais coronais [i, e, ɛ] como as maiores indutoras no Rio de Janeiro-RJ para a produção da variante palato-alveolar.

Levando em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados, formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Isto posto, a hipótese geral para o PB segue o que a maioria dos estudos resenhados comprovam, ou seja, será o contexto precedente vocálico coronal o que mais favorecerá a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica. A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independentemente do contexto precedente à fricativa, o segmento

¹⁴¹ “[...] in most dialects of Brazilian Portuguese, the empty nucleus is filled with a vowel, mostly [i] [...]” (MATEUS; D’ANDRADE, 2000, p. 45).

palato-alveolar será realizado categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Com relação às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados, esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ será o contexto precedente que envolve as vogais coronais que mais favorecerá a realização da variante palato-alveolar.

5.3.2.1.3 Contexto seguinte à fricativa

Com o controle do contexto consonantal que sucede a fricativa em posição de coda, analisamos o contexto seguinte favorecedor da variante palato-alveolar no PB e no PE. Para isso, os fatores que compõem a variável contexto seguinte à fricativa são: consoantes labiais /p, b, f, v, m/, consoantes coronais /t, d, n, l, r, r/, consoantes dorsais /k, g, x, ɣ, ʔ, R/, além da pausa, ou seja, ausência de contexto consonantal seguinte ao segmento fricativo em estudo.

Vale ressaltar que os fatores correspondentes ao contexto seguinte vocálico (ônibus urbano), africadas (nossas tias; aqueles dias), fricativas alveolares (dois sapos; três zebras) e fricativas palato-alveolares (três chás; dois gêmeos) são excluídos da análise quantitativa. No primeiro caso, há ocorrência massiva da fricativa alveolar sonora [z], a qual, devido à ressilabificação, passa à posição de ataque silábico (onibu[zur]bano). O segundo caso está estreitamente ligado a particularidades regionais, visto que em Florianópolis-SC temos na grande maioria dados como (nossas [t]ias; aqueles [d]ias), e no Rio de Janeiro-RJ ocorre de forma geral (nossas [tʃ]ias; aqueles [dʒ]ias). Nos outros dois casos, são registrados poucas ocorrências em que alveolares ou palato-alveolares ocorrem em série. Ademais, quando as sequências /s s/, /s z/, /s ʃ/ ou /s ʒ/ são realizadas ocorre uma assimilação em favor de um único segmento.

Com relação aos resultados de Brescancini (1996; 2002) e Šmaiclová (2010), para Florianópolis-SC, a consoante dorsal seguinte à fricativa foi a favorecedora da produção palato-alveolar nessa localidade. Em contrapartida, a pesquisa Bassi (2011), para a mesma localidade catarinense, atribui à pausa, isto é, à ausência de contexto consonantal seguinte ao segmento fricativo como o contexto motivador da realização

palato-alveolar. Com relação à região do Rio de Janeiro-RJ, os resultados alcançados por Scherre e Macedo (2000) apontam as consoantes plosivas surdas /p, t, k/ e, para Cordeiro-RJ, Gryner e Macedo (2000) observam que as africadas [tʃ, dʒ] são os contextos seguintes mais relevantes para a produção da fricativa palato-alveolar. Por outro lado, Bassi (2011) relata, para a mesma localidade carioca, que o fator pausa que sucede o segmento fricativo é o contexto mais relevante para a realização palato-alveolar em coda silábica.

Apesar dos vários estudos sobre a produção palato-alveolar da fricativa no PB apresentarem arranjos diversos para os fatores dessa variável, os resultados obtidos pelos autores aqui citados, dentre eles os resultados de Scherre (2000) e Brescancini (2002), com exceção dos resultados de Bassi (2011), convergem quanto ao maior favorecimento das consoantes classificadas como mais fortes na escala de sonoridade baseada no traço de força consonantal proposta por Hooper (1976). Por meio dessa escala, o autor propõe um método para captar a relação entre tipos de segmentos e silabificação, tendo em vista a correlação entre a força do traço consonantal e a força da posição silábica, independentemente motivada. Em outras palavras, a ideia é que há posições fortes e fracas na sílaba e, consistentemente, as posições fracas são ocupadas por consoantes fracas e as posições fortes, por consoantes fortes.

Levando em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados, formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Isto posto, a hipótese geral para o PB segue o que a maioria dos estudos resenhados comprovam, ou seja, será o contexto seguinte consonantal dorsal o que mais favorecerá a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica. A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independentemente do contexto seguinte à fricativa, o segmento palato-alveolar será realizado categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Com relação às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados, esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que em Florianópolis-SC será o contexto seguinte dorsal e que no Rio de Janeiro-RJ será o contexto de pausa os contextos que mais favorecerão a

realização da variante palato-alveolar. Assim, reforçamos que para a elaboração das hipóteses referentes ao contexto seguinte à fricativa nos guiamos somente na revisão da literatura.

5.3.2.1.4 Traço [voz] do contexto seguinte à fricativa

O controle dessa variável pretende evidenciar particularidades com relação ao traço [voz] do contexto seguinte à fricativa. Os fatores observados na análise dessa variável linguística foram: contexto [+voz] – rapazes grandes; e contexto [-voz] – escada, moedas.

Os resultados de Furlan (1982), Brescancini (1996; 2002), Šmaiclová (2010) e Bassi (2011), para Florianópolis-SC, apresentam o contexto [-voz] como o mais favorecedor da produção palato-alveolar nessa localidade. Da mesma forma, para a região do Rio de Janeiro-RJ, os resultados alcançados por Gryner e Macedo (2000), Scherre e Macedo (2000) e por Bassi (2011) revelam a predominância da variante palato-alveolar nos contextos [-voz] seguinte à fricativa. Por outro lado, o estudo de Callou e Marques (1975) aponta um comportamento diferenciado, visto que o contexto [+voz] foi o mais favorecedor da realização palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ.

Levando em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados, formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Isto posto, a hipótese geral para o PB segue o que a maioria dos estudos resenhados comprovam, ou seja, será o contexto [-voz] o que mais favorecerá a realização da fricativa palato-alveolar. A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independentemente do vozeamento do contexto seguinte à fricativa, o segmento palato-alveolar será realizado categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Com relação às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados, esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, será o contexto [-voz] o que mais favorecerá a realização da variante palato-alveolar.

Outro argumento que contribui para maior favorecimento do traço [-voz] na realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica é o fato de que nas palavras nas quais a fricativa /s/ ocupa a posição final absoluta o valor não-marcado do traço é atribuído por regra *default* e,

consequentemente, colabora de modo favorável à produção da variante palato-alveolar [ʃ]. Além disso, as consoantes surdas, isto é, [-voz], são contextos fortes, portanto, produzidas com maior esforço muscular (SCHANE, 1975). Assim sendo, estão situadas por Hooper (1976) nos níveis mais altos (a saber, 6 e 5) de sua escala universal de força e são consideradas por Cagliari (1974) como mais propícias à palatalização.

5.3.2.1.5 Tonicidade

Cagliari (1974), em estudo palatográfico, observou que são os contextos tônicos, ou seja, aqueles produzidos com maior energia articulatória, os que mais favorecem a variante palato-alveolar. Entretanto, Bhat (1978), considerando as sibilantes, aponta que os contextos átonos são os mais favorecedores para a realização da fricativa palato-alveolar.

Para a presente pesquisa, os fatores que compõem a variável tonicidade são: pretônico (**esbelto**, **estilística**),ônico (**casca**), postônico (**colegas**, **pássaros**) e palavra ou vocábulo sem acento (**os**, **uns**, **nos**). Vale ressaltar, assim como o demonstrado nos exemplos acima, que consideramos dentro os fatores pretônico e postônico, também, as sílabas pré-pretônicas e pós-postônicas, respectivamente.

Com relação aos estudos resenhados para a localidade de Florianópolis-SC, os resultados de Bescancini (1996) apontam os contextos pretônicos como os maiores indutores da produção palato-alveolar. Em pesquisa posterior, Bescancini (2002, p. 273) relata que “os contextos mais fortes (sílabas pré-pretônicas, pretônicas, tônicas) sempre superam os mais fracos (sílabas postônicas e palavras sem acento) no favorecimento da produção palato-alveolar em posição de coda”. Os resultados alcançados por Bassi (2011) corroboram os resultados de Bescancini (1996; 2002), visto que, tanto no falar florianopolitano quanto no falar carioca, são os contextos tônicos que representam frequências mais elevadas de produção da variante palato-alveolar. Da mesma forma, Gryner e Macedo (2000), para a comunidade de Cordeiro-RJ, afirmam que as sílabas tônicas favorecem, de modo geral, a produção da variante palato-alveolar em coda.

Levando em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados, formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Isto posto, a hipótese geral para o PB segue o que a maioria dos estudos resenhados comprovam, ou seja,

será a sílaba tônica a que mais favorecerá a realização da fricativa palato-alveolar. A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independentemente da tonicidade em relação ao segmento em estudo, a fricativa palato-alveolar será realizada categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Quanto às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados, esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, será a sílaba tônica a mais relevante na realização da variante palato-alveolar.

Nossas hipóteses, pelo exposto, convergem com os apontamentos de Cagliari (1974) que afirma serem os contextos tônicos, ou seja, aqueles produzidos com maior energia articulatória, os que mais favorecem a fricativa palato-alveolar.

5.3.2.2 As variáveis extralinguísticas

5.3.2.2.1 Dimensão diassexual (sexo)

Conforme afirma Bhat (1978), com base na análise de 120 línguas e dialetos, são as mulheres as maiores produtoras de palatalização. Nas pesquisas de Brescancini (1996; 2002) e de Bassi (2011), para Florianópolis-SC, os resultados obtidos, quanto à realização da fricativa palato-alveolar em posição de coda, vão ao encontro dos resultados constatados pelo autor, já que as mulheres são apontadas como mais favorecedoras da produção palato-alveolar nessa localidade.

No entanto, para a região do Rio de Janeiro-RJ, os resultados alcançados em alguns estudos, com relação ao sexo, são discrepantes. As pesquisas de Callou e Marques (1975), por exemplo, revelam a predominância da variante palato-alveolar entre as mulheres na zona norte, mas, em outra região carioca, são os homens que lideram o processo. Callou e Moraes (1996) salientam, também, um comportamento diferenciado entre homens e mulheres no Rio de Janeiro-RJ. Gryner e Macedo (2000), por sua vez, concluem que a diferença na produção da variante palato-alveolar entre ambos os sexos não é significativa na localidade de Cordeiro-RJ. Bassi (2011) observa, para o Rio de Janeiro-RJ, que são os homens os que mais produzem a variante palato-alveolar, diferentemente do resultado encontrado pela autora para a localidade de Florianópolis-SC.

Levando em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados, formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Isto posto, a hipótese geral para o PB segue o que a maioria dos estudos resenhados comprovam, ou seja, serão os informantes de sexo feminino os que mais realizarão a fricativa palato-alveolar, visto que, em conformidade com Labov (1972), as mulheres tendem a se aproximar mais da norma estabelecida pela comunidade em que estão inseridas do que os falantes de sexo masculino. A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independentemente do sexo em análise, a fricativa palato-alveolar será realizada categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Com relação às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados, esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que em Florianópolis-SC serão os informantes do sexo feminino que mais realizarão a variante palato-alveolar, ao passo que no Rio de Janeiro-RJ serão os informantes masculinos que mais utilizarão a fricativa palato-alveolar em posição de coda silábica.

5.3.2.2.2 Dimensão diageracional (faixa etária)

Com relação aos estudos elaborados sobre a realização da fricativa palato-alveolar em posição de coda em Florianópolis-SC, os resultados de Brescancini (1996) indicaram a não relevância estatística da variável faixa etária. Entretanto, em pesquisa realizada em 2002, a autora conclui, após ter feito uma nova divisão etária, em três faixas (25 - 40 anos, 41 - 60 anos, 61 anos ou mais), que o processo variável se encontra em variação estável.

A pesquisa de Šmaiclová (2010) apresenta como resultados para a variável faixa etária, na qual a autora investigou três níveis etários (15 a 25 anos, 26 a 50 anos e mais de 50 anos), um maior favorecimento da realização palato-alveolar por parte dos informantes florianopolitanos mais velhos. Bassi (2011), em pesquisa realizada também na localidade de Florianópolis-SC, constatou que, dentre as duas faixas etárias selecionadas (jovens - 18 a 30 anos, velhos - 50 a 65 anos), a faixa etária correspondente aos informantes mais velhos foi a que alcançou uma frequência maior de produção da variante palato-alveolar.

No caso do Rio de Janeiro-RJ, o estudo realizado por Callou e Moraes (1996) aponta uma situação estável como resultado para a variável faixa etária nessa localidade, bem como para o Recife-PE. Em Cordeiro-RJ, entretanto, segundo Gryner e Macedo (2000), a variável faixa etária mostrou-se relevante estatisticamente. De acordo com a pesquisa de Scherre e Macedo (2000) e de Bassi (2011), há, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ, uma produção maior da variante palato-alveolar na faixa etária correspondente aos jovens.

Tendo em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados, formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Em vista disso, a hipótese geral para o PB é a de que serão os informantes mais velhos (50 a 65 anos) os que mais realizarão a fricativa palato-alveolar, pois acreditamos que esses falantes estão mais alheios, ou seja, menos influenciados pelos processos de modernização que as localidades vêm sofrendo atualmente. A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independentemente da faixa etária em análise, a fricativa palato-alveolar será realizada categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Com relação às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados, esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que em Florianópolis-SC serão os informantes mais velhos (50 a 65 anos) os que mais realizarão a variante palato-alveolar. Já, no Rio de Janeiro-RJ serão os informantes mais jovens (18 a 30 anos) os que mais utilizarão a fricativa palato-alveolar em posição de coda silábica.

5.3.2.2.3 Dimensão diastrática (nível de escolaridade)

Os resultados da pesquisa de Brescancini (1996) demonstraram que a variável nível de escolaridade não é estatisticamente relevante para a localidade de Florianópolis-SC. Já, para a região do Ribeirão da Ilha, localidade mais isolada de Florianópolis-SC, os resultados indicaram diferenças significativas, sendo a escolaridade baixa a que mais favoreceu a aplicação da regra. Šmaiclová (2010), que também analisou a produção da fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC, relatou, dentre os dois níveis de escolaridade (nível primário completo ou incompleto - até quatro anos de escolaridade e nível superior - graduação completa)

investigados, que são os informantes com baixa escolaridade os que mais realizaram a variante palato-alveolar.

Em estudo realizado por Bassi (2011), também, para a localidade de Florianópolis-SC, a escolaridade baixa demonstrou frequências mais elevadas de realização da fricativa palato-alveolar. Entretanto, Brescancini (2002) concluiu, em sua tese de doutorado, que é a escolaridade alta que desempenha um favorecimento maior de realização da variante palato-alveolar em Florianópolis-SC. Da mesma forma, Furlan (1982, p. 79) afirma que a variante palato-alveolar é registrada na fala de “professores universitários e indivíduos dos mais elevados cargos sociais e políticos”.

Callou e Marques (1975) relataram, para o Rio de Janeiro- RJ, que a variável nível de escolaridade mostrou-se relevante estatisticamente, sendo a escolaridade alta a que mais favoreceu a produção da variante palato-alveolar, resultado esse alcançado, também, por Gryner e Macedo (2000) e por Callou e Brandão (2009). No entanto, Scherre e Macedo (2000) concluíram, para o falar carioca, que é a escolaridade baixa que desempenha um favorecimento maior de produção da variante palato-alveolar, resultado esse demonstrado, também, por Bassi (2011).

Levando em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados, formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Em vista disso, a hipótese geral para o PB é a de que serão os informantes com escolaridade baixa (até a 7ª série do ensino fundamental) os que mais realizarão a fricativa palato-alveolar, pois acreditamos que há, ainda, uma avaliação social negativa desse segmento. A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independentemente do nível de escolaridade, a fricativa palato-alveolar será realizada categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Com relação às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados, esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que em Florianópolis-SC serão os informantes com escolaridade baixa (até a 7ª série do ensino fundamental) os que mais realizarão a variante palato-alveolar. Já, no Rio de Janeiro-RJ serão os informantes com escolaridade alta (nível universitário) os que mais utilizarão a fricativa palato-alveolar em posição de coda silábica.

5.3.2.2.4 Dimensão diatópica (localidades)

Com a dimensão diatópica, pretendemos verificar se a realização da fricativa palato-alveolar é uma variedade de contato entre o PB e o PE, além de relacionar a produção da variante palato-alveolar com o processo de colonização das localidades referentes ao PB. Desse modo, os pontos que compõem a variável que abrange as localidades do PB são: Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ; e os pontos que comportam as localidades do PE são: São Jorge-Açores e Lisboa-PT.

Defendemos a hipótese geral de que o segmento fricativo produzido nas localidades do PB em análise é realizado como palato-alveolar por conta do contato entre as regiões do PB e do PE, no período da colonização das regiões brasileiras. Acreditamos, então, que encontraremos maior realização (ou categoricidade) da variante palato-alveolar nos dados do PE, o que seria um indício de que há uma conservação maior dessa realização nas localidades que representam o PE. Já, no PB, acreditamos que a fricativa palato-alveolar é, também, a mais produzida nas localidades pesquisadas, no entanto, menos produzida do que no PE, visto que entendemos que esse segmento é uma herança deixada pelos portugueses e difundida pelos brasileiros somente em alguns locais em que houve um maior contato com os colonizadores portugueses daquela época. Portanto, consideramos que os falantes do PB produzem a variante palato-alveolar em virtude do contato que tiveram com os açorianos, no caso de Florianópolis-SC, e com os lisboetas, no caso do Rio de Janeiro-RJ. Além disso, na época desse contato, o Brasil tinha certo grau de isolamento, assim, desfrutava de maiores condições para a manutenção da variante palato-alveolar em posição de coda silábica (SILVA NETO, 1988).

Muitos estudos realizados em Florianópolis-SC (FURLAN, 1982; BRESCANCINI, 1996, 2002; ŠMAICLOVÁ, 2010; BASSI, 2011) e no Rio de Janeiro-RJ (CALLOU; MARQUES, 1975; CALLOU; MORAES, 1996; SCHERRE; MACEDO, 2000; BASSI, 2011; MELO, 2012) atestaram a hegemonia da variante palato-alveolar sobre a alveolar. Entretanto, somente na pesquisa de Bassi (2011) é que foram comparados dados dessas duas regiões (Florianópolis-SC e do Rio de Janeiro-RJ), cujos resultados apontaram para frequências mais elevadas de realização da variante fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ (87%) em relação a Florianópolis-SC (65%).

Levando em consideração a revisão da literatura, bem como os resultados das pesquisas elaboradas pelos autores aqui citados,

formulamos hipóteses distintas para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados. Esperamos, com base nos resultados das pesquisas dos autores resenhados no presente estudo, que em Florianópolis-SC o segmento palato-alveolar será o mais produzido, porém, proporcionalmente menos do que o percentual produzido no Rio de Janeiro-RJ; aproximando, inclusive, seus valores da categoricidade dos dados que esperamos encontrar do PE.

Portanto, se alguma localidade do PB apresentar valores elevados de produção da fricativa palato-alveolar e os dados do PE apresentar regra categórica, a aproximação dos resultados possibilitará a configuração de um quadro linguístico mais amplo das regiões brasileiras, a respeito da relação entre a produção da variante palato-alveolar em posição de coda e o processo de conservação da variante do colonizador.

5.3.2.2.5 Dimensão diafásica (estilos)

A variação linguística se define em várias dimensões: a dimensão diatópica (geográfica), em que as diferentes manifestações linguísticas (dialetos) são encontradas em diferentes regiões; a dimensão histórica, em que as diferenças em uma língua se encontram em distintos estágios de sua evolução; a dimensão social, que denota as diferenças linguísticas manifestas em distintos grupos sociais; e a dimensão diafásica ou estilística (estilo). Lefebvre (2001) diz que essa última é correlacionável às situações de uso da língua, fato comprovado por Labov (1972) em seus experimentos na cidade de Nova York.

A noção de estilo de Labov (2008), então, supõe uma ordenação de estilos contextuais¹⁴² (conforme uma escala crescente de formalidade) relacionado ao grau de atenção conferido à fala. Segundo Labov (1970, p. 181), “a maneira mais importante como esta atenção é exercida é a audiomonitoração da própria fala”. Por esse modelo, as variações

¹⁴² Os estilos contextuais, segundo o autor, são divididos em: contexto A (fala casual); contexto B (fala monitorada – ocorre quando, por exemplo, em situação de entrevista, o informante responde perguntas); contexto C (estilo de leitura); contexto D (leitura de listas de palavras – a leitura de palavras isoladas é um passo a mais na direção de um contexto mais formal); contexto D’ (leitura de pares mínimos). Os contextos A a D’ são divisões formais do *continuum* do eixo estilístico que, conforme o autor, se distribui numa escala correspondente de formalidade: do [-formal] para o [+formal].

estilísticas são consideradas desvios em relação ao vernáculo (variedade linguística de base).

Ressaltamos que o modelo contribui na descoberta de padrões de variação estilística e social, mas não dá conta de algumas questões implicadas na noção de estilo. Alguns desses problemas, citados por Lefebvre (2001), são: i) ao considerar estilo em uma única dimensão¹⁴³, acaba por não analisar fatos de variações não classificáveis nesse eixo. Por exemplo, a abordagem de Labov (1970) não explica o caso do javanês em que a variação estilística não é determinada em função do grau de atenção conferido à fala; ii) Gal (1979), estudando a variação de códigos (húngaro e alemão) em uma aldeia austríaca, argumenta que o tópico (suscetível de variação estilística segundo Labov (1970)), por exemplo, relato de situação de risco de morte, não provoca variação rumo ao vernáculo; iii) a noção de Labov (1970) desconsidera o fato de que algumas pessoas tendem a se monitorar mais em contextos menos informais, ou seja, mostram-se mais atentas quando tentam ser coloquiais (WOLFSON, 1976); e, iv) a técnica de coletas de dados (entrevistas gravadas) gera uma situação de interação “provocada”. “A escolha das variáveis linguísticas pelas pessoas não é motivada nem pela impressão que elas querem dar de si mesmas nem pelos efeitos interacionais ou retóricos que elas querem que suas palavras provoquem. De fato, esta visão do uso da língua, como a tradição de teoria social da qual ela deriva, não se interroga de que modo os falantes imputam *intencionalidade* um ao outro” (RYAN, 1973, p. 08).

Tendo em vista que vamos trabalhar com dados sincrônicos de língua falada e com três estilos de fala (conversa semidirigida, resposta aos questionários e leitura de texto), julgamos necessária a incorporação dessa variável para a presente pesquisa. Bassi (2011) analisou a dimensão diafásica em seu estudo, quanto à realização da fricativa palato-alveolar no falar florianopolitano e carioca, e verificou que os resultados mais elevados da produção da variante palato-alveolar, para o Rio de Janeiro-RJ, ocorreram no estilo de fala resposta aos questionários, que a autora denominou de $[\pm\text{formal}]$, visto que tal estilo situa-se no meio do eixo estilístico do *continuum* da escala de formalidade elaborada por Labov (2008). Já, em Florianópolis-SC, segundo Bassi (2011), o estilo $[-\text{formal}]$,

¹⁴³ Devemos ressaltar, no entanto, que talvez Labov (1970) não pretendia abordar outras dimensões da variação estilística, pois seu objetivo primordial era apenas conferir o grau de atenção à fala, visto que se deteve muito a essa questão ao longo de suas análises e pesquisas referentes à estilística.

ou seja, a conversa semidirigida é o estilo que mais obteve realização da variante fricativa palato-alveolar em coda silábica.

Levando em consideração os resultados alcançados por Labov (2008), formulamos uma hipótese geral para o PB e para o PE, além de hipóteses distintas para cada localidade em análise. Em vista disso, a hipótese geral para o PB é a de que o estilo de fala [-formal], ou seja, a conversa semidirigida favorecerá mais a produção da variante fricativa palato-alveolar, pois, acreditamos que é nesse estilo de fala, o [-formal], que o vernáculo¹⁴⁴ do falante se manifesta (LABOV, 2008). A hipótese geral para o PE, quanto à produção da variante palato-alveolar, é a de que, independente do estilo de fala, a fricativa palato-alveolar será realizada categoricamente por todos os informantes portugueses da nossa amostra.

Com relação às hipóteses para cada localidade do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ), já que acreditamos que nos pontos geográficos portugueses (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) haverá categoricidade nos dados, esperamos, com base na pesquisa de Bassi (2011), que em Florianópolis-SC será o estilo [-formal], ou seja, a conversa semidirigida a que mais favorecerá a realização da variante palato-alveolar. Já, no Rio de Janeiro-RJ será o estilo de fala [+formal], isto é, o estilo resposta aos questionários que mais promoverá a fricativa palato-alveolar em posição de coda silábica.

5.4 O INSTRUMENTO DE QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, demonstramos como elaboramos a codificação dos dados para a análise estatística e apresentamos o instrumento estatístico de quantificação (Rbrul) que utilizamos na análise quantitativa dos dados.

5.4.1 Codificação dos dados

A codificação das 1.530 ocorrências da amostra (770 do PB e 760 do PE) deu-se de acordo com as variáveis consideradas na seção 5.3, a fim de que os dados pudessem ser submetidos ao pacote de programas Rbrul. O Quadro 7 oferece um exemplo de ocorrência codificada. Na segunda coluna são apresentados os códigos correspondentes a cada um dos fatores das variáveis linguística e extralinguísticas propostas.

¹⁴⁴ De acordo com Labov (2008), o vernáculo é um tipo de estilo que está ligado ao grau de atenção conferido à fala, portanto, ao grau mínimo de atenção dispensada pelo falante à própria fala.

Quadro 7 - Exemplo de codificação de dado da variante palato-alveolar em posição de coda silábica no PB

Ocorrência	Fatores
[ma'draʃtə]	(1ABFHJXROYIaw

Fonte: Elaboração própria.

Para realizar a codificação dos dados, é necessário escolher previamente um código para cada fator de cada variável considerada no estudo. Estabelecidos os códigos e de posse das ocorrências, podemos realizar a codificação de cada uma delas para leitura do programa de análise estatística.

No exemplo de codificação, apresentado no Quadro 7, o primeiro símbolo refere-se à variável dependente. Desse modo, temos que na ocorrência *madrasta* houve a produção da fricativa palato-alveolar (1), realizada pelo primeiro informante (A) da amostra referente ao português brasileiro (B) que contempla a localidade de Florianópolis-SC (F). Com relação às variáveis extralinguísticas, esse informante pertence ao sexo masculino (H), à faixa etária jovem (J) e à escolaridade baixa (X). Além disso, esse dado foi extraído do estilo de fala resposta aos questionários (R). Quanto às variáveis linguísticas, a variante palato-alveolar ocorre, nesse dado, em posição medial (O), sendo o traço [voz] do contexto seguinte [-voz] (Y). A sílaba em que a fricativa palato-alveolar ocorre é tônica (I), o contexto precedente é uma vogal baixa [a] (a) e o contexto seguinte apresenta uma oclusiva alveolar [t] surda (w).

De acordo com Labov (1972), a definição de uma variável linguística envolve (i) o estabelecimento de todos os contextos em que a variável ocorre; (ii) a definição das variantes fonéticas maximamente; (iii) o estabelecimento de um índice quantitativo para a medição das variáveis. Assim, depois de feita a codificação dos dados, os arquivos gerados em formato *token* (.tkn), puderam ser submetidos ao programa de análise estatística Rbrul, que está descrito na próxima seção.

5.4.2 O instrumento de quantificação - Rbrul

O presente estudo sobre a realização da fricativa alveolar em coda silábica constitui uma análise quantitativa, já que utilizamos o programa estatístico Rbrul, escrito em R, para a análise de dados linguísticos que performa, assim como o Goldvarb, regressão múltipla e

tabulação cruzada. Portanto, o programa de análise estatística Rbrul permite, entre outras funções, analisar dados linguísticos de regras variáveis. De acordo com Johnson (2009), programas de regras variáveis avaliam o efeito que múltiplos fatores, linguísticos ou extralinguísticos, podem exercer na escolha de uma forma linguística.

O Rbrul, criado em 2009 por Daniel Ezra Johnson da *University of York* (Inglaterra), foi inspirado em programas que o antecederam, como VARBRUL e Goldvarb, e realiza, assim como esses, regressões múltiplas do tipo *one-level*, *step-up/step-down* e cruzamentos variados, conforme relata Johnson (2012) no manual do programa.

A análise do tipo *one-level* considera todos os fatores dos grupos escolhidos e fornece os resultados em termos de frequência de aplicação, peso relativo e *log-odds* de cada um deles. A análise *step-up* realiza sequências de iterações entre todos os grupos de fatores e informa quais são as variáveis que influenciam a variável dependente, bem como a frequência

de aplicação, peso relativo e *log-odds* de cada um dos fatores. A análise *step-down* faz iterações com objetivo oposto da *step-up*, ou seja, busca, mediante as iterações, encontrar os grupos de fatores menos significativos para aplicação da regra. Os cruzamentos, por fim, permitem verificar se há independência e interação entre variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Uma diferença importante entre o Rbrul e o Goldvarb é que o Rbrul permite a análise de variáveis nominais e contínuas, ao passo que o Goldvarb analisa somente variáveis nominais. Além disso, o Rbrul mostra-se mais vantajoso que o Goldvarb, já que é mais rápido; trabalha melhor com a situação de uma regra variável, bem como com a aplicação baixa da regra; lê arquivos de outros formatos (text file, SPSS, Goldvarb (.tkn), Excel (.cvs)); dá conta dos *knockouts*, sem necessidade de eliminação de fatores; não apresenta limite quanto ao número de fatores por variável ou ao número de variáveis; oferece recursos gráficos; aceita variáveis independentes contínuas; aceita variáveis dependentes contínuas; e oferece análise de variáveis de efeito aleatório, como informantes (possibilitando a estimativa de efeitos intra-grupo (como sexo) e inter-grupo (como informante) ao mesmo tempo e item lexical (JOHNSON, 2012).

Em contrapartida, uma das poucas desvantagens que esse programa estatístico tem é a nomenclatura diferenciada da utilizada no Goldvarb. Em vista disso, apresentamos algumas nomenclaturas utilizadas pelo programa Rbrul, versão 3.2.1, que facilitarão na leitura das Tabelas apresentadas na nossa análise dos dados.

Assim, o *Deviance* (desvio) é uma medida de adequação do modelo aos dados. Em outros termos, informa sobre quanto os dados reais desviam das previsões do modelo, sendo que quanto maior esse valor, pior é a adequação. A *Overall proportion* (proporção global) é a média entre o valor de aplicação da resposta e total de dados ($\times 100 = \%$); o R^2 é a proporção de variação explicada pelo modelo, sendo que quanto mais perto de 1, maior a validade da regressão. Os *Log-odds* são os coeficientes do modelo de regressão, positivos e negativos, sendo que quanto maior o número, maior o efeito. Assim, *lod-odds* positivos indicam que o fator é favorável à aplicação da regra, *log-odds* negativos indicam que o fator tem efeito desfavorecedor e *log-odds* 0 (zero) indicam efeito neutro daquele fator. Os *Tokens (N)* são referentes aos números de ocorrência da variante palato-alveolar em cada fator investigado; a *Proportion of application value (palatalization)* é a frequência de aplicação da regra variável, isto é, da produção da fricativa palato-alveolar por fator; e os *Uncentered weights* (pesos relativos) são a conversão dos valores de *log-odds* para uma escala de 0,0 – 1,00, como a utilizada pelo Goldvarb, entretanto, os pesos relativos oferecidos pelo Rbrul não são dependentes do tamanho das células, como era no Goldvarb (JOHNSON, 2012).

Após a apresentação de algumas das nomenclaturas utilizadas pelo Rbrul, podemos prosseguir para a próxima etapa, ou seja, a realização da análise dos dados. Primeiramente, deve-se criar um arquivo de ocorrências para cada dado de fala utilizando qualquer editor de texto. O Rbrul pode interpretar dados de diferentes tipos de arquivo (Excel, Word, Bloco de Notas). Como citado anteriormente, para criar o arquivo, deve-se definir qual é a variável dependente da pesquisa, as variáveis independentes e seus fatores, bem como os códigos correspondentes a cada fator.

De posse do arquivo de dados, deve-se abri-lo no programa Rbrul, que, por meio da janela *R Console*, mostrará em colunas numeradas todos os grupos de fatores que compõem o arquivo de dados, inclusive a variável dependente. A próxima etapa é nomear cada coluna, ou seja, cada grupo de fatores. Na sequência, o Rbrul mostrará os fatores que compõem cada grupo, o que possibilita ao pesquisador verificar se há algum código indevido e, nesse caso, corrigir o arquivo de dados.

No caso de se verificar erros no arquivo de dados, o Rbrul oferece a opção *Adjustdata*, pela qual, na opção *recode*, é possível mudar o código equivocado pelo que lhe corresponde corretamente. A opção *recode* permite também a amalgamação de fatores de uma mesma variável. Quando são recodificados fatores, seja para amalgamação ou para correção, é possível criar um novo grupo de fatores, isto é, uma nova

coluna, com os fatores recodificados, a fim de que seja possível analisar os fatores isoladamente.

De posse do arquivo de dados definitivo, é possível então realizar a análise tipo *step up/step-down*, que indicará quais grupos de fatores têm papel para a regra variável em estudo, o peso relativo de cada fator e o valor de *log-odds*, além de mostrar os grupos que não têm influência sobre o fenômeno variável. O peso relativo é o valor atribuído a cada fator e a sua interpretação deve ser entendida com base no valor de referência 0,50, visto que é este valor o correspondente à média dos valores para todos os fatores de cada grupo. Como o peso relativo (p_r) é definido pelo produto de termos da forma

$$\frac{p_n}{(1-p_n)}$$

se p_n é maior do que 0,50, o produto dos termos é maior do que 1,00 e, portanto, p_r cresce, no sentido da aplicação categórica da regra. De modo inverso, se p_n é menor do que 0,50, o produto dos termos é menor do que 1,00 e p_r decresce. Nesse sentido, a regra tende a não ser aplicada categoricamente. Quando p_n é exatamente 0,50, o termo se torna 1,00 e não tem qualquer efeito no produto dos termos (NARO, 1992).

Em consequência disso, e tendo em vista a interpretação do papel dos diferentes fatores na aplicação da regra variável, se o peso relativo de um fator for superior a 0,50, este é considerado como favorável à aplicação da regra; se for inferior a 0,50, é pouco favorável; e se for exatamente 0,50, é neutro.

A análise dos dados que instrumentos estatísticos como o Rbrul oferecem é fundamental para verificar os condicionamentos de regras variáveis. Assim, a seção seguinte tem o objetivo de apresentar e discutir os resultados fornecidos pelo programa Rbrul para o estudo da realização da fricativa alveolar em coda silábica. Destacamos que utilizamos na nossa análise recursos estatísticos aplicados às ferramentas oferecidas pelo programa em questão, a fim de realizar um trabalho de conhecimento dos valores numéricos associados aos fatores linguísticos e extralinguísticos propostos pela pesquisa.

5.5 ANÁLISE ESTATÍSTICA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentamos a análise estatística e discussão dos resultados referentes às variáveis extralinguísticas e linguísticas levando

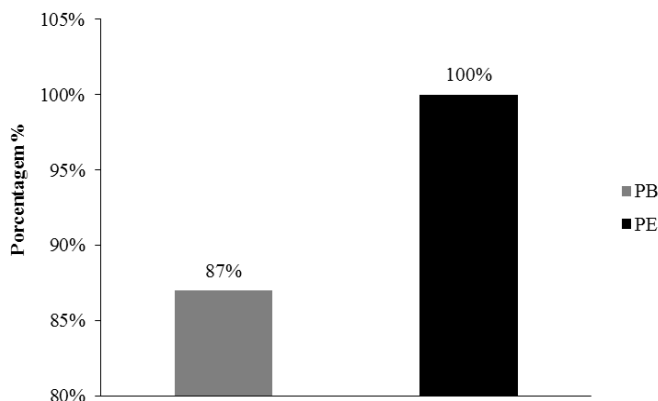
em conta os resultados obtidos nas rodadas estatísticas feitas por meio do programa Rbrul, bem como os apontamentos referentes à contextualização sócio-histórica das comunidades de fala brasileiras e portuguesas, à revisão da literatura e aos pressupostos teórico-metodológicos da geolinguística pluridimensional que embasam a presente pesquisa.

Iniciamos a análise e discussão dos resultados apresentando a análise da frequência global dos resultados referentes à realização da fricativa alveolar em coda silábica. Posteriormente, divulgamos a análise de cada variável linguística e extralinguística, tendo em vista a relevância de cada uma delas estabelecida pelo programa Rbrul.

5.5.1 Frequência global

A variante palato-alveolar surge como a predominante, conforme o esperado, em 87% das ocorrências do PB e de forma categórica nos dados do PE. A variante alveolar, que constitui o valor de não aplicação na análise binária, apresenta, portanto, o menor índice de produção – 13%. Vejamos o Gráfico 15.

Gráfico 15 - Realização da fricativa palato-alveolar no PB e no PE



Fonte: Elaboração própria.

Salientamos que nos resultados referentes ao PE, especialmente os dados que contemplam a localidade portuguesa de São Jorge-Açores/PT, foram codificadas como palato-alveolares as fricativas áptico-alveolares. Esse fato contribui para a alta frequência de variantes palato-

alveolares na amostra do PE. Ressaltamos, por oportuno, que de oitiva não é fácil a identificação dos segmentos ápico-alveolares. Tendo isso em vista e ainda que tivéssemos como objetivo principal investigar esses segmentos no PB e no PE, precisaríamos de um tempo maior para a análise acústica dos dados. Por outro lado, faremos na seção 5.6, por meio de um recorte na nossa amostra, a averiguação da existência desses segmentos nos dados referentes ao PB e ao PE, mas, como dissemos, anteriormente, para a análise geral dos dados codificamos as variantes ápico-alveolares como palato-alveolares.

Considerando o uso categórico da variante palato-alveolar no PE, como demonstrado no Gráfico 15, não foi possível realizar uma rodada estatística para a análise desses dados, visto que a regra é categórica e não variável. Portanto, como não há meios para realizar uma rodada estatística cuidadosa nesses resultados, não podemos apresentar o peso relativo desses dados, mas, em alguns casos, apresentamos o percentual. Em vista disso e do que estava previsto, analisamos os dados do PB em confronto com o PE para observar qual das localidades brasileiras (Florianópolis-SC ou Rio de Janeiro-RJ) aproxima-se mais do paradigma estabelecido no PE, em termos de realização da variante palato-alveolar.

5.5.1.1 Seleção das variáveis pelo programa Rbrul

A análise progressiva *step-up* selecionou como estatisticamente relevantes todas as variáveis linguísticas e quase todas as variáveis extralinguísticas, com exceção da variável estilos de fala. A ordem de seleção foi:

1. Dimensão diatópica (localidades)
2. Contexto precedente à fricativa
3. Contexto seguinte à fricativa
4. Traço [voz] do contexto seguinte
5. Tonicidade
6. Posição da fricativa na palavra
7. Dimensão diageracional (faixa etária)
8. Dimensão diastrática (nível de escolaridade)
9. Dimensão diassexual (sexo)

Diante do exposto, não podemos dizer que são as variáveis linguísticas ou as extralinguísticas que se mostram mais importantes para a produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, visto que, dentre as primeiras variáveis que o programa estatístico selecionou como

mais relevantes, há variável extralinguística (localidades) e variáveis linguísticas. Por outro lado, o programa selecionou todas as variáveis linguísticas e, quanto às variáveis extralinguísticas, não selecionou a variável estilos de fala. Portanto, se analisarmos dessa forma, podemos dizer que as variáveis linguísticas são mais importantes que as extralinguísticas para a realização da variante palato-alveolar.

A discussão dos resultados para as variáveis selecionadas pelo programa estatístico será apresentada obedecendo à ordem de relevância apresentada pelo Rbrul. Apresentamos, também, os resultados referentes à variável extralinguística Estilos de fala logo após a variável Dimensão diasssexual (sexo), apesar da não relevância dessa variável para a produção da fricativa palato-alveolar.

Ressaltamos que os valores em peso relativo indicados nas tabelas referentes às variáveis analisadas, neste estudo, não foram retirados de uma única rodada devido a questões referentes à comparação controlada de grupos de fatores para o estabelecimento de cruzamentos entre as variáveis.

5.5.1.2 Questões de ortogonalidade entre as variáveis linguísticas

Ao longo das rodadas estatísticas feitas no programa Rbrul, notamos alguns problemas de ortogonalidade entre as variáveis Contexto seguinte à fricativa e Traço [voz], o que significa, na presente situação, que nem todos os fatores dessas variáveis coocorrem uns com os outros. Observamos, portanto, assim como Brescancini (2002), que o estabelecimento de uma relação do tipo bijetiva “um para um” entre os fatores Ausência de contexto seguinte e Traço [+voz] e/ou Traço [-voz] não ocorre por motivos de impossibilidade estrutural.

Além disso, outra situação de não convergência torna-se visível, mais especificamente com as variáveis Contexto seguinte à fricativa e Posição da fricativa na palavra. O que ocorre, novamente, é o resultado de uma impossibilidade estrutural. Constatamos, nesse caso, uma situação de pouca ortogonalidade entre essas duas variáveis, visto que não há dados para as células formadas pelo fator Final absoluta e todos os outros fatores da variável Contexto seguinte à fricativa, com exceção do fator Ausência de contexto seguinte.

Há, ainda, outro caso: a distribuição dos fatores das variáveis Posição da fricativa na palavra e Tonicidade que envolve, mais uma vez, um caso de impossibilidade estrutural. Verificamos que todos os dados do fator Pretônica envolvem exatamente palavras em que a fricativa

ocorre em Posição medial, mas nem todos os casos em que a fricativa ocorre em Posição medial foram codificados como Pretônicas.

A solução adotada para essas situações de ortogonalidade pouco adequada foi a eliminação no arquivo de condições da variável Posição da fricativa na palavra para que os resultados oferecidos pelo programa convergissem em todos os níveis do *step-up* e, desse modo, oferecessem resultados confiáveis para a variável Contexto seguinte à fricativa. Esse recurso mostra-se útil, de acordo com Brescancini (2002), para resolver outro tipo de problema de ortogonalidade causado por impossibilidade estrutural entre as variáveis Posição da fricativa na palavra e Traço [voz]. Já que os dados para o fator Final absoluta da variável Posição da fricativa na palavra coocorrem apenas com os dados do fator [-voz] da variável Traço [voz], ou seja, não há coocorrência entre o fator Final absoluta e o fator [+voz].

O comportamento da variável Posição da fricativa na palavra com relação à Contexto seguinte à fricativa e a todos os fatores da variável Traço [voz] será apresentado com relação a cada um dos fatores da variável Posição da fricativa na palavra, ou seja, levando-se em consideração apenas as posições em que tais variáveis desempenham papel, a saber: Posição medial e Posição final de palavra diante de consoante.

Tendo isso em vista e em busca de resultados estatísticos mais confiáveis, optamos por apresentar os pesos relativos para a variável Tonicidade também a partir da rodada em que Posição da fricativa na palavra não está presente e, do mesmo modo, para as variáveis Contexto seguinte à fricativa e Traço [voz], sendo que o comportamento dos fatores da variável Tonicidade será discutido em termos de sua pertinência para cada um dos fatores da variável Posição da fricativa na palavra.

A seção seguinte apresenta os resultados para a dimensão diatópica (localidades), considerada a mais relevante estatisticamente para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.2 Dimensão diatópica (localidades)

A dimensão diatópica foi a primeira variável selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul. Os resultados, apresentados na Tabela 1 confirmam nossa hipótese geral, visto que a proporção do valor de aplicação da regra de realização da fricativa palato-alveolar apresentou um percentual de 98% para o Rio de Janeiro-RJ e 77% para Florianópolis-SC. Portanto, são os informantes cariocas os que mais produzem (0,79) o segmento palato-alveolar em posição de coda no

PB¹⁴⁵, uma vez que os informantes florianopolitanos apresentam baixo índice de favorecimento, com peso relativo de 0,21.

Salientamos que os dados apresentados na Tabela 1 foram extraídos de rodadas estatísticas em que utilizamos os dados do PB em conjunto, a fim de que pudéssemos medir o favorecimento da variante palato-alveolar entre Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ. Em contrapartida, não podemos deixar de evidenciar o índice elevado de *Proportion of application value* (77%) de fricativa palato-alveolar em Florianópolis-SC. Fato esse que nos faz pressupor que em uma rodada estatística somente com os dados de Florianópolis-SC, a variante palato-alveolar possivelmente se mostrará favorável à aplicação da regra. Tendo isso em vista, salientamos que nosso objetivo para a análise da dimensão diatópica era a rodada dos dados em conjunto, justamente para avaliar o índice de favorecimento da palato-alveolar entre as localidades do PB investigadas.

Tabela 1 - Dimensão diatópica - PB

<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Rio de Janeiro-RJ	1.305	385	98%	0,79
Florianópolis-SC	-1.305	384	77%	0,21

Deviance: 454.109

Overall proportion: 87%

R2: 0.407

Fonte: Elaboração própria.

¹⁴⁵ Ressaltamos que todos os informantes de ambas as localidades portuguesas realizaram a fricativa palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 760 dados do PE (378 de Lisboa-PT e 382 de São Jorge-Açores/PT), nos quais a variante palato-alveolar foi produzida categoricamente. Tendo em vista essa categoricidade dos dados referentes à realização do segmento palato-alveolar no PE, acreditamos que a apresentação desses resultados em termos percentuais não seria notável, tanto na análise de variáveis extralinguísticas quanto linguísticas, já que teríamos uma diferença de dois pontos percentuais apenas, ou seja, de 100% de realizações palato-alveolares registradas no PE, 49% ocorreram em Lisboa-PT e 51% ocorreram em São Jorge-Açores/PT.

Não pretendemos retomar toda a contextualização sócio-histórica das comunidades de fala brasileiras e portuguesas, como fizemos no Capítulo 1, mas gostaríamos de trazer alguns tópicos para essa discussão que merecem destaque e que vão nos auxiliar na vinculação dos nossos resultados com o processo de colonização das localidades do PB em questão.

Segundo Teyssier (1984, p. 46), podemos formular vários cenários sobre a difusão das fricativas palato-alveolares em coda silábica no PE. Em um primeiro momento, conforme o autor, “seríamos tentados a ligar o fenômeno à transformação que o sistema das ‘sibilantes’ sofreu no decorrer do século XVI”; em um segundo momento – hipótese mais provável – “os -s e -z implosivos teriam sido inicialmente sibilantes, e, em época mais tardia, compreendida entre o século XVI, é que se teria produzido o chiamento”.

Teyssier (1984) e Silva Neto (1988) concordam em dois pontos sobre a origem da pronúncia palato-alveolar em coda silábica: o primeiro é que a transformação da fricativa alveolar em palato-alveolar ocorreu aproximadamente no século XVII, e o segundo ponto é que a pronúncia palato-alveolar iniciou-se na área meridional de Portugal. Com base nisso, pressupomos que, no século XVII, as fricativas palato-alveolares já eram produzidas no PE, principalmente na área centro-meridional de Portugal, inclusive em Lisboa assim como também no arquipélago dos Açores.

Com relação ao PB, “as importantes levas de colonos a partir do século XVII, no caso do Brasil, depois de expulsos os holandeses, terão bastado para levar a pronúncia” (PRISTA, 1994, p. 221). Podemos considerar, então, que a realização do segmento palato-alveolar iniciou-se, no Brasil, em meados do século XVII e, por volta dos séculos XVIII e XIX, os brasileiros já conheciam tal pronúncia advinda de Portugal, bem como dos Açores (FURLAN, 1989).

Atendendo a essa estimativa sobre a consolidação da pronúncia palato-alveolar no século XVII no PE e no PB, elaboraremos na seção 5.6, na medida do possível, uma correlação linguística das possíveis realizações da fricativa /s/ em coda silábica com a colonização açoriana a partir de 1748 em Florianópolis-SC e com o deslocamento da corte portuguesa ocorrido em 1807-1808 no Rio de Janeiro-RJ.

Para o Rio de Janeiro-RJ, Silva Neto (1976, p. 161) considera ser muito difícil saber se a realização da fricativa palato-alveolar “é um fenômeno ligado à pronúncia padrão lisboeta, ou se, pelo contrário, estamos diante de uma inovação que se operou independentemente cá e lá”. Furlan (1989, p. 109) acredita que o segmento palato-alveolar

desenvolveu-se mais em áreas portuárias dos séculos XVIII e XIX, que tinham forte influência portuguesa. Esse fato, segundo o autor, “constitui indício seguro em favor da primeira hipótese”, levantada por Silva Neto (1976).

Por outro lado, Noll (2008), ao descrever, diacronicamente, a fricativa palato-alveolar no dialeto carioca, nega a hipótese de associar esse fenômeno com a pronúncia da Corte portuguesa. Para isso, o autor apoia-se nos seguintes argumentos: (i) há testemunhos de que o PE era estigmatizado no território brasileiro (o que dificultaria a assimilação de traços linguísticos europeus pelos brasileiros); (ii) não há testemunhos de que nessa época o PB no Rio de Janeiro já começava a realizar a fricativa palato-alveolar, já que no falar carioca essa pronúncia só começa a ser testemunhada no início do século XX, em classes altas; (iii) não há nenhuma outra característica do PE (em especial a redução das vogais átonas, fenômeno que ocorreu na Europa no começo do século XIX) que se tenha transferido para o PB carioca; (iv) o curto período de permanência da Corte no Rio de Janeiro não favorece a referida hipótese; (v) o encontro consonantal *-sc-* (*descer, nascer*) é pronunciado no dialeto carioca como fricativa alveolar /s/, e não como palato-alveolar [ʃ], tal como é no PE, o que seria de se esperar se a realização da fricativa palato-alveolar carioca fosse uma consequência desse contato; e, finalmente, (vi) a distribuição dessa produção palato-alveolar não se restringe ao Rio de Janeiro e áreas adjacentes, mas é encontrado também no litoral de Santa Catarina, nas cidades de Santos, Recife, na Baixada Cuiabana e em Belém, ou seja, em áreas não contíguas ao Rio de Janeiro.

Com base nisso, acreditamos, assim como Noll (2008), que a pronúncia da fricativa palato-alveolar não se propagou por meio do falar carioca para as outras localidades brasileiras, o que configura o último argumento do autor. No entanto, admitimos, conforme Furlan (1989), que ocorreu uma assimilação dessa produção palato-alveolar em consequência da comunicação marítima dos séculos XVIII e XIX, fato esse que explicaria a realização da fricativa palato-alveolar, também, em Santos, Salvador, Recife, Fortaleza, Belém, Manaus e na Baixada Cuiabana.

Com relação aos outros argumentos de Noll (2008), acreditamos que há uma contradição entre o primeiro e o segundo argumentos, visto que o autor relata, no primeiro deles, que o PE era estigmatizado no território brasileiro; e, no segundo argumento, o autor afirma que a produção palato-alveolar começou a ser realizada no início do século XX por pessoas pertencentes à classe alta. Portanto, como que uma variedade,

no caso o PE, ora é estigmatizada ora é realizada por pessoas pertencentes à classe alta?

No quinto argumento, Noll (2008) afirma que o encontro consonantal *-sc-* é pronunciado no dialeto carioca como fricativa alveolar, e não como palato-alveolar, tal como é no PE, o que seria de se esperar se a realização da fricativa palato-alveolar carioca fosse uma consequência desse contato. Nosso contra-argumento é o de que não é em todo o território português que o encontro consonantal *-sc-* é realizado como fricativa palato-alveolar, já que em algumas regiões nórdicas portuguesas esse encontro consonantal é realizado como fricativa alveolar, tal qual no PB. Além disso, quando dizemos “Corte portuguesa” não estamos nos referindo somente aos membros da realeza, mas também aos serviços que acompanhavam a realeza e que, provavelmente, tiveram mais contato com os habitantes do Rio de Janeiro daquela época. Com base nisso, podemos pressupor que faziam parte da “Corte portuguesa” algumas pessoas nórdicas que levaram consigo a realização alveolar para o referido encontro consonantal mencionado por Noll (2008). Fato esse que poderia ser outra característica do PE que se tenha transferido para o PB carioca, o que contraria o terceiro argumento do autor.

Além disso, o quarto argumento versa sobre o curto período de permanência da Corte no Rio de Janeiro o que, segundo Noll (2008), não favoreceria a realização palato-alveolar. Com relação a esse argumento, sabemos que se a variedade é carregada de prestígio passa a ser imitada pelos seus pares que procuram se aproximar do referido grupo ou da referida comunidade. A exemplo disso, citamos o estudo de Martha’s Vineyard feito por Labov (1963) em que há um grupo linguisticamente influenciado pelo prestígio social que atribui ao status do cidadão proveniente de áreas mais desenvolvidas.

Como se verifica, há opiniões diversas sobre o momento, a procedência e a expansão da produção da fricativa palato-alveolar no território brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro-RJ. Nossa posição sobre esse tema tem respaldo nos relatos de Furlan (1989, p. 109), o qual afirma que no início do século XIX, quando a realização da fricativa palato-alveolar já tinha atingido amplas áreas do centro e do sul de Portugal, incluindo Lisboa, o “profundo reoportuguesamento que se operou no Rio de Janeiro a partir de 1808, quando para lá se transferiu a corte de D. João VI” foi um fato significativo para a língua, “cuja pronúncia certamente terá servido de modelo culto” para os habitantes que residiam no Rio de Janeiro naquela mesma época.

Além disso, ainda sobre os segmentos palato-alveolares produzidos no PB e no PE, apontamos uma consequência política desse

contato linguístico. Assim, conforme Wehling et al. (1994), os estudos que eram implantados no século XIX seguiam a direção de que a língua portuguesa falada e escrita no Rio de Janeiro era diferente da língua falada e escrita pelos portugueses. Assim, décadas após a época pombalina, as línguas foram sendo substituídas pela língua portuguesa, pois, como afirma Furlan (1989), a pronúncia dos portugueses passou a ser o modelo imitado pela população.

Voltemos a Tabela 1, mais especificamente à diferença entre os resultados do Rio de Janeiro-RJ e de Florianópolis-SC. Tal diferença, ao que parece, está relacionada ao processo de urbanização sofrido pelas localidades em questão. Florianópolis e Rio de Janeiro são regiões de grande interação sócio-cultural-espacial com pessoas provenientes de outras localidades, que encontram nesses locais espaço para vivenciar práticas turísticas e/ou profissionais e/ou educacionais. Como o contato linguístico não é com pessoas das mesmas regiões, a realização da fricativa alveolar não segue o mesmo curso, assim como não teve a mesma origem.

Florianópolis-SC, em particular, tem como estado vizinho o Rio Grande do Sul que realiza categoricamente a variante fricativa alveolar, e que, a partir da década de 80, sofre com o elevado contingente de pessoas que migram para a capital catarinense, fato que poderia justificar o baixo índice de peso relativo para a fricativa palato-alveolar encontrado nessa localidade em comparação ao registrado para a localidade carioca.

Salientamos que a relação de interação entre a dimensão diatópica e as outras dimensões será discutida nas próximas seções. A seção seguinte apresenta os resultados para a variável linguística contexto precedente à fricativa, considerada estatisticamente relevante para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.3 Contexto precedente à fricativa

A variável contexto precedente à fricativa foi a segunda variável selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul. Em relação à variável contexto seguinte à fricativa (terceira selecionada), a maior relevância estatística de contexto precedente se justifica pelo fato de que a fricativa /s/ e o contexto vocálico indutor estão na mesma sílaba e pertencem à mesma unidade subsilábica, a rima. Esse fato lhe confere restrições fonotáticas mais estreitas, de acordo com o Princípio do Constituinte Imediato (SELKIRK, 1982) (ver Capítulo 3, seção 3.2.2.1).

Os fatores da variável contexto precedente à fricativa estão reunidos na Tabela 2, conforme (CLEMENTS, 1991). Em um exame inicial, notamos que nossos resultados corroboram a afirmação de Bhat (1978) de que a palatalização das sibilantes é favorecida tanto por vogais posteriores (labial e dorsal) quanto por vogais frontais (coronal) precedentes, cujos pesos relativos em nossos dados são bastante próximos. Conclui-se, diante disso, que tanto o movimento de elevação da lâmina da língua em direção ao palato duro quanto o consequente movimento de retração sofrido pelo corpo da língua são importantes para o processo.

De outro modo, conforme se vê na Tabela 2 o fator vogal labial [u, o, ɔ] (lu[ʃ]; co[ʃ]tas), embora apresente peso relativo (0,52), ou seja, bastante próximo ao ponto de referência, é o fator que mais indica favorecimento da produção palato-alveolar. De outra parte, os fatores vogal dorsal [a] (madra[ʃ]ta), com peso relativo neutro 0,50, e vogal e glide coronal [j, i, e, ɛ] (de[ʒ]vio; canai[ʃ]), com peso relativo de 0,49, surgem como os fatores que menos propiciam a realização da fricativa palato-alveolar nos dados referentes ao PB. Conclui-se, assim, que os resultados apresentados na Tabela 2 não confirmam nossa hipótese geral sobre o predomínio do contexto vocálico coronal precedente à fricativa, com relação à produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB¹⁴⁶.

Ressaltamos que não contabilizamos na análise estatística os dados correspondentes ao fator ausência de vogal precedente à fricativa, visto que, conforme a análise dos nossos dados, verificamos que o núcleo vazio é preenchido com uma vogal que é geralmente a vogal [i] (MATEUS; D'ANDRADE, 2000). Além disso, os dados referentes à contóide (perspectiva) foram muito escassos, o que nos fez excluir tais dados da amostra e manter somente o contexto vocálico precedente à fricativa. Os dados relacionados à / e / → [i] ([i])querdo ~ [eʃ]querdo), [

¹⁴⁶ Salientamos que todos os informantes, independentemente do contexto precedente à fricativa, realizaram o segmento palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 385 dados (191 de Lisboa-PT e 194 de São Jorge-Açores/PT) referentes ao contexto em que a fricativa palato-alveolar segue uma vogal ou glide coronal, 205 dados (98 de Lisboa-PT e 107 de São Jorge-Açores/PT) em que a fricativa palato-alveolar é precedida por vogal dorsal e 169 dados (88 de Lisboa-PT e 81 de São Jorge-Açores/PT) em que a variante palato-alveolar segue uma vogal ou glide labiais, nos quais o segmento palato-alveolar foi produzido categoricamente.

i] epentético (su[b_if]título ~ su[b_f]título) e / o / → [u] (fi[λo] ~ fi[λo]) foram codificados sem distinção dos demais dados.

Tabela 2 – Contextos vocálicos precedentes à fricativa - PB

Contextos vocálicos precedentes à fricativa - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Vogal labial	0.033	185	87%	0,52
Vogal dorsal	0.007	138	87%	0,50
Vogal e glide coronal	-0.041	446	88%	0,49

Deviance: 439.128

Overall proportion: 87%

R²: 0.532

Fonte: Elaboração própria.

A proximidade dos resultados apresentados pelos fatores vogal labial (0,52), vogal dorsal (0,50) e vogal e glide coronal (0,49) parece indicar que dois movimentos articulatórios são fundamentais para a facilitação da produção palato-alveolar em posição de coda no PB: um certo grau de elevação da lâmina da língua e a retração do corpo da língua. Assim, parece que a variante palato-alveolar tende a ser mais favorecida por contextos vocálicos labiais precedentes que, portanto, promovem a retração do corpo da língua e o levantamento desse articulador.

Por meio da interação entre as variáveis contexto precedente à fricativa e diatopia, apresentada no Gráfico 16, observamos que tanto para os informantes florianopolitanos quanto para os informantes cariocas a realização da variante palato-alveolar foi mais significativa do que a sua não aplicação, visto os pesos relativos estarem sempre acima do ponto de referência para ambas as localidades do PB. Além disso, podemos observar um comportamento bastante equilibrado em termos de valores de peso relativo nas duas localidades brasileiras em estudo.

Apuramos, na rodada estatística com os dados das duas localidades do PB em conjunto, que entre os dados examinados para a região de Florianópolis-SC há igualdade entre os contextos precedentes condicionantes da produção palato-alveolar. Os contextos precedentes à fricativa que envolvem vogal e glide coronal [j, i, e, ε] (0,78), vogal labial [u, o, ɔ] (0,77) e vogal dorsal [a] (0,76) apresentam pesos relativos muito

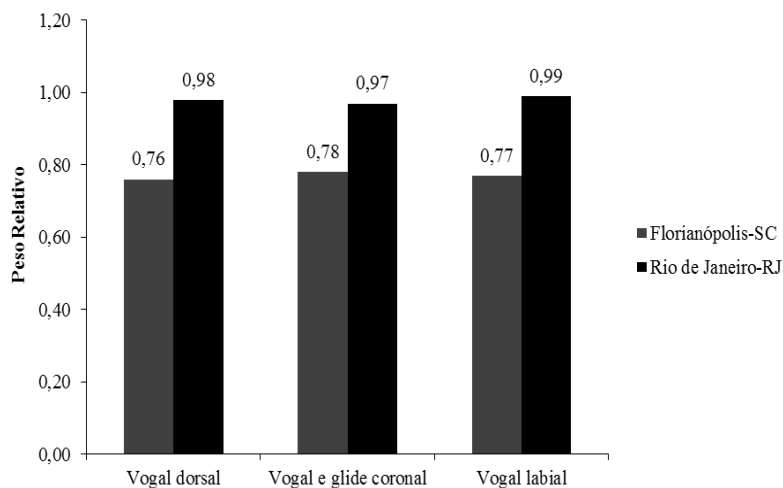
próximos. Resultados semelhantes foram verificados na rodada estatística só com os dados de Florianópolis-SC¹⁴⁷, tendo em vista que os fatores vogal e glide coronal [j, i, e, ε] (0,52), vogal labial [u, o, ɔ] (0,49) e vogal dorsal [a] (0,48) também apresentam pesos relativos muito aproximados. No entanto, os contextos precedentes que contemplam vogal e glide coronal foram os contextos que apresentaram peso relativo mais elevado, por consequência apontam um favorecimento um pouco maior do que ou outros contextos vocálicos precedentes à fricativa. Esses resultados confirmam nossa hipótese para o contexto precedente à fricativa com relação à localidade de Florianópolis-SC, dado que dentre os estudos resenhados na revisão da literatura a maioria deles indica o contexto precedente de vogal coronal como o mais significativo para a produção do segmento palato-alveolar em coda silábica.

Na localidade do Rio de Janeiro-RJ ocorre uma realidade análoga, já que os contextos precedentes à fricativa de vogal labial [u, o, ɔ] (0,99), vogal dorsal [a] (0,98) e de vogal e glide coronal [j, i, e, ε] (0,97) apresentam pesos relativos estreitos. Entretanto, são os contextos precedentes que contemplam vogal labial os mais relevantes para a realização do segmento fricativo em estudo. Esses resultados não confirmam nossa hipótese para o contexto precedente à fricativa com relação à localidade do Rio de Janeiro-RJ, dado que, de acordo com os estudos resenhados na revisão da literatura, o contexto precedente de vogal coronal, assim como em Florianópolis-SC, seria o mais significativo para a produção do segmento palato-alveolar em coda silábica.

Tendo em vista que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados (0,99 para os contextos precedentes de vogal labial; 0,98 para os contextos precedentes de vogal dorsal; e 0,97 para os contextos precedentes de vogal e glide coronal), podemos fazer uma aproximação em termos de contexto precedente à fricativa dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para todos os contextos vocálicos precedentes à fricativa em questão.

¹⁴⁷ Ressaltamos que os resultados para a localidade do Rio de Janeiro-RJ, são quase categóricos, este fato faz com que em alguns momentos da análise apresentamos rodadas estatísticas que contemplam só os dados da localidade de Florianópolis-SC, a fim de verificar se o resultado se mantém.

Gráfico 16 - A variante palato-alveolar, o contexto precedente à fricativa e a dimensão diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e levando em consideração os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1) quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, cujos pesos relativos mais elevados foram obtidos nos contextos precedentes constituídos por vogal e glide coronal nossos resultados corroboram os resultados constatados por Bassi (2011).

Para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver Capítulo 2, seção 2.2), nossos resultados divergem dos resultados alcançados por Bassi (2011), que indicou os contextos precedentes de vogal coronal como os mais frequentes para a realização palato-alveolar. No presente estudo, constatamos que os contextos precedentes de vogal labial são os mais significativos para a produção palato-alveolar em coda silábica. Vale ressaltar, todavia, que os nossos resultados referentes ao contexto precedente à fricativa com relação ao Rio de Janeiro-RJ, apresentados no Gráfico 16, relatam uma proximidade maior em termos de favorecimento à realização palato-alveolar do que os resultados referentes à localidade de Florianópolis-SC, haja vista que no Rio de Janeiro-RJ os resultados apresentados são praticamente categóricos assim como os resultados registrados para o PE.

A fim de investigar, com relação ao contexto precedente à fricativa, se o segmento palato-alveolar no PB é mais favorecido por vogal [-posterior] [j, i, e, ε] ou por vogal [+posterior] [u, o, ɔ] acrescido da vogal [a], vejamos a Tabela 3, que apresenta o comportamento desses fatores da variável linguística contexto precedente por meio de amálgama distinta da apresentada na Tabela 2 e no Gráfico 16.

Tabela 3 – Contextos precedentes à fricativa - PB

Contextos precedentes à fricativa - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Vogal [+posterior]	0.032	323	87%	0,52
Vogal [-posterior]	-0.032	446	88%	0,49

Deviance: 439.133

Overall proportion: 87%

R2: 0.532

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados exibidos na Tabela 3, em que vogais [+posterior] [u, o, ɔ, a] (ônibus[ʃ]; go[ʃ]to) e vogais [-posterior] [j, i, e, ε] (feli[ʃ]; re[ʃ]pondeu) são consideradas, apontam que os contextos precedentes formados por vogal [+posterior] são os mais relevantes (0,52) para a realização da variante palato-alveolar em coda silábica no PB. Abaixo desse valor e do ponto de referência, situam as vogais [-posterior], com peso relativo de 0,49. Esse resultado reforça o resultado exibido na Tabela 2, no qual o contexto precedente constituído por vogal labial [u, o, ɔ] foi o mais favorecedor para a produção palato-alveolar em coda silábica no PB.

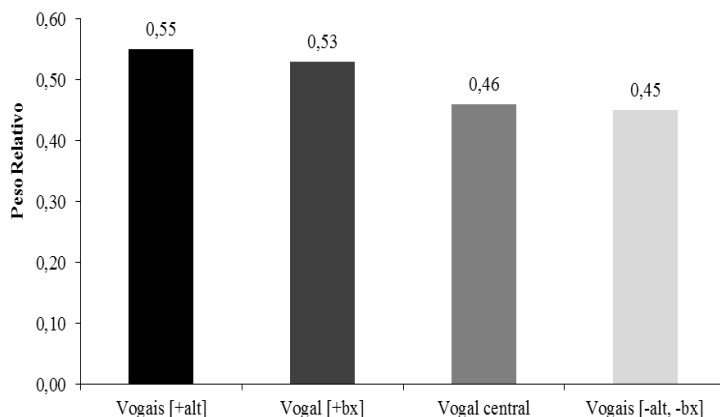
Sobre o comportamento favorável à realização da fricativa palato-alveolar em contextos precedentes formados por vogais labiais e/ou vogais [+posterior], com exceção da vogal [a], incluímos uma justificativa acústica. Desse modo, salientamos que tanto esse grupo de segmentos quanto o das fricativas palato-alveolares são ambos produzidos pela atuação do conjunto particular de músculos que realizam o fechamento dos lábios (HALLE; STEVENS, 1979), associados, do ponto de vista acústico, à queda nas frequências do segundo e terceiro

formantes, principalmente (BROSNAHAN; MALMBERG, 1970). Tendo em vista que as fricativas palato-alveolares apresentam frequências mais baixas do que as fricativas alveolares (ver Capítulo 5, seção 5.6.4.2), poderíamos considerar, portanto, que a protusão e o arredondamento labiais verificados em [u, o, ɔ] contribuem para abaixar frequências de fricativas alveolares contíguas, facilitando, assim, a produção de fricativas palato-alveolares em coda silábica.

Por outro lado, em rodada estatística que considera somente os dados da localidade de Florianópolis-SC obtivemos um resultado diferente. Assim, os contextos precedentes formados por vogal [-posterior] são um pouco mais relevantes (0,51) para a realização da variante palato-alveolar em coda silábica do que os contextos precedentes formados por vogal [+posterior] (0,48). Vejamos que, nesse caso, a diferença ocorre no fator que condiciona a variante palato-alveolar no contexto precedente na localidade catarinense, mas os pesos relativos continuam bastante próximos e ao redor do ponto de referência, assim como nos dados apresentados para o PB na Tabela 3.

A associação dos fatores da variável linguística contexto precedente à fricativa de acordo com o traço de altura, conforme expõe o Gráfico 17, mostra que são os contextos precedentes vocálicos [+alto] [i, u] (fi[ʃ]cal; assu[ʃ]tavam) e [+baixo] [a] (ca[ʃ]pa) os que apresentam pesos relativos indicativos de favorecimento (0,55 e 0,53, respectivamente). Os contextos precedentes vogal central [ɐ] (hora[ʃ]) e vogais [-alto, -baixo] [e, ɛ, o, ɔ] (me[ʒ]ma; co[ʃ]tureira) exibem pesos relativos mais baixos (0,46 e 0,45, respectivamente), apontando para uma tendência comparativamente menos favorecedora.

Gráfico 17 - A variante palato-alveolar e o contexto precedente à fricativa dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Em contrapartida, em rodada estatística só com os dados da localidade de Florianópolis-SC obtivemos um resultado parcialmente diferente, visto que os contextos precedentes vocálicos [+alto] [i, u] e vogal central [ɐ] são os que apresentam pesos relativos indicativos de favorecimento (0,58 e 0,54, respectivamente). Os contextos precedentes vogal [+baixo] [a] e vogais [-alto, -baixo] [e, ɛ, o, ɔ] exibem pesos relativos mais baixos (0,46 e 0,41, respectivamente), apontando para uma tendência comparativamente menos favorecedora. Vejamos que a diferença ocorre no condicionamento da vogal central [ɐ], que no resultado para os dados do PB apresentados no Gráfico 17 não se mostrou favorecedora. Já o contexto precedente formado por vogal [+alto] [i, u] condiciona a fricativa palato-alveolar, tanto nos dados que contemplam só a localidade de Florianópolis-SC quanto nos dados que abrangem o PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ).

Averiguamos, diante dos resultados apresentados para o PB, que os contextos precedentes favorecedores são formados por vogal labial, vogal [+posterior] e por vogal [+alto]. Tal resultado geral parece mostrar, do ponto de vista articulatório, que a vogal antecedente mais indicativa da produção da variante palato-alveolar é aquela em que o maior volume

do corpo da língua está um tanto mais elevado no trato oral em relação à posição de repouso e um tanto recuado. Esse fato contribui para a configuração do formato cupulado de língua característico de segmentos palato-alveolares [ʃ, ʒ] e para a localização da constrição coronal (aproximação entre lâmina da língua e borda da arcada alveolar) mais para trás no trato oral em comparação a segmentos alveolares [s, z].

Observamos, diante dos resultados apresentados somente para a localidade de Florianópolis-SC, tendo em vista que os resultados para o Rio de Janeiro-RJ foram quase categóricos, que os contextos precedentes favorecedores são formados por vogal labial, vogal [-posterior], vogal [+alto] e por vogal central. Esse resultado não confirma o resultado geral no que tange ao maior condicionamento para os contextos precedentes formados por vogal [-posterior] e por vogal central.

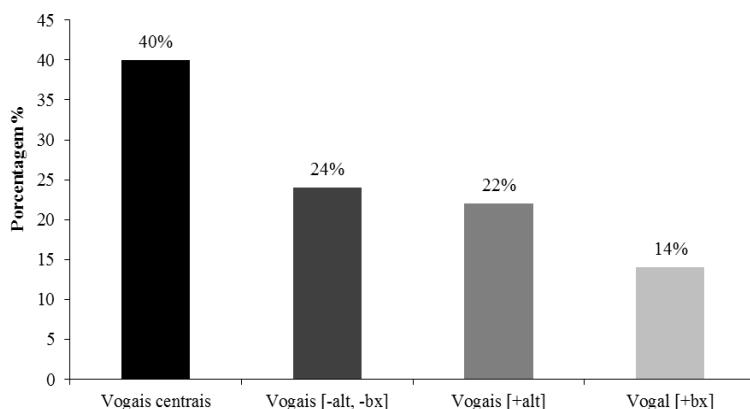
Vale ressaltar, entretanto, o papel relativamente saliente do contexto precedente formado por vogais [+alto], relacionado especificamente à vogal [i], que, acusticamente, refere-se ao posicionamento do maior volume do corpo da língua na área mais anterior do trato oral, o que torna um pouco mais custoso o movimento de retração do corpo da língua, de importância para a produção da variante palato-alveolar. Averiguamos, em uma análise isolada dos fatores que compõem a variável linguística contexto precedente, que a vogal [i] obteve peso relativo de 0,72, o mais elevado entre os contextos vocálicos precedentes investigados. Este fato torna essa vogal relevante para a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica no PB.

Conclui-se, pois, que o contexto vocálico precedente referente aos traços relacionados com o corpo da língua, mais especificamente o traço de elevação (altura), mostra-se mais relevante do que os traços de retração, como o traço [posterior]. Esse resultado é comprovado por meio dos valores de peso relativo mais elevados para os contextos vocálicos precedentes de vogais [+alto] (0,55) em comparação com o peso relativo obtido para o contexto precedente de vogal [+posterior] (0,52), no que toca à realização da fricativa palato-alveolar no PB. Da mesma forma, nos dados de Florianópolis-SC nos quais os contextos vocálicos precedentes de vogais [+alto] (0,58), em confronto com o peso relativo registrado para o contexto precedente de vogal [-posterior] (0,51), apresentaram um condicionamento maior para a realização da fricativa palato-alveolar.

O Gráfico 18 demonstra que os dados dos informantes portugueses apresentam resultado diferente daquele evidenciado no Gráfico 17. Podemos verificar que os percentuais referentes ao PE, quando a fricativa palato-alveolar sucede vogais centrais [ɐ, i]

(hóspede[ʃ]; cócega[ʃ]) são mais altos (40%) do que nos outros contextos precedentes à fricativa. Nos resultados em que a variante palato-alveolar segue vogais [-alt, -bx] [e, ε, o, ɔ] (fe[ʃ]ta; fó[ʃ]foro) (24%) e vogais [+alt] [i, u] (tri[ʃ]te; bu[ʃ]car) (22%), os percentuais de ocorrência são bastante próximos e mais baixos do que nos contextos precedentes de vogais centrais [ɐ, i]. Os contextos precedentes de vogais [+bx] [a] (desa[ʃ]tres) (14%) foram os contextos que obtiveram frequências mais baixas com relação à realização da variante palato-alveolar em coda silábica. Ressaltamos que no Gráfico 18¹⁴⁸ a análise é percentual e, como tal, não indica favorecimento ou tendência, mas apenas o número relativo de ocorrências dos contextos precedentes ao segmento fricativo.

Gráfico 18 - A variante palato-alveolar e o contexto precedente à fricativa dos informantes do PE



Fonte: Elaboração própria.

¹⁴⁸ Destacamos, entre outras coisas, que achamos importante trazer o Gráfico 18 para a análise, visto que, apesar dos dados do PE apresentarem categoricidade, com relação à realização da variante palato-alveolar, os resultados retratados no presente gráfico demonstram uma diferença percentual bastante elevada quando apresentamos a amálgama dos fatores da variável linguística contexto precedente à fricativa. Assim, sempre que houver diferença elevada entre os percentuais de ocorrência dos dados referentes ao PE, faremos a explanação dos resultados por meio de gráficos de frequência (percentuais).

Em síntese, a análise relativa ao contexto precedente à fricativa revelou as vogais labiais [u, o, ɔ], as vogais [+posterior] [u, o, ɔ, a] e as vogais [+alt] [i, u] são os contextos vocálicos precedentes responsáveis pela produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Tendo em consideração a importância estatística da vogal [i], que obteve o maior peso relativo (0,72) dentre os contextos vocálicos precedentes analisados, no que concerne à produção da variante palato-alveolar no PB, não podemos afirmar que os contextos indutores são somente os que promovem a retração do corpo da língua e o levantamento desse articulador, visto que a vogal [i] é [-posterior]. Com relação à rodada estatística apenas com os dados de Florianópolis-SC, notamos que os contextos precedentes favorecedores são formados por vogal labial, vogal [-posterior], vogal [+alto] e por vogal central.

Efetuosmos, ainda, o cruzamento entre o contexto precedente à fricativa e a dimensão diatópica, a fim de analisar se os mesmos resultados seriam reforçados. Com base na análise desse cruzamento, verificamos que os pesos relativos alcançaram valores aproximados em todos os fatores da variável contexto precedente. Contudo, para a localidade de Florianópolis-SC, o contexto vocálico precedente de vogal e glide coronal [j, i, e, ε] é o que mais favorece a realização da variante palato-alveolar. Diferentemente, para o Rio de Janeiro-RJ, o contexto vocálico precedente de vogal labial [u, o, ɔ] é o preferido no que concerne à produção palato-alveolar em coda silábica. Com relação aos resultados referentes ao PE, verificamos que são os contextos vocálicos precedentes de vogais centrais [ɐ, i] os mais frequentes para a realização da fricativa palato-alveolar.

A seção seguinte apresenta os resultados para a variável linguística contexto seguinte à fricativa, considerada relevante estatisticamente para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.4 Contexto seguinte à fricativa

A variável contexto seguinte à fricativa foi a terceira variável selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul. Os resultados, apresentados na Tabela 4, não confirmam nossa hipótese geral sobre o favorecimento das consoantes dorsais seguintes à fricativa com relação à produção da variante palato-alveolar em posição

de coda no PB¹⁴⁹. Os resultados da Tabela 4 indicam que o contexto seguinte de pausa ou ausência de contexto seguinte (cócega[ʃ]; gi[ʃ]), com peso relativo de 0,72, surge como o contexto que mais motiva a produção palato-alveolar em coda silábica.

Os contextos seguintes formados por consoantes labiais (ca[ʃ]pa; de[ʃ]vio) e consoantes dorsais (e[ʃ]cola; ra[ʃ]gar) apresentam peso relativo de 0,48 e 0,43, respectivamente, o que caracteriza o não favorecimento das fricativas palato-alveolares por tais contextos seguintes. Os contextos seguintes de consoantes coronais (e[ʃ]trada; de[ʃ]de), com peso relativo de 0,36, também não indicam tendência a favor da produção palato-alveolar.

Tabela 4 – Contextos consonantais seguintes à fricativa - PB

Contextos consonantais seguintes à fricativa - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Pausa	0.941	240	85%	0,72
Consoante labial	-0.091	177	90%	0,48
Consoante dorsal	-0.285	165	88%	0,43
Consoante coronal	-0.565	187	87%	0,36

Deviance: 510.128

Overall proportion: 87%

R2: 0.556

Fonte: Elaboração própria.

¹⁴⁹ Salientamos que todos os informantes, independentemente do contexto seguinte à fricativa, realizaram o segmento palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 197 dados (94 de Lisboa-PT e 103 de São Jorge-Açores/PT) referentes ao contexto em que a fricativa palato-alveolar precede uma consoante coronal, 241 dados (120 de Lisboa-PT e 121 de São Jorge-Açores/PT) em que a fricativa palato-alveolar é precedida por pausa, 161 dados (80 de Lisboa-PT e 81 de São Jorge-Açores/PT) em que a variante palato-alveolar precede uma consoante dorsal e 160 dados (83 de Lisboa-PT e 77 de São Jorge-Açores/PT) em que a variante palato-alveolar precede uma consoante labial, nos quais o segmento palato-alveolar foi produzido categoricamente.

Ressalvamos que segmentos africados [tʃ, dʒ], pouco usuais no dialeto florianopolitano¹⁵⁰ e no PE, são bastante produtivos no dialeto carioca. Desse modo, esses segmentos estão mais condicionados por fatores regionais do que por fatores linguísticos de modo geral. Além disso, isentamos, também, da análise quantitativa os dados correspondentes ao contexto seguinte vocálico (ônibus urbano), já que há ocorrência massiva da fricativa alveolar sonora [z], a qual, devido à ressilabificação, passa à posição de ataque silábico (onibu[zur]bano).

Ademais, verificamos que contextos seguintes como os expressos em ocorrências do tipo *dois sapos*, *três zebras*, *três chás* e *dois gêmeos* não parecem contribuir significativamente para a produção da variante palato-alveolar em coda silábica no PB. Para justificar esse fato, Guy (1981), com base em dados do português falado no Rio de Janeiro, se vale da regra de assibilação, de acordo com a qual a fricativa /s/ em posição de coda assimila-se a qualquer fricativa alveolar ou palato-alveolar que lhe siga, como se vê em *doi[s s]apos*, *trê[z z]ebras*, *trê[ʃ ʃ]ás* ou *doi[ʒ ʒ]êmeos*. Isto significa que sequências do tipo *doi[ʃ s]apos* ou *trê[ʒ z]ebras*, inexistem na língua.

Com relação ao PE, Mateus (2000) não reconhece tais sequências como usuais. Segundo a autora, em tais contextos ocorre um tipo de simplificação em uma única consoante. Desse modo, sequências como /s ʃ/ ([ʃ ʃ]) e /s s/ ([ʃ s]) tornam-se sempre [ʃ] (*trê[ʃ ʃ]ás*; *doi[ʃ ʃ]apos*) e sequências como /s ʒ/ ([ʒ ʒ]) e /s z/ ([ʒ z]), de modo análogo, simplificam-se em [ʒ] (*doi[ʒ ʒ]êmeos*; *trê[ʒ ʒ]ebras*). Esse processo é esperado, também, em posição interna de palavra, como em *descer* [dĩ'ʃer] e *acrêscimo* [e'krɛʃimu]. Além disso, pode dar origem a geminadas, como se verifica nos exemplos *sabe bem* ([ˈsab:ẽj]) e *disse sim* ([ˈdis:i]).

Com base na análise qualitativa dos nossos dados, notamos, no caso do dialeto florianopolitano e carioca, que os dados referentes a tais contextos não confirmam plenamente as previsões de Guy (1981), para o dialeto carioca, e de Mateus (2000), para o PE. A sequência /s s/ raramente é simplificada em [ʃ], conforme o verificado para o PE por Mateus (2000). As outras sequências possíveis seguem o padrão

¹⁵⁰ Vale ressaltar que Pagotto (2004) registra, em dados de informantes florianopolitanos, 21% de segmentos africados na fala [+urbana] e 30% na fala de informantes da faixa etária de 15 a 23 anos.

encontrado nos dialetos do PB que não palatalizam a fricativa em posição de coda, ou seja, /s z/ realizam-se sempre como [z], /s ʒ/ como [ʒ] e /s ʒ/ como [ʒ].

Vejamos, desse modo, que o processo de simplificação sugerido por Mateus (2000) para o PE não atua da mesma forma no PB. Por tal motivo e levando em consideração que são processos distintos que ocorrem no PE e no PB, aquando da ocorrência dessas sequências específicas, resolvemos não estimar esses dados na análise quantitativa ou estatística dos resultados. Além disso, os dados de ocorrências em que /s s/ em fronteira de palavra se simplifiquem em [ʃ], como em *doi[ʃ]apos*, e da ausência de casos em que /s z/ se simplifiquem em [ʒ], como em *trê[ʒ]ebras*, são muito escassos no PB e no PE.

A ausência de dados dessa natureza indica a não preferência por segmentos idênticos adjacentes, muito comum nas línguas do mundo, justificada pela atuação do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP). Sendo assim, quando duas fricativas [coronal, +anterior] tornam-se adjacentes no nível frasal, preferencialmente se fundem em uma única consoante [coronal, +anterior], como em *doi[s]apos*, na maioria dos dialetos do PB, como aponta também Brescancini (2002). Caso a fricativa na coda seja produzida como uma palato-alveolar, verificam-se as produções de transição, como em *doi[ʃ s]apos* ou o espraçamento do nó Vocálico da consoante da coda para a fricativa alveolar do ataque e desligamento do traço [+anterior] da fricativa do ataque, resultando em *doi[ʃ]apos*, uma alternativa muito rara no PB, mas bastante comum no PE; especialmente nas localidades em que há realização de segmentos áptico-alveolares.

Ademais, não são registrados casos na amostra do PB em que a simplificação ocorre em posição interna de palavra, como em *descer* [diʃer] e *acrêscimo* [v'kreʃimu]. No entanto, a falta de registros ou dados, no que concerne ao processo de simplificação em posição interna de palavra no PB, pode ser justificada por meio de um argumento histórico-linguístico, como apontamos na análise da dimensão diatópica (seção 5.5.2), visto que não é em todo o território português que o encontro consonantal -sc- é realizado como fricativa palato-alveolar. Em regiões nórdicas portuguesas, por exemplo, esse encontro consonantal é realizado como fricativa alveolar, tal qual no PB.

Retornemos, agora, para a análise da variável linguística contexto seguinte. A fim de estabelecer uma relação de oposição entre contextos favorecedores no caso o contexto seguinte de pausa e contextos menos

favorecedores [+anterior, -alto] e [-anterior, +alto], apresentamos um quadro mais geral do comportamento da variável contexto seguinte na Tabela 5. Vale salientar que, quando nos referimos ao contexto [+anterior, -alto], estamos nos referindo à amálgama feita com as consoantes labiais /p, b, f, v, m/ e coronais /t, d, n, l, r, ɾ/. Todavia, quando mencionamos o contexto [-anterior, +alto] estamos nos reportando às consoantes dorsais /k, g, x, ɣ, ʔ, ʀ/.

Tabela 5 – Contextos seguintes à fricativa - PB

Contextos seguintes à fricativa - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Pausa	0.978	240	85%	0,73
[-anterior, +alto]	-0.451	165	88%	0,39
[+anterior, -alto]	-0.527	364	89%	0,37

Deviance: 511.609

Overall proportion: 87%

R²: 0.554

Fonte: Elaboração própria.

Com se observa os pesos relativos para os fatores [-anterior, +alto] (0,39) e [+anterior, -alto] (0,37) estão mais aproximados e, se comparados ao fator pausa (0,73), notamos que somente o contexto seguinte pausa aponta para o favorecimento, enquanto que os outros dois contextos indicam a não relevância. Acreditamos que a conjugação dos traços do SPE [anterior] e [alto] é necessária para a melhor descrição do papel do contexto seguinte na realização da fricativa palato-alveolar em discussão, visto que traz uma visão mais ampla dos resultados.

Por outro lado, em rodada estatística que considera somente os dados da localidade de Florianópolis-SC obtivemos resultado diferente. Assim, os contextos seguintes formados por consoantes [+anterior, -alto] (*log-odd* 4.303)¹⁵¹ e [-anterior, +alto] (4.238) são mais relevantes para a

¹⁵¹ Os *Log-odds* são os coeficientes do modelo de regressão, positivos e negativos, sendo que quanto maior o número, maior o efeito. Assim, *lod-odds* positivos indicam que o fator é favorável à aplicação da regra, *log-odds* negativos indicam que o fator tem efeito desfavorecedor e *log-odds* 0 (zero) indicam efeito neutro daquele fator (JOHNSON, 2012). Vale salientar que, especialmente nos resultados que contemplam a rodada de dados que considera apenas a localidade

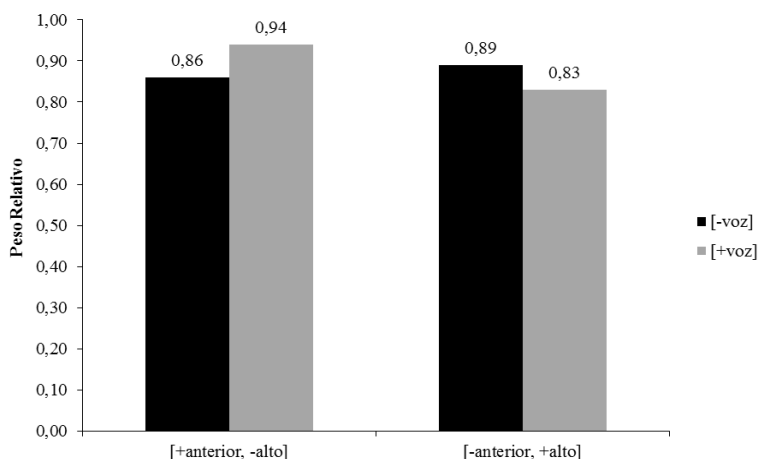
realização da variante palato-alveolar em coda silábica do que os contextos seguintes formados por pausa (-8.541). Vejamos que, nesse caso, a diferença ocorre nos fatores que condicionam a variante palato-alveolar nos contextos seguintes formados por consoantes, diferentemente dos resultados obtidos para o PB, registrados na Tabela 5, nos quais o favorecimento ocorre no contexto seguinte formado por pausa.

Uma possível explicação para a discrepância entre o peso relativo referente ao contexto seguinte pausa (0,73) em relação aos contextos [-anterior, +alto] (0,39) e [+anterior, -alto] (0,37), tendo em vista os resultados alcançados para o PB, parece estar no papel do traço [voz] não-marcado, atribuído por regra *default* no nível pós-lexical quando nenhuma consoante ou vogal segue a fricativa na coda silábica, circunstância que justifica a maior relevância do fator pausa em comparação com os outros contextos seguintes à fricativa.

Em vista disso, podemos observar, então, que o contexto seguinte pausa é influenciado diretamente pelo traço [voz] não-marcado que está aliado à não contiguidade imediata de contexto seguinte. Ressaltamos que devido a questões de ortogonalidade entre as variáveis contexto seguinte à fricativa e traço [voz] do contexto seguinte, especialmente entre os fatores pausa da variável contexto seguinte e o traço [-voz] do contexto seguinte, faremos o cruzamento entre essas duas variáveis linguísticas a fim de verificar em quais contextos seguintes, [+anterior, -alto] ou [-anterior, +alto], com relação ao traço [voz] seguinte à fricativa, [-voz] ou [+voz], a realização do segmento palato-alveolar é mais favorecida. Vejamos o Gráfico 19 que apresenta o cruzamento proposto.

de Florianópolis-SC, em alguns momentos apresentamos peso relativo e noutros *log-odd*, visto que obtivemos como parâmetro para escolha o índice de medida que melhor apresentasse o resultado – seja, portanto, peso relativo ou *log-odd*.

Gráfico 19 - A variante palato-alveolar, o contexto seguinte à fricativa e o traço [voz] seguinte dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar no Gráfico 19 que entre o contexto [+anterior, -alto], ou seja, o contexto seguinte que mais motiva a produção da variante palato-alveolar, os contextos [+voz] seguintes são os preferidos (0,94). De forma contrária, entre o contexto [-anterior, +alto], os contextos [-voz] seguintes (0,89) são os eleitos como mais favorecedores da realização da fricativa palato-alveolar. Ressaltamos que no contexto seguinte [+anterior, -alto] o traço [-voz] seguinte alcança peso relativo elevado (0,86), ou seja, favorece menos a variante palato-alveolar do que o traço [+voz] nesse mesmo contexto seguinte. Da mesma forma, no contexto seguinte [-anterior, +alto], no qual o traço [+voz] seguinte obteve peso relativo elevado (0,83), verifica-se valor menos favorável à fricativa palato-alveolar quando ocorre o traço [-voz] no mesmo contexto seguinte.

Esse mesmo resultado é obtido em rodada estatística só com dados de Florianópolis-SC, visto que os contextos seguintes formados por consoantes [+anterior, -alto], contexto seguinte que mais motiva a produção da variante palato-alveolar em Florianópolis-SC, os contextos [+voz] seguintes (0,90) são mais favorecedores da produção palato-alveolar do que os contextos [-voz] seguintes (0,75). Já os contextos seguintes formados por consoantes [-anterior, +alto], os contextos [-voz]

seguintes (0,80) são mais favorecedores da realização palato-alveolar do que os contextos [+voz] seguintes (0,69).

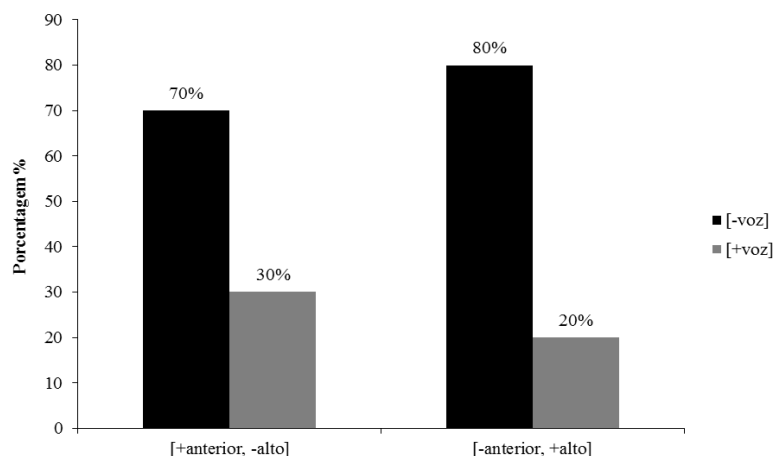
À vista disso, vejamos, que no contexto [+anterior, -alto] os contextos [+voz] seguintes são os que mais motivam a realização da fricativa palato-alveolar. Todavia, no contexto [-anterior, +alto] os contextos [-voz] seguintes são os responsáveis pela produção palato-alveolar. Com base nessa afirmação, e tendo em vista que esse resultado é decorrente do cruzamento entre as variáveis linguísticas contexto seguinte à fricativa e traço [voz] seguinte, podemos dizer que são os contextos seguintes [+anterior, -alto] [+voz], ou seja, os contextos constituídos por consoantes labiais vozeadas /b, v, m/ e coronais vozeadas /d, n, l, r, r/, os mais relevantes na produção da fricativa palato-alveolar nos dados do PB e nos dados somente de Florianópolis-SC.

Por outro lado, no Gráfico 20, referente à análise em termos percentuais dos dados do PE, constatamos que entre o contexto [-anterior, +alto], ou seja, o contexto seguinte que, nesse caso, é mais frequente para a produção da variante palato-alveolar, os contextos [-voz] seguintes apresentam maior frequência de uso (80%). Da mesma forma, entre o contexto [+anterior, -alto], no qual os contextos [-voz] seguintes (70%) são os que apontam maiores ocorrências de uso da variante palato-alveolar. Ressaltamos que os contextos [+voz] seguintes à fricativa, nos dois contextos seguintes analisados [+anterior, -alto] e [-anterior, +alto], obtiveram percentuais mais baixos, 30% e 20%, respectivamente¹⁵².

À vista disso, vejamos que, tanto no contexto [+anterior, -alto] quanto no [-anterior, +alto], os contextos [-voz] seguintes são os mais recorrentes para a produção palato-alveolar em coda silábica. Com base nessa afirmação, e tendo em vista que esse resultado é derivado do cruzamento entre as variáveis linguísticas contexto seguinte à fricativa e traço [voz] seguinte, podemos dizer que é o contexto [-anterior, +alto, -voz], ou seja, o contexto constituído por consoantes dorsais desvozeadas /k, x/, o mais usual para a produção da fricativa palato-alveolar no PE.

¹⁵² Salientamos que apresentamos, no Gráfico 20, a análise em percentual, ou seja, não indicamos aqui favorecimento ou tendência, mas apenas o percentual de ocorrência dos contextos seguintes com relação ao traço [voz] seguinte em que a fricativa pode ocorrer na palavra.

Gráfico 20 - A variante palato-alveolar, o contexto seguinte à fricativa e o traço [voz] seguinte dos informantes do PE



Fonte: Elaboração própria.

Por meio da interação entre as variáveis contexto seguinte à fricativa e diatopia, apresentada no Gráfico 21, observamos que tanto para os informantes florianopolitanos quanto para os informantes cariocas a realização da variante palato-alveolar foi mais significativa do que a sua não aplicação, visto os pesos relativos estarem sempre acima do ponto de referência para ambas as localidades do PB. Além disso, podemos observar um comportamento bastante equilibrado em termos de valores de peso relativo nas duas localidades brasileiras em estudo.

Por outro lado, entre os dados examinados para a região de Florianópolis-SC, há diferenças entre os contextos condicionantes da produção palato-alveolar. Os contextos seguintes de consoantes labiais (0,83) e dorsais (0,78) são os contextos mais relevantes para a realização do segmento fricativo em estudo. Em contrapartida, os contextos seguintes de consoantes coronais e pausa apresentam pesos relativos idênticos (0,75) e elevados, porém não são tão favorecedores quanto os contextos seguintes de consoantes labiais e dorsais. Esse fato confirma, em parte, nossa hipótese para o contexto seguinte à fricativa com relação à localidade de Florianópolis-SC, dado que a maioria dos estudos resenhados na revisão da literatura aponta o contexto seguinte de consoantes dorsais como os mais significativos para a produção do segmento palato-alveolar em coda silábica.

Esse mesmo resultado é obtido, parcialmente, em rodada estatística só com dados de Florianópolis-SC, visto que os contextos seguintes formados por consoantes labiais (*log-odd* 3.898), dorsais (3.323) e coronais (3.024) são os contextos seguintes que mais motivam a produção da variante palato-alveolar em Florianópolis-SC. Já o contexto seguinte formado por pausa (-10.245) é desfavorecedor da realização palato-alveolar. Vejamos que, nesse caso, a diferença ocorre no favorecimento das consoantes coronais seguintes à fricativa, diferentemente dos resultados obtidos para o PB, registrados no Gráfico 21, nos quais o desfavorecimento ocorre no contexto seguinte formado por consoantes coronais e por pausa em comparação aos outros contextos seguintes.

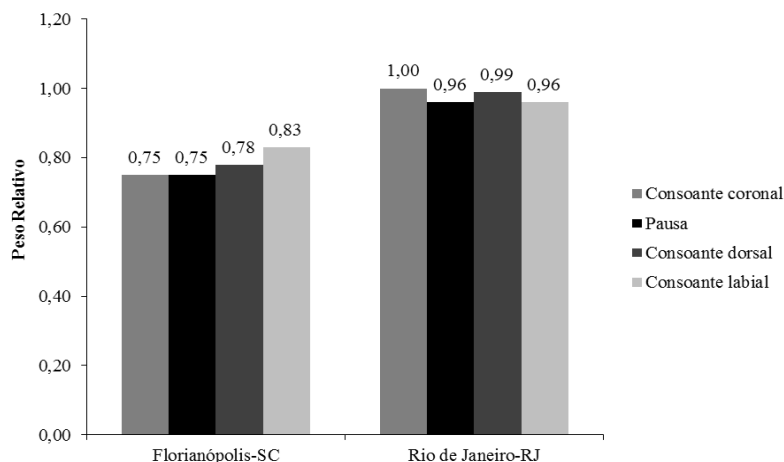
Na localidade do Rio de Janeiro-RJ, ocorre uma realidade um pouco diferente, já que os contextos seguintes de consoantes coronais (1,00) e dorsais (0,99) são os contextos mais relevantes para a realização do segmento fricativo palato-alveolar. De outro modo, os contextos seguintes de consoantes labiais e pausa apresentam pesos relativos idênticos (0,96) e elevados, porém não são tão favorecedores quanto os contextos seguintes de consoantes coronais e dorsais. Esse fato que não confirma, portanto, nossa hipótese para o contexto seguinte à fricativa com relação à localidade do Rio de Janeiro-RJ, dado que, levando em consideração os estudos resenhados na revisão da literatura, julgamos que o contexto seguinte de pausa seria o mais significativo para a produção do segmento palato-alveolar em coda silábica.

Tendo em conta que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados – 1,00 para os contextos seguintes de consoantes coronais, 0,99 para os contextos seguintes de consoantes dorsais e 0,96 para os contextos seguintes de pausa e de consoantes labiais –, podemos fazer uma aproximação em termos de contexto seguinte à fricativa dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para todos os contextos consonantais seguintes à fricativa em questão.

Vale salientar, conforme Bhat (1978), que a palatalização em sibilantes é induzida tanto por uma consoante velar quanto por uma consoante labial vizinha. Tendo em vista essa afirmação, verificamos que os resultados para a variável contexto seguinte à fricativa, apresentados no Gráfico 21, referentes à localidade de Florianópolis-SC, confirmam essa hipótese tanto com relação às consoantes velares, por dorsal identificadas, cujo peso relativo é 0,78, quanto às consoantes labiais, nas quais o peso relativo é, ainda, mais elevado, 0,83. Todavia, os resultados

referentes ao Rio de Janeiro-RJ confirmam essa hipótese apenas com relação às consoantes dorsais, cujo peso relativo é de 0,99, que, juntamente com as consoantes coronais (1,00), foram os contextos seguintes mais relevantes para a produção da variante palato-alveolar nessa localidade carioca.

Gráfico 21 - A variante palato-alveolar, o contexto seguinte à fricativa e a dimensão diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e tendo em vista os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1), quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, salientamos que nossos resultados corroboram, em parte, os resultados constatados por Brescancini (1996; 2002) e Šmaiclová (2010), que verificaram maiores frequências de uso nos contextos seguintes de consoantes dorsais.

Para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver capítulo 2, seção 2.2), nossos resultados divergem dos resultados alcançados por Bassi (2011), que indicou o contexto seguinte de pausa como o mais favorecedor da realização palato-alveolar em coda silábica. Vale ressaltar, entre outras coisas, que os nossos resultados referentes ao contexto seguinte à fricativa com relação à localidade do Rio de Janeiro-RJ, apresentados no Gráfico 21, relatam uma proximidade maior em termos de favorecimento à realização palato-alveolar, nos contextos consonantais seguintes

investigados, do que os resultados referentes à localidade de Florianópolis-SC.

Em síntese, a análise relativa ao contexto seguinte à fricativa revelou que o contexto seguinte de pausa é o que mais favorece a produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Feita tal constatação, realizamos o cruzamento desse fator com a variável linguística traço [voz] do contexto seguinte e com a dimensão diatópica, a fim de analisar se os mesmos resultados seriam apresentados nessas variáveis.

Os cruzamentos revelaram que os contextos seguintes [+anterior, -alto, +voz] são os que mais favorecem a realização da variante palato-alveolar em coda silábica. Contudo, os contextos seguintes [-anterior, +alto, -voz] são os menos relevantes. Com relação ao contexto seguinte de pausa, observamos que esse contexto é influenciado diretamente pelo traço [voz] não-marcado que está associado a não contiguidade imediata de contexto seguinte.

Além disso, notamos, por meio da análise percentual dos dados referentes ao PE, que os contextos seguintes [-voz] apresentam frequências de uso mais elevadas quanto à realização da fricativa palato-alveolar, tanto no contexto [-anterior, +alto] quanto no contexto [+anterior, -alto].

Com relação aos resultados gerais do cruzamento entre as variáveis contexto seguinte à fricativa e diatopia, constatamos que, em Florianópolis-SC, são os contextos seguintes formados por consoantes labiais /p, b, f, v, m/ e dorsais /k, g, x, ɣ, ʔ, R/ os grandes motivadores da produção palato-alveolar no PB. Entretanto, em rodada estatística só com os dados de Florianópolis-SC, o contexto seguinte formado por consoante coronal /t, d, n, l, ɾ, r/, também, apresenta efeito de favorecimento à produção palato-alveolar. Assim, verificamos que na localidade catarinense os contextos seguintes preenchidos, isto é, que apresentam consoantes que seguem à fricativa, são sempre mais relevantes do que os contextos seguintes vazios, ou seja, pausa. Na localidade do Rio de Janeiro-RJ, os contextos seguintes formados por coronais /t, d, n, l, ɾ, r/ e dorsais /k, g, x, ɣ, ʔ, R/ são os mais relevantes para a realização palato-alveolar.

A seção seguinte apresenta os resultados para a variável linguística traço [voz] do contexto seguinte, considerada relevante estatisticamente para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.5 Traço [voz] do contexto seguinte à fricativa

A variável traço [voz] foi a quarta variável selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul. Os resultados, apresentados na Tabela 6 confirmam nossa hipótese geral sobre o predomínio do traço [-voz] do contexto seguinte à fricativa com relação à produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB¹⁵³. Os resultados da Tabela 6 indicam que os contextos seguintes [-voz], com peso relativo de 0,60, surgem como os grandes motivadores da produção palato-alveolar em posição de coda. De modo inverso, os contextos [+voz] apontam desfavorecimento da realização palato-alveolar, visto que apresentam peso relativo de 0,40.

Tabela 6 – Traço [voz] do contexto seguinte à fricativa - PB

Traço [voz] do contexto seguinte à fricativa - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
[-voz]	0.041	629	87%	0,60
[+voz]	-0.041	140	92%	0,40

Deviance: 538.922

Overall proportion: 87%

R2: 0.594

Fonte: Elaboração própria.

Logo, com base nos resultados apresentados na Tabela 6, o maior peso relativo (0,60) alcançado pelo traço [-voz] é justificado pelo fato de que nas palavras nas quais a fricativa /s/ ocupa a posição final absoluta o valor não-marcado do traço é atribuído por regra *default* e, conseqüentemente, colabora de modo favorável à produção da variante palato-alveolar [ʃ]. Além disso, as consoantes surdas, isto é, [-voz], são contextos fortes, portanto, produzidas com maior esforço muscular

¹⁵³ Salientamos que todos os informantes, independentemente do vozeamento do contexto seguinte à fricativa, realizaram o segmento palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 618 dados (307 de Lisboa-PT e 311 de São Jorge-Açores/PT) em que ocorre o traço [-voz] seguinte à fricativa e 142 dados (71 de Lisboa-PT e 71 de São Jorge-Açores/PT) em que ocorre o traço [+voz] seguinte à fricativa, nos quais a variante palato-alveolar foi produzida categoricamente.

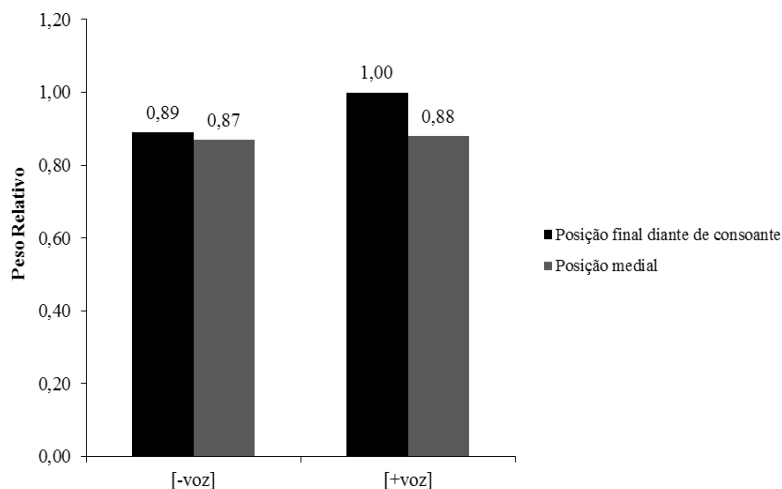
(SCHANE, 1975). Assim sendo, estão situadas por Hooper (1976) nos níveis mais altos (a saber, 6 e 5) de sua escala universal de força e são consideradas por Cagliari (1974) como mais propícias à palatalização.

Salientamos que devido a questões de ortogonalidade entre as variáveis traço [voz] do contexto seguinte à fricativa e posição da fricativa na palavra, especialmente entre os fatores [-voz] e posição final absoluta da variável posição da fricativa, faremos o cruzamento entre essas duas variáveis linguísticas a fim de verificar em qual traço [voz] seguinte, [-voz] ou [+voz], com relação à posição da fricativa na palavra, posição final diante de consoante ou posição medial, a produção do segmento palato-alveolar é mais favorecida. Vejamos o Gráfico 22 que apresenta o cruzamento proposto.

Tendo em vista cada uma das posições na palavra em que a fricativa sofre a influência de um contexto seguinte, a saber, a posição medial e a posição final diante de consoante da palavra seguinte, foi constatado, no Gráfico 22, resultado diferente do obtido na Tabela 6 quando contrastamos o vozeamento do contexto seguinte com a posição da fricativa na palavra. Com base nisso, verificamos que as ocorrências em que a fricativa está na posição final diante de consoante (filho[ʃ] com certeza; caso[ʒ] verídicos) a tendência favorecedora à produção da variante palato-alveolar está no fator [+voz] (1,00), do que quando ocorre em posição medial (tri[ʃ]tamente; e[ʒ]belto) (0,88). Por sua vez, o fator [-voz] oferece pesos relativos bastante próximos e elevados, tendo em vista a posição medial (0,89) um pouco mais relevante do que a posição final diante de consoante (0,87).

Esse mesmo resultado é obtido, parcialmente, em rodada estatística só com dados de Florianópolis-SC, visto que as ocorrências em que a fricativa está na posição final diante de consoante (1,00) e nas em que está em posição medial (0,79), a tendência favorecedora à produção da variante palato-alveolar está no fator [+voz]. O fator [-voz], por sua vez, oferece pesos relativos bastante próximos e elevados (0,78 e 0,77, respectivamente), ou seja, um pouco menos relevante do que o fator [+voz]. Vejamos que, nesse caso, a diferença ocorre no favorecimento total do contexto seguinte [+voz] nos dados de Florianópolis-SC, independente da posição da fricativa na palavra, diferentemente dos resultados obtidos para o PB, registrados no Gráfico 22, nos quais o favorecimento ocorre no contexto seguinte [+voz] em posição final diante de consoante e no contexto seguinte [-voz] em posição medial.

Gráfico 22 - A variante palato-alveolar, o traço [voz] do contexto seguinte e a posição da fricativa na palavra dos informantes do PB



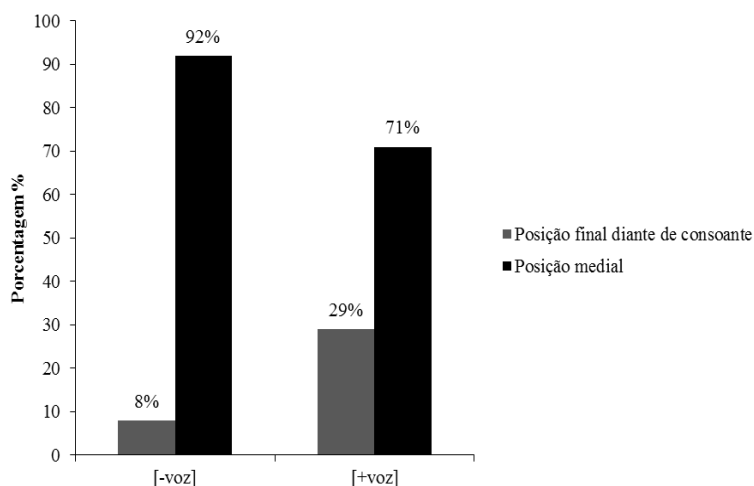
Fonte: Elaboração própria.

Podemos verificar que a posição final diante de consoante (muita[ʃ] coisas; pessoa[ʒ] disputam) é a preferida para a realização da fricativa palato-alveolar (ver também a Tabela 8, seção 5.5.7), visto que os resultados apresentados pelo Gráfico 22 confirmam que o maior favorecimento à produção palato-alveolar está diretamente relacionado à contiguidade entre a fricativa na coda e a consoante inicial da palavra seguinte. Vejamos, então, que o peso relativo para a posição final diante de consoante seguida de [+voz] é categórico em relação ao oferecido pela posição final diante de consoante seguida de [-voz] (0,89). Podemos verificar que o papel do traço [voz] seguinte é mais atuante no condicionamento da produção da variante palato-alveolar em coda silábica do que a posição da fricativa na palavra, fato que vem a ser confirmado na seleção efetuada pelo *step-up* e que aponta, portanto, o traço [voz] do contexto seguinte como variável estatisticamente mais relevante do que a posição da fricativa na palavra na produção da fricativa palato-alveolar.

Observamos, também, os dados dos informantes portugueses e constatamos resultado diferente, do apresentado no Gráfico 22, quando contrastamos o vozeamento do contexto seguinte com a posição da fricativa na palavra, conforme mostra o Gráfico 23. Podemos verificar,

nos resultados em termos percentuais referentes ao PE, que as ocorrências em que a fricativa palato-alveolar está na posição final diante de consoante (museu[ʃ] fecham; pessoa[ʒ] boas) são mais frequentes nos contextos [+voz] (29%) do que nos contextos [-voz] (8%) seguintes à fricativa. Já nos resultados em que a variante palato-alveolar está em posição medial (a[ʃ]pecto; si[ʒ]mu) o percentual de ocorrência do segmento em análise apresenta frequências mais elevadas nos contextos [-voz] (92%) do que nos contextos [+voz] (71%) seguintes à fricativa. Vejamos que, nesses dados, a maior frequência de ocorrência da produção palato-alveolar está diretamente relacionada à contiguidade imediata entre a fricativa na coda e a consoante [-voz] seguinte¹⁵⁴.

Gráfico 23 - A variante palato-alveolar, o traço [voz] do contexto seguinte e a posição da fricativa na palavra dos informantes do PE



Fonte: Elaboração própria.

Diante da situação de interação entre o traço [voz] do contexto seguinte à fricativa e a dimensão diatópica, apresentada no Gráfico 24, verificamos, que tanto para os informantes florianopolitanos quanto para

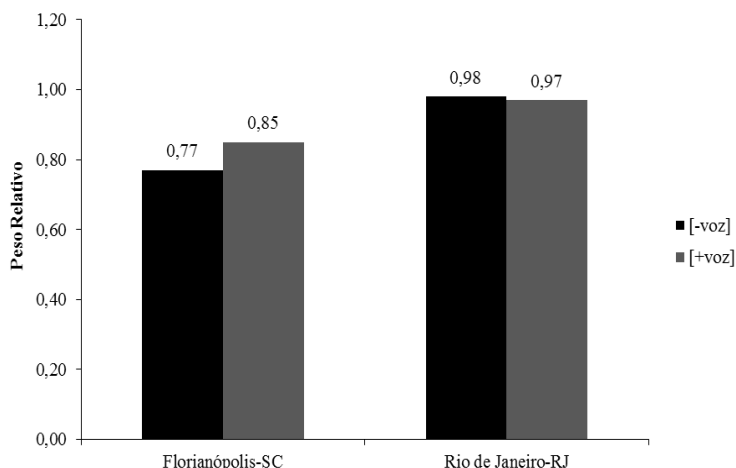
¹⁵⁴ Ressaltamos que apresentamos, no Gráfico 23, a análise em percentual, ou seja, não indicamos aqui favorecimento ou tendência, mas apenas o percentual de ocorrência das posições em que a fricativa pode ocorrer na palavra com relação ao vozeamento do contexto seguinte ao segmento fricativo.

os informantes cariocas, a realização da variante palato-alveolar foi mais significativa do que a sua não aplicação, visto os pesos relativos estarem sempre acima do ponto de referência para ambas as localidades do PB.

Por outro lado, entre os dados examinados para a região de Florianópolis-SC, há diferenças na produção da fricativa palato-alveolar, visto que são os contextos [+voz] seguintes os que mais favorecem (0,85) a realização do segmento fricativo palato-alveolar. Esse fato não confirma nossa hipótese para o traço [voz] do contexto seguinte com relação à localidade de Florianópolis-SC, apesar de que a maioria dos estudos resenhados apontam os contextos [-voz] seguintes como os mais relevantes para a produção do segmento palato-alveolar em coda silábica. Esse mesmo resultado é obtido em rodada estatística só com dados de Florianópolis-SC, visto que os contextos [+voz] seguintes (0,58) são os que mais motivam a produção da variante palato-alveolar na localidade catarinense. Em contrapartida, os contextos [-voz] seguintes (0,42) são menos favorecedores da produção palato-alveolar. Na localidade do Rio de Janeiro-RJ ocorre uma realidade um pouco diferente, já que os dois contextos seguintes à fricativa foram bastante relevantes para a realização do segmento palato-alveolar. Com a ressalva de que os contextos [-voz] seguintes à fricativa foram os maiores motivadores da produção palato-alveolar (0,98). Esse resultado confirma nossa hipótese para o traço [voz] do contexto seguinte referente à localidade do Rio de Janeiro-RJ.

Levando em consideração que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados (0,97 para os contextos [+voz] seguintes e 0,98 para os contextos [-voz] seguintes), podemos fazer uma aproximação em termos de vozeamento do contexto seguinte à fricativa dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para os dois contextos seguintes à fricativa em questão.

Gráfico 24 - A variante palato-alveolar, o traço [voz] do contexto seguinte e a dimensão diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e tendo em vista os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1), quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, salientamos que nossos resultados são discrepantes dos resultados constatados por Furlan (1982), Brescancini (1996; 2002), Šmaiclová (2010) e por Bassi (2011) que verificaram maiores frequências de uso para a variante palato-alveolar nos contextos [-voz] seguintes à fricativa.

No entanto, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver Capítulo 2, seção 2.2), nossos resultados corroboram os resultados alcançados por Gryner e Macedo (2000), Scherre e Macedo (2000) e por Bassi (2011), que indicaram que são os contextos [-voz] seguintes os que mais favorecem a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica. Por outro lado, Callou e Marques (1975) relataram uma frequência maior de uso do segmento palato-alveolar nos contextos [+voz] seguintes à fricativa. Vale ressaltar, entre outras coisas, que os nossos resultados referentes ao traço [voz] do contexto seguinte com relação à localidade do Rio de Janeiro-RJ, apresentados no Gráfico 24, relatam uma proximidade maior de favorecimento à realização palato-alveolar, nos três contextos seguintes à fricativa investigados, do que os resultados referentes à localidade de Florianópolis-SC.

Em síntese, a análise relativa ao traço [voz] do contexto seguinte à fricativa revelou os contextos [-voz] seguintes como os maiores responsáveis pela produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Partimos desse resultado e realizamos seu cruzamento com a variável linguística posição da fricativa na palavra e com a dimensão diatópica, a fim de analisar se os mesmos resultados seriam apresentados nessas variáveis.

Com base na análise desses cruzamentos, verificamos que os contextos [+voz] seguintes à fricativa, referentes à posição final diante de consoante, favorecem mais a realização da variante palato-alveolar em coda silábica no PB. Além disso, são esses mesmos contextos seguintes os motivadores da produção palato-alveolar em Florianópolis-SC, diferentemente, entretanto, da localidade do Rio de Janeiro-RJ, na qual são os contextos [-voz] seguintes os mais relevantes para a realização palato-alveolar. Não obstante, por meio da análise percentual dos dados referentes ao PE, notamos que os contextos [-voz] seguintes à fricativa, com relação à posição medial, apresentam frequências de uso mais elevadas quanto à realização da fricativa palato-alveolar.

A seção seguinte apresenta os resultados para a variável linguística tonicidade, considerada relevante estatisticamente para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.6 Tonicidade

A variável tonicidade foi a quinta variável selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul. Os resultados, apresentados na Tabela 7, confirmam nossa hipótese geral sobre o predomínio da sílaba tônica com relação à produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB¹⁵⁵. Os resultados da Tabela 7 indicam que as sílabas tônicas (fó[ʃ]foro), com peso relativo de 0,67, surgem como o contexto que mais motiva a produção palato-alveolar em coda silábica.

¹⁵⁵ Salientamos que todos os informantes, independentemente da tonicidade com relação à fricativa na palavra, realizaram o segmento palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 354 dados (175 de Lisboa-PT e 179 de São Jorge-Açores/PT) referentes ao contexto em que a fricativa palato-alveolar ocorre em posição tônica, 144 dados (72 de Lisboa-PT e 72 de São Jorge-Açores/PT) em que a fricativa palato-alveolar ocorre em posição postônica e 261 dados (130 de Lisboa-PT e 131 de São Jorge-Açores/PT) em que a variante palato-alveolar ocorre em posição pretônica, nas quais o segmento palato-alveolar foi produzido categoricamente.

As sílabas pretônicas¹⁵⁶ (e[ʃ]cola; e[ʃ]forçar) e postônicas (afeto[ʃ]; cócega[ʃ]) apontam, também, favorecimento da realização palato-alveolar, com peso relativo de 0,63 e 0,60, respectivamente. Todavia, relevância maior na produção da fricativa palato-alveolar é apresentada pelas sílabas tônicas. Ao contrário, o contexto palavra sem acento (ma[ʃ]; un[ʃ]), com peso relativo de 0,15, indica tendência desfavorável à variante palato-alveolar.

Tabela 7 – Tonicidade - PB

Tonicidade - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Tônico	0.728	347	86%	0,67
Pretônico	0.538	277	88%	0,63
Postônico	0.434	141	92%	0,60
Palavra sem acento	-1.700	03	67%	0,15

Deviance: 508.188

Overall proportion: 87%

R2: 0.601

Fonte: Elaboração própria.

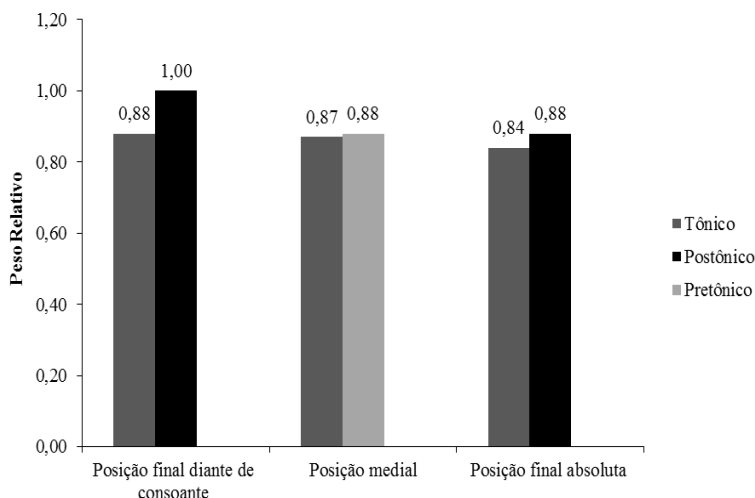
Vejamos que o resultado apresentado na Tabela 7, para a variável tonicidade, aponta a preferência pela produção da variante palato-alveolar em sílabas tônicas, isto é, em contextos produzidos com maior energia articulatória, o que vai ao encontro dos resultados obtidos por Cagliari (1974) a partir de pesquisas com base em análises palatográficas. De modo oposto ao observado, para os contextos pretônicos e postônicos, nos quais a semelhança entre os pesos relativos aponta para o fato de que é irrelevante à regra em discussão se a sílaba que contém a fricativa palato-alveolar precede ou segue a sílaba tônica, embora ambos os contextos também sejam favoráveis ao segmento palato-alveolar.

A fim de investigar em quais posições, com relação à tonicidade, a realização do segmento palato-alveolar é mais favorecida, vejamos o Gráfico 25, que apresenta o comportamento de cada um dos fatores da

¹⁵⁶ Consideramos como pretônicas e postônicas, também, as sílabas pré-pretônicas e pós-postônicas, respectivamente.

variável tonicidade para cada uma das posições que a fricativa pode ocupar na palavra. Ressaltamos que não contabilizamos na análise estatística os dados correspondentes ao fator palavra sem acento, visto que esse fator é irrelevante para a realização das palato-alveolares, registrando-se somente duas ocorrências em posição final diante de consoante e uma ocorrência em posição final absoluta.

Gráfico 25 - A variante palato-alveolar, a tonicidade e a posição da fricativa na palavra dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

O Gráfico 25 apresenta comportamento diferenciado da variante palato-alveolar na posição medial, relativamente ao que ocorre nas demais posições, já que sílabas pretônicas só ocorrem na posição medial. Quanto às posições final diante de consoante e final absoluta, a posição acentual de maior influência é a postônica (ovo[ʃ] com; lu[ʃ]), com peso relativo categórico e de 0,88, respectivamente. A posição medial apresenta resultados análogos, visto que sílabas pretônicas (ra[ʒ]gar; tri[ʃ]tamente) e tônicas (ca[ʃ]pa) exibem pesos relativos muito próximos, 0,88 e 0,87, respectivamente. Esse fato reforça a hipótese de Bhat (1978) sobre a maior ocorrência de palatalização de sibilantes em posição não-acentuada, portanto, postônicas. Assim, os resultados apresentados no Gráfico 25 confirmam o predomínio das sílabas postônicas que, tanto em

posição final diante de consoante (caso[ʒ] verídicos) quanto em posição final absoluta (minuto[ʃ]), situam-se acima do ponto de referência, com pesos relativos elevados tendendo ao favorecimento da produção palato-alveolar.

De modo geral, depreendemos do Gráfico 25 que, caso a fricativa /s/ esteja em posição medial, tanto as pretônicas quanto as tônicas são propícias à produção palato-alveolar; se a palavra não possui sílaba pretônica, então as postônicas assumem o papel favorecedor. As tônicas, como podemos observar, no caso desse cruzamento entre as variáveis tonicidade e posição da fricativa na palavra, sempre tendem ao menor favorecimento em comparação com as postônicas e pretônicas.

Resultado semelhante ocorre quando fizemos a rodada estatística somente com os dados de Florianópolis-SC, visto que se a fricativa palato-alveolar está em posição final diante de consoante a posição acentual de maior influência é a postônica com peso relativo categórico, ou seja, mais favorável do que 0,77 registrado para as tônicas. A posição medial, por sua vez, apresenta resultados um pouco mais favorecedores em sílabas pretônicas (0,77) do que em tônicas (0,73). Já a posição final absoluta registra resultados um pouco mais favorecedores em sílaba postônica (0,79) do que em tônicas (0,74). Vejamos que, assim como nos resultados apresentados no Gráfico 25 para o PB, nos dados referentes apenas a localidade de Florianópolis-SC são as sílabas postônicas em posição final diante de consoante que alcançam valores em termos de peso relativo mais favoráveis, ou seja, categórico, para a realização da variante palato-alveolar do que os outros contextos acentuais investigados.

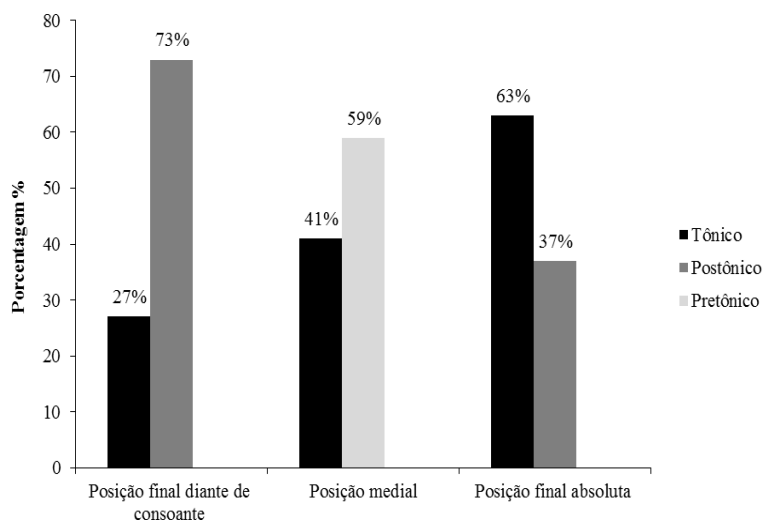
No Gráfico 26, referente à análise em termos percentuais dos dados do PE, constatamos que as sílabas postônicas são mais frequentes (73%) para a produção da variante palato-alveolar na posição final diante de consoante (vontade[ʃ] todas). Todavia, as sílabas tônicas apontam maiores ocorrências de uso da variante palato-alveolar (63%) na posição final absoluta (de[ʃ]). As sílabas pretônicas, por sua vez, ocorrem de forma mais recorrente (59%) na posição medial (pe[ʃ]coço), no que concerne a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica¹⁵⁷.

¹⁵⁷ Salientamos que apresentamos, no Gráfico 26, a análise em percentual, ou seja, não indicamos aqui favorecimento ou tendência, mas apenas o percentual de ocorrência da variável linguística tonicidade com relação à posição em que a fricativa pode ocorrer na palavra.

Vejamos, portanto, um comportamento bastante diferenciado aquando do confronto entre tonicidade e posição da fricativa na palavra nos dados do PE.

Além disso, observamos que as sílabas tônicas, tanto em posição medial quanto em posição final diante de consoante, são as menos recorrentes com registro de palato-alveolar em coda silábica, 41% e 27%, respectivamente. Por outro lado, as sílabas postônicas são menos frequentes (37%) na posição final absoluta no que toca a realização da variante palato-alveolar. Com base nessa afirmação, e tendo em vista que esse resultado é derivado do cruzamento entre as variáveis linguísticas tonicidade e posição da fricativa na palavra, podemos dizer que são as sílabas postônicas em posição final diante de consoante as mais frequentes para o registro da fricativa palato-alveolar no PE.

Gráfico 26 - A variante palato-alveolar, a tonicidade e a posição da fricativa na palavra dos informantes do PE

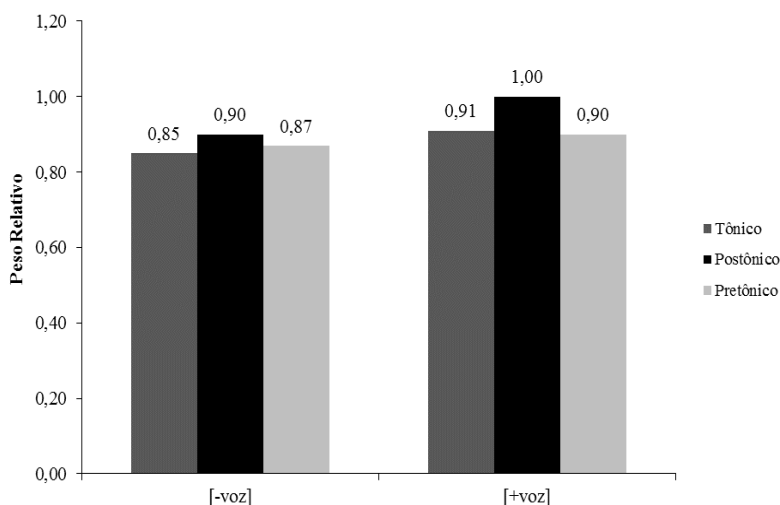


Fonte: Elaboração própria.

A relação entre as variáveis linguísticas tonicidade e traço [voz] do contexto seguinte à fricativa, expressa no Gráfico 27, mostra que a predominância das sílabas postônicas no favorecimento da regra não está condicionada à energia de produção da consoante em contexto seguinte. Dessa forma, as sílabas postônicas apresentam pesos relativos categórico

em contexto seguinte [+voz] e bastante elevado (0,90) em contexto seguinte [-voz]. Contudo, as sílabas tônicas e pretônicas, com pesos relativos mais baixos do que as sílabas postônicas, mostram relevância maior quando seguidas por contextos [+voz] do que quando seguidas por contextos [-voz].

Gráfico 27 - A variante palato-alveolar, a tonicidade e o traço [voz] do contexto seguinte à fricativa dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar, no Gráfico 27, que a diferença é bastante clara para as sílabas postônicas, que são os contextos mais favorecedores para a produção palato-alveolar. Desse modo, a predominância das sílabas postônicas quando seguidas por contextos [+voz] (ônibus[3] leito) é maior do que quando seguidas por contextos [-voz] (ônibus[ʃ] quebrado), pois o peso relativo apresentado é categórico para o contexto seguinte [+voz]. Com relação às sílabas tônicas, evidenciamos um comportamento bastante equilibrado entre os dois contextos seguintes à fricativa. Assim, notamos que as sílabas tônicas quando seguidas por contextos [+voz] (me[3]mo) são mais relevantes (0,91) do que quando seguidas por contextos [-voz] (hó[ʃ]pede), com peso relativo de 0,85.

Quanto às sílabas pretônicas constatamos que ocorrem de forma mais favorecedora, assim como as sílabas tônicas, nos contextos [+voz]

seguintes (de[ʒ]maio), com peso relativo de 0,90, do que nos contextos [-voz] seguintes (e[ʃ]trada), cujo peso relativo é de 0,87. Ressaltamos que não apuramos na análise estatística os dados correspondentes ao fator palavra sem acento, visto o papel pouco significativo dessa variante na produção de palato-alveolares nesse contexto, com registro de somente duas ocorrências no contexto [-voz] seguinte e uma ocorrência no contexto [+voz] seguinte.

De modo geral, diante de tais resultados, verificamos que o contexto mais propício à realização da fricativa palato-alveolar é aquele em que a assimilação do traço [voz] se dá a partir de um contexto fraco. Daí o peso relativo mais alto das sílabas postônicas em relação às tônicas e pretônicas, conforme apresentado nos Gráficos 25 e 27.

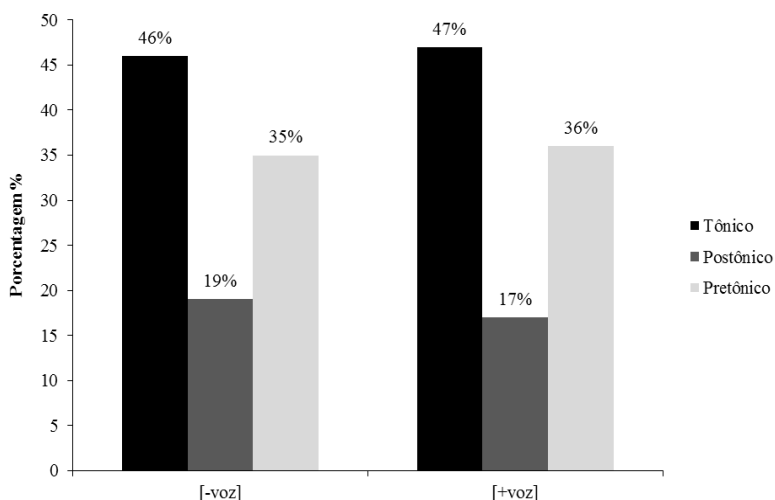
Resultado igual ocorre quando da rodada estatística somente com os dados de Florianópolis-SC, visto que se a fricativa palato-alveolar está em contexto seguinte [+voz] a posição acentual de maior influência é a postônica com peso relativo categórico, ou seja, mais favorável do que 0,85 e 0,81 registrado para as tônicas e pretônicas, respectivamente. Da mesma forma o contexto seguinte [-voz], que apresenta, por sua vez, resultados mais favorecedores em sílabas postônicas (0,81) do que em pretônicas (0,76) e tônicas (0,74). Vejamos que, assim como nos resultados apresentados nos Gráficos 26 para o PB, nos dados referentes apenas a localidade de Florianópolis-SC são as sílabas postônicas em contexto seguinte [+voz] que alcançam valores em termos de peso relativo mais favoráveis, ou seja categórico, para a realização da variante palato-alveolar do que os outros contextos acentuais investigados.

Por outro lado, no Gráfico 28, referente à análise em termos percentuais dos dados do PE, constatamos que, independentemente do contexto [voz] seguinte à fricativa, as sílabas tônicas são as mais frequentes para a produção da variante palato-alveolar com 47%¹⁵⁸ (mari[ʃ]co) e 46% (ve[ʒ]go), respectivamente. As sílabas pretônicas, também fortes, apontam ocorrências de uso da variante palato-alveolar com 36% (e[ʒ]belto) e 35% (e[ʃ]tava), respectivamente, portanto, menos frequentes que as sílabas tônicas. Por sua vez, as sílabas postônicas apresentam maiores ocorrências de uso da fricativa palato-alveolar com 19% (colega[ʃ]) e 17% (hora[ʒ] disputadas), respectivamente, assim,

¹⁵⁸ Ressaltamos que apresentamos, no Gráfico 28, a análise em percentual, por isso não indicamos aqui favorecimento ou tendência, somente o percentual de ocorrência da variável linguística tonicidade com relação ao traço [voz] do contexto seguinte à fricativa.

ainda menos frequentes que as sílabas tônicas e pretônicas. Vejamos, portanto, um comportamento diferenciado aquando do confronto entre tonicidade e traço [voz] do contexto seguinte à fricativa nos dados do PE, visto que são as sílabas fortes tônicas, independentemente se o contexto seguinte é [+voz] ou [-voz], as mais recorrentes no que tange a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica.

Gráfico 28 - A variante palato-alveolar, a tonicidade e o traço [voz] do contexto seguinte à fricativa dos informantes do PE



Fonte: Elaboração própria.

Diante da interação entre as variáveis tonicidade e diatopia, apresentada no Gráfico 29, observamos que, tanto para os informantes florianopolitanos quanto para os informantes cariocas, a realização da variante palato-alveolar foi mais significativa do que a sua não aplicação, uma vez que os pesos relativos estão sempre acima do ponto de referência para ambas as localidades do PB. Além disso, podemos observar um comportamento equilibrado em termos de valores de peso relativo nas duas localidades brasileiras em estudo.

Verificamos, no Gráfico 29, que, para a região de Florianópolis-SC, a posição acentual postônica é a que mais favorece à produção do segmento palato-alveolar em estudo, com peso relativo de 0,84. Todavia, com relação à localidade do Rio de Janeiro-RJ, são as sílabas pretônicas as mais relevantes para a realização da fricativa palato-alveolar, com peso

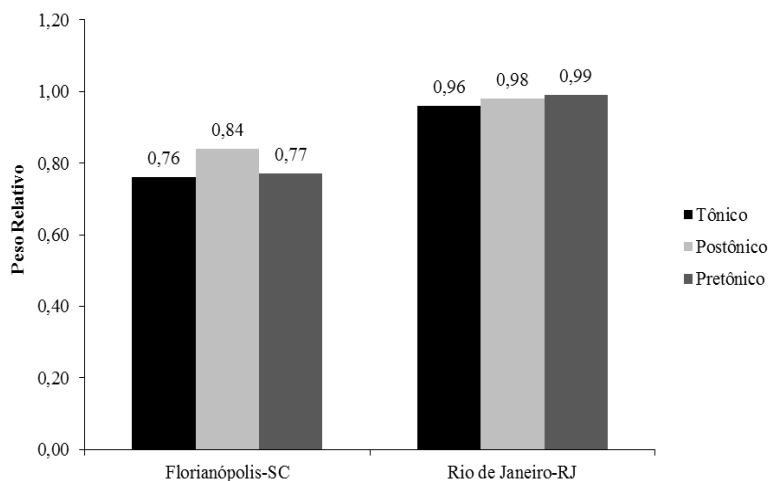
relativo de 0,99. Esses resultados não confirmam nossa hipótese, visto que esperávamos que fosse a posição acentual tônica a mais favorecedora da variante palato-alveolar na fala florianopolitana e carioca. Ressaltamos que, para a localidade de Florianópolis-SC, as outras posições acentuais, portanto, as sílabas pretônicas e tônicas, alcançaram pesos relativos equivalentes, 0,77 e 0,76, respectivamente. Enquanto que para a capital carioca as sílabas postônicas e tônicas, apesar de apresentarem pesos relativos elevados, de 0,98 e 0,96, respectivamente, são menos significativas do que as sílabas pretônicas, que alcançaram peso relativo praticamente categórico (0,99).

Além disso, vale salientar que não calculamos, na análise estatística, os dados correspondentes ao fator palavra sem acento, visto o papel pouco significativo dessa variante, evidenciado pelo baixo número de ocorrências de palato-alveolares nesse contexto com registro de somente duas ocorrências referentes à Florianópolis-SC e uma ocorrência referente ao Rio de Janeiro-RJ. Vejamos, dentre outras coisas, que nas duas localidades brasileiras ocorre uma realidade diferenciada, sendo, dessa forma, a posição acentual fraca (postônico), em Florianópolis-SC, e a posição acentual forte (pretônico), no Rio de Janeiro-RJ, as sílabas que mais favorecem a produção palato-alveolar no PB.

Resultado semelhante ocorre aquando da rodada estatística somente com os dados de Florianópolis-SC, visto que há maior favorecimento da fricativa palato-alveolar em posição postônica (0,64) do que em posição tônica (0,58) ou em posição pretônica (0,52). Vejamos que, assim como nos resultados apresentados no Gráficos 29 para o PB, nos dados referentes apenas a localidade de Florianópolis-SC são as sílabas postônicas as maiores favorecedoras da realização palato-alveolar. Por outro lado, nessa rodada apenas com os dados de Florianópolis-SC, notamos que a posição acentual tônica registrou maior favorecimento do que a posição pretônica, no que concerne à produção palato-alveolar, diferentemente do que ocorre nos dados apresentados para o PB com relação à localidade catarinense.

Levando em consideração que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados (0,99 para a posição acentual pretônico, 0,98 para as sílabas postônicas e 0,96 para as sílabas tônicas), podemos fazer uma aproximação em termos de tonicidade dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para todas as posições acentuais analisadas.

Gráfico 29 - A variante palato-alveolar, a tonicidade e a dimensão diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e tendo em vista os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1), quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, salientamos que nossos resultados são discrepantes dos resultados constatados por Brescancini (1996; 2002) e Bassi (2011), que verificaram maiores frequências de uso na posição acentual forte (tônico e pretônico). Para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver Capítulo 2, seção 2.2), nossos resultados divergem dos resultados alcançados por Bassi (2011), que indicaram a posição acentual forte (tônico) como a mais favorecedora da realização palato-alveolar em coda silábica. Vale ressaltar, entre outras coisas, que os nossos resultados referentes à tonicidade com relação à localidade do Rio de Janeiro-RJ, apresentados no Gráfico 29, relatam uma proximidade maior de favorecimento à realização palato-alveolar nas três posições acentuais investigadas do que os resultados referentes à localidade de Florianópolis-SC.

Em síntese, a análise relativa à tonicidade revelou a posição acentual tônico como a responsável pela produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Considerando esse resultado, realizamos seu cruzamento com as variáveis posição da fricativa na palavra, traço [voz] do contexto seguinte à fricativa e com a dimensão

diatópica, a fim de analisar se os mesmos resultados seriam apresentados nessas variáveis.

Com base na análise desses cruzamentos, verificamos que a posição acentual postônica na posição final diante de consoante é a que mais favorece a realização da variante palato-alveolar em coda silábica nos dados do PB. Com relação aos resultados referentes ao PE, verificamos que, também, são as sílabas postônicas em posição final diante de consoante as mais frequentes para a produção palato-alveolar. Além disso, observamos que as sílabas postônicas são mais relevantes no contexto [+voz] seguinte no que tange a realização da variante palato-alveolar no PB. Contudo, nos dados do PE, as sílabas tônicas, independentemente de contexto [voz] seguinte, foram as mais recorrentes. Além disso, observamos que a posição acentual fraca (postônico) é a grande motivadora da produção palato-alveolar em Florianópolis-SC. Todavia, no Rio de Janeiro-RJ, é a posição acentual forte (pretônico) a grande responsável pela ocorrência da variante palato-alveolar.

A seção seguinte apresenta os resultados para a variável linguística posição da fricativa na palavra, considerada relevante estatisticamente para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.7 Posição da fricativa na palavra

A variável posição da fricativa na palavra foi a sexta variável selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul. Os resultados, apresentados na Tabela 8 não confirmam nossa hipótese geral sobre o predomínio da posição medial com relação à produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB¹⁵⁹. Os resultados da Tabela 8 indicam que a posição final diante de consoante (depoi[ʃ] fiquei; pessoa[ʒ] verdadeiras), com peso relativo de 0,66, surge

¹⁵⁹ Salientamos que todos os informantes, independentemente da posição da fricativa na palavra, realizaram o segmento palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 75 dados (37 de Lisboa-PT e 38 de São Jorge-Açores/PT) referentes ao contexto em que a fricativa palato-alveolar ocorre na posição final diante de consoante, 445 dados (221 de Lisboa-PT e 224 de São Jorge-Açores/PT) em que a fricativa palato-alveolar ocorre na posição medial e 240 dados (120 de Lisboa-PT e 120 de São Jorge-Açores/PT) em que a variante palato-alveolar ocorre na posição final absoluta, nas quais o segmento palato-alveolar foi produzido categoricamente.

como a posição que mais motiva a produção palato-alveolar em coda silábica. A posição medial (ci[ʃ]co; ve[ʒ]go) e a posição final absoluta (colega[ʃ]) com peso relativo de 0,47 e 0,36, respectivamente, apontam desfavorecimento da realização palato-alveolar.

Tabela 8 – Posição da fricativa na palavra - PB

Posição da fricativa na palavra - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Posição final diante de consoante	0.668	72	96%	0,66
Posição medial	-0.096	455	87%	0,47
Posição final absoluta	-0.572	231	85%	0,36

Deviance: 508.214

Overall proportion: 87%

R2: 0.405

Fonte: Elaboração própria.

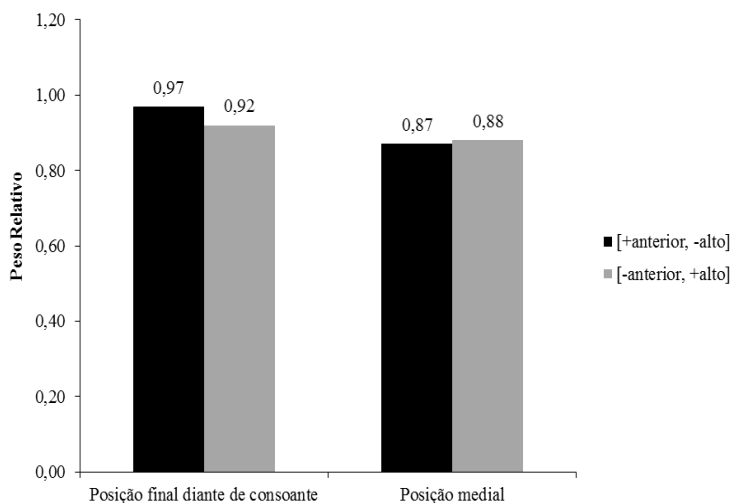
A diferença na motivação para a produção da variante palato-alveolar, de acordo com a presença ou não de um contexto contíguo, leva-nos a relacionar a tendência favorecedora da posição final diante de consoante a características particulares do ambiente seguinte, como a presença ou não do traço [voz] e o contexto seguinte à fricativa. Desse modo, entendemos que a menor tendência à realização da variante palato-alveolar, apresentada pela posição final absoluta, se relaciona diretamente à não contiguidade imediata com outra consoante.

A distinção entre posição final diante de consoante (0,66) e posição final absoluta (0,36) sustenta-se na constatação de Kahn (1976), que afirma que na fala normal as fronteiras entre palavras em uma frase não podem ser associadas com silêncio, visto que não há suspensão de vibração das cordas vocais entre a produção de uma palavra e outra e nem de *output* de som. Esse fato justifica a maior relevância da posição final diante de consoante da palavra seguinte do que da posição final absoluta na produção da fricativa palato-alveolar.

Em vista disso, podemos observar, então, que a posição final absoluta é influenciada diretamente pela variável traço [voz] que está aliada à não contiguidade imediata de contexto seguinte, enquanto que a posição final diante de consoante e a posição medial recebem influência mista, tanto do traço [voz] quanto do contexto seguinte à fricativa, associada à contiguidade imediata do contexto consonantal seguinte. Ressaltamos que essa última variável, ou seja, o contexto seguinte à fricativa mostrou-se estatisticamente mais pertinente à realização da variante palato-alveolar do que a variável traço [voz], por isso, e tendo em vista que já fizemos o cruzamento das variáveis traço [voz] e posição da fricativa na palavra aquando da análise da variável traço [voz], faremos o cruzamento apenas entre posição da fricativa na palavra e contexto seguinte à fricativa.

Vale salientar que devido a questões de ortogonalidade entre as variáveis posição da fricativa na palavra e contexto seguinte à fricativa, especialmente entre os fatores posição final absoluta da variável posição da fricativa e pausa da variável contexto seguinte, faremos o cruzamento entre essas duas variáveis linguísticas a fim de verificar em qual posição (posição final diante de consoante ou posição medial) com relação ao contexto seguinte à fricativa ([+anterior, -alto] ou [-anterior, +alto]), a produção do segmento palato-alveolar é mais favorecida. Vejamos o Gráfico 30 que apresenta o cruzamento proposto.

Gráfico 30 - A variante palato-alveolar, a posição da fricativa na palavra e o contexto seguinte à fricativa dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar, no Gráfico 30, um comportamento bastante equilibrado em termos de valores de peso relativo, tanto em posição final diante de consoante quanto em posição medial. De outro ponto de vista, verificamos que entre a posição final diante de consoante, posição que mais motiva a produção da variante palato-alveolar em nossos dados, o contexto seguinte [+anterior, -alto], isto é, o contexto seguinte à fricativa em que ocorre uma consoante coronal /t, d, n, l, r/ ou uma consoante labial /p, b, f, v, m/, é o preferido (0,97). Todavia, entre a posição medial, observamos que o contexto seguinte [-anterior, +alto], ou seja, o contexto seguinte à fricativa em que ocorre uma consoante dorsal /k, g, x, ɣ, ʁ, R/, é o eleito como o mais favorecedor (0,88) nessa posição.

Constata-se assim a relevância da posição final diante de consoante no que diz respeito à produção da fricativa palato-alveolar, haja vista que é nessa posição que ocorrem pesos relativos mais elevados, independentemente do contexto seguinte. Em contrapartida, verificamos que é no contexto seguinte [+anterior, -alto] que a posição final diante de consoante alcança um favorecimento ainda maior na realização da palato-alveolar do que no contexto [-anterior, +alto]. Com base nessa afirmação, portanto, podemos dizer que é a posição final diante de consoante

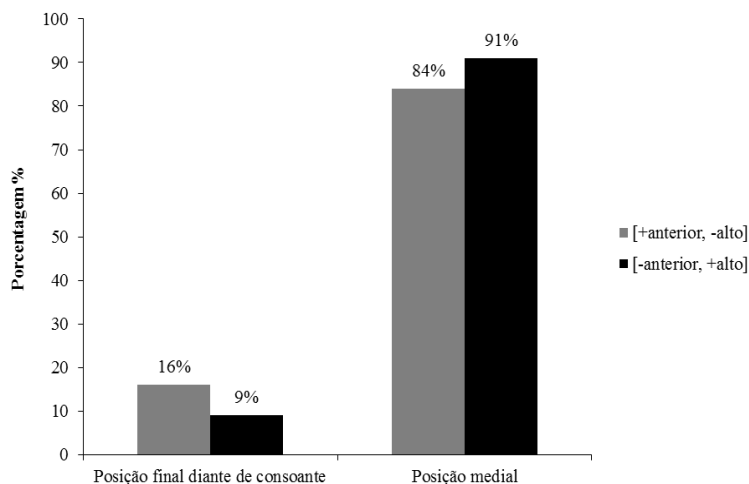
[+anterior, -alto] a mais relevante para a produção da fricativa palato-alveolar no PB.

Resultado igual encontramos em rodada estatística só com dados de Florianópolis-SC, visto que na posição final diante de consoante o contexto seguinte [+anterior, -alto] favorece mais a realização da fricativa palato-alveolar (0,92) do que no contexto seguinte [-anterior, +alto] que registra peso relativo de 0,83. Todavia, com relação à posição medial, observamos que tanto o contexto seguinte [+anterior, -alto] quanto o contexto [-anterior, +alto] apresentam peso relativo de 0,77. Portanto, menos favorecedores que a posição final diante de consoante [+anterior, -alto].

Observamos no Gráfico 31, referente à análise dos dados em termos percentuais do PE, que a variante palato-alveolar na posição final diante de consoante é mais frequente no contexto seguinte [+anterior, -alto] (16%) do que no contexto seguinte [-anterior, +alto] (9%). Por outro lado, na posição medial no contexto seguinte [-anterior, +alto] a fricativa palato-alveolar ocorre com percentual mais elevado (91%) do que no contexto seguinte [+anterior, -alto] (84%)¹⁶⁰. Vejamos, então, que é na posição medial, independente do contexto seguinte à fricativa, que a variante palato-alveolar ocorre com mais frequência nos dados do PE. Em contrapartida, constatamos que o segmento em estudo é mais recorrente na posição medial no contexto seguinte [-anterior, +alto], já que apresenta uma frequência de uso de 91%.

¹⁶⁰ Salientamos que apresentamos, no Gráfico 31, a análise em percentual, ou seja, não indicamos aqui favorecimento ou tendência, mas apenas o percentual de ocorrência das posições em que a fricativa pode ocorrer na palavra com relação ao contexto seguinte ao segmento fricativo.

Gráfico 31 - A variante palato-alveolar, a posição da fricativa na palavra e o contexto seguinte à fricativa dos informantes do PE



Fonte: Elaboração própria.

Diante da interação entre as variáveis posição da fricativa na palavra e diatopia, apresentada no Gráfico 32, observamos que, tanto para os informantes florianopolitanos quanto para os informantes cariocas, a realização da variante palato-alveolar foi mais significativa do que a sua não aplicação, pois os pesos relativos estão sempre acima do ponto de referência para ambas as localidades do PB. Além disso, podemos observar um comportamento bastante equilibrado em termos de valores de peso relativo nas duas localidades brasileiras em estudo.

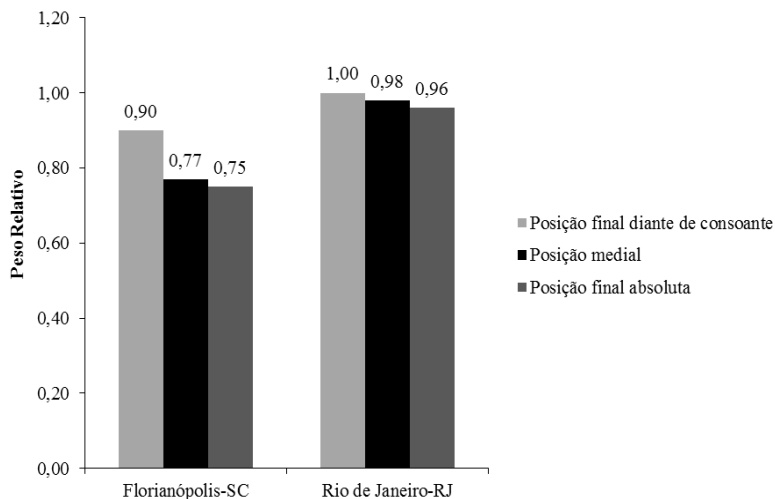
Verificamos, no Gráfico 32, que, tanto para a região de Florianópolis-SC quanto para o Rio de Janeiro-RJ, a posição final diante de consoante é a que mais favorece a produção do segmento palato-alveolar em estudo, com pesos relativos de 0,90 e 1,00, respectivamente. Esse resultado não confirma nossa hipótese, visto que esperávamos que fosse a posição medial a mais favorecedora da realização da variante palato-alveolar na fala florianopolitana e carioca. A segunda posição de maior relevância para a produção palato-alveolar é a posição medial, que apresenta peso relativo de 0,77 para Florianópolis-SC, e de 0,98 para o Rio de Janeiro-RJ. A posição final absoluta, portanto, é o fator que apresenta menor favorecimento da realização palato-alveolar, com pesos relativos de 0,75 e 0,96, respectivamente. Conclui-se, então, que nas duas

localidades ocorre uma realidade muito semelhante, sendo, dessa forma, a posição final diante de consoante a que mais favorece a produção palato-alveolar no PB.

Entretanto, quando rodamos os dados de Florianópolis-SC separadamente, visto que os dados referentes ao Rio de Janeiro-RJ foram praticamente categóricos, verificamos resultado diferente do obtido aquando da rodada estatística dos dados do PB em conjunto. Assim, verificamos que é na posição final absoluta (*log-odd* 8.890) que a fricativa palato-alveolar é mais favorecida em comparação à posição medial (-4.801) e à posição final diante de consoante (-4.088) que apresentam *log-odds* negativos, portanto, desfavoráveis à aplicação da regra.

Levando em consideração que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados, e até mesmo categóricos (com pesos relativos de 1,00 para a posição final diante de consoante, 0,98 para a posição medial e de 0,96 para a posição final absoluta), podemos fazer uma aproximação em termos de posição em que a fricativa ocorre na palavra dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para todas as posições.

Gráfico 32 - A variante palato-alveolar, a posição da fricativa na palavra e a dimensão diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e tendo em vista os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1), quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, salientamos que nossos resultados são discrepantes dos resultados constatados por Brescancini (1996; 2002), Bassi (2011), que verificaram maiores frequências de uso na posição medial, mas corroboram os resultados alcançados por Furlan (1982), que constatou que a variante palato-alveolar é mais favorecedora em posição final absoluta.

Para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver Capítulo 2, seção 2.2), nossos resultados divergem dos resultados alcançados por Callou e Moraes (1996), Gryner e Macedo (2000), Scherre e Macedo (2000) e por Bassi (2011), que indicaram a posição medial a mais favorecedora da realização palato-alveolar em coda silábica. O estudo de Callou e Marques (1975) relata uma frequência maior de uso do segmento palato-alveolar nas posições final absoluta e medial. Vale ressaltar que os nossos resultados referentes à posição da fricativa na palavra com relação à localidade do Rio de Janeiro-RJ, apresentados no Gráfico 32, relatam uma proximidade maior de favorecimento à realização palato-alveolar, nas três posições investigadas, do que os resultados referentes à localidade de Florianópolis-SC.

Em síntese, a análise relativa à posição da fricativa na palavra revelou a posição final diante de consoante como a responsável pela produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Cruzamos esse resultado com a variável linguística contexto seguinte à fricativa e com a dimensão diatópica, a fim de analisar se os mesmos resultados seriam apresentados nessas variáveis.

Com base na análise desses cruzamentos, verificamos que a posição final diante de consoante nos contextos seguintes [+anterior, -alto] é a que mais favorece a realização da variante palato-alveolar em coda silábica. Contudo, a posição medial é mais relevante nos contextos seguintes [-anterior, +alto] nos dados do PB. Já em rodada separada, ou seja, só com os dados de Florianópolis-SC, a posição medial alcançou igualdade em termos de peso relativo tanto no contexto seguinte [+anterior, -alto] quanto no contexto seguinte [-anterior, +alto]. Com relação à posição final absoluta, observamos que essa posição é influenciada diretamente pelo traço [voz] não-marcado, que está associado à não contiguidade imediata de contexto seguinte. Observamos, assim, que a posição final absoluta é a que mais favorece a produção palato-alveolar em Florianópolis-SC e a posição final diante de consoante é a grande motivadora da produção palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ.

Não obstante, por meio da análise percentual dos dados referentes ao PE, notamos que a posição medial nos contextos seguintes [-anterior, +alto] e que a posição final diante de consoante nos contextos [+anterior, -alto] apresentam frequências de uso mais elevadas quanto a fricativa palato-alveolar.

A seção seguinte apresenta os resultados para a dimensão diageracional (faixa etária), considerada relevante estatisticamente para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.8 Dimensão diageracional (faixa etária)

A dimensão diageracional foi a sétima variável selecionada como relevante estatisticamente pelo programa Rbrul. Os resultados, apresentados na Tabela 9, confirmam nossa hipótese geral sobre o predomínio dos informantes mais velhos na produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB¹⁶¹. Haja vista o resultado da Tabela 9 e tendo como base o ponto de referência 0,50, para a comparabilidade do peso relativo, verificamos que há indícios de perda de vitalidade da variante palato-alveolar entre os informantes jovens (18 a 30 anos) do PB, visto o peso relativo apresentado (0,36). Por outro lado, ao observar o comportamento dos informantes mais velhos (50 a 65 anos) notamos que há sinais que conduzem à conclusão de que a idade do falante tem efeito significativo na produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda e que, portanto, são os informantes mais velhos os que mais preservam esse segmento, com peso relativo de 0,63.

Tabela 9 - Dimensão diageracional - PB

Dimensão diageracional - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Velho	0.545	370	92%	0,63
Jovem	-0.545	383	82%	0,36

¹⁶¹ Salientamos que todos os informantes portugueses de ambas as faixas etárias realizaram a fricativa palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 381 dados de informantes mais velhos (189 de Lisboa-PT e 192 de São Jorge-Açores/PT) e 379 dados de informantes jovens (189 de Lisboa-PT e 190 de São Jorge-Açores/PT), nos quais a variante palato-alveolar foi produzida categoricamente.

Deviance: 454.109

Overall proportion: 87%

R²: 0.407

Fonte: Elaboração própria.

Diante da situação de interação entre as dimensões diageracional e diatópica, apresentada no Gráfico 33, observamos, que tanto para os informantes jovens quanto para os mais velhos, a realização da variante palato-alveolar foi mais significativa do que a sua não aplicação, pois os pesos relativos estão sempre acima do ponto de referência para as ambas as faixas etárias nas duas localidades do PB.

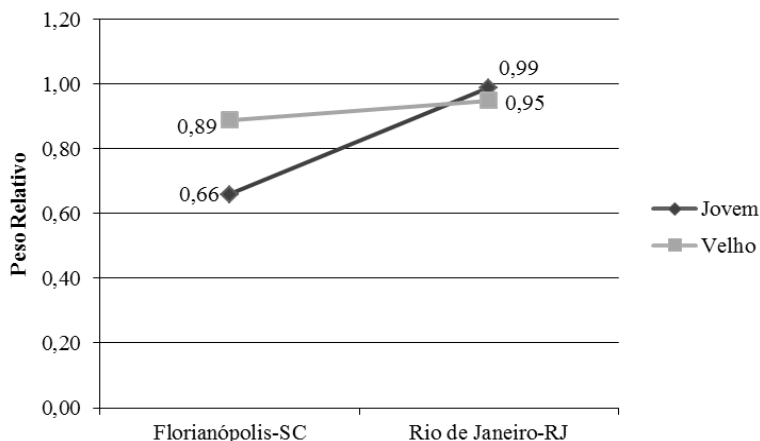
Por outro lado, entre os dados examinados para a região de Florianópolis-SC, há diferença significativa na produção da fricativa palato-alveolar por informantes jovens e velhos, sendo que são os informantes mais velhos os que mais realizam esse segmento (0,89). Esse resultado confirma nossa hipótese para a dimensão diageracional com relação à localidade de Florianópolis-SC. Salientamos que, em rodada estatística só com os dados de Florianópolis-SC, esse resultado se mantém. Portanto, os informantes mais velhos apresentaram peso relativo favorecedor (0,69), enquanto que os informantes mais jovens registraram peso relativo desfavorecedor (0,31).

Na localidade do Rio de Janeiro-RJ ocorre uma realidade um pouco diferente, já que tanto os informantes jovens quanto os mais velhos realizam o segmento em análise de forma bastante relevante. Entretanto, são os jovens que produzem, quase que categoricamente (0,99), a variante palato-alveolar, confirmando nossa hipótese quanto à dimensão diageracional e a localidade carioca em questão. Levando em consideração que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados (0,95 para os informantes mais velhos e 0,99 para os mais jovens), podemos fazer uma aproximação em termos de dimensão diageracional dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para ambas as faixas etárias.

Quanto aos resultados referentes às dimensões diageracional e diatópica, expostos no Gráfico 33, observamos, ainda, um comportamento muito semelhante entre os informantes mais velhos, visto que os pesos relativos são elevados para todas as localidades do PB em análise: 0,89 para Florianópolis-SC e 0,95 para o Rio de Janeiro-RJ. Os informantes jovens exibem, por sua vez, um papel diferenciado, já que entre os informantes cariocas a variante palato-alveolar é bastante difundida (0,99). Porém, entre os informantes florianopolitanos o peso

relativo sofre uma queda (0,66), sendo, portanto, menos frequente o segmento em estudo na fala dos informantes jovens de Florianópolis-SC.

Gráfico 33 - A variante palato-alveolar, as dimensões diageracional e diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e tendo em vista os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1), quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, salientamos que nossos resultados vão ao encontro dos resultados constatados por Šmaiclová (2010) e por Bassi (2011) que, também, verificaram maiores frequências de uso para a variante palato-alveolar entre os informantes mais velhos florianopolitanos.

No entanto, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver Capítulo 2, seção 2.2), os resultados alcançados em alguns estudos, com relação à faixa etária, são discrepantes. A pesquisa de Callou e Moraes (1996) aponta uma situação estável como resultado para a variável faixa etária na localidade do Rio de Janeiro-RJ. Já, Gryner e Macedo (2000) concluem que a variável faixa etária se mostrou relevante estatisticamente para a localidade de Cordeiro-RJ. De acordo com as pesquisas de Scherre e Macedo (2000) e de Bassi (2011), para o ponto geográfico do Rio de Janeiro-RJ, a produção maior da variante palato-alveolar ocorre na faixa etária correspondente aos informantes jovens. Portanto, a análise dos nossos dados corrobora os resultados alcançados por Scherre e Macedo

(2000) e por Bassi (2011), sendo os informantes jovens os que mais realizam a fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ.

Vale ressaltar que os nossos resultados referentes à produção da fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ, apresentados no Gráfico 33, mostram que o comportamento dos informantes jovens e mais velhos é muito semelhante, visto que o peso relativo é elevado para ambos, fato esse que justificaria a discrepância com relação à dimensão diageracional relatada nas pesquisas realizadas pelos autores aqui citados. Notamos, dessa forma, que Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ mostram-se muito semelhantes com relação ao comportamento da faixa etária extrema, já que os informantes mais velhos em cada uma dessas localidades apresentam pesos relativos elevados: 0,89 para Florianópolis-SC e 0,95 para o Rio de Janeiro-RJ. De outro modo, podemos dizer que em Florianópolis-SC o resultado aponta para a perda de vitalidade da variante palato-alveolar, visto que o maior peso relativo representado no Gráfico 33 – 0,89 – refere-se à faixa etária que compreende os informantes mais velhos. Esse resultado contrasta com o menor peso relativo obtido – 0,66 – referente à faixa etária que abarca os informantes jovens. Em contrapartida, no Rio de Janeiro-RJ a variante palato-alveolar se fortalece tanto entre os jovens quanto entre os mais velhos, porém, é na geração mais jovem que obtemos o maior peso relativo, de 0,99, que contrasta com o peso relativo referente à faixa etária que compreende os informantes mais velhos, de 0,95.

Acreditamos que o comportamento exibido pelos informantes jovens florianopolitanos justifica-se pelo grande fluxo de turistas e novos moradores, provenientes principalmente do Rio Grande do Sul, interior do estado de Santa Catarina, Paraná e São Paulo. A convivência cada vez mais intensa com pessoas que utilizam a variante alveolar em posição de coda exerce influência, por conseguinte, sobre os jovens que passam a “imitar” a fala do novo grupo, em que o cidadão proveniente de centros mais urbanos simboliza o novo, a modernidade; e o ilhéu, o antigo, o subdesenvolvido. Nesse sentido, o enfraquecimento verificado na faixa etária dos informantes jovens parece indicar que são esses informantes, portanto, os mais afetados pelo prestígio social do novo morador. Já os informantes mais velhos dão mostras de terem sido menos influenciados por esse processo ou até mesmo de ter estado alheios à modernização local.

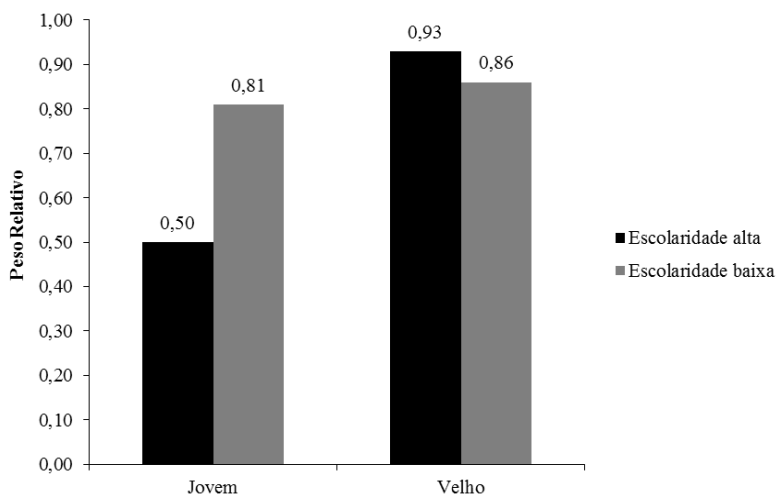
Podemos fazer uma aproximação da presente pesquisa com o estudo de Labov (1963) em Martha's Vineyard, onde o autor constatou a existência de um grupo linguisticamente influenciado pelo prestígio social que atribuído a cidadãos provenientes de áreas mais desenvolvidas.

No caso de Martha's Vineyard, apesar de ser a centralização da vogal base dos ditongos [aw] e [ay] a pronúncia característica dos mais jovens, há um grupo entre eles que foge a esse padrão, composto por aqueles que ambicionam se estabelecer no continente. No caso da localidade de Florianópolis-SC são, também, os informantes mais jovens – principalmente os que vivenciam intensamente o processo de desenvolvimento da capital catarinense – que mais se distanciam do padrão geral da região, bem como da amostra total desse estudo.

Tendo em vista que em Florianópolis-SC são os informantes mais velhos e que no Rio de Janeiro-RJ são os jovens os que mais favorecem a realização da variante palato-alveolar em nosso estudo, como apontam os resultados apresentados no Gráfico 33, confrontamos os resultados referentes às dimensões diageracional e diastrática das localidades, a fim de verificar se há indícios de mudança em progresso ou de variação estável nos pontos do PB analisados. Vejamos o Gráfico 34 que apresenta o cruzamento entre as dimensões diageracional e diastrática para a localidade de Florianópolis-SC.

Com relação aos resultados referentes às dimensões diageracional e diastrática dos informantes florianopolitanos, expostos no Gráfico 34, observamos um comportamento bastante discrepante tanto entre os informantes mais jovens quanto entre os mais velhos. Dentre os jovens, os informantes com escolaridade baixa preservam mais a palato-alveolar (0,81) do que os informantes com escolaridade alta, cujo peso relativo atinge o ponto de referência (0,50). Os informantes mais velhos exibem, por sua vez, um papel diferenciado, já que entre os informantes com escolaridade alta a variante palato-alveolar é mais difundida (0,93) do que entre os informantes de escolaridade baixa (0,86).

Gráfico 34 - A variante palato-alveolar, as dimensões diageracional e diastrática dos informantes florianopolitanos



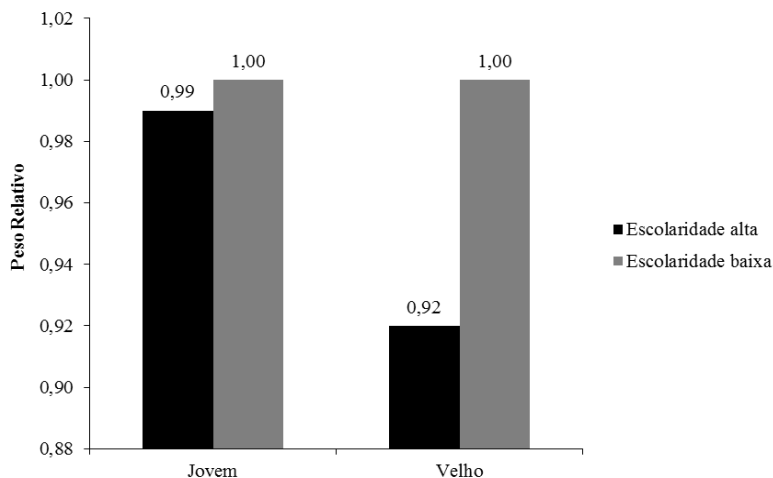
Fonte: Elaboração própria.

Verificamos, a partir de tais resultados referentes à localidade de Florianópolis-SC, que os informantes mais velhos e com escolaridade alta apresentam, quanto à produção da fricativa palato-alveolar, pesos relativos mais elevados (0,93 e 0,86, respectivamante), como também apontam valores mais aproximados, do que os informantes jovens, o que reflete uma atitude mais homogênea por parte desses informantes. Além disso, e considerando a predominância dos informantes florianopolitanos mais velhos na produção da variante palato-alveolar, ressaltamos que há uma possível situação de mudança em progresso nessa localidade do PB, na perspectiva de que a fricativa palato-alveolar esteja perdendo força em favor da fricativa alveolar.

Com relação aos resultados referentes às dimensões diageracional e diastrática dos informantes cariocas, expostos no Gráfico 35, observamos um comportamento equivalente entre os informantes mais jovens e mais velhos, visto que os pesos relativos são categóricos para os informantes com escolaridade baixa e quase categóricos para os informantes com escolaridade alta. Assim, dentre os informantes jovens não há variação quanto ao nível de escolaridade dos informantes, visto que os informantes jovens com escolaridade baixa apresentam peso relativo categórico e os informantes jovens com escolaridade alta

registram peso relativo quase categórico (0,99). De modo igual, os informantes mais velhos com escolaridade baixa exibem categoricidade, no que tange à realização da variante palato-alveolar, e os informantes mais velhos com escolaridade alta apresentam peso relativo bastante elevado (0,92). Tendo em vista os resultados bastante elevados, tanto para os informantes jovens quanto para os mais velhos, podemos dizer que o que ocorre no Rio de Janeiro-RJ dá mostras de uma situação de estabilidade.

Gráfico 35 - A variante palato-alveolar, as dimensões diageracional e diastrática dos informantes cariocas



Fonte: Elaboração própria.

Em síntese, no que se refere à Florianópolis-SC, a dimensão diageracional revelou os informantes mais velhos como os maiores produtores da variante palato-alveolar em posição de coda. Partimos desse resultado geral, exposto na Tabela 9, e realizamos seu cruzamento com outras dimensões, como diatópica e diastrática, a fim de analisar se os mesmos diferenciais seriam repetidos nessas dimensões extralinguísticas. O resultado mostrou que, em Florianópolis-SC, são os informantes mais velhos e com escolaridade alta os que apresentam um maior favorecimento da realização palato-alveolar em coda. Isso nos permite dizer que nessa localidade catarinense o segmento em estudo situa-se possivelmente numa situação de mudança em progresso em que a fricativa palato-alveolar está perdendo força, conforme mostra o Gráfico

34. Todavia, considerando a limitação dos dados e o fato de termos feito o controle somente duas faixas etárias, entedemos que a possibilidade de estar em curso uma gradativa substituição da fricativa palato-alveolar pela fricativa alveolar é uma hipótese que precisa ser melhor investigada.

Já no Rio de Janeiro-RJ, tanto os informantes mais jovens quanto os mais velhos, independentemente do nível de instrução, são os maiores motivadores da produção palato-alveolar em coda silábica. Esse resultado possibilita afirmar que nessa localidade carioca a variante em análise encontra-se em uma possível situação de estabilidade, segundo mostra o Gráfico 35. Essa análise tem influência direta na possibilidade de nessa localidade, assim como também nas localidades referentes ao PE da presente pesquisa, configurar-se a realização praticamente categórica da fricativa palato-alveolar, bem como a sua preservação.

A seção seguinte apresenta os resultados para a dimensão diastrática (nível de escolaridade), estatisticamente relevante para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.9 Dimensão diastrática (nível de escolaridade)

A dimensão diastrática foi a oitava variável selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul. Os resultados, apresentados na Tabela 10, confirmam nossa hipótese geral sobre o predomínio dos informantes com escolaridade baixa na produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB¹⁶². Os resultados expostos na Tabela 10 apontam, em termos gerais, para uma valoração social possivelmente negativa da fricativa palato-alveolar em posição de coda, pois o maior índice, expresso pelo peso relativo 0,61, encontra-se entre os indivíduos menos escolarizados, até a 7ª série do ensino fundamental. Já os informantes com escolaridade alta (nível universitário) apresentam baixo índice de favorecimento da palato-alveolar, com peso relativo de 0,38.

¹⁶² Salientamos que todos os informantes portugueses com escolaridade alta e baixa realizaram a fricativa palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 380 dados de informantes com escolaridade baixa (188 de Lisboa-PT e 192 de São Jorge-Açores/PT) e 380 dados de informantes com escolaridade alta (190 de Lisboa-PT e 190 de São Jorge-Açores/PT), nos quais a variante palato-alveolar foi produzida categoricamente.

Tabela 10 - Dimensão diastrática - PB

Dimensão diastrática - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Escolaridade baixa	0.47	374	92%	0,61
Escolaridade alta	-0.47	379	83%	0,38

Deviance: 454.109

Overall proportion: 87%

R2: 0.407

Fonte: Elaboração própria.

Tendo em vista que muitos estudos atestam que homens e mulheres não respondem do mesmo modo às pressões sociais quanto às formas linguísticas, verificamos, portanto, o comportamento da variável nível de escolaridade com a variável sexo, quanto à realização da fricativa palato-alveolar. Na mesma linha, Trudgill (1983) afirma que se é verdade que as mulheres apresentam maior consciência sobre os valores de status social do que os homens, então, são justamente elas a demonstrarem mais sensibilidade ao significado social de variáveis linguísticas.

Podemos observar, no Gráfico 36, que os informantes femininos e masculinos apresentam resultados divergentes quando os relacionamos com o nível de instrução. As mulheres com escolaridade alta realizam a variante palato-alveolar de forma bastante favorável (0,96), o que indica que dentre os informantes femininos mais instruídos o segmento em análise não carrega estigma algum, pois, como afirma Furlan (1982, p. 79), a fricativa palato-alveolar é registrada na fala de “professores universitários e indivíduos dos mais elevados cargos sociais e políticos”. Conclui-se, assim, que os informantes femininos com alta escolaridade se sentem confiantes em utilizar tal realização dentre as camadas mais instruídas da sociedade.

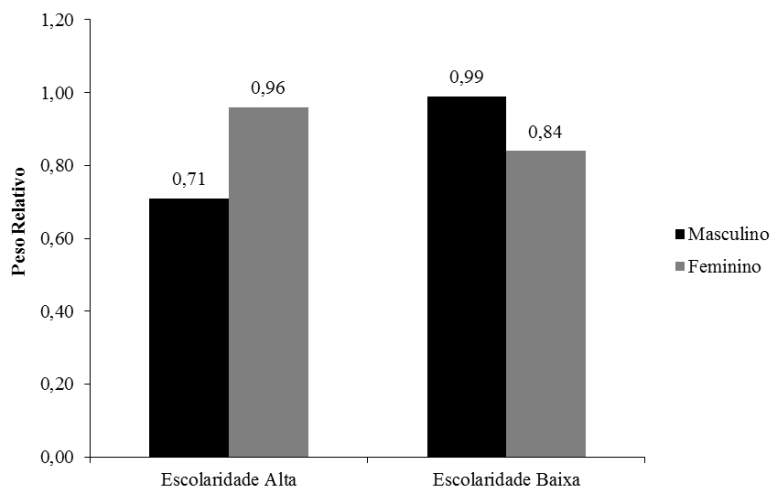
Diferentemente, com relação à escolaridade baixa, os informantes femininos tendem a realizar menos a variante palato-alveolar (0,84) se comparados com os informantes masculinos (0,99). Uma possível justificativa para esse resultado está no fato de que as mulheres, com menos instrução, tendam a preferir a forma “protótipo” da fricativa /s/ em coda silábica com receio de não utilizar o segmento palato-alveolar de forma adequada, já que há maior consciência/sensibilidade, por parte

desses informantes, sobre os valores sociais que determinadas variantes linguísticas carregam. Por conta disso, observamos que, dentre os informantes femininos com um grau de instrução menor, há algum estigma relacionado à produção da fricativa palato-alveolar, realidade essa que se reflete no comportamento e condicionamento linguístico feito por esses informantes.

Há, porém, outra consciência/preocupação/sensibilidade social que se faz presente, agora, entre os informantes masculinos, que está ligada estreitamente com a interação desses informantes no mercado de trabalho, pois, tendo como referência a forma “protótipo” do segmento /s/ em coda silábica, realizam a variante palato-alveolar correspondentemente ao seu nível de instrução. Portanto, os informantes masculinos com escolaridade alta produzem menos a forma palato-alveolar (0,71) do que os informantes femininos, possivelmente por ocuparem cargos que requeiram uma linguagem mais formalizada. Já os informantes masculinos com escolaridade baixa lideram a realização da variante palato-alveolar (0,99), por não ter, talvez, uma função social que demanda tamanho cuidado linguístico.

Tendo essas considerações em vista, acreditamos que existem consciências linguísticas distintas entre homens e mulheres e que ambos possuem, portanto, uma sensibilidade social quanto à língua. Os homens, ainda, possuem cargos e salários mais elevados do que as mulheres e essa relação de poder se reflete nas atitudes e/ou nos comportamentos linguísticos que esses informantes desempenham no mercado de trabalho contemporâneo. As mulheres, mais preocupadas, talvez, com sua aceitabilidade em determinada comunidade, prestam mais atenção à fala dos seus pares e desempenham um papel de apropriação linguística de variantes não estigmatizadas pelo grupo em que estão inseridas, ou a que querem pertencer.

Gráfico 36 - A variante palato-alveolar, as dimensões diastrática e diassexual dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Diante da situação de interação entre as dimensões diastrática e diatópica, apresentada no Gráfico 37, observamos que, tanto para os informantes com grau de instrução alto quanto para os informantes com grau de instrução baixo, a realização da variante palato-alveolar foi mais significativa do que a sua não aplicação, pois os pesos relativos estão sempre acima do ponto de referência para ambos os níveis de escolaridade das duas localidades do PB.

Por outro lado, entre os dados examinados para a região de Florianópolis-SC, há diferença significativa na produção da fricativa palato-alveolar por informantes com escolaridade alta e baixa, sendo que são os informantes com menos escolaridade os que mais realizam (0,84) o segmento em estudo. Vale ressaltar que, em rodada estatística apenas com os dados de Florianópolis-SC, esse resultado foi confirmado, sendo, portanto, os informantes com escolaridade baixa mais favoráveis (0,59) à produção palato-alveolar do que os informantes com escolaridade alta (0,41). Esse fato confirma nossa hipótese para a dimensão diastrática com relação à localidade de Florianópolis-SC.

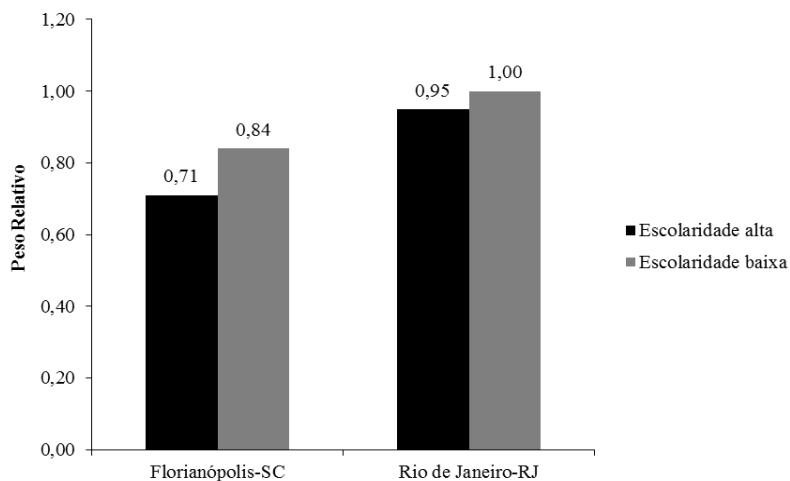
Na localidade do Rio de Janeiro-RJ ocorre uma realidade um pouco diferente, já que tanto os informantes com menos escolaridade quanto os mais instruídos realizam o segmento em análise de forma

bastante relevante, ressaltando que os informantes com escolaridade baixa são os que produzem categoricamente (1,00) a variante palato-alveolar, confirmando nossa hipótese quanto à dimensão diastrática e à localidade carioca em questão, dado que, dentre os estudos resenhados na revisão da literatura, a maioria deles aponta os informantes com escolaridade alta como os que mais produzem o segmento palato-alveolar em coda silábica.

Levando em consideração que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados (0,95 para os informantes com escolaridade alta e 1,00 para os informantes com escolaridade baixa), podemos fazer uma aproximação em termos de dimensão diastrática dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para ambos os níveis de escolaridade.

Quanto aos resultados referentes às dimensões diastrática e diatópica, expostos no Gráfico 37, observamos, ainda, um comportamento muito semelhante entre os informantes com escolaridade baixa, visto que os pesos relativos são elevados para todas as localidades do PB em análise: 0,84 para Florianópolis-SC e 1,00 para o Rio de Janeiro-RJ. Os informantes com escolaridade alta exibem, por sua vez, um papel diferenciado, já que entre os informantes cariocas a variante palato-alveolar é bastante difundida (0,95), diferentemente dos informantes mais escolarizados de florianopolitanos, entre os quais o peso relativo sofre uma queda (0,71).

Gráfico 37 - A variante palato-alveolar, as dimensões diastrática e diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e tendo em vista os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1), quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, salientamos que nossos resultados vão ao encontro dos resultados constatados por Brescancini (1996), por Šmaiclová (2010) e por Bassi (2011) que, também, verificaram maiores frequências de uso para a variante palato-alveolar entre os informantes com escolaridade baixa.

No entanto, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver capítulo 2, seção 2.2), os resultados alcançados por Callou e Marques (1975), Gryner e Macedo (2000) e Callou e Brandão (2009) indicaram que são os informantes com maior grau de instrução os que mais realizaram a fricativa palato-alveolar. Por outro lado, Scherre e Macedo (2000) e Bassi (2011) relataram uma frequência maior de uso do segmento palato-alveolar por informantes com escolaridade baixa. Não há, portanto, consenso sobre qual o nível de escolaridade do informante carioca que é mais favorável à produção da variante palato-alveolar.

A análise dos nossos dados corrobora os resultados alcançados por Scherre e Macedo (2000) e Bassi (2011), sendo, os informantes com nível de instrução baixo os que mais realizam a fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ. Vale ressaltar que os nossos resultados referentes à produção da fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ, apresentados

no Gráfico 37, mostram que o comportamento dos informantes com escolaridade alta e baixa é muito semelhante, fato esse que justificaria a discrepância com relação à dimensão diastrática relatada nas pesquisas realizadas pelos autores aqui citados.

Em suma, a dimensão diastrática revelou que os informantes com menor grau de instrução são os que mais produzem a variante palato-alveolar em posição de coda. Partimos desse resultado e realizamos seu cruzamento com outras dimensões, como diassexual e diatópica, a fim de analisar se os mesmos diferenciais seriam repetidos em todas as dimensões extralinguísticas examinadas no trabalho. O resultado mostrou que os informantes com escolaridade baixa apresentam um comportamento homogêneo em relação ao sexo e às localidades examinadas.

A seção seguinte apresenta os resultados para a dimensão diassexual (sexo), considerada relevante estatisticamente para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.10 Dimensão diassexual (sexo)

A dimensão diassexual foi a nona (última) variável selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul. Os resultados, apresentados na Tabela 11, confirmam nossa hipótese geral sobre o predomínio dos informantes de sexo feminino na produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB¹⁶³. Enquanto os informantes de sexo masculino apresentam baixo índice de favorecimento, com peso relativo de 0,43, os informantes de sexo feminino atingem o peso relativo de 0,57. Portanto, nossos resultados corroboram a afirmação de Bhat (1978) que, com base na análise de 120 línguas e dialetos, observou que são as mulheres as maiores produtoras de palatalização.

¹⁶³ Salientamos que todos os informantes portugueses de sexo feminino e masculino realizaram a fricativa palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 381 dados de informantes femininos (190 de Lisboa-PT e 191 de São Jorge-Açores/PT) e 379 dados de informantes masculinos (188 de Lisboa-PT e 191 de São Jorge-Açores/PT), nos quais a variante palato-alveolar foi produzida categoricamente.

Tabela 11 - Dimensão diassexual - PB

Dimensão diassexual - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Feminino	0.274	386	90%	0,57
Masculino	-0.274	383	85%	0,43

Deviance: 454.109

Overall proportion: 87%

R2: 0.407

Fonte: Elaboração própria.

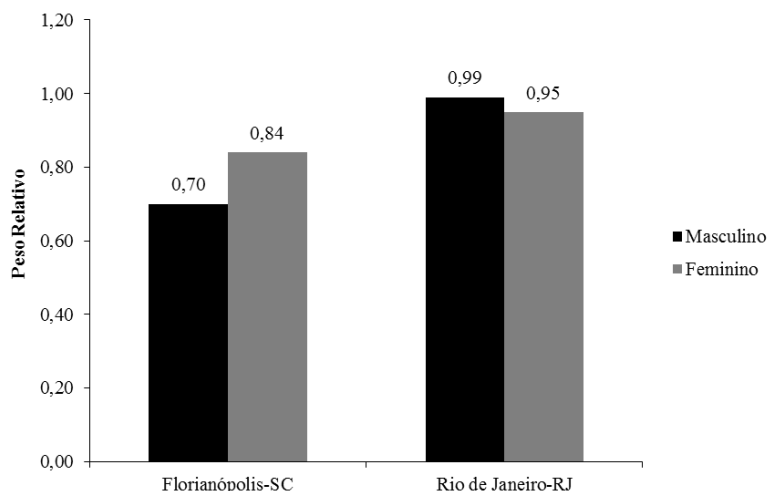
Embora seja esperado que em cada uma das localidades examinadas do PB os informantes de sexo feminino superem os informantes de sexo masculino, quanto à produção da variante palato-alveolar em posição de coda, verificamos no Gráfico 38 que há uma diferença na realização desse segmento por parte dos informantes da nossa amostra. Com isso, entre os dados examinados para a região de Florianópolis-SC há diferença significativa na produção da fricativa palato-alveolar por informantes femininos e masculinos, sendo que são as mulheres as que mais realizam esse segmento (0,84). Salientamos que em rodada estatística apenas com os dados de Florianópolis-SC, esse resultado foi confirmado, sendo, portanto, os informantes femininos mais favoráveis (0,61) à produção palato-alveolar do que os informantes com escolaridade alta (0,39).

Na localidade do Rio de Janeiro-RJ ocorre uma realidade um pouco diferente, já que tanto os informantes masculinos quanto os femininos realizam o segmento em análise de forma bastante relevante, constatando-se que os homens produzem a variante palato-alveolar quase que categoricamente (0,99). Levando em consideração que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados (0,95 para as mulheres e 0,99 para os homens), podemos fazer uma aproximação em termos de dimensão diassexual dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para ambos os sexos.

Por outro lado, ainda quanto aos resultados referentes às dimensões diassexual e diatópica, expostos no Gráfico 38, observamos um comportamento muito semelhante entre os informantes de sexo feminino, visto que os pesos relativos são elevados para as duas localidades do PB em análise: 0,84 para Florianópolis-SC e 0,95 para o

Rio de Janeiro-RJ. Os informantes de sexo masculino exibem, por sua vez, um papel diferenciado, já que entre os informantes cariocas a variante palato-alveolar é bastante difundida (0,99), diferentemente dos informantes florianopolitanos, cujo peso relativo sofre uma queda (0,70).

Gráfico 38 - A variante palato-alveolar, as dimensões diassexual e diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e tendo em vista os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1), quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, salientamos que nossos resultados vão ao encontro dos resultados constatados por Brescancini (1996; 2002) e por Bassi (2011) que, também, verificaram maiores frequências de uso para a variante palato-alveolar entre os informantes de sexo feminino. Esse fato confirma nossa hipótese para a dimensão diassexual com relação à localidade de Florianópolis-SC.

No entanto, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver capítulo 2, seção 2.2), os resultados alcançados em alguns estudos, com relação ao sexo, são discrepantes. A pesquisa de Callou e Marques (1975), por exemplo, revela a predominância da variante palato-alveolar entre as mulheres na zona norte, mas, em outra região carioca, são os homens que lideram o processo. Callou e Moraes (1996) salientam, também, um comportamento diferenciado entre homens e mulheres no Rio de Janeiro-

RJ. Scherre e Macedo (2000) afirmam que são os informantes de sexo feminino os que mais realizam a variante palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ. Gryner e Macedo (2000), por sua vez, concluem que a diferença na produção da variante palato-alveolar entre ambos os sexos não é significativa na localidade de Cordeiro-RJ. Callou e Brandão (2009) sustentam que na fala carioca a realização da fricativa palato-alveolar ocorre independentemente do nível de escolaridade, do sexo e da faixa etária dos informantes. Bassi (2011) observa que são os informantes cariocas homens os que mais produzem a variante palato-alveolar.

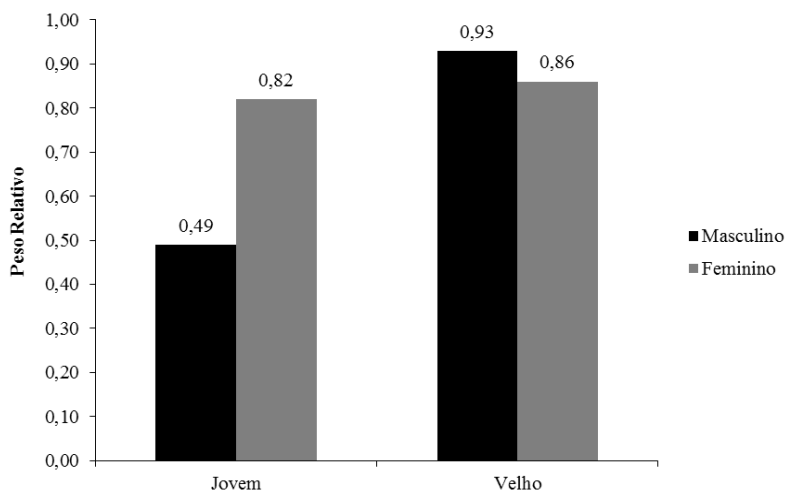
Portanto, a análise dos nossos dados corrobora os resultados alcançados por Bassi (2011), sendo os informantes do sexo masculino os que mais realizam a fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ. Esse resultado confirma nossa hipótese quanto à dimensão diassexual e a localidade carioca em questão. Por outro lado, ressaltamos que os nossos resultados referentes à produção da fricativa palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ, apresentados no Gráfico 38, mostram que o comportamento dos informantes masculinos e femininos é muito semelhante, visto que o peso relativo é elevado para ambos, fato que justificaria a discrepância com relação à dimensão diassexual relatada nas pesquisas realizadas pelos autores aqui citados.

Tendo em vista que em Florianópolis-SC são os informantes do sexo feminino e que no Rio de Janeiro-RJ são os informantes masculinos os que mais favorecem a realização da variante palato-alveolar em nosso estudo, como apontam os resultados apresentados no Gráfico 38, mostramos os resultados referentes às dimensões diassexual e diageracional diferenciando as localidades, a fim de verificar se esses resultados serão replicados aquando dos cruzamentos efetuados nos pontos do PB analisados. Vejamos o Gráfico 39, que apresenta o cruzamento entre as dimensões diassexual e diageracional para a localidade de Florianópolis-SC.

Com relação aos resultados referentes às dimensões diassexual e diageracional dos informantes florianopolitanos, expostos no Gráfico 39, observamos um comportamento bastante discrepante entre os informantes masculinos, tanto entre os jovens quanto entre os mais velhos. Desse modo, dentre os informantes masculinos, os mais velhos são os grandes motivadores da produção palato-alveolar (0,93). Porém, dentre os informantes jovens o peso relativo se encontra abaixo do ponto de referência (0,49), sendo, portanto, menos frequente o segmento em análise pelos informantes masculinos jovens. Os informantes de sexo feminino exibem, por sua vez, um papel similar, já que dentre os informantes mais velhos a variante palato-alveolar é bastante difundida

(0,86). Porém, dentre os informantes jovens o peso relativo sofre uma pequena queda (0,82), sendo menos frequente o segmento em análise pelos informantes femininos jovens.

Gráfico 39 - A variante palato-alveolar, as dimensões diassexual e diageracional dos informantes florianopolitanos



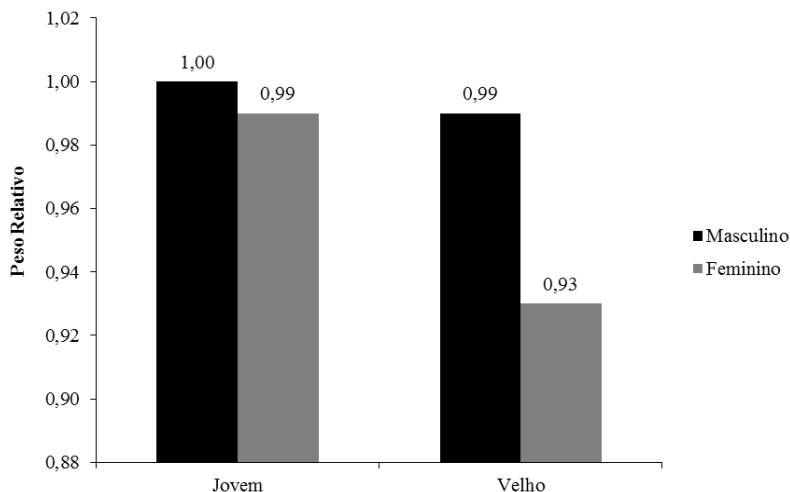
Fonte: Elaboração própria.

Verificamos, a partir de tais resultados referentes à localidade de Florianópolis-SC, que os informantes masculinos mais velhos apresentam, quanto à produção da fricativa palato-alveolar, pesos relativos mais elevados (0,93). Em contrapartida, os informantes de sexo feminino apontam valores mais aproximados do que os informantes masculinos, o que reflete uma atitude mais homogênea por parte dos informantes femininos.

Com relação aos resultados referentes às dimensões diassexual e diageracional dos informantes cariocas, expostos no Gráfico 40, observamos um comportamento equivalente entre os informantes mais jovens, tanto do sexo masculino quanto do feminino, visto que os pesos relativos são categóricos (0,99) para essa variável social. Os informantes mais velhos cariocas de sexo masculino exibem, por sua vez, um papel semelhante, já que a variante palato-alveolar é realizada de forma bastante elevada (0,99) por esses informantes. Porém, dentre os informantes

femininos mais velhos cariocas, o peso relativo sofre uma queda (0,93), sendo, portanto, menos frequente.

Gráfico 40 - A variante palato-alveolar, as dimensões diassexual e diageracional dos informantes cariocas



Fonte: Elaboração própria.

Constatamos, a partir de tais resultados referentes à localidade do Rio de Janeiro-RJ, que os informantes masculinos, tanto jovens quanto mais velhos, apresentam, com relação à produção da fricativa palato-alveolar, pesos relativos bastante elevados, 1,00 e 0,99, respectivamente. Podemos concluir, conforme no Gráfico 40, que no Rio de Janeiro-RJ há indícios de uma situação de estabilidade no que tange a realização da fricativa palato-alveolar tendo em vista que os valores em peso relativo são bastante elevados e aproximados para ambos os sexos e faixas etárias.

Em suma, a dimensão diassexual revelou os informantes femininos como os maiores produtores da variante palato-alveolar em posição de coda. Partimos desse resultado geral, exposto na Tabela 11, realizamos seu cruzamento com outras dimensões, como diatópica e diageracional, a fim de analisar se os mesmos resultados seriam repetidos nessas dimensões extralinguísticas. O resultado mostrou que, em Florianópolis-SC, são os informantes masculinos mais velhos os que apresentam um maior favorecimento da realização palato-alveolar em coda. Esse fato nos permite dizer que nessa localidade catarinense o

segmento em estudo dá indícios de mudança em progresso desfavorável à realização da fricativa palato-alveolar, conforme mostra o Gráfico 39. Já, no Rio de Janeiro-RJ, são os informantes masculinos e femininos, independentemente da faixa etária, os grandes motivadores da produção palato-alveolar em coda silábica. Esse resultado nos possibilita afirmar que nessa localidade carioca a variante em análise, ao contrário de Florianópolis, apresenta indícios de uma situação de estabilidade, segundo mostra o Gráfico 40, visto que as diferenças em termos de valores de peso relativo são estreitas.

A seção seguinte apresenta os resultados para a dimensão diafásica (estilos de fala), considerada a menos relevante para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda.

5.5.11 Dimensão diafásica (estilos de fala)

A dimensão diafásica não foi selecionada pela análise progressiva *step-up* realizada pelo programa Rbrul, dessa maneira, não se apresentou estatisticamente relevante para o fenômeno em estudo. Os resultados, apresentados na Tabela 12, confirmam nossa hipótese geral sobre o predomínio da variante palato-alveolar no PB¹⁶⁴ no estilo de fala conversa semidirigida (0,56). À vista disso, os resultados, expostos na Tabela 12, em termos gerais, apontam que é no estilo de fala [-formal] que o vernáculo do falante se manifesta (LABOV, 2008). O estilo de fala leitura de texto apresentou peso relativo um pouco acima da neutralidade (0,52), porém, mais elevado que o estilo resposta aos questionários, que se mostrou desfavorável (0,42) à aplicação da regra.

Com base na Tabela 12, ainda, podemos verificar que nossos resultados não vão na mesma direção da escala de formalidade de Labov (2008), visto que o estilo de fala leitura de texto mostrou-se mais favorecedor à realização da fricativa palato-alveolar que o estilo resposta aos questionários.

¹⁶⁴ Salientamos que todos os informantes, independente do estilo de fala, realizaram a fricativa palato-alveolar em 100% dos dados, o que confirma nossa hipótese geral para o PE. Analisamos 160 dados de conversa semidirigida (80 de Lisboa-PT e 80 de São Jorge-Açores/PT), 160 dados de leitura de texto (80 de Lisboa-PT e 80 de São Jorge-Açores/PT) e 440 dados de resposta aos questionários (218 de Lisboa-PT e 222 de São Jorge-Açores/PT), nos quais a variante palato-alveolar foi produzida categoricamente.

Tabela 12 - Dimensão diafásica - PB

Dimensão diafásica - PB				
<i>Factors</i>	<i>Log-odds</i>	<i>Tokens (N)</i>	<i>Proportion of application value (palatalization)</i>	<i>Uncentered weights</i>
Conversa semidirigida	0.232	160	91%	0,56
Leitura de texto	0.069	160	89%	0,52
Resposta aos questionários	-0.301	449	86%	0,42

Deviance: 450.674

Overall proportion: 87%

R2: 0.415

Fonte: Elaboração própria.

Diante da situação de interação entre as dimensões diafásica e diatópica, apresentada no Gráfico 41, observamos que todos os estilos de fala foram favoráveis à realização da variante palato-alveolar, visto que os pesos relativos estão sempre acima do ponto de referência para ambos os estilos das duas localidades do PB.

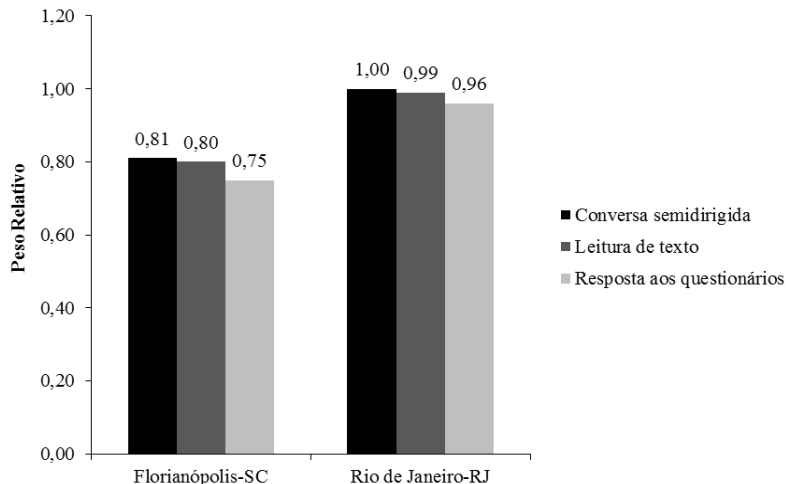
Por outro lado, entre os dados examinados para a região de Florianópolis-SC há uma pequena diferença na produção da fricativa palato-alveolar no estilo resposta aos questionários (0,75) e nos estilos conversa semidirigida (0,81) e leitura de texto (0,80). Sendo, portanto, o estilo de fala conversa semidirigida o que mais favorece a produção do segmento em estudo. Esse fato confirma nossa hipótese para a dimensão diafásica com relação à localidade de Florianópolis-SC. Podemos salientar que em rodada estatística apenas com os dados de Florianópolis-SC, esse resultado foi confirmado, sendo, portanto, o estilo de fala conversa semidirigida mais favorável (0,53) à produção palato-alveolar do que os estilos leitura de texto (0,51) e resposta aos questionários (0,45).

Na localidade do Rio de Janeiro-RJ ocorre uma realidade muito semelhante, já que há uma pequena diferença na produção da fricativa palato-alveolar no estilo resposta aos questionários (0,96) e nos estilos conversa semidirigida (1,00) e leitura de texto (0,99). Sendo, portanto, o estilo de fala conversa semidirigida o que mais favorece a produção palato-alveolar. Esse resultado não confirma nossa hipótese, quanto à dimensão diafásica, visto que esperávamos que fosse o estilo de fala resposta aos questionários o maior favorecedor da produção carioca da

fricativa palato-alveolar. Levando em consideração que na localidade do Rio de Janeiro-RJ os resultados em pesos relativos são bastante elevados, podemos fazer uma aproximação em termos de dimensão diafásica dessa região com o PE, no qual os resultados, quanto à realização da variante palato-alveolar, foram categóricos para todos os estilos de fala.

Quanto aos resultados referentes às dimensões diafásica e diatópica, expostos no Gráfico 41, observamos um comportamento muito semelhante entre o estilo de fala conversa semidirigida, visto que os pesos relativos são elevados para ambas as localidades do PB em análise: 0,81 para Florianópolis-SC, 1,00 para o Rio de Janeiro-RJ. Os estilos de fala leitura de texto e resposta aos questionários exibem, por sua vez, um papel diferenciado, já que, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ, apresentam pesos relativos um pouco menos elevados do que o estilo conversa semidirigida. Ressaltamos, ainda, que em Florianópolis-SC o peso relativo sofre uma queda (0,75), sendo, portanto, menos frequente o segmento em estudo no estilo de fala resposta aos questionários.

Gráfico 41 - A variante palato-alveolar, as dimensões diafásica e diatópica dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

Com base na revisão da literatura e tendo em vista os resultados obtidos para Florianópolis-SC (ver Capítulo 2, seção 2.1), quanto à produção da fricativa palato-alveolar em posição de coda, salientamos

que nossos resultados vão ao encontro dos resultados constatados por Bassi (2011) que, também, verificou maiores frequências de uso para a variante palato-alveolar no estilo de fala considerado [-formal], isto é, na conversa semidirigida.

No entanto, para a localidade do Rio de Janeiro-RJ (ver capítulo 2, seção 2.2), os resultados alcançados por Bassi (2011) apontaram o estilo de fala [+formal], ou seja, o estilo resposta aos questionários como o mais favorecedor da fricativa palato-alveolar em posição de coda silábica. Entretanto, nossos dados não corroboram os resultados alcançados por Bassi (2011), visto que o estilo de fala conversa semidirigida, assim como em Florianópolis-SC, mostrou-se mais relevante na produção carioca da fricativa palato-alveolar.

Notamos, dessa forma, que Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ mostram-se muito semelhantes com relação ao comportamento da dimensão diafásica, já que o estilo de fala [-formal] em cada uma dessas localidades apresenta pesos relativos elevados. Em vista disso, podemos dizer, também, que nossos resultados atestam, em parte, o eixo estilístico do *continuum* da escala de formalidade elaborada por Labov (2008). Assim, segundo o autor, o estilo conversa semidirigida estaria inserido no contexto A (fala casual); o estilo resposta aos questionários no contexto B (fala monitorada – ocorre quando, por exemplo, em situação de entrevista, o informante responde perguntas); e o estilo leitura de texto no contexto C (estilo de leitura). Por conseguinte, os contextos A a C são divisões formais do *continuum* do eixo estilístico que, conforme o autor, se distribui numa escala correspondente de formalidade: do [-formal] para o [+formal].

Levando em consideração a escala de formalidade de Labov (2008), nossos resultados reforçam, em parte, a divisão formal do *continuum* do eixo estilístico elaborada pelo autor, visto que nossos dados apresentam o estilo de fala conversa semidirigida inserido no contexto A (fala casual), assim como atesta Labov (2008); o estilo leitura de texto no contexto B (estilo de leitura); e o estilo resposta aos questionários no contexto C (fala monitorada – entrevista). Portanto, é somente no contexto A (fala casual) que nossos resultados ratificam a escala de formalidade apresentada por Labov (2008).

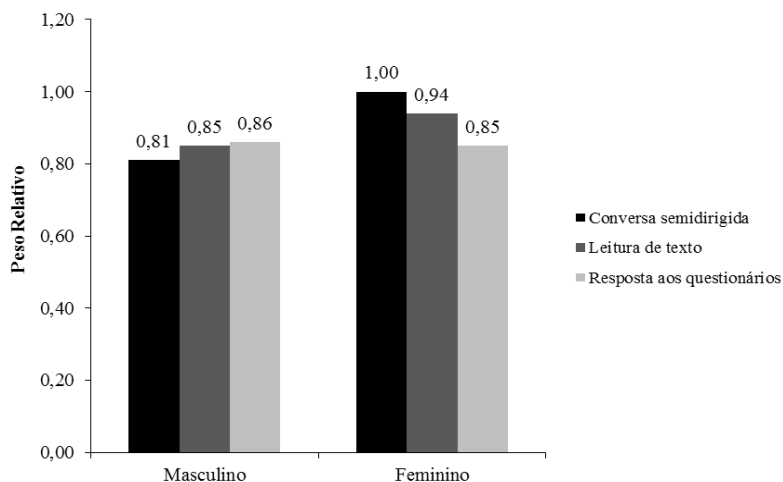
Com relação aos resultados referentes às dimensões diafásica e diasssexual, expostos no Gráfico 42, observamos um comportamento divergente na configuração dos estilos de fala entre os informantes masculinos e femininos do PB. Podemos observar que os três estilos de fala investigados apresentam um desempenho praticamente idêntico nos informantes de sexo masculino, visto que os pesos relativos exibem

valores muito próximos. Portanto, o estilo resposta aos questionários (0,86) e leitura de texto (0,85) apresentam valores muito semelhantes, por outro lado, verificamos que o estilo de fala conversa semidirigida exibe o menor peso relativo (0,81) entre os informantes masculinos.

Em contrapartida, os estilos de fala exibem um papel diferenciado entre os informantes de sexo feminino, já que o estilo conversa semidirigida apresenta categoricidade na produção da variante palato-alveolar, o estilo leitura de texto exibe peso relativo elevado (0,94), porém, é no estilo resposta aos questionários que o peso relativo sofre uma queda (0,85), sendo, portanto, menos frequente o segmento em análise nesse último estilo de fala.

Tendo em vista os resultados apresentados no Gráfico 42 e a escala de formalidade, obtida por meio da nossa análise geral dos dados do PB, exibida na Tabela 12, verificamos que a configuração dos estilos de fala entre os informantes de sexo feminino, quanto à realização da variante palato-alveolar, indica a mesma disposição dos estilos contextuais obtida na análise geral apresentada por nós. Portanto, os informantes femininos mostraram-se mais estáveis ao eixo estilístico do *continuum* da escala de formalidade exibido por nós, na análise global dos dados referentes ao PB, já que segue a mesma ordem contextual: contexto A (conversa semidirigida – fala casual) → contexto B (leitura de texto) → contexto C (resposta aos questionários – fala monitorada). Assim, enquanto que os informantes femininos seguem a escala de formalidade que considera do estilo [-formal] para o [+formal], os informantes masculinos exibem um comportamento totalmente inverso, isto é, do estilo [+formal] para o [-formal], levando em consideração a nossa escala de formalidade com relação à produção da fricativa palato-alveolar.

Gráfico 42 - A variante palato-alveolar, as dimensões diafásica e diassexual dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

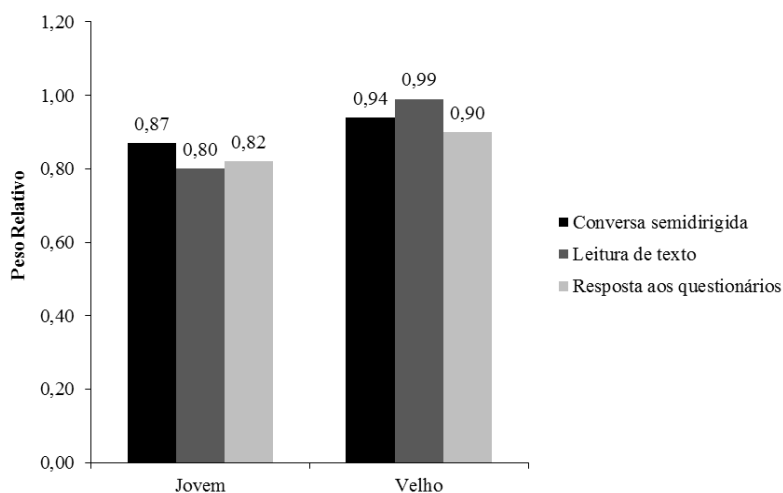
Quanto aos resultados referentes às dimensões diafásica e diageracional, expostos no Gráfico 43, observamos, também, um comportamento divergente na configuração dos estilos de fala entre os informantes jovens e velhos do PB. Podemos observar que o estilo resposta aos questionários (0,82) e leitura de texto (0,80) apresentam valores muito próximos; por outro lado, verificamos que o estilo conversa semidirigida exibe o maior peso relativo (0,87) entre os informantes jovens. Portanto, é esse último estilo de fala que mais favorece a produção da fricativa palato-alveolar entre os informantes jovens da nossa amostra.

Em contrapartida, os três estilos de fala exibem um papel diferenciado entre os informantes mais velhos, já que dentre os estilos de fala analisados há valores muito semelhantes entre si. Assim, o estilo leitura de texto apresenta peso relativo elevado (0,99), o estilo conversa semidirigida exibe peso relativo um pouco menos elevado (0,94), porém, é no estilo resposta aos questionários que o peso relativo sofre uma queda (0,90), sendo, portanto, menos frequente o segmento em análise nesse último estilo de fala.

Tendo em vista os resultados apresentados no Gráfico 43 e o eixo estilístico do *continuum* da escala de formalidade de Labov (2008), verificamos que a configuração dos estilos de fala entre os informantes

jovens, quanto à realização da variante palato-alveolar, indica a mesma disposição dos estilos contextuais obtida pelo autor. Portanto, os informantes jovens mostraram-se mais estáveis a essa escala de formalidade exibida pelo autor, já que segue a mesma ordem contextual: contexto A (conversa semidirigida – fala casual) → contexto B (resposta aos questionários – fala monitorada) → contexto C (leitura de texto). Assim, enquanto que os informantes jovens seguem a escala de formalidade que considera o estilo [-formal] para o [+formal], os informantes mais velhos exibem um comportamento discrepante, visto que não seguem nem o eixo estilístico do *continuum* da escala de formalidade do autor e nem o estabelecido por nós, com base na Tabela 12, quanto à produção da fricativa palato-alveolar.

Gráfico 43 - A variante palato-alveolar, as dimensões diafásica e diageracional dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

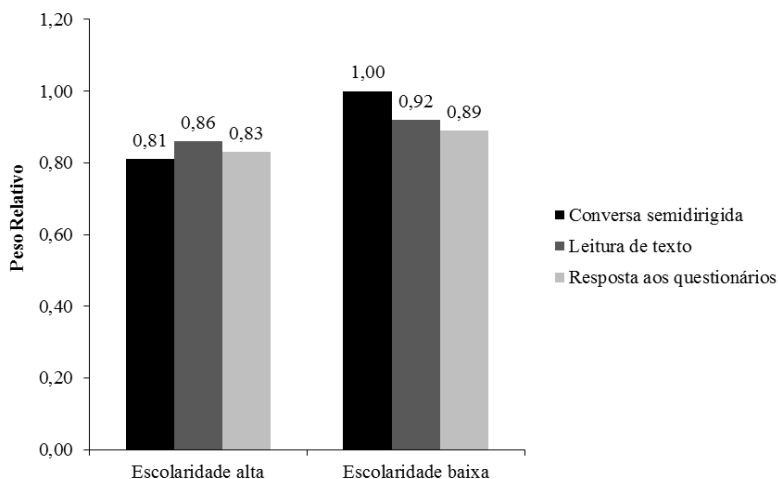
Observamos, com base nos resultados referentes às dimensões diafásica e diastrática, expostos no Gráfico 44, um comportamento divergente na configuração dos estilos de fala entre os informantes com escolaridade alta e baixa do PB. Podemos verificar que os estilos leitura de texto (0,86), resposta aos questionários (0,83) e conversa semidirigida (0,81) apresentam valores muito próximos, entretanto, o estilo leitura de texto exibe o maior peso relativo (0,86) entre os informantes com

escolaridade alta. Portanto, é esse estilo de fala que mais favorece a produção da fricativa palato-alveolar entre os informantes com maior nível de instrução da nossa amostra.

Os estilos de fala, também, exibem um papel diferenciado entre os informantes com escolaridade baixa, já que o estilo conversa semidirigida apresenta categoricidade na produção da variante palato-alveolar, o estilo leitura de texto exhibe peso relativo elevado (0,92), porém, é no estilo resposta aos questionários que o peso relativo sofre uma queda (0,82), sendo, portanto, menos frequente o segmento em análise nesse último estilo de fala.

Tendo em vista os resultados apresentados no Gráfico 44 e a escala de formalidade, obtida por meio da nossa análise geral dos dados do PB, exibida na Tabela 12, verificamos que a configuração dos estilos de fala entre os informantes com escolaridade baixa, quanto à realização da variante palato-alveolar, indica a mesma disposição dos estilos contextuais obtida na análise geral apresentada por nós. Portanto, os informantes com menor instrução mostraram-se mais estáveis ao eixo estilístico do *continuum* da escala de formalidade exibido por nós, na análise global dos dados referentes ao PB, já que seguem a mesma ordem contextual: contexto A (conversa semidirigida – fala casual) → contexto B (leitura de texto) → contexto C (resposta aos questionários – fala monitorada). Assim, enquanto que os informantes com baixa escolaridade seguem a escala de formalidade que considera do estilo [-formal] para o [+formal], conforme a nossa escala de formalidade exibida na Tabela 12, os informantes com alta escolaridade exibem um comportamento totalmente inverso, isto é, do estilo [+formal] para o [-formal], levando em consideração a escala de formalidade demonstrada por Labov (2008).

Gráfico 44 - A variante palato-alveolar, as dimensões diafásica e diastrática dos informantes do PB



Fonte: Elaboração própria.

De um modo geral, com a interação entre a dimensão diafásica e as outras dimensões sociais, podemos observar que os três estilos de fala (conversa semidirigida, leitura de texto e resposta aos questionários) ocorrem de forma mais favorecedora na localidade do Rio de Janeiro-RJ, nos informantes de sexo feminino, nos informantes mais velhos e nos informantes com baixa escolaridade.

Quanto aos estilos contextuais, com base na análise geral dos nossos dados, verificamos que, contrariamente ao eixo estilístico do *continuum* da escala de formalidade elaborado por Labov (2008), nossos resultados apontam para uma escala de formalidade que segue a direção: contexto A (conversa semidirigida – fala casual) → contexto B (leitura de texto) → contexto C (resposta aos questionários – fala monitorada).

A nossa escala, portanto, diferencia-se da escala de formalidade de Labov (2008) pela troca do contexto B pelo C. À vista disso, acreditamos que o estilo de fala leitura de texto mostrou-se, nos nossos dados, [+formal], sendo que era esperado [+formal] de acordo com Labov (2008), por conta de que a atividade de leitura de texto foi solicitada aos informantes como a última tarefa de toda a entrevista. Assim, consideramos que os participantes da pesquisa já estavam, de certa forma, menos tensos e conseguiram executar uma leitura mais relaxada do texto que lhes foi requerido. Além disso, o texto trazia um vocabulário de fácil

acesso¹⁶⁵ a todos os informantes, independentemente da faixa etária ou da escolaridade que possuíam, isto é, a escolha do vocabulário não ocasionou tensão alguma durante a leitura. Esse fato reflete-se nos resultados gerais dos dados, já que foram os informantes mais velhos e com menos escolaridade os que mais favoreceram a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica.

Em contrapartida, a atividade de resposta aos questionários foi a primeira tarefa que executamos durante a entrevista, ou seja, nos primeiros minutos da entrevista fizemos logo a realização dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical do ALiB que compunham a entrevista. Esse episódio deve ter contribuído para que, em nossos resultados, o estilo resposta aos questionários fosse caracterizado como um estilo de fala [+formal]. Isso nos leva a refletir sobre a importância na escolha da distribuição das tarefas a serem executadas quando se opta por fazer uma entrevista para recolha de dados de fala.

5.6 ANÁLISE ACÚSTICA DA FRICATIVA /s/ EM CODA SILÁBICA NO PB E NO PE

Nesta seção, apresentamos uma análise acústica da fricativa /s/ em posição de coda silábica, bem como caracterizamos articulatoriamente e acusticamente esse segmento fricativo que é produzido no canal fonador pela compressão parcial da corrente de ar egressa dos pulmões. Podemos antecipar, previamente, que o gesto responsável por tal compressão caracteriza-se pela aproximação de um articulador móvel a outro imóvel no trato vocal e a consequente formação de uma passagem para o ar (ROSETTI, 1962). Os sons fricativos são encontrados em quase todas as línguas do mundo – que vão desde articulações labiais até a laríngea (MALMBERG, 1954).

Iniciamos com a apresentação de algumas questões que merecem destaque referentes à realização do segmento fricativo /s/ em análise. Posteriormente, divulgamos uma breve revisão da literatura dos estudos fonéticos elaborados no PB que contemplam o segmento fricativo /s/; em seguida, expomos os procedimentos metodológicos adotados para a presente análise acústica; posteriormente, apresentamos uma breve descrição/caracterização articulatória e acústica da fricativa /s/ em posição de coda silábica; e, por fim, apresentamos a análise acústica dos dados referentes aos picos espectrais e ao nível de escolaridade dos informantes brasileiros e portugueses.

¹⁶⁵ Conforme Anexo F.

5.6.1 Alguns apontamentos sobre a produção do segmento fricativo /s/

Segmentos fricativos são produzidos a partir da compressão parcial da corrente de ar egressiva vinda dos pulmões. Esse gesto é caracterizado pela estreita aproximação de dois articuladores, um ativo e outro passivo, no trato oral que ocasiona um ruído e/ou uma fricção na passagem da corrente de ar (LADEFOGED; MADDIESON, 1996). Desse modo, o som fricativo é determinado por meio do efeito da turbulência que exerce pressão em determinado ponto, forçando a passagem do ar por uma pequena abertura.

Com base nessa definição, propomo-nos caracterizar acusticamente o segmento fricativo /s/ em coda silábica no PB e no PE, através de um recorte na amostra, para apurar as semelhanças e diferenças acústicas quanto à realização desse segmento fricativo; e, investigar a realização da fricativa alveolar em coda silábica como uma variedade de contato entre o PB e o PE, relacionando às possíveis variantes fônicas com o processo de colonização das localidades em questão.

Ressaltamos que é de senso comum que o segmento fricativo /s/, nessa posição silábica, ocorre no PB como fricativa alveolar ou palato-alveolar, a depender, é claro, do dialeto que está em análise. Se o dialeto a ser investigado for, por exemplo, um dialeto florianopolitano, carioca ou belenense, podemos dizer que há maior produção de fricativa palato-alveolar em posição final de sílaba, mas se estivermos investigando um dialeto de contato com o espanhol, no Rio Grande do Sul, por exemplo, vamos contatar que a fricativa alveolar é realizada em coda silábica, categoricamente.

No entanto, em pesquisa realizada por Bassi (2011), que descreveu e analisou o fenômeno da palatalização da fricativa alveolar em posição de coda silábica na fala de informantes florianopolitanos e cariocas¹⁶⁶, e em pesquisa mais recente, Bassi (2014), que analisou a realização das fricativas [s, z, ʃ, ʒ, ʎ, ʝ] na fala de informantes portugueses¹⁶⁷, foi constatado, pela autora, que a produção desses segmentos fricativos não é tão sistêmica como se tem documentado.

¹⁶⁶ A autora observou nesse estudo, a partir de uma análise de oitiva, com base nos dados referentes às entrevistas do ALiB, que a realização da fricativa alveolar em Florianópolis-SC ora era alveolar ora palato-alveolar (ver Capítulo 2, seção 2.1, Gráfico 4), fato que ocorreu com menos frequência no Rio de Janeiro-RJ (ver Capítulo 2, seção 2.2, Gráfico 8).

¹⁶⁷ Para mais informações ver Capítulo 2, seção 2.4.3.

Com base nos estudos supracitados, pretendemos, neste trabalho, verificar quais segmentos fricativos, dentre os investigados [s, z, ʃ, ʒ, ʒ̃, ʒ̃̃] são realizados no PB e no PE na posição de coda silábica. Salientamos que a escolha das localidades não foi de forma alguma aleatória. Baseamo-nos em pesquisas recentes que descrevem as localidades de Florianópolis-SC, Rio de Janeiro-RJ, Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT como locais de produção palato-alveolar [ʃ, ʒ]; em Erechim-RS, por exemplo, a produção seria alveolar [s, z], assim como em todo o estado do Rio Grande do Sul; e em Granjal-Viscu/PT, a realização seria ápico-alveolar [ʃ, ʒ̃], visto que o norte de Portugal é considerada uma região que conserva a produção ápico-alveolar (SEGURA; SARAMAGO, 2001).

Além disso, baseamo-nos, também, para as localidades que teriam a produção palato-alveolar em coda silábica, no fator colonização como um parâmetro para a comparabilidade dos pontos geográficos do PB. Considerando-se que Florianópolis-SC que foi colonizada na sua grande parte por portugueses da ilha de São Jorge-Açores/PT e Rio de Janeiro-RJ que foi colonizado por portugueses que vieram com a corte de Lisboa-PT, os quais exerceram grande influência linguística e política no português falado na época (FURLAN, 1989).

Propomo-nos com este estudo responder algumas questões que há algum tempo nos causam inquietação. A primeira delas é sobre a natureza do segmento fricativo palato-alveolar, visto que, por análises de oitiva, percebemos que parece haver diferença entre o segmento palato-alveolar produzido no Rio de Janeiro-RJ e o mesmo segmento produzido em Florianópolis-SC, parecendo que um seria mais palato-alveolar do que o outro. Assim, se não é alveolar nem palato-alveolar, qual seria a sua natureza? Seria possível encontrar um segmento ápico-alveolar no PB? O que explicaria a produção ápico-alveolar no PB, caso a encontremos?

5.6.2 Breve revisão dos estudos fonéticos sobre a fricativa /s/ no PB

Com relação ao PB¹⁶⁸, Haupt (2007) realizou um estudo sobre as características acústicas das fricativas alveolares e palato-alveolares de dois dialetos da região de Florianópolis-SC, a partir de dois corpora (um de fala espontânea e outro de fala controlada)¹⁶⁹. Para a análise das

¹⁶⁸ Ver Capítulo 2, seção 2.4.2, a revisão da literatura dos estudos fonéticos sobre a fricativa /s/ no PE.

¹⁶⁹ O corpus controlado foi elaborado de modo a abranger as fricativas [s, z, ʃ, ʒ] em início e em final de sílaba. Para tanto, foram criadas pseudopalavras que foram

características do espectro de frequência das fricativas, a autora utilizou as medidas dos picos espectrais, obtidos através do cálculo de quatro formantes. De maneira geral, os resultados de Haupt (2007) indicam que as fricativas alveolares têm seu pico de energia em regiões de frequência mais altas do que as palato-alveolares.

Com relação à duração dos segmentos fricativos, Haupt (2007) observou que as fricativas surdas são mais longas do que as sonoras e que, em *onset*, a surda é aproximadamente duas vezes mais longa do que a sonora. Essa diferença, no entanto, diminui quando essas consoantes se encontram em coda, chegando a ter médias muito próximas entre surdas e sonoras, especialmente as palato-alveolares. A partir disso, Haupt (2007) concluiu que a duração é um parâmetro adequado para distinguir as sibilantes surdas das sonoras quando elas se encontram em *onset*, porém esse parâmetro não se mostrou tão claro quando essas mesmas consoantes se encontram em coda silábica.

Quanto às frequências das fricativas, Haupt (2007) verificou que os segmentos fricativos alveolares /s, z/ em coda silábica possuem, em média, o primeiro pico espectral entre 5300-5600 Hz, o segundo entre 6800-7100 Hz e o terceiro pico entre 9200-9300 Hz. Conforme a autora, as palato-alveolares /ʃ, ʒ/, também em coda silábica, apresentam picos espectrais mais baixos, sendo em média o primeiro pico entre 3300-3400 Hz, o segundo entre 6200-6300 Hz e o terceiro pico entre 8300-8500 Hz.

Behlau e Russo (1993, p. 46), assim como Haupt (2007), relatam que as fricativas “/s, z/ são sons fortes, agudos, com uma faixa de frequência acima de 4500 Hz, chegando a 8000 Hz. As posteriores /ʃ, ʒ/ também apresentam uma faixa de frequência ampla, semelhante a /s, z/, porém mais grave, entre 2500 e 6000 Hz”.

Cristofolini (2013) aponta em seu estudo as principais características acústicas dos segmentos plosivos e fricativos do PB, observadas na fala infantil, a fim de verificar se após o “término” da aquisição fonológica, ainda existe um período de refinamento articulatório. Para tanto, a autora realizou gravações de fala de crianças de 06 anos, 08 anos, 10 anos e 12 anos, bem como de um grupo de adultos, usado como referência, a partir de um corpus especialmente elaborado

repetidas cinco vezes isoladamente, e três vezes dentro de uma frase veículo por dois informantes. Foram também gravadas palavras reais, nas quais a fricativa se encontrava nos mesmos contextos. Para a elaboração do corpus, todas as fricativas foram colocadas em contexto tônico e seguidas de uma oclusiva. A autora não observou o contexto vocálico, visto que, em todos os dados, era sempre a vogal [a] que precedia ou seguia o segmento fricativo.

para a pesquisa. No estudo fonético acústico, Cristofolini (2013) analisou parâmetros quantitativos (como taxa de elocução dos falantes, VOT¹⁷⁰, duração total e relativa dos segmentos e momentos espectrais: centroide, variância, assimetria e curtose¹⁷¹) e qualitativos (nos quais foram analisadas características não descritas habitualmente na literatura para os segmentos em questão – que a autora chama de “especificidades acústicas” – e discutidas a partir da perspectiva dinâmica da Fonologia Acústico-Articulatória).

Quanto à análise quantitativa, Cristofolini (2013) obteve como principais resultados, diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários na taxa de elocução e somente nos valores absolutos de VOT para os segmentos plosivos e de duração total para os segmentos fricativos. Os parâmetros temporais relativos (VOT e duração) apresentaram, segundo a autora, diferenças estatisticamente relevantes em apenas dois segmentos ([b] e [s]), o que pareceu demonstrar que estejam adquiridos adequadamente desde os 06 anos de idade (CRISTOFOLINI, 2013).

Quanto à análise qualitativa, a autora destacou a frequência e a distribuição da aspiração dos segmentos plosivos não vozeados e a observação de características acústicas inabituais, em um número maior no grupo de 06 anos de idade, diminuindo gradativamente com o avanço da idade. De acordo com Cristofolini (2013), esses resultados dão indícios da gradiência do gesto articulatório, também presente na fala adulta, e parecem corroborar a hipótese de um período de refinamento articulatório, mesmo após o “término” da aquisição fonológica, uma vez

¹⁷⁰ O VOT (*Voice Onset Time*) refere-se ao intervalo de tempo entre a soltura da oclusão do segmento e o início da sonorização. Os segmentos vozeados apresentam o início da sonorização antes da soltura da oclusão, evento marcado por um VOT negativo, ao passo que os segmentos não vozeados apresentam VOT positivo ou nulo, pois a sonorização ocorre logo após a soltura da oclusão (LISKER; AMBRAMSON, 1964).

¹⁷¹ O centroide alude ao primeiro momento da distribuição espectral e corresponde à média ponderada da intensidade dos componentes de frequência de um espectro FFT, que apontam para o centro de gravidade do segmento. A variância corresponde ao segundo momento da distribuição espectral e descreve a variabilidade da distribuição em relação à média, ou seja, é uma medida da dispersão das frequências dadas pelo espectro. A assimetria refere-se ao terceiro momento da distribuição espectral e indica como é a distribuição das frequências em torno da média. A curtose refere-se ao quarto momento da distribuição espectral e é um indicador do pico da distribuição das frequências no espectro (BERTI, 2006; BERTI, 2010; BERTI; MARINO, 2011).

que as habilidades motoras da fala vão se aprimorando até que o gesto articulatório esteja estabilizado, tanto em sua organização temporal quanto em sua magnitude.

Com relação aos valores de frequência dos segmentos fricativos, Cristofolini (2013) relata que os segmentos fricativos alveolares /s, z/ têm em média o primeiro pico espectral entre 4400-5400 Hz, enquanto que os segmentos fricativos palato-alveolares /ʃ, ʒ/ têm em média o primeiro pico entre 2500-3400 Hz.

Berti (2006) realizou um estudo sobre a aquisição incompleta do contraste entre as fricativas alveolar e palato-alveolar surdas em crianças com e sem queixas fonoaudiológicas. O estudo realizado pela autora sobre a produção desses segmentos consistiu da análise acústica da fala de seis crianças (três com queixas e três sem queixas fonoaudiológicas).

Berti (2006) utilizou, para a caracterização das fricativas, parâmetros relativos às características espectrais do ruído (análise do limite inferior do pico de energia do espectro e análise dos quatro primeiros momentos espectrais – centróide, variância, assimetria e curtose); parâmetros relativos às características acústicas das vogais adjacentes ao ruído (medidas das frequências das vogais – F1 e F2 das vogais); trajetórias formânticas das vogais adjacentes às fricativas (transição inicial, posição estacionária e transição final de F1 e F2); e parâmetros relativos ao padrão temporal (duração do ruído e taxa de mudança da frequência formântica no curso temporal).

De acordo com Berti (2006), os resultados obtidos com a análise do parâmetro limite inferior do pico de energia do espectro estão de acordo com os pressupostos da teoria acústica de produção de fala, pois, segundo essa teoria, a fricativa alveolar tende a apresentar frequência de ressonâncias mais altas do que a fricativa palato-alveolar devido ao fato de a primeira apresentar comprimento menor de cavidade anterior quando comparada com a segunda. A autora afirma que isso pode ser verificado a partir dos valores do primeiro pico do espectro que antecedeu a subida das frequências das fricativas de ambos os grupos, para todas as vogais. Para Berti (2006), esse parâmetro acústico de análise se mostrou robusto para diferenciar as fricativas alveolar e palato-alveolar diante de todas as vogais, para ambos os grupos, corroborando os resultados já registrados na literatura.

Os resultados de Berti (2006), referentes à análise dos quatro momentos espectrais, evidenciam que o primeiro momento espectral, centróide, distinguiu as fricativas com relação ao ponto de articulação em contexto das vogais /a/ e /i/, para as crianças com e sem queixas

fonaudiológicas. Em contexto de vogal /u/ não houve distinção entre os pontos de articulação das fricativas. O segundo momento espectral, variância, distinguiu as fricativas alveolar e palato-alveolar em todos os contextos vocálicos, em ambos os grupos de crianças. A assimetria, terceiro momento, distinguiu o ponto de articulação das fricativas apenas em contexto das vogais /a/ e /i/, para ambos os grupos de crianças. Já a curtose, quarto momento espectral, não distinguiu as fricativas alveolar e palato-alveolar.

Rinaldi (2010) desenvolveu uma descrição das vogais e obstruintes (oclusivas e fricativas) da fala infantil para o PB. A autora utilizou a métrica quantitativa, proposta por Forrest et al. (1988)¹⁷², para descrever os parâmetros acústicos relativos ao espectro das fricativas. De acordo com Rinaldi (2010), as análises das consoantes fricativas indicam que o primeiro momento espectral (centróide) e o segundo momento (variância) foram eficazes para diferenciar os três locais de constrição, o vozeamento e a interação entre local e vozeamento. A assimetria, terceiro momento espectral, somente diferenciou local de constrição. Segundo a autora, o quarto momento espectral (curtose) não distinguiu as fricativas em nenhum parâmetro.

A fim de facilitar a comparação entre os resultados alcançados pelos autores aqui resenhados e na revisão da literatura referente aos estudos fonéticos sobre a fricativa /s/ no PE (Capítulo 2, seção 2.4.2), elaboramos a Tabela 13 que apresenta a distribuição dos valores de picos espectrais dos segmentos fricativos registrados para o PB e para o PE. Ressaltamos, todavia, que na Tabela 13 estão documentados somente os autores que apresentaram os valores de frequência dos segmentos fricativos em seus estudos. Assim, os autores que analisaram as fricativas levando em consideração parâmetros relativos às características espectrais, tais como centróide, variância, assimetria e curtose e não trataram, necessariamente, de valores de diferentes picos espectrais não foram registrados na Tabela 13, embora tenham seus estudos mencionados.

¹⁷² A métrica quantitativa proposta por Forrest et al. (1988) refere-se a uma análise estatística do espectro, na qual o espectro é tratado como se fosse uma distribuição de densidade probabilística, descritível por parâmetros estatísticos. Assim, são calculados o centroide, a variância, a assimetria e a curtose do espectro. Tais medidas tentam incorporar tanto informações locais do espectro quanto informações mais globais, como a forma espectral, por exemplo.

Tabela 13 - Distribuição dos valores de picos espectrais dos segmentos fricativos registrados para o PB e para o PE

PB				
	Picos Espectrais	Ápico-alveolar	Alveolar	Palato-alveolar
BEHLAU E RUSSO (1993)	P _{E1}	-	4500	2500
	P _{E3}	-	8000	6000
HAUPT (2007)	P _{E1}	-	5300-5600	3300-3400
	P _{E2}	-	6800-7100	6200-6300
	P _{E3}	-	9200-9300	8300-8500
CRISTOFOLINI (2013)	P _{E1}	-	4400-5400	2500-3400
PE				
	Picos Espectrais	Ápico-alveolar	Alveolar	Palato-alveolar
LACERDA (1982)	P _E MÉDIO	-	5000	3000
MARTINS E SARAMAGO (1993)	P _{E1}	2900-3300	3100-3700	-
	P _{E2}	3800-5500	3800-5400	-
	P _{E3}	7400-8000	6100-7600	-

JESUS (1999)	P _E PRINCIPAL	-	5000	2600
	P _E SECUNDÁRIO	-	10000-15000	11000
ANDRADE E SARROEIRA (2000)	P _{E3}	-	-	2500-3000
	P _{E4}	-	-	3300-3500
	P _{E5}	-	5000-5400	-
	P _{E6}	-	6000-6200	-
JESUS E SHADLE (2002)	P _E MÉDIO	-	6000	4000

Fonte: Elaboração própria.

5.6.3 Procedimentos metodológicos

Nesta seção, apresentamos a metodologia utilizada na presente análise acústica que inclui um recorte na amostra do PB, retirada do ALiB, e na amostra do PE, uma amostra inédita e a amostra do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Além das amostras utilizadas para esse estudo, apresentamos, também, os perfis dos informantes e o programa utilizado para a análise acústica dos dados.

5.6.3.1 A amostra reduzida do ALiB e do PE

Para a análise acústica dos dados, fizemos um recorte na amostra do ALiB¹⁷³ e do PE¹⁷⁴. Selecionamos somente os dados referentes ao QFF e ao QSL que contemplam o segmento fricativo /s/ em posição de coda

¹⁷³ Ver Capítulo 5, seção 5.2.1, para mais informações sobre a amostra de dados do PB (amostra ALiB).

¹⁷⁴ Ver Capítulo 5, seção 5.2.2, para mais informações sobre a amostra de dados do PE.

silábica¹⁷⁵. De acordo com o QFF, busca-se que o informante dê como resposta o termo específico da questão, embora com as variações de ordem fônica. Por esse motivo, os itens contemplados nesse questionário são os mais gerais possíveis, com vistas a possibilitar a resposta de informantes de todas as partes do país.

Por outro lado, no QSL pretende-se que o informante responda com os itens lexicais que conhece para o conceito descrito, ou pergunte-se pelo significado de uma palavra. Sabemos que, nesse tipo de questionário, o informante pode alternar de uma resposta para outra e pode pronunciar diferentes itens como resposta. Por esse motivo, buscamos somente as questões em que os informantes responderam o mesmo item lexical em cada questão selecionada.

5.6.3.2 A amostra inédita

A amostra de dados inédita compreende uma entrevista realizada pela pesquisadora deste estudo em Erechim-RS. Para a coleta de dados, trabalhamos com o mesmo questionário utilizado no ALiB, portanto, com os mesmos itens lexicais¹⁷⁶.

Realizamos, então, em Erechim-RS, um primeiro contato com o informante e explicamos o objetivo da entrevista. Com o consentimento do informante, preenchemos a ficha do informante¹⁷⁷ e apresentamos o termo de consentimento do comitê de ética¹⁷⁸ para o participante da pesquisa. Na data marcada para a entrevista, recolhemos a assinatura do informante no termo de consentimento do comitê de ética e realizamos a entrevista, gravando-a sempre em duas mídias diferentes (Gravador de Voz Digital Sony ICD-PX312 e *software* de gravação de áudio Audacity).

Fizemos, ainda, um levantamento demográfico, social, histórico, linguístico e cultural da localidade, na qual a entrevista foi realizada. Após esse levantamento, aplicamos o mesmo roteiro para a coleta de dados¹⁷⁹ que utilizamos nas entrevistas referentes ao PE, que serviu como guia para nos dar suporte na entrevista, no qual os assuntos levantados foram: família, trabalho, lazer, estudo e situações de risco.

Iniciamos a entrevista abordando na íntegra o roteiro para a coleta de dados, a fim de estabelecer uma interação entre inquiridor e

¹⁷⁵ Ver anexo D.

¹⁷⁶ Conforme anexo D.

¹⁷⁷ De acordo com o anexo G.

¹⁷⁸ Ver anexo H.

¹⁷⁹ Conforme anexo I.

informante, além de tranquilizá-lo com relação à entrevista. Depois de feito isso, aplicamos as mesmas questões selecionadas, tanto do QFF quanto do QSL do ALiB, ao informante.

5.6.3.3 A amostra do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

A amostra referente à localidade portuguesa continental de Granjal-Viseu/PT foi retirada do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Essa amostra abrange textos gravados¹⁸⁰ aquando da aplicação de inquéritos dialetais para o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), realizado naquele centro de investigação. O critério principal para a seleção dos textos, dessa amostra, foi a representatividade, ou seja, houve a preocupação por parte dos pesquisadores responsáveis de encontrar excertos que incluíssem palavras¹⁸¹ em que possam estar reproduzidos os traços que diferenciariam os dialetos uns dos outros.

Cada conjunto de dialetos está, de maneira geral, exemplificado por mais de um texto, à exceção das variedades do Baixo Minho e Douro Litoral e do Barlavento do Algarve, apenas com um texto cada uma. As variedades de menor extensão territorial apresentam também maior uniformidade interna. Convém, de acordo com Segura e Saramago (2001), não esquecer que os dialetos restantes constituem não apenas um único dialeto, mas um conjunto de dialetos, pelo que não é de estranhar que não se encontre a mesma uniformidade interna.

Assim, exemplificando: o grupo de dialetos do Centro-Litoral, que é delimitado pela isófona ou fronteira dialetal que separa os dialetos em que o ditongo [ej] se conserva (em que ele próprio se inscreve) do grupo de dialetos em que ele monotonga, é por sua vez atravessado por outras isófonas, igualmente importantes para a distinção entre dialetos setentrionais e centro-meridionais¹⁸², como é o caso da troca do /b/ por /v/. A seleção dos textos exemplificativos do Centro-Litoral ilustra essa situação ao incluir uma amostra de Golpilhal, povoação do distrito de Coimbra, freguesia de Figueira de Lorvão, concelho de Penacova, onde,

¹⁸⁰ De acordo com anexo L.

¹⁸¹ Os itens lexicais selecionados do texto gravado da entrevista referente à Granjal-Viseu/PT foram: desfeito, depois, navalhas, pedras, arranjadinhos, esfregado, cabelos, desfeito, depois, escorrido, mãos, pás, meios, cobros, presuntos, trás, lombos, coisas, coelhos.

¹⁸² Ver anexo A.

a par da convenção de ditongo [ej], se verifica a existência de /b/ por /v/ com grande vitalidade e, por outro lado, uma amostra de Moita do Martinho, localidade da freguesia de São Mamede, concelho da Batalha, distrito de Leiria, em que se pronuncia o ditongo, mas em que se faz a distinção entre /b/ e /v/ (SEGURA; SARAMAGO, 2001).

Os excertos sonoros exemplificativos têm a seguinte proveniência:

1. Grupo de dialetos setentrionais:
 - 1.1 Dialetos transmontanos e alto-minhotos: Castro Laboreiro (distrito de Viana do Castelo), Perafita (Vila Real) e Escalhão (Guarda).
 - 1.2 Dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões: Vila Boa de Bucos (Braga) e Granjal (Viseu);
 - 1.2.1 Variedade do baixo Minho e Douro Litoral: Porto.
2. Grupo de dialetos centro-meridionais:
 - 2.1 Dialetos do Centro-Litoral: Golpilhal (Coimbra) e Moita do Martinho (Leiria);
 - 2.2 Dialetos do Centro-Interior e Sul: Parreira (Santarém) e Peroguarda (Beja);
 - 2.2.1 Variedade da Beira Baixa e Alto Alentejo: Malpica do Tejo (Castelo Branco) e Castelo de Vide (Portalegre);
 - 2.2.2 Variedade do Barlavento do Algarve: Sagres (Faro).
3. Grupo de dialetos insulares:
 - 3.1 Dialetos madeirenses: Porto da Cruz (Madeira) e Camacha (Porto Santo);
 - 3.2 Dialetos açorianos: Ponta Garça (São Miguel) e Fontinhas (Terceira).

5.6.3.4 Perfis dos informantes

Para a escolha do perfil dos informantes detivemo-nos em alguns apontamentos sociolinguísticos e acústico-articulatórios para fazer a seleção dos participantes para este estudo acústico.

5.6.3.4.1 Sexo dos informantes

Com relação ao sexo dos informantes, selecionamos somente informantes masculinos, tendo em vista que alguns autores apresentam, em estudos sobre a palatalização da fricativa alveolar em diversas línguas, o sexo feminino como o que mais produz as fricativas palato-alveolares em posição de coda silábica (BHAT, 1978). Além disso, de acordo com Labov (2008), em situação de variação estável, as mulheres tendem a se aproximar mais da norma estabelecida pela comunidade em que estão inseridas do que os falantes masculinos. Portanto, tendo em vista essa variabilidade sociolinguística do sexo feminino, optamos pela análise apenas dos dados do sexo masculino.

Quanto às diferenças correspondentes ao trato vocal feminino e masculino, salientamos que há uma diferença referente à configuração do trato vocal na frequência dos formantes entre os sexos masculino e feminino que está relacionada ao comprimento do trato vocal e à extensão da faringe associada à posição vertical da laringe, além de diferenças anatômicas e fisiológicas na constituição das pregas vocais. Assumindo um formato cilíndrico, o trato vocal tem o comprimento médio de 17,5 cm, a frequência do formante ocorre por múltiplos de 500, 1500, 2500... Hz e assim por diante. Homens adultos possuem um tubo de comprimento por volta de 17 a 20 cm, entretanto, mulheres adultas têm um trato vocal mais curto e seus formantes são 15% mais elevados comparados aos homens adultos (SUNDBERG, 1987). Portanto, tendo em vista que no presente estudo analisamos os picos espectrais das fricativas alveolares, ápico-alveolares e palato-alveolares, acreditamos que seria mais fiel a análise se verificássemos os picos espectrais dos informantes masculinos, visto que entre os informantes femininos, cujo o trato vocal é menor, teríamos picos espectrais mais elevados, fato esse que poderia de alguma forma enviesar nossos resultados.

Em contrapartida, algumas pesquisas aplicam testes para verificar se essas diferenças na configuração do trato vocal feminino e masculino são estatisticamente significativas. Por exemplo, o Teste de Mann-Whitney que aponta, geralmente, diferenças referentes ao abaixamento laríngeo. Porém, a aplicação de outro teste, como o Teste Exato de Fisher, observa que as diferenças entre o trato vocal feminino e masculino não são significativas na maioria dos casos. Assim, para não termos de verificar essas diferenças, optamos por trabalhar apenas com os dados dos informantes masculinos.

5.6.3.4.2 Faixa etária dos informantes

Selecionamos, para esta pesquisa acústica, os informantes mais velhos, visto que, dentre as fricativas analisadas, observamos a produção de fricativas ápico-alveolares que são segmentos tidos como conservadores no PE. Com base nessa informação, achamos prudente selecionar somente informantes mais velhos para o estudo, pois tínhamos receio de não encontrar tal segmento em amostras de informantes mais jovens. Em estudo posterior, poder-se-á incluir os informantes mais jovens na análise.

5.6.3.4.3 Escolaridade dos informantes

Com relação à escolaridade dos informantes, ressaltamos que houve um questionamento sobre a influência do nível de instrução na produção de determinado segmento fricativo, ou seja, se informantes de escolaridade baixa ou alta estariam mais suscetíveis à escolha de um ou de outro segmento fricativo.

Com base nisso, preferimos manter as duas escolaridades, também utilizadas pelo ALiB, a fim de verificar se a produção de determinado segmento está, de certa forma, correlacionado ao nível de instrução dos informantes.

Pressupomos, com vista ao exposto, que os informantes com escolaridade baixa seriam os que mais utilizariam o segmento “conservador”, ou seja, as fricativas ápico-alveolares; já os informantes com escolaridade alta produziram mais os segmentos alveolar e palato-alveolar. Esse fato poderia ser explicado por meio do convívio social dos informantes, isto é, os informantes menos escolarizados teriam mais chances de produzir um segmento mais conservador do que segmentos menos conservadores, pois esses informantes estariam e/ou estiveram mais isolados do contato escolar e do contato com outros falantes.

5.6.3.4 Localidades do estudo

Quanto às regiões do estudo, ressaltamos que nos questionamos sobre a influência da localidade na produção de determinado segmento fricativo, ou seja, se informantes de determinado local estariam mais suscetíveis à escolha de um ou outro segmento fricativo.

Como já mencionamos, a escolha das localidades que fazem parte dessa análise acústica não foram de forma alguma aleatória. Tentamos fazer uma relação com o processo de colonização dos locais

seletos. Portanto, ao escolher Florianópolis-SC, consideramos a ilha de onde mais vieram açorianos, isto é, a ilha São Jorge-Açores/PT; ao eleger Rio de Janeiro-RJ, optamos por Lisboa-PT (FURLAN, 1989).

Por outro lado, como estamos analisando um segmento particularmente inédito no PB, tivemos que escolher uma localidade em que esse segmento fosse produzido com muita frequência, optando, então, por Granjal-Visau/PT. A seleção de um local no qual as fricativas ápico-alveolares ocorrem com frequência faz-se necessário para a comparação dos picos espectrais desses segmentos produzidos no PE com os segmentos produzidos no PB, a fim de verificar se se trata do mesmo segmento fricativo.

A localidade de Erechim-RS foi acrescentada posteriormente, visto que, nessa amostra, tivemos poucos dados de segmentos fricativos alveolares. Desse modo, precisávamos de dados de uma variedade dialetal do PB em que esse segmento fosse frequente, a fim de observar e comparar os picos espectrais desses dados.

5.6.3.5 A estratificação dos informantes

Quanto ao detalhamento e/ou perfil dos informantes, para as localidades de Lisboa-PT, São Jorge-Açores/PT, Florianópolis-SC, Rio de Janeiro-RJ e Erechim-RS, o número de entrevistas coletadas é de duas, com exceção da localidade de Erechim-RS na qual realizamos somente uma entrevista, abrangendo a faixa etária que comporta os informantes mais velhos (50 a 65 anos) e do sexo masculino. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, possuindo até a 7ª série do ensino fundamental (ou ao nível equivalente, que representa escolaridade baixa) ou devem ser possuidores de nível universitário (escolaridade alta), e ter profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que esteja inserida no contexto social da determinada localidade. Os informantes devem, ainda, além de ter nascido na localidade em análise, ser, preferencialmente, filhos de pais da mesma região.

O perfil do informante de Granjal-Visau/PT corresponde ao perfil dos informantes de inquéritos dialetais típicos, ou seja, são informantes de sexo masculino, de idade superior a 55 anos, de baixa instrução, isto é, que não ultrapassa os primeiros anos de escolaridade e, de uma maneira geral, naturais de localidades rurais ou piscatórias pouco populosas.

Para cada ponto geográfico selecionado, tanto do PB quanto do PE, apresentamos a estratificação dos informantes e a quantidade de dados obtidos nas entrevistas com cada um deles, conforme o Quadro 8.

Quadro 8 - Estratificação dos informantes e quantidade de dados

Localidades	Informantes	Quantidade de dados
Florianópolis-SC	Homem Velho Escolaridade baixa	26 dados
	Homem Velho Escolaridade alta	28 dados
Rio de Janeiro-RJ	Homem Velho Escolaridade baixa	25 dados
	Homem Velho Escolaridade alta	28 dados
Lisboa-PT	Homem Velho Escolaridade baixa	27 dados
	Homem Velho Escolaridade alta	26 dados
São Jorge- Açores/PT	Homem Velho Escolaridade baixa	27 dados
	Homem Velho Escolaridade alta	28 dados
Granjal-Viseu/PT	Homem Velho Escolaridade baixa	19 dados

Erechim-RS	Homem Velho Escolaridade baixa	28 dados
------------	--------------------------------------	----------

Fonte: Elaboração própria.

Com base no Quadro 8, podemos verificar que a presente análise acústica da fricativa /s/ em coda silábica está composta por seis localidades diferentes (03 brasileiras e 03 portuguesas), 10 informantes (05 brasileiros e 05 portugueses), bem como por um total de 262 dados sincrônicos de língua falada em que os segmentos fricativos foram contemplados em final de palavra.

5.6.3.6 Os programas utilizados

Para a análise acústica dos dados, primeiramente, selecionamos as entrevistas e abrimos os arquivos de áudio no programa Ocenaudio para que alterar o formato do áudio (estéreo – mono) e modificar a extensão do arquivo (MP3 para WAV). Depois de feitas essas alterações no arquivo de áudio, utilizamos o programa Audacity para fazer os recortes nas entrevistas. Dessa forma, ficamos com um arquivo de áudio contendo somente os dados dos segmentos fricativos em análise. Após isso, escutamos esses arquivos de áudio e fizemos as transcrições fonéticas. Posteriormente, analisamos qualitativamente dado por dado e os etiquetamos – por meio do *software* de análise de fala Praat.

Ressaltamos que fizemos a etiquetagem dos dados segmentando-os em quatro camadas – transcrição, sílaba, contexto e segmento – para que fosse possível utilizar o *script* específico para o Praat. Com a utilização do *script*, fizemos a rodada dos dados observando cinco pontos de intensidade dos segmentos fricativos e, a partir disso, verificamos qual intensidade era a maior. Com a utilização desse *script*, fizemos a rodada dos dados observando cinco pontos em cada um dos segmentos fricativos e, a partir disso, verificamos os picos de maior intensidade. Salientamos que os picos espectrais (P_{E1} , P_{E2} e P_{E3}) foram obtidos através da análise espectral dos segmentos fricativos em uma faixa de 11 kHz e situados na parte mais estável do segmento.

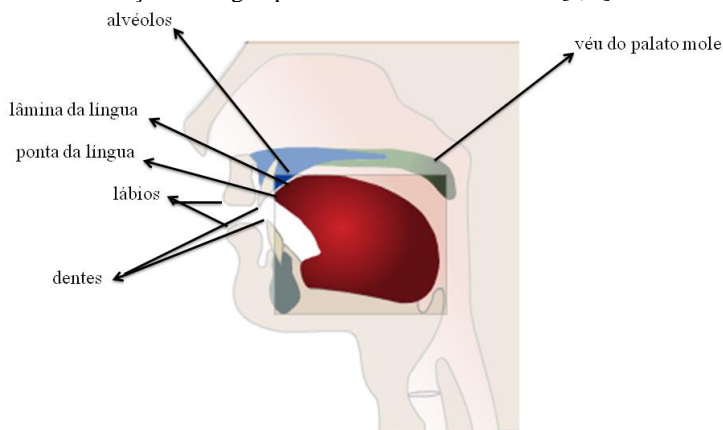
5.6.4 Descrição articulatória das fricativas [s, z, ʃ, ʒ, ʃ̥, ʒ̥]

Esta seção conta com uma breve descrição articulatória das fricativas alveolares [s, z], palato-alveolares [ʃ, ʒ] e ápico-alveolares [ʃ̥, ʒ̥].

5.6.4.1 Descrição articulatória das fricativas alveolares [s, z]

Nas fricativas alveolares, ocorre uma obstrução parcial à passagem da corrente de ar que passa por um canal formado no centro da língua. Assim, essas fricativas formam-se quando a ponta ou lâmina da língua se aproxima da arcada alveolar ou da parte de trás dos dentes superiores, que são verdadeiros obstáculos para a corrente de ar, conforme ilustra a Figura 33. Devido à velocidade alta desse fluxo de ar, a turbulência resultante desse processo é intensa (CATFORD, 1977).

Figura 33 - Posição da língua para as fricativas alveolares [s, z]¹⁸³



Fonte: Elaboração própria.

Devido à oscilação entre a ponta ou lâmina da língua nos alvéolos e/ou nos dentes superiores, há muita dificuldade em se saber com certeza se a articulação nessa área é dental ou alveolar. Desse modo, para

¹⁸³ As Figuras 33, 34 e 35 foram adaptadas do sítio Fonética e Fonologia, disponível em: http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php, acesso em: 20 de abril de 2014.

Cristóforo Silva (1999), os segmentos [s, z] podem ocorrer no PB com articulação alveolar ou dental. Entretanto, de acordo com Silveira (1988), esses segmentos são definidos como dentais.

No PE, não há, também, unanimidade quanto às fricativas [s, z] serem alveolares ou dentais. Mateus (1990) define esses dois segmentos como dentais, produzidos com a aproximação da ponta e lâmina da língua da região dente-alveolar. No entanto, Head (1964) estabelece pontos de articulação diferenciados para o segmento surdo [s], o qual o autor define como alveolar; e para o segmento sonoro [z], definido como dental.

A parte exata do articulador ativo (língua) envolvida na articulação é, também, motivo para divergências entre alguns autores, visto que empregar o termo apical envolve a ponta da língua como articulador ativo e o termo laminal compreende lâmina da língua como articulador ativo. Para o PB, segundo Cristóforo Silva (1999), há o envolvimento da ponta ou lâmina da língua. No entanto, para Silveira (1988) há o envolvimento apenas do ápice da língua. Quanto ao PE, há um consenso um pouco maior com relação à produção das fricativas [s, z], já que são referidas como apical e laminal (MATEUS, 1990).

Vale ressaltar, ainda, quanto às fricativas alveolares [s, z], que a única diferença em termos articulatórios da fricativa surda [s] com relação à fricativa sonora [z] é o estado da glote. Assim sendo, para a produção da fricativa [s] a glote encontra-se aberta, já, para a produção da fricativa [z], a glote encontra-se fechada.

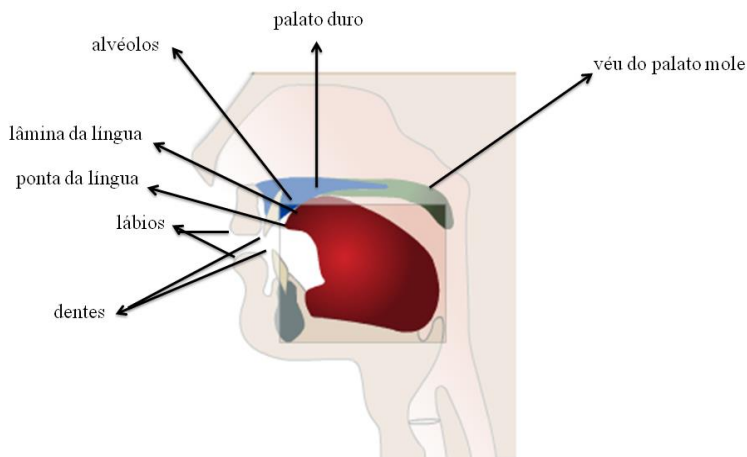
Há, ainda, mais um fato que merece destaque: a diferença de pressão da corrente de ar, que faz com que as pregas vocais vibrem pode produzir fricativas vozeadas com interrupções no vozeamento. Tal fenômeno é caracterizado por uma supressão do vozeamento na porção final do segmento vozeado resultando, assim, em um desvozeamento do segmento. A presença do desvozeamento, conforme Clark e Yallop (1995), é explicada por meio da diferença de pressão sub e supraglótica necessária para fazer vibrar as pregas vocais. Desse modo, o bloqueio oral da pressão da corrente de ar oscila na produção do mesmo segmento vozeado, visto que em determinado momento ocorre o desvozeamento.

5.6.4.2 Descrição articulatória das fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ]

As fricativas [ʃ, ʒ] ocorrem em uma área mais posterior do trato vocal utilizando, assim, a parte anterior da língua como articulador ativo. Na produção desses segmentos, há uma aproximação da região entre

alvéolos e o palato duro, então é a parte anterior da língua que é mais utilizada para a produção das fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ].

Figura 34 - Posição da língua para as fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ]



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 34 indica que a parte da língua, durante a obstrução parcial da corrente de ar, assume uma forma curvada e, conseqüentemente, uma pequena cavidade entre os dentes inferiores e a ponta/lâmina da língua é formada.

Para a produção das fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ], há o estreitamento parcial do canal bucal para a passagem da corrente de ar, gerando forte turbulência pela velocidade alta que é projetada contra os dentes. Devido à semelhança com as fricativas alveolares, Ladefoged e Maddieson (1996) denominam as fricativas [s, z, ʃ, ʒ] de sibilantes, termo este que já utilizamos anteriormente.

Catford (1977), no entanto, coloca que como a produção das fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] ocorre de forma mais recuada, há um percurso mais longo para a corrente de ar, além de uma dispersão maior de energia até que o jato de ar alcance os dentes. Assim, segundo esse autor, em virtude dessa dissipação de energia, a corrente de ar perde velocidade e se espalha ao atingir os dentes, gerando uma turbulência menos intensa e com frequências mais baixas do que as fricativas alveolares.

As fricativas alveolares [s, z] e as palato-alveolares [ʃ, ʒ] diferem, também, quanto à forma dos lábios. Assim, segundo Cagliari (1981), para o PB, estas últimas fricativas apresentam protusão labial de diferentes graus, conforme o dialeto e a posição silábica que ocupam na sílaba. O autor considera, ainda, que essa protusão labial no dialeto carioca é muito leve quando ocorre numa sílaba em que as consoantes [ʃ, ʒ] são precedidas por vogal.

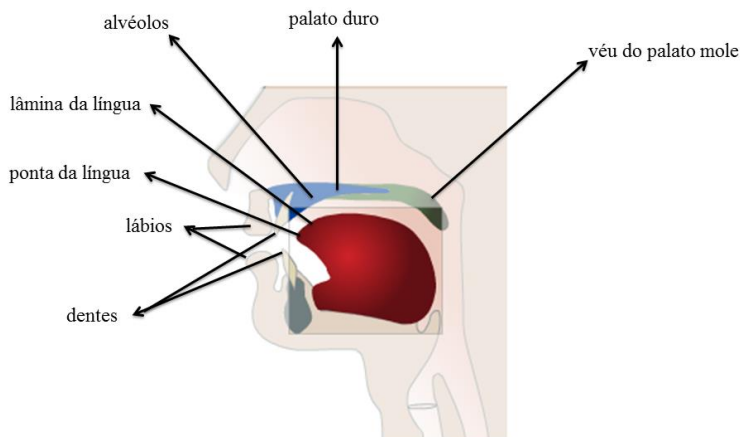
Assim como para as fricativas alveolares, para as palato-alveolares há, também, divergências sobre qual o local de articulação em que esses segmentos são produzidos. De acordo com Mateus (1990), no PE, tais consoantes são produzidas com o envolvimento da ponta e da lâmina da língua. No PB, segundo Câmara Júnior (1972, p. 59), ocorre o envolvimento do “dorso anterior da língua”. Para Silveira (1988, p. 74), é a “parte média da língua” que funciona como o articulador móvel responsável pela produção desses sons.

Salientamos que, assim como para as fricativas alveolares, para as palato-alveolares a única diferença em termos articulatórios é que, para a fricativa surda [ʃ], a glote encontra-se aberta e, para a produção da fricativa sonora [ʒ], a glote encontra-se fechada. Essa particularidade distingue o vozeamento de um segmento sonoro perante um segmento surdo.

5.6.4.3 Descrição articulatória das fricativas ápico-alveolares [ʃ, ʒ]

No caso da produção das fricativas ápico-alveolares [ʃ, ʒ], a ponta da língua se levanta em direção à arcada alveolar e a língua adquire uma forma mais ou menos côncava. Esse posicionamento tende a criar, parcialmente, condições para a formação de uma cavidade inferior pós-dental bastante característica das fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ], como podemos observar na Figura 35.

Figura 35 - Posição da língua para as fricativas ápico-alveolares [ʃ, ʒ]



Fonte: Elaboração própria.

A importância da formação dessa cavidade de ressonância para a produção de fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] é atestada por Catford (1977) em um experimento. Ao articular um [ʃ] atípico, sem que haja a formação dessa cavidade pós-dental, obteve um som mais parecido com uma fricativa alveolar [s], ou algo entre alveolar [s] e palato-alveolar [ʃ]. Desse modo, as fricativas ápico-alveolares [ʃ, ʒ], chamadas também por “s castelhano”, podem ser interpretadas como fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ] que antecederam seu ponto de articulação.

Para uma explicação um pouco mais prática, em vista de que no PB o segmento fricativo ápico-alveolar é um som quase desconhecido, citamos Catford (1977), que relata que podemos adquirir o efeito de uma fricativa ápico-alveolar ao colocar um pedaço de pão debaixo da língua, por trás dos dentes inferiores, e, então, forçar a produção de uma fricativa palato-alveolar [ʃ] (CATFORD, 1977, p. 155). A realização desse segmento fricativo, também, é referida por alguns autores como um som “assobiado” de [s].

Portanto, de acordo com Catford (1977), qualquer [s] ápico-alveolar tende a soar como um [ʃ] palato-alveolar. Uma comprovação desse efeito é apresentada por Gaya (1966, p. 140) com relação ao “s castelhano”, ápico-alveolar, percebido pelo estrangeiro como chiente, especialmente na pronúncia vasconavarra e riojana. Segundo Gaya (1966), essa é a produção própria do centro e norte da Espanha.

Salientamos, com base nos estudos que apresentamos sobre a produção das fricativas no PE, que a realização da fricativa ápico-alveolar é, também, típica do norte de Portugal. Com base nessas afirmações, podemos dizer que até o momento caracteriza-se toda fricativa chiente como sendo um segmento palato-alveolar, isso pode ser explicado, talvez, por conta dessa aproximação e/ou semelhança entre a produção dos segmentos palato-alveolares e ápico-alveolares e por não se ter documentado indícios do segmento ápico-alveolar no PB¹⁸⁴.

Como vimos nas descrições articulatórias para as fricativas alveolares e palato-alveolares, assim como também para as ápico-alveolares, os termos apical e laminal não são definidos uniformemente nas descrições desses segmentos. Catford (1977) entende que a ponta da língua se divide em duas partes: ápice da língua e área ao redor do ápice; a parte da língua considerada como lâmina é a que fica em oposição aos dentes e à arcada alveolar quando a língua está em repouso, ou seja, é a ponta da língua acrescida de 10 a 15 mm. Ladefoged e Maddieson (1996) definem ponta não apenas como ápice, mais incluindo também alguns centímetros adjacentes devido à dificuldade de uso apenas do ápice na articulação; a lâmina é entendida como a parte da língua que fica abaixo da arcada alveolar, sendo um pouco mais curta do que o proposto por Catford (1977).

Para Keating (1991), a ponta inclui toda a pequena área ao redor do ápice da língua; a lâmina é considerada como sendo mais extensa do que o proposto por Catford (1977) e Ladefoged e Maddieson (1996), da ordem de 15-20 mm. Sendo assim, empregar o termo apical (o articulador móvel é a ponta da língua) ou o termo laminal (o articulador móvel envolvido é a lâmina) pode indicar maiores diferenças perceptuais do gesto articulatório do que quando se emprega o termo dental ou o alveolar. Conforme Keating (1991), é bem possível que sejam todas ápico-laminais.

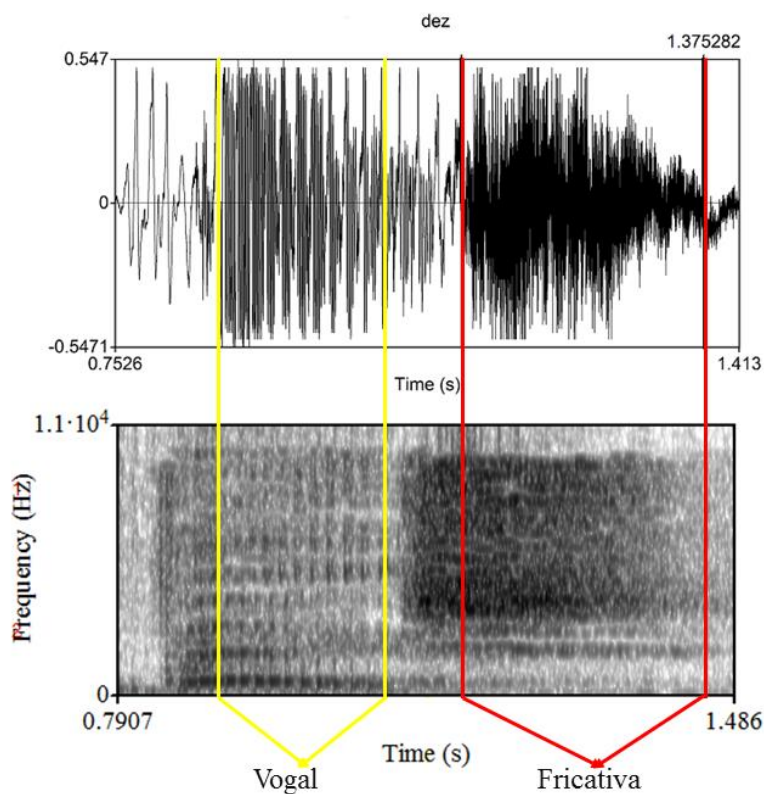
5.6.5 Breve caracterização acústica das fricativas [s, z, ʃ, ʒ, ʂ, ʐ]

Esta seção traz uma breve caracterização acústica das fricativas alveolares [s, z], palato-alveolares [ʃ, ʒ] e ápico-alveolares [ʂ, ʐ], quanto aos parâmetros intensidade e pico espectral. Quanto à intensidade, se compararmos as fricativas [s, z, ʂ, ʐ] com vogais, veremos que esses

¹⁸⁴ Salvo nos casos em que há o português de contato com o italiano, nos quais surgem produções como *churrasco* [ʃu'raʃku], por exemplo.

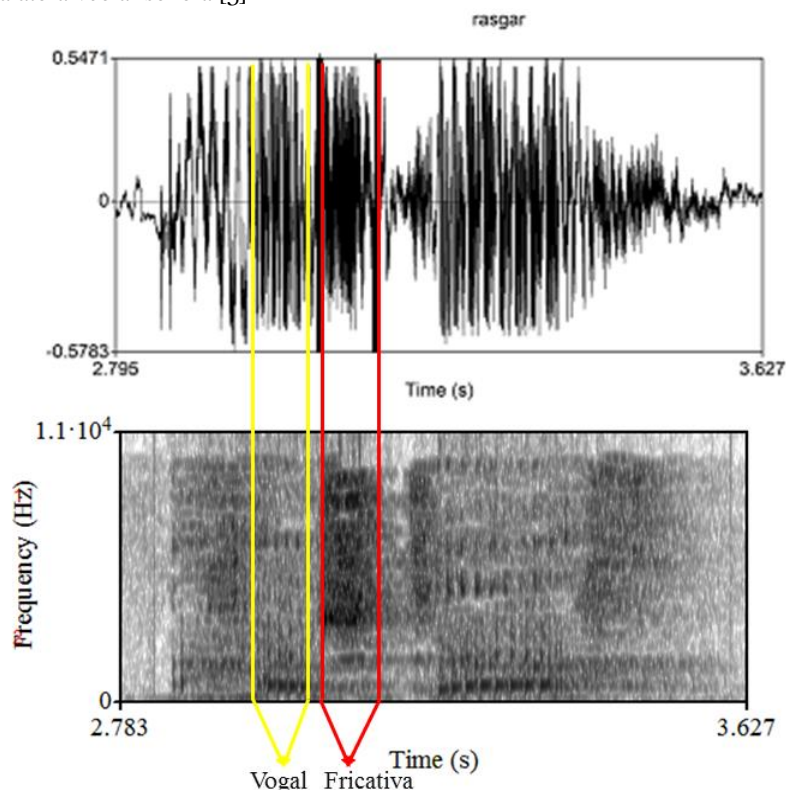
segmentos são sons bem menos intensos do que suas vogais adjacentes, uma vez que os sons fricativos apresentam uma grande constricção do trato oral, o que não ocorre com sons vocálicos. Verificamos tal afirmação nas Figuras 36 e 37, nas quais há a representação em forma de onda e do espectrograma da fricativa palato-alveolar surda [ʃ], conforme a Figura 36, e da fricativa palato-alveolar sonora [ʒ], de acordo com a Figura 37. Ressaltamos que essa observação vale, também, para as fricativas alveolares [s, z] e ápico-alveolares [ʃ, ʒ].

Figura 36 - Representação em forma de onda e do espectrograma da fricativa palato-alveolar surda [ʃ]



Fonte: Elaboração própria.

Figura 37 - Representação em forma de onda e do espectrograma da fricativa palato-alveolar sonora [ʒ]



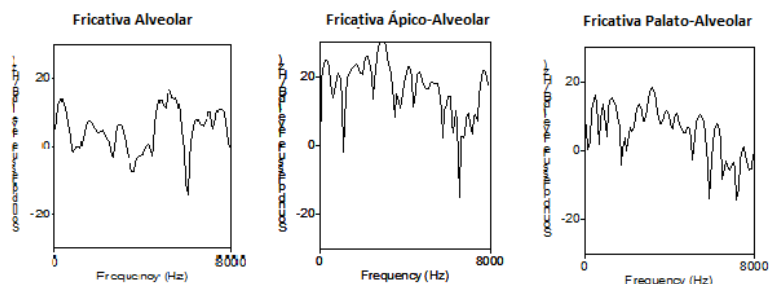
Fonte: Elaboração própria.

Além disso, se compararmos os segmentos surdos [s, ʃ, ʒ] com os sonoros [z, ʒ, ʒ], notamos que as fricativas surdas constituem-se apenas de ruído e/ou turbulência, porém mais forte do que o ruído produzido pelas sonoras, já estas últimas, as sonoras, apresentam duas fontes: a fonte glótica, responsável pelo vozeamento, e a fonte de ruído resultante da constricção do trato. De acordo com Shadle (1995), essa fonte de ruído das fricativas sonoras é mais fraca devido à necessidade de se manter uma queda de pressão transglotal a fim de sustentar o vozeamento. Observe, comparando as Figuras 36 e 37, como o escurecimento da região da fricativa surda é maior do que o da sonora.

Além das diferenças de intensidade da fricção, há, ainda, as diferenças de natureza articulatórias entre as fricativas alveolares, palato-alveolares e ápico-alveolares, diferenças essas que foram evidenciadas na seção anterior. Tais diferenças irão influenciar, também, na natureza acústica desses segmentos, visto que o espectro da fonte de ruído depende da forma do trato pelo qual a corrente de ar passa, além da velocidade do fluxo através da constrição.

Quanto aos picos espectrais (doravante P_E), de acordo com os estudos fonéticos resenhados na seção 2.4.2 (PE) e na seção 5.6.2 (PB), observamos que para as fricativas palato-alveolares o P_{E1} fica em 2500-3400 Hz, o P_{E2} está em 4000-4600 Hz e o P_{E3} localiza-se em 5500-6000 Hz; para as fricativas alveolares o P_{E1} encontra-se em 3100-3700 Hz, o P_{E2} fica em 3800-5400 Hz e o P_{E3} está em 6100-7600 Hz; e, para as fricativas ápico-alveolares o P_{E1} encontra-se em 2900-3300 Hz, o P_{E2} fica em 3800-5500 Hz e o P_{E3} está em 7400-8000 Hz. Portanto, as fricativas ápico-alveolares possuem o P_{E3} mais elevado, se compararmos o P_{E3} desses segmentos fricativos aqui analisados, o que nos parece ser o parâmetro definidor desses segmentos fricativos. Na Figura 38, que apresenta espectros via análise FFT (*Fast Fourier Transform*), essa diferença entre os picos espectrais das fricativas aqui tratadas podem ser melhor visualizadas.

Figura 38 - Espectros via análise FFT de fricativas produzidas por informantes de escolaridade baixa



Fonte: Elaboração própria.

Com relação às diferenças de duração da fricção, acreditamos, assim como Haupt (2007), que a duração é um parâmetro adequado para a diferenciação de fricativas surdas e sonoras em *onset* silábico. Tendo em vista que estamos analisando os segmentos fricativos somente em

coda silábica, não incluiremos na presente análise o parâmetro duração dos segmentos fricativos.

5.6.6 Análise acústica dos dados

Apresentamos a análise acústica dos picos espectrais dos segmentos fricativos em três seções para acilitar a discussão e a descrição dos resultados encontrados em nossos dados. Portanto, a primeira seção apresenta a média geral dos picos espectrais dos segmentos fricativos registrados na presente análise; a segunda refere-se à realização dos segmentos fricativos considerando as localidades e a escolaridade alta dos informantes; e a terceira, e última seção da nossa análise, condiz com a análise da realização dos segmentos fricativos considerando as localidades do estudo e a escolaridade baixa.

5.6.6.1 Picos espectrais dos segmentos fricativos

Pesquisas como as de Behlau e Russo (1993) e de Haupt (2007), para o PB, e de Lacerda (1982) e de Jesus (1999), para o PE, relatam que as fricativas alveolares [s, z] são mais agudas do que as fricativas palato-alveolares [ʃ, ʒ]. Assim, segundo Behlau e Russo (1993, p. 43), as fricativas alveolares apresentam maior frequência de ressonância, uma vez que a fonte de ruído está mais próxima dos lábios se comparada às palato-alveolares. Desse modo, julgamos a análise dos picos espectrais válida para distinguir os segmentos fricativos entre si. Observamos, portanto, a partir da Tabela 14, a distribuição dos valores dos picos espectrais dos segmentos fricativos investigados.

Tabela 14 - Distribuição dos valores dos picos espectrais dos segmentos fricativos registrados em nossos dados

Picos Espectrais	Ápico-alveolar	Alveolar	Palato-alveolar
P _{E1}	2500-3500	1800-2700	2400-3200
P _{E2}	4200-5200	4500-5400	3700-4600
P _{E3}	6200-7500	5550-7400	5500-6400

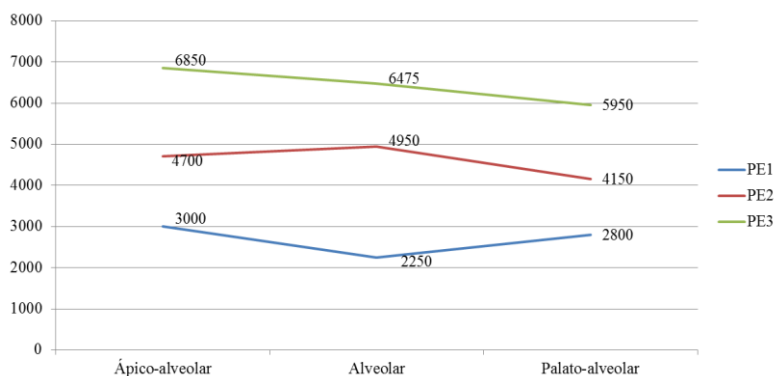
Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar, na Tabela 14, que os segmentos ápico-alveolares [ʃ, ʒ], alveolares [s, z] e palato-alveolares [ʃ, ʒ] alcançaram

valores muito semelhantes aos relatados por outros autores na revisão da literatura. De acordo com os estudos resenhados na presente pesquisa, observamos que para as fricativas áptico-alveolares, o P_{E1} encontra-se em 2900-3300 Hz, o P_{E2} fica em 3800-5500 Hz e o P_{E3} está em 7400-8000 Hz; e, para as fricativas alveolares, o P_{E1} encontra-se em 3100-3700 Hz, o P_{E2} fica em 3800-5400 Hz e o P_{E3} está em 6100-7600 Hz (MARTINS; SARAMAGO, 1993). Contudo, para as fricativas palato-alveolares, de acordo com Behlau e Russo (1993), o P_{E1} fica em torno de 2500 Hz e o P_{E3} localiza-se em torno de 6000 Hz.

Para uma melhor visualização dos resultados, podemos conferir a média dos picos espectrais encontrados em nossos dados no Gráfico 45.

Gráfico 45 - Valores médios dos picos espectrais dos segmentos fricativos



Fonte: Elaboração própria.

Notamos, pelo Gráfico 45, que, dentre os picos espectrais dos segmentos fricativos investigados, o P_{E3} parece ser o mais confiável para diferenciar os segmentos fricativos aqui tratados, uma vez que os segmentos áptico-alveolares possuem em média o P_{E3} mais elevado (6850 Hz), seguidos dos segmentos alveolares (6475 Hz) e dos palato-alveolares (5950 Hz).

Como vimos anteriormente, uma possível explicação para esse resultado pode ser obtida se retomarmos a caracterização articulatória desses segmentos. Lembremos que, para a produção dos segmentos áptico-alveolares a fonte de ruído é mais próxima dos lábios do que para a realização de segmentos alveolares ou palato-alveolares. Segundo estudos (BEHLAU; RUSSO, 1993), quanto mais próxima for a fonte de ruído dos lábios maior será a frequência de ressonância.

Vejamos, agora, considerando cada localidade pesquisada para o PB e para o PE, se o fator escolaridade reflete na produção de um ou de outro segmento fricativo. Iniciamos apresentando os dados referentes aos informantes com alta escolaridade e na sequência os de baixa.

5.6.6.2 Picos espectrais dos segmentos fricativos e a escolaridade alta

Para a análise dos segmentos fricativos registrados em cada ponto geográfico analisado, observamos os picos espectrais das fricativas produzidas nas localidades¹⁸⁵ de Florianópolis-SC, Rio de Janeiro-RJ, São Jorge-Açores/PT e Lisboa-PT relacionadas ao fator escolaridade alta. Para isso, vejamos a Tabela 15.

Tabela 15 - Distribuição dos valores dos picos espectrais dos segmentos fricativos dos dados referentes aos informantes com escolaridade alta

Picos Espectrais	Florianópolis	Rio de Janeiro	São Jorge	Lisboa
P _{E1}	2200-3000	2500-3300	2700-3200	2500-3300
P _{E2}	3600-4300	3600-4800	4800-5500	4500-5200
P _{E3}	5500-6500	5400-6700	6100-7200	5600-6300

Fonte: Elaborado por nós.

Ao analisar os resultados apresentados na Tabela 15, podemos verificar, se observarmos o P_{E3} de cada segmento fricativo, que o comportamento das fricativas produzidas nas localidades de Florianópolis-SC, Rio de Janeiro-RJ e Lisboa-PT são muito similares. Confrontamos, então, esses valores com os parâmetros divulgados na revisão da literatura (BEHLAU; RUSSO, 1993; ANDRADE; SARROEIRA, 2000; JESUS; SHADLE, 2002; CRISTOFOLINI, 2013) e verificamos que os segmentos fricativos produzidos nessas localidades representam as fricativas palato-alveolares.

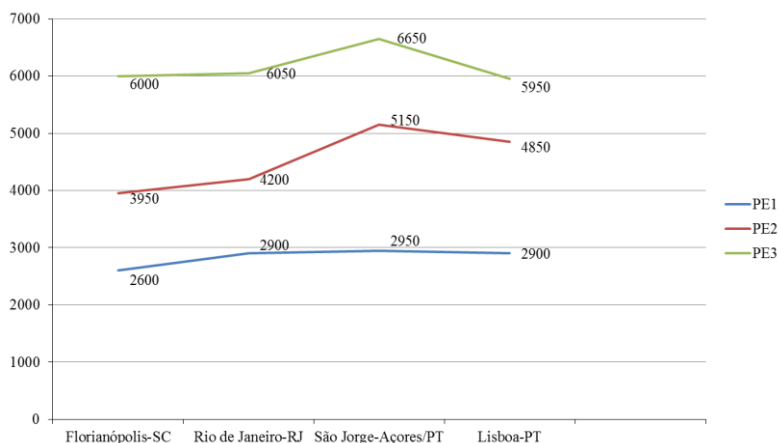
Por outro lado, se observarmos o P_{E3} das fricativas realizadas na localidade de São Jorge-Açores/PT, em confronto com os valores

¹⁸⁵ Salientamos que não estão contempladas as localidades de Erechim-RS e de Granjal-Viscu/PT nessa análise, porque não dispomos de entrevistas que contemplassem informantes com escolaridade alta nesses pontos. Além disso, o nosso objetivo principal não é a análise dessas duas localidades não contempladas, mas a comparação entre os pontos geográficos brasileiros (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ) e portugueses (São Jorge-Açores/PT e Lisboa-PT), levando em consideração a colonização de cada área brasileira.

apresentados na Tabela 13 por Martins e Saramago (1993), verificamos que as fricativas produzidas nessa localidade tratam-se de ápico-alveolares, visto que o P_{E3} possui valores mais elevados. Entretanto, podemos observar que os P_{E1} e P_{E2} dos segmentos produzidos em São Jorge-Açores/PT assemelham-se aos valores obtidos nos P_{E1} e P_{E2} dos segmentos palato-alveolares das outras localidades. Portanto, para que pudéssemos nos certificar de que em São Jorge-Açores/PT são os segmentos ápico-alveolares os que mais são produzidos, pelos informantes de escolaridade alta, fizemos uma análise qualitativa dos dados bastante criteriosa e separamos os segmentos palato-alveolares dos ápico-alveolares. Com isso, verificamos que as fricativas ápico-alveolares são os segmentos que mais são realizados nessa localidade açoriana.

Para visualizar melhor os resultados, podemos conferir os valores médios dos picos espectrais dos segmentos fricativos referentes aos dados dos informantes com escolaridade alta no Gráfico 46.

Gráfico 46 - Valores médios dos picos espectrais dos segmentos fricativos dos dados referentes à escolaridade alta



Fonte: Elaboração própria.

Podemos observar, no Gráfico 46, que os P_{E1} dos segmentos fricativos investigados nas localidades brasileiras e portuguesas alcançam valores médios que variam de 2600-2950 Hz em todas as localidades. Desse modo, a observação somente desse pico espectral não seria satisfatória para a diferenciação dos segmentos fricativos. Com a análise do P_{E2} , temos uma diferença nos valores médios obtidos para os

segmentos produzidos no PB (3950-4200 Hz) para as fricativas realizadas no PE (4850-5150 Hz), o que nos demonstra uma leve alteração de frequência, pois o P_{E2} é um pouco mais elevado para as localidades portuguesas em questão.

Por outro lado, é com a análise do P_{E3} que conseguimos um melhor diagnóstico sobre qual é o segmento fricativo produzido em determinada localidade. Averiguamos que os P_{E3} do PB e de Lisboa-PT encontram-se entre 5950-6050 Hz, parâmetro esse que nos parece suficiente para classificar esses segmentos como palato-alveolares. Já o P_{E3} dos segmentos realizados em São Jorge-Açores/PT mostra-se, em média, mais elevado (6650 Hz), o que parece definir, portanto, o segmento ápico-alveolar como a fricativa produzida nessa região.

Vale salientar que, devido ao número não muito elevado de dados da presente amostra, não nos foi possível a utilização de testes estatísticos para verificação da significância ou não das diferenças observadas. Entretanto, para a validação dos nossos resultados, apresentamos, na Tabela 16, medidas estatísticas¹⁸⁶, tais como: média desvio-padrão e coeficiente de variação. Quanto menor o coeficiente de variação mais confiáveis os resultados obtidos, assim são considerados dados bastante consistentes aqueles que apresentam um coeficiente de variação inferior a 10% e apenas consistentes aqueles com CV entre 10% e 25%. Vejamos a Tabela 16.

¹⁸⁶ A média é uma medida de tendência central. A média aritmética simples é calculada somando-se todos os elementos do conjunto e dividindo-se o resultado pelo número de elementos somados. Com base no exposto, e como já descrevemos e classificamos os picos espectrais dos segmentos fricativos, acreditamos que a análise da média, nesse caso, não é necessária. O desvio-padrão é uma medida de dispersão absoluta que representa a variabilidade média de uma distribuição, pois ele expressa a média das discrepâncias (desvios) com relação à média do conjunto. Salientamos que não vamos analisar os valores apresentados de desvio-padrão, assim como não vamos analisar as médias dos picos espectrais, porque acreditamos que a análise do coeficiente de variação é mais esclarecedora. No entanto, a apresentação das medidas de média e de desvio-padrão nas Tabelas faz-se necessária, uma vez que avaliamos o coeficiente de variação a partir do cálculo dessas duas medidas. O coeficiente de variação é, portanto, uma medida de dispersão relativa que é calculado com base na divisão do desvio-padrão pela média da amostra. O coeficiente de variação dá o número de desvios-padrão por unidade de média. A série que tiver menor coeficiente de variação (doravante CV) terá menor dispersão.

Tabela 16 - Média, desvio-padrão e coeficiente de variação dos segmentos fricativos

	Florianópolis			Rio de Janeiro			São Jorge			Lisboa		
	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}
Média	1784,13	3836,88	6033,61	2974,12	4230,51	5990,17	2573,23	4126,06	5635,44	1894,93	3776,41	5957,62
Desvio-padrão	567,73	349,59	885,37	573,89	662,35	818,28	625,80	851,95	476,85	891,25	769,48	650,08
Coef. variação	31,82%	9,11%	14,67%	19,30%	15,66%	13,66%	24,32%	20,65%	8,46%	47,03%	20,38%	10,95%

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à análise dos coeficientes de variação dos segmentos fricativos, verificamos que o P_{E3} é o pico com o menor CV (aproximadamente 10%), portanto, bastante consistente.

Com base na Tabela 16, vemos um percentual de dispersão inferior a 10% para o P_{E3} dos segmentos realizados na localidade de São Jorge-Açores/PT. Já para o P_{E3} das fricativas produzidas nas localidades de Florianópolis-SC, Rio de Janeiro-RJ e Lisboa-PT ocorre um percentual de dispersão consistente, ou seja, alcança em média 13%. Com base nesses resultados, o P_{E3} parece ser o mais estável na análise dos segmentos fricativos.

Verificamos, na sequência, observando as localidades relacionadas ao PB e ao PE, contempladas neste estudo, se os informantes com escolaridade baixa apresentam ou não as produções observadas para os informantes com escolaridade alta.

5.6.6.3 Picos espectrais dos segmentos fricativos e a escolaridade baixa

Para a análise dos segmentos fricativos registrados em cada ponto geográfico analisado, também observamos os picos espectrais das produções de informantes de escolaridade baixa. Para isso, vejamos a Tabela 17.

Tabela 17 - Picos espectrais dos segmentos fricativos dos dados referentes às produções dos informantes com escolaridade baixa

Picos Espectrais	Erechim	Florianópolis	Rio de Janeiro	São Jorge	Lisboa	Granjal
P _{E1}	1800-2700	2550-3480	2600-3400	2500-3500	2500-3200	2300-3800
P _{E2}	4500-5400	4500-5600	3500-4600	3900-5200	3600-4400	3900-4650
P _{E3}	5550-7400	6700-8000	5500-6700	6000-7600	5600-6200	6300-7400

Fonte: Elaboração própria.

Com base na análise dos resultados apresentados na Tabela 17, podemos verificar, se observarmos o P_{E3} de cada segmento fricativo, que o comportamento das fricativas produzidas nas localidades de Granjal-Viseu/PT, São Jorge-Açores/PT e Florianópolis-SC são muito semelhantes. Confrontamos, então, esses valores com os parâmetros divulgados na Tabela 13 (MARTINS; SARAMAGO, 1993) e verificamos que os segmentos fricativos produzidos nessas localidades parecem representar os segmentos ápico-alveolares.

Por outro lado, se observarmos o P_{E3} das fricativas realizadas nas localidades de Lisboa-PT e do Rio de Janeiro-RJ, em confronto com os valores apresentados na Tabela 13 por Behlau e Russo (1993), verificamos que as fricativas produzidas nessa localidade tratam-se de palato-alveolares, visto o P_{E3} possuir valores menos elevados.

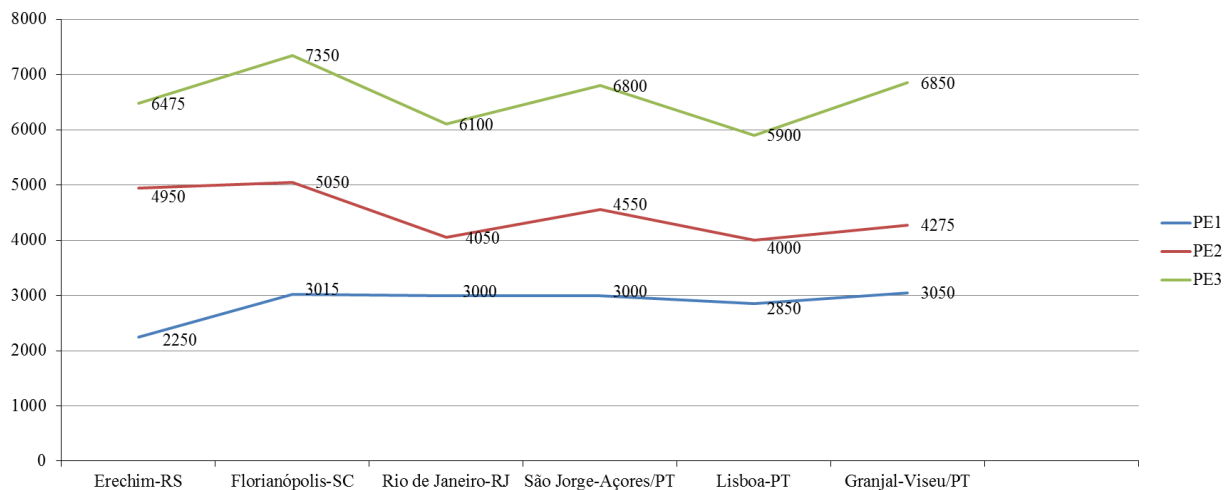
Entretanto, podemos observar que os P_{E1} dos segmentos fricativos produzidos nas localidades em questão são semelhantes entre si. Além disso, há valores de P_{E2} que, também, são similares entre as localidades. Portanto, para que pudéssemos nos certificar de que em determinado ponto geográfico ocorre um segmento e não outro, fizemos uma análise qualitativa dos dados bastante criteriosa e separamos cada segmento realizado pelos informantes com escolaridade baixa. Com isso, verificamos que podemos agrupar os segmentos fricativos produzidos nesses pontos em três grupos: i) o grupo dos segmentos alveolares: Erechim-RS; ii) o grupo dos segmentos ápico-alveolares: Florianópolis-SC, São Jorge-Açores/PT e Granjal-Viseu/PT; e iii) o grupo dos segmentos palato-alveolares: Rio de Janeiro-RJ e Lisboa-PT.

Além disso, observamos que a análise do fator escolaridade baixa associada à análise dos segmentos fricativos produzidos no PB e no PE foi crucial para estabelecer uma ligação entre a realização dessas fricativas com o processo de colonização dos pontos geográficos analisados nesse estudo. Com base nos nossos resultados, acreditamos que temos subsídios fonético/históricos para pressupor que a colonização de Florianópolis-SC deu-se no sentido Granjal-Viseu/PT → São Jorge-Açores/PT → Florianópolis-SC. Não estamos dizendo que São Jorge foi colonizada somente por portugueses de Granjal-Viseu/PT, já que é sabido, conforme a literatura revisada, que essa colonização ocorreu por portugueses de todo o território português e não somente por portugueses nórdicos. Por outro lado, podemos verificar que há uma ligação entre essas localidades e o segmento ápico-alveolar o que nos faz pressupor que essa produção, conservada até o momento atual em Granjal-Viseu/PT, difundiu-se em São Jorge-Açores/PT

e foi trazida para Florianópolis-SC por açorianos jorgenses que foram os que mais colonizaram essa região catarinense (FURLAN, 1989).

Inferimos, portanto, que há traços fonéticos que contribuem, até hoje, para o esclarecimento de como ocorreu o processo de colonização de determinadas localidades. A exemplo disso, temos a relação entre as localidades Florianópolis, São Jorge e Granjal com a produção dos segmentos ápico-alveolares; e as localidades do Rio de Janeiro e Lisboa com a realização de fricativas palato-alveolares.

Para visualizar melhor os resultados, podemos conferir os valores médios dos picos espectrais dos segmentos fricativos referentes aos dados dos informantes com escolaridade baixa no Gráfico 47.

Gráfico 47 - Valores médios dos picos espectrais dos segmentos fricativos dos dados referentes à escolaridade baixa

Fonte: Elaboração própria.

Examinamos no Gráfico 47, que os P_{E1} dos segmentos fricativos investigados nas localidades brasileiras e portuguesas alcançam valores médios que variam de 2850-3050 Hz em todas as localidades; com exceção apenas do ponto geográfico de Erechim-RS, no qual os valores médios para o P_{E1} são menos elevados 2250 Hz. Desse modo, a observação somente desse pico espectral não é satisfatória para a diferenciação dos segmentos fricativos. Fato semelhante ocorre com a análise do P_{E2} , no quais temos uma diferença nos valores médios obtidos que variam entre 4000-5050 Hz, o que nos demonstra que o P_{E2} também é, de fato, variável demais a ponto de que se possa estabelecer um parâmetro exato para a caracterização dos segmentos fricativos em questão.

Novamente, é com a análise do P_{E3} que conseguimos um melhor diagnóstico sobre qual é o segmento fricativo produzido em determinada localidade. Observando o Gráfico 47, é possível verificar que os valores médios de P_{E3} de Florianópolis-SC, São Jorge-Açores/PT e Granjal-Visu/PT encontram-se entre 6800-7350 Hz, parâmetro que nos parece suficiente para classificar esses segmentos como ápico-alveolares (MARTINS; SARAMAGO, 1993). Já os valores de P_{E3} dos segmentos realizados no Rio de Janeiro-RJ e em Lisboa-PT são menos elevados (5900-6100 Hz), o que parece definir, portanto, o segmento palato-alveolar como a fricativa produzida nessa região (BEHLAU; RUSSO, 1993). Erechim-RS apresenta um P_{E3} elevado (6475 Hz), porém, não tão elevado quanto o P_{E3} de um segmento ápico-alveolar, o que serve para caracterizar os segmentos produzidos nessa localidade como alveolares (JESUS; SHADLE, 2002).

Apresentamos, na Tabela 18, medidas estatísticas, tais como: média, desvio-padrão e coeficiente de variação dos informantes com escolaridade baixa.

Tabela 18 - Média, desvio-padrão e coeficiente de variação dos segmentos fricativos do PB

	Erechim			Florianópolis			Rio de Janeiro		
	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}
Média	1698,76	4652,06	6269,49	2703,42	4269,23	5842,31	1773,70	4320,52	6636,69
Desvio-padrão	549,05	699,50	812,56	659,81	739,14	924,29	1042,86	1086,51	874,28
Coef. variação	32,32%	15,04%	12,96%	24,41%	17,31%	15,82%	58,80%	25,15%	13,17%

Fonte: Elaboração própria.

Verificamos pela Tabela 18 que o percentual de dispersão dos P_{E3} são novamente os menores observados, aproximadamente 14%, portanto, conferindo consistência aos dados apresentados. Lembramos que consideramos dados bastante consistentes aqueles que apresentam um coeficiente de variação inferior a 10% e apenas consistentes aqueles com CV entre 10% e 25%. Concluimos, com base nesses resultados, que o P_{E3} parece ser o mais estável para a análise dos segmentos fricativos no PB.

Podemos observar na Tabela 19 medidas estatísticas (média, desvio-padrão e coeficiente de variação) referentes aos dados do PE.

Tabela 19 - Média, desvio-padrão e coeficiente de variação dos segmentos fricativos do PE

	São Jorge			Lisboa			Granjal		
	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}	P _{E1}	P _{E2}	P _{E3}
Média	2611,08	3794,65	5545,27	2428,00	3947,25	5891,69	1924,98	3973,05	5995,68
Desvio-padrão	350,43	348,82	422,77	622,63	464,15	329,55	832,08	508,85	692,79
Coef. variação	13,42%	9,19%	7,62%	25,64%	11,76%	5,59%	43,23%	12,81%	11,55%

Fonte: Elaborado por nós.

Assim como nas análises dos coeficientes de variação dos segmentos fricativos produzidos nas localidades relativas ao PB, examinamos o percentual de dispersão de P_{E3} para os dados produzidos nas localidades referentes ao PE. Observamos, pela Tabela 19, que ocorre uma dispersão bastante consistente do P_{E3} dos segmentos realizados na localidade de Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT, com 5% e 7%, respectivamente. Já o P_{E3} das fricativas produzidas na localidade de Granjal-Viseu/PT apresenta uma dispersão consistente, visto que alcança 11%. Concluímos, com base nesses resultados que o P_{E3} continua sendo o pico espectral mais estável para a caracterização de segmentos fricativos, nos dados referentes ao PB sendo ainda mais estável nos dados referentes ao PE.

5.6.6.4 Em síntese

Analisamos, neste estudo, 262 dados (135 dados do PB e 127 dados do PE), com base em três amostras diferentes (Amostra do Atlas Linguístico do Brasil-ALiB, Amostra do Arquivo Sonoro do Grupo de Variação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Amostra Inédita) com foco na realização das fricativas alveolares [s, z], ápico-alveolares [ʃ, ʒ] e palato-alveolares [ʃ, ʒ] em coda silábica em seis localidades distintas (Erechim-RS, Florianópolis-SC, Rio de Janeiro-RJ, Lisboa-PT, Granjal-Viseu-PT, São Jorge-Açores/PT). Consideramos como parâmetro principal os picos espectrais em contraste com o fator nível de escolaridade.

Podemos observar, com base em uma análise geral dos picos espectrais dos segmentos analisados, que não há uma sistematicidade que estabeleça padrões altamente regrados em termos de valores. No entanto, parece-nos que o P_{E3} é o mais confiável para diferenciar os segmentos fricativos aqui tratados. Desse modo, constatamos que os segmentos ápico-alveolares possuem o P_{E3} mais elevado (6200-7500 Hz), seguidos dos segmentos alveolares (5550-7400 Hz) e dos palato-alveolares (5500-6400 Hz).

Quanto às fricativas produzidas pelos informantes com escolaridade alta, verificamos que, em Florianópolis-SC, no Rio de Janeiro-RJ e em Lisboa-PT, os valores dos P_{E3} encontram-se entre 5400-6700 Hz, valores que nos parecem suficientes para caracterizar esses segmentos como palato-alveolares. Já os valores de P_{E3} dos segmentos realizados em São Jorge-Açores/PT são mais elevados (6100-7200 Hz),

o que define, portanto, o segmento ápico-alveolar como a fricativa produzida nesse local.

Com relação às fricativas produzidas pelos informantes com escolaridade baixa, observamos que os valores de P_{E3} apresentados pelos informantes de Florianópolis-SC, São Jorge-Açores/PT e Granjal-Visu/PT encontram-se entre 6000-8000 Hz, valores que nos parecem suficientes para caracterizar esses segmentos como ápico-alveolares. Já os valores de P_{E3} dos segmentos realizados pelos informantes do Rio de Janeiro-RJ e Lisboa-PT são menos elevados (5500-6700 Hz), o que define, portanto, o segmento palato-alveolar como a fricativa produzida nesses locais. Erechim-RS apresenta valores de P_{E3} elevados (5550-7400 Hz), porém, não tão elevados quanto os valores de P_{E3} apresentados para segmentos ápico-alveolares, o que caracteriza os segmentos produzidos nessa localidade como alveolares.

Entre outros resultados, pudemos mostrar que o fator escolaridade baixa associado à análise dos segmentos fricativos produzidos no PB e no PE foi crucial para estabelecer uma ligação entre a realização dessas fricativas com o processo de colonização dos pontos geográficos analisados neste estudo. Por isso, e atendendo a estimativa sobre a consolidação da pronúncia palato-alveolar no século XVII no PE e no PB (FURLAN, 1989; PRISTA, 1994), elaboramos uma correlação linguística das possíveis realizações da fricativa /s/ em coda silábica com a colonização açoriana a partir de 1748 em Florianópolis-SC e com a migração de lisboetas ocorrida em 1807-1808 para o Rio de Janeiro-RJ. Fizemos, então, um estudo sobre as características acústico-articulatórias da fricativa /s/ em coda silábica no PB e no PE. Por meio desse estudo acústico, deparamo-nos com a realização de um segmento aparentemente inédito no PB e que apresentou indícios dessa correlação linguística que buscávamos entre as localidades brasileiras e portuguesas.

Isto posto, averiguamos que existe, ao norte de Portugal, mais especificamente na localidade de Granjal-Visu/PT, a realização do segmento ápico-alveolar, considerado por alguns autores, como Segura e Saramago (2001), conservador no PE e produzido, principalmente, na região Norte do país. A partir disso, analisamos São Jorge-Açores/PT e observamos que o mesmo segmento também era produzido nessa localidade. Esse fato nos fez pressupor que, dentre os portugueses que colonizaram São Jorge, alguns deles eram do norte de Portugal. Salientamos que, devido à falta de estudos sobre a ilha de São Jorge, não temos suporte teórico para comprovação dessa afirmação. O que sabemos é que foram portugueses de todas as partes do país que se deslocaram para ocupar o arquipélago açoriano. Baseando-nos, destarte, no nosso estudo

acústico sobre os dados de fala dessa localidade açoriana é que fizemos tal constatação.

Com base nisso, se São Jorge foi colonizada por portugueses, dentre eles nórdicos, fato esse que explicaria a realização do segmento ápico-alveolar pelos jorgenses/açorianos, para que pudéssemos fazer uma correlação linguístico-histórica entre São Jorge-Açores/PT e Florianópolis-SC, deveríamos encontrar esse mesmo segmento, também, na capital catarinense; que foi colonizada por açorianos que, em sua grande maioria, vieram da ilha de São Jorge (FURLAN, 1989). Ao analisar acusticamente os dados produzidos na localidade de Florianópolis-SC, averiguamos que, na capital catarinense, o segmento ápico-alveolar também é realizado, assim como em São Jorge-Açores/PT e em Granjal-Viseu/PT. Esse resultado nos faz pressupor que há traços fonéticos que contribuem, até hoje, para o esclarecimento de como ocorreu o processo de colonização de São Jorge e de Florianópolis.

Além disso, a descrição e análise dos segmentos produzidos em Lisboa-PT e no Rio de Janeiro-RJ demonstraram que, em ambas as localidades, registra-se a fricativa palato-alveolar. Esse resultado serve para mostrar que esse segmento é produzido no PB tal qual é realizado no PE, já que não há evidências acústicas que os diferencie. Essa equivalência acústica nos faz pressupor que seja muito improvável que a produção da fricativa palato-alveolar no PB, especialmente no Rio de Janeiro-RJ, tenha se desenvolvido de forma independente, como atesta Noll (2008).

Portanto, a pronúncia da fricativa palato-alveolar de Lisboa-PT e do Rio de Janeiro-RJ, assim como a realização da ápico-alveolar de São Jorge-Açores/PT e de Florianópolis-SC, são variantes de contato do PB com o PE, considerando que Florianópolis-SC foi colonizada por jorgenses/açorianos e o Rio de Janeiro-RJ por lisboetas.

Remarcamos aqui que é necessário um número maior de dados para que se possa fazer um tratamento estatístico mais apurado a fim de comprovar ou não as diferenças/semelhanças entre os dados. Além disso, acreditamos que há muito ainda que possa ser estudado sobre as fricativas do PB e do PE. Contudo, esperamos ter colaborado para a descrição acústico-articulatória desses segmentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em língua portuguesa, as fricativas palato-alveolares só existem subjacentemente em posição de *onset* (ataque silábico). Em posição de coda, surgem apenas no componente pós-lexical, como consequência de uma regra específica de alofonia por palatalização conhecida. A aplicação se dá no modo de preenchimento de traço, através da operação elementar de inserção: insere-se, pois, sob o Ponto de C uma consoante identificada como coronal [anterior].

Com base nisso e tendo em vista os pressupostos teóricos da fonologia não-linear, adotamos para esse estudo a subespecificação radical porque acreditamos que se não estiverem preenchidos os traços de ponto de articulação da consoante coronal /s/ em posição de coda silábica esse segmento pode mais facilmente realizar-se de forma variável, seja alveolar, ápico-alveolar ou palato-alveolar, conforme os contextos ou os dialetos ou por projeção de um autosegmento, do que se estivesse completamente especificada.

A análise quantitativa dos dados apontou a variante palato-alveolar como categórica no PE e predominante no dialeto carioca. Todas as variáveis propostas, linguísticas e extralinguísticas, mostram-se estatisticamente relevantes para a produção da variante palato-alveolar em posição de coda. Em contrapartida, a dimensão diafásica foi a única variável que apresentou desfavorecimento para a realização da fricativa palato-alveolar. Podemos dizer, de modo geral, que as variáveis linguísticas foram selecionadas primeiro do que as extralinguísticas, com exceção da dimensão diatópica que foi a variável mais relevante para a produção palato-alveolar no presente estudo.

A seleção feita pelo programa estatístico no que tange às variáveis linguísticas e extralinguísticas estatisticamente significativas, por ordem decrescente de relevância no condicionamento, foi:

1. Dimensão diatópica (localidades)
2. Contexto precedente à fricativa
3. Contexto seguinte à fricativa
4. Traço [voz] do contexto seguinte
5. Tonicidade
6. Posição da fricativa na palavra
7. Dimensão diageracional (faixa etária)
8. Dimensão diastrática (nível de escolaridade)
9. Dimensão diassexual (sexo/gênero)

Os resultados gerais para a dimensão diatópica mostram que nem sempre é possível estabelecer um comportamento semelhante entre todas as localidades do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ) e as do PE (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) com relação ao condicionamento da produção palato-alveolar em posição de coda. Com isso, para a dimensão diatópica, verificamos regra categórica nos dados referentes ao PE e, entre as localidades do PB, os resultados gerais apontam a localidade carioca como a que apresenta índices mais altos de favorecimento da realização palato-alveolar. Devido à maior relevância da localidade do Rio de Janeiro-RJ para a produção palato-alveolar em coda silábica é possível fazer uma aproximação dessa localidade carioca com o PE, no qual os resultados foram categóricos para a aplicação da regra.

A análise geral relativa ao contexto precedente à fricativa revelou as vogais labiais [u, o, ɔ], as vogais [+posterior] [u, o, ɔ, a] e as vogais [+alto] [i, u] como os contextos vocálicos precedentes responsáveis pela produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Entretanto, observamos, em rodada estatística somente com os dados de Florianópolis-SC, que os contextos precedentes favorecedores são formados por vogal labial [u, o, ɔ], [-posterior] [j, i, e, ε], [+alto] [i, u] e central [ɐ]. Esse resultado não confirma o resultado geral no que tange ao maior condicionamento para os contextos precedentes formados por vogal [-posterior] e central. Além disso e levando em consideração a importância estatística da vogal [i], dentre os contextos vocálicos precedentes analisados no que concerne à produção da variante palato-alveolar no PB, não podemos afirmar que os contextos indutores são somente os que promovem a retração do corpo da língua e o levantamento desse articulador, visto que a vogal [i] é [-posterior]. Com relação aos resultados referentes ao PE, verificamos que são os contextos vocálicos precedentes de vogais centrais [ɐ, i] os mais frequentes para a realização da fricativa palato-alveolar.

A análise referente ao contexto seguinte à fricativa revelou o contexto seguinte de pausa como o responsável pela produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Com relação aos resultados gerais constatamos que, em Florianópolis-SC, são os contextos seguintes formados por consoantes labiais /p, b, f, v, m/ e dorsais /k, g, x, ɣ, ʔ, ʀ/ os grandes motivadores da produção palato-alveolar no PB. Entretanto, em rodada estatística só com os dados de Florianópolis-SC, o contexto seguinte formado por consoante coronal /t, d, n, l, r, r/, também, apresenta efeito de favorecimento à produção palato-alveolar. Assim, verificamos

que na localidade catarinense os contextos seguintes preenchidos, isto é, que apresentam consoantes que seguem à fricativa, são sempre mais relevantes do que os contextos seguintes vazios, ou seja, pausa. Na localidade do Rio de Janeiro-RJ, os contextos seguintes formados por coronais /t, d, n, l, r, r/ e dorsais /k, g, x, ɣ, ʈ, ʀ/ são os mais relevantes para a realização palato-alveolar. Notamos, por meio da análise percentual dos dados referentes ao PE, que todos os informantes, independentemente do contexto seguinte à fricativa, realizaram o segmento palato-alveolar em 100% dos dados. Esse fato torna a apresentação desses resultados dispensável, já que teríamos uma diferença por volta de dois pontos percentuais apenas entre os fatores de cada variável referente ao contexto seguinte à fricativa.

Com relação à análise equivalente ao traço [voz] do contexto seguinte à fricativa, nossos resultados apontaram os contextos [-voz] seguintes como os maiores indutores da produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. A justificativa para esse resultado está no fato de que, nas palavras nas quais a fricativa /s/ ocupa a posição final absoluta, o valor não-marcado do traço é atribuído por regra *default* e, conseqüentemente, colabora de modo favorável à produção da variante palato-alveolar [ʃ]. Além disso, as consoantes [-voz] são contextos fortes, isto é, são produzidas com maior esforço muscular. Assim, são mais propícias ao processo de palatalização que necessita de um tipo de articulação produzida com mais energia. Com base na análise do traço [voz] do contexto seguinte em relação à posição da fricativa na palavra, verificamos que os contextos [+voz] referentes à posição final diante de consoante favorecem mais a realização da variante palato-alveolar em coda silábica no PB. Além disso, são esses mesmos contextos seguintes os motivadores da produção palato-alveolar em Florianópolis-SC, diferentemente, entretanto, da localidade do Rio de Janeiro-RJ, na qual são os contextos [-voz] seguintes os mais relevantes para a realização palato-alveolar. Não obstante, por meio da análise percentual dos dados referentes ao PE, notamos que os contextos [-voz] seguintes à fricativa, com relação à posição medial, apresentam frequências de uso mais elevadas quanto à realização da fricativa palato-alveolar. Quanto à análise percentual dos dados referentes ao PE, notamos que, independentemente do contexto seguinte à fricativa, todos os informantes realizaram o segmento palato-alveolar em 100% dos dados.

A análise relativa à tonicidade revelou a posição acentual tônica como a responsável pela produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Assim, os contextos mais fortes, que são entendidos como

aqueles produzidos com maior força articulatória e expiratória na emissão da sílaba, são de forma geral, os maiores indutores da realização palato-alveolar no PB. Com base na análise de cruzamentos, verificamos que a posição acentual postônica em posição final diante de consoante é a que mais favorece a realização da variante palato-alveolar em coda silábica nos dados do PB. Com relação aos resultados referentes ao PE, verificamos que, também, são as sílabas postônicas em posição final diante de consoante as mais frequentes para a produção palato-alveolar. Além disso, observamos que as sílabas postônicas são mais relevantes no contexto [+voz] seguinte no que tange a realização da variante palato-alveolar no PB. Contudo, nos dados do PE, as sílabas tônicas, independentemente de contexto [voz] seguinte, foram as mais recorrentes. Além disso, observamos que a posição acentual fraca (postônico) é a grande motivadora da produção palato-alveolar em Florianópolis-SC. Todavia, no Rio de Janeiro-RJ, é a posição acentual forte (pretônico) a grande responsável pela ocorrência da variante palato-alveolar.

Quanto à análise referente à posição da fricativa na palavra, verificamos que a posição final diante de consoante é a grande motivadora da produção da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Com base na análise de cruzamentos, verificamos que a posição final diante de consoante nos contextos seguintes [+anterior, -alto] é a que mais favorece a realização da variante palato-alveolar em coda silábica. Contudo, a posição medial é mais relevante nos contextos seguintes [-anterior, +alto] nos dados do PB. Já em rodada avulsa, ou seja, só com os dados de Florianópolis-SC, a posição medial alcançou igualdade em termos de peso relativo tanto no contexto seguinte [+anterior, -alto] quanto no contexto seguinte [-anterior, +alto]. Com relação à posição final absoluta, observamos que essa posição é influenciada diretamente pelo traço [voz] não-marcado, que está associado à não contiguidade imediata de contexto seguinte. Observamos, assim, que a posição final absoluta é a que mais favorece a produção palato-alveolar em Florianópolis-SC e a posição final diante de consoante é a grande motivadora da produção palato-alveolar no Rio de Janeiro-RJ. Não obstante, por meio da análise percentual dos dados referentes ao PE, notamos que a posição medial nos contextos seguintes [-anterior, +alto] e que a posição final diante de consoante nos contextos [+anterior, -alto] apresentam frequências de uso mais elevadas quanto a fricativa palato-alveolar.

Com a análise da dimensão diageracional, averiguamos que os informantes mais velhos são, no geral, os maiores produtores da variante palato-alveolar em posição de coda no PB. Partimos desse resultado geral

e realizamos seu cruzamento com as dimensões diatópica e diastrática. O resultado mostrou que, em Florianópolis-SC, são os informantes mais velhos e com escolaridade alta os que apresentam um maior favorecimento da realização palato-alveolar em coda. Isso nos permite dizer que nessa localidade catarinense o segmento em estudo situa-se possivelmente numa situação de mudança em progresso em que a fricativa palato-alveolar está perdendo força. Todavia, considerando a limitação dos dados e o fato de termos feito o controle somente duas faixas etárias, entedemos que a possibilidade de estar em curso uma gradativa substituição da fricativa palato-alveolar pela fricativa alveolar é uma hipótese que precisa ser melhor investigada. Já no Rio de Janeiro-RJ, tanto os informantes mais jovens quanto os mais velhos, independentemente do nível de instrução, são os maiores motivadores da produção palato-alveolar em coda silábica. Esse resultado possibilita afirmar que nessa localidade carioca a variante em análise encontra-se em uma possível situação de estabilidade. Essa análise tem influência direta na possibilidade de nessa localidade, assim como também nas localidades referentes ao PE da presente pesquisa, configurar-se a realização praticamente categórica da fricativa palato-alveolar, bem como a sua preservação.

Verificamos, com a análise da dimensão diastrática, que os informantes com menor grau de instrução são os maiores produtores da variante palato-alveolar em posição de coda, tanto em Florianópolis-SC quanto no Rio de Janeiro-RJ. Partimos desse resultado geral e realizamos seu cruzamento com a dimensão diassexual, no qual observamos que os informantes masculinos com escolaridade baixa apresentam maior favorecimento da realização palato-alveolar em coda silábica no PB. Uma possível justificativa para esse resultado está no fato de que as mulheres, com menos instrução, prefiram a forma “protótipo” da fricativa /s/ em coda silábica com receio de não utilizar o segmento palato-alveolar de forma adequada, já que há maior consciência ou sensibilidade, por parte desses informantes, sobre os valores sociais que determinadas variantes linguísticas carregam. No que concerne à análise percentual dos dados referentes ao PE, observamos que todos os informantes, de ambos os níveis de escolaridade investigados, realizaram o segmento palato-alveolar em 100% dos dados.

A análise da dimensão diassexual revelou os informantes femininos como os maiores produtores da variante palato-alveolar em posição de coda. Partimos desse resultado geral e realizamos seu cruzamento com outras dimensões, como diatópica e diageracional, a fim de analisar se os mesmos diferenciais seriam repetidos nessas dimensões

extralinguísticas. O resultado mostrou que, em Florianópolis-SC, são os informantes masculinos mais velhos os que apresentam um maior favorecimento da realização palato-alveolar em coda. Esse fato nos permite dizer que nessa localidade catarinense o segmento em estudo dá indícios de mudança em progresso desfavorável à realização da fricativa palato-alveolar. Já no Rio de Janeiro-RJ, são os informantes masculinos e femininos, independentemente da faixa etária, os grandes motivadores da produção palato-alveolar em coda silábica. Esse resultado nos possibilita afirmar que nessa localidade carioca a variante em análise, ao contrário de Florianópolis, apresenta indícios de uma situação de estabilidade, visto que as diferenças em termos de valores de peso relativo são estreitas. No que tange à análise percentual dos dados referentes ao PE, averiguamos que todos os informantes, de ambos os sexos, realizaram o segmento palato-alveolar.

Quanto aos estilos contextuais, com base na análise geral dos nossos dados, verificamos que, contrariamente ao eixo estilístico do *continuum* da escala de formalidade elaborado por Labov (2008), nossos resultados apontam para uma escala de formalidade que segue a direção: contexto A (conversa semidirigida – fala casual) → contexto B (leitura de texto) → contexto C (resposta aos questionários – fala monitorada). A nossa escala, portanto, diferencia-se da escala de formalidade do autor pela troca do contexto B pelo C.

Em vista disso, acreditamos que o estilo de fala leitura de texto mostrou-se [+formal] nos nossos dados, sendo que o esperado era [+formal] de acordo com Labov (2008), por conta de que a atividade de leitura de texto foi solicitada aos informantes como a última tarefa de toda a entrevista. Assim, consideramos que os participantes da pesquisa já estavam, de certa forma, menos tensos e conseguiram executar uma leitura mais relaxada do texto que lhes foi requerida. Além disso, o texto trazia um vocabulário de fácil acesso a todos os informantes, isto é, a escolha do vocabulário não ocasionou tensão alguma durante a leitura. Esse fato se reflete nos resultados gerais dos dados, já que foram os informantes mais velhos e com menos escolaridade os que mais favoreceram, de modo geral, a realização da fricativa palato-alveolar em coda silábica.

Em contrapartida, a atividade de resposta aos questionários foi a primeira tarefa que executamos durante a entrevista, ou seja, nos momentos iniciais da entrevista fizemos a realização dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical do ALiB que compunham a entrevista. Esse episódio deve ter contribuído para que, em nossos resultados, o estilo resposta aos questionários fosse caracterizado como

um estilo de fala [+formal]. Verificamos, dessa forma, a importância existente na escolha da distribuição das tarefas a serem executadas quando se opta por fazer uma entrevista para coleta de dados de fala.

Com base na análise acústica da fricativa /s/ em coda silábica no PB e no PE, verificamos que a análise do fator escolaridade baixa associada à análise dos segmentos fricativos produzidos no PB e no PE foi crucial para estabelecer uma ligação entre a realização dessas fricativas com o processo de colonização dos pontos geográficos analisados neste estudo. Observamos, portanto, que há traços fonéticos que contribuem, até hoje, para o esclarecimento de como ocorreu o processo de colonização de determinadas localidades. A exemplo disso, temos a relação entre as localidades Florianópolis, São Jorge e Granjal com a produção dos segmentos conservadores ápico-alveolares e as localidades do Rio de Janeiro e Lisboa com a realização de fricativas palato-alveolares.

Constatamos, ainda, com base na análise acústica dos dados que é o P_{E3} o mais estável para a análise dos segmentos fricativos, tanto nos dados referentes ao PB quanto nos dados do PE. Podemos, então, concluir que esse parâmetro não é definidor para diferenciar as fricativas produzidas no PB em confronto com os segmentos realizados no PE, mas para distinguir os segmentos fricativos entre si, em relação ao ponto articulatorio.

Consideramos que a pesquisa desenvolvida tenha cumprido os objetivos a que se propôs. A realização da fricativa alveolar em coda silábica foi examinada e, conseqüentemente, relacionada à luz dos pressupostos da fonologia não-linear, e a análise quantitativa e acústica dos dados permitiu que a realização da fricativa /s/ verificada em posição de coda fosse sistematizada, contribuindo assim para a discussão acerca do valor e da função da língua no meio social, como também, para a aproximação em termos de colonização das localidades selecionadas do PB (Florianópolis-SC e Rio de Janeiro-RJ) e do PE (Lisboa-PT e São Jorge-Açores/PT) referentes à produção da fricativa alveolar em coda silábica.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do Alers. In: VANDRESEN, Paulino (Org). **Variação e mudança no português da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 115-145.

_____. **Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil**. 2004. Disponível em: <http://iberoamericana.net/files/ejemplo_por.pdf>. Acesso em: 12/08/2010.

ALiB. Atlas Linguístico do Brasil: **Questionário 2001**/Comitê Nacional do Projeto ALiB. – Londrina: UEL, 2001. 47 p.; 29 cm.

_____. Atlas Linguístico do Brasil. **Comitê Nacional**. Disponível em: <http://www.alib.ufba.br/comitenacional.asp>. Acesso em: 02/09/2010.

_____. Atlas Linguístico do Brasil. Volume 1: **Introdução**. Volume 2: **Cartas Linguísticas 1**. In: CARDOSO, S. A. M. da S. et al. Londrina-PR: Eduel, 2014. 2v.: il. p. 368.

ALVAR, M. **Estudios canarios**. Las Palmas: Cabildo Insular de Gran Canaria, 1968.

ANDRADE, A. **Segmental durations and the presence/absence of a fricative in syllable coda in EP**. R-GFF, 18, CLUL, 1999. p. 24-49.

_____. **[ʃ]-[s] Accommodation in European Portuguese: an acoustic and perceptual study**. 15th ICPHS Barcelona, 2003a.

_____. **[U]-[u] accommodation in European Portuguese: an acoustic and perceptual study**. **Proceedings of the 15th ICPHS**, Barcelona 3-9 Agosto, Barcelona, 2003b. p. 3045-3048.

_____. **On the final fricative in European Portuguese**. Apresentação oral, 09 de Outubro 2003, CLUL, Lisboa, 2003c.

_____.; RODRIGUES, C. Um exemplo de sandhi consonântico variável em Português: uma abordagem mista. **Actas do XIX Encontro Nacional da APL**, 2003. p. 257-268.

_____.; SARROEIRA, D. **Estudo acústico das sibilantes em PE em sílaba CV**. R-GFF, 19, CLUL, 2000.

_____.; SLIFKA, J. **A phonetic study of sibilants produced by 2 speakers of a northern Portuguese dialect**. XXIst National Meeting of the Portuguese Association of Linguistics (Associação Portuguesa de Linguística/APL), agos. 2006.

ARCHANGELI, D. **Underspecification in Yawelmani phonology and morphology**. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, MIT. New York: Garland Press, 1988.

_____.; PULLEYBLANK, D. Yoruba vowel harmony. **Linguistic Inquiry** 20, 1989. p. 173-217.

_____. Optimality theory: an introduction to linguistics in the 1990s. IN: ARCHANGELI, D.; LANGENDOEN, D. T. **Optimality theory**. An overview. Oxford: Blackwell Publishers, 1997.

AVELLAR, J. C. da S. **Ilha de São Jorge (Açores)** – Apontamentos para a sua história. Ilha do Faial-Açores: Horta, 1902.

BARRETO, J. F. **Ortografia da Língua Portuguesa**. Lisboa: Officina de Ioam Da Costa, 1671.

BARROS FERREIRA, M. Retrospectiva da dialetologia portuguesa. **Revista Internacional de Língua Portuguesa**. Lisboa, n. 12, p. 108-118, dez. 1994.

BASSI, A. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonológica e geolinguística**. 2011. 192 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

_____. **A realização das sibilantes /s, z, ʃ, ʒ/ e das chiantes /ʃ, ʒ/ em território português**. 2014. (No prelo).

BECHARA, E. As fases da língua portuguesa escrita. In: **Actes du XVIIIe congrès international de linguistique et de philologie romanes**, v. III, Tübingen (Max Niemeyer Verlag), 1991. p. 68-76.

BEHLAU, M.; RUSSO, I. **Percepção da fala**: análise acústica do português brasileiro. São Paulo: Editora Lovise Científica, 1993.

BHAT, D. N. S. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J. S. (Ed.). **Universals of human language**. Stanford, Califórnia: Stanford University Press, 1978. p. 47-92. (Phonology, v. 2).

BERTI, L. C. **Aquisição incompleta do contraste entre /s/ e /S/ em crianças falantes do português brasileiro**. Campinas, SP: [s.n.], 2006.

_____. Contrastes e contrastes encobertos na produção da fala de crianças. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**. n 22(4), out. dez. 2010. p 531-6.

_____.; MARINO, V. C. de C. Contraste fônico encoberto entre /t/ e /k/: um estudo de caso de normalidade e de transtorno fonológico. **Revista CEFAC**, vol. 13, n. 02. São Paulo, 2011.

BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. IN: NEVES, M. H. M. (Org). **Gramática do Português Falado**. Campinas: Editora Humanista/FFLCH/USP, Vol. VII, 1999. p. 701-742.

_____.; (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed., Porto Alegre. EDIPUCRS, 2010.

BLAYER, I. M. F. **Aspects of the Vocalic System in the Speech of the Azores Islands**. Ph.D. Diss. – University of Toronto, Toronto, 1992.

BLEVINS, J. The Syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, J. A. (Ed.). **The Handbook of Phonology**. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 206-244.

BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRESCANCINI, C. R. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões**

de influencia açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não linear. 1996. 219 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

_____. **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade:** uma regra variável. 2002. 364 f. Tese (Doutorado em Letras (Linguística Aplicada)) - Faculdade de Letras, PUCRS, Porto Alegre.

BRISSOS, F. J. C. **Linguagem do sueste da Beira no tempo e no espaço.** Tese de doutoramento em Linguística. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, Lisboa-PT, 2011. 625 p.

BROSNAHAN, L. F.; MALMBERG, B. **Introduction to phonetics.** Cambridge University Press, Cambridge, 1970. 247 p.

CAGLIARI, L. C. **A palatalização em português:** uma investigação palatográfica. 1974. 173 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **Elementos da fonética do português brasileiro.** Campinas, Tese (Livre Docência) – Departamento de Linguística do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981. 165 f.

_____. **Fonologia do Português:** análise pela Geometria de Traços. Campinas: edição do autor, 1997. (Coleção Espiral, 2, Série Linguística).

_____. **Análise Fonológica.** Campinas: Mercado de Letras, 2002.

CALLOU, D. M. I.; BRANDÃO, S. F. Sobre o /S/ em coda silábica no Rio de Janeiro: falas culta e popular. In: SALGADO, A. C. P.; BARRETTO, M. M. G. S. (Org.). **Sociolinguística no Brasil:** uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato: homenagem ao Prof. Jürgen Heye. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 27-34.

_____.; LEITE, Y. **Iniciação à Fonética e à Fonologia.** 3ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____.; MARQUES, M. H. D. **O /s/ implosivo na linguagem do Rio de Janeiro**: Littera, n.14, 1975. p. 9-140.

_____.; MORAES, J. A. de. A norma de pronúncia do S e R pós-vocálicos: distribuição por áreas regionais. In: CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Diversidade linguística e ensino**. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 133-156.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **Princípios de linguística geral**. 4. ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

_____. **Para o estudo da fonêmica Portuguesa**. 2. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 15. ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 1985.

CANDEIAS, S. **Sistema Fonológico da Beira Interior e Algumas Considerações Sintático-Semânticas**. 2007. 397 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Aveiro, Aveiro-PT.

CANOVAS, M. I. F. **Variação fônica de /S/ pós-vocálico e de /v, z, ʒ/ cabeças de sílaba, na fala de Salvador**. Salvador, 1991. 168 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA.

CARDEIRA, E. Alguns dados sobre o sistema de sibilantes do português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Org.). **Razões e Emoção** – Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. v. I, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2003. p. 129-145.

CARDOSO, S. A. **Dialectologia**: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. DELTA vol.17. Edição especial. São Paulo, p. 25-44, 2001. Versão impressa ISSN 0102-4450. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v17nspe/6709.pdf>>. Acesso em: 09/08/2010.

_____. **Geolinguística – tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARVALHO, J. G. H. de. **Estudos Linguísticos**. Lisboa: Verbo, 1964.

CARVALHO, M. J. Duas inovações consonânticas num corpus medieval: simplificação do sistema de quatro sibilantes e neutralização da oposição fonológica *b/v*. **Textos Seleccionados**, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa, APL, 2011. p. 140-152.

CATFORD, J. C. **Fundamental problems in phonetics**. Edinburg: Edinburg University Press, 1977.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **Dialectology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

_____. **La Dialectología**. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper, 1968.

CINTRA, L. F. L. Áreas lexicais no território português. *Boletim de Filologia*. vol. 20, p. 273-307, 1962, reeditado em **Estudos de dialectologia portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1983a. p. 117-163.

_____. Nova proposta de classificação dos dialectos galego portugueses. **Boletim de Filologia**, 22, 1971. p. 81-116; reprinted in L. F. Cintra, *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Lisbon: Sá da Costa Editora, 1983b. p. 117-163.

CLARK, J.; YALLOP, C. **An introduction to phonetics and phonology**. 2 ed. Cambridge: Blackwell, 1995. p 59-96.

CLEMENTS, G. N. **The Geometry of Phonological Features**. *Phonological Yearbook*. n. 2, 1985. p. 225-252.

_____. **On the Representation of Vowel Height**. Preliminary version: University of Cornell, 1989.

_____. **Place of Articulation in Consonants and Vowels: a unified theory**. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*. n. 5, 1991. p. 77-123.

_____.; HUME, E. V. **The Internal Organization of Speech Sounds**. Unpublished ms. University of Conell, 1995.

_____.; KEISER, S.J. **CV phonology**: a generative theory of the syllable. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1983.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. IN: BISOL, L. (org). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-133.

_____. **Fonologia do português brasileiro, da sílaba à frase**. Porto Alegre: Gráfica UFRGS, 2006.

CORNU, J. **Grammatik der Portugiesischen Sprache**. Strassburg: Karl J. Trübner, 1906.

CORRÊA, C. da C. **Focalização dialetal em Brasília**: um estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico. 1998. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Brasília-DF.

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA, A. **Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular**: Hydrographico, Historico, Orografico, Archeologico, Biographico, Heraldico e Etymologico. Villa do Conde: Typographia Privativa do Diccionario Chorographico, v. VII, 1940.

CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português**. São Paulo: Contexto, 1999.

CRISTOFOLINI, C. **Gradiência na fala infantil**: caracterização acústica de segmentos plosivos e fricativos e evidências de um período de “refinamento articulatorio”. 2013. 300 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

CRYSTAL, T. H.; HOUSE, A.S. A note on the durations of fricatives en American English. **Journal of the Acoustical Society of America**. Nova York, v. 84, n. 05, 1988. p. 1932-1935.

CUNHA, C. F. da. **Língua, nação, alienação**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CUNHA, C. F. da. **Recordando o passado**. 3. ed. Ilha de São Jorge-Açores: Calheta, 2012.

D'ANDRADE, E.; VIANA, M. C. Sinérese, diérese e estrutura silábica. **Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL/Colibri, 1993. p. 31-42.

DOCHERTY, G. J. **The timing of voicing in British English obstruents**. Berlin: Foris Publications, 1992. 289 p.

FEIJÓ, J. de M. M. **Ortographia ou Arte de escrever e pronunciar com acerto a língua portuguesa**. Coimbra: Oficina de Luis Secco Ferreira, 1734.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994. p. 11-62.

FISCHER – JORGENSEN, E. **Trends in Phonological Theory**. Akademisk Forlang: Copenhagen, 1975.

FRANÇA, J. M. C. **Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino: antologia de textos (1809-1818)**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

FREITAS, M. J. **Aquisição da Estrutura Silábica do Português Europeu**. 1997. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa-PT.

FROTA, S. Prosody and focus in European Portuguese. **Phonological phrasing and intonation**. Londres: Garland Publishing, Inc, 2000.

FUDGE, E.C. Syllable. **Journal of Linguistics**, Great Britain, n. 5, p. 253-286, 1969.

FUNDAÇÃO FRANKLIN CASCAES. **Florianópolis: uma síntese histórica**. 2. ed. Florianópolis: Secretaria Municipal de Turismo, 1995.

FURLAN, O. A. **Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense**. 1982. 420 p. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

_____. **Influência Açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 1989.

GAL, S. **Language shift**: social determinants of linguistic change in bilingual Áustria. New York, Academic Press, 1979.

GAYA, S.G. **Elementos de fonética general**. 5. ed. cor. e ampl. Madrid: Editorial Gredos, 1966.

GIANGOLA, J. Complex palatal geminates in Brazilian Portuguese. **The Proceedings of the Thirteenth West Coast Conference on Formal Linguistics**. San Diego: University of California, 1994.

GOLDSMITH, J. A. **Autosegmental phonology**. Bloomington: IULC, 1976.

_____. **Autosegmental phonology**. New York: Garland Publishing, 1979. (Outstanding Dissertation in Linguistics, Harvard University).

_____. **Autosegmental and Metrical Phonology**. Oxford: Basil Blackell, 1990.

GONZALÉZ, M. G. **Português Europeu e Galego**: Estudo Comparativo Fonético e Fonológico das Consoantes em Rima Medial. 2008. 218 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa-PT.

GRYNER, H.; MACEDO, A. A pronúncia do s pós-vocálico na região de Cordeiro-RJ. In: MOLLICA, C.; MARTELOTA, M. (Org.). **Análises linguísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 26-67, 2000.

GUERREIRO, M. V. **A Ilha de S. Jorge** - Uma Monografia. Edições Colibri, 2012.

GUY, G. R. **Linguistic variation in Brazilian Portuguese**: aspects of the phonology, syntax and language history. 1981. 391 f. Ph.D Dissertation - University of Pennsylvania, Philadelphia.

_____. Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. **Organon**. Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29, 2000. p. 17-32.

HALL, R. A. Jr. **External History of the Romance Languages**. New York: Elsevier, 1974.

HALLE, M.; STEVENS, K. N. Some reflections on the theoretical bases of phonetics. In: LINDBLOM, B.; OHMAN, S. **Frontiers of speech communication research**. London: Academic Press, 1979.

HARRIS, J. **Syllable structure and stress in Spanish**. Cambridge, Massachussets: MIT Press, 1983.

HAUPT, C. As fricativas /s/, /z/, /s/ e /z/ do português brasileiro. **Estudos linguísticos**, Araraquara, v. XXXVI, n. 1, 2007. p. 37-46.

HAYES, B. Inalterability in CV phonology. **Language**. Baltimore, MD, v. 62, n. 02, 1986. p. 321-352.

_____. **Metrical Stress Theory**: Principles and Case Studies. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

HEAD, B. A **Comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro**. 1964. 305 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – The University of Texas, Austin.

HENRIQUES, I. A **Fricativa Coronal /S/ em /#(ø)SC/ em Português Europeu**. 2012. 241 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Porto, Porto-PT.

HERMAN, J. (ed.). **Du latin aux langues romanes**: études de linguistique historique. Tübingen: Niemeyer, 1990.

HERNANDORENA, C. L. M. **A Geometria dos Traços na Representação das Palatais na Aquisição do Português**. Letras de Hoje. Porto Alegre: v. 29, n. 4, dez. 1994. p. 159-167.

HOCKETT, C. F. A manual of phonology. **International Journal of American Linguistics**, 1955. (Memoir, II).

HOGAN, J. T.; ROZSYPAL, A. J. Evaluation of vowel duration as a cue for the voicing distinction in the following word-final consonant. **Journal of the Acoustical Society of America**. Nova York, v. 67, n. 05, 1980. p. 1764-1771.

HOOPER, J. B. **An introduction to natural generative phonology**. New York: Academic Press, 1976.

HORA, D. da. **Fonética-Fonologia: A Gramaticalização dos Processos Fonéticos**. Relatório Final de Pós-Doutorado. Amsterdam: Vrije Universiteit, 2000.

HOUAISS, A. **O português do Brasil**. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

HYMAN, L. M. **Phonology: Theory and Analysis**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1975.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Documento eletrônico]. **Resultados do Censo Demográfico de Florianópolis-SC**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. [Documento eletrônico]. **Resultados do Censo Demográfico do Rio de Janeiro-RJ**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>.

ISQUERDO, A. N. Os atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra (Orgs.). **Documentos 02: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 67-94.

ITÔ, J. **Syllable theory in prosodic phonology**. Amherst: University of Massachusetts. PhD dissertation, 1986.

INE – Instituto Nacional de Estatística. [Documento eletrônico]: **XV Recenseamento Geral da População e V Recenseamento Geral da Habitação**: resultados definitivos. Lisboa, 2011. 223 p.: mapas, quadros e gráficos. Disponível em: <http://censos.ine.pt>.

INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA. **Boletim**. Ilha Terceira-Açores: Angra do Heroísmo, v. XIX-XX, 1961-62.

JESUS, L. M. T. **Analysis of Portuguese Fricative Consonants**. Mini Thesis- Department of Electronics and Computer Science, University of Southampton, 1999. 70 f.

_____. **Acoustic Phonetics of European Portuguese Fricative Consonants**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departament of Electronics and Computer Science of the University of Southampton, Southampton, 2001. 256 p.

_____.; SHADLE, C. H. A parametric study of the spectral characteristics of European Portuguese fricatives. **Journal of Phonetics** **30**, 2002. p. 437-464.

JOHNSON, D. E. Getting off the Goldvarb standard: introducing Rbrul for Mixed-Effects Variable Rule Analysis. **Language and Linguistics Compass**, n.3/1, 2009.

_____. **Rbrul Manual**. Disponível em: <http://www.danielezrajohnson.com/Rbrul_manual.html>. Acesso em: 10 abril 2015.

JORDAN, J. **Introdução à linguística românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.

KAHN, D. **Syllable based generalizations in English phonology**. Cambridge, Massachussets, 1976. Ph.D. dissertation – IULC, MIT.

KAISSE, E. M.; SHAW, P. A. On the theory of lexical phonology. In: **Phonology** **2**, 1985. p. 1-36.

KEATING, P. Coronal places of articulation. In: PARADIS, C.; PRUNET, J-F (Ed.). **Phonetics and phonology**: the special status of

coronals – internal and external evidence. New York: Academic Press, 1991. p. 29-48.

KIPARSKY, P. Elsewhere in phonology. In: ANDERSON, S. R.; KIPARSKY, P. (Org.). **A festschrift for Morris Hall**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1973. p. 93-106.

_____. Lexical morphology and phonology. In: YANG, S. (Org.) **Linguistic in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p. 3-91.

_____. Some consequences of lexical phonology. In: **Phonology Yearbook**, v. 2, 1985. p. 85-138.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1972 [1966].

_____. The study of language in its social context. **Studium Generale** 23, 1970. p. 30-87.

LACERDA, F. P. Acoustic perceptual study of the Portuguese voiceless fricatives. **Journal of Phonetics**. London, v. 10, 1982. p. 11-22.

LADFOGED, P. **A Course in Phonetics**. New York: Harcourt, Brace & Jovanovich, 1975.

_____.; MADDIESON, I. **The Sounds of the World's Languages**. Oxford: Blackwell, 1996.

LAHIRI, A.; EVERS, V. Palatalization and coronality. In: PARADIS, C.; PRUNET, J-F. (Ed.). **Phonetics and phonology: the special status of coronals, internal and external evidence**. New York: Academic Press, 1991. *Phonetics and Phonology*, v. 2.

LEÃO, D. N. Orthographia e Origem da Língua Portuguesa. In: BUESCU, M. L. C. (Org.) **Orthographia e Origem da Língua Portuguesa – Introdução, notas e leitura**. Lisboa, INCM, 1983 [1576].

LEBEN, W. **Suprasegmental phonology**. 1973. 199 p. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT.

LEFVBRE, C. As noções de estilo. In: BAGNO, M. (Org.) **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001 [1983], p. 203-36.

LEPSCHY, G. C. **A Linguística Estrutural**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1975.

LINDLEY, C. L. **Estudos de Dialectologia Portuguesa**. Lisboa: Sá da Costa, 1983.

LISKER, L.; ABRAMSON, A. A cross-language study of voicing in initial stops: acoustical measurements. **Words**, 20, 1964. p. 384-422.

LOMBARDI, L. **Laryngeal features and laryngeal neutralization**. 1991. Tese (Doutorado, PhD) – University of Massachusetts, Cambridge, Mass.: MIT.

LORENZO, R. Alguns dados sobre a evolução das sibilantes medievais. In: **Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha**, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1995. p. 231-237.

MAIA, C. de A. Os falares do Algarve. **Revista Portuguesa de Filologia**, n. 17, 1975-78. p. 37-171.

_____. **História do Galego-Português**. Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o Século XIII ao Século XVI (Com Referência à Situação do Galego Moderno) [1986]. 2ª ed. (reimpressão da 1ª), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.

MALMBERG, B. **A fonética**. Tradução de: Oliveira Figueiredo. Lisboa: Livros do Brasil, 1954. Título original: La phonétique.

MARGOTTI, F. W. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. 332 p. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MARLETT, S. **An introduction to phonological analysis**. Summer Institute of Linguistics and University of North Dakota, 2001. 294 p.

MARTINS, A. M. **Documentos Portugueses do Noroeste e da Região de Lisboa**. Da Produção ao Século XVI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

_____.; SARAMAGO, J. As sibilantes em português: um estudo de geografia linguística e de fonética experimental. In: **Actas do XIX Congresso Internacional de Linguística e Filoloxía Románicas**. Universidade de Santiago de Compostela. Fundación «Pedro Barrié de La Maza, Conde de Fenosa», A Coruña, 1993. p. 121-139.

MATEUS, M. H. M. **Aspectos da fonologia portuguesa**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1975.

_____. **Fonética, fonologia e morfologia do português**. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

_____. Ainda a subespecificação na fonologia do Português. In: **Actas do 13º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa-PT, 1996. p. 63-74.

_____. A mudança da língua no tempo e no espaço. In Mateus, Maria Helena Mira e Fernanda Bacelar do Nascimento (Orgs.). **A Língua Portuguesa em Mudança**. Lisboa: Editorial Caminho: 2005. p. 1-19.

_____.; D'ANDRADE, E. **The phonology of portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATTOS E SILVA, R. V. **Diversidade e unidade**: a aventura linguística do português. 1991. In: <http://www.institutocamoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/diversidade.pdf>. Acesso em: 07/03/2003.

McCARTHY, J. On stress and syllabification. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, Mass., v. 10, n. 03, 1979. p. 443-466.

_____. OCP effects: Gemination and antigemination. **Linguistic Inquiry**. Cambridge, Mass., v. 17, n. 12, 1986. p. 207-263.

MELO, M. A. S. L. de. **Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala**: um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro. 2012. 102 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MESTER, R. A.; ITÔ, J. Feature predictability and underspecification: palatal prosody in Japanese mimetics. **Language**, v. 65, n. 2, 1989. p. 258-293.

MOHANAN, K. P. **Lexical Phonology**. 1982. Tese (Doutorado, PhD) – University of Massachusetts, Cambridge, Mass.: MIT.

MOTA, J. **Variação Fônica no Português do Brasil**: o /s/ em coda silábica. VI Congresso Nacional de Estudos Linguísticos e Literários. Salvador: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002.

_____. /S/ em coda silábica no corpus do projeto ALiB: aspectos sociolinguísticos e históricos. In: CUNHA, M. L. da; ANDRADE, V. de O.; RAUBER, A. L. (Orgs.). **Anais de Resumos do II Congresso Internacional de Linguística Histórica** – Homenagem a Ataliba Teixeira de Castilho. São Paulo: USP, 2012. 884 p.

_____.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. (Orgs.). **Documentos 02**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.

MUSSAFIA, A. **Beitrag zur kunde der norditalienischen mundarten im XV. Jahrhundert**. Bolonha: Arnaldo Formi, 1964.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLIKA, M. C. **Introdução à Sociolingüística Variacionista**. Rio de Janeiro: Programa de Apoio à Produção de Material Didático (PROMADI 1)- UFRJ, 1992. p. 17-25. (Cadernos Didáticos UFRJ).

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

NESPOR, M.; VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris Publications, 1986. (Studies in Generative Grammar, 28).

NOLL, V. **O português brasileiro: formação e contrastes**. [ed. or. alemã: 1999; tradução de Mário Eduardo Viaro]. São Paulo: Globo, 2008.

O'SHAUGHNESSY, D. Consonant durations in clusters. **IEEE Transaction on Acoustics, Speech and Signal Processing**. Piscataway, v. 22, n. 04, 1974. p. 282-295.

PAGOTTO, E. G. **Variação e (') identidade**. Maceió: EDUFAL, 2004.

PARADIS, C.; PRUNET J-F. (Ed.). **Phonetics and phonology: the special status of coronals, internal and external evidence**. New York: Academic Press. *Phonetics and Phonology*, v. 2, 1991.

PESSOA, M. A. O /s/ pós-vocálico na fala de Natal. In: Atas do I Simpósio Diversidade Linguística no Brasil. Salvador: UnBA, 1986.

PIKE, K. L.; PIKE, E. Immediate constituents of mazateco syllables. **International Journal of American Linguistics**, n. 13, 1947. p. 78-91.

PILAR, V. C.; LUZ, M. A. M. da. **Gramática da Língua Portuguesa**. Edições 70, 1980.

PIRELLO, K.; BLUMSTEIN, S. E.; KUROWSKI, K. The characteristics of voicing in syllable-initial fricatives in American English. **Journal of the Acoustical Society of America**. Nova York, v. 101, n. 06, 1997. p. 3754-3765.

PORTUGAL. **Collecção da Legislação Portuguesa desde a ultima compilação das ordenações oferecida a El Rei Nosso Senhor pelo Desembargador Antonio Delgado da Silva**. Legislação de 1750 a 1762. Lisboa: na Typ. de L. C. da Cunha, 1830.

PRISTA, L. Tentativa de cenário para tʃ>ʃ. In: **Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade**. Actas do encontro regional da Associação Portuguesa de Linguística. Miranda do Douro: Edições Colibri, Setembro de 1994. p. 183-226.

PULLEYBLANK, D. **Tone in Lexical Phonology**. Reidel: Dordrecht, 1986.

RINALDI, L. M. **Procedimentos para a análise das vogais e obstruintes na fala infantil do português brasileiro**. 2010. 175 f. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.

RODRIGUES, C. **Lisboa e Braga**: Fonologia e Variação. 2003. 447 p. Tese (Doutoramento em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

_____. **Todas as codas são frágeis em português europeu?** Revista Linguística, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, jun. 2012.

RODRÍGUEZ, A. M. **Breve Histórico da Geografia Linguística**. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)42-53.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)42-53.html). Acesso em: 21/06/2009.

ROGERS, F. M. Insular Portuguese Pronunciation: Alleged Breton Influence. **Romance Philology**, n. 2, 1949. p. 305-314.

_____. Insular Portuguese Pronunciation: Madeira. **Hispanic Review**, n. 14, 1946. p. 235-53.

ROSETTI, A. **Introdução à fonética**. 4. ed. Tradução de: Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Publicações Europa-América, 1962. (Saber, 88). Título original: Introdúcere în Fonetică.

ROSSI, N. **Dialetologia**. Alfa, 11, 1967. p. 89-111.

_____. Os falares regionais do Brasil. In: **Atas**. O Simpósio de São Paulo: São Paulo, 1969.

SAGEY, E. **The representation of features and relations in non-linear phonology**. 1986. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass.: MIT.

_____. **The representation of features in non-linear phonology**: the articulator node hierarchy. New York: Garland Publishing, 1990. (Outstanding dissertations in linguistics).

SANTOS, M. T. **Uma análise espectrográfica dos sons fricativos surdos e sonoros do português brasileiro**. Monografia de especialização. Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 1987.

SANTOS, S. C. dos. **Nova História de Santa Catarina**. 5. ed. Florianópolis-SC: Editora da UFSC, 2004.

SAMCZUK, I. B.; GAMA-ROSSI, A. Descrição fonético-acústica das fricativas do português brasileiro. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 13, 2004. p. 1-9.

SARAMAGO, J. das P. **A ilha do Corvo, alguns dos seus aspectos linguísticos**. Tese (Mestrado) – Lisboa, 1987.

_____. **Le parler de l'île de Corvo - Açores**. Diss. Grenoble, Université Stendhal, 1992.

_____. O Atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG), in MOUTON, P. G. (Org.). **Geolinguística**: Trabajos europeos. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1994. p. 225-232.

_____. **O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)**. Separata de Estudis Romànics, XXVIII. Barcelona (Espanha): Institut d'Estudis Catalans, 2006.

SCHANE, S. A. **Fonologia gerativa**. Tradução de: A. S. da Rocha; H. M. Camacho e J. Mallas. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. Título original: Generative Phonology.

SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. V. T. Variação e mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.). **Análises linguísticas**: a contribuição de Alzira Macedo. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 52-78.

SEGURA, L. O atlas linguístico-etnográfico dos Açores. Dados para uma classificação dos dialetos açorianos, in: ISQUERDO, A. N. (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008. p. 249-272.

_____.; SARAMAGO, J. Variedades dialectais portuguesas. **Caminhos do Português**: exposição comemorativa do ano europeu das línguas: catálogo/[org.] Biblioteca Nacional. 1ª ed. Lisboa: 2001. p. 221-238.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: HULST, H. van der; SMITH, N. **The structure of phonological representations**. Dordrecht: Foris Publications, 1982. Parte II. p. 337-383.

SHADLE, C. H. Modelling the noise source in voiced fricatives. **Proceedings of the 15th International congress on Acoustics (ICA 95)**. Trondheim, Norway, 1995. p. 145-148.

SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro, Presença/MEC, 1976.

_____. **História da Língua Portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SILVEIRA, R.C.P. **Estudos de fonética do idioma português**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SLIS, I. H.; COHEN, A. On the complex regulating the voiced – voiceless distinction II. **Language and Speech**. Thousand Oaks, v. 12, n. 03, 1969. p. 137-155.

ŠMAICLOVÁ, G. Palatalização do /s/ em coda silábica no português falado na Costa da Lagoa em Florianópolis. **Working Papers em Linguística**. Florianópolis, 2010. n. esp.: 33-44.

STERIADE, D. CV phonology: a generative theory of the syllable. **Language**, v. 64, n. 1, 1988. p. 118-129. (Review Article).

STEVENS, K. N. *Acoustic phonetics*. London: The MIT Press, 1998.

_____.; BLUMSTEIN, S. E.; GLICKSMAN, L.; BURTON, M.; KUROWSKI, K. Acoustic and perceptual characteristics of voicing in fricatives and fricative clusters. **Journal of the Acoustical Society of America**. Nova York, v. 90, n. 05, 1992. p. 2979-3000.

SUNDBERG, J. **The science of the singing voice**. Illinois: Northern Illinois University Press, 1987.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. Tradução por Celso Cunha. 2 ed., Lisboa: Sá de Costa, 1984.

TARALLO, F. Zelig: um camaleão-linguista. **D.E.L.T.A.**, 2(1): 127-144, 1986.

_____. **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. (Princípios, 9).

THUN, H. **La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)**. In: Internacional Congress of Romance Linguistics and Philology (21.:1995: Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p.787-789.

_____. O tratamento do material etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: **Atas do Encontro sobre Cultura Popular**. Ponta Delgada/Açores: Universidade dos Açores, 1999, p. 481-499.

_____. O português americano fora do Brasil. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHÖNBERGER, A. (Ed.). **Estudos de geolingüística do português americano**. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 183-213.

_____.; RADTKE, E. Nuevos Caminos de la Geolingüística Románica. Un Balance. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (Hrsg). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**. Acten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. (Heidelberg/ Mainz 21-24.10.1991) Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

TRUBETZKOY, N. S. **Principles of Phonology**. Tradução por Cristiane A. M. Baltaxe. Bekerly and Los Angeles: University of California Press, 1969. Tradução de: Grundzüge der Phonologie.

VASCONCELLOS, J. L. de. **Esquisse d'une dialectologie portugaise**. 2. ed., Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970. 175 p. Tese de Doutorado (Faculdade de Letras) – l'Université de Paris, Paris-FR.

VELOSO, J. 2003. **Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico**. Tese (Doutoramento em Linguística) – apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto-PT.

VERDELHO, E. **Livro das Obras de Garcia de Resende**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1994.

VERNEY, L. A. **Verdadeiro Método de Estudar**: estudos linguísticos. Edição de Antônio Salgado Júnior. Lisboa: Sá da Costa, vol. 02. 1949 [1746].

VIANA, A. dos R. G. Materiais para o estudo dos dialectos portugueses. Falar de Rio Frio, **Rev. Lusitana**, I, 1887-1889. p. 158-166, 195-226, 310-319.

_____. Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne. *Romania* 12 (1883): 29-98. Rtp. **Boletim de Filologia**, n. 7, 1941. p. 161-243.

VIGÁRIO, M.; FALÉ, I. A sílaba do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. **Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: APL/Colibri, 1993. p. 465-478.

WANG, W. S. Vowel features, paired variables and the English vowel shift. **Language**. Baltimore, MD, n. 44, 1968. p. 695-708.

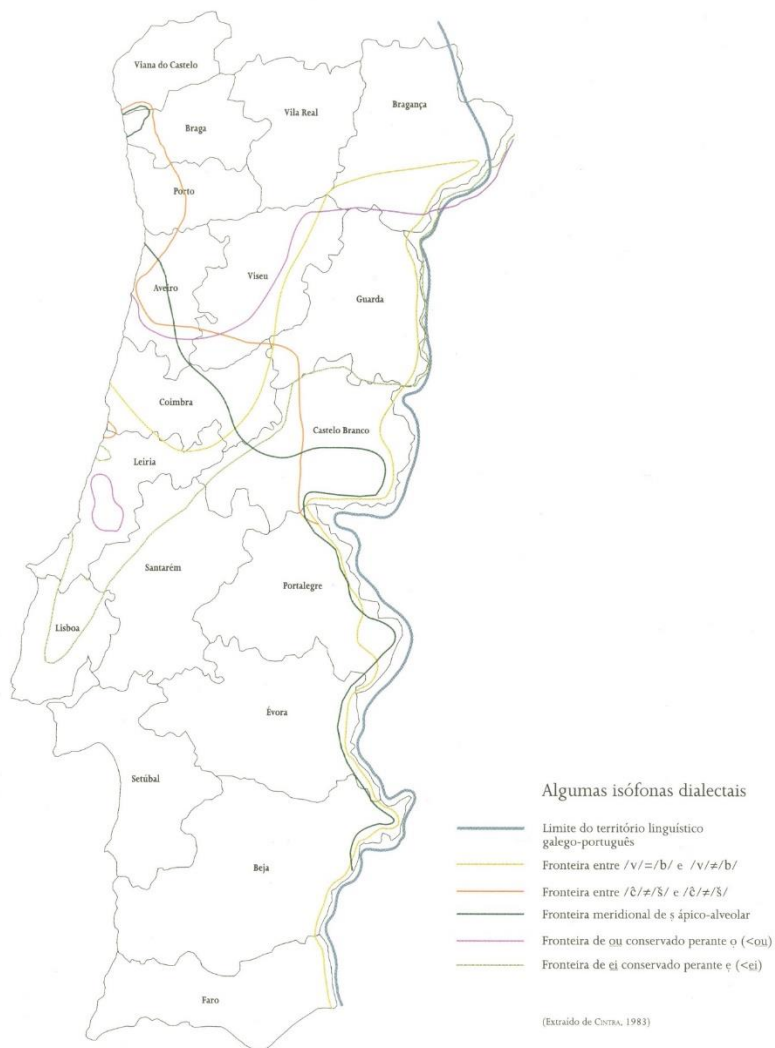
WARTBURG, V. W. **La fragmentación lingüística de La Romania**. 2. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1971.

WEHLING, A.; WEHLING, M. J. **Formação do Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

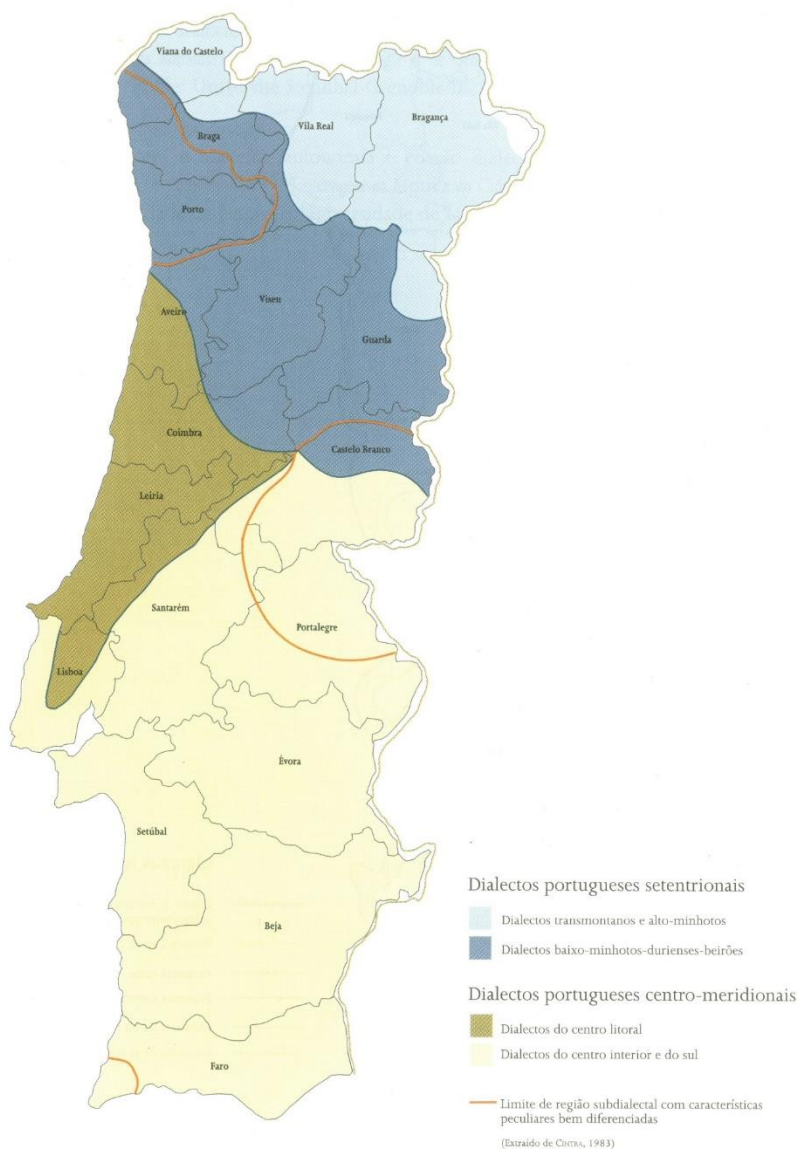
WEIJER, Jeroen van der. **Segmental structure and complex segments**. Nijmegen: Holland Institute of Generative Linguistics, 1994.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

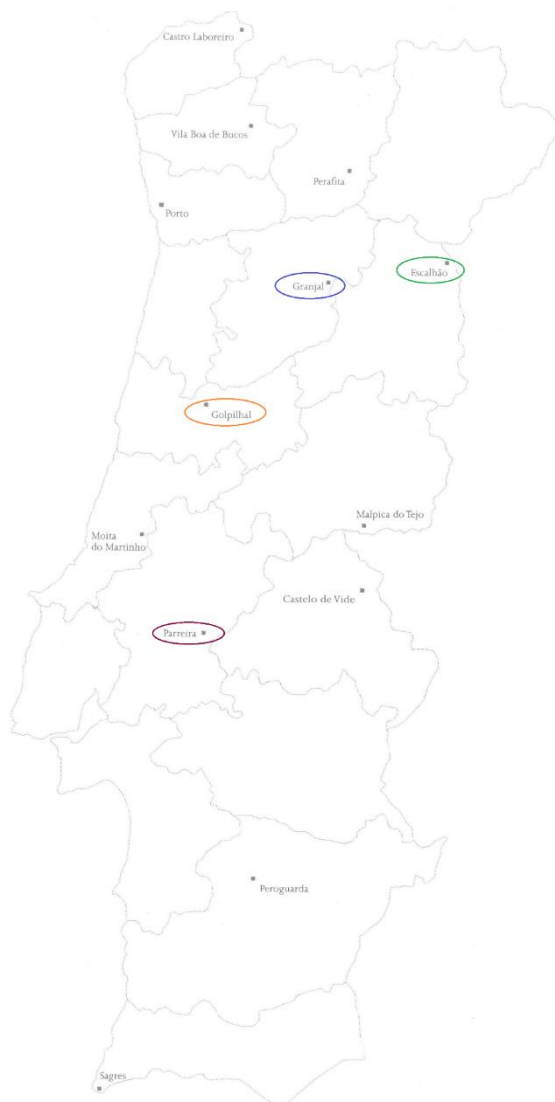
ANEXO A – ALGUMAS ISÓFONAS DIALETAIS DO PE (CINTRA, 1983B)



ANEXO B – DIALETOS PORTUGUESES SETENTRIONAIS E CENTRO-MERIDIONAIS (CINTRA, 1983B)



ANEXO C – PONTOS DE INQUÉRITO DO ARQUIVO SONORO DO GRUPO DE VARIAÇÃO DO CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA¹⁸⁷



¹⁸⁷ Os pontos de inquérito utilizados no estudo de Bassi (2014) foram destacados.

ANEXO D – QUESTÕES UTILIZADAS DO QFF E DO QSL DO ALIB
PARA A OBTENÇÃO DOS DADOS REFERENTES À AMOSTRA DO
PB

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

09. Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem _____?]

LUZ

15. Aquilo que se usa (*mímica*) para acender o fogo?

FÓSFORO

21. O que se come no almoço, uns grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne?

ARROZ

31. Para comer uma banana, o que é que se tira?

CASCA

63. O que é que vem depois do dois?

TRÊS

64. O que é que vem depois do nove?

DEZ

67. Por onde os carros passam para irem de uma cidade para outra?

ESTRADA

69. Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

DESVIO

84. Onde as crianças vão para aprender a ler?

ESCOLA

85. O que as pessoas que trabalham juntas são umas das outras?

COLEGAS

86. Aquilo branquinho, assim (*mímica*), que serve para escrever no quadro, na escola?

GIZ

88. Fazer assim (*mímica*) em um papel é _____?

RASGAR

102. Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____? [Quando você / o(a) senhor(a) não quer não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço _____].

QUESTÃO

113. Esta parte? *Apontar*.

PESCOÇO

120. Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?

COSTAS

124. Uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?

CASPA

126. Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

DESMAIO

137. Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa _____?

VOZ

155. Se a pessoa não quer ser incomodada, a pessoa diz: Me deixe em _____?

PAZ

156. Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa _____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra]. [Você / o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa].

MESMA

157. Em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

HÓSPEDE

158. Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

ESQUERDO

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

CORPO HUMANO

90. Alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando?

CISCO

92. A pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes?
Completar com um gesto dos dedos.

VESGO

120. Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé?
Mímica.

CÓCEGASS

CICLOS DA VIDA

125. Duas crianças que nasceram no mesmo parto?

GÊMEOSS

134. Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

MADRASTA

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

160. A brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

ESCONDE-ESCONDE

VIDA URBANA

200. A condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

ÔNIBUS

ANEXO E – TEMA DO ALIB UTILIZADO NO DISCURSO
SEMIDIRIGIDO PARA A OBTENÇÃO DOS DADOS REFERENTES
À AMOSTRA DO PB E DO PE

1. Relato pessoal

Relate um acontecimento marcante em sua vida (casamento, namoro...).

ANEXO F – TEXTO DO ALIB UTILIZADO PARA A OBTENÇÃO DOS DADOS REFERENTES À AMOSTRA DO PB

PARÁBOLA DOS SETE VIMES

“Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os a todos e, **depois**¹⁸⁸ de ter olhado inquieto e **tristemente** para o céu, disse-lhes:

— Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, desejo que cada um de vós me vá **buscar**, no Campo do Moinho, um vime seco.

— Eu também? perguntou o mais novo — um garoto **esbelto** de quatro anos que estava, inocentemente, brincando ao sol com duas moedas num velho chapéu de feltro.

— Tu também, Tiago.

Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao menor deles:

— Quebra esse vime.

Ao ouvir isto, o pequeno partiu o vime sem nada lhe **custar**.

— Agora parte os outros, um a um.

O menino obedeceu.

— Trazei-me, todos, outro vime! tornou o pai, logo que viu o menino partir o último sem dificuldade alguma.

Quando os rapazes apareceram de novo, enfeixou os sete vimes soltos, atando-os com o fio.

— Toma este feixe, Paulo. Parte-o! ordenou o pai ao filho mais velho — o homem mais valente da cidade.

Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se **esforçar** por partir o feixe, acrescentou:

— Não foste **capaz**! O osso é duro de roer!...

— Não, senhor, não fui, e já me doem as mãos, **respondeu** o moço.

Todos os outros tentaram em vão.

— Se fossem mil vimes em **vez** de sete, pior seria, exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrai-vos sempre que a união faz a força. Se estiverdes sempre unidos, ninguém vos fará mal.

¹⁸⁸ Os vocábulos em negrito foram objeto de análise.

Ao acabar de dizer **isto**, morreu. Fiéis ao bom conselho paterno, até ao fim da vida, foram sempre felizes e fortes como leões, os sete irmãos desta história”.

ANEXO G – FICHA DO INFORMANTE

Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade
Federal de Santa Catarina
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Ficha do Informante

Deve-se considerar na seleção dos informantes que (i) ele tenha nascido e residido na vila/freguesia/arredores da localidade até os 14 anos de idade; (ii) após os 14 anos ele pode ter residido fora da localidade até 02 anos, salvo por motivo de estudo; (iii) seja filho de pais nativos da vila/freguesia/arredores; (iv) idade; (v) escolaridade e (vi) sexo, segundo as células estabelecidas.

Sobre a coleta

Região:

Vila/Freguesia/Endereço:

Qual o melhor dia/horário para a realização da entrevista? _____

1- Nome: _____

2- Idade: _____

3- Sexo: _____

4- Estado Civil: _____

Observações:

Escolaridade

5- Você/o senhor tem até que ano de escolaridade?

6- Qual o grau de escolaridade das pessoas que efetivamente moram contigo?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Outros (especificar) _____

Observações:

Profissão

7- Qual a sua profissão?

8- Com que você/o senhor trabalha?

9- Qual vila/local/freguesia em que você/o senhor trabalha?

10- As pessoas com as quais você/o senhor se relaciona diretamente no trabalho são nativas daqui? Se não, de onde elas são?

11- Você/o senhor gosta do que faz ou gostaria de ter outro trabalho?

12- Qual a ocupação (e a profissão) das pessoas que moram com você/o senhor?

Pai _____

Mãe _____

Irmãos _____

Outros (especificar) _____

Observações:

Redes sociais

13- A maioria da sua família mora aqui nesta freguesia?

14- Você/o senhor costuma participar de reuniões familiares?

15- Com que frequência?

16- Se casado(a), qual a naturalidade do cônjuge?

17- O que você/o senhor costuma fazer nos tempos livres?

18- Há algum clube/igreja/associação aqui nesta freguesia que você/o senhor frequenta?

19- Você/o senhor participa de algum grupo (de esporte, de folclore, de jovens, de idosos, da igreja, da comunidade, da escola...)?

20- Você/o senhor é líder nesse grupo?

21- Qual o seu envolvimento com esse grupo?

22- Há alguma festa típica aqui na região?

23- Você/o senhor tem muitos amigos aqui na freguesia?

24- Vocês/os senhores se encontram com que frequência?

25- Onde fica a escola/faculdade em que você/o senhor estuda(ou)?

26- Qual o nome da escola/faculdade em que você/o senhor estuda(ou)?

27- Estuda(ou) nessa instituição desde que ano?

28- O que você/o senhor costuma fazer no fim de semana?

Observações:

Sócio-econômico-cultural

29- Você/o senhor viaja com frequência?

30- Onde você/o senhor costuma fazer as compras para casa?

31- Qual o seu principal meio de transporte?

32- Você/o senhor reside em casa própria ou aluguer?

33- Você/o senhor costuma ler com frequência? O quê?

Entrevista realizada em ____ de _____ de 2014.

Entrevistadora _____

ANEXO H – TERMO DE CONSENTIMENTO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS
CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, desta pesquisa. Após ser esclarecido sobre as informações a seguir, se estiver de acordo, assine no final deste documento.

Título do projeto: Banco de dados do Português Europeu (PE)

Pesquisadora responsável: Alessandra Bassi

Orientadores: Professor Doutor Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina) e Professor Doutor João Saramago (Universidade de Lisboa)

O objetivo principal desta pesquisa é delinear o perfil sócio-histórico das comunidades de fala de Lisboa-PT e da Ilha de São Jorge-Açores e observar se é possível identificar características do português europeu (PE) no português brasileiro (PB) nas entrevistas individuais concedidas, por exemplo, em relação a termos e expressões utilizados, realizações fonéticas e quanto ao ritmo de fala, etc.

A sua participação na pesquisa consiste em preencher uma ficha social com suas informações gerais e dar uma entrevista, a respeito de fatos da história sociocultural de sua comunidade, que deverá ficar armazenada para futuros trabalhos acadêmicos. Os procedimentos aplicados para esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física ou mental. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto, resguardando sempre

sua identidade. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora responsável.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder da pesquisadora e outra com você, o sujeito participante desta pesquisa.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO INFORMANTE

Eu, _____,
abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito da pesquisa. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora Alessandra Bassi sobre a pesquisa e sobre os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local: _____

Data ____/____/____.

Nome e assinatura do sujeito:

ANEXO I – ROTEIRO PARA A COLETA DE DADOS DO PE

Família/Festas

1. Há quanto tempo, você/o senhor mora nesta freguesia?
2. Onde você/o senhor nasceu?
3. Seus pais também moram (ou moravam) aqui? Qual o local de nascimento deles?
4. Qual a sua escolaridade? E a de seus pais?
5. Qual a sua idade?
6. Da infância você/o senhor lembra da casa onde morava? Tinha irmãos? Que tipo de brincadeira era costume naquela época?
7. Você/o senhor frequentou a escola desta freguesia? Lembra de alguma coisa da escola? O que faziam? E os professores, como eram?
8. Na época da adolescência, o que você/o senhor costumava fazer? Frequentava festas ou ficava mais em casa?
9. Casou cedo? Como foi o casamento? Teve festa?
10. A esposa era daqui também? O que ela fazia? Os filhos nasceram nesta freguesia?
11. Os filhos moram por aqui também? O que eles fazem? Tem netos?
12. Já passou por algum perigo de morte? Ou alguém da família? Alguma doença?
13. Começou a trabalhar quando? Como era o serviço no início? Sempre foi a mesma coisa? As pessoas que trabalhavam com o senhor eram daqui?
14. Gostava do seu serviço ou tinha vontade de trabalhar com outra coisa?
15. Qual era a profissão dos seus pais? Chegaram a ir para a escola? E os seus irmãos?
16. Eu queria que você/o senhor contasse sobre as festas em família. Quais festas vocês costumam fazer? Como são?
17. Onde você/o senhor passa as festas de Natal e Ano Novo? Como são as suas festas de Natal e Ano Novo? O senhor lembra de alguma? E como foi?
18. Existe algum tipo de festa típica que vocês fazem aqui nesta freguesia? Você/o senhor frequentou alguma vez? E como foi?
19. Você/o senhor pode me dar uma receita de uma comida típica aqui da localidade (com peixe, por exemplo)?

Identidade

20. Você/o senhor gosta desta freguesia em que mora? Por quê? É um bom lugar para se criar os filhos?
21. Você/o senhor trocaria esta freguesia por outra? Qual? Por quê?
22. O que você/o senhor acha que mudou nesta freguesia desde que o senhor veio morar aqui? As coisas melhoraram? Tem melhores estruturas?
23. Você/o senhor frequenta alguma igreja/associação/grupo nesta freguesia? O que costumam fazer lá?
24. Tem muita violência nesta freguesia? Você/o senhor conhece alguma história de violência que aconteceu por aqui?
25. Você/o senhor conhece alguma história/situação/acontecimento engraçada ou interessante que ocorreu aqui na freguesia? O senhor lembra de algo? Conta como foi?
26. Em que localidade você/o senhor gostaria de morar? Por quê?
27. O que você/o senhor acha das pessoas que moram nas outras ilhas, aqui dos Açores, ou em outros sítios aqui da Ilha de São Jorge? Você/o senhor moraria num desses lugares?
28. O que você/o senhor acha das pessoas que vem visitar Lisboa ou o arquipélago dos Açores no verão?
29. Você/o senhor acha que a fala do português continental é diferente do português açoriano? Por quê?

Extras

30. O que você/o senhor acha dos meios de transporte daqui?
31. O que costuma fazer nos tempos livres?
32. Gosta de assistir televisão? Quais os programas? Ouve rádio?
33. Já viajou para algum lugar?

ANEXO J – QUESTÕES UTILIZADAS DO QFF E DO QSL DO ALIB
PARA A OBTENÇÃO DOS DADOS REFERENTES À AMOSTRA DO
PE

QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO (QFF)

01 [09]¹⁸⁹. Quando está escuro é porque faltou o quê? [Quando falta energia é que ficou sem _____?]

LUZ

02 [15]. Aquilo que se usa (*mímica*) para acender o lume?

FÓSFORO

03 [21]. O que se come no almoço, uns grãozinhos brancos que podem acompanhar o feijão, a carne? [E que dá, também, para fazer um doce?]

ARROZ

04 [31]. Para comer uma banana, o que é que se tira?

CASCA

05 [63]. O que é que vem depois do dois?

TRÊS

06 [64]. O que é que vem depois do nove?

DEZ

07 [67]. Por onde os carros passam para irem de um sítio para outro?

ESTRADA

08 [69]. Quando uma estrada fica interrompida por algum problema, o que é que se faz ao lado para que os carros possam passar?

DESVIO

09 [84]. Onde as crianças vão para aprender a ler?

ESCOLA

¹⁸⁹ Colocamos entre colchetes o número referente à questão do ALiB.

10 [85]. O que as pessoas que trabalham [ou estudam] juntas são umas das outras?

COLEGAS

11 [86]. Aquilo branquinho, assim (*mímica*), que serve para escrever no quadro, na escola?

GIZ

12 [88]. Fazer assim (*mímica*) em um papel é _____?

RASGAR

13 [102]. Quando duas pessoas têm um desentendimento, uma briga, um problema, elas procuram um juiz para resolver a _____? [Quando você / o(a) senhor(a) não quer não quer muito uma coisa, você / o(a) senhor(a) diz: Eu não faço _____?]. [Eu vou lhe colocar essa pergunta ou essa _____?].

QUESTÃO

14 [113]. Esta parte? *Apontar*.

PESCOÇO

15 [120]. Aqui (*mostrar*) é a frente, e aqui (*mostrar*)?

COSTAS

16 [124]. Uma coisinha branca que dá na cabeça da pessoa?

CASPA

17 [126]. Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?

DESMAIO

18 [137]. Uma pessoa que canta bem, se diz que ela tem uma boa _____?

VOZ

19 [155]. Se a pessoa não quer se chatear com ninguém, a pessoa diz: Quero é viver em _____?

PAZ

20 [156]. Uma pessoa usa uma roupa num dia. No dia seguinte, ela não tem outra roupa, então ela usa essa _____ roupa. [Se duas mulheres são casadas com dois irmãos, se diz que as duas têm a _____ sogra]. [Você

/ o(a) senhor(a) vai viajar e não leva roupa. Você / o(a) senhor(a) vai usar a _____ roupa].

MESMA

21 [157]. Em uma residencial, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?

HÓSPEDE

22 [158]. Este lado é o direito e este (*mostrar*)?

ESQUERDO

QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL (QSL)

CORPO HUMANO

01 [90]. Alguma coisinha que cai no olho e fica incomodando? [Antigamente, como é que se chamava o lixo que se varria _____?].

CISCO

02 [92]. A pessoa que tem os olhos voltados para direções diferentes? *Completar com um gesto dos dedos.*

VESGO

03 [120]. Que sente uma criança quando se passa o dedo na sola do pé? *Mímica.*

CÓCEGASS

CICLOS DA VIDA

04 [125]. Duas crianças que nasceram no mesmo parto?

GÊMEOSS

05 [134]. Quando um homem fica viúvo e casa de novo, o que a segunda mulher é dos filhos que ele já tinha?

MADRASTA

JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS

06 [160]. A brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?

ESCONDE-ESCONDE

VIDA URBANA

07 [200]¹⁹⁰. A condução que leva mais ou menos quarenta passageiros e faz o percurso dentro da cidade?

ÔNIBUS

¹⁹⁰ Não aplicamos essa questão, visto que teríamos como resposta o item *Autocarro*. Em virtude disso, resolvemos excluir essa pergunta do questionário aplicado aos informantes portugueses.

ANEXO K – TEXTO DO ALIB UTILIZADO PARA A OBTENÇÃO DOS DADOS REFERENTES À AMOSTRA DO PE

PARÁBOLA DOS SETE VIMES

“Era uma vez um pai que tinha sete filhos. Quando estava para morrer, chamou-os a todos e, **depois** de ter olhado inquieto e **tristemente** para o céu, disse-lhes:

— Já não tendes mãe e eu sei que não posso durar muito; mas antes de morrer, desejo que cada um de vós me vá **buscar**, no Campo do Moinho, um vime seco.

— Eu também? perguntou o mais novo — um garoto **esbelto** de quatro anos que estava, inocentemente, brincando ao sol com duas moedas num velho chapéu de feltro.

— Tu também, Tiago.

Quando os filhos voltaram com os vimes, o pai pediu ao menor deles:

— Quebra esse vime.

Ao ouvir isto, o pequeno partiu o vime sem nada lhe **custar**.

— Agora parte os outros, um a um.

O menino obedeceu.

— Tragam-me, todos, outro vime! tornou o pai, logo que viu o menino partir o último sem dificuldade alguma.

Quando os rapazes apareceram de novo, enfeixou os sete vimes soltos, atando-os com o fio.

— Toma este feixe, Paulo. Parte-o! ordenou o pai ao filho mais velho — o homem mais valente da cidade.

Vendo que já lhe doíam as mãos de tanto se **esforçar** por partir o feixe, acrescentou:

— Não foste **capaz**! O osso é duro de roer!...

— Não, senhor, não fui, e já me doem as mãos, **respondeu** o moço.

Todos os outros tentaram em vão.

— Se fossem mil vimes em **vez** de sete, pior seria, exclamou o pai. Quer sejam vimes ou corações, lembrem-se sempre que a união faz a força. Se estiverem sempre unidos, ninguém vos fará mal.

Ao acabar de dizer **isto**, morreu. Fiéis ao bom conselho paterno, até ao fim da vida, foram sempre felizes e fortes como leões, os sete irmãos desta história”¹⁹¹.

¹⁹¹ Texto adaptado pela autora para a obtenção dos dados, que estão destacados em negrito, referentes à amostra do PE.

ANEXO L – TEXTO GRAVADO DO ARQUIVO SONORO DO GRUPO DE VARIAÇÃO DO CENTRO DE LINGÜÍSTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA – GRANJAL-UISEU/PT



MAPA 3
Dialectos baixo-minhotos, durienses e beirões

GRANJAL
(faixa 2)

Matança do porco

- I₁ – Matam em Janeiro, Fevereiro.
 A – Chegou o dia da...
 I₂ – Matança.
 I₁ – Da matança.
 A – Chama-se alguém especial para matar?
 I₂ – Chama-se o matador e os homens para (...)
 A – Como é que faz, então como é que faz?
 I₂ – É queimado com palha.
 I₁ – Vem o matador, mete-lhe uma corda na, na no focinho e amarra-o. E depois os homens ajudam-no...
 I₂ – Têm um banco.
 I₁ – Têm um banco grande e os homens ajudam-no a pôr em cima do banco. E depois o matador rapa com a faca e água quente, donde há-de meter a faca. Tudo com muita limpezinha. Depois mete-lhe a faca.
 I₂ – Sangra.
 I₁ – A gente apanha o sangue num alguidar. Se quer coalhar para cozer, apanha para um alguidarzinho. Põe-se-lhe um bocadinho de sal e apanha para aquele alguidarzinho. E o que é para se mexer, para se fazer o fumeiro, mexe-se todo até que fica mesmo desfeito, todo desfeitinho.
 I₂ – Que não coalha.
 I₁ – Que é para não coalhar. É uma primeira assadura que dá o porco é o sangue.
 A – E depois o que é que se faz?
 I₁ – E depois, com palha queimam-no todo muito queimadinho, muito queimado, com umas navalhas rapam-no todo muito rapado e com umas pedras esfregam-no todo, fica alvinho de neve, fica sem um pelinho. Quando são bem arranjadinhos, aquilo é uma beleza.

Dialectos baixo-minhotos, durienses e beirões

A – E é com pedras que se esfrega?

I₁ – Com umas pedras...

I₂ – Com umas pedrinhas

I₁ – Esfregam aquele coiro bem esfregado e com umas navalhas rapam os pelos todos. Cortam os cabelos todos. E depois vai, é pendurado. Chamamos nós um chambaril, é um pau. É pendurado naquele pau até ao outro dia.

A – É assim?

I₁ – É isso mesmo minha senhora.

I₂ – É isso o tal chambaril, tal e qual.

I₁ – É então, depois é que é desfeito depois de estar escorrido, de estar já enxutinha a carne, é desfeito.

I₂ – Depois vai para a *salgadeira*.

A – Depois quando é que se desmancha?

I₁ – Quando desmancham, é as pás. As pás é as mãos. Chamam-lhe as pás, e os *presuntos*, atrás. E os meios chamam-lhe, chamamos nós cá os cobros, é a barriga, de um lado e doutro, chamamos nós os cobros. E os *presuntos* é as partes de trás e a parte da frente é as pás.

I₂ – E depois tem os lombos lá dentro.

I₁ – E a *cabeça*, e depois arrancam-lhe os lombos, arrancam-lhe os coelhos.

B – Arrancam o quê?

I₁ – Os lombos.

I₂ – Tem uma parte...

I₁ – E tem, e tem assim umas coisas, assim uns bocados que chamam-lhe os coelhos.

A – Coelhos?

I₂ – Coelhos.

I₁ – Coelhos. Tiram de cada lado o seu. A cada porco.

I₂ – É a coisa mais gostosa que tem o porco.

I₁ – É muito tenrinho. E os lombos...

A – É carne, ou é ...

I₁ – É carne, é febra.

I₁ – É carne.

I₂ – É só febra.

I₁ – É só febra. E o lombo...

A – Assim da parte de cima.

I₂ – É encostado mesmo aos *presuntos*, à *retaguarda*.

I₁ – É sim. E os lombos é de cabo a rabo que se tira.

[I₁, I₂ – Informantes A – Inquiridor (...) – sequência incompreensível]